

**MARIA DE FATIMA DO NASCIMENTO**

**2º VOLUME**

**BENEDITO NUNES E A MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA  
BRASILEIRA (1946-1969)  
ANEXOS/ACERVOS**

**SECOND VOLUME  
BENEDITO NUNES AND THE MODERN BRAZILIAN  
LITERARY CRITICISM (1949-1969)  
ATTACHMENTS/COLLECTIONS**

**CAMPINAS, SP-2012**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**MARIA DE FATIMA DO NASCIMENTO**

**2º VOLUME**

**BENEDITO NUNES E A MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA  
BRASILEIRA (1946-1969)**

**SECOND VOLUME**

**BENEDITO NUNES AND THE MODERN BRAZILIAN  
LITERARY CRITICISM (1946-1969)  
ATTACHMENTS/COLLECTIONS**

**ORIENTADORA/SUPERVISOR: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SUZI FRANKL  
SPERBER**

**TESE DE DOUTORADO APRESENTADA AO INSTITUTO DE ESTUDOS DA  
LINGUAGEM DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS PARA OBTENÇÃO DO  
TÍTULO DE DOUTORA EM TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA, NA ÁREA DE:  
TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA**

**DOCTORAL DISSERTATION PRESENTED TO THE INSTITUTE FOR THE STUDY OF  
LANGUAGE OF THE STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS IN CANDIDACY FOR THE  
DEGREE OF DOCTORA OF PHILOSOPHY IN LITERARY THEORY AND LITERARY  
HISTORY, IN THE AREA OF LITERARY THEORY AND CRITICISM**

**CAMPINAS SP- 2012**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR**  
**TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE**  
**ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP**

**N17b**

Nascimento, Maria de Fátima do, 1953-  
Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira  
(1946-1969) / Maria de Fátima do Nascimento. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Suzi Frankl Sperber.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Nunes, Benedito, 1929-. 2. Crítica literária. 3.  
Literatura e filosofia. 4. Modernismo. 5. Periódicos. I.  
Sperber, Suzi Frankl, 1939-. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

**Informações para Biblioteca Digital**

**Título em inglês:** Benedito Nunes and the Modern Brazilian Literary Criticism  
(1946-1969).

**Palavras-chave em inglês:**

Benedito Nunes  
Literary Criticism  
Literature and Philosophy  
Modernism  
Newspapers

**Área de concentração:** Teoria e crítica literária.

**Titulação:** Doutora em Teoria e História Literária.

**Banca examinadora:**

Suzi Frankl Sperber [Orientador]  
Marli Tereza Furtado  
Anita M. R. de Moraes  
Hugo Lenas Menezes  
Lúcia Granja

**Data da defesa:** 28-02-2012.

**Programa de Pós-Graduação:** Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

Suzi Frankl Sperber

f. u. s.

Marli Tereza Furtado

Marli Tereza Furtado

Lucia Granja

Lucia Granja

Anita Martins Rodrigues de Moraes

Anita M. R. Moraes

Hugo Lenes Menezes

Hugo Lenes Menezes

Alvaro Santos Simões Junior

\_\_\_\_\_

Mario Luiz Frungillo

\_\_\_\_\_

Eunice Ferreira dos Santos

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2012



**MARIA DE FATIMA DO NASCIMENTO**

**1º VOLUME**  
**BENEDITO NUNES E A MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA**  
**BRASILEIRA (1946-1969)**

**2º VOLUME**  
**BENEDITO NUNES E A MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA**  
**BRASILEIRA (1946-1969)**  
**ANEXOS/ACERVOS**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), para obtenção do título de Doutora em Teoria e História Literária, Área de Concentração: Teoria e Crítica Literária

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SUZI FRANKL SPERBER**

**CAMPINAS (SP),**  
**FEVEREIRO-2012**



## SUMÁRIO

### 1º VOLUME

INTRODUÇÃO .....	1
PRIMEIRA PARTE - BENEDITO NUNES: EXPERIÊNCIAS PROSÍSTICAS, POÉTICAS, FILOSÓFICAS E CRÍTICAS EM PERIÓDICOS .....	7
1 BENEDITO NUNES: PRIMEIROS PASSOS DO CRÍTICO .....	9
2 O MODERNISMO NO PARÁ: TRÊS GERAÇÕES.....	17
2.1 Primeira Geração - Belém Nova (1923-1929) - Primeiros Transgressores	17
2.2. Segunda Geração - Terra Imatura (1938-1942) – Relevo Social da Literatura da Amazônia.....	32
2.3 Terceira Geração - O Modernismo no Pará dos Anos de 1940: O Lugar de Benedito Nunes .....	39
3 BENEDITO NUNES: NOVOS PASSOS .....	69
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE BENEDITO NUNES NO “SUPLEMENTO” .....	95
4.1 Tentativa de um Romance: João Silvério - Dois Capítulos: “Menino Doente” e “Jaqueira” .....	95
4.2 Solitários Poemas .....	102
4.3 “Confissões do Solitário”: Entretecendo Filosofia .....	122
4.4 Primeiras Críticas de Poesia .....	143
4.4.1 Posição e Destino da Literatura Paraense (Entrevista) .....	143
4.4.2 Dez Poetas Paraenses .....	143
4.5 Primeiras Críticas de Romances .....	150
4.5.1 O cotidiano e a morte em Ivan Ilitch .....	150
4.5.2 Considerações sobre A Peste.....	173
SEGUNDA PARTE - REVISITANDO A CRÍTICA DE ROMANCES, CONTOS E POESIAS DOS LIVROS DE BENEDITO NUNES .....	193
5 A VEZ DE CLARICE LISPECTOR .....	195
6 OS ENSAIOS DE UM PRIMEIRO LIVRO: <i>O MUNDO DE CLARICE LISPECTOR (ENSAIO)</i> .....	201
6.1 A Náusea .....	201
6.2 A Experiência Mística de G. H.....	212
6.3 A Estrutura dos Personagens .....	223
6.4 A Existência Absurda .....	226
6.5 Linguagem e Silêncio.....	231

<b>7 OS ENSAIOS DE UM SEGUNDO LIVRO: O DORSO DO TIGRE .....</b>	<b>239</b>
7.1 Novamente Clarice .....	239
7.2 João Guimarães Rosa.....	241
7.3 Fernando Pessoa .....	244
7.4 João Cabral de Melo Neto .....	248
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>251</b>
<b>BIBLIOGRAFIA DA PESQUISA .....</b>	<b>255</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>303</b>
<b>1 O ROMANCE A PAIXÃO SEGUNDO G. H. DE CLARICE LISPECTOR: ABORTO DA PROTAGONISTA SIMBOLIZADO NA MORTE DA BARATA.....</b>	<b>305</b>

## 2º VOLUME

### BENEDITO NUNES: ANEXOS/ACERVOS

<b>2º VOLUME: bENEDITO NUNES: ANEXOS/ACERVOS.....</b>	<b>1</b>
<b>1 TABELA 1ª – SELEÇÃO DE TEXTOS PARA A TESE VEICULADOS NO “ARTE SUPLEMENTO LITERATURA” DO JORNAL FOLHA DO NORTE ENTRE 1946-1951 .....</b>	<b>3</b>
<b>2 TABELA 2ª - TEXTOS DE BENEDITO NUNES PUBLICADOS NO “SUPLEMENTO” POR ANO E DIA (1946-1951).....</b>	<b>5</b>
<b>3 TABELA 3ª – CATALOGAÇÃO DE TEXTOS DE BENEDITO NUNES PUBLICADOS EM PERIÓDICO DE OUTROS ESTADOS DO BRASIL .....</b>	<b>7</b>
<b>4 TABELA 4ª – CATALOGAÇÃO DE TEXTOS DE CRÍTICOS LITERÁRIOS, POETAS, ROMANCISTAS, ENTRE OUTROS, PUBLICADOS NO “SUPLEMENTO” ENTRE 1946-1951.....</b>	<b>9</b>
<b>5. TEXTOS DE BENEDITO NUNES NO “SUPLEMENTO” .....</b>	<b>13</b>
<b>5.1. TENTATIVA DE UM ROMANCE .....</b>	<b>13</b>
<b>5.1.1 - JOÃO SILVÉRIO - DOIS CAPÍTULOS: “MENINO DOENTE” E “JAQUEIRA” .....</b>	<b>13</b>
<b>5.2 SOLITÁRIOS POEMAS.....</b>	<b>17</b>
<b>5.2.1 - 1º POEMA DO SOLITÁRIO .....</b>	<b>17</b>
<b>5.2.2 - 2º TRECHO DA CONSELHEIRO FURTADO .....</b>	<b>18</b>
<b>5.2.3 - 3º BALADA DO INVERNO .....</b>	<b>19</b>
<b>5.2.4 - 4º POEMA DAS 4 RUAS .....</b>	<b>20</b>
<b>5.2.5 - 5º, 6º, 7º, ELEGIA; FRAGMENTO; HINO DO CAMINHANTE .....</b>	<b>21</b>
<b>5.2.6 - 8º E 9º LIGAÇÃO E FRAGMENTO Nº.2 .....</b>	<b>22</b>

5.2.7 - 10º, 11º E 12º CANTIGA; FRAGMENTO Nº. 3 E ELEGIA PARA MIM MESMO.....	23
5.2.8 - 13º, 14º E 15º MAR, TRISTE 1 E TRISTE 2 .....	24
5.2.9 - 16º POEMA.....	25
5.2.10 - 17º ESTRELA DO MAR.....	26
5.2.11 - 18º CONFISSÃO.....	27
5.2.12 - 19º FUGA.....	27
5.2.13 - 20º SALMO .....	28
5.2.14 - 21º POEMA.....	28
5.2.15 - 22º RETRATO.....	29
5. 3 “CONFISSÕES DO SOLITÁRIO”: ENTRETECENDO FILOSOFIA.....	30
5.3.1 - 1º CONFISSÕES DO SOLITÁRIO (1- 7) .....	30
5.3.2 - 2º CONFISSÕES DO SOLITÁRIO (8-11) .....	32
5.3.3 - 3º CONFISSÕES DO SOLITÁRIO (16-23) .....	33
5.3.4 - 4º CONFISSÕES DO SOLITÁRIO(25-43) .....	34
5.3.5 - 5º CONFISSÕES DO SOLITÁRIO (44-60) .....	37
5.3.6 - 6º CONFISSÕES DO SOLITÁRIO (61-68) .....	39
5.3.7 - 7º CONFISSÕES DO SOLITÁRIO (69 – 78) .....	41
5. 4 CRÔNICA SOBRE CIÊNCIA, POESIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO .....	43
5.4.1 AÇÃO E POESIA I .....	43
5.4.2 AÇÃO E POESIA II .....	46
5. 5 PRIMEIRAS CRÍTICAS DE POESIA: .....	48
5.5.1 ENTREVISTA - POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE. ...	48
5.5.2 DEZ POETAS PARAENSES .....	51
5. 6 PRIMEIRAS CRÍTICAS DE ROMANCE: .....	55
5.6.1 O COTIDIANO E A MORTE EM IVAN ILITCH .....	55
5.6.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESTE.....	68
6 TEXTOS DE BENEDITO NUNES EM PERIÓDICOS DE BELÉM - REVISTAS ENCONTRO (1948) E NORTE (1952) .....	75
6.1 ENCONTRO (1948) .....	75
6.1.1 ”Mar”, “Partida do filho único” e “Auto-retrato” .....	75
6.2 NORTE - REVISTA BIMESTRAL (FEVEREIRO/1952) .....	77
6.2.1 “Considerações sobre A peste” .....	77
6.2.2 “O anjo e a linha” .....	77
6.2.3 “Hécuba” .....	87
6.2.4 “O T. E. B. em Belém” .....	89
6.2.5 “Conferência” .....	90
6.3 NORTE – REVISTA BI-MESTRAL (MARÇO/ABRIL/1952).....	91
6.3.1 Atualidade de S. Tomaz .....	91
6.4 NORTE – REVISTA BIMESTRAL (MAIO-JUN., JUL-AGO/1952) .....	109
6.4.1 As Ideias do Existencialismo .....	109
6.5 OUTROS TEXTOS DE BENEDITO NUNES.....	127
6.5.1 - 1º Prefácio de Benedito Nunes - Livro O Estranho (Poemas) (1952), de Max Martins.....	127

6.5.2 “A estreia de um poeta” .....	128
6.5.3 Propaganda de um Escritório de Advocacia (1952), de Benedito Nunes .....	132
6.6. A PROVÍNCIA DO PARÁ .....	134
6.6.1 “Manifesto por um Teatro Escola no Pará” .....	134
<b>7 TEXTOS DE BENEDITO NUNES EM PERIÓDICOS DE OUTROS ESTADOS DO BRASIL .....</b>	<b>137</b>
<b>7.1 SUPLEMENTO DOMINICAL DO JORNAL DO BRASIL, DO RIO DE JANEIRO (RJ) .....</b>	<b>137</b>
7.1.1 “O Homem e Sua Hora” .....	137
7.1.2 “O Homem e Sua Hora” .....	148
7.1.3 “Primeira Notícia Sobre Grande Sertão: Veredas” .....	158
7.1.4 “A poética de Heidegger” .....	162
<b>7.2 O ESTADO DE SÃO PAULO .....</b>	<b>166</b>
7.2.1 “Belém do Pará” .....	166
<b>8 TEXTOS SOBRE BENEDITO NUNES NO “SUPLEMENTO” .....</b>	<b>171</b>
8.1 Os Que Colaboram na Folha do Norte.....	171
8.2 Irá ao Rio Benedito Nunes.....	171
8.3 Dez Poetas Paraenses .....	172
8.4 Dez Poetas Paraenses .....	200
8.5 Ainda sobre dez poetas paraenses .....	204
<b>9 TEXTOS DIVERSOS: EDITORIAL, POEMAS, ARTIGOS, TRADUÇÕES E OUTROS, PUBLICADOS EM PERIÓDICOS DE BELÉM – REVISTA ENCONTRO (1948) E NORTE (1952).....</b>	<b>207</b>
<b>9.1 ENCONTRO (1948) .....</b>	<b>207</b>
9.1.1 À Guisa de Editorial da Revista Encontro .....	207
9.1.2 A Poesia em Pânico, Haroldo Maranhão .....	208
9.1.3 Patrice de la Tour Dupin. Salmo VIII. Tradução Benedito Nunes.....	211
9.1.4 Fernando Pessoa: Antologia de Poemas (Francisco Paulo Mendes). 212	
9.1.5 Noticiário.....	217
<b>9.2 NORTE REVISTA BI-MESTRAL (FEVEREIRO/1952) .....</b>	<b>219</b>
9.2.1 Os espectadores .....	219
<b>9.3 NORTE REVISTA BI-MESTRAL (MAIO-JUN/JUL-AGO) .....</b>	<b>222</b>
9.3.1 Poema Sobre o Sábado de Aleluia, de Robert Stock .....	222
<b>10 ENTREVISTA DE BENEDITO NUNES CONCEDIDA À PESQUISADORA DESTA TESE .....</b>	<b>225</b>
10.1 Entrevista: Conversando com Benedito Nunes .....	225
<b>11 ENTREVISTAS DE DIFERENTES AUTORES NO SUPLEMENTO .....</b>	<b>231</b>
11.1 - Entrevista: “Modéstia à Parte, Eu Sou da Vila”- Entrevistado: Marques Rebello – Entrevistador: Ivo, Lêdo .....	231

<b>11.2 - Entrevista: “Não Sou, Nem Nunca fui Paranoica ou Mistificadora” - Entrevistada: Anita Malfatti .</b>	<b>237</b>
<b>11.3 - Entrevista: “Não Existe Língua Brasileira” – Entrevistado: Manuel Bandeira</b>	<b>241</b>
<b>11.4 – Entrevista - “Depoimento de Waldemar Cavalcanti”</b>	<b>243</b>
<b>11.5 - Entrevista: “O Conto na Literatura” – Entrevistado: Marques Rebelo – Entrevistador: Almeida, Fischer</b>	<b>244</b>
<b>11.6 - Entrevista: “Retrospecto do Ano Literário” – Entrevistados: Lúcio Cardoso, Marques Rebelo, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos Et Al.....</b>	<b>248</b>
<b>11.7 - Entrevista: “A Literatura Brasileira há muito que rumou para a esquerda” - Entrevistado: Érico Veríssimo.....</b>	<b>253</b>
<b>11.8 - Entrevista: “O Maior Crítico da Literatura Argentina Contemporânea” - Entrevistado Robert Giusti - Entrevistador: Brito Broca</b>	<b>256</b>
<b>11.9 - Entrevista: “Quais as Diretrizes Futuras do Romance?” - Entrevistado: José Condé- Entrevistador: Almeida, Fischer</b>	<b>259</b>
<b>11.10 - Entrevista: “Quais as Diretrizes Futuras do Romance?” - Entrevistado: Lêdo Ivo – Entrevistador: Almeida, Fischer</b>	<b>262</b>
<b>11.12 - Entrevista: “Quais as Diretrizes Futuras do Romance?” – Entrevistado: Adonias Filho - Entrevistador: Almeida, Fischer)</b>	<b>264</b>
<b>11.13 - Entrevista: “Quais as Diretrizes Futuras do Romance?” – Entrevistado: Guilherme Figueiredo - Entrevistador: Almeida Fischer.....</b>	<b>266</b>
<b>11.14 - Entrevista: “A ‘Geração Remediada’ do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Guilherme Barata” – Entrevistador: - Barroso, Antônio Girão.....</b>	<b>269</b>
<b>11.15 - Entrevista: Quais as Diretrizes Futuras do Romance? – Entrevistado: Marques Rebelo – Entrevistador: Almeida, Fischer.....</b>	<b>274</b>
<b>11.16 - Entrevista - Martins, Fran: A Crise que se verifica no romance brasileiro não significa decadência.....</b>	<b>275</b>
<b>11.17 - Entrevista - “Posição e Destino da Literatura Paraense” – Entrevistados: Cléo Bernardo e Remígio Ferreira – Entrevistador: Augusto, Peri</b>	<b>278</b>
<b>11.18 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” - Entrevistados: Cécil Meira e Georgenor Franco - Entrevistador: Augusto, Peri</b>	<b>282</b>
<b>11.19 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” – Entrevistados: Levy Hall de Moura e Sultana Levy - Entrevistador: Augusto, Peri</b>	<b>287</b>
<b>11.20 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” – Entrevistados: Bruno de Menezes e Romeu Mariz - Entrevistador: Augusto, Peri</b>	<b>291</b>
<b>11.21 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” – Entrevistados: Stélio Maroja e Edgar Proença- Entrevistador: Augusto, Peri .....</b>	<b>296</b>

11.22 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” – Entrevistados: Otávio Mendonça e R. de Sousa Moura - Entrevistador: Augusto, Peri .....	300
11.23 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” Entrevistados: Geraldo Palmeira e Max Martins - Entrevistador: Augusto, Peri.....	306
11.24 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” – Entrevistados: Paulo Plínio Abreu e Ruy Coutinho - Entrevistador: Augusto, Peri .....	309
11.25 - Entrevista: “Posição e Destino da Literatura Paraense” – Entrevistado: Benedito Nunes – Entrevistador: Augusto, Peri.....	312
11.27 - Entrevista: “Conversa com Salvador Dali (I)” – Entrevistador: Sabino, Fernando .....	315
11.31 - Entrevista “Um momento com André Gide” – Entrevistador: Mário Pedrosa .....	318
11.34 - Entrevista “Falamos os poetas”. Entrevistados: Carlos Drummond de Andrade e Lêdo Ivo .....	322
11.36 - Entrevista - Pedrosa, Mário: “Meu encontro com Malraux”. .....	326
11.37 - Entrevista: A Folha do Norte ouve a palavra de Manuel Bandeira. As raízes espirituais de sua poesia: A doença da infância – Os Novos e a volta ao requinte gongorino – O Existencialismo é uma teoria dura de roer...” – Entrevistador: Maranhão, Haroldo.....	332
11.38 - Entrevista: “Vida, opiniões e tendências de Manuel Bandeira”. Entrevistador: Senna, Homero .....	334
11.40 - Entrevista: “Histórias de Brodowski, Buenos Aires e Paris - Conversa com Portinari” - Entrevistador: Sabino, Fernando .....	339
11.41 - Entrevista: “Charles Morgan conta como nascem seus personagens” – Entrevistador: Wiznitzer, Luiz .....	340
11.42 - Entrevista – Haroldo, Maranhão: “Cecília Meireles fala à Folha do Norte” .....	342
11.45 - Entrevista – “O espírito de Marques de Rebelo” .....	344
11.46 - Entrevista – “Marques Rebelo fala aos leitores da Folha do Norte” – Entrevistador: Maranhão, Haroldo.....	346
11.48 - Entrevista - Jean, Yvonne: “Com Albert Camus” .....	349
11.49 - Entrevista – “Manuel Bandeira diante da morte”. Entrevistador: Ivo, Lêdo.....	353
11.51 - Entrevista: “O brilhante Maurice Toesca” – Entrevistadora: Jean, Yvonne. ....	355
11.52 - Entrevista: “Um Congresso de Técnicos em Linguagem Homenageando um Antigramático” - Entrevistado: Cécil Meira .....	359
11.53 - Entrevista: “Com Charles Morgan em Paris” - Entrevistador: Wiznitzer, Luiz .....	363
11.54 - Entrevista: “A palavra de Heidegger” - Entrevistador: Wiznitzer, Luiz .....	367

11.59 - Entrevista – “Já leu o discurso sobre O Método”? Entrevistados - Colette, Sidonie Gabrielle Et. Al -.....	373
11.60 - Entrevista: “Ferreira de Castro é Nosso” – Entrevistadora: Eneida de Moraes.....	375
11.61 - Entrevista: Uma conversa em Recife com Ciro dos Anjos.....	381
11.62 - Entrevista: “Papine escrevendo um novo Fausto” - Entrevistador: Wiznitzer, Louiz. ....	382
11.63 - Entrevista: “Os grandes problemas da Filosofia” – Entrevistado: Henri Lavelle - Entrevistador: Wiznitzer, Louiz .....	385
<b>12 ARTIGOS DE VÁRIOS CRÍTICOS NO “ARTE SUPLEMENTO LITERATURA”</b> .....	<b>389</b>
12.1 – O destino das academias, de Cécil Meira .....	389
12.3 - A crise na Poesia Moderna, de Genolino Amado .....	391
12.4 - O último modernista, de Haroldo Maranhão ” .....	395
12.5 - O Poeta e a Rosa, de Francisco Paulo Mendes .....	397
12.8a - Poetas do Modernismo (Parte I)”, de Álvaro Lins .....	408
12.8b - Poetas do Modernismo (Parte II)”, de Álvaro Lins .....	413
12.12 - Os gagás de 22, de Sérgio Milliet.....	418
12.14. Corte e Província, de Lúcia Miguel Pereira .....	421
12.19a - Antologias de definições de poesia, de Manuel Bandeira.....	424
12.19b - Carta de Manuel Bandeira à Folha do Norte, de Manuel Bandeira .	430
12.24a - Crítica Literária e Crítica Religiosa, Roger Bastide.....	431
12.24b - Que é literatura, Roger Bastide.....	433
12.25 - Chove nos Campos de Cachoeira, de Cléo Bernardo.....	437
12.30 - As Novas Gerações e as Revoluções Literárias, de Wilson Martins	442
12.31a - A arte literária de Jean-Paul Sartre (Parte I), de Suzanne Labin ....	446
12.31b - A arte literária de Jean-Paul Sartre (Parte II), de Suzanne Labin ...	449
12.31c - A arte literária de Jean-Paul Sartre (Parte III), de Suzanne Labin ...	452
12.34a - Conselhos para Romancistas, de Otto Maria Carpeaux .....	456
12.34b - Importância e Crise da Crítica Americana, de Otto Maria Carpeaux .....	459
12.35 - Província, de Aurélio Buarque de Holanda.....	463
12.36 - Jean-Paul Sartre e a Literatura Interessada, de Paul-Arbousse Bastide .....	469
12.71 - Problemas de escolha, de Antonio Candido .....	472
12.87 - O Escritor e a nossa época, de Albert Camus.....	476
12.96 - A Geração de 1945, de Lêdo Ivo .....	482
<b>13 TERRA IMATURA (REVISTA).....</b>	<b>495</b>
13.1 Espécie de Editorial de <i>Terra Imatura</i> .....	495
13.2 <i>Terra Imatura</i> : Poemas de poetas autodenominados modernos .....	495
<b>14 BELÉM NOVA (REVISTA): MANIFESTOS E POEMAS .....</b>	<b>503</b>
14.1 - 1º Manifesto da Beleza, de Francisco Galvão.....	503

14.2 - 2º À Geração que Surge, de Abguar Bastos .....	506
14.3 - 3º Manifesto aos Intelectuais Paraense (FLAMI-N'-ASSÚ) Abguar Bastos .....	508
<b>15 TEXTOS DIVERSOS DE AUTORES DO PARÁ E DE OUTRAS PARTES DO BRASIL .....</b>	<b>511</b>
15.1 - Literatura – Benedito Nunes, <i>O mundo de Clarice Lispector</i> , Edições Governo do Estado do Amazonas 1966, 77 pags, de Vilém Flusser .....	511
15.2 - Prefácio de Brício de Abreu (1941) com artigo de Dalcídio Jurandir (1940), ambos publicados na 1ª edição de <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i> (1941), de Dalcídio Jurandir.....	512
15.3 - Prefácio de Dalcídio Jurandir para o livro <i>Quarteirão</i> (1943) de Oséas Antunes .....	519
15.4 - Termo de Doação dos <i>Diálogos de Platão</i> (CARLOS ALBERTO NUNES) .....	520
<b>16 CATALOGAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DE ARTIGOS DE CRÍTICA LITERÁRIA PUBLICADOS NO SUPLEMENTO DE 1946-1951 .....</b>	<b>523</b>
<b>17 CATALOGAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DE ENTREVISTAS DE AUTORES PUBLICADAS NO SUPLEMENTO DE 1946-1950.....</b>	<b>555</b>
<b>18 ARTIGOS SELECIONADOS PARA A TESE .....</b>	<b>561</b>
<b>19 BIBLIOGRAFIA DE PERIÓDICOS .....</b>	<b>565</b>

## **2º VOLUME**

### **BENEDITO NUNES E A MODERNA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA (1946-1969) ANEXOS/ACERVOS**

Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados.

(Antonio Candido)



**1 TABELA 1ª – SELEÇÃO DE TEXTOS PARA A TESE VEICULADOS NO “ARTE SUPLEMENTO LITERATURA” DO JORNAL FOLHA DO NORTE ENTRE 1946-1951<sup>1</sup>**

ANO	TEXTOS DE BENEDITO NUNES		TEXTOS SOBRE BENEDITO NUNES		ENTREVISTAS DE DIVERSOS AUTORES		TEXTOS CRÍTICOS DE DIVERSOS AUTORES	
	Nº de dias publicados	Qtde. de textos selecionados	Nº de dias publicados	Qtde. de textos selecionados	Nº de dias publicados	Qtde. de textos selecionados	Nº de dias publicados	Qtde. de textos selecionados
1946	5	5	1	1	6	6	38	10
1947	16	16	-	-	18	18	74	10
1948	3	3	1	1	14	14	98	11
1949	1	1	-	-	15	15	77	10
1950	3	3	1	1	7	7	30	11
1951	1	1	2	2	-	-	2	2
TO-TAL	29	29	5	5	63	63 <sup>2</sup>	319 <sup>3</sup>	55

<sup>1</sup> Encontram-se selecionados do “Arte Suplemento Literatura”, do *jornal Folha do Norte*, para esta Tese, além dos textos *de e sobre* Benedito Nunes, 63 (sessenta e três) entrevistas (existem duas repetidas) e 55 (cinquenta e cinco) artigos de críticos literários, em que seus autores, a exemplo de Álvaro Lins, Roger Bastide, Paul Arbousse Bastide, Sérgio Milliet, Francisco Paulo Mendes, Lêdo Ivo, Manuel Bandeira, Suzanne Labin, Lúcia Miguel Pereira, Antonio Candido, Otto Maria Carpeaux, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, por versarem sobre o Modernismo no Brasil, a poesia, a obra ficcional e filosófica de Camus e Sartre. Este último autor vai ser referência de leitura na primeira análise que Benedito Nunes faz da obra de Clarice Lispector. Os segundos dígitos da numeração do sumário do Segundo Volume, Anexos, itens 11 e 12 desta Tese, estão de acordo com o nome dos escritores na relação da catalogação das entrevistas e artigos.

<sup>2</sup> As de número 44 e 53 estão repetidas.

<sup>3</sup> De 319 artigos críticos lidos, são selecionados, para a Tese, cinquenta e cinco. Porém o acervo como um todo, abrangendo crítica literária, artes plásticas, música, teatro e arte em geral do referido suplemento, é de fundamental importância para os pesquisadores. Ver levantamento feito por Marinilce Oliveira Coelho em *Memórias literárias de Belém do Pará: o grupo dos novos (1946-1952)*, 2003, 2º v, 291 p, Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2003.



**2 TABELA 2ª - TEXTOS DE BENEDITO NUNES PUBLICADOS NO “SUPLEMENTO” POR ANO E DIA (1946-1951)**

ANO	DIA	Nº DE TEXTOS	Descrição/Nome do texto	TOTAL
1946	05/05	1	João Silvério	5
	26/05	1	Poema do Solitário	
	30/06	1	Trecho da Conselheiro Furtado	
	25/08	1	Confissões do solitário (1-7)	
	07/09	1	Confissões do solitário (8-11)	
1947	05/01	1	Balada do inverno	23
	26/01	1	Confissões do solitário (16-23)	
	09/02	1	Poemas das 4 ruas	
	23/02	3	Elegia, Fragmento, Hino do Caminhante	
	16/03	2	Ligação, Fragmento 2	
	13/04	3	Cantigas, Fragmento 3, Elegia para mim mesmo	
	18/05	1	Confissões do Solitário (25-43)	
	25/05	3	Mar, Triste 1, Triste 2.	
	01/06	1	Ação e Poesia I	
	08/06	1	Ação e Poesia II	
	06/07	1	Confissões do solitário (44-60)	
	12/07	1	Confissões do solitário (61-68)	
	03/08	1	Confissões do solitário (69-78)	
	24/08	1	Poema	
31/08	1	Estrela do mar		
21/12	1	Confissão		
1948	01/01	2	Fuga e Entrevista	4
	13/06	1	Salmo	
	18/07	1	Poema	
1949	20/02	1	Retrato	1
1950	22/01	1	Cotidiano e a morte em Ivan Ilitch	7
	24/12	5	Entrevista (1) Dez poetas paraenses: Estrela do mar, Fuga, Salmo e Mar <sup>4</sup> . (4 poemas)	
	31/12	1	Dez poetas paraenses	
1951	14/01	1	Considerações sobre A Peste	1
TOTAL	29	40		40

<sup>4</sup> Os quatro poemas publicados em 24 de dezembro de 1950 já se encontram publicados anteriormente no mesmo jornal: “Mar” e “Estrela do mar”, em 1947, e “Fuga” e “Salmo”, em 1948.



**3 TABELA 3ª – CATALOGAÇÃO DE TEXTOS DE BENEDITO NUNES PUBLICADOS EM PERIÓDICO DE OUTROS ESTADOS DO BRASIL**

<b>JORNAL</b>	<b>Nº TEXTOS</b>	<b>PUBLICAÇÃO</b>
<i>Jornal do Brasil</i> (RJ) “Suplemento Dominical”	63	<b>1956- 1957</b>
<i>A Província do Pará</i> “Suplemento Magazine” (1956) e “Suplemento Letras e Artes” (1957)	51	<b>1956- 1957</b>
O Estado de São Paulo “Suplemento Literário”	89	<b>1960-1971</b>
O Estado de Minas Gerais “Suplemento Literário”	19 <sup>5</sup>	<b>1963-1974</b>

---

<sup>5</sup> As publicações nesse jornal parecem ter sido convites esporádicos, pois, de 1963 a 1974, têm-se apenas 19 (dezenove) textos, com intermitência nesses onze anos de publicação.



**4 TABELA 4ª – CATALOGAÇÃO DE TEXTOS DE CRÍTICOS LITERÁRIOS<sup>6</sup>, POETAS, ROMANCISTAS, ENTRE OUTROS, PUBLICADOS NO “SUPLEMENTO” ENTRE 1946-1951**

ORD	NOME DE AUTORES	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO		QUANT. ARTIGOS
1º.	CÉCIL MEIRA	05/05/1946	05/05/1946	5
2º.	AGRIPINO GRIECCO	05/05/1946	16/06/1946	2
3º.	GENOLINO AMADO	05/05/1946	-	1
4º.	HAROLDO MARANHÃO <sup>7</sup>	05/05/1946	27/06/1948	5
5º.	FRANCISCO PAULO MENDES	19/05/1946	01/01/1949	11
6º.	BRUNO DE MENEZES	19/05/1946	02/11/1947	2
7º.	GASTÃO VIEIRA	19/05/1946	25/08/1946	3
8º.	ÁLVARO LINS	26/05/1946	30/05/1948	43
9º.	VIRGÍNIO SANTA ROSA	26/05/1946	-	1
10º.	RAINERO MAROJA	16/06/1946	15/08/1946	2
11º.	CÂNDIDO MOTA FILHO	16/06/1946	-	1
12º.	SÉRGIO MILLIET	30/06/1946	14/01/1951	39
13º.	RIBAMAR MOURA	30/06/1946	-	1
14º.	LÚCIA MIGUEL PEREIRA	28/07/1946	05/03/1950	29
15º.	CYRO PROENÇA	28/07/1946	-	1
16º.	EDGAR PROENÇA	11/08/1946	6/11/1947	2
17º.	MÁRIO CASASSANTA	25/08/1946	06/10/1946	2
18º.	ABDIAS LIMA	25/08/1946	22/09/1946	3
19º.	MANUEL BANDEIRA <sup>8</sup>	07/09/1946	06/11/1949	6
20º.	PIERRE DESCAVES	22/09/1946	06/04/1947	2
21º.	PAULO ELEUTÉRIO FILHO	22/09/1946	-	1
22º.	GILBERTO FREYRE	22/09/1946	20/10/1946	5
23º.	CÂMARA CASCUDO	22/09/1946	25/05/1947	3
24º.	ROGER BASTIDE	06/10/1946	12/06/1949	12
25º.	CLÉO BERNARDO	06/10/1946	05/10/1947	2
26º.	ALMEIDA FISCHER <sup>9</sup>	20/10/1946	18/05/1947	2
27º.	MONS. J. CALVET	26/01/1947	-	1
28º.	EDUARDO FRIEIRO	16/03/1947	-	1

<sup>6</sup> Não estão catalogados, nesta tabela, poemas, capítulos de romances, contos e crônicas, mas apenas os textos críticos de autores que publicam no referido jornal, entre eles, poetas e romancistas.

<sup>7</sup> Haroldo Maranhão, além de diretor do “Arte Suplemento Literatura”, escreve crítica literária e poemas no período de circulação do encarte.

<sup>8</sup> O poeta Manuel Bandeira praticamente acompanha a circulação do Suplemento em causa. Publica ali o primeiro poema, “Testamento”, no primeiro número, que circulou dia 5 de maio de 1946, e continua publicando até quase o final da circulação do referido encarte. O seu último poema é “Unidade”, do dia 17 de dezembro de 1950. Após essa data, o jornal sai às ruas em 24/12 e 31/12/1950. O último número sai em 14/01/1951.

<sup>9</sup> Esse analista, além dos dois textos críticos, entrevista vários poetas e romancistas, conforme relação das entrevistas, no Item 11 destes anexos.

29°.	CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE <sup>10</sup>	06/04/1947	25/09/1949	12
30°.	WILSON MARTINS	13/04/1947	04/12/1949	27
31°.	SUZANNE LABIN	13/04/1947	25/05/1947	3
32°.	EURYALO CANNABRAVA	13/04/1947	-	1
33°.	CYRO DOS ANJOS	18/05/1947	14/09/1947	6
34°.	OTTO MARIA CARPEAUX	25/05/1947	12/03/1950	49
35°.	AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA	25/05/1947	12/03/1950	10
36°.	PAUL ARBOUSSE BASTIDE	01/06/1947	20/07/1947	3
37°.	RUSHWORT FOOG	08/06/1947	-	1
38°.	ALPHONSUS GUIMARÃES FILHO	15/06/1947	28/11/1948	5
39°.	PERI AUGUSTO <sup>11</sup>	22/06/1947	01/05/1949	2
40°.	GASTON FIGUEIRA	22/06/1947	-	1
41°.	WILSON CHAGAS	20/07/1947	20/02/1948	5
42°.	PHILLIPS TOMLINSON	27/07/1947		1
43°.	JOÃO CONDÉ	10/08/1947	31/08/1947	2
44°.	LEDO IVO	31/08/1947	14/01/1951	3
45°.	PABLO PALIN	14/09/1947	-	1
46°.	AUGUSTO FREDERICO SCHIMIDT	05/10/1947	12/03/1950	5
47°.	LUÍS MARTINS	26/10/1947	11/09/1949	6
48°.	BRITO BROCA <sup>12</sup>	02/11/1949	-	1
49°.	NELSON MARTINS	09/11/1947	-	1
50°.	RAQUEL DE QUEIROZ	07/12/1947	20/-/1949	4
51°.	JOÃO GASPAR SIMÕES	21/12/1947	26/11/1950	10
52°.	SANDRO DI VERCELLI	01/02/1948	-	1
53°.	EDGAR CAVALHEIRO	18/01/1948	22/02/1948	2
54°.	MOACIR WERNECK DE CASTRO	01/02/1948	-	1
55°.	JULIEN BENDA	08/02/1948	20/11/1949	2
56°.	RAQUEL AUDIBERT	29/02/1948	-	1
57°.	PAULO RÓNAI	01/02/1948	10/04/1949	5
58°.	OCTÁVIO TORQUÍNIO SOUSA	14/03/1948	28/11/1948	2
59°.	CECÍLIA MEIRELES <sup>13</sup>	28/03/1948	06/06/1948	2
60°.	FRANCISCO IGLÉSIAS	28/03/1948	37/11/1949	6
61°.	BRAGA MONTENEGRO	04/04/1948	-	1
62°.	DANIEL ROLPS	04/04/1948	-	1
63°.	BERNARDO GERSEN	18/04/1948	17/12/1950	6
64°.	LUIS AMADOR SANCHES	27/06/1948	-	1
65°.	ROGER CAILOIS	11/07/1948	-	1
66°.	JOÃO CLÍMACO BEZERRA	25/07/1948	-	1
67°.	MURILO MENDES <sup>14</sup>	25/07/1948	-	1

<sup>10</sup> Carlos Drummond de Andrade publica vários poemas, durante esse período, no encarte literário.

<sup>11</sup> Esse jornalista faz as entrevistas da coluna "Posição e destino da literatura paraense" de 5 de outubro de 1947 a 1º de janeiro de 1948.

<sup>12</sup> Brito Broca, além de publicar um artigo, faz uma entrevista com Robert Giusti.

<sup>13</sup> Cecília Meireles, além de publicar dois artigos, estampa vários poemas no Suplemento em foco. É homenageada pelo jornal com uma edição especial, na qual há uma entrevista sua concedida a Haroldo Maranhão.

<sup>14</sup> Murilo Mendes, no referido Suplemento, tem uma coluna sobre música.

68°.	ANTÔNIO GIRÃO BARROSO	29/08/1948	-	1
69°.	NOME ILEGÍVEL	05/09/1948		1
70°.	MARQUES REBELO <sup>15</sup>	12/09/1948	10/07/1949	2
71°.	ANTONIO CANDIDO	26/09/1948	-	1
72°.	AIRES DA MOTA MACHADO FILHO	26/09/1948	-	1
73°.	FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA	31/10/1948	-	1
74°.	CARLOS D'ÁVILA	31/10/1948	-	1
75°.	SERGIO BUARQUE DE HOLANDA	07/11/1948	05/03/1950	6
76°.	ODORICO TAVARES	28/11/1948	-	1
77°.	ADOLFO CASAIS MONTEIRO	19/12/1948	26/06/1949	3
78°.	JOSÉ ESTÊNIO LOPES	27/02/1949	-	1
79°.	NATALÍCIO NORBERTO	13/03/1949	20/03/1949	2
80°.	J. COUTINHO OLIVEIRA	27/03/1949	-	1
81°.	ASCELINO LEITE	10/04/1949	-	1
82°.	MENOTI DEL PICCHIA	10/04/1949	-	1
83°.	OSMAR PIMENTEL	10/04/1949	-	1
84°.	CUNHA LEÃO	10/04/1949	-	1
85°.	JORGE DE LIMA	22/05/1949	-	1
86°.	PAULO ARMANDO	22/05/1949	-	1
87°.	ALBERT CAMUS	07/08/1949	-	1
88°.	ABAETÉ MEDEIROS	07/08/1949	-	1
89°.	TEIXEIRA NOVAIS	14/08/1949	-	1
90°.	TRISTÃO ATHAÍDE <sup>16</sup>	21/08/1949	17/12/1950	2
91°.	GILBERTO AMADO	21/08/1949	-	1
92°.	OLIVEIRA VIANA	21/08/1949	-	1
93°.	HENRIQUE POGENTTI	28/08/1949	-	1
94°.	IVONNE JEAN	11/09/1949	-	1
95°.	PIZARRO DRUMMOND	11/09/1949	05/02/1950	2
96°.	LÊDO IVO	09/10/1949	-	2
97°.	TEMÍSTOCLES LINHARES	04/12/1949	-	1
98°.	NÍSIO BATISTA MARTINS	11/12/1949.	-	1
99°.	PAUL ANDERSON	DATA IILEG.	-	1
100°.	JOSÉ RÉGIO	DATA ILEG	-	1
101°.	JENA-PAUL SARTRE	29/01/1950	-	1
102°.	CRISTINANO MARTINS	05/02/1950	-	1
103°.	EUGÊNIO GOMES	05/02/1950	-	1
104°.	ARNOL WALD	19/02/1950	-	1
105°.	TARCÍSIO PADILHA	19/02/1950	-	1
106°.	EDMUNDO MUNIZ	26/02/1950	5/03/1950	2
107°.	MICHEL SIMON	05/03/1950	-	1
108°.	LUIZ ANNIBAL FALCÃO	12/03/1950	-	1

<sup>15</sup> Marques Rebelo concede várias entrevistas a esse jornal.

<sup>16</sup> Nesse primeiro dia em que Tristão de Athaíde escreve no jornal, o Suplemento de nº. 132 é uma edição especial em homenagem a Joaquim Nabuco.

109°.	BRUNO GIORGI	12/03/1950	-	1
110°.	A. L. NOBRE MELO	19/11/1950	-	1
111°.	ANDRÉ MOURAIS	19/11/1950	-	1
112°.	THIERRY MAULNIER	26/11/1950	-	1
113°.	JEAN AMROUCHE	26/11/1950	-	1
114°.	JACQUES MADULE	26/11/1950	-	1
115°.	ANDRÉ DELACOUR	17/12/1950	-	1

## 5. TEXTOS DE BENEDITO NUNES NO “SUPLEMENTO”

### 5. 1. TENTATIVA DE UM ROMANCE: *JOÃO SILVÉRIO* - DOIS CAPÍTULOS: “MENINO DOENTE” E “JAQUEIRA”<sup>17</sup>

Quando, lendo um romance, dizemos que um fato, um ato, um pensamento são inverossímeis, em geral queremos dizer que na vida seria impossível ocorrer coisa semelhante. Entretanto, na vida tudo é praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida.

(Antonio Candido)

#### **JOÃO SILVÉRIO**

5 de maio de 1946

##### **MENINO DOENTE**

- Vá brincar, Silverinho. Tome um tostão pra comprar papagaio na quitanda. Silverinho pegou na moeda e saiu correndo.

- Magro. Todas as costelas pra fora.

D. Inácia engomava e lavava. Ali, na Conselheiro, tinha bons fregueses: a D. Eglantina, o Dr. Albin. Aquela Sinhuca é que mesmo não pagava. Essa gente rica é descarada...

Ah! no tempo do Dr. Pedro Cascudo. As horas de infelicidade são mais longas do que de prazer.

Quando o Dr. foi pedi-la, o comandante fumava charuto na cadeira preguiçosa. Pedro Cascudo falou, falou. Ainda era no bom tempo em que a noiva ficava escondida, esperando o chamado do pai. Tudo saiu tão bem...

D. Inácia ficou supersticiosa. No dia do casamento, todos à mesa bebendo e comendo, entra um caixão de defunto...

O carregador pediu desculpas.

- Engano minha senhora, engano.

O casal partiu, um dia depois, para o Rio Grande do Sul.

Antes tivessem ficado por lá. É a sorte.

- Este Pará tem “peso” – resmungava D. Inácia.

Pedro Cascudo pegou uma congestão pulmonar. E foi-se. Foi vestido de São Francisco.

---

<sup>17</sup> NUNES, Benedito. *João Silvério*. (Capítulos de um romance). **Folha do Norte**, Belém, 05 maio 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

Por esse tempo, João Silvério já dava pulinhos no ventre materno...

Todos os amigos do Tribunal trouxeram automóvel. O padre Silvino benzeu o corpo.

Então, ouviu-se um estrondo no forro. Nem queria se lembrar dessas coisas. E depois, o pesadelo, duas semanas após o enterro... Sentiu a mão pesada de Cascudo. Gritou. Vieram as irmãs.

- Tu estás nervosa, disseram. O pequeno nasceu. Feio, parecia um japonês. Já morava na Conselheiro, só, com seus santos: São José milagroso, S. Benedito... Tinha fé imensa em São José. Rezava todas as quartas-feiras o terço do glorioso Patriarca, tendo ao colo o Silverinho.

- Filho de Davi rogai a Jesus e a Maria por mim. Depois vinha o “Lembraivos, puríssimo esposo da Virgem”. O Silverinho... o Silverinho... Que Nosso Senhor desse vida ao menino. Seria possível que não se criasse?

E a doença do pai? Escondera ao pequeno esse fato, porque ele se impressionava muito. Tinha medo de tudo.

- Mamãe, do que papai morreu?

- Colapso.

- Que é colapso?

- Queda de coração.

- E o papai morreu disso?

- Foi.

Um dia D. Inácia teve séria discussão com a vizinha, a Severa, amante do tenente Gabriel.

João Silvério, perto do lavatório, escutava apavorado. Estava nervoso. Receava que as duas se atracassem, que a Polícia viesse e levasse a mãe...

- Fique sabendo que eu não tenho necessidade de ficar com roupa de ninguém. – dizia D. Inácia.

- Mas, mulher, então eu não sei. A calça de lista veio para a lavagem. Eu sei.

Entregue logo é que é.

- A senhora quer me chamar de ladra? Pois fique sabendo: ladra é você. Ladra do marido alheio. A mulher do Gabriel está passando fome.

- Patifa! Cale a boca. V. é uma lavadeira, lavadeira.

Eu lhe mando prender.

- Lavadeira honrada. V. é pior que rapariga da “zona”.

- Eu nunca tive homem tuberculoso. O seu marido morreu doente do peito, tísico.

O filho vai no mesmo caminho.

João Silvério começou a chorar. Meu Deus! Aquelas mulheres se devoravam.

- Mamãe, mamãe, deixe ela, deixe.

- Gatuna, gatuna, mulher de tuberculoso – continuava D. Severa.

João Silvério foi para o fundo do quintal. Então o pai morrera tuberculoso, tivera a doença do turco da lojinha! Todos diziam que o Abdon era tísico. Por isso a freguesia desapareceu e o homem fechou as portas da “Primavera”.

Essa doença era má. E se ele estivesse tuberculoso? Quem Sabe?  
Gente doente do peito é magra. E ele sempre fora magro que metia pena. Quando se ajoelhava na Igreja, os ossos faziam barulho. A criançada do catecismo ria daqueles ossos inconvenientes que não respeitavam o Santíssimo. Que pulsos, os dele! O filho de D. Cândida dizia:  
- pulso de pinto, pulsos de pinto.  
Tomava o “Fosfo-Calcina-Iodado” para engordar. É que a mãe tinha medo, tinha medo, sim, da doença traiçoeira.  
- Silverinho!  
Era a voz da mãe. Não ia, não ia. Ele queria ficar ali, eternamente, cobrindo de terra as casas de formiga, partindo galho seco.  
Não ia. Estava tuberculoso.  
A mãe teria, certamente, medo dele, como os outros meninos.  
- Silverinho! Vem tomar água com açúcar. Água com açúcar, meu filho.  
D. Inácia apareceu na porta do quintal.  
- Que é isto, Silverinho, chorando? Já passou. A D. Severa não vem mais.  
O menino bebeu a água açucarada.  
- Como ele está branco, meu Deus. Vá comprar na D. Cândida um ovinho pra você comer.  
Silverinho obedeceu conquanto estivesse receoso. A D. Cândida já sabia de tudo. Ia dizer-lhe, com certeza.  
- Suma-se. V. está doente do peito. V. vai morrer amanhã.  
Comeria ovo pela última vez. Se D. Cândida arranjasse um bem grande.  
Vestiria também o hábito de São Francisco. O caixão pequeno seria coberto pela terra.  
A mãe, na casa da Conselheiro, ficava lavando roupa. E a D. Severa?  
D. Severa vinha, no dia do enterro, e gritava.  
- Está vendo, sua “cachorra”, todos vocês são tuberculosos.  
Ah! ele engasgava a D. Severa. E se morresse mesmo?  
Silverinho, de noite, custou a dormir.

## **JAQUEIRA**

João Silvério meteu-se na Jaqueira. D. Inácia não gostava que o menino brincasse na estância. Mas João Silvério estimava aqueles pequenos sujos e magros, que moravam em quartos de madeira.  
De noite, sentavam-se sob o poste de luz da esquina e conversavam, brincavam.  
O “Beijo Virado”, de vinte anos, era do tamanho de João Silvério. Tinha o beijo partido. Contava anedotas de português e de turco numa voz fanhosa.  
- Aquela da banana – pedia o Nonato.  
- Ah! Era uma vez...  
Silverinho afastava-se deles, quando diziam coisas indecentes, mas o fazia, simplesmente, por um desengano de consciência.  
Ouvia tudo e achava muita graça, sufocando o riso na manga da blusa.

- Ele gosta, dizia o Nonato.
- Não mexe com o garoto. É inocente.

O menino ia-se embora, de cabeça baixa, punha-se à distância, espiando. Quando começava o cipó-queimado, aparecia.

- Posso entrar?

D. Inácia chamava-o às nove em ponto. O relógio da maçonaria nunca atrasava. Ah! se ele pudesse atrasar o maldito relógio.

- Esses moleques fedem. Nem escovam os dentes - resmungava D. Inácia.

Silverinho pensava consigo que “Beijo Virado” não podia tratar dos dentes...

Tinha medo de ficar como o outro. E se Deus castigasse porque ia todas as noites na Jaqueira aprender tolices.

Nosso senhor castigava.

O padre contou-lhe histórias de meninos desobedientes que tiveram as mãos e a língua decepadas.

D. Inácia ensinava-lhe que Cristo sofreu pela humanidade. Ele guardava uma estampa desse Cristo. Fora presente de aniversário da D. Isaura. Jesus tinha uma criança sobre os joelhos, enquanto outras lhe ofertavam lírios.

Então podia ser mau e cortar a língua dos pequenos louros da estampa?

Lembrava-se do Dilúvio. Mas quem fez o dilúvio? O pai do homem da gravura.

E diziam que havia de chegar nova chuvarada! Credo! Os anjos desceriam dos céus e ao som de trombetas chamariam os justos. Os pecadores seriam condenados ao inferno. Bem feito. Queria ver D. Severa entre as chamas. E ele? Ele só chamava nome feio baixinho...

O Deus da gravura não deixaria que fosse para o fogo.

Esse fogo do inferno é fogo mesmo? Então devia arder. E ficar ali, eternamente...

Imaginava o sofrimento dos infelizes na casa do Diabo.

Por que Deus não matava o Diabo? Ele podia. Criou o mundo em sete dias. Uma semana. Uma semana apenas para fazer o Brasil e tudo o mais que existe. Ouvira falar, vagamente, da Europa, da Ásia. Essas terras distantes inspiravam-lhe receio. Gostava de Belém, tão boazinha, dando manga de graça a toda gente.

Os sinos das Igrejas tocavam aos domingos.

Quem sabia tocar sino era o Mundico, da Trindade. Às vezes ia até à torre, conseguindo escapar duma enfadonha arguição sobre Eucaristia.

O Mundico sempre fora camarada. Facilitava as incursões no apartamento do cônego, largo, espaçoso, ventilado.

Gostava de espiar a cozinha. Então os padres se alimentavam como os outros homens? Sabia da história do profeta que só comia excremento...

## 5.2 SOLITÁRIOS POEMAS

Poesia é a tentativa de representar ou restituir por meio da linguagem articulada aquelas coisas ou aquela coisa que os gestos, as lágrimas, as carícias, os beijos, os suspiros procuram obscuramente exprimir<sup>18</sup>.

(Paul Valéry)

### 5.2.1 - 1º Poema do Solitário<sup>19</sup>

26 de maio de 1946

I

Quero ir ao encontro da última estrela  
Quero passar além de todos os sóis  
E olhar o que ficou  
E olhar o que virá.

II

Na noite chuvosa não há equações  
Nem matemáticos impertinentes  
Mas o canto do grilo  
- queixume da grama ensopada.

III

O grilo é um operário esquisito  
Que só trabalha de noite  
Serrando capim

IV

Acende apaga acende apaga aqui ali  
O vaga-lume dirige o trânsito noturno.

---

<sup>18</sup> Ver texto completo de Manuel Bandeira intitulado, "Antologia de definições de poesia", Item 12.19a destes Anexos.

<sup>19</sup> NUNES, Benedito. "Poema do solitário". **Folha do Norte**, Belém, 26 maio, 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

### 5.2.2 - 2º Trecho da *Conselheiro Furtado*<sup>20</sup>

30 de junho de 1946

Parece uma ruazinha de vila do interior  
a Conselheiro silenciosa que a linha de bonde  
não alcançou.

Passa ao lado do velho cemitério,  
onde os mortos de mil oitocentos  
fazem pouco do século vinte...

Passa ao lado da Soledade,  
que fica tão só dentro da noite  
com o sino cansado batendo batendo.

Os moradores já viram o Conselheiro  
puxando a corda do sino.

Ele quer missa quer reza  
quer que capinem a ruazinha calada.

De dia a rua é das crianças  
de toda a molecada  
que vem da Pratinha.

Sobem papagaios curicas cangulas  
que ficam dançando no céu  
brincando com as nuvens  
distraindo “seu” Furtado.

---

<sup>20</sup> NUNES, Benedito. “Trecho da *Conselheiro Furtado*”. **Folha do Norte**. Belém, 30 jun. 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

### 5.2.3 - 3º *Balada do Inverno*<sup>21</sup>

5 de janeiro de 1947

Não importa que seja  
Gentil, Serzedelo, São Mateus  
a rua é o mundo do inverno  
onde se cruzam pingando  
verdureiros, carteiros, coitados  
cortados pela humildade  
porque o frio não veio para cá  
ficou lá na Itália!  
Chuva malandra, correndo pela sarjeta  
trazendo de longe à Gentil menina  
os cabelos, as rezas da Sapucaia  
que morava num sobradinho de brinquedo  
toda a imundície da sua descalça  
pois não conhecia bangalô, feliz dela!  
Não se ouve maria-já-é-dia  
nas manhãs dos primeiros chuviscos  
mas o bate-bate das roupas sujas  
na Jaqueira, na D. Margarida perna inchada,  
uma canção que o sol sepulta  
e o inverno camarada desenterra.  
Gentil, Serzedelo, São Mateus  
para que rezar à Santa Clara?  
Essa chuva tem de cair  
É só para mim, gente da rua!

---

<sup>21</sup> NUNES, Benedito. "Balada do inverno". **Folha do Norte**. Belém, domingo, 05 jan. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.

#### 5.2.4 - 4º *Poema das 4 Ruas*<sup>22</sup>

9 de fevereiro de 1947

A rua asfixia a rameira  
preta, branca, morena  
nas grandes janelas sem ar.  
Nem que decote o vestido  
que bote os seios pra fora  
a rua asfixia a rameira  
preta branca, morena.  
Todos os homens deixaram  
ali um pouco do mundo  
crianças que ninguém quis  
cheirando a libidinagem.  
Meu primeiro filho está perdido  
na multidão da rua estreita  
os olhos teimam encontrá-lo  
nas quatro travessas que cruzam.

---

<sup>22</sup> NUNES, Benedito. Poema das 4 Ruas. **Folha do Norte**. Belém, 09 fev.1947, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

## 5.2.5 - 5º, 6º, 7º, *Elegia; Fragmento; Hino do Caminhante*<sup>23</sup>

23 de fevereiro de 1947

### 5º *ELEGIA*

Não estás aqui pai meu  
no cemitério sem cipreste  
te entendo melhor na rua úmida  
na aflição dos bairros distantes  
Não sei por que.  
O capim que cubra o aqui jaz  
Preto tremido, pedante.  
Já morreu no barulho do século  
o capineiro de meu pai  
não me cortes meus cabelos  
te entendo melhor lá fora.

### 6º *FRAGMENTO*

Os meus sonhos não cabem aqui  
o teto é muito baixo  
as janelas são estreitas  
para onde voarão eles  
quando houver o crescimento do homem?

### 7º *HINO DO CAMINHANTE*

Barrar o silêncio com a minha voz  
não dormir enquanto todos dormem  
caminhar enquanto todos param  
encontrar a lenda em cada esquina  
o passado vivo noutro homem.  
Pouco importam os olhos que me seguem  
Deixei um pouco de mim nas ruas e becos  
Procuro recolher esses pedaços.

---

<sup>23</sup> NUNES, Benedito. Poemas: “Elegia”, “Fragmento”, “Hino do Caminhante”. **Folha do Norte**. Belém, 23 fev.1947, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

### 5.2.6 - 8º e 9º *Ligação e Fragmento N.º.2*<sup>24</sup>

16 de março de 1947

#### 8º *Ligação*

Ligo-me ao mundo  
pela tepidez da mão.  
Do rio o aguaceiro  
trouxe a imagem única  
pura, sem o barro da estrada.  
Unido agora ao que já fui  
espero ter novos olhos  
brotou-me um sorriso largo  
de cinco anos num dia chuvoso.

#### 9º *Fragmento N.º.2*

Em qualquer tempo as tuas mãos serão minhas  
já te aceitei alegremente em outras épocas  
as tuas lembranças passaram tantas vezes nos  
[meus olhos  
não foi surpresa encontrá-las hoje.

---

<sup>24</sup> NUNES, Benedito. “Ligação” e “Fragmento n.º 2”. **Folha do Norte**. Belém, 16 mar.1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.

### **5.2.7 - 10º, 11º e 12º *Cantiga; Fragmento Nº. 3 e Elegia para mim mesmo***<sup>25</sup>

13 de abril de 1947

#### **10º *Cantiga***

O fumo embala  
metafísica prática  
para o filósofo.  
Desperta, desperta  
a fumaça amarela  
os rostos chineses  
saindo do barro  
do Tse-Kiang.  
Visto o roupão de flores,  
mandarim, budista  
no quarto sossegado  
sobre livros franceses  
Diz amor, amor  
bêbado, o corpo geométrico  
como múmia, balança  
embrulhadas nas tiras de fumo.  
Espera a solução sem o mundo.

#### **11º *Fragmento Nº. 3***

Ainda ninguém despertei  
ainda comigo ninguém teve  
a impressão inicial de vida.  
Todos acordados me olham  
interrogam e procuram em mim  
o inatingível de cada coisa.

#### **12º *Elegia para mim mesmo***

Perdido na escuridão  
a luz é uma esperança. Findou.  
Daqui ouço Mozart amigo  
penetrando docemente no círculo  
de que terra? Onde me acho.  
Não ressuscito nem caminho pela música

---

<sup>25</sup> NUNES, Benedito. "Cantigas", "Fragmento Nº. 3", "Elegia para mim mesmo". **Folha do Norte**. Belém, 13 abr.1947, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

este som vem tarde muito séculos  
agora que estou perdido  
os olhos gastos pelo mundo  
as mãos sem força, não apertaram outras  
senão poucas vezes.  
O universo não ressuscitará comigo.  
Nem ao menos posso lembrar  
os risos que brotam na luz  
os longos cabelos soltos de meninas  
enchendo as ruas claras  
claros também distantes olhos negros.

### **5.2.8 - 13º, 14º e 15º Mar, Triste 1 e Triste 2<sup>26</sup>**

25 de maio de 1947

#### **13º Mar**

Estou compondo não o poema do mar  
porém o mar todo inteiro  
e a sua vida já se move nos meus olhos.  
Vede, companheiros, os rios escorrendo sobre mim  
e o meu corpo sem vontade de outra vida.  
Quem poderá agora enxugar essa humidade secular  
das minhas mãos que estão no fim?  
E que sol poderá secá-las?

#### **14º Triste 1**

Descendo o meu tormento  
devagar e leve  
com o sorriso de todo o mundo.  
Leve, suave,  
como notas de Bach  
não é minha alegria  
mas a alegria dos homens

#### **15º Triste 2**

Por que trabalha a inteligência

---

<sup>26</sup> NUNES, Benedito. "Mar", "Triste 1", "Triste 2" **Folha do Norte**. Belém, 25 maio, 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 6.

mesmo quando o sol termina?  
Dentro da noite ainda tenho forças...  
Os sentidos não falecem  
e esperam o mundo sempre.  
Eu criei o amor e a tortura  
e agora não posso criar o fim.

### 5.2.9 - 16º *Poema*<sup>27</sup>

24 de agosto de 1947

Finalmente o repouso das águas mansas  
E a areia úmida surpreendida pela luz.  
Revela os passos fundos do homem cansado...

O profundo mistério se levanta das pedras  
Pontiagudas e presas irremediáveis do mar  
A ETERNIDADE revelada nessa visão do horizonte

Estão perdidos os membros inúteis  
Não poderei mais encontrar a minha antiga figura  
Afoga-me a tortura do indiviso.

Agora tomei o vermelho das algas e o verde dos musgos  
Espalhado na intimidade dos búzios  
Neles descubro o rumor da vida primitiva.

---

<sup>27</sup> NUNES, Benedito. "Poema". **Folha do Norte**. Belém, 24 ago. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

### 5.2.10 - 17º *Estrela do Mar*<sup>28</sup>

31 de agosto de 1947

Estrela do mar  
Nunca vi nenhuma  
Porém desejaria ofertar-te  
A Estrela do Mar

Desejaria ofertar-te  
para que brilhasse  
no teu vestido branco  
úmida e serena  
A Estrela do Mar.

Desde longos séculos  
embalada pelas águas.  
Penetrou raízes  
Em mares desconhecidos  
A Estrela do Mar.

Suas pontas finas  
indicaram caminhos.  
Iluminaram a viagem dos naufragos  
Para o mais fundo das águas.

Estrela do Mar encontrarei um dia  
Talvez sobre a mesa tranqüila.  
Brilhará no quarto escuro.  
Sim! eu queria te ofertar a Estrela do Mar

Límpida no teu vestido branco.

---

<sup>28</sup> NUNES, Benedito. "Estrela do mar". **Folha do Norte**. Belém, 31 ago. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

### 5.2.11 - 18º *Confissão*<sup>29</sup>

21 de dezembro de 1947

Enfim, Senhor, começou o pecado,  
cortastes as quatro cordas do anjo  
que vibravam em mim.  
Enfim, Senhor, sou um homem impuro.  
Chegou o tempo de esquecer os gestos de amor:  
lembrarei o ódio e a obscenidade,  
abandonarei as lágrimas noturnas  
e a espera da afeição completa.  
Aqui, do lado da impureza  
(quem me empurrou para ela,  
Senhor?)  
resisto à minha angústia  
e ao problema da tua existência  
Enfim, já sou um homem impuro.  
Lamento apenas não saber cantar  
Ou dançar.

### 5.2.12 - 19º *Fuga*<sup>30</sup>

1º de janeiro de 1948

Havia meus pés luminosos  
por sobre estátuas dançando  
a boca do profeta sem versículos  
e as asas do anjo sobre o tempo.  
Perdi o sinal da fuga  
e apareceram os teus cabelos em fogo  
Maria, Maria só tu me podes preservar de início  
Ligar-me-ei ao teu lado esquerdo para sempre.  
Então tu te levantarás entre o Gênesis e o desejo contido.

---

<sup>29</sup> NUNES, Benedito. "Confissão". **Folha do Norte**. Belém, 21 dez. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

<sup>30</sup> NUNES, Benedito. "Fuga". **Folha do Norte**. Belém, 1º jan. 1948, Arte Suplemento Literatura, p.1.

### 5.2.13 - 20º *Salmo*<sup>31</sup>

13 de junho de 1948

Quem sou eu que sem o menor chamado me levanto e Vos procuro  
enquanto todos dormem e mal sabem que perdidos.  
Que sou eu que de noite vai de espelho a espelho  
com receio de que a face se tenha transformado  
E toda a casa percorre como se fosse um estrangeiro.  
Mesmo se Vos encontrasse tornaria a buscar-Vos  
Então perguntaria por que num só momento não esgotastes todas as surpresas  
e retornaria à vigília com o meu corpo cheio de malícia  
- este corpo que os Vossos anjos sempre velam  
para que antes do tempo não volte à sua origem.

### 5.2.14 - 21º *Poema*<sup>32</sup>

18 de julho de 1948

(especial para a Folha do Norte)  
És a sensação da volta  
e as caminhadas pela casa após uma viagem  
os abraços que nos transformam e onde nos perdemos  
apreensão de encontrar mais alguém entre os parentes.

Na infância és o pranto e a tarde quando brincamos  
a ânsia de espiar na mais alta janela  
o silêncio que repentinamente cai sobre os brinquedos.  
És o espanto que nos assaltou à mesa do jantar  
fazendo sentir a estranheza da voz em nossas bocas  
e o mal disfarçado esforço para comer e beber.

Também és alegria de sentirmos as coisas num corpo desgastado  
alegria de olhar e de dizer tudo se pudéssemos.  
E é por ti que nos vem a comoção da morte.

---

<sup>31</sup> NUNES, Benedito. "Salmo". **Folha do Norte**. Belém, 13 jun. 1948, Arte Suplemento Literatura, p.1.

<sup>32</sup> NUNES, Benedito. "Poema". **Folha do Norte**. Belém, 18 jul. 1948, Suplemento Arte Literatura, p. 1.

### 5.2.15 - 22º *Retrato*<sup>33</sup>

20 de fevereiro de 1949

Trago uma noite errante no meu peito  
cheias das regiões que nunca pisarei  
e vivo sobre os muros de um invisível reino  
que rei nenhum sonhou para a sua glória.  
Somente em mim as suas portas se abrem  
ao som da voz que terá sido minha  
e me vejo crescer afoito com as ervas  
em tudo o que restou do meu antigo reino.  
Sou torre que fendeu no esforço de elevar-se  
e carrego o vazio dos espaços sem torres  
e a fonte que sequei na ânsia de ser claro.

---

<sup>33</sup> NUNES, Benedito. "Retrato". **Folha do Norte**. Belém, Belém, 20 fev. 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1.

## 5.3 “CONFISSÕES DO SOLITÁRIO”: ENTRETECENDO FILOSOFIA

Filosofar significa aprender a morrer.

(Platão)

### 5.3.1 - 1ª *Confissões do Solitário* (1- 7)<sup>34</sup>

25 de agosto de 1946

1 Pode Santayana dizer que temos vivido muito bem sem a “coisa em si”, mas é uma inquietação torturante saber que existe mas que é inatingível, isto é, escapa a nossa percepção.

Todo homem luta consigo mesmo e, na ânsia de interpretar o universo, sentimos a existência de uma força secreta que força em vão a porta dos sentidos.

Nas noites estreladas compreendemos melhor a limitação de nosso entendimento, mas há uma revolta em nós, um impulso que procura elevar-se e compreender.

Esse impulso é vontade e toda a vontade produz desenvolvimento.

Penderão os sentidos a aperfeiçoar-se à medida de nossos esforços? Obedecerão à vontade do sábio e do filósofo, projetando mais luz no mundo exterior?

\*

2 Haeckel escreve a história do mundo como cientista. A sua perspectiva cosmológica não satisfaz a um filósofo.

Aqui se faz oportuna uma observação: sempre que uma nova descoberta revoluciona toda uma ciência, é apontada como explicação de uma série de fenômenos ainda não esclarecidos e, às vezes, tudo se resolve na nova descoberta.

Ora, eis o que fez Haeckel com o éter chegando até mesmo a dar-lhe graus divinos.

\*

---

<sup>34</sup> NUNES, Benedito. “Confissões do Solitário”. **Folha do Norte**, Belém, 25 ago. 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 4. No primeiro dia da coluna “Confissões do Solitário”, com sete aforismos de 1 a 7, têm-se as primeiras informações/notícias sobre as leituras filosóficas de Benedito Nunes, entre elas Santayana. A obra mais conhecida desse filósofo é *A vida da razão* (1905), em cujo primeiro volume publica também vários aforismos, como: “Aqueles que não podem lembrar o passado, estão condenados a repeti-lo”. SANTAYANA, George. *A vida da razão*. Além disso, Benedito Nunes demonstra que lê os estudiosos de filosofia do Brasil, como Farias Brito, e cientistas, enciclopedistas e escritores, a exemplos de: Haeckel, Diderot e Voltaire. Essa coluna, que tem início com sete aforismos, vai ter também sete publicações, com setenta e oito aforismos com lacunas nessa numeração, faltando os seguintes números: 12, 13, 14, 15 e 24.

3 Esses enciclopedistas não envelhecem. Por que a voz de Diderot encontra eco em nosso espírito e o sorriso de Voltaire ainda não se apagou?

\*

4 Para onde vai o homem, o dono do tempo, o dono do espaço?

\*

5 O homem não descansará até mesmo enquanto não compreender o mistério do primeiro raio de sol!

\*

6 Para mim só há uma tragédia: a do conhecimento

\*

7 Uma figura quase que inteiramente esquecida é a de Farias Brito. Quem hoje lê as suas obras, que por sinal, não passaram da primeira edição?

Entretanto Farias Brito, longe de ser medíocre, é dotado de espírito penetrante: dá viveza à filosofia sem deixar de ser profundo.

*É claro até mesmo quando explica a Estética ou outro qualquer livro da Crítica.*

Negam-lhe a originalidade, isto é, há os que o consideram mero expositor de doutrinas filosóficas.

Não li toda a obra de Farias Brito, nada podendo afirmar ou negar, por enquanto, nesse sentido; mas o terceiro volume da Finalidade do Mundo revela um espírito que não é provinciano.

### 5.3.2 - 2º Confissões do Solitário (8-11)<sup>35</sup>

7 de setembro de 1946

8 Compreendereis Schopenhauer ouvindo Beethoven. A “Apassionata” é o poema da vontade humana construindo e modificando.

O domínio está em Beethoven; a compreensão em Chopin. Este nos descobre a humanidade e por ele entramos no Amor.

\*

9 A música dá ao homem um profundo estado de apercebimento que nos aproxima da natureza e nos faz compreender a significação do Absoluto de Hegel.

Sob a ação da música desaparece momentaneamente o choque dos contrários e só prevalece a força do Espírito.

\*

10 O eterno de Krishnamurti talvez corresponda à noção de divindade do velho Sócrates: A libertação moral, a afirmação do homem, livre de todas as limitações.

\*

11 Três capítulos da *Suma Teológica* do monge Tomaz deixaram-me numa abadia distante sem poesia sem amor.

### 5.3.3 - 3º Confissões do Solitário (16-23)<sup>36</sup>

26 de janeiro de 1947

16 – O juízo final marcará a fadiga, o descontentamento dos imortais na obra da perfeição humana. A elegia do anjo será para Deus, não para nós. É melhor ficarmos sozinhos: os patifes se entendem.

\*

17 – Ninguém pode libertar-se do mundo e ninguém ouse desprezá-lo.

Será viver na atmosfera moderna, novas visões de Santo Antão...!

\*

18 – Graça Aranha não tem razão: amor não é “um desdobramento doloroso da personalidade”.

Não temos melhor visão do mundo senão quando amamos; torna-se bem visível a unidade e imortalidade de todas as coisas.

Se há númeno, o amor é o númeno.

\*

---

<sup>35</sup> NUNES, Benedito. “Confissões do Solitário”. **Folha do Norte**. Belém, 07 set.1946, Arte Suplemento Literatura, p. 4. Aforismos de 8 a 11.

<sup>36</sup> NUNES, Benedito. “Confissões do Solitário”. **Folha do Norte**. Belém, 26 jan. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4. Aforismos de 16 a 23.

19 – Amar intensamente é quase fazer-se um místico e o misticismo é como qualquer perturbação de ordem psíquica.

Há místicos que vivem intimamente com a Virgem; o marianismo esconde um intenso impulso sexual, uma legítima “vontade de viver”.

\*

20 – Sinto-me profundamente integrado no inverno. Nos dias de sol os homens, como as formigas, enchem o mundo: bestas e sábios - os únicos que podem viver, segundo Aristóteles.

\*

21 – Adianta sonhar por acaso? Ouvir Chopin e depois cair na terra dos banqueiros e dos terríveis propagandistas protestantes. Não basta isto para fazer a mordacidade?

\*

22 – O paganismo deve ter sentido a frisa do cristianismo. Petrônio chama-o de anti-estético.

Não há maravilhoso cristão. Apenas uma sequência de terríveis sacrifícios, de mortificações sádico-masoquistas. Em toda a Tebaida, monges cruelmente apertados em Silícios; a meiga Santa Inês alcançando a eternidade, depois das chamas cruéis da fogueira pagã e os belos seios de Agueda arrancados sacrilegamente. É o martírio, a dor, levada à exaltação, a divinização da dor, que Fouillé assinala quando se refere ao sentimento amoroso na filosofia Cristã.

Prefiro Diana, repousando após à caça, sentindo a natureza e comungando das infelicidades humanas; Palas Atena, rompendo o pensamento de Zeus intrometido.

O panteísmo é sadio e simpático, tão simpático que passa nas filosofias sob as formas mais sutis.

Que espécie de Deus é esse que impulsiona de dentro para fora? O essencial é sentir Deus; sempre que o afastarmos de nós cairemos na teodiceia – e a teodiceia é a literatura da Metafísica.

\*

23 – O imperativo categórico – que coisa terrível. Um prenúncio do pragmatismo!

Os gênios, como os anjos, têm as suas quedas. Kant apresenta-nos o dever como plenitude da ação humana. A felicidade está longe de ser olhada pelo seco e metódico professor de Königsberg!

O dever é a primeira palavra que os esbirros aprendem e nada mais contrário à liberdade – primeira ligação com o mundo!

Nada importa senão sentir a vida, unir-se com o mundo, jogar-se no Eterno Movimento.

A felicidade leva-nos a apreender com profunda indiferença o nascimento e a morte das coisas.

O homem é como a figura sem importância que aparece, acidentalmente, na película cinematográfica. Não importa. Estamos no celuloide, conquanto numa sombra. Tenhamos essa visão. A felicidade nos levará a ela; o dever nos jogará na estéril cidade dos homens.

### 5.3.4 - 4º Confissões do Solitário (25-43)<sup>37</sup>

18 de maio de 1947

25 - Sinto que o amor se torna burguês e espalhafatoso. Vai perdendo a virtude do silêncio. E agora vem doloroso e perdido aquele canto de Sebastian Bach:

“se me queres dar teu  
coração, faze-o primeiro  
em segredo. E o nosso  
pensamento em comum  
ninguém o possa adivinhar”.

\*

26 - O mundo Temporal é como se fosse o corpo da igreja, ou melhor, uma rocha onde esta se fixou.

A história tem crescido até o dia do Reino de Deus. Então será destruída a rocha e ficará a Igreja, a Igreja triunfante, gozando de uma vida sobrenatural. Terá desaparecido a igreja militante que viveu na história. Mas a história assim aparece como um pecado, como resultante da Queda.

De qualquer forma é bastante trágica essa concepção. Se o mundo já está julgado preferimos nele ficar; se já está perdido estamos também perdidos. Não pode o homem separar-se da natureza e, se esse impulso de apego ao que é terreno deriva do que em nós possuímos de frágil e perdurável; se o que anseia pelo Reino de Deus é apenas o espírito sobrenatural – vem a questão do corpo no Reino de Deus.

\*

27 – A minha liberdade fui eu que a fiz. Entro a criá-la constantemente e diante dela fico na mesma posição de Deus para o mundo: aquecendo a sua obra sempre... E um dia tem de perdê-la.

\*

28 – Quando se ouve Beethoven passamos o homem; é possível a vida momentânea num plano místico e poético. Então podemos compreender o verdadeiro sentido da palavra de Nietzsche. Para além do bem e do mal. Não há limites. Pouco me importam os acontecimentos da vida simples. Não sacrificarei por eles a minha energia inesgotável. Lembro-me de Whitman parálico, levantando a cabeça para a natureza.

\*

29 – Como eu tenho pena do meu irmão parnasiano. Que não pode ler o Murilo Mendes e o Carlos Drummond de Andrade. É duplamente infeliz: não vive, nem escreve o poema.

\*

30 – A sociedade exige do homem que se apegue a um dogma, a uma crença ou a um programa. Estão a esperá-lo a Igreja, o partido e o clube. E ninguém

---

<sup>37</sup> NUNES, Benedito. “Confissões do Solitário”. **Folha do Norte**. Belém, 18 maio 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 3. Aforismos de 25 a 43.

transige, todos estão a exigir-lhe o espírito de clã. Ele não pode fugir das associações, ou então será uma espécie de “outlaw”.

O homem faz a sua jornada, como dizia aquele doutor Gouvêa, do Eça, entre um padre e um cabo de polícia.

\*

31 – Não ficar amargurado.

Até agora não tenho cantado a dor, mas a passagem da dor que vai trazendo lentamente a vida. Vida na solidão e a consciência de ter sido, lá fora, bastante sincero. Clerambault alegre depois de uma terrível luta espiritual.

\*

32 – S. Paulo afastou definitivamente o poder do cristão. Fez o cristão. E o deus bíblico perdeu a arbitrariedade que lhe concediam os judeus. O Filho é Deus – declara o símbolo de Atanásio contra a heresia de Arius – e, se é Deus, foi a Trindade de sua substância, que sofreu e se abrasou de amor pela humanidade. Foi o antigo Jeová, que se depurou neste feliz contato com os homens. E diz Anatole, rindo com a teologia, que podemos compará-lo a Augusto – “suavizou-se com a idade”...

\*

33 – Ouvir música como um solitário, a boca seca de palavras e os olhos apagados. Assim o homem entra numa nova vida para depois cruzar longos caminhos escutando os mesmos trechos e virão agora do mistério sem que instrumento algum seja tocado. É a música maravilhosa apagando o mundo sensível. De qualquer forma todos os homens precisam de isolamento onde só a poesia se manifesta com toda a intensidade.

\*

34 - Quantas vezes já senti repulsa diante das sutilezas filosóficas e inclinei-me ante os poetas que no momento representaram para mim os mais argutos observadores da natureza e do seu perpétuo movimento.

Todo o nosso pensamento mais real, que Nietzsche, diria o mais viril, achava-se contido para mim no discurso Glauco, na Ilíada: “O vento espalha as folhas pelo chão, mas elas voltam na primavera, quando a floresta reverdece; assim também acontece entre os homens; enquanto morrem uns, nascem outros”. E conquanto me aborreça a Bíblia não soam do mesmo modo as palavras do Eclesiastes: “Uma geração vai e outra geração vem, porém a terra permanece sempre a mesma”?

\*

35 – A música liga a criação passada à criação presente. Não temos a impressão, ao escutar a “Sonata ao Luar”, que nós estamos aos poucos assistindo o lento aparecimento da luz e pela primeira vez, no céu dos homens. Sim, no céu dos homens. Por que nesse momento que céu existe?

36 – Lá fora a chuva cai intensamente, nas primeiras horas da noite e o homem trabalha rompendo a escuridão, debaixo de uma luz artificial. E essa luz não poderá rebelar-se a todo momento, romper a prisão em que a encerram e voltar à liberdade dos elementos? O homem comum deposita fé na ciência, deste modo tal

coisa não poderá suceder, mas a ciência nem ao menos explica o que é a luz na ordem ou na desordem – do Universo.

37 – De certeza a oscilação da minha inteligência ligando fatos. A dúvida solidifica e é beleza. Porque não dizer que a dúvida é o sentido estético do conhecimento?

\*

38 – Pareço agora desligado do mundo e o mais estranho dos seres. O grilo que canta é verdadeiro?

\*

39 - Estamos bem, reunidos em torno da mesa, conversando, tudo parece nosso, nenhum objeto notifica a transcendência da vida. Experimentemos agora sair do grupo e pensar um pouco. Uma decepção e uma nova vida.

\*

40 – A palavra sempre foi má, sempre nos distanciou da verdadeira significação do mundo. Aqui “significação” já destruiu o mundo. “Falar é uma bela loucura”, dizia Nietzsche. Falando construímos um outro universo diferente daquele em que pisamos.

\*

41 – não há melhor definição de homem do que aquele de Nietzsche. Um animal capaz de fazer e cumprir promessas. Mas essa definição enquadrada num meio psicológico. Porque no meio biológico o homem perdeu toda a atitude natural ou animal de adaptação. Experimentemos deixar nu, por alguns dias apenas, um recém-nascido. Um filhote de homem...

\*

42 – Em realidade as definições exatas são as definições assentadas sobre ideias. Todo princípio, querendo relacionar o homem ao mundo exterior, falha. Há sempre um mínimo de erro, uma diferença que tortura o observador.

Dá-se o mesmo porém, quando, por exemplo, passo à geometria e anuncio que os ângulos retos são sempre iguais?

É porque aqui a criação se confunde com a nossa própria organização espiritual. É intuição pura, se assim podemos dizer. Oito mais oito tem que ser dezesseis porque o espírito não se pode deitar doutro modo.

\*

. 43 – Que temos feito senão numerar e constatar a sucessão de fatos que a nosso prazer utilizamos?

O trabalho científico é isto, completado depois pela lei, que é o arranjo inteligível desses dados. Será um trabalho grandioso esse? Parece que a única coisa boa é o número.

### 5.3.5 - 5º Confissões do Solitário (44-60)<sup>38</sup>

6 de julho de 1947

44 – Não pedirei ao mundo o que tem de melhor; Pedirei ao mundo, porém, o que tenho de [melhor]. Depois disso [encontrarei] a alegria. Mas [ ] a alegria quer eternidade, quer profunda eternidade.

\*

45 – O amor não transfigura – salva!

46 – A exaltação do mundo - em nós é o primeiro [caso/passos] de embriaguez. Destruímos a vulgaridade pela embriaguez.

\*

47 – O poema dá a medida do ser, no estado psicológico que é expresso. O poema nos revela, nos descobre – é um processo de levantamento espiritual.

\*

48 – Esta sensação de bem estar, de tepidez, estou certo, só eu a possuo neste momento. A chuva que cai, regular e vespertina, é para mim, insubstituível e grave, escurecendo o dia. É a minha paisagem, o meu campo de criação que não se estende a nenhum outro homem.

\*

49 – Tenho raízes espirituais fortemente católicas. Será por isso mesmo que detesto o protestantismo? Mas ninguém pode negar essa frieza, essa austeridade dolorosa que a Reforma trouxe ao movimento cristão.

O catolicismo é maleável; oferece valores mais humanos e mais simpáticos, - o tradicionalismo e também certa dose indisfarçável de superstição...

Renan não chegou a libertar-se completamente do seu passado católico-apostólico-romano – Confessa naquelas suas admiráveis páginas do *Recordação de Infância e Juventude*, que em certas horas a antiga fé procurava romper a vigilância de suas convicções. E ele então chegava a escutá-la, como na Bretanha as populações ouvem o toque dos sinos da catedral de Is, coberta pelo oceano, e distinguem ao sol, o brilho de suas flechas. Para ele esse canto era doce...

É bem difícil conseguir divorciar-se completamente de uma religião que chega a realizar ideais poéticos...

O próprio Santayana conservava nas paredes de seu quarto imagens da Virgem Maria...

\*

50 – A razão falha na metafísica. E entraremos em angústia? Não. Ainda o poeta viverá fora do tempo e do mundo.

\*

51 – A música vem e eu não tenho vontade de ouvi-la. O sol queima o capim verde, aquece o mar, e eu peço chuva. A cidade me prende e eu quero o mar.

\*

---

<sup>38</sup> NUNES, Benedito. "Confissões do Solitário". **Folha do Norte**. Belém, 06 jul.1947, Arte Suplemento Literatura, p.3. Aforismos de 44 a 60.

52 – Todos os homens têm igual direito à nossa bondade. Por que também não à nossa ironia?

\*

53 – James Bahmes. Aparentemente opaco, assim como o sódio, mas quando riscado, mostra um pouco de luz!

\*

54 – O Elogio da Loucura é necessário agora no sentido metafísico. Como pôde um fraco animal chegar ao homem? Um simples organismo desdobrando-se, tornando-se complexo, correndo o risco da inadaptação. A loucura explica esses passos.

A loucura cria uma nova vida.

\*

55 – Liberdade... A liberdade não quer parada, nem repouso. É uma força criadora, tem que levantar os seus próprios obstáculos para em seguida derrubá-los.

\*

56 – O gozo da vida só se realiza plenamente quando a nossa consciência está alerta ao mundo e luta continuamente com ele. Nenhuma calma, nenhum sossego poderá apanhar o choque das forças da natureza. Apenas os momentos de agitação espiritual trazem a compreensão de que estamos identificados com a vida. A poesia é apenas um intervalo aparentemente calmo onde tomamos consciência dessa ligação natural com as coisas.

\*

57 – As nossas lutas, esse desespero, essa agonia, que é isto, afinal? Uma ilusão, nada mais. É a aparente incompatibilidade que o homem estabelece entre si mesmo e o universo, entre a sua pessoa e o meio no qual se move. A harmonia do homem e da natureza – aí está a verdadeira sabedoria.

\*

58 – Gostamos de conservar os nossos preconceitos, de cultivá-los e de ampliá-los. Nada mais fácil de reagir do que por meio deles... Constituem um organismo protetor aos nossos movimentos dentro da sociedade. Libertar-se dos preconceitos é algo difícil e doloroso, assim como abandonar um órgão que nos tornava a vida menos difícil...

59 – Muito sol. Muita luz. Vida e liberdade em demasia. A vida eu gostaria de provar aos poucos, sofrendo...

\*

60 – O heroísmo moderno está justamente em o homem não se deixar dobrar, em não ser um animal doméstico, mas um animal único, capaz de viver algumas vezes isolado, sem precisar de socorro exterior. Que graves concessões não se fazem as maiorias!

Resistir - é a voz da própria vida, que fica e passa o tempo. O homem (o super-homem?) cumpre separar a sua existência do tempo. Deverá viver, então, como Goethe e Gide, fiel a si mesmo.

.

### 5.3.6 - 6º *Confissões do Solitário* (61-68)<sup>39</sup>

12 de julho de 1947

61 – Spinoza fazia consistir a liberdade moral no domínio sobre as paixões e os instintos. Não conseguimos isto senão quando exercemos vigilância constante sobre o inconsciente. Khrishnamurti dá-nos a fórmula – a percepção da vida deve ser clara, direta e simples. Se a memória influir, o passado traz um contingente inútil de impressões e o gozo da vida no presente será então perturbado. Os instintos e os estranhos impulsos do inconsciente, quando desenfreados, vem quebrar a duração do homem e a sua calma e profunda integração na existência dos seres.

E agora, examinando o outro lado do problema, liberdade moral, ceder às paixões não será também um modo de libertar-se? André Gide encontrou a sua “normalidade”, num desvio sexual, afirma o biógrafo Klaus Mann. Um jovem árabe, pobre rapaz, abriu-lhe o bom caminho...

Lutar contra as paixões é bem melhor do que dominá-las completamente, - Ceder, para depois disciplinar o espírito, mas por alguns instantes. O dogma da queda me satisfaz plenamente, mas da queda que se renova, que é a própria vida do homem.

\*

62 – Em que difere o sentimento religioso do sentimento poético/ O poeta e o religioso ambos procuram atingir aquele estado que Whitehead chama de “apreensão da visão ordenadora”.

\*

63 – O poeta quer ser fiel ao mundo tanto quanto possível e o religioso que ama deus e nele confia, faz, indiretamente, voto de confiança na vida.

\*

64 – Religião é aceitar a vida com elevação e poesia.

\*

65 – As religiões, no Ocidente, sofreram sérias restrições. Restrição que não atinge o sentimento religioso mas sim a moral religiosa.

O catolicismo, dificilmente se acostumou às mudanças na ordem social e moral trazidas pela Idade Moderna. Foi preciso muito tempo para que os seus preceitos se adaptassem ao novo homem. E até hoje a Igreja continua esclarecendo os seus fiéis, os dominicanos acham-se vigilantes e esclarecem que a piedade não é toda a vida do cristão.

Um obscuro senhor francês, naturalmente da geração de livre pensadores do século XIX, dizia que os católicos apreciavam Pasteur, mais pela sua frequência à missa, do que pela sua humanidade...

Independente de qualquer atitude religiosa, o homem pode tomar hoje uma posição moral definida. Leio nas “Reportagens Imaginárias” de Gide que “a

---

<sup>39</sup> NUNES, Benedito. *Confissões do Solitário*. **Folha do Norte**, Belém, 12 jul. 1947, Arte Suplemento Literatura, p.2. Aforismos de 61 a 68.

dignidade humana, é essa espécie de atitude moral de consistência, na qual colocamos as nossas esperanças

\*

66 – No próprio raciocínio, na lógica que a inteligência naturalmente estabelece, há um princípio de contradição. A razão que chega às leis científicas pode também criar ídolos e ilusões. Se bem que as leis não sejam totalmente exatas e as ilusões quase sempre inflexíveis.

O homem procura no fato particular, a realidade total, diminuindo cada vez mais a distância que separa as suas fórmulas e os seus conceitos intelectuais da vida e da natureza...

E isto se dá rapidamente, enquanto que as ilusões do espírito humano não se exterminam com facilidade. Os deuses costumam a morrer; há necessidade ainda de cultivar-lhes a barba... Além do medo, criou-os também a razão...

\*

67 – O erro do platonismo foi separar a inteligência da vida e acreditar que aquela representasse a realidade última. O resultado natural era chegar a uma Suprema Inteligência...

\*

68 – Unamuno achava que o cristianismo social constituía um verdadeiro absurdo. E diz naquele seu estilo de lutador impecável:

“É que a cristandade pede uma solidão perfeita; é que o ideal da cristandade é um cartucho que deixa pai e mãe e irmão por Cristo e renuncia a formar família, a ser marido, a ser pai”.

Ouçõ falar em ação social cristã. As Igrejas, principalmente a católica, tomam parte na tarefa de reorganização das sociedades humanas em princípios mais justos.

Mas, pergunto, - pode a Igreja fazer da questão social toda a sua vida, desenvolver por ela, por amor a essa nova causa, toda a zelosa atividade que desde séculos vem empregando na salvação das almas? Uma coisa é certa: a Igreja não se pode desviar da sua verdadeira finalidade. Acima de tudo estão os interesses do reino de Deus, e eis porque o cristianismo não oferece aos homens a utopia. O cristão vê na história apenas um processo que será interrompido para dar lugar a Eternidade... Então começará a vida sobrenatural do cristão.

O programa da Igreja, em relação às transformações urgentes pelas quais a sociedade tem que passar, inevitavelmente, está traçado. Nenhuma palavra de ordem esperemos dela senão – remediar. Transformar, inverter a ordem, subverter os valores, atingir um estado de comunhão humana mais elevado – é a tarefa da qual, por força, se afasta preservando a sua condição divina...

As utopias comprometem o destino da Igreja...

### 5.3.7 - 7º Confissões do Solitário (69 – 78)<sup>40</sup>

3 de agosto de 1947

69 – Volta a Whitman. Agora convém ler mais detidamente os meus poemas depois dos primeiros entusiasmos. E é precisamente quando me sinto identificado ao grande cantor do mundo e descubro a sua angústia pela alegria.

Não há posição mais simpática do que deste poeta americano! Ele não apresenta solução para os problemas humanos e, portanto, a nenhuma fórmula meramente intelectual deve aprisionar a sua existência.

Whitman é amoralista. O que o homem tem de divino é a sua inquietação. Não nos basta viver segundo regras mais ou menos simpáticas; queremos atingir um estado mais perfeito de existência. A grandeza não é senão desenvolvimento; e em que série de sacrifícios implica a evolução do homem!

A primeira palavra da sabedoria de Goethe, mostra-nos Gide. (Introdução ao Teatro de Goethe) é evolução e a segunda renúncia. Eis o ponto onde dois homens se divorciam, na segunda palavra – renúncia. Whitman é o homem sem limites, aceita incessantemente todas as manifestações da vida, o espírito insatisfeito.

“Até agora esgotamos trilhões de invernos e de verões; ainda nos faltam trilhões por esgotar e depois desses, trilhões e mais trilhões”.

Está sempre à espera de novos prazeres, mas também de sacrifícios que lhes possam dar uma alegria cada vez maior.

A única palavra calma nos poemas de Whitman é – Eternidade.

\*

70 – Qual a posição de Whitman, em relação ao cristianismo? Ele mesmo diz: “Aceito os Evangelhos, aceito o que foi crucificado, sei, sem dúvida, que é divino”. Não é uma profissão de fé... Sabe o poeta que Cristo é divino. Mas isso o que pode significar? Ao homem cabe ultrapassar as suas normas, os seus preceitos e até mesmo os seus deuses...

\*

71 – Apesar da inquietação que produz em nós o sofrimento, sentimos a falta de uma preocupação em cada dia e a alegria, quando não traz em si a amargura disfarçada, deixa-nos vazios e decepcionados.

Vida... O Raskolnikof de Dostoiévsky, condenado à mais dura das existências, pedia vida, de qualquer modo!

“Viver seja como for, mas viver!... Como isto é verdadeiro, meu Deus, como é verdadeiro!”

\*

72 – No domínio do amor ao próximo, fazemos o suficiente para que nos deixem em paz...

\*

---

<sup>40</sup> NUNES, Benedito. Confissões do Solitário. **Folha do Norte**. Belém, 3 ago. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2. Aforismos de 69 a 78.

73 – Há na intimidade do espírito mais controlado um abismo que, de repente, pode revelar as suas gargantas profundíssimas e a sua obscuridade ameaçadora.

“Hélas, tout est abîme...”

Diz o poeta Baudelaire.

Os olhos do homem que encontrou a paz refletem o receio de descobrir, no mais inocente dos prazeres, a primeira declaração de guerra...

\*

74 – Se a vida nos oferece a calma dos lagos e das paisagens campestres, muitos homens imigrariam para as florestas sombrias e úmidas; outros sentiriam prazer em enfrentar as tormentas do mar. A inquietação insofreável do espírito humano é a natureza demoníaca mostrando-se superior aos anseios de quietude e bem-aventurança e arrastando-nos à intensidade das aventuras e dos perigos.

A voz de Mefistófeles, propondo a Fausto a aventura sem limites, apresenta um novo sentido para a liberdade espiritual. Entretanto, quando Fausto prova de todos os prazeres, e vê de perto o corpo do Universo, cai numa desoladora tristeza, num profundo abatimento e, amargamente, se arrepende de ter levado o amor ao coração de Margarida... Mas tudo isso é muito natural; Fausto tem que recomeçar e novamente atravessar todos os graus das paixões arrebatadoras, não mais acompanhado de Mefistófeles, porque ele já aprendeu a ser demoníaco...

\*

75 – Os poetas se esforçam por transmitir-nos o sentido mais profundo que a existência revela em cada ser humano.

\*

76 – Os homens deviam procurar o amor com o mesmo despreendimento empregado na pesquisa da verdade; assim talvez o amor não oferecesse tantas desilusões e a verdade se tornasse menos desumana e fria.

\*

77 – A descrença é fértil; é, muitas vezes, um sintoma de aperfeiçoamento intelectual: nesse caso, quando descremos, é que estamos começando a crer em alguma coisa mais alta...

\*

78 – Não gosto de regras morais – mas, se há atitude moral que possamos admitir, é a identidade do homem consigo e a profunda harmonia da vida, com as convicções de cada um. Em última análise, essa atitude moral vem a ser o critério da verdade, elevado a critério supremo na orientação dos nossos atos...

## 5. 4 CRÔNICA SOBRE CIÊNCIA, POESIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO

É bem necessário serem os homens amantes da sabedoria para investigar muitas coisas.

(Heráclito)

### 5.4.1 Ação e Poesia I<sup>41</sup>

1º de junho de 1947

Pela ação o homem se coloca num plano avançado do conhecimento e, reagindo ao mundo pela experiência animal e pela inteligência humana, faz desaparecer essa inacessibilidade do númeno, criando um plano de transcendência no qual se move quase livre. Esse plano de transcendência não deve ser entendido no sentido de sobrenatural, mas na harmonia entre a ideia e o mundo. Não é qualquer coisa de extraterreno ou um estado místico.

A filosofia marxista apregoa o conhecido postulado da identidade entre a inteligência e a matéria o que se pode traduzir também pela identidade entre espírito e matéria. A ciência já custa a distinguir o ser bruto do ser vivo. A física deu o golpe definitivo na pretensa imobilidade do corpo inorgânico, na passividade da matéria, na afirmativa de que as partes de um rochedo são estruturas, achando-se adormecidas e sem vida.

A inteligência humana não é imperfeita, mas adequada ao mundo, por intuição penetra no mundo do ser. O homem tem a existência seccionada em dois planos: um de vida real, outro de poesia.

Foram graves as consequências do kantismo. Inacessível a essência do mundo e imperfeito à faculdade de compreender pela sua própria constituição íntima, compete ao homem erigir os próprios valores da sua ação real. E esta, imprópria ao mundo, devia limitar-se a um círculo cada vez mais estreito, restringindo a ideia geral do homem ao cidadão, ao burguês, ao proprietário. Passamos a lidar com o dever, com o “duty”, com uma relação de obrigações interessando apenas ao indivíduo, não à pessoa humana. Competia a inteligência procurar o melhor, máxima utilidade, também a máxima eficiência. O interessante é notar que uma filosofia utilitarista que o kantismo renunciara aparece, simultaneamente, com o crescimento do capitalismo no século XIX. Filosofia que garantia ao patrão o dinamismo do trabalhador e que talvez tenha conseguido, logo no seguinte século, o seu máximo representante no habilidoso Ford.

---

<sup>41</sup> NUNES, Benedito. “Ação e Poesia I” (Especial para a FOLHA DO NORTE). **Folha do Norte**. Belém, 01 jun. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

O valor da ação é exagerado, até o último ponto e mesmo desvirtuado nos países industriais modernos. De vez em quando os Estados Unidos fazem circular pela América toda um livro que nos indica a maneira de enriquecer facilmente ou de alcançar a felicidade.

Nós temos o direito de rir das civilizações modernas como aquele impagável chinês Lin Yutang. Ele não gostou de residir em New-York. Porque os americanos almoçavam em pé durante os intervalos de trabalho, apressados, simplesmente por causa do dever. Enquanto Lin Yutang, na China, toma descansadamente o seu fumo, e lê delicados poemas. Engole calmamente a vida em chávenas de chá; acha Kant bastante aborrecido e olha modestas paisagens de arrozais e pontes frágeis sobre rios minúsculos. Só. Não é um homem de ação. É estático. Contemplativo. **Mister Remingway**<sup>42</sup> ao contrário, lê pacientemente o último número do “Reader’s Digest”, aos solavancos, no ônibus da fábrica. Cumpre pontualmente o dever, bebe o “lunch” que faz acompanhar de duas ou três pílulas vitaminadas, de máxima eficiência nutritiva. Há lugar ainda para a Bíblia: interpretação, à noite, do mais enfadonho trecho do gênesis, aos cochilos dos guris bochechudos.

Mister Remingway não tem concessões à natureza, à paisagem, a uma assistência dominical e oxigênio puro fora da “city”. O domingo é para o romance condensado. Dickens ou Dear Biggers. Porém Mister Remingway, o sério burguês não reclama; o homem tem que atender às necessidades do progresso e adotar o dinamismo como salvação enquanto outros acham-se profundamente desambientados no meio social contemporâneo, para eles quase inóspito. Aldous Huxley satiriza este avanço da humanidade, a passos longos de industrialismo, o industrialismo que, inevitavelmente, alcançará formas cada vez mais aperfeiçoadas. E haverá então departamentos de reprodução, como na utopia do escritor inglês, onde os futuros bebês, em boiões, esperam a vida, já condicionados a este ou aquele setor de atividade, pela intervenção do embriologista no processo de desenvolvimento do feto.

Não se pode condenar o industrialismo, porque é camada de cultura da época; o que se condena é a absorção da pessoa humana pelo industrialismo. Bertrand Russell é quem melhor traduz este anseio de felicidade, oposto à rigidez do “duty” elevando-se ao estado poético.

“Quando chegar a hora da minha morte, diz ele, não sentirei ter vivido em vão. Terei visto os crepúsculos roxos da tarde, o rocio da manhã e a neve

---

<sup>42</sup> Grifo da autora desta Tese. À primeira vista, parece que Benedito Nunes está falando de Ernest Hemingway (1899-1961), escritor norte-americano, que, entre outros livros, escreve: *Por quem os sinos dobram* (1940) e *O velho e o mar* (1952). Porém, ao tratar de questões filosóficas a respeito de “ação e poesia”, exemplifica com duas personagens: uma norte-americana e uma chinesa. A norte-americana é Remingwai, personagem nova-iorquina, que vive o dia a dia das fábricas em uma cidade grande, agitada, sem tempo para pensar, comparada em tom irônico com Lin Yutang, personagem chinesa que vive uma vida calma, com seus fumos e chás. Nessa comparação, Nunes critica o Kantismo, porque, segundo o intelectual brasileiro, Kant engendra uma “filosofia utilitarista” que o capitalismo desenvolve, causando prejuízos aos homens, especialmente aos poetas.

brilhando sob os raios do sol universal; terei ouvido a chuva depois da seca e o Atlântico tormentoso bater nas costas graníticas da Cornualha. Entusiasmado com Whitman, assim se expressou um cientista moderno. Agindo no instante onde o tempo para “no indicativo presente como um fato de experiência direta”. E isto é ação. E o indu Khrishnamurti definiu a ação como sendo a própria vida.

## 5.4.2 Ação e Poesia II<sup>43</sup>

8 de junho de 1947

Descobrir a essência da realidade seria ler o conhecimento absoluto, em outras palavras, a verdade absoluta, e a verdade absoluta supõe um princípio único, debaixo do qual se coordenem os fatos universais. Ela não pode ser múltipla e tende a unidade à causa única, ao fenômeno impar – ou Deus. E Deus, como define o tomismo, é princípio e fim do homem. A origem e a finalidade. A metafísica não tem tido outro grande princípio a não ser Deus. Seja o primeiro motor de Aristóteles, o ser necessário dos escolásticos – o conceito divino até agora fundamentou a metafísica.

Libertou-se a metafísica da teologia pela “Crítica da Razão Pura” e ressurgiu depois humanizada e Bergson criava um plano de transcendência quando o seu Deus latejava de dentro pra fora...

A verdade absoluta ou essência da realidade pode ser explicada como ilusão do espírito humano, desde que nós, como anunciava o ceticismo de Santayana, descobrimos apenas as perspectivas. O conhecimento completo, dizia ele, seria incompatível com o fato de estarmos vivos. Não nos compete espiar através do particular a ideia divina...

Aceitar essas conclusões não será por acaso uma contradição, desde que matéria e pensamento se harmonizam, e a inteligência penetra nas profundezas do ser como a agulha do bacteriologista no sangue humano? Acode, agora, a concepção do positivismo. O positivismo negou a transcendência da metafísica, declarando-a inútil e incompatível com a verdadeira finalidade do espírito humano, que era generalizar os fatos e colaborar na investigação científica, integrando-se no terceiro estado. Mas esta ideia mesma do progresso da ciência tende a um limite em que todos os fatos particulares deixarão de existir, a não ser num só, único, e aí temos novamente Deus – que volta insistente na história das ideias. Porque a ciência daria, de certo ponto em diante, a filosofia. Há um momento no qual ciência e metafísica se confundem. Basta lembrar que hoje, propriamente, não existe uma ciência física oficial.

O positivismo era, conquanto veladamente, um anseio para a verdade completa, desde que o caminho iria sendo feito, pouco a pouco, pela ciência.

Referimo-nos a Bergson e dele dissemos que criou, num plano, o homem livre, e no mesmo plano Deus.

Um antropocentrismo nada modesto. Desdenhava de nossa animalidade...

Mas aqui já se rompe a noção medieval de que o homem ficava entre dois mundos, o divino e o humano. Rompe-se a fronteira e só há um limite: o homem. E ele sente isto pelo “intueor”. A intuição.

Agora, numa só cadeia, fazem-se todas as nossas relações com o mundo – cadeia de vida – e não é de admirar que o problema do idealismo crítico tenha

---

<sup>43</sup> NUNES, Benedito. “Ação e poesia” II. **Folha do Norte**. Belém, 08 de jun.1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

sido afastado. O pensamento dá a medida perfeita do ser que afeta os nossos sentidos, do ser particular. Lidamos com ele, habitual e frequentemente; e a inteligência uniu-se ao seu objeto. Mas, ao mesmo tempo que neste plano todas as relações se acham esclarecidas, há outro - e quem dele pode fugir - tradicionalmente o metafísico e transcendental. É onde a vida desliza, como de um viaduto se pode ver passar, em disparada, o trem sobre a ponte de ferro. Submetê-lo à razão seria facilmente repetir uma frustrada experiência metafísica. E novamente surgiria o idealismo, imprimindo lógica à vida, à vida que talvez seja ordenada por acaso.

O próprio físico Eddington não se furta à afirmativa de que tudo talvez se deve ao azar e, diz ele, um macaco poderia compor alguns manuscritos do Museu Britânico ou as teclas da máquina de escrever, batidas sem ordem, produziriam uma sentença perfeitamente inteligível. Não nos devemos admirar dessa hipótese absolutamente contrária à ordem e unidade das leis científicas. É que o pensamento científico entra hoje num dos seus mais graves tranSES.

A passagem da vida, o homem deve reter em si, no sentido poético, procurando selecionar os fatos e caminhar em busca das essências ou da essência única. Isto é ação fora do tempo e no Eterno.

Santayana distinguia a experiência científica da poética, dando mais valor a esta, “a qualidade poética da experiência”. Vida na poesia. Na metafísica. Que sentiu aquele solitário Amiel que “não é a vida futura, é a vida na ordem, a vida em Deus, e o tempo deve aprender a ver-se como um movimento de eternidade, como uma ondulação do oceano do ser”.

Felizmente, o nosso século é de poesia, e os poetas alcançaram uma nova forma de expressão até agora inacessível e velada a muitos homens. Uma tentativa para atingir a expressão real, para cobrir a deficiência das palavras vazias.

Precisamos viver a experiência alheia, aproveitando-nos desses momentos de contato com o mundo.

O poeta não precisa de nenhum símbolo, acha-se livre no único plano de transcendência possível. E por isso exclui a lógica formal, qualquer outro artifício meramente auditivo ou musical. Apenas, declara Eduardo Frieiro, “a notação de um estado poético pré-lógico ou extra-lógico, a essência de um momento emotivo puro”.

Não se pode desprezar a noção de verdade absoluta ou de essência da realidade quando neste sentido - a pessoa humana dela se nutre e é absolvida quase totalmente por ela.

Aprendendo a lidar ainda com, o mundo dos fatos, o estado poético ou metafísico, antecipa, muitas vezes, todo conhecimento possível, em dado instante.

A ação do homem deve ser encaminhada no sentido de apanhar trechos desse estado poético, enfim, a felicidade.

## 5. 5 PRIMEIRAS CRÍTICAS DE POESIA:

Os dedos contam as ondas  
Os minutos talvez,  
Jamais o anelo.

Podes marcar a face disfarçada,  
a barba,  
os bens,  
todos os sonhos,  
mas escravos do real só te aceitamos  
na tua farda de pelos,  
sangue  
e ossos

(Ruy Barata)

### 5.5.1 Entrevista - Posição e destino da literatura paraense<sup>44</sup>.

1º de janeiro de 1948

PROSSEGUE O MOVIMENTADO INQUÉRITO COM O DEPOIMENTO DE  
BENEDITO NUNES – “A VELHA GERAÇÃO DESCONHECEU O VERDADEIRO  
SENTIDO DA ARTE: DE VIGOROSA INTEGRAÇÃO NA VIDA”

Reportagem de Peri agosto

Estamos ultimando o movimentado inquérito que vimos promovendo entre os intelectuais paraenses, a respeito do tema já de todos conhecido. Iniciado no mês de outubro último, tiveram ensejo de prestar seus depoimentos Cléo Bernardo, Remígio Fernandez, Cecil Meira, Georgenor Franco, Levi Hall de Moura, Sultana Levy, Bruno de Menezes, Romeu Mariz, Stélio Maroja, Edgar Proença, Otávio Mendonça, R. de Sousa Moura, Geraldo Palmeira, Max Martins, Paulo Plínio Abreu e Ruy Coutinho. Faltam-nos ouvir Daniel Coelho de Sousa, F. Paulo Mendes, Júlio Colares, Oséas Antunes, Ernesto Cruz, Ruy Guilherme Barata, Mário Couto, Caubi Cruz, Mario Faustino e poucos mais.

Hoje publicamos a brilhante resposta do nosso jovem colaborador Benedito Nunes, um dos “novíssimos” da geração literária paraense. Não obstante os seus 18 anos de idade, Benedito Nunes é uma das expressões mais representativas do movimento intelectual que presentemente se registra entre nós. O seu depoimento

---

<sup>44</sup> PERI, Augusto. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistado Benedito Nunes. **Folha do Norte**, Belém, 01 jan. 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 7.

vale inclusive como afirmação da seriedade com que os escritores novos encaram os problemas do seu tempo.

#### DEPOIMENTO

É extraordinária a maneira da nova geração enfrentar o problema da liberdade humana e é justamente essa atitude que vai caracterizá-la. Para a nova geração a liberdade humana adquire o valor de uma descoberta, uma dessas descobertas que, mesmo já tendo sido atingidas, conservam a novidade do primeiro contato e a sinceridade com que a geração passa a viver essa experiência, mostra o lado vital da descoberta.

Não interessa à nova geração constatar que o homem é livre. Toda a sua força está em suportar as consequências do achado e, reafirmar as raízes heroicas da dignidade humana.

Os novos não poderiam deixar de ser revolucionários; são tanto mais revolucionários quanto não abusam da palavra revolução.

É claro, que se deixa de lado um tipo qualquer de movimento revolucionário na esfera social – seja aquele do tipo marxista ou a sua contrária, burguesia – e a revolução assume o caráter de um pacto firmado com a integridade da pessoa humana e que só a vida heroica pode assegurar. O heroísmo é a posição de consistência, a mesma posição de “consistência moral” de que nos fala Gide, a defesa intransigente daquele núcleo de verdades sem as quais seria impossível uma vida humana.

“Nada de transigir. É preciso viver resolutamente na integridade, na plenitude e na beleza”. Para mim, essa frase de Goethe que, certa vez, Mazzini citou a Nietzsche, sintetiza grande parte da mensagem da nova geração. E é da posição que conserva, ferindo de frente os problemas humanos, que se deve partir a fim de penetrar no seu modo de ser estético.

Verificamos então que a arte pode fornecer ao homem um conhecimento mais profundo de sua natureza e, como tal, a poesia se vê transformada em elemento de pesquisa, de penetração quando o momento criador do artista consiste em procurar traduzir a sua “vivência”, ligando-se ao mundo objetivo pelo que existe em si de permanente e essencial.

Também a geração moderna necessita achar no trabalho artístico a segurança e a confirmação do seu trabalho artístico.

O artista, especialmente o escritor, abandonou qualquer artifício como era aquele da “arte pela arte”, e pôs-se, resolutamente ao lado do homem. Ligando a atividade estética aos anseios e esperanças de um maior equilíbrio social e humano, conservamos essa ligação até onde não gere certos exageros como os romances ditos sociais e que, na verdade, não passam de socialistas...

O verdadeiro criador, o artista, acerta, entretanto, ao dar à sua arte o sentido de que falava Stendhal – a arte, como promessa de felicidade.

A geração moderna começa tendo uma visão segura de seu destino e, o que realiza, orientada pelas suas próprias conquistas, não se prende, por certo, aos esforços de uma geração anterior. Com a passada geração paraense acontece ter sido desde logo, uma geração malograda. Esteve à margem da vida

humana profunda e por esta se desinteressou deliberadamente afim de preservar um falso conceito de vida artística. Era, partindo desse conceito que o artista desinteressado pela realidade da vida humana (pela normalidade da vida humana que Chesterton descobriu rica em surpresas e onde Joyce foi buscar o seu herói), proclamava que “era necessário beber a grandes tragos na taça da quimera”. Em consequência, o que de fato realizaram, o que realizaram ainda os transnotados de velha geração, mostra-se de uma debilidade imperdoável, principalmente em poesia.

Acredito que tenham feito arte, mas no sentido restrito, de ofício. Desconheceram o outro, o verdadeiro – de vigorosa integração na vida.

Por isso não é de admirar a incompreensão dos intelectuais do passado em frente ao que seja a arte moderna, pois nem sequer alcançaram a significação exata do fenômeno artístico. Puseram em jogo o sentido comum numa coisa que, por sua própria natureza, repelia esse mesmo sentido comum. Um dos argumentos que lançava outro dia o Sr. Remígio Fernandez contra a poesia moderna era o de que se opunha ao “sentimento do sentido comum”. Ora, este sentido comum é bom apenas para a cozinha, como dizia Hegel.

O fracasso da velha geração foi cômico antes mesmo que trágico. Foi cômico porque tornou-se patente a sua infidelidade ao movimento histórico em que vivia, desconhecendo as exigências culturais e humanas da época. Deleitava-se ainda em Coelho Neto e nas versões portuguesas de Haeckel, enquanto os novos, pelo sentimento poético e pela fé na vida, estavam convencidos de uma verdade super-humana da qual cada homem livre constituía o mais profundo testemunho. Tinham muitas coisas a ensinar aos velhos, sem dúvida, que ressentidos rejeitaram em aprender com eles...

## 5.5.2 Dez Poetas Paraenses<sup>45</sup>

31 de dezembro de 1950

Mostrando o interesse que vem despertando entre nós o suplemento Literário da FOLHA DO NORTE, presentemente em nova fase, o nosso redator recebeu a carta e notas, que abaixo transcrevemos:

Belém, 28 de dezembro de 1950.

1.

Ilmo. Sr. Redator do Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE. – Nesta.

De passagem por esta cidade, domingo último, quando foi publicado no Suplemento Literário uma antologia de poemas de dez poetas paraenses, que li e achei muito interessante, tomo a liberdade de mandar-lhe, juntamente com esta, algumas observações que essa leitura me sugeriu.

Não tenho pretensões de fazer crítica e mesmo os meus afazeres que são inúmeros não me deixam tempo para dedicar-me ao trabalho contínuo e severo que a Literatura exige. Mas pensei que seria bom mostrar, escrevendo essas notas, a impressão que causou numa pessoa, que não vive radicada aqui, a coletânea organizada por V. S. Poderia dirigir-lhe o que escrevi, em caráter particular; entretanto atendendo à missão que desempenham os Suplementos Literários, que é de divulgação e esclarecimentos, não hesito em pedir-lhe que receba minhas notas para dar-lhes publicidade no Suplemento ou até mesmo no corpo do jornal.

Atenciosamente  
JOÃO AFONSO

Nunca a Esfinge formulou perguntas que fossem mais difíceis do que aos poemas do Sr. Floriano Jayme. Não é a dificuldade natural que se encontra diante de um verso cujo hermetismo reconhecido traduz algo que sentimos e que não podemos exprimir. Não é uma dificuldade poética, digamos assim: ela é uma dificuldade material. As palavras empregadas são tão surpreendentes como se em plena zona equatorial caísse uma chuva de gelo. São verdadeiros blocos que a alavanca do pensamento não consegue mover e ficamos a perguntar como o poeta arranjou para elas ficarem colocadas de maneira propícia a causar tropeços nos que se aventuram a trilhar um caminho tão acidentado. Mas, de repente, esse poeta desconcertante, que parece andar abaixado nas perfurações que cavou no

---

<sup>45</sup> NUNES, Benedito. "Dez poetas paraenses". João Afonso (pseudônimo de Benedito Nunes). **Folha do Norte**. Belém, 31 dez.1950, Arte Suplemento Letras, (Edição Especial), p. 4-2. Primeiro texto de Benedito Nunes com análise de poemas. No entanto, como os poemas são de seus colegas e dele próprio, usa o pseudônimo João Afonso. Esse texto gerou revolta entre os poetas e, por causa dele, são publicados dois textos rebatendo a crítica de Nunes feita aos vates paraenses. Trata-se de um texto de Haroldo Maranhão e outro de Floriano Jayme, que, pelo seu texto, parece ter se ofendido profundamente com as críticas aos seus poemas.

seu próprio subconsciente, escreve um, dois, três e até quatro versos em que se sente a vida toda de um poema, de um poema novo, que poderia vir à luz, se pena mais hábil e mais experiente estivesse preparada para arrancá-lo do caos. Esses versos são uma descoberta inconsciente. Vê-se isso pelos que o procedem e pelos que o seguem. E como puro movimento do inconsciente tem apenas um valor circunstancial.

Tome-se como exemplo o final do seu poema “Palavras de Lícia”:

A tua fonte Lícia me mostra o reino das palavras  
que me fazem conhecer o indizível  
Deixa agora Lícia que eu morra em acalanto  
e me deite sobre a precisão das porcelana.

Esses versos constituem uma aparição inesperada. O melhor da poesia do Sr. Floriano Jayme é feita destes corpos estanhos, destas constelações de uma realidade profundamente poética, que escapa no ritmo normal da sua poesia. Nele a poesia ainda é uma notação do inconsciente – uma espécie de gráfico descritivo, de estados sonambúlicos e de leitura muitíssimo complicada, como a de um gráfico dessa espécie. A primeira impressão que se tem dessa poesia é que ela é apenas mistificação. Primeiramente, fica-se a pensar, que seja um logro armado para o leitor. Mas, a densidade poética de certos versos, que caem na nossa admiração, faz crer que é o poeta o mistificador e o mistificado, dado o contraste entre as exceções e a regra geral. Parece-me que ele está possuído pela necessidade louca de encontrar a poesia, seja a que preço for, mesmo com sacrifício da própria poesia.

O poeta não é como o selvagem de Rousseau. Este não vive em estado de natureza, porque a natureza com que ele trata, não é esta que nos cerca. As invocações, os vocativos que qualquer um de nós atirasse ao Sol, esperando ele nos devolvesse versos, não constituem poesia. A euforia que uma pessoa extremamente sensível possa gozar diante de um espetáculo de grande beleza, não passa de um estado de espírito, favorável, é certo, a que lindos poemas tomem a sua natureza que ele educou mediante um processo contínuo de trocas entre a realidade objetiva e a subjetividade. Até conseguir subjugar a num campo seu, onde ela se manifesta de modo a ser captada de maneira poética, - nem completamente objetiva, nem completamente subjetiva, mas uma fusão orgânica de duas realidades – isto é, simbólica. Assim o poeta cria um mundo que é seu, cuja base ontológica é a palavra que fundiu dois mundos aparentemente incompatíveis. Mas aqui não se trata de palavra pura e simples e sim a palavra referida a uma “vivência”, da palavra que serve para levar a outra pessoa a ressonância de uma impressão das coisas que só ao poeta foi dado viver na intimidade misteriosa do ato criador. O Sr. Mário Faustino parece ter encontrado o seu mundo particular, mas é fora de dúvida que não tomou as devidas providências para nele se fixar em caráter definitivo. É, segundo os dados biográficos, um rapaz de apenas vinte anos que, para surpresa nossa, pode dispor de uma técnica que os bons poetas só usam aos quarenta. Daí a razão por que conseguiu revalorizar, imprimindo um cunho pessoalíssimo de tratamento, dois temas que foram a consagração de muitos poetas notáveis e a tábua de salvação

de um sem número de medíocres: o Anjo e a Rosa. Essa maestria no tratamento poético, a posse em que ele se encontra dos segredos da técnica poética, são as suas perigosas virtudes. Porque o virtuosismo é uma qualidade absorvente, que o poeta que a detém, pensa poder criar unicamente às suas expensas e, em consequência, opera-se uma confusão de conceitos – entre técnica e substância poética – em virtude da qual a primeira é tida como equivalente da segunda. Daí dizermos que o seu universo poético é vacilante. Vacila sob o peso duma grande beleza ainda não inteiramente possuída. Uma beleza insincera, que ele captou por meio de sua técnica, de sua habilidade para o verso e que não encontra uma base espiritual – enfim, uma beleza sem mundo, que tem apenas a vida que lhe dá o poder mágico da palavra. Esse poder mágico da palavra o Sr. Haroldo Maranhão procurou alcançar, sem conseguir. A sua canção “Enlevo” é uma tentativa feliz nesse sentido. Mas há nela um encadeamento artificial e mecânico das imagens (dir-se-ia que as palavras têm um som abafado) que não se encontram perfeitamente ajustadas àquilo que o poeta tem a dizer. Aliás, o seu defeito primordial, como se pode notar em:

“A derradeira endeixa para Edelweiss caindo”, é querer dizer muito para, no final, dizer poeticamente muito pouco. Essa imperfeição acha-se eliminada em “Breve apelo”, onde conseguiu controlar o seu estado emocional, através da concisão da linguagem, até ao achado final:

Nossa memória: o azul amanhecendo.

O que se chama de achado em poesia, não é sempre, a meu ver, pura obra do acaso. Este fenômeno está condicionado à conquista do espírito poético e se dá quando o poeta entra na posse das suas imagens e dos seus símbolos. A partir desse momento ele se locomove com mais facilidade entre as coisas que descobriu e que fez suas – parte de sua personalidade. E então, qualquer achado será como que uma reminiscência das ideias supremas que presidem a todo trabalho de seu espírito. Será, numa interpretação platônica, um desdobramento dos modelos ideais que guarda na intimidade de sua visão particular da existência. Os achados puramente casuais não representam uma conquista definitiva na vida do poeta. É o que nos sugere a poesia do Sr. Benedito Nunes. Aqui e ali um e outro achado, (em “Mar”, por exemplo) que ele não soube aproveitar, mostrando-se quase que inteiramente desprovida do manejo da técnica do verso. De repente, tem-se a impressão de que o poeta ia acertar: chega-se a torcer, mas faltam-lhe as forças necessárias para agarrar a poesia com unhas e dentes e torná-la submissa. Em “Salmo”, ele apenas reuniu material para um poema; e não fez o poema. Acho que sugeri que ia fazer.

Ao seu lado, o Sr. Caubi Cruz, que se identifica mal pelo retrato, fez o “Soneto da palavra esquecida”. Vai nessa afirmativa a minha admiração pela sua poesia, na qual ainda persiste uma certa indecisão que transparece na escolha cautelosa das palavras, como se o poeta ficasse tomado pela timidez no momento em que vai escolher. Mas as palavras fluem com liquidez e ocupam o lugar conveniente, de acordo com a densidade poética de que são dotadas. É justamente essa densidade poética das palavras que o Sr. Alonso Rocha prejudica, só para servir ao preconceito da perfeição parnasiana da forma. Se ele

experimentasse abrir as comportas dos seus lindos sonetos (porque até os sonetos estão prisioneiros) não sofreria prejuízo algum em sua integridade poética.

Numa das fotografias aparece o Sr. Max Martins acendendo um cigarro. Eis aí um motivo que ele não deixaria de aproveitar. A sua poesia tem o cotidiano como matéria prima. Dela extrai a substância para os seus versos. É uma poesia perigosa, da qual a beleza pode escapar de um momento para outro, ficando, em seu lugar, apenas o pitoresco e o anedótico. Mas o que acho admirável e em virtude do que não tenho dúvidas quanto à possibilidade do poeta conseguir exterminar essa ameaça de uma vez por todas, é o profundo sentimento de viver que lateja nesses poemas. Quem sabe até só não foi essa necessidade furiosa de viver que transparece em seus versos, que o levou a procurar a segunda vida que a poesia dá? A vocação para a vida teria forçado o aparecimento da vocação poética. No Sr. Paulo Plínio Abreu essa vocação poética incorporou a vida em si mesma; quer dizer que se fez vida. A leitura de seus poemas não leva a outra conclusão. É um dado primordial de sua poética como e é também a pureza dos motivos. Nenhum resíduo em seus versos do trabalho severo que todo bom poeta realiza para encontrar na palavra o equivalente simbólico da imagem que foi concebida. Ele conseguiu apagar qualquer traço de fadiga; a receptividade de seus poemas é tão suave e se faz tão naturalmente como as cores em nossas pupilas. Gostaria de transcrever aqui todos os seus poemas.

A “Canção” de Maurício Rodrigues mostra as possibilidades do poeta: tem o sentido musical do verso. Lentamente, ele se prepara para a conquista de uma linguagem poética, que lhe pertence. Em poesia, como no comércio, é mais sábio não fazer empréstimos.

Necessito fazer um parêntesis. A ordem que obedeci para redação destas notas, foi o movimento preguiçoso do olhar, num dia de domingo. Fui, por isso, comentando, ao sabor das impressões mais próximas que se reavivam no momento em que escrevia. Não há outra ordem se não a que pode ter um homem sonolento – o ritmo irregular dos seus cochilos. Não li por último o Sr. Rui Guilherme Barata. Antes de passar pelos domínios dos outros poetas tomei conhecimento dele, mas como este senhor fez dentro da antologia uma outra antologia para si, resolvi deixá-lo para o fim. Era mais cômodo. Os seus trinta anos de poemas asseguram-lhe experiências poéticas decisivas. Da poesia dele não se pode falar em termos; gosta-se ou não. Já tem o seu ritmo, firmou a sua direção e podemos mencionar hoje, como daqui a muitos anos, um poeta Rui Guilherme. Esse poeta que é antes de tudo lúcido, movimenta-se num mundo que é seu pela graça da palavra subjugada e serva das imagens. O seu universo poético é o mesmo cotidiano, mas transfigurado pelo poder verbal de que é dotado e que situa em pleno território da poesia, a história de um espírito inquieto, angustiado, diante do mistério que representa uma existência em face das impressões mais comuns e habituais. O universo que ele criou situa-se nessa linha imaginária onde o cotidiano principia a mostrar a sua transcendência.

João Afonso

## 5. 6 PRIMEIRAS CRÍTICAS DE ROMANCE:

A crítica se propõe explicar e apresentar as obras e os autores de ontem e de hoje; a história literária, subgênero, especializa-se no exame das obras do passado. Ela traz à memória, conserva e classifica os fenômenos que compõem a vida das literaturas: os escritores e suas produções, o público, as relações entre o autor e o consumidor de livro. Fornece explicações. Mais profundamente, tenta fazê-los compreender e mesmo reviver o espaço de uma leitura; ou postula, a partir de acúmulo dos fatos, as normas ou leis que regem sua estrutura e seu devenir.

(P. Brunel Et. al)

### 5.6.1 O cotidiano e a Morte em Ivan Ilitch<sup>46</sup>

22 de janeiro de 1950

Diz Chestov que a morte tem as suas próprias evidências, que não são as mesmas do sentido comum [1]. Há uma realidade que pertence a todos os homens, realidade que eles podem sentir como a manifestação normal da existência, através das coisas e dos fatos que não escapam ao domínio da razão.

Ela, a morte, “possui as suas virtudes próprias, as suas próprias evidências, as suas possibilidades e impossibilidades, as quais não concordam com as nossas ideias ordinárias; por conseguinte, não podemos compreendê-las”. E não podemos compreendê-las à luz do conhecimento racional, com o auxílio das realidades que são comuns a todos os homens.

O sentido comum garante à vida a sua normalidade. Faz desaparecer as suas asperezas, elimina as contradições que se acham ocultas em seu âmago. Se podemos dar ao sentido comum uma função significativa, é esta, a de garantir ao homem um lugar na existência, um meio favorável ao seu desenvolvimento pacífico de suas inclinações e tendências. O mundo, tornado familiar, não comporta nenhuma revelação de ordem metafísica. Oferece ao homem apenas um conjunto de recursos necessários à satisfação de exigências que não ultrapassam o plano psicológico ou ético. A existência se transforma, assim, numa determinada forma de comportamento, na acepção mais vulgar do termo, enquanto o mundo é a base material indispensável para que se faça sentir a atuação da vontade e da inteligência humana.

Os homens para quem a vida se resume em fazer alguma coisa, em agir, em fazer ou desfazer compromissos que, neste caso, têm o caráter menos sólido

---

<sup>46</sup> NUNES, Benedito. *O cotidiano e a Morte em Ivan Ilitch*. **Folha do Norte**. Belém, 22 jan. 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 4-3-2.

que se possa imaginar, porque são firmados com o que há de contingente na vida, estando, portanto, sujeitos a mudanças imprevistas, não veem a morte senão como uma projeção muito vaga do futuro. Em consequência como o futuro é algo que, pelo avanço do presente, se vai dilatando, sendo, por conseguinte, uma possibilidade que se prorroga para mais além dos acontecimentos para os quais estamos voltados num dado momento, a morte é também uma possibilidade que se transfere sempre e que, por isso mesmo, não pode produzir no espírito do comum dos homens mais do que a impressão de ser uma ameaça longínqua.

O estado de espírito criado pelo sentido comum é um estado que desconhece a morte, ou antes, que vive numa ignorância ilusória da morte. Falamos num estado de espírito que seria produto do sentido comum, e isto, se é possível ligar o espírito, que representa a afirmação do homem como pessoa e, portanto, como criação da vontade divina, ao simples exemplar humano, que se satisfaz com as situações dessa existência, e não aspira a libertar-se delas, a fim de realizar o destino superior que lhe é garantido pelo fato de ser pessoa.

A dose de satisfação que proporciona ao homem o ambiente em que vive, e que ele recebe na sua qualidade de indivíduo, providos de órgãos para senti-lo e para conhecê-lo, faz com que a descoberta de que é também pessoa, seja uma descoberta tardia.

Observa Landsberg [2] que a morte do homem é, primeiramente, como a morte do bruto. Um organismo onde as forças declinam e não encontram mais o seu ponto de equilíbrio funcional, está destinado a perecer. O problema da morte surge, entretanto, “do fato de que um ser vivo se torna pessoa”. A morte adquire um sentido novo “Com uma personalização progressiva do todo da existência humana”. Para a razão, orientada na direção das realidades universais, não existe o problema da morte, porque para o conhecimento racional é insignificante a morte de um ser humano. O conhecimento mesmo é, em si, um desconhecimento da morte. A ciência nasce sem que seja fatal ao seu desenvolvimento o fato de os homens serem mortais; são gerações que continuam a sua obra. Ela se dirige à humanidade; é na humanidade que se produzem os seus benefícios; para ela não conta o homem isolado, e só no homem que é reduzido à solidão nasce o problema da morte.

O sentido das realidades que são comuns a todos os homens faz ver o mundo como um ambiente familiar, que conquistamos pela inteligência e pela vontade e onde nada indica, nas relações que constituem para nós a existência, que a ameaça da morte pese continuamente sobre ela. A constância da morte na vida é uma descoberta fatal para o sentido comum.

A experiência da morte, que se faz na intimidade de um espírito no qual a angústia penetrou, é semelhante à do homem primitivo, no ponto em que a morte era para este um acontecimento que parecia contrariar a ordem das coisas e que se introduzia na existência de um modo furtivo e demoníaco. A realidade da morte é, sempre, quando ela surge diante de nós pela primeira vez, rompendo a espessa camada dos nossos hábitos morais e intelectuais, das impressões cotidianas, uma realidade incompatível com a própria vida e que parece asfixiá-la inteiramente. Acredita-se, então, que a morte seja uma realidade irreduzível aos termos da

existência. O ritmo aparentemente pacífico que desenvolve a existência em torno de nós é incompatível com o ritmo catastrófico da morte.

O sentimento mais profundo de um homem que morre deve ser a desesperada convicção de que os demais homens não podem sobreviver à sua morte. Morrer é o único momento em que se pode falar de uma solidão absoluta. A morte vem confirmar o isolamento essencial em que se encontrava o ser humano, isolamento que ele julgava não existir ou nunca ter existido, porque na base de suas relações com a vida estava a sociedade como um dado primário. O homem, que no instante de morrer, espera que os demais participem deste acontecimento, reconhece o verdadeiro caráter da morte, que desfaz o sentido da comunidade com os homens. É este o motivo de seu desespero, e a razão do desespero da morte no homem que ainda não se fez espírito e que ignora a sua condição fundamental de pessoa, e que, se reconhecendo apenas como indivíduo, e, como tal, membro do organismo coletivo, não pode acreditar, por uma espécie de traumatismo causado pelo sentido comum, que novas possibilidades estejam abertas ao aperfeiçoamento do seu ser, num plano diferente daquele que constitui a comunidade humana.

Quando a morte intervém, quando a olhamos de frente, como um fato que pode consumir-se a todos os instantes, ela não deixa mais lugar para outras coisas que não sejam as suas próprias manifestações e os efeitos que produzem na esfera da consciência. Ela se apropria de nós e nos reduz a ela mesma, ao seu pensamento e a sua presença. É uma realidade que exclui os aspectos da existência aos quais emprestavamos uma significação absoluta. Dizendo isso, não é à morte que queremos dar uma significação absoluta. Referimo-nos ao estado de consciência que é forçado a não mais ignorá-la. Esta não ignorância é, necessariamente, uma adesão completa à sua realidade. Se emprestássemos à morte uma significação absoluta, ela acabaria sendo uma força que paralisaria a vida. Mas devemos compreendê-la, relacionando-a com o ideal de perfeição que reside na pessoa humana. E essa é a tarefa do espírito, a sua afirmação máxima. A pessoa humana “se dirige para a realidade de si mesma e para a eternidade”. É o que diz Landsberg no seu admirável ensaio “A Experiência da Morte”, observando que a pessoa humana tende para sua própria perfeição, mesmo à custa de ter que atravessar a fria calçada da morte. Nesse movimento realizado pelo homem atento à realidade de sua existência, a morte revela a sua natureza ontológica. O sentido comum é incapaz de realizar um movimento desta natureza, que envolve o ser e que não se produz na superfície da vida, porque o conhecimento racional não pode ir além da exterioridade da morte e, ao reduzir o seu conteúdo ao fato de morrer, nele vê somente a negação da vida. É apenas a maneira pela qual a morte se positiva que interessa à razão. E a maneira de ser da morte, segundo todas as aparências, produz resultados que implicam na liquidação da vida. O sentido comum, impotente para apreender a significação espiritual do mistério da morte do ser humano, retrai-se e serve de fundamento a uma atitude que consiste em ignorar a morte ou em aparentar diante dela uma espécie de indiferença que nada mais é do que medo. Dir-se-ia que o homem não abandona, nem mesmo com relação à morte, a virtude de prudência, que tanto

benefícios lhe presta nas relações com seus semelhantes. É prudente não pensar na morte, ensina o sentido comum, como que procurando conjurar um perigo ou uma terrível ameaça que pesasse sobre a existência e que pudéssemos afastar abstendo-nos de pensar nela. Essa abstenção do pensamento é uma infidelidade que cometemos contra a vida, que está para a morte como alguma coisa que necessita ser completada e que, por si mesma, não possui uma significação plena. Para o cristão, a vida só comporta um sentido enquanto ela é compreendida como alguma coisa que depende da morte. O caráter passageiro da existência é a noção essencial que possibilita uma compreensão ontológica da morte.

Ao conhecimento racional não interessam as visões do pensamento místico, visões que encerram um conhecimento que pertence a uma ordem que ultrapassa os dados preliminares da razão. É o pensamento místico-poético que introduz a morte na vida, e que vê na morte uma possibilidade imanente à própria vida, ao ser que aspira à perfeição e que nesse anseio ou nessa esperança se afirma como realidade.

Os antigos ligaram intimamente a ideia da morte ao sofrimento físico. O fato de morrer era temido porque trazia consigo uma dose inevitável de dor e de sofrimento. Os gregos, que viam no corpo humano a mais alta forma de realização da vida, que o veneravam e que tinham nele o seu principal motivo estético, achavam-se diante da morte como diante de um acontecimento que vinha afetar a integridade corporal. O mistério da morte, em tais condições, impressionava pela circunstância de que produzia o perecimento do corpo. A morte, então, era identificada com essa manifestação exterior e palpável do seu conteúdo. O cadáver exprimia a realidade inteira da morte.

Segundo o raciocínio dos estoicos, a morte não devia ser temida, porque se ela nos abre as portas do nada, deixamos de sentir e, portanto, não há mais lugar para a dor. Era somente a dor que importava, e que a disciplina interior, que se encontra na base da atitude estoica perante a vida, ensinava a vencer e superar por meio de uma resignação desesperada.

A alma dos antigos não estava preparada para entregar-se ao sofrimento que não atinge apenas a carne, mas também o espírito e que só seria introduzido no mundo com a Paixão de Cristo. A disciplina severa dos estoicos era uma aceitação passiva do sofrimento. Mas o cristão transforma-o num ato de amor para com o seu Deus. O homem que sofre está ligado amorosamente ao Cristo. E como ato de amor, pressupõe a esperança, não a esperança que se resume em ser a expectativa das coisas futuras, mas a esperança essencial, que alimenta o ser e que o leva a confiar em Deus e a fazer dessa confiança a suprema razão de sua existência. Por isso, o sofrimento é para o cristão uma garantia, a prova de que esta vida não encerra tudo quanto o homem pode receber na sua qualidade de pessoa, que se destina à perfeição e a vida eterna. Nesse sentido, podemos falar do sofrimento como de um estado de preparação à morte, na medida em que predispõe o homem, por natureza, apegado às condições da vida terrena, a aceitar sem temor a morte, que o obriga a transpor a órbita dessas condições.

O homem que está preparado para morrer tem uma vida espiritual intensa, porque ele sabe que a morte pode sobrevir a qualquer momento. A sua existência é um confronto com a realidade da morte.

É conhecida a frase de Platão a respeito dos homens que se consagram à filosofia: “Isto constitui para todos um mistério; quem se consagra inteiramente à filosofia não aspira senão preparar-se para morrer e a morrer”. O homem que se liberta do mundo das aparências, representado na história simbólica da caverna das sombras, onde os seres que nela se encontram alcançam um dia o caminho das terras banhadas pelo sol e veem pela primeira vez como realidade aquilo que julgavam não existir; o homem que assim quebrou as cadeias ilusórias que o prendem ao mundo das aparências, volta-se para a contemplação das realidades supremas. O prisioneiro da caverna das sombras, que não se satisfaz com o movimento das imagens projetadas nas paredes do abismo e quer a claridade pura, é o filósofo platônico, em busca de uma existência autêntica e que se acha comprometido com o que há de permanente, de certo e inevitável na vida. A visão da morte devia acompanhá-lo nessas peregrinações que o espírito fazia, através do mundo das ideias puras. A morte era o acontecimento que devolvia à alma a sua primitiva pureza e o instante em que ela ficaria para sempre livre dos liames carnis. O filósofo platônico preparava-se para morrer e aspirava morrer, porque a morte era o começo daquela realidade que a alma, prisioneira do corpo, desejava ardentemente possuir, enquanto submetida as contingências da vida terrena. O pensamento de Platão, contido naquela frase, é uma dessas intuições profundas que nos legou a antiguidade sobre o problema da morte e que, não sendo incompatível com a concepção cristã, nela encontra o seu lugar apropriado.

Preparar-se para morrer é algo destituído de significação para o homem que vive no estado de ignorância da morte. Quando dizemos ignorar a morte, não queremos afirmar com isso que exista uma classe de homens vivendo num desconhecimento da morte. A ignorância, neste caso, não se refere à consciência que têm todos os homens de sua condição mortal; essa consciência é extremamente variável e não faz surgir o problema da morte. Os homens sabem que um dia terão que morrer. Mas essa é uma noção que não possui valor específico, porque é assimilada como quaisquer outras ideias ou noções que proporciona a experiência cotidiana. A consciência de nossa condição mortal (se podemos assim chamar a ideia geral de que o homem é mortal) pertence ao sentido comum, e está aquém de uma autêntica experiência com a realidade da morte. Falando de um estado de ignorância da morte, quisemos nos referir ao que não se apropriou da morte como realidade específica e que desconhece a relação essencial que há entre ela e a vida.

Sugerimos, na medida em que nos foi possível fazer, através de observações que, se não obedeceram a um desenvolvimento metódico, mantém contudo um forte nexos com uma visão íntima – sugerimos que o conteúdo espiritual da morte passava a ter importância para o homem atento à realidade do próprio ser que aspira a perfeição e a vida eterna.

A morte apresenta uma significação diversa da que tem para o sentido comum, quando ela é referida ao conceito de pessoa humana. Quando o homem

se torna consciente de sua condição de pessoa, é que se dá a “apropriação” espiritual da morte, na qual Landsberg vê “uma tarefa decisiva para cada pessoa humana” [3]. A morte perde o seu “caráter forasteiro” e é uma possibilidade imanente do ser. Desaparecem as incompatibilidades que se supunham existir entre ela e a vida. Mas, para o sentido comum, há um desajustamento aí onde o espírito que se elevou pela Fé, às altas regiões da Esperança, percebe o mesmo fluxo de vida.

Do ponto de vista da razão, é insignificante a morte de um homem. Se um homem morre, a ordem universal não se altera por isso. Há uma ordem inalterável das coisas que a morte não pode romper. A existência cotidiana prossegue em sua marcha normal e os mortos fazem parte dessa agitação, desse movimento, que se repete cada dia e que parece ser produzido por algum agente estranho.

Durante os períodos de guerra, a morte do homem se torna tão desprezível que se transforma nos Algarismos dos cálculos que se fazem com o fim de avaliar a possibilidade de êxito dos exércitos. É um termo que nada mais representa, que perde a sua força expressiva, em face dos gigantescos sacrifícios de vidas humanas; em seu lugar, começam a surgir os índices de mortalidade, as estatísticas onde ela aparece sob a forma de um número ou de uma quantidade. O homem é, então, destituído de seu direito de esperar a morte, de aguardar que a vontade de Deus se cumpra. É precipitado nos horrores da morte anônima, a morte que é verdadeiramente mortal, a morte que não é uma unidade, mas dezenas e centenas de mortes, onde o ser humano desaparece no seio da massa, onde não há pessoa, nem alma a salvar, nem destino superior a cumprir. Nega-se comumente esse direito que tem o homem de esperar a sua morte. Pelo menos por ocasião das guerras, o fatalismo ganha terreno e está na ordem do dia dos comentários sobre o destino humano. Mas o fatalismo nada pode significar para o cristão, que não se entrega passivamente ao jugo das circunstâncias e forças exteriores. O cristão é um ser ativo, que encontra no amor de Deus o princípio de sua atividade. Conhece quais as exigências que têm a cumprir para com a sua morte e, por isso, sabe que a vontade divina que as impôs não o humilha a ponto de fazê-lo desaparecer desta vida como se fosse um animal.

Não interessa ao conhecimento racional a agonia, a luta que se trava contra a morte na intimidade do espírito humano. E isso porque a agonia parece ser apenas o último esforço do organismo, resistindo aos elementos de desagregação que nele se introduzem. É negada a participação da pessoa nesse transe. Mas, no momento em que o homem entrevê as portas da morte, a sua atenção está voltada para a realidade que lhe surge. Não há consciência do processo biológico que se extingue. A agonia é somente espiritual. É o limite extremo em que o homem percebe que novas condições se preparam para dominar o seu ser. O sofrimento se acentua ainda mais porque a alma, em virtude de suas ligações naturais com a existência, recusa-se a seguir a nova direção tomada pelo ser. Nesse sentido, podemos dizer mesmo que a agonia é de natureza ontológica. O homem não quer arriscar-se a trilhar o caminho estreito que o conduzirá à região, ainda envolta em sombras, em virtude da morte não se ter realizado totalmente. O sentimento daquele que agoniza é o de recusa diante da realidade da morte. Essa

luta, na consciência de um homem, é que é a agonia. O extremo limite da vida não se caracteriza somente pelo fato de ser o ponto terminal das funções orgânicas. Ao processo biológico que termina, agrega-se outro, de natureza espiritual.

“A Morte de Ivan Ilitch”, de Tolstoi, servirá para esclarecer outros aspectos do problema da morte e para confirmar também as sugestões que fizemos até este momento. São as experiências vividas por Ivan Ilitch, o personagem da novela, que nos interessam. Há nelas um fundo de verdade, porque vem dar à morte o sentido superior que tem a sua garantia na Fé e na Esperança.

Ivan Ilitch é o homem do cotidiano que se defronta com a morte. Veremos quais os efeitos que essa descoberta produz em sua alma. Para quem viveu, como ele, absorvido pelas exigências da vida diária, é o medo que, a princípio, domina o seu ser diante da realidade da morte.

\*

A simples ideia da morte, o fato de que todos os homens são mortais, não nos causa a menor inquietação e nem faz nascer o desespero. É uma abstração que nos deixa à vontade para continuarmos existindo, como se a existência estivesse assegurada pela marcha normal de nossos atos e atividades. O homem teme que a vida possa surpreendê-lo, que possa levá-lo para fora do âmbito das coisas que lhe são familiares e despertam nele o sentimento de uma existência segura, que não possa sofrer o menor abalo na sua apresentação diária, através das pequenas satisfações e dos pequenos prazeres que facilmente reúne num dia para seu deleite íntimo. Ele é capaz de pensar numa catástrofe, num flagelo geral que venha a abater-se sobre a comunidade de que faz parte, mas, raramente, se apresenta à sua imaginação o caso de um flagelo pessoal, de uma catástrofe espiritual, um acontecimento, para ele insólito, com o poder de arrebatá-lo de tudo quanto aos seus olhos revestia a vida de significação e ocultava o nada das coisas. Raramente o homem é capaz de entregar-se à solidão espiritual ou, ainda menos, de figurar a hipótese de sua solidão, de seu isolamento no meio dos outros indivíduos. Quando isso ocorre, quando sucede que o homem deixa arrefecer, nem que seja pelo espaço de poucos minutos, o calor de vida que acelerava as suas forças e conservava todo o seu ser em ebulição, é o pensamento da morte que intervém, desvalorizando, de um só golpe, tudo que até então dependera em proveito de sua existência.

A ideia de que a nossa vida é passageira, e de que os homens são mortais, é uma abstração que o homem recebe como outras tantas ideias feitas na superfície de seu espírito e que não é tão aguçada que chegue a perfurar a vida, esvaziando o seu conteúdo. Mas o pensamento da morte em cada indivíduo, transforma-a de súbito num caso pessoal, numa ameaça particular, e revela com uma intensidade dolorosa, a verdadeira situação do homem dentro da existência, como revelou a Ivan Ilitch, quando descobriu que seus males não vinham nem do rim nem do apêndice, mas da vida e da morte, impelindo-o a sua descoberta ao mais cruciante dos desesperos, por não querer aceitar a morte, por repelir a morte com todas as suas forças.

Ivan Ilitch conhecia o silogismo feito com o nome de Caio (“Caio é homem; os homens são mortais; logo, Caio é mortal”) e que conclui afirmando a mortalidade de Caio, porém, diante do pensamento da morte, a força lógica das premissas era impotente para transmitir ao seu espírito toda a sabedoria nelas contida. “Era Caio um homem em geral e tinha que morrer. Mas ele não era Caio”. Caio era apenas um conceito, uma ideia geral da morte, sem a menor importância para o seu caso, que era a realidade de uma vida, ameaçada pela realidade de sua própria morte.

O pensar na morte traz consigo o sentimento excitante de uma existência em constante relação com o seu acabamento, ou seja, o sentimento de que a morte, indissolavelmente ligada ao tempo, envolve, com ele, todos os pontos do percurso que a existência realiza. Esta maneira de sentir a morte, como um tempo presente no centro de nossa vida, origina uma forma de desespero que se nutre do desajustamento ou da incompatibilidade que há entre o sentimento ilusório de uma existência segura e a ameaça que representa para esta uma segunda realidade que nela pode infiltrar-se a todos os instantes. Foi esse desespero que fez Ivan Ilitch dizer a si próprio: “Se eu tivesse de morrer, como Caio, havia de eu o saber, dizia-me a minha voz interior, mas ela nunca me disse coisa que se parecesse”. Ele se esforça por compreender de que maneira a morte pode penetrar na vida e, ao proferir aquelas palavras, estava sob a ação do choque espiritual provocado pelo sentimento agudo de sua morte e desesperava porque não podia compreender porque a existência reservara para si uma surpresa.

A vida de Ivan Ilitch fora uma vida correta e digna do princípio ao fim. Os atritos de família, a profunda incompatibilidade com a mulher, não desesperavam nele outro sentimento a não ser o respeito pelas conveniências de uma sociedade que era preciso acatar e para a qual a sinceridade estava no rol das virtudes permitidas, contanto que se aliasse à prudência do decoro. Era um desses homens que, como observa kierkegaard, referindo-se ao homem do espontâneo, não possuem “outra dialética que não seja a do agradável e do desagradável, nem outros além dos de felicidade, infelicidade e fatalidade [4]. Tudo quanto ele desejava, no seu proceder correto, nas suas atitudes revestidas da falsa dignidade que se destina a encobrir a pobreza de espírito, era que a vida agisse também corretamente para com ele e lhe comunicasse, no momento oportuno, qualquer mudança, qualquer movimento ao contrário aos seus hábitos e ao seu método de vida, para que pudesse encontrar uma nova maneira de proceder de acordo com essa modificação, sem abdicar da posição que lhe destinara a sociedade. Por isso, a morte parece ao personagem de Tolstoi um acontecimento fora de propósito, no meio de uma existência que foi por ele desespirtualizada, da qual esperava tirar todas as satisfações possíveis, com o intuito de fazer dela uma finalidade em si mesma. Quando se depositaram todas as esperanças na vida, a sua fragilidade parece imperdoável, como se ela nos tivesse traído, sem nos apercebermos de que a morte, que agora nos aparece com o efeito de uma surpresa e que nos faz desesperar, por não querermos admitir a sua realidade concreta, lá estava, no âmago da vida, ou mesmo brotando de todas as suas formas e acompanhando todas as suas manifestações, algo tão vivo como a

própria vida. Surge uma espécie de ressentimento que se apossa de nós e que acusa a vida pela sua dependência da morte.

Ivan Ilitch experimentou a vertigem do homem que se vê bruscamente afastado de sua situação e a quem a existência nega socorro. O doente que se fecha num quarto e ruma a sua enfermidade, sente pela primeira vez a solidão que acompanha o ser humano durante a sua vida. Sente o medo e o desespero da morte, a despeito da lógica que lhe mostra que, como homem tem que morrer, está submetido a uma lei válida para a natureza inteira. Mas o raciocínio abstrato não pode vencer a abstração do ser que se aferra à vida e que se nutre de um amor louco e desesperado por ela, amor insensato, que inspirou Raskolnikov - outro que, como Ivan Ilitch, apegava-se à vida e não queria aceitar a realidade da morte, aquelas palavras terríveis que contrariam a sabedoria zen a fixar-se nas realidades essenciais da vida, a ter Fé e confiar em Deus.

Ivan Ilitch não poderia conceber que a situação do homem no mundo fosse uma situação de caráter trágico, no sentido de que ela é um estar em presença da morte. A sua existência não foi além daqueles “divertissements pascalianos [5], faux et trompeurs”, e, por isso mesmo, é um golpe terrível para Ivan Ilitch a revelação da morte, a descoberta de que ela estava no centro de sua vida, e o arrastava para uma região estranha àquela da sabedoria, do senso prático da experiência cotidiana. Ele se julga ludibriado pela vida; acredita que tudo se tornava absurdo e malévolo desde o momento em que os seus méritos e as suas virtudes afundavam como num terreno alagadiço, para nunca mais surgirem à superfície da terra. Ivan Ilitch não reconhece que ele próprio é o culpado de seu desespero; que foi a sua indiferença e o seu desprezo pela realidade mesma do eu e da pessoa que o levou a desesperar quando se encontrou frente a frente com o mistério de sua morte. Enganaram-no as misérias e fraquezas de um coração que pulsava somente ao ritmo das satisfações que a vida prestava ao seu orgulho e à sua vaidade. O terror que se apodera da alma de Ivan Ilitch é o terror do homem que é levado bruscamente a defrontar-se com o mistério de sua existência. E Ivan Ilitch não estava preparado para realizar um confronto com a realidade da morte.

Primeiro, foi a doença que o levou a preocupar-se um pouco consigo mesmo. Sentia uma dor destinada, uma dor que o acompanhava para onde quer que fosse.

Em casa e durante as sessões do tribunal, a sua atenção desviava-se dos importantes problemas que deviam ser urgentemente solucionados por ele, concentrava-se naquilo que o fazia esquecer, procurando o meio de escapar dos seus longos e terríveis padecimentos. Muito natural que tivesse resolvido procurar um médico; mas depois de ter ouvido o primeiro, passou a consultar o segundo e seguiu-se o terceiro. Mas os diagnósticos não concordaram. Enquanto um deles via distúrbios no apêndice, o outro era de opinião que se tratava de rim flutuante e, finalmente, o último decidia por ambas as enfermidades. Apesar disso, Ivan Ilitch não hesitava em seguir as prescrições dos três excelentes doutores e, como não sentia melhoras, depois de algum tempo, recorreu às virtudes curativas dos ícones, obedecendo aos conselhos de uma dessas pessoas amigas que, num

caso de doença, sempre se colocam do lado oposto da medicina. Frustradas as suas esperanças nos ícones, retornou aos xaropes e às poções, que continuavam a circular pelo seu organismo, sem corrigir o apêndice e sem fixar os rins no devido lugar. Entretanto, Ivan Ilitch não deixava de ser o doente exemplar, interessado pelos casos que dava à enfermidade e sempre tendo como objetivo a cura completa, que se daria mais cedo ou mais tarde, conforme as assertivas das diversas autoridades que consultara. Preocupava-o a cura, a volta à saúde completa de que antes gozara e que permitia se desincumbir-se tão satisfatoriamente de todas as obrigações como chefe de família e como conselheiro de um tribunal de grande importância. Porém por mais que o zelo aumentasse sempre, a doença persistia e chegava até mesmo a interromper o seu trabalho, as suas distrações e as noitadas de jogo e de conversa com os amigos. É que a doença roubando Ivan Ilitch do convívio dos outros e às ocultas preparava para ele os horrores da solidão. Às vezes procurava recuperar a serenidade, que em mente, já perdera e dizia a si mesmo que os remédios não podiam deixar de produzir efeitos e que, uma vez que tudo se normalizasse, então voltaria à vida que levava antes de adoecer. Mas num certo momento em que a dor parecia haver declinado, em que Ivan Ilitch via o próximo fim da doença que o martirizava, afagando essa doce esperança com todas as suas forças, faz a descoberta que o arrastaria ao desespero.

“O rim, o apêndice, não, não é disso que se trata, mas da vida e da morte. Sim: eu vivia e agora minha vida vai-se; vai-se, não a posso reter”.

Ivan Ilitch descobre a morte e descobre que a sua verdadeira doença era a morte. E parece bem estranho que ele separe, assim, a ideia da morte da enfermidade orgânica e que não tenha percebido que as perturbações funcionais de que era vítima poderiam terminar com a morte. Mas, na verdade, um desequilíbrio orgânico, por mais violento que seja, não é capaz, por si só, de condicionar à apropriação, com os seus ensinamentos de serenidade e de submissão às forças incontroláveis do destino:

“Viver, seja lá como for, mas viver” [6].

Vivia Ivan Ilitch naquele estado de ignorância da morte que oculta o sentido trágico da situação do homem no mundo. A atividade cotidiana, com o seu enorme équito de preocupações, de pequenos problemas, constitui para ele a única direção real que a vida podia tomar. Tudo quanto não pudesse servir de apoio à conduta que ele edificara, aos princípios de honradez e de dignidade pessoal que orientavam os seus passos na vida pública e na vida doméstica, era por ele considerado como inútil e desprezível. Ele é este homem de ação que, em nossos dias, representa um papel adequado às exigências de um ambiente cultural onde o dinamismo como virtude e como regra de conduta é a máscara indisfarçável de uma contagiosa pobreza de espírito, do abatimento em que se encontram as forças morais, que, impotentes para uma investida de vulto contra o próprio homem, livrando-o das garras de sua fraqueza, de seus propósitos mesquinhos e ambições grosseiras, desviam-se dessa finalidade reparadora, para aplicarem-se exclusivamente em obter as facilidades da existência numa espécie de jogo frívolo em que há lucros extraordinários sobre as satisfações ilusórias da vida e perdas

irreparáveis no que concerne à substância da natureza humana, à realização de um destino verdadeiramente digno da vida eterna. Para um homem de ação, para aquele que se deixou prender na mística do dinamismo, o pensamento da morte é um pensamento nocivo, que paralisa as energias da vontade e da inteligência e que constitui um obstáculo para que elas atuem na produção de uma atividade normal e produtiva.

É um erro dividir os pensamentos em duas classes: a dos úteis e a dos inúteis. A única maneira de aferir o valor de um pensamento é ver se ele falsifica ou não a realidade da vida. A morte é mais do que a realidade; é uma condição para haver alguma coisa real, viva, existente. O sentimento de existir é um estado que se intercala entre dois mistérios: o do nascimento e o da morte. É no intervalo entre dois mistérios que tem o seu lugar a realidade de existir. E essa realidade não é menos misteriosa pelo fato de se produzir num instante que é uma espécie de trégua, em que o mistério do nascimento nos entrega à vida e a morte se retrai para deixar-nos viver.

Necessário se torna fazer, neste ponto, uma observação com referência à ideia de que o pensamento da morte obstrui os caminhos da atividade criadora do homem. A preocupação da morte não produz no espírito do cristão aqueles mesmos efeitos que levam o budista a repudiar a vida, na qual vê somente o trabalho dos fios que tecem os véus de Maia, ou da ilusão. De certa maneira, podemos ver entre ele e o cristão uma identidade de atitudes, porquanto não deixam de atentar para o caráter passageiro da existência terrena, dela fazendo, em consequência, um exercício preparatório para a morte. Porém, enquanto o primeiro dirige todas as suas energias, por um processo puramente mecânico de direção da vontade, para alcançar o gozo antecipado da morte ou um estado que a simule, o outro dela faz o único motivo de sua existência. O mundo em que se encontra o budista é um mundo que oferece possibilidades sem conta ao aperfeiçoamento do seu espírito. Depois de morto, ainda realiza em outros planos de existência, experiências contínuas que têm como objetivo realizar esse aperfeiçoamento ideal que, quando é atingido, integra-o definitivamente no seio da divindade. Mas a visão perfeita, radiosa da eternidade, que ele só obtém depois de haver passado pelos diversos estágios purificadores, pode ser antecipada nessa vida, quando o crente consegue identificar-se com o princípio divino, que nele reside, o que consegue libertando-se aos poucos dos laços que o prendem às contingências terrenas, por meio da passividade física e da inércia espiritual. No cristão, o pensamento da morte é uma atitude essencial que é inspirada pela vida. É a certeza que ele tem de sua morte, como de alguma coisa que está sempre em via de realizar-se, e que pode surpreendê-lo no momento mais insignificante de sua existência, que faz com que dela participe com o sentimento da imensa responsabilidade que é para si viver em tais condições.

Ligar o valor de um pensamento à suas consequências práticas é um absurdo: primeiro, porque, quase sempre, se restringem essas consequências, não à prática em si do pensamento (pois o pensamento comporta uma prática, que é a expressão de sua vitalidade) mas a certas práticas que dizem respeito aos benefícios materiais que as mesmas poderão trazer; em segundo lugar, porque,

no caso da morte, o pensamento está ocupado por um fato que ultrapassa aquelas consequências. Quanto à prática que o pensamento da morte comporta, é semelhante ao da catarse platônica, que leva o homem ao conhecimento de si mesmo, que é o conhecimento dessas *misères et fai blesses* de que fala Pascal e que o conduz à “apropriação” espiritual da morte a que nos referimos numa passagem deste trabalho. A doença é um estado das condições orgânicas que tende para a desagregação e para a morte. Essas condições lutam para vencer os elementos contrários à sua preservação e é nessa luta de que participam todas as potências do organismo, que o pensamento do enfermo se deixa absorver. A doença provoca a absorção do pensamento pela realidade física e acentua violentamente a dependência da vida do ser humano às contingências materiais e orgânicas. É, por isso, muito raro, encontrar um homem que, atingido pela enfermidade, ainda que ela não acarrete a perda do discernimento e da vontade, que não relegue ao esquecimento a sua vida espiritual como se ela só pudesse existir nos momentos de saúde e euforia. É verdade que a doença nos faz entrever a morte, mas apenas como um fato que se opõe à vida e que, por conseguinte, pertence unicamente à fatalidade orgânica e não encerra, em consequência, outro sentido a não ser aquele que deriva da ordem necessária das coisas, onde uma lei eterna nos diz que tudo quanto nasce está destinado a perecer um dia.

Não há dúvida que seria impossível que Ivan Ilitch chegasse a realizar a experiência da morte, sem que tivesse conhecido as torturas da enfermidade que devorava os seus rins e o seu apêndice. Mas, ao defrontar-se com a realidade da morte, percebe, então, que ela transcende o processo de desagregação que era vítima o seu organismo e percebe, com o desespero, que havia um mistério terrível para ele, ali onde o sentido comum apenas constatava a presença de um fenômeno natural.

“Era impossível iludir-se: passava-se nele qualquer terrível coisa, uma coisa nova e mais importante do que tudo quanto até aqui sucedera a Ivan Ilitch”. Uma coisa nova e terrível ao mesmo tempo, que ele alimentava com os seus sofrimentos e a sua angústia, algo estranho, como se fosse um pequeno ser que tivesse concebido em suas entranhas espirituais e que agora estava prestes a nascer. O que há de mais pungente nessa história de Ivan Ilitch é o sentimento de sua solidão, a solidão espiritual que só a morte pode trazer aos homens. Era uma solidão inexprimível, como se de repente ele se encontrasse num mundo deserto, em que a voz humana não se fizesse ouvir, “uma solidão que não poderia ser mais completa, no fundo do mar ou debaixo da terra...” E é ao sentir o isolamento em que se encontra em face de sua morte que ele deixa escapar aquele grito de dor: “Não é possível que todos os homens estejam destinados a conhecer este pavor atroz”.

Ivan Ilitch perguntava-se a si mesmo o que fizera para ser castigado tão duramente. Passava então a rememorar os episódios de sua vida e nada havia que pudesse macular a correção de que fora revestida. Em toda parte, a consciência do dever cumprido. Uma vida correta e digna como não poderia haver outra. E quanto mais dava valor à sua existência, temendo que tivessem sido

inúteis tantos esforços despendidos, a morte parecia-lhe cada vez mais negra e sua alma a repelia com o que lhe restava de um antigo vigor. Era para ele um verdadeiro absurdo pensar que não tinha vivido como devia. O que era então isso que deveria ter feito em vez de todas aquelas coisas que trabalhara para conquistar uma posição, uma vida feliz e a estima da sociedade? Isso não existia, não podia existir, certamente: negava-se a aceitar que a sua existência fora um erro e desesperava por não poder repará-lo.

É durante a sua agonia que Ivan Ilitch realiza o movimento da Fé e da Esperança. A princípio, sentia que alguém o empurrava para o interior de um saco onde era profunda a escuridão. Recusava-se a entrar nas trevas. Nenhuma claridade se fazia ali. A morte era a noite mais negra que podia haver. O agonizante lutava contra a morte que envolvia o ser e que ameaçava transportá-lo para uma região desconhecida e temível. Mas, de repente, Ivan Ilitch rola para dentro do abismo aberto a seus pés e no instante em que procura saber o que era isso que faltava à sua vida, vê brilhar uma luzinha que se aproxima dele e que é a Fé que se acendeu em seu espírito, iluminando a morte. Ivan Ilitch realiza a “apropriação” espiritual da morte que é seguida de uma imensa confiança em Deus, a quem entregava o seu destino que ia agora possuir um novo esplendor. E aquelas palavras que encerram a sua agonia são as palavras de Esperança: “Então é isso a morte? Que alegria!” Entregava-se a Deus pelo ato de sua morte e compreendia que aquele acontecimento que tanto temera e que fizera com que conhecesse as pontadas do desespero em suas entranhas espirituais, não era mais do que um sair fora e um sair da vida na direção de Deus.

## **NOTAS** (autor do texto)

[1] Leon Cheslov. *Las Revelaciones de la muerte*, p. 26.

[2] Paul Louis Landsberg. *Experiencia de la muerte.*, p. 86.

[3] \_\_\_\_\_Landsberg. *Ob. Cit*, p. 86.

[4] Kierkegaard. *O desespero Humano*, p. 90.

[5] Pascal. *Pensées* (Misère de l'homme), p. 223.

[6] Dostoievski. *Crime e castigo*, p. 145, Ed. Franc.

## 5.6.2 Considerações sobre *A peste*<sup>47</sup>

14 de janeiro de 1951

Benedito Nunes (João Afonso)

É natural que falemos hoje numa literatura de crise. A falta de palavra mais precisa para caracterizar o processo da literatura atual, que ultrapassa os limites dos esquemas das classificações preestabelecidas, a denominação de crise pelo menos serve para traduzir a nossa própria perplexidade, que é um sentimento vizinho da impotência, refletindo a incapacidade do crítico para controlar as manifestações multiformes do fenômeno literário atual, dentro de conceitos simples e fórmulas objetivas. Uma obra de arte traz consigo um mundo inteiramente novo que ao intérprete cumpre ordenar, sem ter o direito de impor-lhe a sua visão particular. A relação simplista, entre sujeito e objeto, que está na base de todo conhecimento humano é aqui alterada, com a preponderância do objeto, no caso, a obra de arte, que é conhecida mais em função dela mesma do que em função do sujeito que conhece.

O erro de Benda, ao lançar a sua condenação sobre vinte anos de literatura francesa, foi o de não reconhecer que a criação artística enfeixa uma série de exigências e de formulações inéditas que é impossível compreender, tentando entrosar o seu ritmo com os das nossas próprias convicções. O autor de *La France bysantine* serve como exemplo do crítico que nega à obra de arte a posse de uma liberdade interna, que é a vida autônoma e objetiva de que gozam as criações do espírito. Querer jungir a obra de arte a uma ideia preconcebida, ou querer por força ligá-la a uma inclinação determinada do pensamento, - como o racionalismo, com o qual, segundo Benda, a literatura francesa contemporânea teria rompido - é empobrecer o sentido da arte, considerá-la apenas produto da inteligência, que se insere na ordem objetiva, sem outra significação além de ser o prolongamento do raciocínio nas regiões da fantasia e da expressão dos sentimentos humanos. A atitude de Benda é uma atitude comumente adotada em face de toda a literatura contemporânea. Ela traduz a perplexidade que se apodera do analista ao constatar a existência e o desenvolvimento de uma literatura que pede a ação de conteúdos espirituais mais complexos para ser interpretada. A obra de Kafka, por exemplo, é desconcertante.

A primeira observação que sabemos fazer em torno dela é que se trata de um conjunto de enigmas ou de uma criação onde a aventura do inconsciente é a nota predominante. Seria absurdo negar o seu valor artístico; então, diz-se que ela é uma obra difícil, porque a realidade que traduz é confusa, e não se adapta à noção habitual que temos das coisas.

---

<sup>47</sup> NUNES, Benedito. “*Considerações sobre A peste*”. **Folha do Norte**. Belém, 14 jan. 1951, Suplemento Arte Letras, p. 3-2.

A dificuldade aí não está tanto na obra de Kafka, como em nós mesmos. Para interpretá-la, devemos pesquisar o verdadeiro significado dessa realidade extraordinária, e não rejeitar as criações do artista pelo simples motivo de não podermos compreendê-la à luz das ideias que possuímos. O que é necessário para o interprete é que ele saiba servir a obra de arte, procurando descobrir o seu verdadeiro sentido, a sua significação verdadeira – enfim, a vida íntima de que é dotada, mesmo que essa vida escape à compreensão que temos da vida. Falar, portanto, em crise da literatura atual não exprime que as suas energias estejam ameaçadas de esgotamento, nem que essa literatura seja apenas uma tentativa estrondosa, mas limitada fatalmente pelo caráter de experiência, que seria peculiar à indecisão de seus passos. A crise é menos da literatura do que da nossa impotência para sair da perplexidade em que nos achamos, diante de manifestações artísticas que nos parecem desconcertantes, na pintura, na escultura, na música, na poesia, no romance, em cujos domínios mencionamos o caso de Kafka.

Todas essas considerações vieram a propósito do aparecimento de um romance publicado em França, em 1947, dois anos depois da terrível Segunda Guerra Mundial. Trata-se de *A Peste*, de Albert Camus, que escapa àquela categoria de emergência da literatura difícil, e que viria estabelecer uma solução de continuidade na famosa crise da vida literária contemporânea, se ela de fato existisse. Se a confusão lançada pelo aparecimento das novelas de Kafka leva à convicção de que, particularmente, o romance atravessa uma situação crítica e perigosa, desviando-se da realidade comum para explorações que ultrapassam a capacidade normal da compreensão, essa crise estaria vencida pelo menos dentro da obra prima de Camus. Podemos dizer que *A peste* possui linha de traçado clássico, que assinalam para sua vida a duração eterna das grandes criações do espírito. É um romance de nosso tempo, e a sua atualidade consiste em refletir certas atitudes do pensamento, que são peculiares à época em que vivemos; as ideias que encerra são, de certo modo, produto das contingências sob cujo domínio espiritual se processa a vida atual. A história que relata é, em parte, a aventura espiritual do homem contemporâneo que, necessita redescobrir o sentido da sua existência, que acontecimentos exteriores têm perturbado. É esse homem, para quem a cultura se tornou uma carga bastante pesada e que o escraviza, em vez de libertá-lo. Somente a cultura não pode fornecer-lhe meios para sair do caos. Na sua luta contra a peste, a ciência é impotente para debelar o mal que invade as cidades onde habita, e os corações muito mais do que o corpo. E essa peste dominadora, que é a sua incapacidade para o bem, a figuração objetiva do mal na natureza humana, coloca o ser perante a realidade misteriosa de uma existência que ele não está em condições de controlar, dominando-a pela vontade e subjugando-a pelo entendimento. Mas, se *A peste* é o reflexo das condições peculiares à vida contemporânea, se ela é apenas a notação de estados psicológicos que integram a personalidade do indivíduo humano do nosso tempo, não está destinada a durar senão enquanto se fizer sentir o predomínio dessas condições provisoriamente absorventes. Assim, poder-se-á duvidar acerca da solidez desse romance que, feito para traduzir um estado passageiro da

consciência humana, morreria com a superação das dificuldades atuais, interessando só até quando elas persistirem. Sucede, porém, que o autor não se limita a registrar os dados provisórios que o mundo exterior sugere à sua observação; esse registro não tem um valor imediato; através dele Camus consegue fixar certas atitudes permanentes, situações constantes do espírito humano em face de problemas que acompanharão o homem enquanto durar a aventura terrena para a qual foi criado.

O romance de Camus – *A peste* – tem uma ordem necessária, interna, uma lei profunda regendo a conexão das ideias. É assim, como toda autêntica obra de ficção, um mundo próprio, com a sua realidade material e objetiva, que está concentrada nos elementos descritivos da cidade de Oran, num ano qualquer depois de 1940; com os seus seres humanos, que se esforçam por atinar com uma solução para os seus destinos, o Dr. Rieux, Tarrou, Cottard, Joseph Grand, o padre Paneloux e Rambert. De que modo esses seres se defrontam com o problema da existência? Qual o processo imaginativo utilizado pelo escritor para dar vida aos seus personagens, e através do qual se desenhou a ação do romance? Não podemos deixar de considerá-lo como um romance realista. É realista, porque a realidade que descreve não parece ser outra senão a que nos envolve a todos, com a única diferença de que está marcada por um acontecimento excepcional, a peste bubônica, que assalta uma cidade tranquila, “simples prefeitura francesa na costa argelina”. Mas, por outro lado – e é aí que o romance adquire a sua vida própria – essa realidade descrita que se identifica com a do cotidiano, é a realidade que está na dependência de outra que a penetra inteira e profundamente, encontrando-se representada naquele acontecimento extraordinário, a Peste. Não é só uma crônica da peste, como poderia parecer a princípio; peste, aqui, é um símbolo, na medida em que traduz uma visão da realidade da vida, submetida aos imperativos e às exigências de uma outra realidade, que transcende à habitual e que não podemos compreender. Foi, portanto, com a interferência dessa situação objetiva criada pela Peste, procedendo com o auxílio de elementos acessíveis ao entendimento, que Camus conseguiu, sem renunciar à objetividade própria do novelesco, transmitir artisticamente o seu pensamento e a sua visão das coisas. O que ele constata, primeiramente, é que o homem está subjugado por um poder estranho, incompatível com a segurança e a facilidade com que se desenvolve a vida no plano do cotidiano. Esse poder está incessantemente presente, sem que nós o percebamos. Para a visão do mundo que o escritor necessita exprimir é preciso que o homem fique face a face com as situações extremas de sua existência. E é o despotismo da Peste que permite o confronto, arrancando o homem da sua vida comum, do hábito, da segurança que lhe dá o normal funcionamento dos instintos, a atividade a que se dedica na sua qualidade de membro de um agrupamento humano, de pessoa, dotada de direitos e obrigada ao cumprimento de deveres certos.

*A Peste* é a própria história do homem que, de repente, se vê destituído da sua liberdade e adquire consciência do mistério de sua existência, por um acontecimento estranho à sua vontade. É a verdadeira ordem da vida que se

levanta diante dele, a ordem que o envolve completamente, e da qual não pode libertar-se.

Vejamos, agora, quais os problemas que se apresentam ao homem quando a peste lhe revela a verdadeira face do seu destino, colocando-o nessa situação limite em que é preciso encontrar um sentido para a vida e para si mesmo, sob pena de cair vítima do desespero e da loucura que leva ao suicídio. O problema fundamental para Camus é a liberdade de viver. Quando Camus afirma em um ensaio, “Le mythe de Sisiphe”, que o único problema verdadeiramente sério da filosofia é o suicídio, e que o mais importante para o homem é saber se a vida vale ou não a pena de ser vivida, estava atacando diretamente o problema da liberdade. Possuímos a livre determinação dos nossos atos. O homem que chega à conclusão de que a existência lhe é hostil, nega-se a admitir essa realidade brutal. Poderia dela escapar, pelo suicídio, que seria, assim, a última e decisiva afirmação da liberdade humana, como pensava um dos personagens de Dostoiévsky, em *Os possessos*. Mas a liberdade recusa-se a aceitar a ordem diabólica do pensamento: o ato final não é executado. O que é, afinal, o sentimento da liberdade, que nos liga tão fortemente à vida pela resignação e pela indiferença, em vez de agir contra a vida, libertando-nos dela? Para Camus o livre arbítrio não é rejeitado nem aceito: é uma perpétua discussão.

O tipo que o escritor criou na sua admirável novela *L'étranger* é um ser humano caprichoso, perigosamente livre. Todas as suas atitudes parecem revelar uma poderosa vontade, que orienta os atos que pratica. Mas, aos poucos, essa vontade vai sendo minada pelas influências exteriores, pelas mutações do meio ambiente, até que ele comete um homicídio por causa de um estado de irritação a que deu origem ao excesso da luz solar numa praia de Argel. A faculdade de orientação, determinada pelo entendimento, sofreu um colapso brusco. Estamos em face de um homem dotado de extrema sensibilidade, e vemos que essa sensibilidade exagerada transformou-se em puro determinismo. Nossa liberdade fica, pois, reduzida a uma constatação duvidosa. Somos continuamente enganados acerca de nós mesmos. Durante a Peste, os homens não abandonam o emprego para juntar-se aos médicos na luta contra a epidemia. Provisoriamente, eles sabem dispor de sua liberdade. A Rieux só interessa curar, quando pode e enquanto durar a Peste, indivíduos como ele, como Tarrou e Rambert terão aclarado, pelo menos por algum tempo, a significação dos seus destinos, que é salvar a cidade de Oran das garras da Peste. Quando ela terminar, nem mesmo os que esperam a abertura das portas da cidade para abraçar as pessoas queridas que permaneceram distantes isoladas da peste e dos homens, não saberão o que fazer da liberdade reconquistada. Até mesmo os sentimentos mais nobres e mais elevados estão sujeitos ao movimento rotineiro da demora e da expectativa, que acaba por congelar as aspirações da alma e os movimentos livres do espírito. Quando a Peste abandona a cidade, ela fica nos corações; torna-se uma presença constante; e a liberdade que os habitantes de Oran pensavam em ter com o fim da epidemia, oprime tanto ou mais do que o próprio furor da terrível doença, porque ignoram o que fazer de si mesmos, uma vez que não têm mais o que combater.

Camus simboliza o homem livre na figura de Sísifo, do “Le mythe de Sisyphe”, rolando a pedra do alto da montanha, para de novo empurrá-la, de baixo, até alcançar o cimo, de onde, renovar-se-á pela eternidade o seu trabalho de condenado. A pedra é o mundo a que está preso, sem encontrar uma explicação plausível para isso. Sabe, apenas, que tem de movê-la e procurar tirar desse exercício uma satisfação, um proveito íntimo, uma alegria de viver, que o assalta, no intervalo, entre a queda do bloco e o instante de alçá-lo até onde foi determinado pelos Deuses. Ele vive. Eis o essencial. Sua condenação ou salvação, quando terminar esse trabalho penoso, é um fato que lhe passa despercebido. Em *A Peste*, Camus se apega à realidade tangível que nos cerca, mas para constatar que essa mesma realidade está envolvida por uma outra que não podemos compreender e que surge simbolizada na invasão da pacata cidade de Oran pela peste bubônica. O homem está ligado à ordem da peste, que é uma ordem incompreensível, cujos ditames entram em conflito com a ordem natural, a cuja linguagem estamos habituados. A Peste é aqui a manifestação de um poder supremo, cujas determinações parecerão absurdas e desumanas se vamos apreciá-las sem ter o coração preparado pela Fé. Sísifo ligado ao seu rochedo, não é reconfortado pela Esperança. Os personagens de “A Peste” estão compreendidos na ordem da catástrofe como joguetes de suas determinações. Nenhum deles acredita em Deus. Nenhum deles procura interpretar a realidade da providência, que se infiltra sob as aparências terríveis da epidemia. É o padre Paneloux, que procura interpretar a linguagem da Peste. Pelo seu poder, ela havia imposto ao homem a necessidade de reflexão sobre o seu destino, e como que o intimara a tomar uma decisão. Essa decisão é urgente. Crer ou não crer. E Paneloux diz no seu sermão: “Meus irmãos, a hora chegou. É necessário crer em tudo ou negar tudo. E quem entre nós ousaria negar tudo!” Em outra passagem da sua prédica, o cronista anota as seguintes palavras: “Hoje Deus fará às criaturas o favor de mandar-lhes tal desgraça que elas tinham de achar a virtude máxima – a de Tudo ou a de Nada”.

Dois caminhos são aí apontados: o da Fé que é tudo e o da vida sem Esperança que é nada. A solução que Camus prefere é a segunda. É a solução de Sísifo. Ela consiste na moral de desespero, que gera uma atitude heroica, a qual é mantida pelos personagens que habitam o mundo que a Peste escolheu para sua morada.

Dissemos que a obra prima de Camus refletia a aventura do homem contemporâneo, sendo, por isso, em parte, a tradução das contingências existenciais de nosso tempo.

O heroísmo que advém da negação da Fé, como única potência capaz de arrancar o homem do desespero, e que se fundamenta na cega necessidade de viver, é um heroísmo peculiar ao homem contemporâneo. Esse heroísmo surge como direta consequência de uma reflexão pessimista em torno da situação humana. O pessimismo de que falamos possui raízes profundas no “sentimento específico de impotência” do homem dos nossos dias, que Karl Jaspers aponta como sendo uma das realidades espirituais da época em que vivemos. Conhecemos hoje um mundo que guerras sucessivas transformam no palco de

tragédias ininterruptas. É um mundo em que a história age com ritmo novo, o ritmo catastrófico de que fala Berdiaev. O homem não tem poderes para afastar o perigo que ameaça aniquilá-lo, ou mesmo para controlar a sua extensão. Em torno dele, a realidade indomável exerce a sua pressão, surda ao apelo dos sentimentos mais puros, como amor e bondade, que ela desorienta, tal como a Peste com suas vítimas. Dentro da cidade de Oran, os habitantes segregados não lutam apenas contra a enfermidade mortal: lutam para conservar intactos os seus sentimentos. Lutam pela integridade da própria natureza humana. Rambert, por exemplo, um repórter que fica prisioneiro em Oran, por ocasião da Peste, não quer sujeitar o amor que dedica à sua amante, que está em Paris, aos caprichos insaciáveis da calamidade. Daí suas tentativas frustradas para abandonar a cidade, até que resolve associar-se ao heroísmo dos companheiros, que se dedicavam ao serviço das organizações sanitárias no combate à Peste. Mas Rambert tem que capitular diante dela. “Devemos viver e morrer pelo que amamos”, diz ao Dr. Rieux. Essas palavras perdem a sua significação quando são pronunciadas por um homem que devia, como Tarrou, ter a Peste muito antes de conhecer aquela cidade. E diante do poder avassalador da epidemia que abafava paixões e desfazia dramas de amor, a solução estava no heroísmo de Rieux e Tarrou, ao qual Rambert adere. “Nada no mundo merece que a gente se desvie da coisa amada. Entretanto, eu me desviei, eu também, e não sei por que”.

Sob o domínio da Peste o homem fica transtornado, perde a noção de que é uma criatura, com aspirações elevadas que o encaminham para Deus. É o mesmo clima de angústias em que se debate o homem contemporâneo, que procura salvar-se adotando uma solução de desespero. Sísifo tinha apenas a vida sem esperança. Sísifo é o herói, mas o seu heroísmo consiste simplesmente em viver, porque viver por si só, representa um ato de bravura. Eis a fórmula do heroísmo peculiar do nosso tempo. É o dos homens que lutavam contra a Peste, pois eles sabiam muito bem que eram inúteis os seus esforços, que o combate que travavam era estéril. E lutavam sem Esperança, por imposição de sua moral de desespero, cujo princípio é o Dr. Rieux, que enuncia: “A ideia pode fazer rir, mas não há outro meio de lutarmos contra a peste. Honestidade”. Ele negava que no esforço brutal que desenvolvia no combate à Peste estivesse realizando um ato heroico. A honestidade de que fala pode ser necessidade ou, em outras palavras – fidelidade à vida. Fiéis à vida pela batalha necessária que travavam contra a Peste, os personagens do romance de Camus estão ligados a ela como Sísifo ao seu rochedo. Mas, como se pode notar da leitura de “Le mythe de Sysiphe” (que é a última parte do ensaio do mesmo nome), há um momento em que o próprio Sísifo sente a felicidade invadir o seu ser. “Il faut imaginer Sysiphe Heureux”. É o momento em que o herói, tendo rolado o seu rochedo do alto da montanha, vai encontrá-lo embaixo, para recomeçar o trabalho que não cessará nunca. Nesse pequeno intervalo, Sísifo adquire consciência de sua força e da sua natureza. É o breve instante de uma trégua lúcida para consigo mesmo. Também, na *A peste*, há dessas pausas confortadoras em que o homem está prestes a adquirir consciência do seu destino e da sua verdadeira natureza, mas não vai além da posse do sentimento confuso que aspira a felicidade. Esgotados pelo exaustivo

trabalho de um dia de combate à Peste, Tarrou e Rieux sobem a um terraço de uma casa, de onde se avista o mar. Ficam silenciosos, chegam a esquecer que a Peste vive dentro deles e da cidade de Oran. E então, Tarrou pergunta ao outro: “Rieux, avez-vous d’amitié pour moi? Essas palavras mágicas introduzem na ordem desumana da Peste um princípio de liberdade e de consciência. É que Camus, não podendo dar ao homem a esperança, concede-lhe, ao menos, o poder limitado da ternura. Quando a epidemia desaparece, quando os habitantes de Oran veem-se livres do terrível flagelo, concentram a sua expectativa nas portas da cidade, que serão finalmente abertas, devolvendo-lhes as pessoas amadas que deles estavam distantes. E o cronista da *A peste*, que é minucioso no relato dos acontecimentos que se passaram por ocasião da epidemia, diz assim: “sabiam agora que uma coisa podemos desejar sempre e obter às vezes: a ternura humana”.

## 6 TEXTOS DE BENEDITO NUNES EM PERIÓDICOS DE BELÉM - REVISTAS *ENCONTRO* (1948) E *NORTE* (1952)

O tempo chegará  
da palavra invisível  
transformada em pássaro  
e que acorde lembranças  
há muito esquecidas  
no coração sepulto.

(Paulo Plínio Abreu)

### 6.1 *ENCONTRO* (1948)

#### 6.1.1 NUNES, Benedito. "Mar, Partida do filho único e Auto-retrato"<sup>48</sup>

2º Trimestre de 1948

Mar

Estou compondo não o poema do mar  
porém o mar todo inteiro  
e a sua vida já se move nos meus olhos.  
Vede, companheiros, os rios escorrendo sobre mim  
e o meu corpo sem vontade de outra vida.  
Quem poderá agora enxugar essa umidade secular  
das minhas mãos que estão no fim?  
E que sol poderá secá-las?

*Partida do filho único*

Minha mãe pôs sobre mim olhos de porto abandonado.  
Quando comecei a folhear o álbum de família  
assaltou-me de súbito o punhal  
da imagem transferida para a infância

---

<sup>48</sup> NUNES, Benedito. "Mar", "Partida do filho único", "Autorretrato". *Encontro*, Belém, Nº. I, p. 24. 2º. Trimestre de 1948,

### *Auto-retrato*

Ah! o retrato infiel às contorções do sonho  
a volta frustrada aos lírios bíblicos  
e a necessidade de sempre e sempre asfixiar os desejos maduros.  
Ah! o pavor das namoradas ainda por descobrir  
o mesmo que em menino, pedindo para repetir a história da Crucificação  
e atrás das portas escondido da imagem do Arcanjo.  
Ah! o repentino furor de esvaziar os bolsos do casaco  
abrir as gavetas secretas de armários sem qualquer significação  
e surpreender entre papéis e convites para as longas viagens  
o mistério esperado de tantos anos,  
ou traçar nos lençóis frios  
enquanto cambaleio de sono e de pecado  
roteiros de abismos mais profundos.

## 6.2 NORTE - REVISTA BIMESTRAL (FEVEREIRO/1952)

### 6.2.1 NUNES, Benedito. “Considerações sobre *A peste*”<sup>49</sup>

Fevereiro/1952

### 6.2.2 NUNES, Benedito. “O anjo e a linha”<sup>50</sup>

Fevereiro/1952

Em 1942 o poeta Rui Guilherme Barata lançava o seu primeiro livro – “Anjo dos Abismos”, - que a crítica metropolitana, representada por Alvaro Lins, considerava como a melhor estreia daquele ano, em matéria de poesia. Era, realmente, um poeta talentoso que surgia, mas com uma experiência reduzida das coisas da vida, de modo que os seus poemas dessa primeira fase traduzem admirações ou exprimem lamentos e nostalgias, sem trazer uma interpretação da existência em que se refletisse o espírito do poeta, aquilo que possui de mais íntimo e profundo. A profundidade exigida pela poesia não tinha sido alcançada, pelo simples fato de que às suas experiências faltava a cristalização necessária, e aos seus versos a habilidade que só é conferida depois de um prolongado convívio com a riqueza interna das palavras. Mas, nesse primeiro livro, elogiado pela crítica quando nós, ainda considerávamos um ultraje passar além das fronteiras bilaqueanas, - isto em 1942 – revelava-se a energia criadora de um poeta que, mais tarde, saberia manter uma assombrosa familiaridade com as suas imagens e invenções. Depois da estreia, Rui Guilherme passou anos publicando nas folhas literárias locais, resistindo, por muito tempo, à sedução de um segundo livro. Dedicou-se, pausadamente, ao trabalho contínuo de captação poética, vivendo a sua poesia, sem essa maldita ânsia de publicidade, que estraga os poetas federais, como está acontecendo com o Sr. Lêdo Ivo, que dá a vida por ver-se impresso todos os domingos, ou com o Sr. Fernando Ferreira de Loanda, que não podendo publicar suas próprias poesias, publica as dos outros, que são melhores que as dele... E, somente agora, em fins de 1951, o poeta paraense escreveu o seu segundo volume de poemas, que acaba de ser lançado pelas Edições Norte.

É preciso esclarecer que não considero “Anjo dos Abismos” apenas como revelação de um talento, que prometia aquilo que depois realizaria magistralmente. Já nessa coletânea, ele deixa escapar, de quando em vez, alguns

---

<sup>49</sup> NUNES, Benedito. “Considerações sobre *A peste*”. **Norte** (Revista Bi-mestral), Belém-Pará, Nº. 1, p. 3-9, fev. 1952, Esse texto é publicado anteriormente na edição do dia 14 de janeiro de 1951 do Suplemento em estudo, sem modificações para a revista em causa. Texto na íntegra no item 5.6.2.

<sup>50</sup> NUNES, Benedito. “O anjo e a linha”. **Norte** (Revista Bi-mestral), Belém-Pará, Nº. 1, p. 53-60, fev. 1952.

fragmentos de futuras motivações de sua poética, mas fá-lo, é certo, de maneira desajeitada, usando linguagem alheia, pedindo emprestado a facilidade de um lirismo declaratório, que não será a sua expressão normal. É que o poeta não conquistara a sua linguagem, nem implantara as normas de seu mundo particular. A experiência, tanto a da vida, quanto a material do verso, é que há de favorecer-lhe o precioso privilégio de se estabelecer por conta própria no reino da poesia, que não tem porta menos estreita do que a dos Céus... Há, como dizíamos, certos tons que fazem pressentir por entre as exclamações frequentes, e muitas vezes soando tão artificiais e bombásticas, o colorido definitivo das imagens que se elevam agora do corpo dos versos deste admirável “A Linha Imaginária”. Um exemplo sintomático, tomado em “Anjo dos Abismos” encontra-se em “Elegia”, quando o poeta fala no

“tédio feroz que nasce do pecado”.

Existe aí, muito vagamente formulado, um sentimento complexo que mais tarde, saberá desdobrar nas suas nuances características. Ele pressentia, e procurava encontrar um nome para esta insatisfação da natureza humana, que o Mal espicaça e intensifica, esta sede de novas sensações que, uma vez saciadas, deixam um vazio nostálgico e deprimente, como se não pudéssemos encontrar, entre as coisas perecíveis, aquela que acalme para sempre os nossos anseios profundos. É isso, precisamente, que Rui Barata divisa, tendo à sua frente os variados e difíceis caminhos da poesia, ainda com a sua imaginação envolta em brumas da inexperiência, quando a vida lhe apresentava somente duas faces antagônicas: a do Alegre e a do Trágico.

O seu primeiro livro traduz essa visão defeituosa, que expõe como realidade um dualismo inconciliável. Mas as suas sondagens poéticas conduzem-no, pouco a pouco, a uma visibilidade autêntica da existência, em que Alegria e Tragédia se confundem, como as duas faces de um único rosto, e acabam por constituírem a inteireza da fisionomia da vida, a realidade humana total, naquilo que há nela de decadência e exaltação, queda e soerguimento, derrota e vitória, morte e salvação. A sua poesia atingira o primeiro tom da inconfundível nota de espiritualidade, que fará vibrar em quase todos os seus versos a alma de um poeta cristão, de um poeta que está imerso no mistério do pecado e do cotidiano, fazendo um louco esforço, não para compreendê-lo, mas para dizê-lo. Ele já sabe, esse homem que aparentemente vive amarrado ao cotidiano, (porque é um político militante) que não há nada claro na vida, e mesmo o que aparenta certeza e segurança, é apenas uma indicação para o Mistério. As coisas que nos cercam não passam de marcos ou sinais da Realidade pela qual somos arrastados, que não pertence a este mundo e cujo nome, às vezes, não chegamos a pronunciar nesta vida, ou porque tivemos orgulho, ou porque nos faltasse a necessária energia, que só dela provém, e que ela não distribui para quem não desejou ardentemente encontra-lhe o “nome verdadeiro”, e pronunciá-lo com humildade e contrição. A poesia de Rui Barata será, em parte, a procura desse nome verdadeiro. Em “Anjo do Abismo”, ele procura, mais ainda não pode encontrá-lo.

Entretanto, um largo pressentimento se esboça, que é um guia e um clarão no caminho do poeta, cuja alma está dominada pela exaltação de viver, e que ainda é romântica, lançando-se à criação poética para atender às exigências de seu talento, mas também para atender ao apelo do século, que incluiu no seu programa de absoluto amor à natureza e à vida, o convite ao desregramento dos sentidos. Ele é um pequeno deus que não chega a temer o mítico anjo dos abismos insondáveis, que lhe permite atravessar os limites do eterno, com “faces esvoaçantes” e “olhos incolores”. Não é com humildade que recebe o mundo, mas com exaltação, tentando impor-lhe a sua forma e a sua figura.

“Ó sim sou eu por sobre as nebulosas,  
fantasma que povoa quatro mundos  
imagem perdida e mais tarde encontrada  
no ilimitado céu da poesia”.

Ele se deixa arrastar pela sedução de uma imagem que não precisou os seus contornos, a dessa figura abismal, que se espalha pela natureza, figura tenebrosa e ao mesmo tempo angélica, o próprio poeta que não sabendo ainda traduzir a sua visão das coisas, liquida as primeiras experiências poéticas, revestindo-as com a fantasiosa imagem de seu ser agigantado, a tornar-se o centro do universo e de tudo quanto existe. Está na fase da poesia de exaltação, que coincide com os arroubos da juventude. Tudo o que se produz, então, é puro hino, é uma ode à vida, ao Bem e ao Mal, à pureza e à impureza. Mas, justamente no meio desse egocentrismo, que se faz sentir aquele pressentimento de que falamos. O pressentimento que conduziria Rui Barata ao centro de sua poética definitiva. Por isso, ele anuncia:

“Bem sei que é chegada a hora desta estranha paz  
que nasce no mistério  
bem sei que é chegado o momento, desta aurora capaz  
e milagrosa...”

Mas é só uma advertência e que o incita a procurar as fontes legítimas de sua poesia. Essa busca será demorada e penosa, cheia de angústias e decepções. Aos poetas verdadeiros, aos que contraíram com a poesia um grave compromisso, é que foi dado o privilégio de suportar a dura vigília, a penetração difícil dos mananciais da vida, que as palavras escondem avaramente.

Agora nos surge a poderosa revelação de um poeta amadurecido que se retrata nas páginas de “A Linha Imaginária”, amadurecido na técnica do verso e na filtragem das experiências variadas que constituem o cerne magnífico de sua poesia. Rui Barata, com esse livro, inicia o ano literário de 1952. Cronologicamente, o seu pequeno volume situa-se nos últimos dias do ano que passou, mas a importância de que ele se reveste, coloca-o no pórtico do que se inicia. Não é exagero dizer isso. Toda a revoada dos poetas que enche as livrarias do sul do país, com raras e honrosas exceções, vive à custa de um eficiente

sistema de propaganda, veiculada pelos suplementos literários, cuja degradação evidente é mais um fato a se lamentar neste país das lamentações. Poucos, pouquíssimos, alçam-se às alturas da verdadeira poesia. A poesia no Brasil! Recentemente publicou-se o livro “Panorama da Nova Poesia Brasileira”. Iniciativa louvável, mas que serviu para revelar um fenômeno a muito denunciado nas entrelinhas dos artigos de crítica (os raros cometas da nossa literatura, depois que Alvaro Lins e Tristão de Athayde abandonaram o cargo de críticos oficiais). Trata-se da crise que a poesia brasileira atravessa – crise posta em relevo pela geração que se apresenta nas páginas daquela antologia. Toda crise traz um agudo problema a solucionar. A desses poetas, incluindo até Lêdo Ivo, que só na aparência pode vencê-la, porque é dotado de um talento extraordinário, é a confusão entre a matéria e a forma poéticas ou, o que é o mesmo, entre conteúdo e revestimento, ideia e tradução, essência e palavra. Semelhantes conceitos, numa fase em que a poesia está descontrolada por excesso de rumos, são facilmente confundíveis, quando não se estabelece um conflito desarrazoado entre eles. É o que está acontecendo – o conflito. E o resultado de não compreenderem que palavra e essência estão para a criação poética como aspectos diferentes de um mesmo ser, da mesma forma que, ontologicamente falando, a essência e a existência são aspectos inconfundíveis de um ente inconfundível, é apresentarem uma visão defeituosa do ato poético, que ora funciona só pela engrenagem da palavra endeusada, ora só pelas ideias que ela desperta no espírito. Os jovens, quase todos, empenham-se no culto da palavra pela palavra, realizando aproveitamentos artificiais, criando imagens desvirilizadas, meros jogos de termos que dificilmente conseguirão despertar reações emotivas e intelectuais. A poesia de Fernando Ferreira Loanda, pelo que temos dela conhecido, é um exemplo típico da poesia esquelética que se serve das palavras, não para transfundi-las com uma sobrecarga emotiva ou mental, mas para arrumá-las nos limites elásticos dos versos. Há algo de fraudulento nessa experiência. Outros querem fazer poesia desenterrando velhas expressões fossilizadas nos dicionários, o que seria bom, se soubessem revitalizá-las. O aproveitamento da palavra, que é o ato mesmo pelo qual a poesia se materializa, tornando-se acessível, não é uma empresa fácil: as conjunções de sons, o encontro de sílabas, a própria disposição material do verso, a colocação de um termo brando ou incisivo, relacionada com tal ou tal vivência do poeta, tudo isso tem o seu mecanismo secreto, cujas molas não se desvendam assim para uma geração que se preocupa mais em vencer a anterior, do que em realizar, por ela mesma, alguma coisa de sólido. A pesquisa da palavra como a realizaram poetas da envergadura de um Carlos Drummond, Murilo Mendes e dos jovens Darcí Damasceno, Alfonsus de Guimarães Filho, Lêdo Ivo, talvez e alguns poucos mais, representa a interpretação autêntica do que deve ser o trabalho de descoberta poética. Mas, como são deploráveis os jogos verbais que desfiguram o rosto da poesia, empalidecendo-a, corrompendo-a e prejudicando a floração dos talentos novos, que se preparam para ingressar na vida literária.

Além dessa crise, assinalada ligeiramente, há ainda a ressaltar outro fato que diz respeito à servidão que a poesia está sofrendo presentemente. Esta mundanizou-se, os poetas se mundanizaram, tem sede de publicidade, gostam de

aparecer e serem conhecidos a qualquer preço. E para firmarem o seu conceito nos anais da literatura, assumem logo uma atitude revolucionária contra a geração que passou. Uma atitude revolucionária, que é ao mesmo tempo criadora, é justamente aquilo que estamos precisando no ambiente das mirradas letras brasileiras. É digno de todo apoio e incentivo o movimento dos jovens que anseiam realizar novas pesquisas poéticas, assimilar essências, e imprimir à vida uma valorização diferente da que tinha para o grupo de 22. Mas, nesse movimento, há muita atitude sem significação, apenas para impressionar e criar grupinhos. Eis um esboço da situação da poesia brasileira, e em particular dos poetas federais – dos que tiram ouro do nariz, segundo a expressão do “saudoso” Manuel Bandeira... Diante desse panorama, é que surge a poesia de Rui Guilherme Barata, poeta de poesia adulta, mas de poesia vibrante, que vence a crise que os de sua geração ainda não souberam ou quiseram vencer, e que não possui os vícios que eles usam com rótulo de virtudes: a pressa de publicar, a facilidade mascarada de talento, e uma certa chantagem que consiste em apregoar como novidade e como descoberta sensacional, qualquer poesia malandra que não ganharia média nem entre o baixo parnasianismo da Academia Paraense de Letras.

Se a estreia de Rui Barata revelou um poeta de talento, a sua recente incursão pelos caminhos da poesia revela um poeta autêntico e mais do que isso, um poeta já formado, no pleno gozo de suas faculdades criadoras. A “Linha Imaginária” abre o ciclo da nova poesia brasileira em 1952. Não só as faculdades criadoras atingiram nesse livro todo o seu vigo expressivo, como a técnica, o manejo do verso, o poder verbal, a insinuação do tema, a construção do assunto. Essa conquista material, entretanto, não o arrasta para o malfadado preciosismo, e nem faz dele um malabarista de apreciáveis qualidades, que saiba apenas combinar palavras, como pelotiqueiro que sabe atirar as bolas e recebê-las de volta. Rui Barata não é um virtuose do verso, porque é sobretudo um criador. A poesia nele tem nascimento espontâneo, carregando em si, sem prodigalidade, essa riqueza de imagens que se plasma com a elaboração meditada das experiências do poeta. Mas tal espontaneidade não implica no descuido da forma. Esta se ajusta sem afetação e recursos verbais excessivos ao que o poeta tem a dizer. Escorre suavemente, amolda-se à ideia, crava-se na imagem, adapta-se aos seus contornos, de modo que os versos apresentam uma unidade substancial de matéria e forma.

Como se vê, o poeta não se deixou impressionar pelas discussões bizantinas que suscitam o problema da palavra em si mesma, como o ser absoluto da poesia. Não lhes deu confiança, porque a questão não o afetava, como realmente não o afeta. Ele mantém com as palavras a familiaridade de que necessita para traduzir as suas vivências. Essa familiaridade é um fato. Não é o poeta que serve as palavras; elas é que o servem. Por isso, a sua poesia assume tantas vezes um tom prosaico, aparentando ser um simples relato de certas situações. Assim, por exemplo, em “Les Evenements”, o poema que inicia a coletânea, há um jeito simplório de informar que consegue obter admiráveis efeitos. É sobretudo, a simplicidade da concepção o que mais cativa nesse belo

poema, realçado pelo surpreendente aproveitamento do cotidiano, o que é, aliás, conforme veremos, uma das características primordiais da obra de Rui Barata. Além disso, “Les Evenements” impressiona pela forma escorreita e aparentemente prosaica, pela qual o poeta consegue transmitir, diretamente, a sua ideia, como que anotando, com displicência, algumas observações circunstanciais, tal como um viajante apressado que registrasse ocorrências insignificantes na sua agenda de bolso. Até que se desprende uma boa dose de humor destes versos raros:

“Havia a catalogar os nomes  
(desde Adão ao último da Silva)  
os dias,  
(amontoados à sombra de uma solitária inquietude)  
as raças.  
(segundo as suas características mais pronunciadas:  
o estúpido, o neutro, o bem-amado)  
Havia a considerar o trágico e o grotesco  
(as cartas,  
os aniversários,  
o velho álbum de fotografias  
onde ao virar da página  
perdia-se a fralda e a castidade).

Mas não resta dúvida que, se há humor nesses versos, é daquela espécie dolorosa, feita à custa do trágico e de uma total eliminação da alegria de viver, ou das coisas em que a maioria dos homens deposita um crédito respeitoso, relações comuns, hábitos, certezas, gostos e sofrimentos. No poema ao qual nos referimos, o escritor chega a ridicularizar a atmosfera de respeitabilidade civil que nos cerca a todos, submetendo-a à cruel compreensão de seu espírito crítico, para depois vir

... o abandono  
completo,  
absoluto,  
(nem um sopro de fé para deter-me,  
nem um lenho de cruz para deitar-me).

Não falta ao poeta uma certa eloquência. Entretanto, os impulsos vibrantes de sua poesia não são feitos da facilidade oratória, do falso calor poético que tantas vezes ilude um senso estético mal formado. Nada dos fingidos arrebatamentos à Lêdo Ivo, dos sentimentos pré-fabricados. “A Linha Imaginária” é, sob tal aspecto, uma fascinante superação do puramente discursivo, daquilo que, em poesia, é apenas uma prosa arrumada, disposição gráfica, sem ganhar a unidade orgânica dos versos. A eloquência que apontávamos revela-se, sobretudo, em “Ode a Fanny Brawne”, que tem como epígrafe um verso de Keats:

“Mortos e suicidas ainda vivem a tua beleza!”

.....  
Tua beleza é uma beleza de terra em crescimento:  
ressonante e terrível.

Beleza de epopeia  
de fruto ácido e selvagem,  
palpitante e feroz como loba encarcerada

.....  
Diante de ti

quem resistirá nas catacumbas da forma?  
Quem silenciará  
a voz que canta sem querer cantar?

Nesse poema o autor apenas destaca o tema eterno do amor, que ele saberá tratar de uma maneira personalíssima em outros belos versos. Por enquanto, em Ode a Fanny Brawne, ele revela a natural impulsividade de um amante insaciado, e fere, assim, uma corda universal vibrada pelos poetas em todos os cantos do mundo. É um hino, mas que diferença vai dele para as exaltações juvenis e confiantes de “O Anjo dos Abismos”. É através da busca do amor que o poeta ganha impulso para imprimir à sua criação um sentido de busca espiritual, percorrendo a sutil linha imaginária, que se estende, com impreciso traçado, acima da vida cotidiana, e perde-se em regiões longínquas, onde o amor revela o seu nome verdadeiro.

Precisamos, agora, apresentar o temário poético, o conjunto de motivações sobre que se espraia a visão da existência concebida pelo poeta. Quando falamos que o sentido de sua obra estava no cunho espiritual das indagações formuladas pela sua poesia, isso não quer dizer, entretanto que ela se caracterize por um completo misticismo, ou que esteja inteiramente voltada na direção do sobrenatural. Por outro lado, também – e a ressalva é necessária – as tendências cristãs do Sr. Rui Barata não refletem os misticismo frouxo e pedante, à moda de alguns poemas de Marcos Konder Reis, nem são o produto da saturadora influência rilkeana, que os nossos poetas julgam incorporar, ao tratarem das naturezas angélicas e das recordações de infância, como se estivessem desenhando os lavados anjinhos de primeira comunhão ou reavivando as desajeitadas fotografias dum velho álbum de família começado cinqüenta anos atrás. As interferências místicas que percorrem a poesia de Rui Barata são de um tipo diferente. Diríamos melhor interferências religiosas, pois o autor não se desprende desta vida para entregar-se ao alheamento de puras e riosas visões, sem vínculos materiais ou pecaminosos. É mesmo, do centro das relações cotidianas, com o seu cortejo de decepções, tristezas e alegrias, que parte o grito tão humano da poesia que envolve com amorosa ternura, tanto as “coisas pérfidas ou nulas”, como as que são buscadas com viva ansiedade pelos homens. Ela está fortemente ligada à vida, mas é justamente por estar imersa na realidade cotidiana, refletindo as situações desconcertantes, que a insaciabilidade do poeta a compromete com o mundo sobrenatural, tornando-a a imagem da existência,

daquilo que é, e que por ser, transcende a esfera do comum, para encontrar seu pleno significado, fora do tempo, na dimensão da eternidade. Aprofundando a vida, sentido-a com intensidade, é que o poeta descobre a vida suplementar:

“tão próximo de ti,  
tão evidente,  
nas dobras deste enigma severo”.

Não é no terreno puramente imaginário que o poeta acende o fogo de suas imagens. A vida suplementar, em que recompõe a sua existência com o que sobrou da dissipação ocasionada pelo tempo, é o que pode satisfazer o anelo sempre vivo, a sede infinita, que ela designa pelo nome mais largo de amor.

“Os dedos contam as ondas,  
os minutos talvez  
jamais o anelo”.

Sente que o tempo “não dissolve o que colhemos”, que somos seus escravos. E por isso, deseja renascer num tempo novo, alcançar a visão do que há para além do gasto inexplicável de dias que se sucedem, de amores que se inflamam, de livros que são lidos, de cartas à procura de seus destinos, de angústias represadas ou que se confessam, tudo enfim que nos cerca e, às vezes, oprime a alma, que entrevê, como por entre sombras, um mundo diverso, inacessível, mas onde desejaria repousar. A vida temporal é um exílio forçado.

“Ó tempo,  
ó dimensão do exílio e da orfandade,  
e se não digo eterno,  
quase eterno,  
deixai toda esperança  
“voi che entratte”.

O poeta cada vez mais aprofunda o sentido da vida temporal, e vai reencontrar então, a verdade cristã da existência humana como peregrinação, como aventura imitada e perigosa. No fim, o mistério que ele desvenda, resolve-se num velho e grande mistério, mas já sob as aparências de um milagre: “o homo viator”, que é livre e que, estranhamente, possui a liberdade como dom que lhe foi conferido por Deus. É esse homem que vive na “dimensão do exílio e da orfandade”. Um estrangeiro na terra. É essa ideia cristã que se insinua nos versos de “Hommage a Leon Bloy”:

“Somos da terra o sal  
mas nem sabemos  
e deitados na Parábola morreremos  
na primavera das palavras novas,

no segredo que faz nossa alegria.  
Estrangeiros na pátria que elegemos  
vazios do santo amor,  
pobres da Graça,  
a saudade da hora não cumprida  
a tristeza do rei que inveja o escravo”.

Mas o tempo nos escraviza de maneira atroz, afastando-nos daquilo que somos, do que é, em nós, a ressonância do eterno pressentimento. Ele nos afoga com a sucessão de dias, longos e intermináveis ou “acontecimentos cruéis e indecifráveis”, como diz o poeta que, por isso, confessa nostalgicamente:

“Nada podes reter,  
- ó nada podes,  
aprisionar a ti,  
guardar à sombra  
do teu incerto e vário caminhar.  
Outros dias virão  
- longos, intermináveis, -  
e em cada um, do anelo despojado,  
te celebras em rugas e lembranças”.

Dizíamos numa passagem deste breve estudo da poesia de Rui Barata, que ela se caracterizava pelo aproveitamento do cotidiano. E agora mostramos de que maneira ele o faz, dilatando o conteúdo da vida, para aprender a sua transcendência, de que é o sinal o fugidio anelo, a esperança de superar o tempo e desengastar do efêmero a marca e a garantia de nossa particular eternidade. Como se vê, o toque religioso de sua poesia nasce disso. Ela encontra naturalmente o sobrenatural, e dele se avizinha como de uma região imprecisa mas real, onde ecoam os nossos anseios e desejos insatisfeitos e cessa de todo o rumor da vida cotidiana; como de uma terra de promessa onde se desfaz o peso das longas horas intermináveis e onde, enfim, tudo se transforma, mansa e suavemente como no verso de Goethe, na “paz eterna, em Deus, Nosso Senhor”.

A poesia de “A Linha Imaginária” está sustentada por uma visão nitidamente religiosa das coisas. O próprio autor declara abertamente que

“Geograficamente o azul é a minha pátria,  
politicamente, o amor é o meu governo,  
e o sobrenatural a grande vocação”.

Por ter essas raízes de melancólica religiosidade, é que Rui Barata conseguiu fazer uma poesia humaníssima, que exprime até um moderado conformismo diante do trágico das nossas existências terrenas, mesclada com humor, e mesmo com uma certa gaiatice e aparente leviandade, apoiando o patético numa fingida displicência pelos seus sentimentos, como quando escreve que quer amar

“Alguém que seja infanta ou passarinho  
mulher, criança, cão ou realejo  
que fale, cante ou toque de mansinho”.

e se for mulher esse alguém, não importará o nome. O essencial é que ela o salve, para que possa dizer à saudade:

“indecisa,  
já vais tarde  
o que quero é rosetar”.

Muitos versos de Rui Barata extraem poesia daquilo que é banal. Uma expressão de rua, de gíria, do “bas-fond” foi ali ajustada à expressão de um sentimento universal, e não ficamos de nenhum modo desconcertados com a intromissão.

Observe-se, depois disso tudo, o tom arrebatador, pungente, de tirar lágrimas, do poema intitulado “Carta”. E naquele pequeno e encantador “Canção para Maria Diva”, detenhamo-nos na ternura, no repousante afago que representa essa melodiosa berceuse. Assim descobriremos o poeta, para que também nos seja revelado em “Salmo” a expressão de sua fé agônica, do homem que tenta o Senhor e que, por isso, o chama de “inimigo oculto em cada hora noturna”. E para que o sintamos ainda mais, em toda a força de sua poesia, deixemo-nos penetrar pela contraditória mistura de graça e seriedade de “Valsa para Taisinha” e pelo extraordinário poder de síntese demonstrado em “Arte Poética”, ou no pitoresco “Auto retrato”, pintado surrealisticamente. Eis as muitas encarnações da poesia de “A Linha Imaginária”. Mas todas elas parece que confluem para um só intuito poético – a revelação do nome da indecisa saudade que o poeta mandaria rosetar, do anelo que é tão vago, e do grande amor que põe a intranquilidade em sua alma, do amor ao qual queria entregar-se, mas conhecendo o seu nome verdadeiro. Se não encontrou o que buscava, está próximo do enigma sereno, nas margens da vida suplementar, porque assim o mostra a sinuosa linha imaginária que a sua vocação pelo sobrenatural o forçou a traçar com heróica decisão.

### 6.2.3 NUNES, Benedito. Hécuba<sup>51</sup>

Fevereiro/1952

Quem assistiu à “Hécuba”, de Eurípedes, na apresentação do Teatro do Estudante do Brasil, teve a noção exata dessa grandeza puramente humana, que sobressai das tragédias gregas. Não é fácil reviver um drama que surgiu antes de Cristo, para homens de sensibilidade diferente dos que se agrupavam nas praças de Atenas e interferiam na ação, como participantes e não como simples espectadores. Enquanto hoje apreciamos a tragédia antiga, sem nos sentirmos identificados com a sabedoria que o Coro traduz, advertindo os personagens ou louvando-lhes as ações, por motivos que não guardam mais nenhuma afinidade conosco, - os gregos representavam um papel decisivo no ato dramático. Eles colaboravam na formação da corrente emocional que dava a nota desse trágico antigo que em vão tentamos recuperar. Mas não é possível regressarmos a uma forma de sensibilidade já extinta, e experimentar os efeitos dessa depuração espiritual (catarsis), que os gregos sentiam com a tragédia: primeiro o temor, quando o herói surge em cena com o seu destino traçado, como sucede a Hécuba, que é impotente para lutar contra a adversidade que a atinge; depois, a comiseração que nasce do desfecho trágico, ao ser condenado sem apelação, como Hécuba, que será para sempre “a mais infeliz de todas as mulheres”. Por isso, o que resta para nós da tragédia grega, e justamente essa grandeza humana que a direção do Teatro Estudante do Brasil preservou na sua apresentação de Eurípedes. Foi um sucesso de direção e um sucesso retumbante, se nos lembrarmos dos obstáculos que ela teve de vencer. Inicialmente foi, com certeza, levada em conta essa diferença de temperamento que separa o homem moderno do antigo, e pela qual temos duas maneiras distintas de reagir diante da mesma ação dramática. A nossa é passiva; a dos gregos era ativa e foi produzida por uma sabedoria para a qual o tempo nos imunizou.

Outros problemas de natureza mais imediata terão preocupado o Diretor. Na tragédia grega faltam marcações. Isso, ao mesmo tempo que dá uma grande liberdade de criar, restringe essa liberdade, que só pode dispor de elementos acessórios, mas para combiná-los dentro de um esquema rígido, cujas linhas são imutáveis: a ação dramática sobre a qual refluíu a ação do Coro, na unidade de tempo e lugar. A ação dramática é pura, não exige acompanhamento cênico especial, e toda ela depende exclusivamente do discurso. Entretanto, o Diretor não pode jungido a essa simplicidade helênica, boa para os helenos. Ele tem de chamar a sensibilidade do espectador moderno, acrescentando à eloquência própria da tragédia o aditivo visual necessário, como o complemento exterior da palavra, adequado a refleti-la com mais vivacidade no espírito da platéia. Silva Ferreira obteve esses efeitos todos, sem estragar a economia da peça, e conservando essa tocante sobriedade nas entonações e gestos, que se harmoniza

---

<sup>51</sup> NUNES, Benedito. Hécuba. **Norte** (Revista Bi-mestral), Belém-Pará, Nº. 1, p. 64-65, fev. 1952,

com a moderação dos arranjos cênicos de surpreendente originalidade. Sem falar da aparição do fantasma de POLIDORO, envolto numa luz violácea que logo irradia aquela atmosfera pagã que não mais se desfará, - sem falar nisso, e em outros detalhes dignos de nota, relembremos a policromia admirável que se formou no momento da chegada de Ulisses, com os seus soldados dispostos no palco iluminado, como as manchas pacíficas dessas cores brandas, que se vão desfazendo na superfície de uma tela antiga. Houve também uma passagem artificiosa, que se integrou ao desenvolvimento do drama: o corpo de POLIDORO, surgindo, sob a luz das tochas, através do fino reposteiro, carregado por uma turma silenciosa, que cadencia os passos, e, com esse pisar rítmico, modula os sons ainda brutos, mas convincentes de uma monodia fúnebre.

O Coro não espaçou à argúcia da Direção. Ela tem na peça o papel que possui na tragédia de Eurípedes: vale mais pela presença plástica. Pouco fala, no que acertou também o tradutor Junoto de Souza Brandão, suprimindo a fala tripartida conservada pela versão de Leconte de Lisle.

O elenco apresentou-se homogêneo e foi justamente essa qualidade que completou o êxito da exibição de “Hécuba”. A tragédia grega não oferece campo para esses grandes rasgos dramáticos nos quais o ator aplica a marca de sua personalidade, infundindo à interpretação o cunho de aventura pessoal, que só ele é capaz de reproduzir. Existem muitos Hamlet, mas Hécuba é uma só. Por isso é que, ao reviver a tragédia antiga, precisamos observar que as personagens, no sentido moderno, ainda não tinham nascido. Os atores atuavam com uma certa humildade, que os fazia anônimos. Daí a necessidade de incentivar a homogeneidade do conjunto, restringindo, ao máximo, a vivacidade dos atores, que podem facilmente descambar para o ridículo, ao exprimirem sentimento que não tem matizes e traduzem ou a suprema Alegria ou a Tristeza absoluta.

Miriam Carmen esteve sóbria e alcançou uma grande correção. Notável a atuação de Rui Cavalcanti, no papel de POLIMNESTOR, sem exagero, perfeitamente à vontade. A Voz do Coro ainda inexpressiva e titubeante, enquanto que Eugênio Carlos, em AGAMENON, tem a mania de recitar.

Vale ressaltar, mais uma vez, que o que impressiona nesse trabalho do T. E. B. é a Direção, que conseguiu o milagre da atuação uniforme do elenco, pela qual foi possível termos a impressão da grandeza humana de “HÉCUBA”.

## 6.2.4 NUNES, Benedito. O T. E. B. em Belém<sup>52</sup>

Fevereiro/1952

Visitou-nos o Teatro do Estudante do Brasil. Fruto do idealismo vigoroso do intelectual patricio Paschoal Carlos Magno, o T.E.B. é uma realidade viva em prol da cultura em nossa terra. Isento de qualquer comercialismo, o grupo de Paschoal empreende agora uma peregrinação artística em todo o Brasil, levando a ver e a gozar da verdadeira arte dramática, quem nunca antes havia tido oportunidade de assistir o desenrolar na ribalta da beleza pura do teatro clássico antigo e moderno. Com um elenco de rapazes e moças ainda bem jovens, o conjunto artístico do T.E.B. não sobressai tanto pelos valores isolados, como nas boas companhias que raramente nos visitam, mas justamente por aquilo que constitui uma carência desastrosa nas caravanas profissionais: a unidade dos seus artistas traduzida em esplêndido conjunto.

O repertório do T.E.B. dispensa comentários, bastando o título e o nome do autor da peça para atestar a qualidade do produto apresentado. Sua estreia entre nós foi marcada por um êxito invulgar na encenação de “Hécuba”, de Eurípedes. Do teatro grego, encenaram ainda duas tragédias de Sófocles, “Édipo Rei” e “Antígona”. Shakespeare esteve presente através “Romeu e Julieta”; o teatro brasileiro fez-se representar pela figura mais significativa da arte dramática brasileira, Martins Pena; e o gênio português, pelo incomparável fundador do teatro luso, Gil Vicente, com o “Auto da Mofina Mendes” e o “Auto da Cananéia”

Integram o elenco do T.E.B.: Miriam Carmen, Marcelo Aguinaga, Beatriz Veiga, Eugênio Carlos, Paulo Francis, Nelson Mariani, Cristovão Filho, Luiz Espíndola, Jorge Chaia, Ruy Cavalcanti, Ana Adler, Fernando Cesar e Edson Silva. A Direção geral está a cargo de Silva Ferreira, de certa maneira, o detentor de todo o êxito da excursão. Na parte técnica e auxiliar, Wilson Ribaldo, Rosa Carlos Magno, Nina Argentero, Toledo, Antonio Alves de Souza, Orlanda Carlos Magno, Rosalvo Mota e Aureo Nonato.

Insistindo na difusão artística entre o povo, Paschoal Carlos Magno fez realizar vários espetáculos ao ar livre para os habitantes dos bairros.

---

<sup>52</sup> NUNES, Benedito. O T. E. B. em Belém. **Norte** (Revista Bi-mestral), Belém-Pará, Nº. 1, p. 65-66, fev. 1952. Texto sem assinatura, mas pelo estilo e pela posição do texto na revista parece ser de Benedito Nunes. Esse texto vem em seguida de Hécuba, texto assinado por Nunes. Logo depois vem a secção sobre “Cinema” assinada por Orlando Bitar.

### 6.2.5 NUNES, Benedito. “Conferência”<sup>53</sup>

Fevereiro/1952

A quando da permanência entre nós do Teatro do Estudante do Brasil, realizou-se num dos salões do Instituto de Educação do Pará, uma interessante conferência sobre teatro, pronunciada pelo Diretor daquele grupo, Sr. Silva Ferreira. O talentoso conferencista abordou problemas práticos de direção teatral, fazendo uma espécie de roteiro para orientação dos amadores que aqui se dedicam à ribalta.

Demonstrado a sua familiaridade com as coisas do teatro, Silva Ferreira impressionou pela sua fluência e, sobretudo, pela maneira agradável como focalizou as três questões primordiais da arte dramática: texto, ator e ambiência. Além disso, apreciamos muito o método a que obedeceu a exposição do tema. Silva Ferreira deu à sua conferência um caráter prático, conforme já frisamos. Desse modo, conseguiu prender a atenção da assistência que o escutou.

Depois, a pedido do Sr. Diretor da Educação, que se achava presente, o conferencista discorreu sobre a natureza e a oportunidade da aplicação da pantomima.

---

<sup>53</sup> NUNES, Benedito. Conferência. **Norte** (Revista Bi-mestral), Belém-Pará, Nº 1, p. 66, fev. 1952. Texto também sem assinatura, mas pelo estilo e pela posição do texto na revista é de Benedito Nunes. Esse texto vem em seguida de “O.T.B. em Belém”.

## 6.3 NORTE – REVISTA BI-MESTRAL (MARÇO/ABRIL/1952)

### 6.3.1 NUNES, Benedito. Atualidade de S. Tomaz<sup>54</sup>

Março/abril/1952

O renascimento da doutrina de S. Tomaz nos meios profanos, em pleno século XX, cujo espírito parece, à primeira vista, inteiramente refratário aos ensinamentos do Doutor Angélico, é o sinal de que foi aberta uma saída para a crise moral em que nos debatemos. É preciso esclarecer, que quando se fala no renascimento de S. Tomaz, não quer isso dizer que o seu pensamento ressurgira agora das cinzas do passado. Ele sempre esteve vivo, como talvez nunca tenham estado muitos sistemas filosóficos que conquistaram as elites intelectuais da época em que surgiram, gerando influências prolongadas e repercutindo na construção de outros sistemas. Mas, é certo que, com o alvorecer dos tempos modernos, o tomismo era banido – não desbancado ou refutado – como pressuposto infalível da criação filosófica e, em segundo lugar, se desenvolveria a linha cartesiana, que abrange toda a história da filosofia moderna, de René Descartes até aos últimos ensaios positivistas, antes de se esboçar a reação de Bergson e da tendência espiritualista que a ele se filia. Não será errôneo procurarmos compreender o sentido da evolução do pensamento filosófico a partir de Descartes, relacionando-o com o afastamento de S. Tomaz de Aquino do curso inteiro dessa evolução. S. Tomaz impusera uma ordem natural ao conhecimento humano, e delimitara o terreno da filosofia, marcando a sua extensão com princípios que se harmonizavam ao mesmo tempo com a natureza humana e com a natureza do mundo. Ele compreendeu que, fora desses limites, a filosofia se arriscaria numa aventura estéril, e não seria mais a imagem do bom senso, nem o mais alto produto da razão humana, e sim uma dissipação espiritual ou uma brilhante e sedutora fantasia. A intuição do filósofo e o senso profético do santo devem ter-lhe mostrado o quadro fulgurante da filosofia moderna, em que o homem, depois de ultrapassar aquelas barreiras naturais, se entregaria ao trabalho de torcer a sua inteligência, utilizando-a para realizar prodigiosos artifícios, e conquistando algumas verdades à custa de muitos erros. Não queremos, de modo nenhum, afirmar que tenham sido vãs todas as experiências do pensamento humano desde o momento em que ele rompe com a orientação da filosofia cristã, cujas bases tinham sido assentadas por S. Tomaz no século XIII. Em nosso modo de entender, a filosofia entrava num período aventureiro, quando perdeu de vista a presença de S. Tomaz de Aquino, e decidiu iniciar uma nova caminhada, para descobrir, com outros recursos, o que, talvez, reduzido às proporções mínimas, era o mesmo que o doutor da Igreja descobrira antes. Os princípios com os quais ela rompeu, colocavam-na no caminho direto da Verdade,

---

<sup>54</sup> NUNES, Benedito. Atualidade de S. Tomás. **Norte**, Belém, Nº. 2, p. 3-23, mar.-abr. 1952. As notas de rodapé do corpo do referido artigo são de autoria de Benedito Nunes.

e após esse rompimento, ela fará um percurso acidentado e penoso, que durará quatro séculos, até que se esbocem os sintomas de que ela anseia regressar à pátria de onde se exilou.

O intuito deste estudo é mostrar a atualidade da doutrina de S. Tomaz de Aquino. Acompanharemos a lenta integração do pensamento moderno no espírito do tomismo. Essa integração faz-se obscuramente e em silêncio, mas é um fato incontestável, que nos enche o coração de esperança, por vermos que ela prepara o homem contemporâneo para vencer a crise moral e social em que se afundou. No dia em que houver ordem no mundo, e tiver passado este período de inquietação avassaladora, estaremos por fim reintegrados no espírito do tomismo. E saberemos então viver na plenitude da mensagem de Cristo.

Em primeiro lugar, é necessário fazer em esboço das experiências filosóficas que romperam com certos princípios firmados pelo tomismo, conduzindo o pensamento moderno ao estado de indigência no qual ele se encontrava em fins do século XIX, anteriormente às primeiras reações decisivas, que se avolumam agora, e que visam reconduzi-lo para o meio de seus ideais legítimos e imperecíveis.

Como acentuamos logo no início, foi com René Descartes que se operou a negação sistemática da filosofia cristã representada por S. Tomaz de Aquino. Enquanto este colocava a razão nos seus justos limites, compreendendo que ela era a faculdade pela qual a realidade subjetiva se harmonizava com a realidade objetiva, Descartes colocava-a tão separada do mundo que, em breve, o homem perdia a sua ligação natural com as coisas, e acabava duvidando da existência real que elas possuem fora de sua consciência. Esse subjetivismo excessivo, que só acredita, como primeira e última verdade, na independência do pensamento para consigo mesmo, daria origem à famosa teoria do conhecimento, que agitou toda a filosofia moderna, espalhado pela atmosfera os fantasmas de tantos sistemas, que hoje não assombram mais ninguém.

Quem lê as “Meditações Metafísicas” [1], e depois se volta para ler o que a natureza escreveu de maneira muito diferente em nosso espírito e na face das coisas, vê que Descartes foi um homem dominado pelo pânico da incerteza. Esta incerteza foi tão violenta, que ele teve de procurar abrigo em seu próprio pensamento, saindo, às vezes, timidamente, para caminhar sobre a realidade exterior, na qual ele não acreditava. O que Descartes conseguiu com isso, foi desprestigiar a razão e, depois dele, os filósofos passaram a considerá-la com uma certa reserva, admitindo que ela não podia ser uma faculdade de longo alcance, e que estava, por conseguinte, fadada a deixar-nos numa quase completa ignorância a respeito dos fatos mais importantes que a nossa humana curiosidade nos leva a indagar. Para S. Tomaz, a razão é uma faculdade de longo alcance, mas não de alcance infinito. O nosso conhecimento possui limites naturais que nos são dados quer pelo mecanismo do ato de conhecer, quer pela realidade material, cuja íntima essência ultrapassa a nossa reduzida capacidade de compreensão. Mas existem verdades naturais que são acessíveis à razão. O papel da filosofia consiste precisamente em captá-las. Como observa Martin Grabmann, é essa convicção uma das bases sobre que repousa a doutrina

tomista – afirmar a objetividade do pensamento, “capaz de conhecer e assimilar o reino das essências, das causas, dos fins e das leis, que está por detrás do mundo das aparências [2]. Não se trata de afirmar que o nosso entendimento é uma potência desmedida, que tudo pode saber, ajustando-se completamente às coisas que deseja conhecer. Os fatos exteriores são enganosos e fugidios, como pensava Descartes, mas isso só depõe contra a razão até um certo ponto, e não implica que ela seja sempre enganada. Por outro lado, S. Tomaz não concebia uma “igualdade mecânica entre o modo de conhecimento e o modo de ser do objeto [3]”, de maneira que ele reconhece os justos limites ocupados pela nossa capacidade de conhecer. A filosofia moderna começa justamente debatendo-se com esse problema já resolvido, e o levará até às suas últimas conseqüências, que serão formuladas por Emanuel Kant no século XIX.

Para a orientação cartesiana, que fez levantar no pórtico da filosofia moderna a teoria do conhecimento, as nossas sensações só nos dão as modificações da alma; elas não trazem para dentro de nós o mundo exterior. Se, de certa maneira, essa orientação não deixou de acreditar no mundo exterior, era por uma espécie de necessidade de salvar a objetividade das coisas, para nela sustentar a marcha progressiva das ciências da natureza, e não porque acreditasse, de fato, nessa objetividade. O princípio de que o real é a percepção e não o percebido, desligava o pensamento do seu objeto próprio: o ser. Essa separação, iniciada no século XVI, é um dos incidentes responsáveis pela crise da metafísica. Toda a doutrina de S. Tomaz de Aquino, nos seus diversos aspectos, o metafísico, o ético e o político, está arraigada na noção de ser. E o que lhe descobriu o ser, o que fez com que ela aderisse à realidade das coisas, foi o descortínio da Fé aplainando as dificuldades encontradas pela razão. É a Fé colaborando com a investigação racional da realidade e, ao mesmo tempo, superior aos resultados obtidos pelo esforço do entendimento; é essa participação latente da Fé nos processos da razão, que permite ao tomismo ancorar a sua concepção do Universo em Deus, valor soberano da metafísica.

Kant, interpretando as conseqüências finais das conclusões cartesianas, transforma o ser em algo ininteligível, situa-o fora do entendimento, ofusca-o inteiramente, e cinde a realidade em duas porções distintas, a das aparências e a das essências, só nos sendo possível conhecer a primeira, de vez que a última estaria fora do espaço e do tempo, na região nebulosa dos nomenos, onde não penetra a luz da razão. A inteligência sofria um sério traumatismo com essa limitação rigorosa do seu raio de ação e, daí em diante, a metafísica seria negada e combatida, porque ela nos conduz precisamente além das aparências, fazendo-nos penetrar no domínio dos princípios, das leis e das causas que regem o universo. A posição de Kant obteve um sucesso de caráter prático imediato: suprimiu a metafísica, que ele mesmo considerava, na sua “Crítica da Razão Pura”, “como uma ciência em ensaio” [4], e concentrou as investigações científicas em torno da realidade material, e das puras construções mentais, nada havendo que pudesse ser conhecido além dos corpos e números.

Chegamos ao ponto em que a negação ao espírito de S. Tomaz completa. Após destruir a metafísica, Kant verificou que havia eliminado a presença de Deus

do mundo, sem dar-se conta disso, e era preciso reinventá-la. Mas o Deus por ele fabricado de improviso não tinha vida, e fora colocado apressadamente para arrematar a cúpula de um universo mal construído. Se a razão pura nunca será capaz de nos informar com certeza se existe Ser Supremo, a consciência prática nos diz que a sua existência é necessária, como um dos mitos mais estimulantes da livre atividade do homem. Foi o raciocínio que talvez Kant tenha feito, depois de escrever a sua “Crítica da Razão Pura”. S. Tomaz compreendia, entretanto, que nem se deve rebaixar o raciocínio da maneira porque o fez Kant, privando-o de empreender algumas verdades acerca de Deus, entre as quais está a sua própria existência, nem acreditar que só é real aquilo que o raciocínio pode conhecer, considerando-o como força onipotente. Algumas verdades relativas à existência de Deus são francamente acessíveis à razão, não todas, pois a nossa idéia de Deus “é tanto mais verdadeira quando mais o concebemos como um ser superior à nossa inteligência natural” [5]. S. Tomaz expressava, assim, um julgamento exato acerca da natureza da razão, porque a completava com os recursos trazidos pela Fé, uma vez que “a Fé não se opõe aos princípios supremos do pensamento humano” [6]. A filosofia de Kant fechara tanto os domínios da razão quanto os da religião, desfazendo-se, em conseqüência, a harmonia entre a Fé e a Ciência, que o Doutor Angélico fundamentara solidamente na convicção de que não existe conflito entre a verdade sobrenatural e a verdade natural.

A partir de Kant, não haverá mais entendimento entre a religião e a ciência; a filosofia se transforma numa disciplina metódica, destina a reunir e coordenar os resultados obtidos pelas ciências físicas e naturais, e estas, baseadas no método experimental, não se subordinam a nenhuma consideração de ordem extra-sensível ou extra-natural, passando a ocupar um campo vastíssimo, que absorve a totalidade do conhecimento humano, sujeitando-o ao critério exclusivista, que consiste em reduzir todos os fatos existentes, mesmo os de natureza psicológica, a fenômenos puramente materiais. Surgia e avolumava-se o espectro de uma nova divindade iracunda: a Ciência hostil ao conhecimento metafísico e ao sobrenatural. Esfacelara-se a hierarquia em que, na doutrina tomista, estão intimamente ligados aos ramos do saber humano; cada um deles gozando da autonomia que lhe é própria, mas não de suficiência absoluta. O primado nessa hierarquia é ocupado pela Teologia, que tem por objeto o estudo da Verdade revelada e que, por isso, deve ser entendida como a mais alta sabedoria humana sobre as coisas divinas. Em seguida, vem a Filosofia, estudo racional do mundo, do Homem e de Deus, e cujos caminhos muitas vezes se entrecruzam com os da Teologia, sem que sejam opostos aos rumos dessa primeira ciência e, ao mesmo tempo, sem que se misture a função de uma com a de outra.

O último lugar é ocupado pelas ciências que se aplicam a conhecer um determinado setor da natureza, utilizando os métodos convenientes para atingir o seu fim, mas, subordinadas à inspeção da filosofia, que lhes assiste com os princípios gerais do conhecimento, disciplinando os resultados parciais do trabalho de investigação científica. Que as ciências particulares ocupem o último plano na hierarquia do conhecimento humano, não quer dizer que elas sejam inferiores à

filosofia, e que esta, ocupando o segundo, tenha a sua dignidade diminuída em relação à Teologia. As três modalidades do saber se interpenetram sem perda de sua autonomia e de sua dependência recíproca. No século XIX, o positivismo, retomando a herança intelectual de Kant, destruiu os dois primeiros degraus da hierarquia concebida por S. Tomaz, dando o domínio exclusivo da realidade às ciências experimentais. E, daí por diante, a filosofia tornava-se um termo equívoco, empregado apenas para denominar o conjunto de leis da matéria.

A crise da metafísica, que é a filosofia propriamente dita, não produziria graves irregularidades apenas no que diz respeito ao conhecimento puro. Iria mais longe a sua extensão, arruinando a base autêntica dos valores morais, que é a metafísica e não empírica.

Em última análise, a moral deriva menos da metafísica do que dos mandamentos divinos que ela vai buscar na Teologia. Desse modo, no fundamental, os padrões de conduta humana são religiosos. “A consciência moral não basta, diz Maritain, se não for, ao mesmo tempo uma consciência religiosa” [7]. Os sistemas de ética que não levaram em conta o caráter decisivo da moral cristã, pretendendo basear os seus princípios no conhecimento da natureza ou nas leis da convivência social, logo mostraram a sua incapacidade para ajudar o homem na solução de seus conflitos íntimos, como também oferecer-lhe as regras de ação convenientes à sua vida prática. Nesse particular, o erro de Kant foi tão espetacular quanto o de Augusto Comte. Para o primeiro, a consciência humana devia ser um universo resplandecente, que se governasse segundo leis próprias, obedecendo unicamente à soberania de sua vontade. Assim, cada um de nós, poderia ter sua tábua de valores, desde que a vontade é a lei suprema da ação. Enquanto Kant divinizava a vontade, A. Comte fazia do trabalho comum da humanidade, em busca do progresso material, a norma suprema de nossa conduta. Não havendo mais um critério seguro para distinguir entre o bem e o mal nas ações, era natural que, já ao expirar o século XIX, Friedrich Nietzsche aspirasse à transmutação de todos os valores, gritando, ao mesmo tempo, que Deus estava morto. Este grito de que Deus estava morto dá início à história contemporânea. Ele penetra nas consciências, e lhes adverte de que a experiência do pensamento moderno precisava recuperar certas verdades que haviam sido perdidas. É então que começa o retorno ao espírito de S. Tomaz que, num passado distante, apresentara essas verdades perdidas com inexcedível bom senso, e também com inexcedível amor.

As concepções filosóficas que estiveram em desacordo com a doutrina tomista são, conforme tivemos oportunidade de verificar, as que se originaram em Descartes e Kant, por serem estes os pensadores mais representativos da filosofia moderna, aqueles aos quais devemos as origens das idéias que influenciaram a formulação moral e intelectual do homem moderno, A herança que essas concepções nos legaram é vastíssima e custará ainda muito a desaparecer; as suas conseqüências não estão patentes apenas na literatura científica e filosófica dos últimos tempos; impregnaram a vida inteira, condicionam, ainda hoje, certas atitudes freqüentes do homem comum, no que diz respeito à maneira de agir e de pensar, arraigando em sua consciência inúmeras convicções falsas e preconceitos

nocivos. O hábito de considerar-se a filosofia como um estudo inútil e sem relação com a vida prática, a sedução fascinante exercida pelas ciências físicas e matemáticas que são tidas, comumente, como as únicas que, de fato, merecem o nome de ciências; a idéia de que a religião é um uso social eminentemente respeitável, arraigado às tradições e à cultura de um povo, sem que, entretanto, se procure compreendê-la sob o aspecto da verdade de seus ensinamentos; o descrédito da distinção entre o bem e o mal, tomada como critério básico de toda ação humana, e o prestígio soberano da eficiência e da utilidade social dos nossos atos – são os traços mais eloqüentes que configuram a personalidade humana em nossos dias. Contudo, esses traços vão perdendo a sua nitidez – esfumam-se sob o influxo do desequilíbrio espiritual, que foi o resultado imediato das idéias que os produziram. O desequilíbrio espiritual causou o desequilíbrio social e político. A ausência da Fé está na origem da crise em que o mundo se debate – afirmação corriqueira, feita pelos curas do alto de seus púlpitos. Mas é uma realidade.

Quando Nietzsche anunciou a morte de Deus era natural que pensássemos ser possível colocar-nos em lugar d'Ele. E foi o que fizeram gerações e gerações de jovens, que respiravam o ar impregnado das doutrinas filosóficas do tempo. Entregaram-se a um individualismo desenfreado, acreditando na independência absoluta da vontade, capaz de construir por si mesma, desajudada de qualquer preceito ético ou religioso, uma civilização grandiosa; e acoimaram a moral cristã de moral de fracos, erigindo como princípio supremo da vitória dos fortes sobre os débeis, que era o princípio da seleção natural das espécies aplicado à vida humana. A falsa noção de que estavam imbuídas, a noção da soberania do homem, transferiu-se naturalmente para o plano político: eis aí as origens das ditaduras modernas e do falso conceito da soberania dos povos, que predispõe as nações a viverem numa eterna luta. Mas o sentimento eufórico de que partilhavam os membros dessas gerações, deslocando os valores morais tradicionalmente acatados, criaria também a voracidade do capitalismo, impondo o regime da justiça social que foi, então, defendido como o estado natural das coletividades humanas, uma vez que a própria natureza nos oferece a imagem de um rigoroso predomínio dos que são melhor dotados sobre aqueles seres destituídos da capacidade para viver, havendo, assim, uma semelhança sugestiva entre tal ordem de coisas e a proliferação da miséria econômica, existindo lado a lado com a opulência. Entretanto, não demorou muito, e os jovens que traduziram em termos práticos a mensagem de Nietzsche, e que haviam apagado a distinção entre o bem e o mal, entre o justo e o injusto, sentiam as primeiras pontadas do desespero e de um enervante ceticismo. A desarmonia social se avolumou o bastante para que surgissem as reivindicações proletárias, e se desenvolve o processo de uma agitação de proporções desconhecidas na história humana, enquanto que a desarmonia no plano das relações internacionais, gerava um clima de cansaço, que pedia um melhor entendimento entre os homens e as nações. Era a exaustão do mundo moderno. Aquela juventude satisfeita consigo mesma transfigurou-se na juventude desesperada que voltou dos campos de batalha das guerras de 1914 e 1939, e é a mesma que hoje procura novamente dessedentar-se nos velhos princípios do cristianismo ensinado por S. Tomaz.

Bergson e Kierkegaard são os primeiros pensadores que no princípio do século, começariam a trabalhar para a recomposição do espírito humano e, exprimindo-se de modos diferentes, sendo mesmo antagônicos à doutrina do Doutor Angélico, não deixaram de trazer a sua contribuição para o despertar da filosofia tomista que agora presenciamos, e para que, mais tarde, seja por fim atingido o ideal da participação efetiva do pensamento humano no espírito do tomismo. Bergson restaurou na consciência humana o prestígio da metafísica, e Kierkegaard, inspirando-se diretamente no cristianismo, mostrou a supremacia da Fé sobre a inteligência. Desses dois pensadores surge a corrente do existencialismo que, nas suas expressões autênticas, traduzidas pelas filosofias de Gabriel Marcel e de Karl Jaspers, compreendem a vida humana relacionando-a a valores absolutos, dentro de uma ordem em que o homem se acha ligado naturalmente a Deus, como realidade que transcende à de sua existência. O essencial, pondo à margem os erros e os exageros, é que essas filosofias trazem de novo para a arena do pensamento o sentido do sobrenatural. É claro que não falamos do existencialismo de Jean-Paul Sartre, o qual possui, como virtude literária, retratar com impiedade o nosso mundo corrompido. Mas o filósofo francês, palmilhando o mesmo caminho que Descartes abriu na ordem do pensamento, e fiel à descoberta intuitiva do “cogito, ergo sum”, projeta a sua análise num plano negativo, em que a consciência humana se dissolve, suplantada pela realidade objetiva, tornando-se um fenômeno obscuro, cujo destino é perder-se nas sombras densas do mundo exterior. Surge, precisamente desse pressuposto metafísico, a tragédia sem solução em que consistem para Sartre, a existência humana, privada dos favores do amor divino e, não obstante, gozando de uma liberdade frenética e desesperada que, paradoxalmente, resulta na escravização mesma do ser humano, na medida em que o priva de qualquer fixação básica, quer na ordem do conhecimento, quer na ordem da ação. A filosofia de Sartre é o ramo terminal da linha cartesiana; ela traduz o esgotamento de uma tendência filosófica moderna – a tendência que, com Descartes, começou admitindo a incompatibilidade insanável entre o objetivo e o subjetivo; que, em Kant, suprimiu a harmonia profunda entre a Fé e a Razão, chegando à doutrina hegeliana, na qual se operará a falsa identificação do real com o ideal, para afinal, sair desacreditada na concepção sartreana do conflito insolúvel entre o homem e o mundo. Por isso; é necessário frisar que deixaremos de lado a doutrina de Sartre, todas as vezes que nos referirmos a filosofia existencial, para mostrar como ela se aproxima de S. Tomaz, revelando, assim, a reviravolta do pensamento contemporâneo, ocupado, agora, em recompor os valores legítimos do espírito humano. Não seguiremos, passo a passo, as etapas da filosofia atual; destacaremos os temas que lhe são comuns com o tomismo, para vermos melhor como neles se projeta a luz dos ensinamentos do Doutor Angélico.

Dizíamos que a restauração foi efetivada por Bergson. Isso não significa que Bergson tenha restaurado aquela perspectiva fundamental sobre que se apóiam os conhecimentos metafísicos – a visualização do ser – mas, foi graças ao autor de “L’Evolution Creatice”, que a metafísica voltou a recuperar o prestígio do qual decaíra por obra do positivismo. Esse reexame da metafísica, mesmo com os

desvios que se tornaram patentes na obra deste sutil pensador francês, preparou um clima de interesse pelos problemas mais abstratos, permitindo que hoje a filosofia volte a se ocupar da questão do ser, como questão primordial, reavivando-se deste modo, em caráter decisivo, os velhos traços que configuram o perfil da metafísica. É uma das projeções do tomismo no âmbito da filosofia existencial, através da senda aberta por Henri Bergson. O importante é que não é só no tomismo como também na filosofia existencial a porta é a mesma: o ser abre as perspectivas plenas do tomismo, como também nos revela o intuito mais profundo da chamada filosofia existencial. Examinando o que S. Tomaz pensava do ser, teremos apreendido, como que de relance, tudo o quanto ele nos quis ensinar, e estaremos, ao mesmo tempo, suficientemente esclarecidos para contraditar as posições duvidosas assumidas pela corrente existencialista. O segredo do êxito de S. Tomaz, como filósofo, é o segredo do fracasso de muitos pensadores modernos. S. Tomaz afirmava quando era para afirmar, enquanto que esses negaram obstinadamente quando a realidade exigia deles alguma afirmação. S. Tomaz afirmava o ser e ganhou a realidade, e os filósofos negaram o ser, perderam-na justamente por efeito dessa negação incompatível com a inteligência.“ S. Tomaz, observa Chesterton [8], responde sim à pergunta: existe o mundo exterior? Se ele dissesse que não, não seria o começo, mas o fim”. O despertar da consciência expressa na primeira indagação que transcende o plano cotidiano, fazendo com que nos elevemos ao plano filosófico, põe-no em contato direto com a realidade, com esse começo, que é o ser. Se desejamos compreender, teremos de principiar afirmando alguma coisa, e quando a inteligência, avivada pela reflexão, faz as primeiras tentativas para conhecer o que está escondido no entrelaçamento dos variados fenômenos, procurando vencer os hábitos mentais que uniformizam o entendimento humano pelo ângulo do sentido comum, ela já está moldada por aquilo que é e que não pode deixar de ser, levando, por conseguinte, em seu próprio bojo, o princípio pelo qual ela se fixa na realidade mesma. Em palavras mais simples, poderemos dizer que a inteligência é sempre endereçada ao ser; ela o procura como ao seu destino próprio, Foi isso que S. Tomaz exprimiu, ao admitir que a nossa inteligência é feita para atingir aquilo que as coisas são, independentemente de nós, isto é, independentemente de nossas idéias ou dos estados psicológicos [9]. O conhecimento se entende, portanto, como a exteriorização natural da inteligência, indo em busca do seu objetivo adequado. Daí o caráter de inteligibilidade que, para usarmos de linguagem figurada, confere ao ser a sua força atrativa, chamando-nos de todos os recantos da natureza, depois que desfolhamos as formas que as coisas revestem, e abstraímos os seus contornos sensíveis, para ficarmos, então, sujeitos ao magnetismo dessa fonte oculta que, em certos instantes, para jorrar indistintamente de tudo quanto existe, da noite mais silenciosa, como dos objetos humildes que nos cercam.

De três pontos de vista poderemos entender a noção do ser: do lógico, do psicológico, e do ontológico. Esses aspectos não são distintos e fundem-se num só, no ontológico, pelo qual se verifica a certeza primeira da inteligência dirigida ao ser. Mesmo se nos colocarmos no terreno da lógica, pedindo que elas nos dê os

princípios direcionais do pensamento, vamos encontrar o ditado da realidade impresso nos postulados sem os quais a nossa inteligência se paralisaria, nada podendo obter fora de si mesma: são os princípios de identidade e de não contradição que, afinal, se resumem no fundamento que fixa a inteligência no domínio de sua primeira certeza, aquilo que é, e que não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Assim, a tradição escolástica se apresenta essa verdade simples. Mas ela desabrocha também mediante a inspeção dos nossos estados psíquicos. Bergson não se detinha no exame da consciência senão para constatar a diversidade das imagens que a povoam, e as mudanças qualitativas que nelas se operam, assinalando como realidade única da vida psíquica do homem aquele fluído dinâmico, o “stream of consciousness”, de William James. S. Tomaz detem-se nessa diversidade, mas para advertir-nos de que ela se sustenta na identidade do ser para consigo mesmo, na identidade do Eu, se assim podemos dizer.

Se para S. Tomaz a noção de ser transparecia na clareza mesma com que a inteligência percebe o seu objeto, a filosofia moderna necessitou que lhe apontassem outra faculdade, duvidosa e rara, para que, de novo, se preparasse a fim de reconquistar o contato com o ser, desfeito pela crítica do conhecimento. É a intuição bergsoniana, a faculdade apontada como sendo capaz de levar-nos ao íntimo de cada coisa, e que seria uma espécie de afinidade da inteligência para com os objetos, simpatia ou instinto sublimado. Para Bergson “não existem coisas feitas, mas somente coisas que se fazem, não estados que se mantêm, mas unicamente estados que mudam” [10]. O raciocínio que é a maneira natural da inteligência agir, como que se solidifica em percepções e conceitos estáveis, os quais são impotentes para acompanhar as sucessivas e constantes mudanças que traduzem a realidade das coisas. Daí surgir o imperativo de que o nosso espírito siga a marcha inversa em que costuma atuar por meio da inteligência, a fim de que possa instalar-se nessa mobilidade do real e auscultar-lhe as íntimas mudanças. O espírito, caminhando inversamente, é a instituição que o leva para o centro das coisas, confundindo-se com a vida e aderindo ao absoluto, por um contato direto, envolvente e completo. O ideal de Bergson é que esse conhecimento mágico, uma vez cumprido, em seus momentos fugazes, nos proporcione “conceitos fluídos, que sejam capazes de acompanhar a realidade sinuosa e adotar o próprio movimento da vida interior das coisas” [11]. Estava assentada a incompatibilidade entre a intuição e a inteligência, e daí por diante, cresceria o desprestígio da inteligência aplicada ao estudo das indagações metafísicas, destinando-se o domínio do ser às possibilidades do conhecimento intuitivo. Mas a inteligência concebida por S. Tomaz não é, de modo algum, uma faculdade rígida, petrificada no quadro uniforme de conceitos rigorosos e sem elasticidade; ela vai buscar na própria vida a sua idéia de Ser. Bergson cometia um equívoco: a razão que ele criticava não é a que o tomismo faz sair em busca do ser; é a razão de Descartes, que pretende conceber a realidade material debaixo do conceito de extensão, dando assim, ao mundo exterior, uma aparência nitidamente geométrica e é, também, a razão de Kant, que faz depender todo o conhecimento de condições previamente impostas pela constituição do espírito humano; mas não é, de modo algum, a razão plástica de S. Tomaz de Aquino.

“A impressão que tudo domina, adverte Sebastian Tausin, é a certeza absoluta de que não inventamos a idéia do ser, mas que a sorvemos, que a estamos lendo e vivendo em íntima comunhão com a realidade... qualquer coisa ainda mais evidente do que a distinção do “eu” e do mundo exterior, pois supera a isso a certeza de que alguma coisa existe” [12].

Firmada a noção de ser, a razão se desenrigesse, torna-se elástica e vibrátil, e penetra nessa riqueza das coisas reais onde, certamente, tudo não é compreendido, mas ordenado no sentido superior da inteligência. Dessa afirmação do ser, S. Tomaz, continuando a preservar a integridade da inteligência com o seu objeto ou “aquilo que, em qualquer objeto de pensamento, é imediatamente apresentado à inteligência” [13]. Mas, como explica Maritain, o fato de que a inteligência receba ou conheça uma coisa sob aspecto de seus traços inteligíveis ou gerais, que compõem a sua essência, não quer dizer que S. Tomaz afaste o pensamento do domínio da existência para elevar-se a um reino de pura abstração. Ao percebermos, ao elaborarmos os conceitos, é a realidade viva que circula nos conceitos e percepções, não aprisiona, mas trabalhada pela inteligência, na única forma de conhecimento capaz de servir o nosso espírito. A filosofia existencial, concedendo o primado à existência, e dispensando as essências, pretende uma participação direta e vital na fonte das coisas, e o seu propósito é muito mais o de vivê-las que o de compreendê-las. A essência, seria assim uma corrupção da vida, ou um desvio do conhecimento puro. E por isso, quando Gabriel Marcel [14] tenta fixar em sua filosofia o princípio do ser, não o faz valendo-se de sua evidência, da “intuição abstrativa” ou do instinto racional que serve ao tomismo; procura encontrá-lo por via sentimental ou perguntativa, fundamentando as suas buscas na comunidade dos homens, sem a qual os laços seriam ininteligíveis”, como antes Heidegger fizera por meio de sua pergunta ontológica [15]. Entretanto, a afirmação do ser feita pelo tomismo, não atravessa esses desvios. A Metafísica tomista, colocando a razão num posto de honra, não a desvincula da existência. “Em virtude do tipo de abstração que a caracteriza, explica Maritain [16], a metafísica considera realidades que existem ou podem existir sem a matéria, ela faz abstrações das condições materiais da existência empírica, mas ela não faz abstração da existência. A existência é o termo em função do qual ela conhece tudo quanto ela conhece – digo, a existência real, seja atual, seja possível, a existência não como dado singular dos sentidos ou da consciência, mas como desvinculada do singular pela intuição abstrativa, a existência, não reduzida a certo ponto de atualidade existencial atualmente experimentado, ao qual só se referem os fenomenólogos existencialistas, mas a existência libertada na amplidão inteligível que ela possui como ato daquilo que é, e que oferece fundamento às certezas universais e necessárias do saber propriamente dito”.

Podemos dizer, então, que a inteligência é endereçada à essência mas, na medida em que a percebe, no conceito que forma, ela se endereça também à existência que, na fase da apreensão sensorial, surgindo fragmentada, foi ordenada pela abstração, transformando-se, assim, numa coisa inteligível. Observemos que o nosso conhecimento é primeiramente sensorial – assim o

entende o tomismo. Conhecimento sensorial quer dizer o conhecimento de existências e de objetos existentes. S. Tomaz, reconhecendo que os sentidos operam o trabalho inicial do conhecimento, não nos oferece essa verdade incontestável para privar-nos da posse de outra semelhante; completamente natural da primeira, é que a inteligência opera justamente sobre essas reservas existenciais que chegam até ela através de seus elementos simples ou inteligíveis, as essências, que foram como que desengastadas da realidade mutável, da existência. A metafísica é, sem dúvida, a busca do sentido pleno da existência, como querem os existencialistas e como entende S. Tomaz; entretanto, para este a busca deve ser empreendida por meio das essências, e eis aí a correção de S. Tomaz aos existencialistas. Tomaz de Aquino, entretanto, não é existencialista, como também não é essencialista. A sua posição está sustentada pelo realismo do ser. Se quisermos chamá-lo de alguma coisa, chamemo-lo então de realista. É o ser que sugere ao espírito a necessidade de distinguir entre os conceitos de essência e existência, mas de fato, como esclarece Ernst von Aster, a “essência e a existência constituem uma só realidade” [17]. Vimos como o pensamento de Tomaz de Aquino, sob o aspecto da metafísica, está vivíssimo no meio da filosofia atual, que se movimenta em torno da questão do ser. E se a Fé também foi de novo trazida para o terreno da filosofia, a atualidade de Tomaz de Aquino é um dos fatos consoladores nos dias de hoje. A Fé realmente ingressou na filosofia desses últimos tempos por obra de Kierkegaard, o mais rico, e o mais original dos pensadores modernos depois de Nietzsche; o sentido de seu pensamento consiste na pessoalização da verdade, que ele irá procurar afastando-se da pesquisa racional, na vida profunda dos sentimentos, onde as aspirações poéticas e religiosas do homem se confundem para exprimirem uma mesma vibração interior, um mesmo anseio infinito, a inquietude da alma na sua sede pelo absoluto, aquela “hambre de imortalidade” que perturbara outro pensador de igual tempera, o místico espanhol D. Miguel de Unamuno. Não nos interessa aqui, precisamente, o modo pelo qual Kierkegaard considera a natureza da Fé; o essencial é que, conquanto ele a pusesse mais a serviço de sua personalidade e não em função da verdade, como faz o tomismo, Kierkegaard foi quem vivificou os quadros rígidos do pensamento moderno, nos quais só tinham entrada os conhecimentos comprovados pela experiência, apontando a nova dimensão dos conhecimentos que nos são proporcionados pela Fé. Portanto, ele revalorizou a Fé, estendeu-a até o campo da filosofia da qual ela não participava e, apesar dos muitos exageros cometidos à sombra desse intuito, foi sob a sua influência que a filosofia existencial recebeu o conteúdo religiosa que a caracteriza de uma modo geral. Aconteceu, porém, que a fé trazida por Kierkegaard é um sentimento inefável, uma dimensão espiritual que não se ajusta às proporções da realidade e que, por isso, diverge do ser. Mais uma vez a reação contra o racionalismo gerava o aniquilamento da razão e, mais uma vez, S. Tomaz intervém com os seus ensinamentos, reajustando os direitos da inteligência, ao nos ensinar que a Fé é movida pela razão até o momento em que, aderindo a verdades não evidentes, supera o entendimento para ser inefável. S. Tomaz diz que a Fé reside na razão, e que crer é um ato de entendimento, porque possui a verdade como seu fim. Mas o

ato de Fé “exige adesão segura ao sentimento, e aquele que crê tem isso de comum com aquele que sabe e compreende; mas o conhecimento que nos vem da Fé não é perfeito como o que resulta da evidência e, por isso, aquele que crê tem isso de comum com quem divida, supõe ou opina” [18]. E conclui o Doutor Angélico: “por conseguinte o que faz aquele que crê é pensar, mas com rigoroso assentimento. É por isso que se distingue o ato de Fé de todos os atos do intelecto que tem por objeto o verdadeiro ou o falso” [19]. Esse assentimento é a mesma inteligência, na medida em que é determinada pela vontade. Kierkegaard vem completar-se em S. Tomaz; para o primeiro a Fé era uma questão de vontade, simplesmente; para o segundo, a sua origem estava determinada pela vontade, mas com base na inteligência, sem ser, por isso, o produto exclusivo de uma ou de outra dessas faculdades.

\*\*\*

Conforme temos procurado mostrar, não estamos hoje tão distante do espírito de S. Tomaz como estavam os pensadores mais eminentes do período moderno da filosofia, que se estendeu entre os séculos XVI e XIX. E o espírito de S. Tomaz compõe-se dos aspectos que, aos poucos, foram sendo distinguidos no estudo comparativo dos ensinamentos básicos da doutrina tomista com as concepções representativas do pensamento filosófico moderno e da atualidade. Agora precisamos resumir os ensinamentos fundamentais do tomismo, antes de abordar outras questões. Nos traços gerais que definem o espírito de Tomaz de Aquino salienta-se o da afirmação da realidade objetiva, por onde são afirmadas, ao mesmo tempo, três coisas importantes: o valor da inteligência para conhecer a verdade natural, não em um sentido absoluto, e o valor da inteligência para orientar a vontade humana em sua busca do bem verdadeiro, também num sentido que não é absoluto. São esses, os aspectos que, abreviadamente, definem o tomismo. O último deles, que se refere conjuntamente à moral e à política, a primeira como ciência do bem tomado no sentido individual, e a segunda como ciência do bem comum, põe em foco, ainda mais uma vez, a viva atualidade do pensamento de S. Tomaz de Aquino.

Vamos apenas mostrar que essa atualidade se origina por não ser a moral tomista num sistema rígido de ética, e por ser a sua política uma simples arte de governar os homens, e de governá-los bem. Ao depararmos, por exemplo, com a moral de Kant, o que os seus princípios nos sugerem, não é que tenham sido feitos para homens e sim para super-homens. Kant exigia da alma uma nobreza ilimitada, que se transformasse na própria lei do universo. E, sem conhecer as fraquezas da vontade, estava persuadido que ela não nos poderia enganar acerca do bem. Desse modo, agiríamos com acerto sempre que a nossa ação pudesse servir de exemplo universal. “Age sempre como se a máxima de tua ação devesse ser erigida pela tua vontade numa lei universal” – é o princípio fundamentado na falsa perspectiva de que a vontade é infalível. S. Tomaz fundamenta a ação moral na vontade, mas na vontade que realmente é própria da natureza humana e não naquela que, imaginada por Kant, seria o privilégio de uma natureza pura e imaterial. Enquanto que este desfigura o homem, elevando-o até onde ele não pode ser elevado, S. Tomaz aceita-o integralmente, na sua nobreza característica,

sabendo, entretanto, que essa nobreza é capaz de se afirmar a despeito da nossa fraqueza natural. A moral de Kant exigia de nós um esforço sobre-humano; a moral cristã pode apenas que sejamos homens.

Antes de tudo, o tomismo nos ensina que o homem é livre e, desse ensinamento, conclui que a liberdade moral consiste na faculdade que temos de escolher, dentre variados objetivos, aquele para o qual o homem tende naturalmente. A liberdade não é mais que o acordo de homem consigo mesmo; é a plena manifestação de sua natureza. Ora, para S. Tomaz, a natureza humana está ordenada pelo ser, sob o duplo aspecto do bom e do verdadeiro; e a semelhante ordenação, no plano ontológico, corresponde o equilíbrio da vontade com a inteligência no plano psicológico, na medida em que ambas se destinam ao ser, mas de dois modos diversos: a primeira, na sua tendência para o bem, e a segunda na sua inclinação para a verdade. E, como, afinal, o ser é uno, a inteligência e a vontade colaboram estreitamente tanto na procura do bem como na procura da verdade. “Cada ação é moralmente boa no exato grau em que participa do ser, em que possui a sua devida perfeição, esclarece Martin Grabmann. “A falta deste ser, desta perfeição exigida, dá a idéia do moralmente mau. A vontade tem como objeto o ser sob o aspecto do bom, do mesmo modo que o entendimento tem como objeto o ser sob o aspecto do verdadeiro” [20].

A vontade possui o bem como sua aspiração natural. Isso não quer dizer que o homem acerte sempre naquilo que é o valor supremo de sua conduta. Quando a razão se ofusca, a vontade fica privado do descortínio necessário para exteriorizar-se no ato moralmente bom, mas não fica privada do bem. Não pode haver inteira ausência do bem, assim como não pode haver ausência da verdade. Os maus, por isso, não representam um desmentido à existência do bem, da mesma forma que a mentira não é a refutação da verdade, mas o seu esquecimento provisório. Essa privação do bem e da verdade não pode existir num mundo criado. Uma e outra coisa dependem da ordem estabelecida pela inteligência divina; a objetividade da ação moral está, por esse motivo, comprometida com o Absoluto, sendo boa quando se conforma com as exigências de Deus e má quando delas se afasta. Nesse particular reside o realismo da ética traçada por S. Tomaz, quando ele nos mostra que não estamos relacionados com aquela ordem divina por efeito de uma comunicação difícil, excepcional e miraculosa, mas pela nossas faculdades normais de acesso à realidade comum. Uma de suas conclusões da segunda parte da “Suma Teológica” é dedicado ao mecanismo de distinção entre o bem e o mal, que vem a ser o mesmo da separação racional entre o erro e a verdade. Pelo fato de que a criatura racional vive submetida à providência divina de um modo mais excelente que as outras, desde que ela participa desta providência, regendo-se a si mesma e aos outros seres, daí resulta que “nela se encontra uma participação da razão eterna, pela qual é naturalmente levada ao ato e ao fim que lhe convém. É essa participação da lei eterna na criatura racional, que se chama de lei natural. Eis porque o Salmista, continua S. Tomaz, depois de ter dito: Sacrificai o sacrifício da Justiça, retrata aqueles que perguntam quais são as obras da Justiça. Há muitos que dizem: quem nos mostra o que é o bem? E ele responde a essa pergunta pelas

palavras: “A luz de vossa face, Senhor, está refletida em nós, indicando deste modo que a luz da razão natural pela qual distinguimos entre o bem e o mal, o que é próprio da lei natural, consiste na impressão em nós produzida pela luz divina” [21]. Eis ai plenamente identificado o primeiro e o último fundamento da moral tomista: o movimento voluntário do ser que principia em Deus para acabar em Deus. A consciência moral não é, por isso, a consciência do poderio da vontade, mas a consciência em que se espelha o poderio de Deus. Deste modo, voltamos àquela verdade simples, enunciada por Maritain, e que já tivemos a oportunidade de citar neste estudo: “A consciência moral não basta se não for, ao mesmo tempo, uma consciência religiosa”. Depois disso, compreendemos facilmente porque S. Tomaz entende que a felicidade do homem, a sua felicidade completa, o gozo absoluto que ele pode fluir, e do qual anda em busca nesta vida, é a plenificação dessa consciência religiosa na vida eterna. A felicidade não consiste nos bens criados quaisquer que eles sejam, pois, conforme ensina S. Tomaz “a felicidade é o bem perfeito, que é o repouso completo da vontade; se ela deixasse alguma coisa a desejar não seria o fim último (do homem). Ora, o objetivo da vontade, que é a faculdade apetitiva do homem, é o bem universal, como o objeto de seu intelecto, é o verdadeiro universal. De onde resulta que nada que não seja o bem universal, que não existe em nenhuma criatura, e que só em Deus se encontra, pode satisfazer a vontade humana, porque toda a criatura possui uma bondade relativa que lhe foi comunicada” [22]. Dizia que a moral tomista nos ensina apenas a sermos homens e agirmos como homens. Agora podemos ver, mais claramente, que isso é verdade. Não existe nenhum artificialismo em subordinar-se a conduta humana que se desenvolve no plano das relações naturais, a uma ordem de coisas que transcende o próprio homem. Não é forçada essa vinculação do homem ao sobrenatural. É a própria existência que nos mostra como todos os fatos da vida humana não tem, por si mesmos, um sentido permanente, e tudo quanto chamamos de sentido das coisas, é uma reserva de conhecimentos ou de sentimentos em estado provisório, à espera de seu acabamento definitivo. Quanto mais o homem sente que é livre, e aprofunda esta sua liberdade, ele vê que ela é mais ampla do que a própria natureza, que ela resume todos os movimentos da natureza, sem que seja nenhum deles. A liberdade, por conseguinte, não se esgota no plano natural; ela se projeta no sobrenatural. Daí porque a razão, como produto da liberdade, não pode ter a sua consumação definitiva dentro da ordem natural ou temporal, e sim para além dela, onde a liberdade humana se realiza plenamente na comunhão com o amor Divino. E, em consequência, quando agimos tendo em vista a lei natural, que nos outorga a capacidade para distinguir entre o bem e o mal, referimos a nossa liberdade de agir ao seu princípio supremo e à sua meta final. Dizer-se, portanto, que as regras da conduta devem visar o bem, e em última instância, o bem absoluto, havendo assim uma hierarquia dos valores morais em relação aos mandamentos religiosos, é afirmar, ao mesmo tempo, que o homem é livre. A existência humana revela naturalmente aquilo que a transcende – a análise feita pela filosofia existencial gira em torno dessa verdade apreendida por S. Tomaz de Aquino. Um dos mais representativos dentre os filósofos existencialistas, Karl Jasper, é o autor da

seguinte passagem que ilustra a verdade de que o sentido decisivo dos nossos atos reside no aprofundamento da ligação do homem com Deus: “Não fomos criados por nós mesmos. Cada um de nós poderia não existir. Temos isso em comum com os animais. Mas, por outro lado, decidimos livremente e, por isso, não estamos automaticamente submetidos a uma lei da natureza. Esta liberdade não foi obtida com os nossos próprios meios; em relação à liberdade, cada um de nós significa uma espécie de dom. Quando não amamos, quando não sabemos qual é o nosso dever, não obtemos com isso a nossa liberdade. Ao nos decidirmos livremente, quando tudo assume um sentido e conquistamos a nossa vida, temos a consciência de que não é a nós mesmo que devemos o ser. Nos cumes da liberdade, e não sob o constrangimento exterior do determinismo natural inflexível, mas pelo acordo interno do nosso ser que não saberia ter outra vontade, tomamos consciência de que somos um dom daquilo que é transcendente. Mais o homem é livre, mais ele está unido a Deus. Quando sou verdadeiramente livre, fico certo de não sê-lo por mim mesmo. Nunca o homem se bastará a si mesmo. Nós tendemos para o sobrenatural e nos engrandecemos na medida em que temos consciência de Deus; esta consciência, ao mesmo tempo que nos torna transparentes, faz-nos ver o pouco que somos” [23].

Para Karl Jaspers, como para s. Tomaz de Aquino, o homem é o ser que se relaciona com Deus. E, deste modo, a moral tomista submetendo o homem a Deus, revela-se fiel à natureza humana, não sendo por isso uma regara rígida que exija do homem uma conduta superior às suas forças. Não julgo, por isso, que estivesse equivocado quando vos falava do realismo tomista, no que diz respeito à moral. Esse realismo é o mesmo que encontrareis na sua política, que agora passaremos a expor nos seus traços gerais.

As ideias políticas de S. Tomaz são as ideias que estão faltando na política do nosso tempo, para que a função do governo seja compreendida nos seus devidos limites. É admirável, chega a ser motivo de profunda emoção, que a doutrina política formulada por Tomaz há perto de nove séculos, antes de surgir o Estado moderno, seja hoje tão verdadeira para este, quanto o foi em relação ao governo pessoal exercido pelos príncipes da Idade Média. O tratado que ele escreveu, e que se chama justamente “Do Governo dos Príncipes” [24] serve tanto para os príncipes da atualidade como serviu para os medievais. As fontes da doutrina política de Tomaz de Aquino não se encontram apenas neste tratado; ela está espalhada em toda a sua obra. Podemos buscá-la não somente naquela lição endereçada ao rei de Cipro, mas na “Suma Teológica” e, finalmente, no espírito de todos os seus escritos, pois ela nada mais é do que um desdobramento das verdades gerias descobertas pelo Doutor Angélico. O que sobreleva na compreensão que ele teve acerca do bem político é que este não difere essencialmente do bem moral. O maquiavelismo consistiu e ainda consiste – porque a sua inspiração sobrevive – na separação radical entre a ordem política e a moral. Quando assistimos hoje ao descrédito de tantos governos que não atendem ao interesse público, esgotando as reservas de paciência dos povos que dirigem, e preparando um clima de super-excitação popular, não nos lembramos das teorias pretensamente científicas, que visam assegurar ao Estado a sua

máxima eficiência na função que lhe cabe exercer, senão para constatar o estrondoso fracasso das mesmas, e a permanência indiscutível da sabedoria tomista.

Talvez que no passado não se tenha discutido tanto a respeito da natureza do governo como no presente. Foi o resultado de se atribuir à autoridade uma extensão que ela não pode ter, quer seja a extensão mínima do liberalismo, quer seja a máxima do socialismo ou a absoluta dos chamados governos fortes. Os dois pólos da vida política – autoridade e comunidade – não se podem manter harmoniosamente em nenhuma das dimensões apontadas, gerando-se, em conseqüência, o desequilíbrio que cada vez mais se acentua nas suas relações. Ora verificamos a revolta da autoridade: a espada que ela empunha desembainha-se contra o povo e mantém-se ameaçadora sobre a sua cabeça; ora o que acontece é a revolta da comunidade, primeiramente desorganizada quando investiu contra o absolutismo monárquico no episódio da revolução francesa, e, agora, tecnicamente orientada, insistente e metódica, através do programa marxista de reforma social.

S. Tomaz compreende que a correspondência harmoniosa entre aqueles dois pólos – o da comunidade e o da autoridade – só pode ser mantida no plano da ordem moral, na medida em que esta é realizada ou transferida pelo direito, da órbita individual para a social. É o direito, como reflexo da razão natural que nos leva a distinguir entre o bem e o mal, como entre o justo e o injusto, a ordenação superior a que está submetida a política. A autoridade não é a pura emanção do poder; ela deriva do direito e só no direito encontra justificativa de seu poder. Foi exprimindo esse ponto de vista que Tomaz de Aquino adotou a sentença dos imperadores Teodósio e Valenciano, quando dizem: toda a nossa autoridade depende da autoridade do direito. É nessa dependência do poder ao regime jurídico que se expressa o verdadeiro sentido da função do governo, que vem a ser, fundamentalmente, um sentido moral: - a realização do bem comum. Eis a maravilhosa e oportuna lição de conduta política dada pelo tomismo a uma época tumultuosa, na qual os governos, em sua maioria, rejeitaram a verdade incontestável de que existem para promover o bem comum e que, desta forma, “os príncipes da terra foram instituídos por Deus, não para buscar os proveitos próprios, mas sim para procurar a utilidade comum do povo”.

O que importava para S. Tomaz não era a forma de governo, mas o exercício do poder. Inspirado na realidade política do seu tempo, a monarquia se lhe apresentava como a melhor forma de governo, enquanto não corrompida. Essa afirmativa não deve ser compreendida isoladamente, como um princípio definitivo das idéias políticas do tomismo. Ninguém melhor do que S. Tomaz entendeu que o mecanismo por onde se exercita o poder é menos importante do que a maneira como ele funciona, e que o faz coincidir e desajustar-se à sua finalidade específica. Mas, independentemente disso, encontramos na doutrina do Doutor Angélico os princípios da democracia quando, ao tratar do regime adequado para dirigir o Estado, preceitua que o uso da autoridade deve ser feito de tal forma, subordinado ao bem comum da multidão, que não fique nas mãos de um só, pertencendo efetivamente a todos, “seja porque todos os cidadãos são

elegíveis, seja porque todos são eleitores”. A autoridade está como que difundida em todo o corpo social, e o príncipe apenas a concentra, pela razão de que seria impossível que ela se exteriorizasse, a fim de servir aos interesses vitais da comunidade, permanecendo em seu estado natural.

Na realização do bem comum Tomaz vê sobretudo a realização da Justiça e, por meio desta, a dignificação do homem, através do respeito aqueles direitos imperecíveis que consagram a personalidade humana que se coloca acima do Estado, e que não pode ser absorvida pelo Estado. A política de S. Tomaz tem como objetivo superior a dignificação do homem, na sua qualidade de pessoa, como um todo dentro do todo social. O fim da sociedade política é, em última instância, o de proporcionar ao homem os recursos necessários para que ele se aperfeiçoe espiritualmente e para que, por meio deles, caminhe com segurança ao encontro da Verdade. O reconhecimento do destino sobrenatural do homem, de sua espiritualidade com ser livre e responsável, constitui a noção que plenifica a atividade política e que lhe dá o seu cunho verdadeiramente humano. O bem comum significa, portanto, a comunhão dos homens, a sua íntima e profunda união pela identidade dos direitos que possuem e das aspirações que lhes são comuns; significa a participação de todos nos benefícios da Justiça; é, em suma, na admirável síntese de Maritain, “a boa vida humana da multidão, de uma multidão de pessoas, isto é, de totalidades carnis e espirituais, principalmente espirituais, embora lhes aconteça de viver mais freqüentemente na carne do que no espírito” [25].

Depois de conhecermos esses princípios, compreende-se bem por S. Tomaz tinha horror à tirania. E se hoje, nós não concordamos em muitas coisas – falo dos que compõem a geração nascida entre as duas grandes guerras, e que presenciam o crescente prestígio das ditaduras ou métodos ditatoriais, arrastando até os países que baseiam a sua organização política na democracia e estão mesmo fortemente enraizados na prática de hábitos democráticos – se não concordamos em muitas coisas, estamos, pelo menos, unidos pelo horror e pela revolta contra o despotismo, que é a liquidação da dignidade humana, dessa dignidade que se firma no respeito aos direitos fundamentais do homem: o direito à existência, à liberdade e ao gozo dos bens materiais, na medida em que o requer um relativo grau de conforto que a todos deve beneficiar igualmente. Os nossos anseios pela efetivação da justiça social recuperam para a época presente o princípio de justiça distributiva em que S. Tomaz acreditava, e que, apesar dos desvios sofridos, traduz uma afirmação decisiva para a conquista de um regime econômico equilibrado, em que a miséria não seja o instrumento abominável da degradação do homem.

A verdade é que estamos hoje mais próximos de S. Tomaz do que o estiveram os nossos antepassados. O espírito acolhedor do grande mestre da Igreja não deixará de guiar-nos com as luzes daquele incomparável discernimento que soube espalhar durante a sua vida terrena, e de que tanto necessitamos para enfrentar os problemas aflitivos, de cuja solução justa depende o ritmo da própria história e o destino do homem. Mas o espírito de S. Tomaz não será entre nós uma realidade plena, enquanto esses problemas não forem olhados através da

única perspectiva que não os deforma; ela foi a de S. Tomaz e deverá ser a nossa: a perspectiva do Ser absoluto, por onde o amor divino transborda em nossos corações, fazendo-nos viver na Fé, na Esperança e na Caridade.

## **NOTAS** (autor do Texto)

- [1] Descartes – Discours de la Méthode suivi des Méditations Métaphysiques – Flammarion Ed.
- [2] M. Grabmann – Santo Tomaz de Aquino – Ed. Labor.
- [3] M. Grabmann – Idem
- [4] Kant – Crítica da Razão Pura – Ed. Brasil.
- [5] Grabmann – Op. cit.
- [6] Grabmann – Op. cit.
- [7] J. Maritain – Princípios de uma política humanista – Ed. Agir.
- [8] G. K. Chesterton – Saint Thomaz d’Aquin – Ed. Plon.
- [9] J. Maritain – Princípios de uma política humanista – Ed. Agir.
- [10] Bergson – Introduccion a la metafísica – Montevideú.
- [11] Bergson – Op. cit.
- [12] Sebastien Tausin – Bergson e S. Tomaz. Ed. Descleé.
- [13] Maritain – Introd. Geral à filosofia.
- [14] G. Marcel – Le Mystere de l’être - 2ºvol. – Ed. Aubier.
- [15] Alberto Wagner de Reyna – La ontologia fundamental de Heidegger – Ed. Losada.
- [16] T. Maritain – Court. Traité de l’Existence et de l’existant. Paul Hartmann Ed.
- [17] Ernst von Aster – História de la Filosofia – Ed. Labor.
- [18] Suma Teológica – Quest. 2ª, art. 1º - 2ª parte. Edição da Librairie Ecclesiastique et Classique d’Eugène Belin. Notas de M. l’abbé Drioux. 15 volumes.
- [19] Idem
- [20] M. Grabmann – A filosofia da cultura de Santo Tomaz de Aquino – Ed. Vozes.
- [21] Suma Teológica – Quest. XCI, art. 1º e 2º - Parte Segunda.
- [22] Idem – Quest. 3ª - 1ª e 2ª.
- [23] Karl Jaspers – Introduction à la Philosophie – Ed. Plon.
- [24] Tomaz de Aquino – Do governo dos príncipes – Ed. Anchieta.
- [25] J. Maritain – Os direitos do homem – Ed. José Olímpio.

## 6.4 NORTE – REVISTA BIMESTRAL (MAIO-JUN., JUL-AGO/1952)

### 6.4.1 NUNES, Benedito. As Ideias do Existencialismo<sup>55</sup>

maio-jun, jul.ago. de 1952

À Sylvia

I

A Filosofia possui uma história vasta; no curso dessa história, ela tem sido orientada por tendências mais ou menos constantes. Uma delas, que se impôs logo nos seus primórdios, foi a divergência com a religião. Não compete examinar agora as relações íntimas que ligam o objeto supremo da filosofia com o fim último de qualquer religião organizada ou da simples aspiração de índole religiosa. Tendo aparecido no seio da própria religião, dela se desligou para cumprir o seu destino, como também, pouco a pouco, divorciou-se dos conhecimentos parciais, que deviam ocupar o campo das ciências particulares, para servir-se deles, com o fim de alcançar uma visão de conjunto da realidade. É o movimento decisivo da filosofia que se emancipa. Essa visão de conjunto necessita, pelo seu próprio alcance, de explicações gerais que envolvam todas as coisas, e sejam aplicadas à totalidade da existência. O que a filosofia pretende é o conhecimento das coisas, mas enquanto partes ou aspectos da realidade que a inteligência possa compreender racionalmente, estabelecendo a predominância de um princípio determinado, como por exemplo, o de causa e efeito, sendo, então, os variados fenômenos que se desenrolam, explicados genericamente, como manifestações, efeitos ou desdobramentos da mesma realidade. Eis o que é o conhecimento filosófico, apreendido aqui em seu puro e tradicional sentido de ciência dos primeiros princípios e das primeiras causas. Para o filósofo, não interessa o conhecimento imediato de uma coisa, que seria aparente e acidental. Interessa-lhe a coisa desvinculada das contingências que a cercam, eliminadas as suas ligações efêmeras, para transformá-la em objeto de compreensão. Assim é que, ele procura determinar a causa ou a razão suprema que explique a imensa variedade dos fenômenos, tais como se apresentam à sua observação. A Ideia Pura de Platão, da qual a realidade por nós conhecida seria apenas a imagem apagada, o Motor Imóvel de Aristóteles ou a Razão Suprema de Hegel traduzem esse objetivo da especulação filosófica, encaminhada para o conhecimento da realidade, através de suas causas ou princípios absolutos.

Também o homem, compreendido pela filosofia em seu sentido tradicional, não é o indivíduo, enquanto não representa a ideia abstrata de uma natureza humana. É a síntese intelectual dos indivíduos existentes, tomando por base certos caracteres comuns que os aproximam, - a parte material, representada pelo organismo ou corpo, e a espiritual, abrangendo as manifestações da inteligência e

---

<sup>55</sup> NUNES, Benedito. "As Ideias do Existencialismo". **Norte** (Revista Bi-mestral), Belém-Pará, Nº 3, p. 34-53, maio-jun, jul.ago. 1952. As notas do corpo do texto são de Benedito Nunes.

da vontade, como funções em que se desdobra uma energia simples e pura denominada alma. Passemos à Filosofia Prática. Vamos encontrar um conjunto de normas e preceitos que orientam a atividade humana, de conformidade com um padrão de conduta, ideal e necessário, porque se impõe à generalidade dos homens, e constitui a meta suprema de suas experiências particulares. Ainda que, o mesmo homem abstrato para o qual a Filosofia legisla, dizendo o que lhe é ou não conveniente fazer, segundo o princípio moral admitido previamente, como o fim último de toda a conduta. Essa natureza não é a deste ou daquele homem distinto, mas a que foi concebida como sendo a tradução global de todas as existências humanas. É o homem assim considerado, que tem no prazer a regra máxima de seu comportamento, se aceitamos a concepção hedonista. É ele que obedece a voz do dever e escuta intimações do imperativo categórico. É ainda esse homem abstrato que está destinado à perfeição, à medida que exerce a virtude do Bom, e do Belo, segundo a fórmula socrática. O que a filosofia procura, formulando as regras do comportamento humano é, pois, o conhecimento abstrato da entidade ideal que reúna de maneira inteligível tudo quanto os homens sentem, pensam ou realizam. Ela não atenta para o que há de indefinível ou de hesitante em cada existência individual. Passam-lhe desapercibidos os motivos diversos e quase imprevisíveis de uma atitude a ser tomada, que não se justifique nem pelo princípio do dever, nem pelo do amor ou da virtude, não sendo possível, muitas vezes, situá-la dentro do Bem ou do Mal.

É sobretudo no que diz respeito ao conhecimento do homem que se observa a divergência, por nós assinalada, entre a Religião e a Filosofia. Esclareço logo que, ao me referir à religião, quero dizer religião cristã. Pois bem: ela admite aqueles dados da filosofia com relação à essência da natureza humana. Mas, e é isso que a caracteriza, a religião procura ir além, para ter o conhecimento imediato do homem – conhecimento imediato, que não tem importância do ponto de vista estritamente filosófico. A religião se dirige ao indivíduo e vai até aos recessos de sua vida íntima. Podemos dizer, em síntese, que a religião conhece o homem isolado, esse mesmo que para a Filosofia é apenas uma fração do gênero humano e uma parcela do universo. Do ponto de vista religioso, o indivíduo é uma unidade insubstituível, assim como um pequeno mundo, cuja significação não é menor do que a do grande mundo em que firmamos os nossos pés. O que é real para a religião é o indivíduo; é o mistério da existência em suas manifestações que interessam somente à consciência em cuja intimidade elas se processam, pois escapam ao domínio da razão e não podem ser transformadas em entidades abstratas. A realidade com que nos defrontamos, agora, é a que cada pessoa traz consigo, com tudo que há nela de aspirações infinitas e anseios espirituais – a vontade de viver e de sobreviver, a angústia e a depressão que por vezes a afligem, as atitudes elevadas até onde alça o seu espírito inquieto, e as baixezas que degradam e ferem a sua natureza. É essa a realidade humana em que se firma a religião, quer dizer, a que ela conhece, não interessando saber agora de que modo ela a trata para realizar os seus fins supraterrâneos. Essa mesma realidade é a que o chamado “existencialismo” trouxe para o campo da Filosofia, rompendo, assim, com a tradição do pensamento

filosófico ocidental que tivemos a oportunidade de mostrar qual era. O rompimento com a filosofia tradicional pode ser formulado da seguinte maneira: ao existencialismo não interessa conhecer as razões supremas da existência, mas a própria existência, que é tomada como sinônimo da existência humana. O existencialismo é, desse modo, uma filosofia do imediato, havendo nisso uma contradição insolúvel, de vez que o objetivo da pesquisa filosófica tem sido o conhecimento que supera o que é imediatamente sentido e percebido pelo intelecto, aproveitando os dados da experiência, somente enquanto os mesmos são suscetíveis de serem compreendidos de maneira constante e uniforme.

Consideremos a realidade em que se apegamos a filosofia existencial. É a realidade que se impõe ao homem como por efeito de uma exigência oriunda de seu próprio ser. Ela não é a resposta a nenhuma indagação filosófica, porque indagar é uma atitude da inteligência procurando compreender, e a realidade em foco esquiva-se à compreensão racional. A inteligência tem o seu campo de ação, além do qual se esgotam as suas possibilidades. Esse campo é o da relação entre as coisas, que se explicam pela constância de elementos redutíveis a princípios racionais, como o de causa e efeito. Fora do âmbito em que a razão predomina, falta à inteligência o socorro da lógica. Ela passa a atuar por uma espécie de compreensão passiva, limitando-se a constatar os fatos que escapam ao seu domínio, sem interpretá-los, como se fosse apenas um órgão geral da sensibilidade, superior aos sentidos e envolvendo as funções especiais de todos eles. A realidade humana profunda, que é a existência, revela-se, instantaneamente, e a inteligência aparelhada para recebê-la, não é a que serve ao conhecimento racional, mas a que se transforma em sensibilidade, possuindo o mesmo poder receptivo de um sentido extremamente apurado. Também a existência se manifesta de outra maneira. É o acontecimento inesperado e extraordinário que, por assim dizer, invade a consciência – revelação súbita e não um conhecimento. Seus traços se apagam do espírito, e só outro estado semelhante poderá reconstituí-los. Portanto, a realidade com que lida a filosofia existencial não se apresenta como sendo resposta a uma indagação formulada pela inteligência. Ela é, ao mesmo tempo, a pergunta e a resposta do existencialismo, o seu começo humilde e o seu objetivo supremo. Ela é a existência, aquilo que se vive primeiro para conhecer depois ou, simplesmente, aquilo que é conhecido porque é vivido.

A intuição central do existencialismo é, assim, a existência que cada homem é capaz de encontrar em si mesmo, sob as aparências de algo incompreensível a que está sujeito por laços misteriosos e inapagáveis. A vida em comunhão, a sociedade, as ligações afetivas, não podem sufocar de todo essa experiência central que põe o homem em comunicação com o ser de que é dotado. Impossível dizer em que ela consiste. É mesmo o indefinível. Suas manifestações passam-se na intimidade do ser humano e as palavras, que são os sinais exteriores dos conceitos e das ideias, ligadas à atividade normal da inteligência, esgotam, inutilmente os seus símbolos para traduzi-la.

Assinalamos que a existência se manifesta sob o aspecto de algo incompreensível com que o homem se defronta e que o envolve inapelavelmente.

É o que Pascal sugere neste pensamento: “Ao ver a cegueira e a miséria humana, o universo silencioso e o homem sem luz, abandonado a ele mesmo e como perdido neste recanto do mundo, sem saber quem aí o pôs, o que veio fazer, o que será quando morrer, incapaz de todo o conhecimento, sinto pavor como alguém que levassem adormecido a uma ilha deserta e horrível, onde acordasse então sem saber onde está, e sem ter meios para dela sair”[1]. O que surge ao homem desamparado e perdido é a sua existência mesma para qual falecem as explicações. Não podemos dizer o que ela é; conhecemos apenas o sentimento que é, na consciência a repercussão da realidade de existir, o correspondente espiritual dessa ordem que não é apreendida pelo exercício normal da razão, aplicada aos fatos, e descobrindo as suas conexões inteligíveis. Tal sentimento manifesta-se por uma dependência ou sujeição absurda a forças incontroláveis, como o nascimento, a morte e o próprio mundo, cuja objetividade se impõe como um dado irracional e primário. “Fico espantado por ver-me aqui, antes que em outro lugar, pois não há razão para que eu esteja aqui e não em outro lugar, e nem para que seja agora e não antes”[2]. É Pascal quem diz isso. Em seu pensamento vamos encontrar certas intuições de natureza religiosa, que foram incorporadas pelo existencialismo. Eis porque ele é considerado como um de seus precursores.

## II

Entretanto, só no começo do século XIX é que se constituem os fundamentos da filosofia existencial, com a divulgação tardia da obra de Søren Kierkegaard. Interessante observar que o pensamento de Kierkegaard está ligado a um movimento de recuperação do cristianismo, o qual, durante o século XIX foi relegado ao plano secundário, como estágio espiritual da humanidade que se julgava estivesse suplantado pelo conhecimento positivo dos fenômenos, estudados através do trabalho de investigação científica. Mais uma vez se acentua, ao penetrarmos na obra de Kierkegaard, o caráter religioso do existencialismo. A visão que assinalamos, como sendo o ponto de partida do existencialismo, tem nesse pensador o seu mais profundo intérprete. Ele é o filósofo da existência. E como tal, a atitude que toma é de oposição ao pensamento racional, que na época em que viveu, estava encarnado pela filosofia de Hegel.

Segundo Hegel, a realidade inteira está dominada pela razão; ela é mesmo a razão universal e necessária. O homem não passa de uma entidade que se situa nos limites dessa razão universal, e ele nada pode compreender senão procurando encontrar nas coisas a ideia absoluta que nelas se traduz. O real é, portanto, o racional. A existência pessoal não tem relevância para o filósofo cuja função deve cingir-se ao exame objetivo da realidade. Ele tem que se despersonalizar e, provisoriamente, esquecer-se de que existe. Mas é possível abstrair a existência ou, em outras palavras, é possível sacrificar a existência ao conhecimento? Aqui está a pergunta que Kierkegaard responde com a criação da chamada filosofia da existência. Esta filosofia, que segundo o seu fundador, não era uma filosofia estabelecida sobre conceitos, ensina que o real é o individual,

aquilo que é subjetivo. A verdade, portanto, deve ser buscada no âmago da vida individual onde se impõe a presença contínua desta realidade que não podemos traduzir racionalmente. Leon Chestov resume no seguinte trecho a noção fundamental em que se apoia o fundador do existencialismo: “Para Kierkegaard, a filosofia não é de modo algum uma pura atividade intelectual. O começo da filosofia não é, como ensinava Platão e Aristóteles, a admiração, mas o desespero. Nas angústias do desespero e do terror, o pensamento humano se transforma e adquire novas forças, as quais o conduzem até às fontes da verdade que nem sequer existem para os outros homens. O homem continua pensando, mas não do mesmo modo pelo qual pensam aqueles que, “assombrados” com o que o mundo lhes revela incessantemente, procuram compreender a estrutura do universo”[3].

Mas a atitude existencial defendida por Kierkegaard origina um conflito – o conflito que resulta do fato de que a nossa existência perde o seu sentido, quando elimina a razão, para entregar-se à vertigem de existir, que traz consigo a angústia e o desespero. Penetrando em si mesmo, o homem que se deixa arrastar pelo ritmo misterioso da existência, defronta-se com o nada que ele é. Sente-se, como naquela imagem pascaliana, “perdido neste recanto do mundo”, e desesperando em consequência de sua descoberta. O desespero é mesmo a nota trágica da existência. Possuímos aspirações infinitas que nesta vida jamais serão satisfeitas, porque a morte destrói os anseios da alma humana, levada assim na avalanche do seu tempo. Kierkegaard define o homem, como sendo “uma síntese do infinito, e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade”[4]. Justamente por causa da contrariedade entre os elementos que compõem a síntese que é o espírito humano, ele desespera. E a morte põe termo a todos os movimentos espirituais, que precisam estender-se para além do tempo, numa eterna expansão da consciência. A liberdade que lhe serve de guia e que orienta a prática dos atos sobre os quais parece manter o mais completo domínio, se esfuma com a presença de obstáculos que fazem parte da ordem que impera no mundo e que rege as nossas vidas, indiferentes aos nossos desejos secretos. Kierkegaard se insurge contra a ordem do mundo; ele quer que ela seja suprimida e instaurada em seu lugar uma nova ordem criadora, que seja a projeção na realidade objetiva de tudo quanto a alma encerra de sentimentos e aspirações infinitas. Para Kierkegaard “as conclusões da paixão são as únicas que merecem fé, as únicas que têm valor probante”[5]. A nova lei que ele institui, aquela que consiste na verdadeira lei do espírito, é a lei da *repetição*. Não há dois momentos idênticos no fluxo incessante da existência. Vivemos continuamente na atitude de quem escolhe. É preciso decidir sempre entre dois caminhos. O sentimento de existir não é outra coisa senão essa necessidade permanente de nos decidirmos, para ficarmos ligados a uma determinada situação. Depois que escolhemos, uma nova existência se estabelece, e é impossível reconquistar um só momento do que passou. Entretanto, para Kierkegaard, o pensador existencial, porque é uma “espécie de encarnação do infinito no finito”[6], porque é apaixonado, não se conforma com o império da necessidade, o combate contra o que é impossível para transformá-lo em possível. Nesta etapa de pensamento, o filósofo existencial

dá um salto poderoso que vai depositá-lo nas regiões da Fé. A Deus podemos solicitar que o impossível se realize, e que recuperemos aquilo que uma vez foi perdido. Nisso consiste a lei da repetição. A Fé, que ele estuda em seu livro “Temor e Tremor”, é a energia supressora do tempo, e a força sobre-humana que nos abre a eternidade, onde desaparece a contrariedade básica da natureza espiritual do homem.

A existência humana é sentida como algo que sofre uma subordinação. Podemos dizer que ela esgota o seu sentido nessa referência da subordinação em que se encontra para alguma coisa existindo fora dela mesma. Se temos o direito de interpretar o pensamento de Kierkegaard, aventuramo-nos a dizer que, para ele, existir consiste nessa relação de dependência: é que estamos subordinados a Deus.

Há um estado espiritual que o pensador analisa: a angústia. A angústia nos põe em contato com a própria existência. Só a experiência, que se passa no espírito solitário, é capaz de dizer em que consiste isso que ele chama de angústia. Estamos angustiados quando, subitamente, e sem razão plausível, percebemos o estranho que é viver, aqui neste mundo, e é esse sentimento de estranheza da vida que leva até às profundezas da existência, onde deparamos com o nada que ela é. Por si mesma, a existência não é nada. Ela se mostra vazia, e só começamos a descobrir que ela é alguma coisa, na medida em que percebemos como dependente de Outrem ou de outro ser. O aparecimento de Outrem é a maneira como, no processo da angústia, se revela a existência de Deus. E a existência humana consiste, numa relação, e numa relação com o Absoluto. Como explica Jean Wahl [7], ao entrever assim o fenômeno do existir, Kierkegaard, que é, por excelência, um pensador cristão, reafirma a noção cristã de que viver é, antes de tudo, estar o homem em presença de Deus.

O Deus da filosofia existencial nasceu com Kierkegaard, é o Deus vivo e presente em cada coração humano. Ele não se identifica com a entidade abstrata e racional concebida por Aristóteles, o Motor Imóvel do Universo, ou a Ideia Pura de Platão, nem se nivela com a totalidade dos processos que constituem a natureza, como no panteísmo. É um Deus vivo, e não apenas por o ser absoluto que vamos encontrar ao aprofundarmos o sentido de nossas vidas terrenas, mas também porque atua vivamente, possuindo uma ordem Sua, onde se faz sentir a força de seus ditames e imperativos. Enfim, a noção de divindade não pode ser outra senão aquela que tradicionalmente conhece a civilização ocidental: a do Senhor Poderoso e Terrível de Quem a Bíblia nos fala. Esse Deus, o mesmo do cristianismo, ordenou a Abraão que sacrificasse o seu filho único, Isaac, para demonstrar o amor e a fidelidade que lhe tinha. Uma ordem da Divindade que está em desacordo com os princípios da ética, da moral que procura os princípios ideais da conduta humana. Ele se situa fora da ética e, por isso mesmo, as suas exigências são incompreensíveis se procurarmos interpretá-las à luz do conhecimento humano, só com o auxílio da inteligência e não fomos buscar o socorro da Fé. A ordem de Deus a Abraão para que mate o seu próprio filho é um escândalo para a razão, como é a vinda de Cristo ao mundo nascendo de uma

Virgem. Considerando a conduta humana, sob o ponto de vista do homem, a exigência divina para que Isaac seja sacrificado parecia inumana. Por isso, ela constitui um escândalo e faz de Deus um inimigo do homem. “É, diz Kierkegaard, tão horrível (humanamente falando), Deus em seu amor; e é tão horrível (humanamente falando) ser amado por Deus e amar a Deus. Pois a tese complementar de “Deus é amor” é essa outra tese – “Ele é teu inimigo mortal”[8]. Mas isso humanamente falando, pela voz dos preceitos morais que foram produzidos pela razão. Abraão não vacila ao receber a intimação divina e, imediatamente, se dirige ao lugar em que a vítima deve ser imolada. Procedendo assim, ele se rebelou contra a ética, mas tornou-se o cavaleiro da Fé. E, iluminado por ela, o amor de Deus se ajustará à nossa natureza e não será mais horrível.

O pensador explica em que consiste a Fé: “A Fé é um milagre e nada ela exclui, pois toda a vida humana encontra a sua unidade na paixão e a Fé é uma paixão” [9]. Porque a Fé e não a virtude, que é produto da moral? A opção pela primeira resulta de outro elemento que se incorpora à existência concebida por Kierkegaard. É que a existência é indissociável do *pecado*. O pecado provém da qualidade que o homem possui, de ser existente. Tendo isso em vista, se admitimos a realidade do pecado, as categorias morais nada significam com relação a essa descoberta. “A ética é insuficiente para fazer com que saíamos do pecado” [10]. E dessa insuficiência surge a necessidade da Fé. “Pela Fé, diz Kierkegaard, o indivíduo reverencia o senhor do céu e está em relação privada com Deus. O indivíduo como indivíduo participa de uma relação absoluta com o absoluto. É o domínio da grande solidão, onde não se penetra acompanhado, onde não se ouve a voz humana; aí nada pode ser ensinado ou explicado” [11].

Mas não se pense que a Fé suprime à existência o valor que Kierkegaard nela encontra. É mesmo pela Fé que a existência humana adquire a sua plenitude. É pela Fé que o homem pronuncia o grande sim à vida que, descontrolada pela supressão da razão, parecia absurda. Mediante esta afirmação suprema, a necessidade se transforma em liberdade e o finito se une com o infinito, pois “o movimento da Fé deve constantemente ser efetuado em virtude do absurdo, mas, coisa essencial, de maneira a que não perca o mundo finito e, ao contrário, para ganhá-lo inteiramente” [12].

FIQUEI AQUI

### III

Antes de passarmos a outros estágios da filosofia existencial, vejamos quais as características que lhe podemos conferir de tudo quanto até agora expusemos. Esses aspectos se manterão constantes nas visões dos outros filósofos que se seguem. Em primeiro lugar, a filosofia da existência reconhece uma realidade que escapa ao domínio da razão e diverge da filosofia tradicional por conceder importância secundária à razão, que é impotente para apreendê-la. Em segundo lugar, a realidade da existência é, por assim dizer, anterior a qualquer possibilidade de manifestação do pensamento; ela é, paradoxalmente, uma existência essencial. Em terceiro lugar a existência não possui significação alguma se não é entendida como sendo uma dependência, exprimindo uma

subordinação com algo. Em Kierkegaard esse algo foi preenchido pela noção de divindade. Em quarto lugar apresentamos a consequência prática: a insuficiência de toda moral, dado que o valor supremo da vida é, por si mesmo, insuscetível de ser formulado racionalmente, esquivando-se, desse modo, a qualquer tentativa que frise encontrar nele princípios e regras de conduta. Já vimos também, no que se relaciona à questão, a maneira pela qual foi solucionada por Kierkegaard, que admite a superação da ética pela Fé. No exame dessas características, o que notamos é o desprestígio da razão e a substituição do problema filosófico, entendido em seu sentido tradicional, pelo problema religioso.

A descoberta que existencialismo assimilou como valor primordial da filosofia tem, como consequência, uma posição mais profunda no que diz respeito à indagação suprema da pesquisa filosófica. A realidade da existência toca e se reduz em outra realidade, única, intransformável que, para figurarmos, diremos que ela é assim como a base neutral, ponto morto em torno do qual se solidariza a própria existência. Esse ponto de convergência e de confluência é o ser. Assim, o existencialismo retoma a velha questão do ser que, tendo sido abandonada, ocasionou a ruína da Metafísica. Mas não se trata aqui de restabelecer o tradicional sentido da atividade especulativa, para a qual é necessária a atitude do pensamento, dirigida pela razão, e que se empenha em *compreender* o ser. Operou-se o restabelecimento da metafísica, segundo a noção aristotélica de “ciência que estuda o ente (ser) enquanto ente” [13].

Tal restabelecimento, porém, não se apoia na atitude crítica peculiar ao conhecimento racional. É mesmo a negação de semelhante atitude. A razão, dirigida para o conhecimento total da realidade, e pretendendo que só é válido e real o que cai dentro de suas fronteiras, foi forçada a eliminar a realidade do ente, mediante a noção prévia de que, para chegar até ela, fazia-se necessário se era mesmo possível conhecer alguma coisa. Com isso estava criada a Teoria do Conhecimento. Ela derivou do exclusivismo da inteligência aplicada às noções originárias que pertencem à existência e não se deixam apreender através dos processos puramente intelectuais de generalização e da abstração em que se fundam as fórmulas conceituais.

Foi Martin Heidegger quem, tomando por base o existir humano, prosseguiu nas investigações atinentes ao ser, atualizando, dessa maneira, o problema central da filosofia – o problema ontológico. O que interessa ao filósofo alemão é apontar o sentido de que se reveste a realidade do ser. E isso fará, não através do conhecimento racional, mas confiando numa espécie de metafísica espontânea que é decorrência do próprio fato de existir, pois que o homem, sentindo-se existente, sente-se também interessado em saber o que é e o que representa a sua vida neste mundo. Toda a questão filosófica não deve constituir um mero objeto para a inteligência; uma questão só é verdadeiramente filosófica quando surge no espírito como que imposta pela própria vida, e quando se compreende tão urgente e tão primária como uma necessidade orgânica imperiosa. “O liame entre filosofia e existência, observa E. Lavinas, é pois dos mais estreitos. Não se pode mais dizer *primum vivere deinde filosofare* (primeiro viver depois filosofar). A filosofia é a condição da vida e o seu acontecimento mais íntimo” [14].

Heidegger, antes de empreender o exame do problema magno, leva-nos a admitir um fato que norteará a sua análise. Mesmo esse fato, para ele, já pertencer ao domínio do ser: consiste em saber qual o ente que indaga a respeito de seu próprio ser. É o homem esse ente. Pois bem: a pergunta ontológica, e o que precisamos assentar, de acordo com Heidegger, é que tal pergunta constitui logo a descoberta imediata do ser. Há, portanto, uma relação entre aquele que pergunta e o que foi perguntado. O ente que indaga é o homem e a matéria sobre a qual indaga é o ser. Assim, aquele que pergunta, acha-se referido ao perguntado, que é o ente absoluto. Em outras palavras, podemos dizer que, pelo fato de sua existência, o homem está apto a dirigir-se para a realidade básica que as aparências da vida encobrem. Ele é arrastado em direção ao ser, por força de seu próprio existir e é, enfim, dentro de sua existência que se revela o conhecimento supremo que procurava alcançar. Vemos então que a análise do ser conduz, insensivelmente, à constatação da existência, como valor único e como realidade máxima. Tentando conduzir o seu pensamento para apropriar-se da unidade originária, Heidegger apenas formulou o problema ontológico e voltou à noção fundamental que informa a filosofia da existência, não tendo podido atravessar os seus limites para absorver-se na intuição pura do ser. Daí a necessidade de admitir-se o postulado que se tornou bastante conhecido, e que nenhuma vulgarização do existencialismo esquece: “a essência do homem é ao mesmo tempo a sua existência” ou, então, o homem é uma existência sem essência e, ainda, segundo a fórmula de Sartre, a existência precede a essência.

A aventura espiritual de Heidegger não termina por esse apanhado metafísico da existência humana. Prossegue, sempre intuitivamente, na observação de tudo quanto se liga à realidade fundamental que descobriu e passa, agora, a descrever os modos pelos quais ela se manifesta. Entra na análise descritiva de suas situações, e o primeiro fato importante, que merece constatação, é a maneira de ser do homem, que ele exprime, caracterizando-a com um *estar aí*, ou em palavras mais simples, essa maneira de ser é sempre o fato de que o homem não pode viver fora de uma situação determinada. Primeiramente, percebemos que a existência humana pressupõe uma ligação com o mundo. O homem é aquele ser que se encontra mergulhado em uma realidade íntima, subjetiva, que promana de sua consciência e em face de uma outra, exterior e material. É essa amplitude que a expressão *mundo* tem para o existencialismo. O que o existencialismo diz, através de Heidegger, é que o homem vive jogado nesse mundo; está nele sem conhecer a razão que o colocou aí, ignorando o porque de sua presença nessa realidade que o envolve e que o oprime. Interessante observar que as coisas que existem fora de si, dão-se a conhecer pelo sentimento opressivo que despertam. Não há medida alguma entre o homem e as coisas; elas o sujeitam ao determinismo que lhes é próprio, e como que ignoram a sua existência e a liberdade que se diz possuidor. Acabamos de assinalar uma das noções fundamentais da filosofia existencial e que é, no dizer de Alceu Amoroso Lima [15], “o contraste entre a exterioridade e a interioridade, entre o mundo e o eu”.

Somos, de acordo com essa concepção, seres abandonados, jogados em uma região determinada do universo; não compreendemos as razões de existir e a existência mesmo é um absurdo e, como tal, nenhuma explicação pode esclarecer o seu sentido. Não sabemos qual o nosso fim. Paralelamente a esse sentimento de ignorância do fim por que existimos, estamos seguros da posse de uma liberdade – liberdade que Karl Jaspers, outra figura proeminente do existencialismo, identifica à existência. Dada a situação do homem, situação paradoxal, pois ao mesmo tempo ele aparece como ser livre e subordinado ao mundo – dada, pois, a natureza dessa situação -, o que nos compete é desenvolver a liberdade; é, apesar e contra o determinismo, levar ao máximo o aproveitamento da liberdade dentro do mundo. Devemos nós mesmos criar as situações a que estejamos ligados. O homem é aquele ser que tem o privilégio da escolha e da decisão. “A liberdade, como ensina Jaspers, se exerce no centro do determinismo” [16]. Pelo fato de que o homem tende a escolher, a sua decisão está condicionada ao êxito e ao fracasso, e uma vez que decide, é uma nova situação que se abre para ele, da qual não pode fugir pela lei de repetição que Kierkegaard reconhecia como um produto da Fé. Mas, nesse outro plano da filosofia existencial, que é o de Heidegger e Jaspers, e mesmo de Sartre (falaremos especialmente desse filósofo na parte final), processada a escolha, o homem fica escravizado ao objeto: está preso, “engagé”, como diz Sartre. Mas não se analisa a qualidade da decisão tomada. A decisão, até a que redunde em fracasso, é a maneira de nós realizarmos, de imprimirmos uma essência à nossa existência. O fracasso tem conseqüências profundas que passam despercebidas. Aventurando a nossa liberdade, mesmo na ignorância do fim a que estamos destinados, atuamos ao impulso do soberano valor representado pela existência. “O critério supremo da verdade não é o sucesso; o que é escolhido permanece verdadeiro mesmo que se trate de um fracasso” [17]. De qualquer modo, quando decidimos, afirmamos a liberdade e agimos segundo os imperativos da nossa existência. E quando isso se dá, elevamo-nos do conhecimento das coisas para o conhecimento da realidade primordial. Quer dizer então, que chegamos à existência pela ação; não há, portanto, diferença entre conhecer e agir; só podemos saber o que é a existência quando o conhecimento passa a fazer da vida, quando ele se faz ao ritmo de uma experiência perpetuamente renovada. Tudo o que dissemos importa numa distinção vital para o existencialismo que é a que separa a vida autêntica da vida inautêntica. O homem não só está em relação com o mundo como também com os outros. Há dois elementos através dos quais a sua vida entra em contato com a realidade: a técnica e a comunidade. Pela técnica ele se familiariza com a realidade material, executa os atos tendentes a satisfazer as suas necessidades, servindo-se das coisas, dos objetos, de tudo enfim quanto o meio lhe proporciona para efeito de realizar a sua adaptação ao mundo. Essas necessidades não são estritamente de natureza orgânica, e compreendem as inclinações humanas, no que se refere aos gostos, às aptidões, às atividades peculiares a cada indivíduo. É também a técnica que, dando-lhe os elementos imprescindíveis à sua subsistência, reproduz o desenvolvimento orgânico e psíquico, condicionando o aproveitamento das coisas que compõe o

vasto quadro da natureza em objetos de utilidade e serventia, situa o homem num plano de relações amistosas com o mundo, em que a realidade do existir, o contato com o ser, parece apagar-se. Mas, é através da comunhão, da vida com os outros, que ele adquire a qualidade de membro da sociedade, ao qual incumbe uma série de obrigações, de direitos, de atividades, que constituem o seu modo particular de agir nos limites de uma profissão. Aquela união primordial com o mundo, a situação metafísica pela qual o ser entrevia-se como lançado frente à realidade objetiva e ao mistério da existência, no desamparo profundo do *estar aí* é o chamado *dasein*, expressão que empregaremos daqui por diante, para usarmos da terminologia existencialista. O homem, cujo ser era divisado através do conhecimento intuitivo dessa situação decisiva de estar no mundo, no *dasein*, recai na existência cotidiana e perde a visão de sua verdadeira existência. O *dasein* se desespiritualiza, e é como a camada opaca intercalada entre nós e o ser. A vida intermediária, o cotidiano, é a vida inautêntica onde se refugia o indivíduo para escapar ao absurdo que a sua existência lhe revela. Deu-se uma espécie de queda, por onde ele tenta escapar, como explica Lavinias [18], pelo otimismo, que é apenas o disfarce de uma angústia contida e da tentativa desesperada para compreender a si mesmo. Wagner de Reyna [19], em seu magnífico estudo sobre a ontológica de Heidegger, fala a respeito dessa queda que sofre a existência compreendida como existência comum: “O homem ao decair – na vida diária – foge de si mesmo, da possibilidade de ser ele mesmo. Refugia-se no “mesmo” de todos os dias. Ai todos os problemas estão resolvidos e se está tranquilo. Refugiados no mundo, temos às vezes medo, medo de algo perigoso que se encontra dentro do mundo”.

A comunhão social é, portanto, para o existencialismo, o que encobre ao indivíduo o sentido verdadeiro de sua existência. Qual é, então, a existência, aquela que deve ser vivida por ser fiel às descobertas fundamentais do homem como ser existente? A filosofia que estamos apresentando num ligeiro esboço, não se insurge contra a sociedade, a ética e a atividade científica, como valores. Não se pense que o existencialismo é uma espécie de primitivismo mental, ordenando a supressão das realidades culturais, para serem substituídas pela expansão do sentimento de existir. Mesmo no sentido em que é tomado pela filosofia existencial, a existência não é absolutamente a aspiração romântica, o ideal de uma vida intensa e multiforme. A metafísica com que estamos lidando, de acordo com as suas conclusões a respeito da situação do homem no mundo, que é absurda e sem justificativa, como é para Heidegger, que dispensa o auxílio da Fé, ao contrário de Kierkegaard, - a metafísica em questão, devido ao caráter apreensivo que confere à existência, é mesmo a negação de todo e qualquer laivo de sentimento romântico e, nela, não há lugar para o decantado amor à natureza. O *dasein*, que já sabeis o que é, na sua forma decadente, mostra-se, segundo diz Toquendec, interpretando o pensamento de Jaspers, essencialmente acabado, incompleto, relativo, evanescente e perecível. O homem precisa saber que as exigências da vida cotidiana são aspectos importantes, mas não supremos, e que ele possui, digamos assim, deveres para com a sua existência. Nesse ponto, o existencialismo é até um apelo para a espiritualização de nossas vidas, e esse

apelo faz lembrar aquela religiosa advertência, que procura restabelecer o primado do cristianismo em sua prática integral, acompanhando a realização de todos os atos humanos, por mais insignificantes que sejam.

A comunhão social não pode deixar de ser considerada importante, mas ela não deve eliminar a verdadeira comunhão existencial, em que o homem vai encontrar-se em outro ou em outros, por efeito de uma comunicação amorosa. Por isso, tem razão Bullnov [20] quando observa: “A comunicação existencial só pode existir na medida em que, com a própria existência, for de novo fundada e reconquistada em cada novo momento de sua vida (da vida do homem)”.

O aproveitamento do *dasein*, a sua espiritualização, é uma tarefa árdua, para a qual as energias humanas têm que ser mantidas em completa disponibilidade. Faz-se necessário um estado de tensão espiritual, que faça refletir sempre de maneira autêntica, de modo a não ficarmos perdidos entre as coisas perecíveis que escapam, à medida que o tempo decorre. O homem comum, cuja vida não vai além da existência cotidiana, não conhece outra unidade senão a do tempo, e não sabe referir ao que há de durável e de eterno na avalanche dos instantes que se precipitam. Isso quer dizer que o homem não deve perder de vista a realidade do seu próprio ser, para que, “na realidade temporal que só se produz uma vez esteja presente, de maneira insubstituível, a profundeza do ser propriamente dito, como nascendo aí de seu “fundamento mesmo” [21]. A eternidade, para Jaspers e para o existencialismo de um modo geral, consiste nessa apropriação ou pessoalização do tempo. A prova de que é inautêntica a manifestação da existência, que se multiformiza nos aspectos da vida cotidiana, está na apreensão com que o homem vive. Ele é um ser apreensivo, sempre solicitado pelas possibilidades que se apresentam à sua escolha. Ele tem que se decidir, e na urgência da decisão a ser tomada, no embaraço de exercer o perigoso dom de sua liberdade, quando tem realmente que viver, aderindo a uma situação determinada, ele vê que está desamparado, solitário, e volve à realidade fundamental, que é a da sua existência lançada ao mundo. Por outro lado, a força de certas situações revela a efetiva presença do ser, que as relações com a técnica e com a comunidade haviam ofuscado. Que é a angústia, esse medo impreciso, vago, que em nada se firma e que repentinamente se apossa de nós? Não se trata de medo comum, que é sempre medo de alguma coisa. É o medo pelo qual se exprime o próprio sentimento de existir, e que se insinua pelas frestas da vida cotidiana, rompe as barreiras que lhe opõem a nossa atividade de todos os dias, as preocupações limitadas, os laços afetivos e, então, o “sentido da vida cede o seu lugar a uma dúvida universal e sem esperança” [22]. A angústia é, conforme nos ensina Bullnow, o “sentimento e a expressão viva de tudo que o mundo tem de inóspito e sinistro para nós”. Para Heidegger, a angústia descobre o nada, e o nada, segundo ele, tem um sentido todo especial. Está ligado ao ser, mesmo que essa ligação seja como é de fato, uma ligação negativa, pois o nada heideggeriano “é o fundo negativo do ser, do qual o ser se destaca por uma espécie de rutura”.

Também o homem, enfrentando a sua existência, tem de contar com a possibilidade da morte. E a expectativa da morte, que não é encarada como

acontecimento futuro ou através da constatação racional de que algum dia, como homens, todos teremos de morrer, transforma-se na eterna presença, na íntima angústia que é experimentá-la (*Sic*) como possibilidade ontológica, como um possível desdobramento do ser.

A angústia, e particularmente a angústia da morte, levam para o *dasein* a real e autêntica existência, como advertência severa da supremacia do espírito em face do exclusivismo e do poder absorvente da vida diária. Apreciemos agora as conseqüências últimas da concepção existencialista. Para o nosso exame, recorremos aos elementos que nos podem fornecer duas atitudes do pensamento existencial que se opõe fundamentalmente: a de Sartre e a de Gabriel Marcel.

#### IV

Não achamos exagerado dizer, que a obra filosófica de Sartre tem grande parte de sua importância, apenas no fato de que serve para revelar um certo perigo que o existencialismo representa para a firmeza de suas próprias conclusões. Partindo da ideia do primado da existência individual, a posição de Sartre é verdadeiramente aniquiladora do indivíduo. Querendo conceder ao homem uma liberdade ilimitada, consegue destruir a liberdade, precipitando-a num furioso determinismo. No afã de sistematizar e extrair conclusões definitivas dos postulados básicos existenciais, o que ocasionou foi uma devastação do próprio existencialismo.

Mas também não podemos deixar de reconhecer que as conclusões de Sartre são lógicas, e guardam uma coerência íntima e profunda com a visão metafísica existencial, particularmente com o pensamento de Heidegger, que elas desenvolvem e solidificam. Partindo da conclusão que a existência se manifesta por “uma certa presença efetiva no mundo”, que é o pressuposto básico e ontológico da vida humana, ele extrai dessa descoberta as suas últimas conseqüências. O problema máximo que enfrenta, a nosso ver – aquele que tem a importância para o levantamento e a apreciação do conjunto dos valores do existencialismo, que assentamos como o objetivo do presente estudo – é, sem dúvida, o problema da liberdade. Segundo vimos, Kierkegaard identifica o real ao subjetivo, à vida íntima e peculiar a cada indivíduo. Por sua vez, a realidade da existência individual entra em conflito com a ordem objetiva, onde impera a necessidade indiferente às exigências mais profundas da natureza humana. A nossa existência é, por isso mesmo, absurda. Através do estado característico da angústia que nos põe em situação de percebermos o nada que é a nossa vida, vemo-la, por assim dizer, encerrada sem explicações num mundo hostil. Não compreendemos as razões por que existimos; apenas existimos e, em existir, consiste a própria essência do homem.

O caminho que libertou Kierkegaard do Absurdo foi entregar-se a outro absurdo, pois assim ele denominava a Fé. Rebelando-se contra a ética, que também é opressiva e discordante com o que entendia ser a verdadeira palavra divina, relegou os valores morais, para admitir somente os valores religiosos. Mas Sartre não adota a mesma solução, ou antes, a sua solução foi admitir o absurdo e incorporá-lo à realidade, sem efetuar qualquer movimento para ultrapassá-lo e transcendê-lo. O sentimento da angústia não constitui para ele um vazio ou um

claro a ser preenchido, por alguma coisa substancial que Kierkegaard determinou como sendo Fé. É mesmo o nada de nossa existência infiltrando-se no ser, absorvendo-o, anulando-o e transformando-o também em puro nada. O ente dividido por Heidegger acaba sendo aniquilado. Não há razão para admitirmos a realidade do ser, quando também afirmamos a realidade do nada. É essa última que predomina. Desse modo, a existência não pode ser outra coisa senão a sua própria negação. Ela é um efeito negativo, uma sombra cerrada pairando sobre o mundo. Se alguma realidade existe para Sartre, essa realidade é a do mundo onde estamos, do mundo em relação a nós, a qual não sofre a infiltração do nada e que ele denomina em si (en-soi) Segundo as suas próprias palavras, o “em si” é repleto dele mesmo e não poderá imaginar plenitude mais total, adequação mais perfeita entre conteúdo e continente. Não há o menor vazio do ser; a menor brecha para onde infiltrar-se o nada” [23]. Essa plenitude é a das coisas que estão fora de nós. A existência esgota-se num referir-se às coisas, mas a relação aqui é tão decisiva, que estando o homem no mundo como que para ser referido às coisas, elas acabam por absorvê-lo e anulá-lo, havendo uma ligação estreita entre o nada e a realidade efetiva e mais que isso, uma equiparação no que diz respeito ao conteúdo da existência humana, o qual se esgota naquilo que é exterior a ela. Para sair do âmbito dessas conclusões que se impõem desde que ficou declarado o poder absorvente do Nada, a fim de assegurar à existência o seu conteúdo, Sartre diz que ele consiste numa apropriação das coisas ou do mundo, que deve ser criado por mim e para mim, como por efeito da minha liberdade, a qual dá o privilégio de escolher entre situações distintas, que não são as mesmas para todos os homens. A essa apropriação do mundo, realizada por um ser absurdo, que nada é, e que incompreensivelmente, tem o poder de decidir e, decidindo, exercer a sua liberdade, ele denomina de para si (pour soi). Portanto, para cada um de nós o mundo recebe uma significação distinta, segundo a nossa maneira particular de viver, e enquanto ocupamos uma certa perspectiva com relação a alguma coisa. Existir é estar ligado a uma situação determinada, e “o homem, como nos diz Sartre, é apenas uma situação. Totalmente condicionada por sua classe, seu salário, a natureza de seu trabalho, condicionado até em seus sentimentos, até em seus pensamentos” [24]. Não obstante o fato de se achar o homem condicionado pela situação em que vive, ele possui a prerrogativa de decidir, de escolher. Somos forçados a pensar que a liberdade de escolha, nesse caso, é apenas a liberdade para situar-se (o que Sartre chama de “engagement”): a liberdade até à situação e a condicionalidade absoluta depois dela. Trata-se de uma liberdade paradoxal, composta, que se efetiva em dois tempos, o primeiro em que ela é um movimento livre e o outro em que fica aprisionada por ela mesmo. Por outro lado, essa escolha é aparente, uma vez que, existindo, o homem é forçado a se situar e a viver de acordo com os imperativos próprios da situação que adotou. A liberdade de Sartre é, portanto, a necessidade disfarçada.

Mas como é que podemos conciliar o resultado a que chegamos, de que a necessidade está vestida com as roupagens da liberdade, se Sartre admite como fato incontestável a inexistência do determinismo? “Não existe o determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade”, são as suas afirmativas.

Também, no que se refere à admissão desses postulados, vamos encontrar o mesmo defeito intrínseco do ato livre do criador, que se apresenta como ato puro e gratuito, não reconhecendo Sartre uma finalidade precisa, uma direção fixada por algum objetivo supremo que desperte os anseios da alma humana, como por exemplo, Deus ou um ideal a realizar. Reconhece apenas que, no homem, a existência precede a essência, que “o homem primeiro (existe)... e, em seguida, somente ele é isso ou aquilo. O homem deve realizar a sua própria essência”. De que maneira deve o homem proceder a busca de sua essência para realizar-se espiritualmente, através de sua liberdade, ele não nos diz. Essa realização não é outra senão aquela feita na vertigem da liberdade sem limites, que não pode subsistir, caso lhe forem impostas normas e preceitos de moral. O ato livre, que se reduz aqui à gratuidade da ação, desorienta e confunde o homem, que nele não pode distinguir a imagem de seu espírito inquieto, mas solicitado por aspirações consistentes. Essa liberdade da filosofia existencial de Sartre revela-se então como liberdade desfigurada, negadora dos valores éticos que Kierkegaard também negou, mas para superá-los depois, pelo instrumento Fé. O homem concebido pelo existencialismo sartreano é aquele que é livre, porém dentro do Nada. Do Nada espiritual e moral criado pela impossibilidade de, uma vez que se reconheceu a auto-criação da essência humana, estabelecer os fundamentos de uma ética qualquer. São essas as consequências práticas da filosofia existencial, mas – é preciso acentuar – somente dentro de um dos seus desdobramentos, a filosofia de Sartre, e somente válida para ela.

A outra atitude do pensamento existencial é adotada por Gabriel Marcel, o filósofo da esperança, que se apóia na visão religiosa aproveitada por Kierkegaard, como a que, aderindo à realidade da Fé, supera o sentimento absurdo que resulta do fato de existirmos num mundo inassimilável à nossa vida subjetiva, e cujas leis não são as mesmas que regem a vida do espírito. A existência compreendida pelo existencialismo que não é ateu, como o de Jaspers e Marcel, é a que encontra na sua própria realidade o motivo de elevação pelo qual ela não fica encerrada em si mesma, e se refere a outra realidade, a suprema e absoluta, no sentido apontado por Jaspers. A existência é, assim, ao mesmo tempo, transcendência. Ela, como afirma Jaspers, não só percebe a si mesma na liberdade, percebendo, no seu próprio ato, um outro diferente dela. O outro em que ela se percebe, como dependente, não pertencente ao *dasein*, está para além dele, é simplesmente Deus, designado aqui pela expressão “Envolvente Absoluto”.

## V

Não podemos concluir esse estudo sem antes apontarmos o alcance e a significação do existencialismo. Naturalmente muitos desejam saber se o existencialismo é ou não incompatível com o cristianismo. Mostrei que não, se nos referimos à linha de Kierkegaard, onde se encontram as filosofias de Marcel, considerando representante do existencialismo católico e a de Jaspers que se eleva da intuição da transcendência à idéia de Deus. Não deve passar despercebido o fato de que na base do existencialismo, encontra-se uma visão nitidamente religiosa da existência, conforme assinalamos. Pascal e Kierkegaard foram cristãos. Não é preciso insistir neste ponto.

Tanto se tem falado a respeito do existencialismo, tantas coisas têm sido ditas pró e contra, que a melhor posição para julgá-lo, não é nem a dos que atacam, nem a dos que aceitam integralmente. É certo que grande parte ou quase tudo do que ele nos diz, consiste nisso mesmo que, em sua maioria, os homens sentem ou pensam, sem contudo atinarem com o significado específico daquilo que, em suas vidas, continuará sendo individual, tentando interpretar a realidade total através da realidade individual, o existencialismo bem poderá ser um mero conjunto de divagações, filosoficamente inconsistentes ou um discurso muito longo sobre a situação do homem, tal como ele se encontra nesse mundo, desamparado e solitário, ignorando a sua origem e o destino que lhe está reservado. Desse modo, a filosofia existencial não seria mais do que certa espécie de literatura, com pretensões a filosofia. Não há dúvida que, a primeira vista, o seu alcance parece resumir-se na atitude hostil ao conhecimento racional e à investigação objetiva da realidade, para negar valor a tudo quanto não esteja relacionado com os desejos secretos e as aspirações íntimas e profundas de cada indivíduo, as quais seriam assim, para ela, os elementos vivos da própria verdade, cujo critério não poderá ser procurado em outra esfera que não seja a do subjetivo. Citamos aquela passagem de Kierkegaard, onde este pensador afirma que as conclusões da paixão são as únicas que têm valor probantes. Só aquilo que o homem aspira, só aquilo que deseja e quer ver realizado constitui para ele, não apenas a sua verdade particular, mas a verdade inteira, a realidade do mundo e das coisas. Aí está a atitude ou a posição de “singularidade dramática”, apontados por Maritain [25], como sendo o ponto de partida dessa filosofia ou, diremos ainda, como sendo o seu próprio conteúdo. Ela então, assim considerada, não passaria de uma dramatização da existência humana.

O existencialismo está intimamente relacionado com a literatura, da qual se vale para ilustrar os princípios que defende. Até mesmo a linguagem dessa filosofia é muitas vezes tão poética que temos a impressão de estarmos lidando não com uma filosofia e sim com uma literatura. Muitas vezes não sabemos discernir em sua contextura onde termina o que é poético, e onde começa o que é filosófico. As intuições fundamentais da filosofia existencial pertenceriam, assim, mais ao espírito de um poeta do que ao espírito de um filósofo. “Pergunta-se, indaga Julien Benda [26] por que ela não se apresenta francamente como poesia, renunciando ao nome de filosofia, com o qual designa uma coisa diferente da que todo mundo chama por esse nome?” Certamente estas observações têm a sua razão de ser, mas não devemos julgar apoiando-nos exclusivamente nela. As variadas correntes que circulam no seio desse arcabouço ideológico, que é o existencialismo, divergem em suas conclusões, mas têm origem comum numa mesma intuição e abordam os problemas decisivos a respeito do destino humano. “Toda filosofia tem os seus méritos, diz Maritain, referindo-se às correntes do pensamento existencial; não nega os que possuem as filosofias de que falo, nem os que possuem as filosofias de que falo, nem os elementos da verdade, dos quais se apoderam. Mesmo que elas não saibam aproveitá-las a simples invocação dos nomes existência e liberdade, mostra que, pelo menos, souberam

discernir o que mais falta aos nossos contemporâneos, e que tentaram suprir, à sua maneira, o que foi mais esquecido pelos sistemas dos grandes filósofos”.

Para nós, o existencialismo não é apenas uma espécie de paixão pela vida, que combate e destroi o pensamento, afastando-se da razão para concentrar-se na existência dando importância ao que é individual, íntimo e subjetivo, a filosofia existencial opera um movimento transfigurador da inteligência que se revitaliza e enriquece ao contato das instituições primordiais da alma humana. O irracionalismo dessa filosofia é como a primeira fase de um novo racionalismo, que terá de surgir mais fértil e mais produtivo, por que vinculado ao dinamismo da própria vida e à valorização poética da existência. A experiência poética não se opõe a investigação filosófica; ela, de certo modo, encaminha o pensamento no sentido da vida e corrige os excessos de abstração, aos quais por vezes ele se entrega. A inteligência que não é só razão mas também sentimento, é a inteligência dinâmica, plástica, maleável, atuando ao mesmo tempo para viver e conhecer; sem abstrair a vida e sem transformá-la no objeto frio e estático do conhecimento. É a inteligência do filósofo existencial, aquela que está mais apta a compreender a realidade, porque tanto maior é a sua compreensão das coisas, quanto mais experimentou, de relance, e como instantaneamente, a realidade pura do ser, da qual a sua existência é apenas a expressão superficial, transitória e terrena

O existencialismo é a filosofia do homem contemporâneo, enquanto reflete o seu espírito inquieto, em busca de uma solução para os problemas que o afligem. Nessa fase angustiada da história do mundo, o homem tem razões para desesperar e para descreer em seu destino espiritual. Vemo-lo indeciso, angustiado e desorientado, ora tendendo para o mais severo puritanismo (aqui não se trata da forma correspondente religiosa), ora caindo no extremo oposto e afundando-se no imoralismo. Não podemos afirmar, à falta de um critério moralmente seguro, qual seja o caminho justo que cada um de nós deva percorrer. O moral e o imoral tantas vezes se confundem.

Mas é certo que a filosofia existencial tem espaço para uma escala de valores éticos, desde que ela reconhece a responsabilidade que o homem tem na prática de seus atos. Ele é responsável não só por si, mas também pelo que os indivíduos fazem. E tanto assim é, que às vezes nos julgamos culpados, assumindo, intimamente, e quase sem o percebermos, a responsabilidade de uma falta que não cometemos, como se uma culpa universal pesasse sobre a humanidade inteira. A moral verdadeiramente existencialista chegará a precisar o sentido dessa responsabilidade, mas, seguramente, e pelo fato de admitir que somos responsáveis pelo nosso destino pessoal, na medida em que ele reflete o destino do mundo, – a verdadeira moral existencialista nunca permitirá a acomodação fácil dos interesses. Numa época em que os homens se transformaram em joguetes de seus próprios interesses – sejam partidários ou políticos, sejam econômicos, - é preciso desenvolver a noção de que todo indivíduo desempenha um papel relevante no destino da humanidade. Essa história é inseparável de nossas vidas. É a custa do esforço honesto e da atuação desinteressada de cada um de nós, tentando resolver os graves problemas da

sociedade atual, que poderemos vencer a grave crise espiritual dos nossos dias. Mas, só isso, não basta. E ainda é o existencialismo que nos diz mais alguma coisa. Pois, compreendendo o homem como um ser desamparado, que vive em conflito com a realidade que o envolve, ele também conduz à urgência de uma solução para o destino humano, que não é o desespero e o absurdo, e sim o amor em Deus e a esperança criadora em sua eterna verdade.

### **Notas (autor do texto)**

- [1] Pascal – Pensées et Opuscules. Ed. L'Arche.
- [2] Paul Foulquié – L'Existencialisme.
- [3] Leon Chestov – Kierkegaard y la filosofia existencial. Ed. Sudamerica.
- [4] Kierkegaard – O desespero humano – Livraria Martins. Porto.
- [5] Kierkegaard – Crainte et Tremblement – Ed. Aubier.
- [6] Jean Wahl – Esquisse pour une histoire de l'existencialisme – Ed. Arche.
- [7] Jean Wahl – op. cit.
- [8] Leon Chestov – op. cit.
- [9] Kierkegaard – Crainte e Tremblement.
- [10] Idem, op. cit.
- [11] Kierkegaard, in "Introduction" de Jean Wahl – op. cit.
- [12] Kierkegaard – op. cit.
- [13] Aristóteles – Metafísica. Ed. Austral.
- [14] Emmanuel Levinas – En decouvrant l'existence avec Husserl et Heidegger – Ed. J. Vrin. Paris.
- [15] Alceu Amoroso Lima – O Existencialismo – E. Agir.
- [16] Toquendec – "L'existence d'après Karl Jaspers".
- [17] Idem op. cit.
- [18] E. Lavines – op. cit.
- [19] Wagner de Reyna – "La ontologia fundamental de Heidegger".
- [20] Otto von Bullnow – Filosofia Existencial – Ed. Livr. Acadêmica.
- [21] Toquendec – op. cit.
- [22] Otto von Bullnow – op. cit.
- [23] Gabriel Marcel – Homo Viator – Ed. Aubier.
- [24] Foulquié – op. cit.
- [25] Jacques Maritain – Court Traité de l'existence et de l'existent.
- [26] Julien Benda – Tradition de l'Existencialisme – Ed. Grasset.

## 6.5 OUTROS TEXTOS DE BENEDITO NUNES

### 6.5.1 - 1º Prefácio de Benedito Nunes - Livro *O Estranho* (Poemas) (1952), de Max Martins

Max Martins é um poeta de 24 anos. Nascido e casado em Belém do Pará. Se bem que tem uma carteira Profissional onde, talvez, por toda a vida, seja apenas um nome dentro da vasta e atribulada classe dos comerciários, Max exerce realmente a profissão da poesia e dela não se afasta nem mesmo quando os balancetes obrigam-no a curvar-se sobre a mesa do escritório. Essa circunstância é mais importante do que parece à primeira vista, pois que a sua poesia reflete profundas ligações com a vida cotidiana, da qual ele extrai uma boa parte dos elementos que formalizam os versos rebeldes de *Estranho*, que chegam a ser, por vezes, impuros, mas nunca artificiais, vazios e desprovidos desse conteúdo humano que dá a medida ao sentimento do mundo e a toda poesia verdadeiramente autêntica.

Os poemas de Max não constituem o produto efêmero de um talento jovem, cujo único valor esteja no desabafo sincero, impiedoso e irônico de suas decepções e esperanças. Nem buscaremos o critério para julgar a sua poesia no lirismo dos motivos que ela adota. Antes é preciso compreender que ela traduz a inquietação do homem que se contenta em não ultrapassar o plano das coisas humanas, dominado pela volúpia de viver, caminhando por caminhar, sem horizontes, e que é assim - ele, o poeta – “como o mar, voltando sempre, sempre na praia. – B. N.

## 6.5.2 NUNES, Benedito. A estreia de um poeta<sup>56</sup>

12 de setembro de 1952

O livro de estreia do poeta Max Martins, *O Estranho*, lançado a poucos dias em modesta edição de sacrifício, tornou pública e oficial uma vocação poética de que o autor já nos dera provas esparsas, publicando as suas produções em suplementos e revistas literárias. Se o primeiro livro de um poeta que se revela, merece, em princípio, a acolhida de um registro crítico, merece-o mais ainda o poeta que, como o Sr. Max Martins, revelara-nos a sua poesia, antes de fazer dela o último acontecimento bibliográfico do Pará.

Tenho pela poesia de Max Martins uma admiração bem forte, conquanto saiba que ela é uma poesia ainda imperfeita e mesmo desordenada, pois não alcançou a sua forma peculiar de expressão. Admiro-a pela sua vivacidade, pelo seu tom espontâneo, irônico às vezes e quase sempre confessional, e ainda por que essa poesia de “*O Estranho*” não representa nenhuma tendência para o formalismo, o que impedirá que, no futuro, ingresse numa possível antologia “*Orfeu*”. Ninguém certamente poderá estabelecer sobre a poesia de Max Martins um juízo crítico definitivo. Trata-se de uma poesia nova, de pouca idade, vivendo em estado de esboço. Mas eis aí também a razão porque é necessário verificar o que ela representa, e qual o valor da experiência poética refletida nas páginas de “*O Estranho*”.

A primeira impressão que desperta a leitura desse livro de estreia é a ligação constante dos seus versos com o que o movimento modernista teve de superável: o anedótico, a facilidade de soluções poéticas e o desprezo formal pelo verso como unidade rítmica. Aqui e ali, lendo esses vinte e três poemas, percebemos logo que o poeta, talvez insensivelmente, adota aquela verve superficial que, estampada nos primeiros poemas de Carlos Drummond de Andrade - e apenas em alguns deles - foram um mero acidente, sem relação com o humorismo doloroso e irônico de “*A Rosa do Povo*”. Mas esse espírito de graça, e mesmo de troça, não chega a prejudicar totalmente a poesia de Max Martins, que possui inegavelmente um grau bastante acertado de originalidade. Acontece que a originalidade do poeta consiste precisamente numa visão humorística das coisas. O riso que ele exprime não é, porém, um riso franco, aberto despreocupado. O seu humor vai ao desencontro, alcança a seriedade e desperta comiseração. Por isso é que certas passagens de alguns poemas em que entra a banalidade da verve depreciativa, descambando para o anedótico vulgar, não consegue obter verdadeiros efeitos poéticos. Observemos, por exemplo, os seguintes versos de “*O Filho*”.

“Grande record:  
Volteando teu corpo de 21 anos”.

---

<sup>56</sup> NUNES, Benedito. A estreia de um poeta. **Folha do Norte**, Belém 12 set, 1952.

Ou estes outros:

“Amas a lua e Santo Antonio Maria Zacaria  
E alheia passas entre cadilacs limpa”.

Ou

“Em que mala estará a Pierrot cor de jerimum?  
Velocípede – revolução – Felisberto de Carvalho”.

Esses versos exprimem com muita graça o amor da juventude, a ingenuidade e a pureza feminina, e a recordação de uma infância que teve leituras de Felisberto de Carvalho no grupo escolar e passeios de velocípede. Mas não são expressões poéticas: falta-lhes a condensação necessária das imagens, que iremos encontrar nos belos poemas que o livro encerra.

O Sr Max Martins apresenta-nos em “O Estranho” muitos poemas fragmentários, que poderiam sofrer um trabalho mais demorado de depuração, à espera de amadurecimento. São assim “Do poema da infância (I e II)”, “O Filho”, “Menina Triste”, “Segunda Elegia para Sonia Maria”, “Branco Branco”, poema verdadeiramente neutro no conjunto de sua poesia, “Narciso”, cujo tema é incompatível com a própria personalidade do poeta, e ainda aquele poema que deveria ter faltado no livro – “Soneto”, de um parnasianismo disfarçado, mas muito superior à qualquer experiência náutica do Sr. Ferreira de Loanda. Também é preciso dizer logo, uma vez que estamos mostrando deficiências da poesia de Max Martins, que certas tiradas à Walt Whitman, lido em tradução não lhe fica bem. A poesia de “O Estranho” não está no “Sol dos caminhos”, nem nas “manhãs whitmanianas” que ficam deslocadas em nosso ambiente tórrido e anti-eufórico. Os temas do poeta são bem diferentes da comunhão com a natureza e da identificação panteísta do homem com todas as forças vivas.

Outro cacoete dos belos tempos de 22 é o desprezo pela forma. Não quero dizer que se deva fazer verso em decassílabos brancos ou rimados, preferir redondilhas ou alexandrinos. Cada poeta é dono de um ritmo próprio, e talvez a música desordenada dos versos de Max Martins seja a cadência marcada pela natureza de sua poesia. Mas o verso vale como unidade: ele não é um mero agrupamento de palavras, um conjunto gráfico fácil de desmembrar à vontade. O verso é poesia, porque sendo esta a palavra transfigurada, portadora de uma vivência, só mediante a exata adequação da palavra à imagem que nasceu no espírito, é possível exteriorizá-la, transmiti-la. Ora, o verso constitui o veículo que permite realizar essa adequação: é o instrumento de seleção das imagens e de transmissão da experiência poética. Por isso, todo o verso tem que representar uma função necessária na contextura do poema, nenhum poderá ser meramente acessório, sob pena de ser dispensável.

Há, em “O Estranho” versos supérfluos, que não guardam relação substancial com o que o poeta quer dizer, e outros bastantes frouxos, acidentais e decorativos que não dizem nada. Um exemplo dessa deficiência é o poema

“Branco branco”, em que a repetição do adjetivo branco não conseguiu a sugestão vibrante de alegria ou de beleza triunfante, ou como em “Por quê?”, construído arbitrariamente, finalizado com uma estrofe perfeitamente inútil.

O melhor da poesia de Max Martins, e o que faz de “O Estranho” uma bela estreia, que afirma a vocação e o talento do autor, encontra-se na segunda parte do livro, onde estão reunidas as Elegias. Isso não quer dizer que só aí encontraremos poesia. Na primeira parte temos dois ou três poemas, como “Muaná da beira do rio”, pequena obra prima no estilo. “Ocorre-me o poema...”, rico em sugestões, apesar de excessiva influência de Carlos Drummond de Andrade, “Balzaquiana triste”, um dos poemas inteiros do livro. São, entretanto, as Elegias, que, mantendo fortes ligações com os poemas anteriores, manifestam a originalidade do poeta, desenvolvendo os seus temas prediletos, numa atmosfera de lirismo sereno e de humor velado, criada pela força sugestiva de certos versos que garantem a Max Martins uma base firme para as suas futuras criações.

As três Elegias são inspiradas na morte do pai, que deixou na casa enlutada um vazio sensível que o poeta não tem capacidade para preencher. Mas, provavelmente, todos os que vivem na casa e os próprios objetos estão ligados à presença misteriosa do ser desaparecido, e existem em função dele

“Calço os teus sapatos (mas o teu silêncio como dói)  
E com eles caminho meio mudo inutilmente”.

São versos pungentes como esses que trazem a nota de humos que é peculiar ao poeta. A tragédia na poesia de Max Martins vem de mistura com elementos de extrema comicidade. Dir-se-ia que ele sente a morte do pai como um “gauche”, à maneira de Charles Chaplin

“Resta o guarda-sol  
Mas me falta o jeito de carregá-lo  
E a sombra.  
Se cinco anos andei com teus conselhos  
Agora estou só com tua camisa”.

Ele está fortemente preso ao passado; são os objetos domésticos que reclamam a sua juventude para conservá-los, e o drama do poeta reside no contraste entre a existência com que ele sonha e o mundo onde tem que viver, ouvindo o rumor “Da máquina de costura”. Mas também é incapaz de rebelar-se contra tudo que o leva a amar a vida que “se estagnou no vale”. Sob a influência de Fernando Pessoa, de Álvaro de Campos ferido pela nostalgia da infância, escreveu nosso poeta:

“É sempre quando se fecha a porta que desejo voltar  
E a saudade já é este hoje que desprezo”.

O mistério do tempo se insinua nessa poesia de Max Martins, que encontrou no cotidiano a fonte de seus motivos mais significativos. Ele nos fala de um tempo humanizado, pessoal e íntimo, que nenhum relógio é capaz de marcar

“Estou contando os passos na varanda  
– A faca corta o pão separando o tempo em nós –  
Mas o relógio continua”.

Não temos a pretensão de julgar o poeta Max Martins, já advertimos que não é possível firmar um critério rígido, que absolva ou condene a sua poesia e mesmo, nas condições atuais, em que ela se encontra, atravessando uma etapa de seu desenvolvimento, qualquer opinião em caráter decisivo será falsa e vã. O que podemos dizer, depois da leitura de “O Estranho” é muito simples e também muito belo: temos um poeta. E como poeta que ele se revelou e é realmente, o destino da poesia está em suas mãos. Poderá desprezá-la amanhã como quem rejeita um velho hábito não mais convém; mas poderá amá-la, enriquecer aquilo que já possui, aumentar a parcela de vida que a sua juventude fez brilhar. Mas, além disso, não esqueçamos de dizer que o seu livro não constitui uma mera exibição de talento, como muitos jovens brasileiros costumam fazer quando chegam aos vinte anos ou antes. Esse livro modesto dá-nos o testemunho da poesia vigorosa e original de que ele será capaz e traz até nós a poesia vacilante, mas apaixonada, de um jovem inquieto, cujos versos, ainda imperfeitos, têm a força que falta a muitos poetas de sua geração para exprimir “o sentimento do mundo”.

### 6.5.3 Propaganda de um Escritório de Advocacia (1952), de Benedito Nunes

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA<sup>57</sup>  
HAROLDO MARANHÃO  
BENEDITO NUNES  
CAUSAS CIVIS, COMERCIAIS,  
CRIMINAIS E TRABALHISTAS  
RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO,  
6 - ALTOS – TELEFONE: 4553

---

<sup>57</sup> NUNES, Benedito. ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA. **Folha do Norte**, Belém, 14 dez. 1952, p. 3 e 23 dez.1952, p. 6. Existem, portanto, duas notas em dezembro de 1952 com propaganda de um Escritório de Advocacia em nome de Benedito Nunes, ano em que ele se forma em Direito.

## 6.6. A PROVÍNCIA DO PARÁ

### 6.6.1 NUNES, Benedito. Manifesto por um Teatro Escola no Pará<sup>58</sup>

A maioria da crítica e dos intelectuais concorda em datar do aparecimento do grupo *Os Comediantes*, no Rio de Janeiro, o início do bom teatro contemporâneo, no Brasil. Ainda hoje discute-se a primazia de datas e outros animadores reivindicam para si o título de responsáveis pela renovação do nosso palco. Está fora de dúvida: pelo alcance, pela repercussão, pela continuidade e pela influência no meio *Os Comediantes* fazem jus a esse privilégio histórico. Foi seu precursor imediato, na tentativa de disciplinar a montagem, o Teatro do Estudante do Brasil, fundado por Paschoal Carlos Magno em 1938. Reunindo amadores, lançaram-se *Os Comediantes* à tarefa de reforema estética do espetáculo

(Sábato Magaldi)

O êxito da exibição de “Os Novos”, levando à cena do primeiro Festival de Amadores Nacionais o drama de W. B. Yeats, “No Poço do Falcão”, marcou para aqueles que se interessam, sinceramente, pelo Teatro, mais do que o sucesso de um grupo de jovens talentosos. Foi uma advertência, e foi a etapa inicial de um grande e novo trabalho em prol do bom teatro em nossa terra, que teve heroicos predecessores e que, ainda hoje, se desenvolve graças à abnegação e ao sacrifício de poucos.

“Os Novos” alcançaram tão brilhante vitória no Sul, e sobressaíram dentre os dezenove grupos participantes do certame, devido às seguintes causas: 1) – escolha de excelente texto, original, poético e ousado; 2) – espírito de equipe; 3) – esclarecimento intelectual dos atores, que aprenderam, além das palavras do drama, a maneira adequada segundo a natureza literária da peça e as intenções do autor; 4) – direção racional e desempenho homogêneo, em que o talento de cada qual teve o máximo rendimento.

[...]

Acreditamos que esses fatores, pela primeira vez articulados na atuação de um grupo de amadores nortistas, são os requisitos fundamentais para desenvolver e consolidar o teatro como empreendimento artístico e atividade cultural, de que até agora só tivemos expressões acidentais e transitórias.

Aprendemos que é possível realizar, na Amazônia, teatro autêntico, mesmo lutando contra dificuldades quase insuperáveis, quer de ordem financeira, quer de natureza técnica ou pessoal. Aprendemos, também, como fazer para que isso transforme-se em realidade. E queremos fazê-lo para dar vitalidade à nossa

---

<sup>58</sup> NUNES, Benedito. Manifesto por um Teatro Escola no Pará. **A Província do Pará**. Belém, 10 mar. 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p.1. Faltam vários parágrafos nesse texto. Verifica-se que em 1957, Benedito Nunes ainda está lutando pela construção de um Teatro Escola para o Pará.

cultura mofina, para educar o gosto popular e para elevar o nível intelectual de nossas plateias. Eis o objetivo comum dos abaixo-assinados que divulgam, por este meio, a criação de “Norte-Teatro Escola do Pará”.

O nosso empreendimento visa, acima de tudo, conferir ao teatro, entre nós, a sua verdadeira função, que é incompatível com o mau gosto, a improvisação, o anacronismo das receitas sentimentais dramáticas e os espetáculos de baixa categoria artística.

O teatro não é distração, mas um meio de educar a sensibilidade e de afirmar a inteligência, para que a primeira se torne mais receptiva e a segunda mais esclarecida. Independentemente dessa função educativa, o teatro, como toda arte, justifica-se por si e é absolutamente necessário. Devemos cultivá-lo em harmonia com a tradição comum do espírito humano, colocando-nos na mesma linha de criação inesgotável que irrompeu na trajetória grega, culminou na dramaturgia shakespeariana e constitui um patrimônio universal, ao alcance de todos. O fato de sermos provincianos no sentido geográfico não nos obriga a que sejamos também no sentido cultural. Daí porque pretendemos ligar o nosso teatro ao de todas as épocas e ao de todos os povos, para que ele represente, em nosso meio, uma afirmação de cultura viva, com [*ilegível*] no passado e no presente. Não somos teatro regional e não nos julgamos acorrentados pelo dever estrito de levar à cena os textos de autores locais ou mesmo nacionais, porque esse dever não existe e esses autores ainda precisam surgir. Bairrismo e nacionalismo são incompatíveis com a arte. Distinguimos apenas entre o bom e o mau teatro, como entre os bons e os maus autores.

Estamos certos de que habituando o nosso povo ao teatro autêntico, os verdadeiros autores regionais, que sejam capazes de dar expressão ao nosso meio e ao nosso povo, acabarão surgindo. E é precisamente sob esse aspecto, que o Teatro Escola acusa uma direção regionalista de alto valor. Numa terra de gente viciada pelos espetáculos teatrais improvisados, esparsos e deficientes, é preciso desenvolver o gosto artístico e mostrar que o teatro possui a dignidade de uma arte.

Por isso decidimos organizar um grupo teatral que seja também escola: para formar atores, autores, diretores; escola para o grande público, para todas as camadas; escola para desenvolver os reais talentos dramáticos e escola para conjugar esforços de quantos nesta terra fizeram ou fazem teatro. Esperamos que o nosso empreendimento seja um ponto de convergência e um foco de irradiação.

Não pretendemos ser apenas um núcleo a mais entrando em concorrência com os já existentes. Reconhecemos, no entanto, que devido às condições econômicas e sociais do meio, os pequenos círculos de amadores têm sofrido rápida desagregação e, quando conseguem viver, existem quase ficticiamente. Falta conjugar o trabalho de todos, para que o amadorismo possa subsistir no Pará e mesmo na Amazônia. Além dessa cooperação intelectual adequada dos atores, com base na execução de um programa que permita o conhecimento dos recursos, da técnica e da natureza estética do teatro. A mera exibição do talento, o empirismo de que se tem ressentido as [...]

[...]

Formação intelectual, uso de bons textos. Dentro desse esquema, aceitamos e pedimos a colaboração daqueles que esperam radicá-lo aos hábitos mentais de nosso povo.

Apelamos aos jovens atores e jovens diretores: trazei-nos o talento que tiverdes e a experiência que adquiristes. Professores, intelectuais, jornalistas, radialistas: necessitamos de vosso apoio e de vossa cooperação. E para vós apelamos, com maior ênfase, comerciantes, industriais, capitalistas – chamamos, em nosso auxílio, o homem de boa vontade que existe no íntimo de todos vós. Cooperai conosco, vós todos, para que mais tarde “Norte-Teatro Escola do Pará” se transforme no Teatro da Amazônia, na grande escola de cultura artística de toda a região.

Cândido Marinho Rocha  
Margarida Schivazappa  
Cláudio de Sousa Barradas  
Benedito Nunes  
Angelita Silva  
Maria Sylvia Nunes  
Acyr Castro  
Rui G. Barata  
Lindanor Celina  
Durval Machado  
Adelina Cruz  
F. Paulo Mendes  
Loris R. Pereira  
Wilson Pena  
Alice Teles  
Maria Helena Coelho  
Silvia Mara Brasil  
etc.



## 7 TEXTOS DE BENEDITO NUNES EM PERÍODICOS DE OUTROS ESTADOS DO BRASIL

Se o mundo moderno não deve se transformar em uma ruína universal e irremediável dos valores criados através dos séculos de hesitações e de experiências diversas e se – segundo não sei quais problemas e quais vicissitudes – se deve esperar um certo equilíbrio político, cultural e econômico, é preciso considerar a probabilidade de que, ao invés de se oporem pelas diferenças de todos os gêneros, as diversas regiões do globo se complementam nelas. Elas poderão, cada vez mais, participar mais livremente e racionalmente da obra comum da vida.

(Paul Valéry)

### 7.1 “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro (RJ)

#### 7.1.1 NUNES, Benedito. “O homem e sua hora”<sup>59</sup>

5 de agosto de 1956

A Editora “Livros de Portugal” lançou, em novembro do ano passado, um livro de poemas que mereceu, desde logo, as atenções dos “reviewers”, mas que, pelo menos até agora, não foi submetido à análise de uma crítica mais profunda. Referimo-nos a “O Homem e sua Hora”, de Mário Faustino. Essa lacuna é agora preenchida pelo ensaio que ocupa esta página, trabalho em que o Sr. Benedito Nunes – jovem crítico literário e professor de Filosofia na Faculdade de Belém do Pará – estabelece em suas verdadeiras proporções e contribuição daquele poeta ao processo de desenvolvimento dos meios expressivos ora em curso na poesia de nossa língua.

Em “O Homem e sua Hora” livro de estreia do Sr. Mário Faustino [1], surpreendeu-nos a mestria do poeta, reduzido à condição essencial de artífice. Há em seus poemas, devido ao acúmulo de artifícios, uma aparência irritante de dissipação. Mas o uso desses recursos obedece à necessidade de aprofundar as palavras e de produzir essa dilatação da própria língua que é a função da poesia, função essa destinada não apenas a traduzir a vida anímica em sua singularidade, como a estabelecer, por meio de palavras, a comunicação de conteúdos psíquicos [2].

---

<sup>59</sup> NUNES, Benedito. O homem e sua hora. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 ago. 1956. Suplemento Dominical, p. 10. As notas e os grifos no corpo do referido artigo são de Benedito Nunes.

Será possível esquecer que as palavras, na poesia, põem em vigor uma zona de significados autônomos, que gozam da objetividade própria dos valores em geral, guardando apenas relação genética com as vivências originais? mas de Mário Faustino nos mostram [sic]. Soube ele precisamente isso que os poemas de Mário Faustino nos mostram [sic]. Soube ele aproveitar os valores de campo das palavras, pelo aumento da capacidade combinatória que nelas reside ou utilizando os condutos que as mesmas oferecem para o exterior de suas conotações, dicionarizadas ou não. A alquimia do verbo é, para ele, em parte, verdadeira operação química. É o que apreciaremos a seguir, de maneira mais concreta.

Em “O Homem e sua Honra” a pauta melódica geralmente condiciona modificações de sentido ou de expressividade. [3]. O ritmo deixa de ser mero compasso, medida pura, para gerar imagens. Em “Haceldama”, por exemplo, a variedade rítmica não é exibicionista. Vale muito mais na qualidade de apoio extrínseco ao tema. Os dois primeiros versos são melancólicos alexandrinos:

Meu desespero é fonte onde as lágrimas boiam  
Sem achar uma esponja, um cálice que as una,

nos terceiro e quinto versos verifica-se a ruptura desse metro:

Meu canto, esta alimária sob o verbo do tempo,  
.....  
Quem não viu essas sombras cavalgando meu fado,

Esse desvio mostra, evidentemente, uma transição de simples estado melancólico, pessoal, para uma situação dramática de valor universal e histórico, que através do poema, entretanto, nunca se precisará em nítido contorno (Judas não é diretamente mencionado), permanecendo ambígua:

Porque só por um beijo em seu rosto sem mancha  
Fiz de um saco de prata o meu campo de sangue,

Nos versos em que diminui essa ambiguidade, há pequena alteração na cadência, que passa, por exemplo, de

Marcham turvas, sem som, rumo à cova do olvido para  
É morto, em tumba nova, o meu sonho de vida,

Ambos alexandrinos: mas, no primeiro, as tônicas correspondem à terceira, sexta e nona sílabas, havendo, o registro da aliteração (sem som), que é, neste caso, tão substancial ao ritmo como o número de sílabas: no segundo, recaem sobre a segunda e a quarta com relevo sonoro de “morto em tumba”. A essas figuras rítmicas liga-se a ambiguidade, com elementos alusivos que não se condensam sob a forma de imagem determinada, diluindo, assim, as representações de Cristo, de Judas e do próprio poeta. Tal imprecisão, mantida à custa de

significados intercorrentes, ainda se afirma no verso seguinte àqueles dois últimos, porém no qual a ambiguidade como que se esgota.

É morto – mais que morto – exilado, sepultado,

A partir daí, o poema decorre, até certa altura, em metro regular, abandonando-se a imprecisão significativa:

Feriram-no em seu lado e na linfa que escorre  
Não há gota de sangue ou promessa de volta.

Constatam-se porém, mais adiante, outras variações melódicas relevantes. Assim a do decassílabo correspondente a uma pausa de inovação solene e gloriosa:

Oh chama de açafião, fumo de incenso,  
Jamais fareis tremer estas narinas!

Essa pausa é necessária para dar realce à imagem do movimento que surge logo depois, inesperada também por seu caráter alusivo

Houve turbas e turbas e mais turbas em fuga.

É transparente a menção escatológica desse verso (o véu do Templo ao rasgar-se). Mas produz também efeitos pictóricos, fazendo-nos ver uma situação sem ser, contudo, puramente descritivo.

A parte final do poema é composta como que em função de diferentes arranjos de vozes humanas, de solo para coral. Realmente, o poeta volta à sua posição de singularidade dramática, provida, no início, por alexandrinos que eram apenas pungentes, tristonhos. Já neste passo manifesta-se convulso desespero. É o solo:

A cal sobre o sepulcro de meu nome  
rouba-me a lenda,  
Um furacão nas ilhas de meu sangue  
destroi-me o dia  
Trombas no mar de lava de meu cérebro  
partem-me a gorja  
cortam-me o grito  
torcem-me o gesto

O coro na litania final, é facilmente identificável no corpo do poema. Vejamos os últimos versos desse cântico:

Carneiro de mortos que ostentas o abismo e ocultas a Vida

oh a promessa!  
Carneiro de corpos que ocultas os ossos e oprimes a Carne  
oh a miragem!  
Carneiro das almas que instalas a treva e expulsas o Espírito  
oh a armadilha!  
- Eu vi um bezerro dourado morrer de abandono.

Em “Legenda” os arranjos sonoros são bem mais simples, conquanto também indispensáveis à concepção do poema, que gira em torno da oposição simbólica entre “luz” e “sombra” e, correlativamente, entre “dia” e “noite”. A palavra dia no contexto, em diferentes posições, ganha distintos valores de campo. Surgem das nuances de significação: “dia” contrário de “noite”, como luz solar: “dia”, período ou era determinada pelos sucessos humanos: “dia”, no sentido de “vida” que se esvai, ou “tempo” dissipado: e, finalmente, um “dia” determinado porém extratemporal e glorioso, escapando à possibilidade de canto:

No princípio  
Houve treva bastante para o espírito  
Mover-se livremente à flor do sol  
Oculto em pleno dia.  
.....  
E havia, no princípio,  
Tão vegetal quietude, tão severa  
Que se entendia a queda de uma lágrima  
Das frondes dos herois de cada dia  
.....  
Agora o bandoleiro brada e atira  
Jorros de luz na fuga de meu dia,  
  
E mudo sou para cantar-te, amigo,  
O reino, a lenda, a glória desse dia.

As rimas não determinam neste caso, nenhuma alteração significativa. Só há, na verdade, uma espécie de rima – a palavra dia reiterada e rimando com via, agonia e alegria:

Havia então mais sombra em nossa via,  
Menos fragor na farsa da agonia,  
Mais êxtase no mito da alegria.

A rima, produz aqui, uma modalidade de convergência sonora, revitalizando a mesma palavra, pondo em foco, de modo que a palavra dia fica sendo o [eixo] em torno do qual gravitam as demais. Trata-se de uma rima que gera tensões significativas. Entretanto, não é forçada a sua presença no poema. Ela aí está como se fosse accidental, sem ser decorativa: corresponde a uma essência de

plenitude formal. Tal processo de utilização da rima torna-se, aliás, manifesto, nos versos finais de “Vigília”.

Até que destas velas nasçam ramas  
E pássaros apaguem luto e chamus.

Já em “Romance” o mesmo recurso proporciona a continuidade do tom melódico regular, segundo disposição rigorosa de beleza condensada e serena. Relativamente aos sonetos, recebemos a mesma impressão de acidentalidade no emprego da rima, que nem sempre segue as regras tradicionais, apresentando-se onde menos se espera. Há, entretanto, no livro, sonetos perfeitamente regulares, à inglesa como à italiana, aos quais os parnasianos, pela forma – e somente por ela – não hesitam em conceder “imprimatur”.

Na ordem do ritmo, outra frente a que o poeta constantemente recorre é a repetição da mesma palavra. Esse artifício geralmente produz sentido e tem, quase sempre, relevância poética. Decai, contudo, por vezes, até o chão raso da eloquência. O artifício é poético quando cria sentido, e o exemplar típico dessa função encontramos nos seguintes versos de “Noturno”

O ano inteiro, outro ano e o outro,  
Mentidos pela mímica de um bufo,

O vocabulário ano sugere, aí, mudanças significativas por efeito de sua própria repetição e do adjetivo outro, que o acompanha: o próprio fluir do tempo fica representado. Nesse caso, portanto, não se trata apenas de recurso retórico, de aditivo de eloquência. Trouxe a repetição, aqui, um suprimento de sentido, que o segundo verso prolonga. No primeiro, ocorre à imagem de decurso: no segundo, a do decurso como dispersão e, enfim, como sucesso ilusório. Tempo e ilusão se conjugam, formando vivências indissociáveis.

Sem dúvida, o efeito total não foi obtido pelo uso exclusivo da reiteração, dependendo, também, segundo assinalaremos mais adiante, de outra proeza linguística. Mas a reiteração, como êxito poético, não aparece somente no poema citado. Encontramo-la também, em “Alma que foste minha”, onde ajuda a transmitir um sentimento dramático de expectativa.

Que te vale este verso?  
apoética, absurda  
como chamar-te alma, de quê, quando,  
para quê, alma de morto, para onde?

Quando o encanto da repetição é, porém, puramente auditivo, quando, talvez, não exerça senão uma finalidade mnemônica perde seu valor e assinala a intromissão do prestígio da retórica

Vida toda linguagem,

há entretanto um verbo, um verbo sempre, e um nome  
aqui, ali, assegurando a perfeição  
eterna do período, talvez verso,  
talvez interjetivo, verso, verso

esses versos são [...]. Têm um encanto fictício, proveniente da categoria oratória de bom gosto. Nem mesmo esse bom gosto contudo, se nota, quando no poema “O Homem e sua hora” escreve o poeta:

... Phanos  
Phanos, imagens de beleza, chagas  
Na memória dos homens... pede a Hermes  
Ideias que asas gerem nos tendões  
Das palavras certas – logos, logos  
Carregando de força os sons vazios...

Esse arrebatamento logomaníaco demonstrativo da ressonância em sí é um dos defeitos mais sérios da poesia tão séria e tão equilibrada do Sr. Mário Faustino. Felizmente, as passagens poluídas não chegam a exercer qualquer espécie de influência depreciativa sobre o valor de sua obra. Não pode ele escapar no magnetismo da palavra pela palavra, ao estado perturbador, quase alucinatório, que o emprego repetido de um vocábulo é capaz de provocar. Não creio que o autor haja pretendido fazer dessas circunstâncias, um novo teste exploratório de alcance poético. E se a replicação de uma palavra suscita, às vezes, o sentimento de evasão, a satisfação estética de impulsos, não estamos mais lidando com valores poéticos, e sim com fatos psicológicos em estado puro...

## SIMBOLOGIA

A poesia concretiza certos valores que não são nem metafísico, nem éticos, nem psicológicos, nem mesmo religiosos, conquanto possam influenciar, profundamente, as atitudes correlativas ou despertar os impulsos que a elas conduzem. Da perspectiva estética podemos passar à religiosa, mas tanto uma como outra configuram regiões distintas, autônomas. Isso mostra que os valores possuem vida própria, havendo entre eles modos de influência recíproca, pelos quais se amplia a nossa experiência de nós mesmos e das coisas.

A poesia dilata a consciência valorativa; ela tem sua parte no aprofundamento do **ethos**, sem ser, contudo, ética. Toda arte, diz Nicolai Hartmann é uma linguagem do **ethos** que não tem paralelo.

Nos poemas de “O homem e sua hora” transparece toda uma simbologia erótica, objetivamente constituída, no domínio dos valores poéticos, idealmente existentes no plano da obra realizada.

A mais pura representação desse erotismo é “Romance”, com alta expressão do amor que se compraz na experiência, uma vez alcançada, do objeto amado. A experiência amorosa, entretanto – é o que nos revela o poema – não se

consome em seus elementos sensíveis: é uma ambígua por natureza – e transforma-se em miragem da Morte. Esse intercâmbio entre Amor e Morte se faz na mesma escala do amor humano, não sendo indicado que sua realização dependa de um movimento de transcendência

Não morri de mala sorte  
Morri de amor pela Morte.

Eros significa, ao mesmo tempo, impulso de Vida e impulso de Morte. E a transição de um para o outro se efetiva naturalmente: alcançamos a morte como o outro lado do prazer, que atingiu o máximo de suas possibilidades sensíveis:

Era tão cáldo o peito  
Angélico, onde meu leito  
Me deixaste então fazer,  
Que pude esquecer a cor  
Dos olhos da Vida e a dor  
Que o sono vinha trazer

A natureza simbólica desse poema recorda o mito de Eurídice. A descida de Orfeu aos infernos, para resgatá-la, representaria a transmutação, por ela entretanto rejeitada, do amor em morte, e a tentativa de conservar Eurídice na etapa sensível, ou do prazer sensual.

O que é mais característico ainda, como valor poético, nos poemas de Mário Faustino, é a expressão de um phatos universal. Implicando na aceitação de tudo quanto existe ou aparece. As coisas valeriam por esse dom primordial de existência, quaisquer que fossem suas formas e independentemente do que representem. Por si mesmas, por suas íntimas oposições, chegarão a realizar uma harmonia superior que cumpre ao poeta destacar ou referir sob forma de canto. Tudo que existe é perfeito; tudo que existe traz em si uma essência necessária, ainda que aos nossos olhos transpareça sob o aspecto de conflito radical e insolúvel. Porém esse conflito une, em vez de separar, agrega por efeito do próprio contraste que há em toda luta. No jogo amoroso ou no combate do herói a fusão completa em uma sequência de movimentos agônicos.

Quando Heráclito quis significar que a essência das coisas reside em seu próprio contraste recorreu a uma imagem poética: “Tudo que é contrário engendra por via de contrates. Melhor é a harmonia oculta que a aparente.” Heráclito tornaria mais correto esse pensamento ao figurar que as relações entre as coisas são de tipo musical, pois e pela diversidade dos sons que se [...] por tem sões opostas como do arco e da lira.” O universo é um canto único, [...] que polifônico.

Para o autor de “O homem e sua hora” as coisas são mais do que simples motivo de canto, elas são musicais, por natureza, melódicas, palavras carregadas de [...]. Encontramos em seus poemas a profunda analogia ser, existir e cantar.

Vida toda linguagem  
    como todos sabemos  
conjuguar esses verbos, nomear  
esses nomes;  
    amar, fazer, destruir  
homem, mulher e besta, diabo e anjo  
e Deus, talvez, e nada.  
Vida toda linguagem  
vida sempre perfeita.

O [...] o da [...] Lutador e o Amante. [parágrafo ilegível]

Nasce do solo sono uma armadilha  
Das feras do irreal para as do ser  
- Unicórnios investem contra o Rei  
.....  
E nasce nu do sono um desafio  
Nasce um verso rampante, um brado, um solo  
De lira santa e brava – minha lei  
  
Até que nasça a luz e tombe o sonho  
O monstro de aventura que eu amei

Em outras aparece convertido em força egocêntrica, cujo objetivo é estabelecer o equilíbrio interior, narcísico, representado pelo símbolo do tempo justo e exato de “Mensagem”, juntamente com as imagens de purificação e de retorno do próprio homem e das coisas à inocência primitiva: dilúvio, nudez, gal.

Apanha estas palavras do chão túmido  
onde as deixo cair, findo o dilúvio;  
forma delas um palco, um absoluto  
onde possa dançar de novo, nu  
contra o peso do mundo e a pureza dos anjos,  
até que a lucidez venha construir  
um templo justo, exato, onde cantaremos

Mas a expressão superior de seu universalismo erótico reside, sem dúvida, nessa visão de paz superior e de harmonia profunda dos contrários, de conciliação final e de ilimitada doação amorosa, que encontramos no soneto “Estava lá Aquiles...”:

Era a cidade exata, aberta, clara:  
Estava lá o arcanjo incendiado  
Sentado aos pés de quem desafiara.

E estava lá um deus crucificado  
Beijando uma vez mais o enforcado.

### O POEMA-TÍTULO

“O homem e sua hora”, poema-título e último do livro merece exame à parte. As referências mitológicas, as citações literárias dessa longa composição, de cadência mais ou menos uniforme, raramente escapando ao decassílabo, dificultam sua leitura, a exigir não apenas simples receptividade à efusão lírica, mas um certo grau de conhecimentos humanísticos. Estaríamos diante de uma poesia erudita, refinada, que se locupleta com versos de Virgílio, ousa transcrever Homero no original, arrebatada a Confúcio uma paráfrase, variando suas preferências do Ocidente para o Oriente, como se o poeta se divertisse em escolher, para sua obra, os melhores adornos de uma feira internacional de antiguidade garantida. Demos graças a Deus que ele nada parece saber do chinês, ao contrário de Pound... Eliot, em “The Waste Land”, usou moderadamente do sânscrito, mas teve a bondade de fornecer a tradução no apêndice explicativo. Esse humanitário socorro não nos é prestado por nosso poeta. Terá feito bem ou mal? Acho que os glossários com fins poéticos devem ser elaborados pelos críticos, a menos que os poetas resolvam dar-nos logo, na companhia da poesia, a interpretação autêntica respectiva. Que poderia, contudo, em nosso caso, dizer o poeta em tal apêndice que já não se encontra em qualquer enciclopédia a nosso alcance? Identidade dos deuses, suas peripecias, juntamente com as dos heróis e outros personagens mitológicos, são coisas que, por hipótese, conhecem, por exemplo, os leitores de “Os Lusíadas”. O ingresso de tais seres, num poema de hoje, decorre de licença poética, envelhecida por muitos séculos. O que é necessário verificar, precisamente, é se as alusões mitológicas e, mais ainda, os empréstimos literários, acham-se integrados ao poema, ou se apenas constituem relevos de erudição arrogante. A inclusão desses elementos ocorre, neste caso, por força da própria concepção do poema, o qual representa uma espécie de antropodiceia, isto é, de uma justificação do homem e de sua cultura, reunindo, num conjunto, a simbologia de duas épocas, de duas maneiras distintas de compreender as coisas. A confluência do cristianismo e do paganismo transparece em dúbia perspectiva, ao mesmo tempo processo histórico, objetivo, portanto, e movimento pessoal, subjetivo, intemporalizado, de uma consciência que se busca para encontrar em sua verdadeira condição humana.

Pigmaleão é, por exemplo, uma referência imprescindível quando temos em vista esse plano ideológico. O novo homem anunciado deverá ser a encarnação, o produto definitivo daquele erotismo universal que assinalamos atrás. Animado por Eros, força primordial que realizou a ordenação do caos e fecundou o ovo cosmogônico, o homem da nova era será afrodisíaco e apolíneo, como a estátua de Galateia. A própria natureza do simbolismo em jogo no poema demonstra a necessidade de referir suas fontes, não tanto para assinalar-lhes a origem – o que valeria por fútil escrúpulo acadêmico – mas porque esses elementos conduzem a

ideação, na medida em que proporcionam imagens, associações e coordenações entre os versos.

Há passagens, porém (e são muitas), em que as alusões mitológicas proliferam, tornando-se supérfluas. Já nesse caso constituem meros apoios materiais para a estrutura do poema, funcionando ora para acentuar o ritmo, ora para manter a cadência. E sendo indiferentes aos valores de expressão e de significação, provam apenas que o poeta não fugiu de todo às soluções fáceis e foi, muitas vezes, conduzido pelo ânimo de versejar no vazio. Acompanhando o curso desse poema caudaloso e extenso, como soem chamar-se os rios, deparamos com uma cerrada formação mitológica, de difícil diluição:

Torre abolida! No marfim que leves  
Lunares unicórnios cumularam  
Em cemitérios amorosos, eu,  
Pigmálion, talharei a nova estátua:  
.....  
De água, de fogo, Hephaistos, sobe, ajuda-me  
A compor essa estátua...  
.....  
Cava-lhe, oh coxo, o gesto e o peito, pede  
À deusa tua esposa dê-lhe quantos  
Encantos pendem de seu cinto: Phanos,  
Phanos,. Imagens de beleza, chagas  
Na memória dos homens... pede a Hermes  
.....  
Dá-lhe tu mesmo, Fabro, o mel, a voz  
.....  
Pandora de salvar, não de perder...

Em vinte versos, contam-se seis entidades greco-latinas, que servem de ilustração e sacrificam a economia do poema. Lá estão Pigmalião, Galateia subentendida, Hephaístos, Afrodite aludida, Hermes, Pandora. Tal excesso não se justifica nem pelos ciclos melódicos satisfatórios que possam trazer esses nomes. Além disso, a exuberância simbólica do poema, nesse trecho, depende da compreensão que tenhamos das qualidades e funções desempenhadas por tais entes. Na primeira leitura, é impossível formar todas as correlações necessárias para que esgotemos o sentido das referências. É verdade que não seria por um trabalho exegético dessa natureza que o poema ficaria prejudicado, pois a poesia pode revelar-se por aprofundamento gradativo. Mas, no caso, a penetração segue um caminho que nos afasta da poesia tanto quanto nos aproxima da pura erudição.

## Notas

[1] “Livro de Portugal”, Rio de Janeiro, 1955.

[2] Assim pensa Bousoño: “A poesia é, para ele, comunicação estabelecida com simples palavras, de um conteúdo psíquico-sensório-afetivo-conceptual, conhecido pelo espírito como formando um todo, uma síntese. Partindo desse pressuposto, considera que a língua é incapaz de comunicar intuição e, portanto, inadequada para representar fielmente o fluxo anímico: não pode elevar-se à poesia sem sofrer modificação”. Essa teoria da expressão poética revela profunda influência de Bergson (Carlos Bousoño: *Teoría de la expresión poética* – Ed. Gredos).

[3] A diferença entre “significação” e “expressão”, usada neste estudo, por mais de uma vez, serve para assinalar que o campo poético não se limita à transmissão de vivências, ou a reproduzir conteúdos psíquicos. A “expressão” corresponde ao subjetivo, ao particular, a “significação” é o que tem valor objetivo e universal.

### 7.1.2 NUNES, Benedito. “O HOMEM E SUA HORA”<sup>60</sup>

12 de agosto de 1956

(Conclusão de domingo passado)

Que dizer, agora, das transcrições de Virgílio, Homero, Dante, etc. Aceito-as quase integralmente, do mesmo modo que a paráfrase alusiva a Confúcio, desde que o processo se destina a produzir o alargamento da experiência poética, no sentido de sua universalização. Nesse particular é que o Sr. Mário Faustino torna patente pelo menos uma de suas ligações intelectuais. Revela-se, de fato, a influência de Eliot no modo de conceber uma das funções da poesia, que é a de realizar a unidade da consciência humana, incorporando valores pertencentes a diversas culturas, para que possamos compreender melhor a natureza humana. Quando Eliot se volta para a antropologia e vai buscar subsídios em Frazer [1], não está apenas interessado em recolher incitações poéticas. Sua principal preocupação é a de encontrar as manifestações dessa consciência indivisa do ser humano, cujos fragmentos se encontram espalhados, por igual, nas civilizações e nas culturas primitivas. Os mitos revelam exigências irredutíveis do Homem, as quais perduram debaixo dos condicionamentos culturais. O poeta que for sincero poderá, então, volver-se para as fontes mitológicas, sem fazer obra de erudição e reconquistando valores que abandonamos ao nos domesticarmos ou civilizarmos.

Acredita Eliot em um fluxo de vivências que, em cada época, deve penetrar, ultrapassando-a, a alma dos poetas sem idade, representativa de certos valores universais, aparentemente delimitados no tempo e que podem ser apreendidos intemporalmente. A destruição de Troia na tristeza de Eneias, a aurora de dedos cor-de-rosa para Ulisses e seus companheiros são situações de eterno retorno. (E o eterno retorno nada mais é que um valor poético, filosoficamente informulável).

Em “The Waste Land” no final de “What the Thunder Said” as palavras de um upanishad entram em harmonioso acordo com os aproveitamentos anteriores do Sermão de Fogo, de Buda e das Confissões de Santo Agostinho, marcos de uma mesma trajetória de espírito, fervendo ora de compaixão, ora de amor divino, ou dominado pelo calmo contentamento de si mesmo. Uma poesia que tudo assume e revaloriza, para despertar as possibilidades da alma já realizadas ou a realizar, formando, com elas, uma corrente de vivência à qual pode soldar-se um verso de Homero ou uma lição de Confúcio, não é poesia fácil a quem a lê. A cultura atual, feita de confluências, reflete-se, assim, na poesia, que reage com seu espírito de unidade, cumprindo uma função própria à sua natureza histórica: reviver o antigo sob formas que são novas por sua fidelidade à natureza humana” [2].

---

<sup>60</sup> NUNES, Benedito. “O homem e sua hora”. (Conclusão de domingo passado). **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1956. Suplemento Dominical, p. 10. As notas de rodapé do corpo do texto são de autoria de Benedito Nunes.

A experiência poética desse poema é uma tentativa sem dúvida arrojada. Equivale a um aprofundamento conscientemente realizado de influências poéticas, e abre também mais uma possibilidade de enriquecimento à nossa poesia. A construção do poema é compatível com sua ideia: dele nada retiraria, a não ser os excessos verbalísticos, as reiteraões desnecessárias, os adjetivos de sobejo.

Os três primeiros versos delimitam um trecho de tempo intemporal, servindo de fundo ao aparecimento do Herói:

... Et in saecula saeculorum: mas  
Que século, este século, que ano  
Mais-que-bissexta, este...

O verso que se interrompe cria a expectativa, prenúncio dos sucessos expostos sob a forma de presságios, cuja interpretação o oráculo não dará. João e Apolo, Delfos e Patmos, reunidos, unem o simbolismo de dois mundos, que serão desligados pelas artes mágicas de Pigmeleão: o de Moisés e o de Eros. (Por sinal, os versos que traduzem essa bifurcação manifestam uma ambiguidade forçada. O “Mosaico Tártaro espesso” e o “lúcido Heleno Elísio” são expressões rebuscadas e desagradáveis). Pigmeleão entalha sua estátua e os deuses a adornam, como haviam dotado Pandora. Trata-se de um retorno ao primitivo, às forças rudimentares que Eros desencadeia e coordena. Há um entrosamento de símbolos para figurar a unidade de todas as coisas: a Face da Estátua e a Santa Face, a encarnação de Galateia e a encarnação do Verbo:

Estátua de marfim, cândida estátua.  
Mulher primeira, fêmea de ar, de terra  
De água, de fogo – Hephaístos, sobe, ajuda-me  
A compor essa estátua: fácil corpo,  
Difícil Face, Santa Face...

O poema termina com a figuração ritual, que traduz o próprio ritmo do tempo e é, ligado ao verso inicial, uma imagem do eterno retorno:

Que Santo, Santo, santo é o ser humano.  
- Flecha partindo atrás de flecha eterna –  
Agora e sempre, sempre, nunc et semper...

A altitude profética e apostólica desse poema mantém-se, às vezes, sem necessidade de artifícios, numa linguagem sóbria, purificada, que dispensa as adjetivações insistentes usadas em outros trechos. As passagens mais belas foram escritas nesse tom moderado, chegando a alcançar uma espécie de fluência didática, à semelhança do que ocorre na paráfrase de Confúcio ou no trecho da plasmação do escudo:

E funde-lhe um escudo, e grava nele

O que de sexo em sexo foi plasmado,  
O que de boca em boca foi passado,  
O que aprendemos mais que o que sofremos,  
O que vivemos mais que o que morremos.  
Grava os trabalhos de heróis mansos, grava  
A tua, a minha forja, ou a de um Dédalo,  
Grava campos feridos e estaleiros,  
Grava ternos andaimes abraçando  
Informes edifícios: grava nele  
Não de nossos massacres, mas de paz  
Fértil de sábias dinastias, paz.  
Do oleiro em paz com seu nascente jarro.  
Do pai em paz com seu crescente herdeiro.

O mesmo ocorre com os seguintes versos:

Vai, estátua, levar ao dicionário  
A paz entre palavras conflagradas  
Ensina cada infante a discursar  
Exata, ardente, claramente: nomes  
Em paz com suas coisas, verbo em  
Paz com o baile das coisas, oradores  
Em paz com os seus ouvintes, alvas páginas  
Em paz com os planos atros do universo...

O poema está a exigir certos reparos: seriam necessários corretivos à adjetivação demais abundante e, por outro lado, eliminaríamos os versos que demonstram apenas habilidade, como neste exemplo:

Mas pronta é nossa estátua, armada e tão  
Plácida, prestes, pura quanto Paltas  
Bordando seus bordados sem brandir  
Égide aterradora...

versos como esses estariam excelentes como subsídios de um manual de versificação...

Sejam, porém, quais forem as restrições, o poema “O homem e sua hora” é uma experiência poética legítima e ousada, cujo êxito parcial decorre, sobretudo, de seu sentido universal.

## **AS IMAGENS**

O processo de criação de imagens na poesia de Mário Faustino repousa essencialmente no aproveitamento máximo das implicações significativas das palavras e de seus valores de campo. No poema “Noturno” encontramos, por

exemplo, o emprego do verbo “mentir” como transitivo, alteração que, sem lhe retirar o significado corrente, permite, entretanto, unir duas imagens – a da passagem do tempo com a de ilusão:

O ano inteiro, outro ano, e o outro,  
Mentidos pela mímica de um bufo...

No mesmo poema, outro verbo – raivar – é tratado de modo peculiar e seu valor no contexto, em função do verso anterior, permite que apareça em torno da mesma palavra, uma gama de significações, como as de contorcer-se (sugerida por “lutar torto”), e debater-se, esta última já de acordo com a imagem do verso final:

Quanto foste traído! O luar torto  
Raiva no campo aberto onde esta noite  
Um profeta estremece no seu túmulo...

Mas não é sempre que o poeta obtém das palavras esse grau de complacência pelo qual elas se volatizam com o despreendimento das imagens. [3] Há versos obscuros, para não dizer herméticos. Tais são os seguintes, extraídos do poema “Estrela Roxa”:

Oh mal lembrado verbo claro-escuro  
Desencarnado grito surdo súbito  
Triunfas sobre o gesto de abafar-te  
Na nuvem tormentosa que te muda  
Em visgo de apanhar aves cantoras  
Recusa, autopiedade de acender-te...

Os versos que no mesmo poema seguem os citados já liberados da excessiva carga verbal dos antecessores, exemplificam o emprego da [ ] como meio de imprimir movimento às imagens, as quais, sem se concentrarem em um determinado sentido, deixam o campo livre para a circulação de significados ambíguos. Notemos, no trecho abaixo transcrito, como o poeta, aludindo a Cristo, através da figueira do Evangelho, mantém a associação desta com a cruz do sacrifício redentor:

Que corpo se pendura de teus braços  
De figueira sem folha de esperança,  
Que suor, que semente cai dos membros  
Do cadáver solar que hoje cravejas,  
No lenho de teu signo suicida?

Forma-se, desse modo, perfeita correspondência entre o sol, a árvore e a cruz, como entre a esterilidade da figueira (“sem folha de esperança”) e a possível

inutilidade do sacrifício. O mesmo recurso foi adotado em “Mito” já com menos alcance. Nesse caso, a referência alusiva possui caráter literário: mas, sem ser puramente ilustrativa, a metáfora baudelairiana que nos apresenta o destino do poeta como análogo ao do albatroz, aproveitada nessa passagem, entrou como [...] da própria ideação, dando origem a uma imagem cuja relevância poética reside ao mesmo tempo, na alusividade e no seu ultrapassamento.

Os cães do sono calam  
E cai da caravana um corpo alado  
E o verbo ruge em plena  
Madrugada cruel de um albatroz  
Zombado pelo sol

Contudo, não é sempre que a alusão literária recebe esse aproveitamento funcional, revertendo sobre o processo de elaboração de imagens, e condicionando-a, como que de dentro. Às vezes, ela se esgota em referência que encerra e aparece como elemento extrínseco, ao qual temos de chegar primeiro para, [ ] a fim de compreendê-lo. É o que se observa em Solilóquio por duas vezes.

Em Babilônia  
Em Argos como aqui, outrora e agora,  
Nós príncipes o rei e sua fêmea  
Culpamos deste nojo que vestimos...  
.....  
Culpa supersepulta e suplicante  
Duma sovela ou ponta de florete  
Envenenada;

A dificuldade dessas alusões é inegável, podendo comprometer a unidade do poema para o [ ] que incapaz de alcançar as fontes a “Orestíada”, o “Hamlet” etc. nas quais o poeta bebeu, perca de vista o sentido dos versos dependentes, aproveitando somente aqueles dotados de autonomia interna. Sempre houve alusões literárias na poesia. O essencial, porém, é que esse recurso não chegue a prejudicar a apreensão dos valores poéticos, sujeitando-os ao conhecimento prévio de particularidades literárias. Sem fazer a apologia do leitor romântico, interessado tão-somente em estimular, pela poesia, os seus próprios sentimentos, ou em vê-los retratados, só um familiar da literatura poderá perceber a especial significação da ponta de florete e da sovela referidas no verso anteriormente transcrito. Não faltam motivos a Richards para dizer que, conquanto tenda a aumentar o campo da poesia, na proporção em que amplia nossa experiência das coisas, através de seus veículos literários, pode o aproveitamento da alusividade, se demais refinado, conduzir à falta de gosto e ao próprio desprezo à poesia [4].

O grande e majestoso poema final “O homem e sua hora”, leva-nos de volta a esse problema, aceitando-o e resolvendo-o dentro de um esquema peculiar, conforme já observamos.

\*\*\*

As imagens na poesia de Mário Faustino, conquanto aparentem extrema variedade, podem ser reduzidas a certos tipos, segundo a natureza provável de sua elaboração e a espécie de objeto ou valor que exibem: imagens pictóricas, imagens de movimento, imagens correspondência, imagens simbólicas e de objeto oculto. Essa riqueza imagética e o que melhor traduz a originalidade do poeta: revela-nos o sentido final de seus experimentos verbais, como um meio de dispor, ao máximo, das tensões entre as palavras, para alcançar uma classe de valores: tais são as ideias de produção de movimento, o aparecimento de zonas de objetividade, ou a correspondência entre distintas ordens de ser, ou a formação de símbolos. Ao examiná-las, é como se ingressássemos em uma ordem de coisas, com sua estrutura ôptica peculiar, cujo tratamento apropriado pedisse a aplicação do método fenomenológico.

As imagens pictóricas, em um primeiro plano, não devemos pedir mais do que elementos de composição plástica; são indicações cromáticas ou de luminosidade e valem pelo que indicam. Seria desvirtuar seu sentido – que se esgota naquelas impressões puras – pretender que elas suportem determinada significação. Assim, um “jogral verde”, uns “amarelos corceis” teriam essa cor pela mesma espécie de distribuição gratuita feita por Rimbaud com as vogais mágicas. Há, entretanto, imagens mais complexas que, incluindo aqueles rudimentos sensíveis, proporcionam a visualidade de um objeto, formado na imaginação, mas dispondo de relevo plástico inabstraível. Não podemos sentir de outro modo aqueles versos perifrásticos que se referem ao sol:

O Fazedor anula  
O inferno que o refina  
E alcançando-se ao poente mais seguro  
Mergulha na verdade  
Acesa que o derrota e reduz ao  
Dormente ser de vidro e cor que sonha.

Interferem também, aí, elementos de luminosidade, dentro porém, de um contexto especialmente significativo, como, aliás, nos versos de “O homem e sua hora”:

...Vai, tu, nossa glória.  
Gozar melhor destino. Em tua coma,  
Grisalha como as vagas, vai luzir  
Em breve a paz da calmaria...

Já nesse caso, o pictórico entra como parte da significação, condicionando mesmo o seu aparecimento, a glória relacionada com o estado de esplendor e serenidade do mar.

Aristóteles, em um dos capítulos da “Retórica”, referindo-se a apoios que tornam o discurso mais vivo ou mais sugestivo, menciona, em parte especial, o que ele chamou de “por o fato diante dos olhos” [5], mostrando o orador as coisas em ação e conseguindo, por esse artifício, provocar sempre uma impressão agradável no ouvinte. Dentre os exemplos mais característicos, apresentados por Aristóteles, dois, particularmente, extraídos da “Ilíada” servem para mostrar o alcance da figura, à qual Aristóteles, por sinal, não conferia simplesmente uma função retórica:

A lança atravessou-lhe o peito com raiva”...  
As flechas imóveis no solo, famintas de carne”...

Na configuração da imagem: entra a metáfora por analogia, e sua essência está exatamente na animação atribuída aos objetos, no fato de que eles se tornam atuantes. É assim, por essa qualidade de movimento próprio, que surgem agradáveis a ouvintes como a leitores. Interessante é verificar que Aristóteles destaca essa figura porque reconhece o valor autônomo que possui a impressão de movimento dada através de palavras. Não importa que ele tenha apreciado esse valor condicionando-os aos fins utilitários do discurso, isto é, como meio de aumentar a eficácia deste, para melhor suggestionar ou convencer. A constatação feita, por si só, distingue um campo especial de confluência das palavras, garantido pelo gênero mesmo de sua essência: o movimento que denotam.

Aproveitamos aqui essa verdadeira categoria poética por aplicar-se perfeitamente a certas imagens que, às vezes, nos poemas de Mário Faustino, dominam um verso inteiro, registrando-se como uma espécie de interferência ou pausa, para introduzir algo novo, inesperado. As coisas são colocadas diante dos olhos, em ação: esse movimento ficto equivale a um esforço dramático. A impressão de movimento permanece ainda nos versos que encerram alusões e independentemente de que estas sejam entendidas, como ocorre nos seguintes:

.....  
Houve turbas e turbas e mais turbas em fuga.

.....  
Eu vi um bezerro dourado morrer de abandono.

O que adquire relevo é o movimento em processo de tal modo que o temos diante de nós, como que em via de realização. Trata-se, por assim dizer, de imagens dinâmicas, à semelhança das que encontramos em “Solilóquio” (“Suma legião se precipita”), como em “Legenda” (“Jorros de luz na fuga de meu dia”), ou em “O homem e sua hora”. Neste poema apenas se aproximam do tipo pertencendo fundamentalmente a uma classe distinta – a das imagens de correspondência.

Estas últimas são frequentes e, em certos poemas, abrangem mais de um verso. Sua característica precisa reside na correspondência que estabelecem entre coisas pertencentes a distintas ordens de ser, mostrando uma afinidade secreta, momentaneamente realizada. Esse efeito de evidência, de intuição imediata, é, nesse caso, o signo distintivo do valor poético realizado. “Solilóquio” presta-nos um exemplo.

Na balança dos rins, na mortalha do fígado  
Poderás ler presságios; mas que vísceras  
Proclama nossa glória...

A afinidade sugerida é de natureza mágica, conduzindo-nos à ideia diretriz das artes [ terrenas] o [ ] o superior, e não apenas o condiciona, como também é o espelho de sua natureza e de suas possibilidades. Nada há em toda a natureza que não esteja em relação, ao mesmo tempo, com todos os seres, ordenados segundo leis superiores de harmonia e simetria. Essas noções, comuns à época do Renascimento, servem aqui somente para ressaltar a espécie de correspondência dada às imagens. Pelo que diz respeito a sua natureza poética, basta constatar o intercruzamento de significações. Sob esse aspecto ainda são mais reveladores os versos de “O homem e sua hora”:

Na terra cor de carne as vias fremem  
Duras de sangue e seixos.

Por seu lado são abrangentes as imagens simbólicas formadas à custa de [ ] retirados da vida orgânica, e procedendo muitas vezes da fisiologia sexual, muitas vezes de uma simbologia própria. “Chuvas de sêmen”, “unicórnios”, “verso rampante”, “ventre”, “nojo”, “chuva de ouro”, “entranhas”, “estrumes” constituem algumas das peças integrantes desse material simbólico, sem esquecer também os motivos de purificação, como “gral imerecido”, “templo exato”, ou a repetida ocorrência dos vocábulos “nu” e “nudez”.

A originalidade do poeta pode ser melhor aquilatada por suas imagens do objeto oculto. Realçamos sua presença não só por que resumem o sentido da poesia de Mário Faustino, empenhada em realizar experimentos com as palavras, como por que promovem verdadeira expansão da linguagem, pela descoberta de cenas de objetos com autonomia significativa. Por outro lado, esses produtos têm a virtude de esclarecer que a análise poética não se destina, exclusivamente, a rebuscar vivências: seria confundi-la com a análise psicológica e reduzir os valores poéticos a simples transmissão de conteúdos psíquicos. Ora, a poesia não é apenas uma fórmula de expressão: é, também, expressão que aponta para significados: significações puras que as palavras exibem, como uma espécie determinada de objetos, válida por si mesma, independentemente das relações que possa ter com outros valores. Jamais ocorre a expressão pura de sentimentos vividos, por isso que as palavras que os traduzem impõem a estes o contorno do próprio significado delas, por obra do qual ocorre a universalização do que é

íntimo, pessoal, pertencente a um só indivíduo. Mas, além desse elemento genérico de universalização, o núcleo significativo das palavras pode ser ampliado, difundido, até mesmo pela aplicação habilidosa de artifícios, de modo a incorporar uma parcela primitiva de expressividade, que se modifica e se distende segundo o espraiamento que possa sofrer o primeiro. Quando esse núcleo significativo se distende, os valores poéticos se apresentam como objetos puros. Por isso é que falamos, antes em zonas objetivas de certas imagens. Eis uma delas:

Lá onde um velho corpo desfraldava  
As trêmulas imagens de seus anos;

Seria absurdo explicar uma imagem poética. Mas é imprescindível que ponhamos em foco sua qualidade especial. Observemos que as implicações significativas foram obtidas não só em consequência da conotação e da posição, no verso, de cada palavra (tendo-se em conta, ainda, a influência modeladora do ritmo), mas da presença de um termo metafórico, não declarado, abolido e atuante, tanto no primeiro como no segundo verso: bandeira, flâmula etc. Neste exemplo não há, entretanto, a ocorrência do objeto oculto de tal modo que a qualquer momento possa ele ingressar no poema, pelo simples trocar de sua posição com a do sujeito declarado, de maneira que um como o outro sejam válidos. Exatamente nessa ambivalência é que reside seu caráter específico da zona de objetividade alcançada pelo poema “Ego de Mona Kateudo”:

Ao longe ladra um coração na cega  
Noite ambulante. E escuto-te mugido  
Oh vento que meu cérebro aleitaste,  
Tempo que meu destino ruminaste.

O artifício aparenta extrema simplicidade de execução. Trata-se de expressão imprópria; ocorre, porém, que essa impropriedade atribui um predicado próprio ao sujeito oculto “ao cão o ladrido, à vaca o mugido, a ruminção”. Por sinal que os objetos, assim ocultos, mantêm com os aparentes uma correspondência simbólica: o vento aleita, o tempo ruma.

\*\*\*

Na poesia de Mário Faustino as vivências são transfundidas alcançando um plano de realizações imagéticas e simbólicas, graças aos recursos verbais e ao conhecimento do artífice. Nela encontramos um mundo de essências, cujas relações com a vida se mantêm intactas. A emoção bruta e a vivência em estado nativo, ou ingenuamente manifestada, acham-se ausentes.

Sabe o poeta lidar com as palavras com uma espécie de permissão diabólica, manejando, assim, a língua, com extrema habilidade, para afeiçoá-la aos seus desígnios. E consegue dela retirar novas camadas de expressão e de significação, dilatando-a e consumindo-a nessa linguagem poética apurada, cujos

versos dispõem de ordem própria estrutural e compoem uma fala humana mais rica, mais persuasiva e mais sincera.

Admoestemos o poeta, em virtude de seus pecados de verbalismo. É ele, às vezes, verdadeiro logomaníaco confiando demasiado nesses seres, as palavras, que, como teria dito o sofista Górgias de Leontino, “dotados de pequeníssimo e sumamente invisível corpo” cumprem obras diviníssimas.

Assinalando influências que talvez ainda não tenham circulado efetivamente na poesia brasileira – como as de Eliot, de Pound e de Dylan Thomas – Mário Faustino nos oferece uma poesia concentrada de original, que dá testemunho não apenas de seu talento, mas de trabalho e de respeito pelo ofício poético. É um jovem artífice que domina seus meios de criação.

Mas é também o poeta, naquele sentido de Wordsworth: “A man speaking to men”, um homem falando a homens.

## NOTAS (autor do texto)

[1] “Possivelmente pouco, em geral, conheceríamos da variedade e profundidade do “ethos” humano, se o poeta, o artista plástico e o retratista não o tivessem revelado antes de nós, de modo convincente. O poeta tem sido o professor e o educador, desde tempos imemoriais. Tem sido o sábio, o vidente, o adivinho e o cantor, em uma só pessoa. Ele foi o [ ], Homero modelou para os gregos não apenas os deuses, mas também os homens” (Nicolai Hartmann, “Ethics”, vol. 1 – Edição Londrina).

[2] A assimilação de influências, num sentido universal, é o que assinala Eliot “A unidade da cultura europeia”, apêndices às “Notas para uma definição de Cultura”. A renovação da literatura, quando se realizam “novos descobrimentos no emprego das palavras”, depende de duas condições: “Primeiro, sua capacidade para receber e assimilar influências de fora; segundo, sua capacidade para retroceder, aprendendo de suas fontes”. Encontramos nos “Four Quartets” uma referência mais direta e profunda à experiência contínua do homem, como sendo trans-histórica:

[3] Essa característica da imagem era objeto das considerações de Lessing no “Laocoonte”, quando dizia que as ideias despertadas em nós pelo poeta são tão vivas que “temos a impressão, em nosso entusiasmo, de sentir, instantaneamente, as impressões dos próprios objetos e que, no momento da ilusão, deixamos de ter consciência do meio de que se vale o poeta para obter seu resultado, quer dizer: das palavras “(Lessing, “Laocoonte. ed. Argos. Buenos Aires”).

[4] “Allusion is a trapa for the writer almost as effective a for the [academic] critic. It invites insincerity. It may encourage and disguise lazyness. When it becomes a habit it is disease. But theses dangers form no ground for denyng to alluson, ad the similar resources of which it is typical a fit and justifiable place inpoetry” (I. A. Richards, “Principles of literacy criticism”).

[5] “Entendo”, diz Aristóteles, “que pôr uma coisa diante dos olhos é indicar essa coisa em ação”. E em seguida: “Sempre, o fato de pôr uma ação em jogo produz uma impressão agradável no ouvinte” (“Retórica”, tradução de Charles Émile Ruelle, ed. Gainier).

### 7.1.3 NUNES, Benedito. Primeira Notícia sobre Grande Sertão: Veredas<sup>61</sup>

30 de fevereiro de 1957

Não sei se a experiência que o Sr. João Guimarães Rosa acaba de realizar, com a publicação de “Grande Sertão: Veredas”, (Ed. José Olympio, Rio 1956) é capaz de imprimir um novo rumo à ficção no Brasil. Nem será possível dizer desde já o lugar dessa obra no panorama de nossa literatura, antes que fiquem sedimentadas as primeiras impressões favoráveis e possamos enxergar melhor as deficiências apenas vislumbradas. O romance se desenvolve em seiscentas páginas, constituindo uma narração inteira, sem pausas capitulares, desafiando não só a técnica, mas também a valentia do leitor mais persistente. Além dessa barreira física, questão de volume, o autor preparou-nos outra, abandonando a língua culta, estabilizada, para revolver a semântica e a sintaxe. Adota uma linguagem que não é, a rigor, nem dialeto regional nem criação arbitrária. A princípio, esse segundo obstáculo arrefece o entusiasmo de quem deseja penetrar o livro. Pouco a pouco, entretanto, a fala empregada vai se tornando familiar, e chegamos à conclusão de que Guimarães Rosa não se dispôs a usá-la por capricho ou desejo de inovar, e seguiu uma necessidade irrecorrível, exigida pela natureza do próprio romance, cuja trama, situações e personagens demandavam forma especial de tratamento.

O romance e, na sucessão de seus episódios, a história dos bandos de jagunços que, sob a chefia dos “brabos” valorosos, giravam a região dos “gerais”, terra sertaneja entre Minas, Bahia e Goiás, que Euclides da Cunha, em poucas palavras descreveu, como “formada de vastas planuras, paragem formosíssima, “expandida” em chapadões ondulantes – grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros”. Um desses jagunços, Riobaldo, antigo bandoleiro, condutor de homens através do sertão agreste, conta ao moço da cidade, na calma de uma fazenda, à qual se recolhera, para viver mansamente depois de tantos empreendimentos, a sua história, que é a trama do livro. Ele não é, entretanto, o narrador controlado pelo romancista que em geral, quando adota este recurso de fazer com que o personagem exponha os acontecimentos ou as próprias ideias, não desaparece atrás de sua criação e com ela não se confunde. Mas, nesse romance, o autor quis se enredar num problema difícilíssimo de técnica. Como permitir que Riobaldo falasse, num discurso livre, ele mesmo contando a sua história, sem desfigurar-se a condição humana do sertanejo, inculto, mas extremamente sensível, ligado ao mundo pelo constante pelejar, com um código moral diferente do nosso, sem dúvida e, ainda, com seu linguajar próprio, limitado, regional? Fazê-lo proferir sábios discursos em português castiço seria de um ridículo acabado. Mas também, o linguajar do sertão, a ser utilizado quer nos diálogos, quer na própria narrativa, poderia condenar o romance a um insucesso

---

<sup>61</sup> NUNES, Benedito. Primeira notícia sobre *Grande sertão: veredas*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 fev. 1957. Suplemento Dominical, p. 2.

retumbante, como obra literária, para alcançar, ao máximo, uma significação regionalista, como documento humano. Eis o dilema. A solução foi surpreendente. O romancista deu a palavra a Riobaldo, sob a forma do discurso livre, entrecortado, muitas vezes desconexo, vazado numa prosa que se desenvolve ao sabor das recordações do jagunço, e que adota a sua linguagem característica. Esse não é, porém, um mero registro de modismos, de inversões sintáticas, de mudanças léxicas bastante pronunciadas, segundo o uso da região. Torna-se a linguagem artística, transforma-se em estilo. Sob esse aspecto, o processo de Guimarães Rosa não é novo. Mario de Andrade em “Macunaíma” fez, guardadas as proporções, o mesmo, forjando uma língua que reuniu várias modalidades linguísticas existentes no país: entrosou os termos de origem indígena aos de origem africana, alterou a sintaxe, deu vigor literário às expressões familiares e de gíria. “Macunaíma” é, porém, uma obra inclassificável. E foi a primeira tentativa para, coordenar um grande número de tradições, lendas e mitos, conservando tanto quanto possível, o substrato lingüístico que está na base desses elementos todos. No romance “Amar, verbo intransitivo”, o mesmo Mário de Andrade, que captou as virtudes do nosso idioma, e enriqueceu o português falado no Brasil, como até agora nenhuma legião de gramáticos foi capaz de fazê-lo, emprega expressões de uso corrente no familiar naquele seu estilo inimitável, cheio de graça e vivacidade, em função de uma história sentimental, satírica, urbana e inspirada na alta burguesia paulista.

Em “Macunaíma” não se pode saber exatamente até onde vai o trabalho do folclorista e onde começa o trabalho do artista. Mas tanto nessa obra como na de Guimarães Rosa, a linguagem desarvorada, rebelde aos cânones preestabelecidos, corresponde a uma necessidade de expressão. Naquela, o gênio buliçoso de Macunaíma encarna o espírito anárquico, manhoso, irreverente, piegas, sensual, inventivo, lírico, contraditório do brasileiro. É o mito caricatural das virtudes e dos defeitos nacionais, do caldeamento étnico e da formação social do nosso povo. Para se concretizar literariamente exigia um vocabulário mais amplo e uma construção maleável que arrecadasse as peculiaridades de cada região e conservasse, na língua, o toque do índio e do negro investindo sobre o idioma luso. No livro de Guimarães Rosa, a linguagem está em função do tema, das situações e dos personagens. Recolhe a emotividade do sertanejo, desce até a raiz de seus sentimentos e pensamentos, de sua maneira de ver o mundo, de reagir ao meio em que vive. É o instrumento psicológico que dá o relevo emocional necessário para manter o ritmo dramático de uma longa e acidentada história, em que as divagações se casam às cenas de batalhas, pilhagens, amores e quadro da natureza. Daí porque ela foi para o autor o meio expressivo adequado, tanto na parte narrativa como na dos diálogos. Em uma como em outra, é Riobaldo quem fala. Colocando-o como narrador, Guimarães Rosa usou um processo de construção difícil, ousado mesmo, que poderia tornar o romance tedioso e monótono. Mas é a intensidade da linguagem que garante a unidade da obra e seu poder expressivo que [combina] com a poesia.

“Grande Sertão: Veredas” ultrapassa o âmbito regional. No drama do sertanejo ou do jagunço, irrompem os grandes problemas humanos – seja a luta do

homem contra a natureza que o estimula e o abate ao mesmo tempo, seja o ímpeto do jagunço que se põe em armas para defender uma causa indefinível, adota a lei da guerra menos pela rudeza de seu espírito do que pela necessidade de viver e de realizar o seu destino. Riobaldo que teve algumas letras, possui o senso inato da poesia. Mas é um temperamento místico, cuja ideia era indagar, nos “gerais”, uma grande cidade religiosa, onde se irmanassem todos os homens, para viver em paz, resguardados do mal. Na Idade Média seria cavaleiro andante; nos “gerais”, foi jagunço.

Mas esse romance não constitui apenas a gesta do sertão. É – se podemos dizer – numa interpretação espiritual da terra e do povo que nela vive. Os fatores mesológicos, sociais, históricos arrumam a forma de um problema mais amplo e vago, unilateral e de sentido místico. O Diabo existe ou não? O que leva o homem à crueldade, à violência não é busca estranha, superior as nossas forças e que nos domina? Era essa a preocupação do jagunço que havia dominado os “gerais” com o seu bando de homens decididos. O fio de toda a história é a desconfiança de que um dia [...] pactuado com o demônio em uma encruzilhada. E para resolver essa questão contou ao moço da cidade (que se mantém à sombra, quase fora da narrativa) as suas peripécias e seus amores. “O senhor, diz Riobaldo, Mire veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando – afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traçoeiro. Ah, uma beleza de traçoeiro – dá gosto. A força dele quando quer – moço – me dá o medo, pavor. Deus vem vindo; ninguém não vê. Ele faz e na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza.

Quando da boca do jagunço saem certas expressões acordes com a tradição do misticismo – tanto no oriente como no ocidente – imaginamos como ficariam pedantes, ditas na língua culta. Mas escritas como foram, num tom simplório, desatado, despretensioso, são compatíveis, perfeitamente, com a estatura humana dos personagens e o meio em que elas se movimentam. “Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas não são de verdade.” Outras passagens revelam melhor essa afinidade do pensamento de Riobaldo com a doutrina dos místicos, assimilada ao espírito sertanejo e traduzindo a sua profunda humanidade. Nesta, por exemplo: “Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua”.

O estilo, muitas vezes, satura-se de expressões pitorescas que o tornam mais colorido, mais vivo, sem enriquecer propriamente a narrativa, com se fossem notações marginais, que não atentam o essencial da trama “Sertão e isso [o sonhar] saber tudo incerto, tudo certo. Dia de lua. O luar que põe a noite inchada.” (pg. 56) – “Mas o sarro do pensamento alterava a lembrança..” (pg.258) – “Aquelas aranhas teciam de árvore para árvore velhices de teias”. (p.237). Mas quase sempre o estilo é extremamente poético. A prosa tem ritmo: é célere ou lenta conforme a situação exige. Em certos trechos chega a nivelar-se com a

construção ordinária, para logo depois retomar a sua desenvoltura peculiar, ora usando palavras contraídas ou alteradas – por exemplo, miúcias por minúcias, cômputo por cômputo – ou alteradas em seu significado corrente, por exemplo – estatuto por estado ou posição do corpo, suscinto por firme, filosofar por reagir etc. Só podemos aquilatar o valor dessas alterações no contexto; assim isoladamente, parece que o romancista foi extremamente caprichoso. Mas raras são as mudanças do léxico e da sintaxe que não correspondam a uma contorção necessária para dilatar o poder expresso da linguagem. E assim, carregada de expressividade, essa linguagem é de um modo geral eficiente. Ela serve de veículo emocional. Transmite-nos o conteúdo de uma vida diferente da nossa, põe-nos em contato com a substância humana de outros indivíduos, afetados por condições que não conhecemos. Mas devido mesmo à comunicação emotiva que se estabelece, participamos de seus problemas, de suas lutas, alegrias e aflições.

Há grandes belezas nesse uso tumultuoso e imenso: o amor de Riobaldo por Diadorim, a morte dos cavalos assassinados pelos cangaceiros (pg. 335), o encontro da tropa de jagunços com uns miseráveis lavradores, grotiros do sertão (p. 377). As lembranças tumultuadas de Riobaldo (pg. 385) as exaltações deste quando, pela sua honra de chefe, deve matar um homem e acaba, por piedade, matando a mula em cujo lombo a vítima se encarapitara (pg. 464), os últimos combates entre os dois bandos que dividiam o domínio dos “gerais” (pg.534), a descoberta de que Diadorim é mulher e não homem (pg.383).

A trama é complexa. E a narração confiada ao jagunço que participou dos acontecimentos relatados e que na [...] só aos poucos vai compondo e unindo os diferentes episódios, seja pelo retrospecto de uns, seja pela antecipação de outros.

Os trechos onde a linguagem decai, perdendo a sua eficiência expressiva, revelam os defeitos da técnica que o romancista preferiu adotar para ser fiel às situações vividas pelo personagem. Alguns desses defeitos são cacoetes estilísticos decorrentes do uso, tantas vezes abusivo das desarticulações sintáticas, contrações e elipses que, praticadas mecanicamente, não possuem mais valor de expressão. Mas, quaisquer que sejam as deficiências, “Grande Sertão: Veredas, é um romance extraordinário, escrito em “língua de gente”.

#### 7.1.4 NUNES, Benedito. A poética de Heidegger<sup>62</sup>

14 de fevereiro de 1959

No seu pequeno estudo, “Hölderlin” e a essência da poesia”, Heidegger estabelece uma poética da existência humana por ele instituída. A poética deriva da ontologia e só à luz desta última pode ser compreendida e justificada, como a formulação do princípio ativo que constitui a origem da poesia e no qual repousa o seu valor permanente.

O estudo de Heidegger a que nos referimos é muito sintético, dando por suposto que o leitor conheça a terminologia criada pelo filósofo e certos juízos decorrentes de sua análise da existência e de sua compreensão do ser. Não pode ser lido como obra independente, separável dos escritos capitais do autor. Certas formulações podem escapar-nos em seu sentido preciso, caso descuidemos a ligação que tem com os princípios ontológicos firmados por Heidegger. De um modo geral, sumarizando tudo quanto ele diz nesse estudo, a essência da poesia é a mesma essência da linguagem. Mas é preciso saber qual a natureza e o valor que Heidegger atribui à linguagem de acordo com a sua ontologia fundamental.

Há uma afirmativa a respeito da linguagem que deve ser destacada como ponto de partida. “A linguagem”, diz Heidegger, “não é somente um instrumento que o homem possui ao lado de outros; a linguagem é o que, em geral e antes de tudo, garante a possibilidade de encontrarmos-nos no meio de um *existente* que seja existente revelado”. Não nos impressionemos com o aparente teor místico que a expressão “existente revelado” da frase sugere. Mas esse é um ponto fundamental que não podemos dispensar para entender a concepção poética de Heidegger em sua amplitude e profundidade.

Deixando de lado qualquer concepção naturalista, Heidegger pensa que a linguagem é própria do ser humano, uma categoria de sua existência. O homem é antes de tudo um “dizente”, o único ser dizente. Em termos biológicos a linguagem resultou do desenvolvimento do aparelho fonador que permite emitir sons, articular palavras e empregar as palavras como signos que representam coisas ou que expressam emoções. Desse ponto de vista ela é instrumental. Como os utensílios que o homem fabricou para satisfazer às suas necessidades vitais, a linguagem seria uma espécie de utensílio mental, que foi o fator imprescindível do progresso humano e da civilização. O que a concepção naturalista supõe é que num momento dado de sua existência, numa fase determinada de sua evolução biológica, o homem tornou-se apto para aproveitar os efeitos sonoros resultantes da vibração das cordas vocais, conquistando, assim, um meio efetivo de exprimir-se e de comunicar-se com os seus semelhantes, pelo que pôde ampliar os recursos naturais expressivos que os movimentos espontâneos do corpo já lhe proporcionavam.

---

<sup>62</sup> NUNES, Benedito. “A poética de Heidegger”. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 fev. 1959. “Suplemento Dominical”. p. 8. Esse é o primeiro artigo que Benedito Nunes publica sobre Heidegger em periódico fora do Pará.

Se Heidegger ultrapassa a concepção biológica, não é para construir uma nova teoria explicativa da origem da linguagem. Coloca-se num ponto de vista radicalmente distinto, que não é teórico, mas descritivo e compreensivo ao mesmo tempo à margem de uma explicação propriamente dita.

Antes da linguagem o homem não *existe*. É um ser natural no meio de outros, ocupando um ambiente, em que se acha confinado. Suas possibilidades são as mesmas da natureza, que o encerra num sistema de trocas regulares e constantes com os seres vivos e as coisas físicas. Então, encontra-se simplesmente no meio do existente, mas só tem existência quando rompe esses liames originários e acrescenta à natureza um modo de ser próprio. Existir para o homem não é subsistir como as plantas e os animais subsistem, mas *ex-sistere*, que significa subsistir no seio das coisas e também distanciar-se delas. Mas esse ato de *distanciamento*, que envolve a projeção das possibilidades originais, não pode ser compreendido sem a linguagem. Ontologicamente é impossível falar de existência humana abstraindo-se a linguagem, que está implicada nesse distanciamento das coisas que Max Scheller, antes de Heidegger, soube entender e descrever no seu “Posição do Homem no Universo”. Perdida a calma e compacta subsistência da vida animal, a comunidade biológica anterior que ligava o homem às coisas, como um prolongamento natural delas, é substituída pela convivência simbólica, em que o domínio do existente manifesta-se através da percepção imediata e do pensamento que abstrai e generaliza – percepção e pensamento interdependentes. Mas tanto a percepção imediata, que Heidegger chama de *apreensão*, quanto o pensamento autêntico estão entrelaçados com a linguagem. Não podemos conceber um momento extralingüístico no qual as percepções formuladas se apresentem em estado psíquico puro, desacompanhadas de símbolos verbais que as fixem. Há simultaneidade entre pensar e dizer, perceber e nomear. Daí porque, segundo Heidegger, “a linguagem é o que, em geral e antes de tudo, garante a possibilidade de encontrarmos-nos no meio de um existente, que seja existente revelado”. Essa revelação do existente não se processa de uma vez por todas; é contínua, mutável, histórica, como um processo de desdobramento pelo qual o homem vai atualizando e renovando as suas possibilidades, configurando o seu mundo. A linguagem não está à margem dessa revelação; é nela que a revelação se perfaz e por ela é que o *mundo* se constitui. “Somente onde há linguagem é que há mundo, quer dizer, este círculo continuamente mutável de decisão e de empreendimento, de ação e de responsabilidade, mas também de arbitrário e de tumulto, de decadência e de evasão”.

Heidegger insiste sobre o caráter histórico da linguagem. Mas isso não quer dizer que a linguagem, no que tem de mais essencial, seja um produto cultural ou histórico. Relacionada com a existência humana da qual é constitutiva, a linguagem possibilita a história – que se põe em marcha graças à revelação do ser que se cumpre por seu intermédio.

É nesse quadro que devemos colocar, agora, a função do poeta e a natureza da poesia. O princípio da poesia é o mesmo princípio da linguagem. “O poeta *nomeia* os deuses e *nomeia* todas as coisas por aquilo que são. Esta

denominação não consiste em prover de nome uma coisa que antes fosse bem conhecida, mas o poeta, quando fala a palavra essencial, nomeia o existente por aquilo que ele é e torna-o conhecido como existente”.

Nomeando os deuses, faz o poeta com que o sagrado se propague numa determinada comunidade, nos primórdios de sua cultura. Mas não só nomeia os deuses. As coisas vêm à existência por meio da palavra reveladora do poeta. Por isso é que Heidegger observa, na “Introdução à Metafísica”, que a língua e a poesia são equivalentes no momento em que um povo inicia a sua existência histórica. “A língua é a poesia original em que um povo diz o ser. Inversamente a grande poesia pela qual um povo entra na história é que começa a dar forma à língua desse povo. Os gregos, com Homero, criaram e conheceram essa poesia”.

O tão falado mistério da poesia consiste em sua aparente insignificância. Que há na poesia além de palavras que se ligam, que se interpenetram, suscitando múltiplos efeitos combinados entre si, para produzirem em conjunto uma significação que se esvai com as palavras e que parece não estar contida nelas? Às vezes a significação é mínima: apenas um sentimento vago ou um conceito diluído que se incorpora nas imagens e ganha novo relevo, ou a simples música do verso, a insistência de um ritmo que se propaga, volatilizando quase o significado em pura fluência sonora. Louvações de amor ou de heróis, épica do cotidiano ou saga subjetiva, quaisquer que sejam os temas do poeta, está ele fadado a dar nascimento a “esses nadas aéreas” de que falava Shakespeare – feitos de humano sopro verbal, flatus vocis. O primeiro leit-motiv que Heidegger desenvolve em seu estudo sobre Hölderlin é a respeito da insignificância da poesia. A poesia exercida, a poematização naquela aparente insignificância que tem, confunde-se com o jogo de palavras. Numa carta dizia Hölderlin que essa ocupação era a mais inocente de todas. Mas o poeta, que joga com as palavras, percebe, aos poucos, que a ocupação não é inocente no sentido da gratuidade, dum exercício vital realizado com total disponibilidade psicológica. Um poema se faz com palavras, ensinava Mallarmé a Degas. Elas é que entram no jogo poético que leva ao poeta. Mas este detém algo perdurável, permanente, objetivo e subjetivo, como expressão e significação, por aquilo que revela da natureza do poeta e da natureza das coisas. Quando o poeta se defronta com o poema, percebe que a sua ocupação inocente é a mais grave de todas: lidando com a linguagem, ativando e renovando a língua, ele se expõe à revelação do ser. Na sua “Carta sobre o Humanismo” diz Heidegger, metaforicamente, que a linguagem é a casa do ser. Die Sprache ist das Haus des Seins. Toda linguagem é reveladora e, por isso, o poema, cuja matéria é a linguagem, constitui, segundo afirma o filósofo, em “Hölderlin e a essência da poesia”, fundação do ser pela palavra.

Nas palavras o poeta conserva uma imagem do universo, um fragmento vivo de seu mundo que passa. Fundar o ser pela poesia é tornar manifesto o que há de permanente no transitório e de eterno no efêmero. Em seus começos a linguagem tem essa função configuradora, preservadora, que vai perdendo à medida que se banaliza e se transforma num simples instrumento de comunicação. Ela é ambígua por natureza, servindo tanto para revelar e descobrir,

como para ocultar e encobrir. “Por intermédio dela podem exprimir-se o que há de mais abscôndito, o confuso e o comum”. Torna-se às vezes uma potência diabólica, fator de confusão, de desentendimento, de falsidade. O poeta luta e continua lutando hoje contra essa força negativa das palavras, para recriar a linguagem que, diz-nos Heidegger, caiu “sob a ditadura da publicidade” e é usada como meio de domínio, de servidão intelectual, de condicionamento sentimental, tendo perdido a sua função reveladora.

Em todas as épocas o poeta profere as palavras essenciais que exprimem intuições básicas e dão a medida dos sentimentos comuns. Recupera a linguagem pela poesia. Por seu intermédio realiza-se aquele ato de fundação do ser, “pela palavra e na palavra”, que a poesia é.

## 7.2 O ESTADO DE SÃO PAULO

### 7.2.1 NUNES, Benedito. “Belém do Pará”<sup>63</sup>

25 de março de 1961

Com a publicação recente de “Belém do Grão Pará”, que pertence ao primeiro ciclo de romances do Extremo Norte – do qual fazem parte “Chove nos Campos de Cachoeira”, “Marajó” e “Três casas e um rio” – Dalcídio Jurandir firma definitivamente o seu nome como introdutor da paisagem urbana da Amazônia na literatura brasileira de ficção. Belém não figura nesse romance apenas como um pano de fundo tropical. É mais do que um simples conjunto de quadros pitorescos enlaçados para realçar o conteúdo humano da narrativa. A cidade está presente em “Belém do Grão Pará” com a sua atmosfera característica e mais do que isso, com a personalidade inconfundível de seus aspectos sociais, integrando um vasto panorama, uma paisagem, que é síntese da sociedade do Extremo Norte.

A Belém que polariza a ação do romance, e que define a situação dos personagens, dentro das distintas camadas da população urbana, é a metrópole dos primeiros anos que se seguiram ao débacle econômico da Amazônia, em consequência da perda do monopólio mundial da borracha. A euforia do súbito enriquecimento, sucedeu o início da depressão e da estagnação que se prolongaram no atual marasmo da sociedade e da economia regionais. O espelho em que se reflete esse declínio, ocorrido no primeiro decênio do século – e que trouxe novos chefes de prestígio para substituir os governadores, e prefeitos dos bons tempos da borracha – é a família Alcântara, cujas vicissitudes reproduzem, em ponto menor, sob a forma de um drama doméstico, a desventura política e o desastre econômico da região.

Não se pense, porém, que os tipos criados por Dalcídio Jurandir, em seu novo romance, sejam espectros de uma situação objetiva, diluídos no meio social urbano que o escritor descreve magistralmente. Belém funciona na história a título de personagem “maior, mas não aparece como um cenário fixo que encerre e limite o movimento dos personagens propriamente ditos. É através da experiência subjetiva desses personagens, Alfredo, Libania, Emilinha, Inácia, Virgílio, Isaura, Mãe Ciana e Antônio, que a cidade começa a existir, ora palpável e visível, nas ruas que eles percorrem, nos jardins que visitam, nas casas em que moram, ora desmaterializada, concentrando-se toda nas sensações fugidias, nos aromas, nas cores, na qualidade do ar e da luz que eles percebem. Ela se humaniza na medida em que vai sendo descoberta e vivida. Os personagens dialogam, defrontam-se com a cidade, que além de ser ambiente e paisagem, compõe uma figura multiforme, humanizada e ideal, que tem personalidade própria. Cada qual ocupa,

---

<sup>63</sup> NUNES, Benedito. “Belém do Pará”. **O Estado de São Paulo**, 25 mar. 1961. Suplemento Literário. Coluna Crônica de Belém, p. 4. Esse artigo versa sobre o livro *Belém do Grão Pará* de Dalcídio Jurandir.

nesse confronto, nessa dialética de uns com os outros e de todos com a cidade, uma posição determinada no contexto social.

Desse modo, os seres humanos do romance de Dalcídio Jurandir, Belém do Grão Pará, que, existem em função de um certo meio urbano, com as suas características peculiares, não constituem um simples reflexo das condições desse meio. É por intermédio deles que Belém se transforma numa paisagem interior riquíssima num conjunto de vivências coordenadas, que dão forma aos acontecimentos e expressam o que de objetivo, histórico e socialmente relevante está envolvido nos episódios particulares e circunstanciais. Daí os dois aspectos caracterizam a estrutura do romance: a unidade de visão e transfiguração poética da realidade.

A unidade de visão nada mais é do que a fixação simultânea dos elementos objetivos e subjetivos que compõem uma dada situação humana. Esses elementos se entrelaçam intimamente, formam um todo vivo, animado, auto-subsistente e válido do ponto de vista artístico. Assim, por exemplo, o drama doméstico dos Alcântaras está relacionado com a decadência material e a desagregação política do Norte subsequente à crise da borracha. Esse aspecto propriamente histórico e social, que é o lado objetivo da situação humana total focalizada pelo romancista, não é exposto separadamente do outro aspecto, subjetivo e doméstico. As duas ordens de acontecimentos se interpenetram na mesma trama articulada unitariamente.

A mudança de nível social que a família experimenta depois da queda do prefeito Lemos, a cuja política pertencia o casal, Virgílio e Inácia Alcântara, ele como administrador do Mercado S. Braz, ela como dirigente entusiasta da ala feminina que apoiava o lemismo, traduz-se por uma simples mudança de casa. Os prósperos afilhados do poderoso prefeito, privados de proteção oficial, vão residir, após o tombo político do padrinho, que ainda foi um episódio complementar da crise elástica da borracha, numa casa modesta localizada atrás da Basílica de Nazaré, em rua sem calçamento, onde procuram esconder seu estado de pobreza. Na sala da nova residência, o piano solitário é o indício da antiga abundância. A filha do casal, Emilinha, solteira, gorda, infeliz nos amores, sente-se frustrada: de sua janela vê somente os fundos do 26 BC e o capinzal de uma vacaria. A mãe, D. Inácia, que é um caráter primoroso, tem nostalgias do lemismo e conservando a psicologia da mandona política, censura Virgílio por não ter ele sabido aproveitar as boas graças do prefeito.

A família, sob a inspiração de Emilinha, tentará recuperar, pelo menos aparentemente, a posição perdida. Essa tentativa de ascensão é o lado doloroso e trágico do romance. Os Alcântaras se transferem para a Avenida Nazaré, a rua dos fazendeiros, da gente rica. Aí continuarão a viver na ilusão de que podem disfarçar a falta de recursos, numa casa arruinada pelo abandono e pelos cupins. O aluguel caro, valia o local ruidoso, trepidante que os bondes sacudiam ao passar. Virgílio depois de uma luta de consciência, e subordinado pelos contrabandistas perde o emprego. É o momento em que a velha casa, que cheirava a cupim e a mofo, ameaça desabar. Os Alcântaras, de madrugada, evitando o olhar, curioso dos vizinhos, carregam para debaixo das mangueiras

acolhedoras os poucos móveis que tinham e que mal davam para encher a enorme sala de visitas.

O pequeno mundo que se forma em torno dos Alcântaras deixa-nos entrever a composição da sociedade belenense, que muito pouco se tem modificado até os dias de hoje. A serva da casa, Libânia, retrato perfeito da nossa jovem caboclinha, com a sua sedução nativa, a sua espontânea sensualidade, sua malícia infantil e Antônio, o menino que veio de um ponto distante do interior e que sabe contar histórias de assombração nas matas e nos rios – são exemplares perfeitos do imenso contingente da nossa população rural desenraizada que emigra para Belém. Outra linha de personagens – Mãe Ciana, Isaura, Lício, Magá – representa a camada semi-indigente dos habitantes da cidade, descendendo dos antigos escravos que trabalhavam nas fazendas do Marajó. Ela é depositária de uma tradição cultural heterogênea, em via de perecimento, na qual os elementos religiosos, negros e indígenas, se misturam com os usos culinários e com os específicos da perfumaria, e da farmacopeia regionais.

Os personagens, como se vê, pertencem a hierarquias distintas, que integram o universo humano arquitetado pelo romancista. Esse universo, por sua vez, é inseparável do panorama social que ele soube reconstituir, e da paisagem urbana que soube plasmar. Fundindo, numa só expressão de conjunto, a realidade exterior com a experiência vivida, o objetivo com o subjetivo. Dalcídio Jurandir alcança a transfiguração poética de Belém. E isso ele consegue especialmente devido à interferência de Alfredo, figura original do ciclo do Extremo Norte, que vem de Cachoeira para a companhia dos Alcântaras, a fim de completar os estudos na cidade grande. Alfredo, que é o elemento de conexão entre os diferentes personagens e o elo entre os mais importantes episódios da trama, espectador e também participante dos acontecimentos, introduz, no processo da narrativa, o ângulo de experiência pessoal necessário à recriação poética da realidade. São os seus olhos de menino-do-sítio, de matuto, de bicho-do-mato, que descobrem os recantos e os segredos de Belém: as ruas sombreadas de mangueiras, o Largo da Pólvora, sonolento, com o Teatro da Paz neoclássico, no meio da verdura, as casas baixas, ajaneladas, de corredor ou puxadinha, os sobrados revestidos de azulejos que brilham ao sol.

Mas a recriação poética de Belém, quer como paisagem, quer como meio social – os dois aspectos formando uma só realidade – para exprimir o que ela tem de típico, de característico, de concreta universalidade, baseia-se no aproveitamento das peculiaridades linguísticas regionais. Os modismos, locuções e vocábulos primitivos de consumo local, além da forma sintática que a fala nortista adota espontaneamente, permitiram, melhor do que outros aspectos mais estabilizados e mais conhecidos da cultura regional, já em estado de folclore, penetrar na psicologia do povo e na sua maneira de interpretar a vida.

Foram elementos dessa ordem, que fazem parte da linguagem popular (sendo a linguagem um modo de ser, de sentir e de agir), que Dalcídio Jurandir estilizou tanto nos diálogos quanto nas narrativas, valendo-se, ao máximo, do rendimento estético e do valor poético que podem oferecer a sintaxe melodiosa e a riqueza semântica do linguajar nortista. Disso é que se origina, talvez, a poesia

elementar, bem terrestre, demasiado humana, que o seu romance transmite, dando livre curso aos sentimentos contraditórios e ao pensamento confuso que a terra amazônica, ainda não subjugada pelo homem, inspira à alma nativa, perplexa e impotente dentro de seu próprio meio.



## 8 TEXTOS SOBRE BENEDITO NUNES NO “SUPLEMENTO”

sim, tenho saudades.  
Sim, acuso-te porque fizeste  
o não previsto nas leis da amizade e da natureza  
nem nos deixaste sequer o direito de indagar  
porque o fizeste, porque te foste.

(Carlos Drummond de Andrade)

### 8.1 Os Que Colaboram na Folha do Norte<sup>64</sup>

11 de agosto de 1946

Benedito Nunes nasceu em Belém a 21 de novembro de 1929. Fez o curso primário no “Colégio Sagrado Coração de Jesus”, de direção de sua tia, professora Teodora Viana, e o ginásial no “Colégio Moderno”, sendo presentemente aluno da segunda série do curso clássico do mesmo estabelecimento. Desde 1944, é presidente do Grêmio Cívico e Literário do referido instituto de ensino. Escreve desde ano passado na Folha do Norte, tendo anteriormente, em 1941 e 42 colaborado no jornal estudantino “O Colegial”. É membro efetivo da Academia dos Novos.

### 8.2 Irá ao Rio Benedito Nunes<sup>65</sup>

11 de janeiro de 1948

Deverá viajar por estes dias para o Rio de Janeiro o jovem intelectual Benedito Nunes, um dos mais novos poetas paraenses. O nosso distinto colaborador acaba de sair vencedor de um movimentado concurso estudantil, devendo representar o nosso Estado num Congresso de estudantes.

---

<sup>64</sup> NOTA BIOGRÁFICA: “Os que colaboram na *Folha do Norte*”. **Folha do Norte**, Belém, 11 ago. 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

<sup>65</sup> Irá ao Rio Benedito Nunes. **Folha do Norte**. Belém, 11 jan. 1948, *Arte Suplemento Literatura* p.3.

### 8.3 Dez Poetas Paraenses<sup>66</sup>

24 de dezembro de 1950

#### ALONSO ROCHA

**Alonso Pinheiro Rocha**, 24 anos. Casado, tem um filho, Sérgio Alonso. Católico apostólico romano. Ciro dos Anjos e José Lins do Rego entre os romancistas nacionais. Beethoven, Chopin e Debussy são seus compositores prediletos. Bancário, graças a Deus. Manuel Bandeiram entre os mais velhos, e Ruy Guilherme Barata, Paulo Plínio Abreu e Ledo Ivo, entre os mais novos. Fernando Pessoa bom amigo e camarada. Não tem livro publicado. Sendo casado não deseja opinar sobre os brotinhos e as balzaqueanas. É contra as Academias apesar de ter fundado uma delas. Gostaria de ver no Pará uma revista de cultura. Gosta de futebol e é fã do cinema francês. Não frequenta rodas literárias por mera preguiça. É partidária da Paz, sendo politicamente um democrata.

#### Soneto

Entre o rochedo e o mar és flor perdida.  
– olhos tristes cansados infinito.  
Tens nos seios um trágico conflito  
a mensagem da paz desconhecida.

Deste abismo onde estou, ouço o teu grito  
- maravilhosa voz enlouquecida.  
Porém o mar é forte na investida  
e me isola de ti, sobre o granito.

Na solidão és pássaro selvagem  
e, de asas a sangrar, na longa viagem  
morres – o último canto é teu alarme.

Mas a angústia maior é o meu suplício  
de ver que embora inútil o sacrifício,  
tu queres perecer para salvar-me.

#### Soneto na Madrugada

Sou o que vaga, pela madrugada

---

<sup>66</sup> Dez poetas paraenses. Seleção e notas de Ruy Guilherme Barata. **Folha do Norte**. Belém, 24 dez. 1950, Arte Suplemento Letras, p. 1.

- estrela da manhã, luz e nevoeiro.  
Tenho nos olhos de fonte secada  
toda a melancolia de janeiro.

Silêncio de luar, de água parada  
no meu lábio antes pássaro ligeiro.  
Que fizeram da rosa? Jaz coitada  
sobre o monte de estrume no canteiro.

Vontade de partir e estar presente.  
Ser outono no mar, flor e andorinha  
e me perder indefinidamente.

No divino existir: mas não resiste  
a alma louca que foge de ser minha  
maravilhosamente humana e triste.

### **Soneto**

Lírio seu - brancas pétalas macias  
mas não me colhas nunca doce amante.  
A beleza é tão pura e tão distante  
que se um dia a possuísse, perderias.

Fonte sou - gotas d'água alvadias  
derramo pelo campo florejante:  
se me bebesses ávido, num instante  
o meu corpo de pedra secarias.

Lírio - nas minhas mãos quebrado e morto.  
Fonte - não cantas mais, as flores todas  
Murcham agora no caminho torto.

Tudo na estrada triste hoje me espanta.  
As avezinhas voejam como doidas  
tenho o calor da sede na garganta.

### **Soneto**

Estrelas - solitárias companheiras  
de minhas noites de deslumbramento,  
onde, como um ligeiro pensamento  
deixo a terra por mágicas fronteiras.

Assim, livre e feliz, horas inteiras

de encantamento para encantamento,  
segue meu corpo pelas mãos do vento  
entre as vozes de mortas carpideiras.

Minha maravilhosa fantasia!  
A vida que sonhei e que não tenho,  
aos meus olhos se aclara como um dia.

Estrelas - testemunhas do profundo  
Pranto, que se derrama quando eu venho  
ébrio de luz - um Deus por sobre o mundo!

## **BENEDITO NUNES**

Benedito José Viana da Costa Nunes, 21 anos. Nasceu em Belém. Provisoriamente solteiro. O grande benefício que lhe trouxe a maioridade foi poder sacar livremente contra o Banco do Brasil. Não acredita que acabe tão cedo uma herança que recebeu. Procura esquecer aos domingos e feriados que trabalha num escritório de advocacia. Escreveu poesias até 1949, quando reconheceu a tempo que tinha batido em porta errada. A voz dos amigos e a de seu próprio coração diz que tem pendor para os estudos de filosofia. Deve essa inclinação ao excessivo medo de morrer e de ir para o inferno que o acompanhou durante toda a sua infância e ainda taludinho. Salvou-se de ficar a vida inteira agnóstico, lendo Pascal. Unamuno fez muito mais pela sua conversão do que todos os catecismos reunidos. Para falar a verdade não sabe em que se converteu... Deseja ser um bom católico: mas ainda não conseguiu devido à sua fé, que é intermitente. Sua mais recente paixão literária: *A Peste*, de Camus. Leitor assíduo de Kafka; Poetas de sua predileção: Rilke e Valéry. Se usasse chapéu, ao passar pela literatura brasileira atual, só o tiraria da cabeça uma vez para saudar a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Lembra-se que gostou de um romance nacional: *As Memórias de um Sargento de Milícias*. Às vezes sonha em ser regente de orquestra e ouvir durante uma eternidade Bach, Beethoven e Debussy. Quanto ao futuro cairá infalivelmente no magistério, sem falar na advocacia onde já se esborrachou. Em política: democrata, não é de guerra e quer a Paz.

### ***Estrela do Mar***

Estrela do mar  
Nunca vi nenhuma.  
Porém desejaria ofertar-te  
A Estrela do Mar.

Desejaria ofertar-te  
para que brilhasse

no teu vestido branco  
úmida e serena  
a Estrela do Mar.

Desde longos séculos  
embalada pelas águas.  
Penetrou raízes  
Em mares desconhecidos  
A Estrela do Mar.

Suas pontas finas  
indicaram caminhos.  
Iluminou a viagem dos náufragos  
Para o mais fundo das águas.

Estrela do Mar encontrarei um dia  
Talvez sobre a mesa tranquila.  
Brilhará no quarto escuro.  
Sim! eu queria te ofertar a Estrela do Mar.

Límpida no teu vestido branco.

### ***Salmo***

Quem sou eu que sem o menor chamado me levanto e Vos procuro  
enquanto todos dormem e mal sabem que perdidos.  
Que sou eu que de noite vai de espelho a espelho  
com receio de que a face se tenha transformado  
E toda a casa percorre como se fosse um estrangeiro.  
Mesmo se Vos encontrasse tornaria a buscar-Vos  
Então perguntaria por que num só momento não esgotastes todas as surpresas  
e retornaria à vigília com o meu corpo cheio de malícia  
- este corpo que os Vossos anjos sempre velam  
para que antes do tempo não volte à sua origem.

### ***Fuga***

Havia meus pés luminosos  
por sobre estátuas dançando  
a boca do profeta sem versículos  
e as asas do anjo sobre o tempo.  
Pedi o sinal da fuga  
e apareceram os teus cabelos em fogo  
Maria, Maria só tu me podes preservar de início  
Ligar-me-ei ao teu lado esquerdo para sempre.

Então tu te levantarás entre o Gênesis e o desejo contido.

### **Mar**

Estou compondo não o poema do mar  
porém o mar todo inteiro  
e a sua vida já se move nos meus olhos.  
Vede, companheiros, os rios escorrendo sobre mim  
e o meu corpo sem vontade de outra vida.  
Quem poderá agora enxugar essa umidade secular  
das minhas mãos que estão no fim?  
E que sol poderá secá-las?

### **CAUBY CRUZ**

Cauby Ernesto Cruz, 24 anos. Nasceu em Belém em 1926. Casado, tem três filhas. Católico apostólico romano. Machado de Assis e Marques Rebelo são, entre nós, os seus romancistas preferidos. Gosta de música e os seus compositores mais íntimos são: Bach, Beethoven e Debussy. Adora Cole Porter na música popular. Funcionário público e acadêmico de Direito. Já preferiu Murilo Mendes, hoje prefere Bandeira. Rimbaud, Camus e Kafka entre os estrangeiros. Não tem livro publicado e nem pretende publicar tão cedo. Não deseja maiores proximidades com Gide e Sartre.

### **Soneto da palavra esquecida**

Busco a palavra que serve neste verso  
não é amar, nem noite, nem esperança  
nem o que lembre mar ou rio perdido  
lago, luar ou solitária dor

É uma outra que me foge ainda  
E que sentado aqui neste momento  
Procuro em vão na noite adormecida  
Enquanto no céu corre a lua cheia

É uma palavra que encerra gestos  
interjeições de espanto e de surpresa  
mas que esqueci talvez há muito tempo

Significa desespero vão  
arrependimento de amar coisas partidas  
e ser poeta nesta noite plena

## **A um poeta**

De quando nos amamos e perdemos  
meu solitário irmão na vasta terra  
e viajamos perto das estrelas?

De quando é o nosso amor de quando  
o esquecimento e o abandono do nosso lar  
e alegrias que outrora nos tocavam?

Corremos juntos entre visões defuntas  
e de belezas mortas e intocáveis  
se alimentam os versos que escrevemos.

De quando é o nosso amor tão casto  
que quase em medo em mim trago encarnado  
e que revelo aqui medido e calmo  
após pesar palavras e detê-las?

## **O sonho**

Recorda o quarto à noite ensombreado  
onde a tomam o sono e visões mágicas.  
Ou então, certas manhãs da infância.  
Certos ruídos de outrora  
um perfume ou a lua que se escapava  
solitária e triste para o mar.  
Medita sobre um passo fugitivo  
na calçada escura e lamacenta.  
Subitamente treme. E seu corpo virgem  
mãos invisíveis correm e acariciam.

## **Hino a Helena**

Tua estranha beleza embriagou-me  
E perdido de amor pus-me a cantar:

Oh Helena! Oh Helena!  
Bela e pura como os anjos!  
Bela e pura como os anjos!

E enquanto em ouro e violeta a imensa tarde  
Caía sobre uma noite quente e perfumada  
Eu tomava a tua beleza!  
Eu tomava a tua beleza!

Tudo se abria então aos meus sentidos  
A vida, a morte, o bem, o mal.  
Minha voz purificou-se,  
aprendi o segredo do canto de leralel  
e cantei aos quatro ventos ao cair da noite

Oh Helena! Oh Helena!  
Bela e pura como os anjos!  
Bela e pura como os anjos!

## **FLORIANO JAIME**

Floriano Jayme Cardoso Rodrigues, 26 anos. Nasceu em Belém no ano de 1924. Solteiro, mas pretende casar o mais breve possível. Não é funcionário público e vive de rendimentos. Católico apostólico romano, ouvindo missa todos os domingos, menos nos feriados nacionais. Romancistas brasileiros de sua predileção: Graciliano Ramos e Zé Lins do Rego. Romancistas estrangeiros que mais lê: James Joyce, Dostoievsky, Tolstoi, Camus e Aldous Huxley. Gosta de música, sendo os seus compositores preferidos Bach, Mozart e Chopin. Não viaja de avião porque tem imenso respeito e zelo pelo seu coração. Prefere os brotinhos. Poetas brasileiros de que mais gosta: Murilo Mendes e Bandeira, entre os mais velhos, e Ledo Ivo, Ruy Guilherme Barata e Edson Regis, entre os mais novos. Entre os estrangeiros tem particular simpatia por T. S. Eliot, Rilke e Paul Eluard. É fervoroso adepto da Paz universal, sendo politicamente um socialista. Vai publicar um livro em Paris sob o nome: "Casa sem cortina"

### **Palavras a Lícia**

Que céu posso deixar vago  
sobre o campo semeado pelos teus gestos  
O verde-azul é o meu novo ensaio  
Onde germino antes de cair morto

Quem colherá a erva auscultando-me  
num reino de nuvens quebradas pelo vento  
que tortura o horizonte amado só por mim  
O trigal Licia rompe a orvalhada  
soante blasfemando na miragem

A violeta que filtrou os anjos  
Ressurge mais que nunca em melodia  
Cantando a perenidade do inconsútil  
As criaturas apenas sobressaltam a navegação  
Enquanto me desfaço das roupas de antigamente

A tua fonte Lícia me mostra o reino das palavras  
que me fazem conhecer o indizível  
Deixa agora Lícia que eu morra em acalanto  
e me deite sobre a precisão das porcelanas.

### **Poema**

Quem saberá descobrir a tua ronda  
nutrindo o dragão da glória  
que gerou a cor envenenada  
Através das histórias desta noite  
somente numa encontro o meu nome

Só por ti descanso as mãos no tempo  
retardando o instante da fuga em silêncio  
que mostrará a essência do sono  
transformando o que nunca abandonarei.

Beijo-te mas contemplo a bailarina  
correndo sobre o mármore quase morta  
pela lembrança do mundo inteiro  
A tua mutação vence o vôo das aves  
que se confundem na tua origem  
onde encontrarei o meu último desejo  
e a feição que não preciso proclamar

No solo em que houver plantações  
podes recolher os claros da manhã  
e a paisagem em contínua formação  
que te espreitam saboreando a memória.

### **Dez anos**

Há de repente a lembrança  
quando abro a antiga janela  
A calma que ainda me resta  
dorme no cotidiano

É a insistência do princípio  
A imagem sobrecarregada mostra o indefinido  
ante a paisagem azul-branco  
Os caminhos cheios de insônia  
todas as falhas dos sentidos  
converteram-se

Não há na morte desânimo  
A sensação geralmente cria uma linguagem  
o exercício o uso dominam o arcaísmo  
Todos os mortos provocam o sensível  
todos os mortos semi-nus  
bombardeiam à noite as direções  
todos os estalos são respondidos  
por misericórdia

Hoje é o dia da canção inacessível  
o menor ruído pode perturbar o silêncio  
o tempo morto pode abater-me

Ontem como morto de última classe  
eu abria a janela dentro do horário dos sinos

### **Morte**

A paz que me vem tirar desta elegia  
não é fonte de rochedos  
como o elevador nos transportando  
Amanhã contemplando os limites da Morte  
as palavras transformarão o meu canto

Já compreendo o azul do mistério  
como quem se abandona e se esconde  
na poesia que embala o reino que desejamos  
Por isso só quero da rosa o invólucro  
sem a ternura que não me pode libertar

O sono atormentando os sentidos  
Desconhece a face de Deus  
E do fantasma que muitas vezes abandonamos

A voz rolando sem eco  
acende o sol em desespero  
na Acusia do canto que vem de longe  
ao enigma de virgem a porta  
por onde seguirei me descobrindo

Falta calanto ao homem que dorme  
a margem do campo sem colheita  
faminto esperando as aves em voo  
sobre a multidão que já nasce malignas

## HAROLDO PAULO DE LIMA MARANHÃO

**Haroldo Paulo de Lima Maranhão**, 23 anos. Paraense de Belém. Solteiro, acredita no matrimônio, esperando em breve exercê-lo. Católico, em termos. Jornalista desde os 13 anos, acadêmico de Direito, presentemente engatinhando na advocacia. Fundou o Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE, dele estando afastado há mais de um ano. Entre os romancistas nacionais destaca Machado de Assis e Graciliano Ramos, preferindo não opinar sobre os estrangeiros, que pouco conhece. (Poderia enfileirar nomes, achando, porém, que isso seria pedante e desonesto). Gosta da música: Stan Kenton, Prokofieff, Debussy e Bach. Carlos Drummond de Andrade é o único poeta universal da literatura brasileira de todos os tempos. Não tem livro publicado, nem pretende fazê-lo, pois se considera um literato frustrado e aposentado. Alimenta antipatia declarada pela intolerância dos comunistas, do clero, dos militares e dos fascistas. Considera-se um homem amargo e introspectivo. Confessa que deixou de fumar há mês e meio, o que vive apregoando a todo mundo. Tem mais inimigos que amigos. Gosta de viajar de avião e é amador de ilusionismo e prestidigitação nas horas vagas. É brotófilo, discófilo e bibliófilo. Não é adepto da Paz apregoada por Moscou, nem da paz armada do capitalismo. Deseja a paz no duro, sem intenções ocultas e mistificações.

### ÁSPERA CANÇÃO

Existo  
Para tua beleza.  
Se ela não fosse  
para mim  
a imagem única  
há muito eu existiria noutra idade  
suicidado de mil modos  
nafragado noutra vida.

Não vês  
a paisagem dos meus nervos  
— pobres nervos destroçados e cadáveres?  
Não vês  
que hoje sou sombra perdida do que fui?

Por Deus  
termina de uma vez  
com essa morte parcelada em que me acabo,  
Recebe-me por fim em tua pupila  
salvando-me da queda.

Ou trucidá-me os braços, olhos, face  
E esta penosa dor por que te busco  
(1917)

## **ENLEVO**

Furtiva imagem  
arfante de aurora  
qual raio de lírio  
ou nervo de lua.

Pressinto: virás.

Meus sangues pejados  
são rios violentos.  
Meus dedos são ímpetos,  
Cruel o meu olho.  
Gelado e demente.

Pressinto: virás.

Desejos escusos  
rebentam memórias,  
Rolados destinos  
me furam os ouvidos  
e em noites potentes  
sucumbem cristais.

Pressinto: virás.

São sonhos gerados  
no visgo de atritos  
Pressinto.  
São cortes deléveis  
Impuros de frutos.  
São rastros no tempo,  
dos ventos titãs.  
São turvos impulsos.

Pressinto: virás.  
(1947)

## **DERRADEIRA ENDEIXA PARA EDELWEIS CAINDO**

Edelweis frágil e louca  
Despencando-se quase para a inapelável lágrima:  
— pensa nas que se foram para o nunca mais virá!  
Se quiseres, inclinarei meu ombro para te ajudar a voltar.  
Mas o meu medo, Edelwels, é que essa fuga te corrompa a memória  
e que seja tarde demais para regressar aos anjos e às rosas.  
Olho-te e penso nas que se foram para o nunca mais virá.  
Vejo-te arfante pela fúria não vivida  
inédita e suspensa ante a vertigem sem retorno  
Edelwels, por Deus, pensa nas que se foram para o nunca mais virá!  
Nas bocas que afinal se cansaram de outras bocas  
nas ternuras sem amor, nos abraços sem raízes.

Não te quero ver chorando a lágrima de fogo  
multiplicando os ecos da perdida aurora  
entre aquelas que se foram para o nunca mais virá.

(1947)

## **BREVE APELO**

Não falemos dos riscos e lágrimas  
de ontem  
Da lua que me inundou e te inundou  
quando não éramos,  
Dos caminhos que pisamos sós  
das canções que não cantamos juntos.  
Começemos  
como se mortos de súbito nascêssemos  
para a violenta emoção das descobertas.  
Dissipemos as palavras da infância  
e as truncadas visões dos anos mortos.

Nossa memória: a azul amanhecendo.

## **MÁRIO FAUSTINO**

**Mário Faustino dos Santos e Silva**, 20 anos. Nasceu no Piauí. Católico apostólico romano. Jornalista e acadêmico de Direito. Encontra-se presentemente em sua terra natal, em gozo de férias, razão por que deixamos aqui de registrar suas preferências artísticas. Seus amigos o consideram um belíssimo

companheiro, apesar de ser a favor do contra. Ao lado de Haroldo Maranhão e Benedito Nunes dirigiu a revista ENCONTRO, publicação de vida efêmera.

## **ELEGIA**

Ela existia misteriosa e oculta  
a esperança era seu encontro sua morte foi sua descoberta

sua vida o que a fazia misteriosa e oculta.

Devias tê-la apresentado como a encontrei:  
visão inesperada surpreendido contacto desconhecido perfume

um som estranho esquecido à beira do caminho  
tu a tomarias em mãos balbuciantes e chorarias  
era cruz mas tinha nos braços uma coroa de louros.

Esqueceste (ou não sabias) que ser artista é não contar  
e contando-as arrancaste suas pétalas uma a uma  
tens o número mas perdeste a beleza  
estás só de mãos vazias todo cheio de nada  
agarras pelas vestes a alma horrorizada.  
E enquanto o crepúsculo em desespero  
tenta a recompor a rosa assassinada  
a luz do poema desaba desmaiada.

## **POEMAS DO ANJO**

Em rosa pura e lírio  
o anjo está presente  
quisera em rosa pura  
ou lírio transformar-me

Por mais que sempre eu cante  
o anjo não me atende  
ouve talvez porém  
a voz do anjo é silêncio

Por que sempre buscá-lo  
se o anjo tocado  
Perde as asas e chora

O anjo não tem sombra  
o anjo nunca é visto

apenas pressentido.

Suave rumor de passos em viagem  
Vens como o vento acalentando as folhas  
Adormecendo a rosa à tua passagem

Donde esta paz o sono o sonho a sombra?  
Apenas leves dedos sobre os olhos  
somente a mão do anjo sobre o ombro.

### **PRIMEIRO MOTIVO DA ROSA**

Da rosa somente a pétala inconsútil  
Inamissível lembrança.

Onde o perfume a cor incompassiva?

A beleza é apenas a passagem divina  
Impiedosa e fugaz

### **SEGUNDO MOTIVO DA ROSA**

A rosa adormecida sonha e sonha  
Por que surgiu a rósea rosa sonhando, sonhando?

Veio para que o poema nascesse como suas pétalas sensíveis:

intocável e úmida de orvalho

veio para que ficasse a sonolenta imagem  
de qualquer coisa livre livre livre  
voluntariamente presa a um caule  
apenas para uma noite de sono.

### **MAURÍCIO RODRIGUES**

Maurício de Sousa Rodrigues, constando nos arquivos poéticos como Maurício Sousa Filho, 18 anos. Solteiro. Católico apostólico romano. No Brasil Machado de Assis e Clarice Lispector, seus romancistas preferidos. No estrangeira: Dickens, Emily Brontë e James Joyce. Estudante quase sempre. Beethoven, Debussy e Strawinsky o seu trio de compositores. Carlos Drummond de Andrade e Augusto Frederico Schmidt o maior dueto nacional. Entre os estrangeiros: Rimbaud, Verlaine e Poe. A Francisco Paulo Mendes deve o seu gosto pela poesia. Livrou-se de um pecado: a fundação de uma revista. Considera o cinema um alívio. Já

apreciou o futebol. Quando obrigado usa gravatas. Amou só uma vez na vida. Tem medo das almas de outro mundo. Politicamente ama a liberdade e o comodismo. Ama a paz e odeia os reacionários

## **POEMA**

O momento é de angústia e minha alma chora  
o momento é de tristeza  
e as rosas vacilam na madrugada.  
Nesta ausência de música  
nesta fuga de orvalho  
brotas misteriosamente  
rosa impressentida.  
Neste momento em que o apelo do mar é recusado  
neste momento de aurora inquieta  
surges feericamente  
rosa inefável de meus olhos.  
E nesta hora em que tudo parece morrer para o mundo  
nesta hora em que a poesia anda errante e desabrigada  
tu me envolves rosa eterna  
e me embriagas com tua música.

## **ANSIA**

Embalde o canto se permaneço longe  
embalde o mar se o vento do acaso  
me leva para a região do nunca.  
Que fazer no momento grave  
se cresce a flor profunda na escuridão da noite.  
Como voltar ao antigo  
se o pássaro se confundiu com o anjo no seu ritmo de asa?  
Captar a pureza perdida na fonte  
e retornar com ânsia das ondas do mar.  
Esse desejo do antigo  
essa música violenta e desesperada  
desmanchando a aurora em sono perdido.  
Como de novo amor  
se és inatingível e ausente?

## **MÚSICA IMPRESENTIDA**

E a música veio na nuvem  
e a nuvem rolou subitamente em meus olhos  
despertando estranha flor do entardecer.

E a música veio na cavalgada branca de poemas  
acordando o sonho tombado no perfume.  
A música despertará lembranças risos amarguras  
e só a ausente se prolongará  
no silêncio frio e na mansão distante  
onde dançam as bailarinas do crepúsculo.

### **ELEGIA**

Põe  
em teu canto este perfume  
e vem na manhã nevoenta  
despertando lírios adormecidos.  
Te veste com a espuma da onda  
e traz antigos sons molhados de tristeza.  
Vem na manhã anunciando a aurora.  
Vem fria e translúcida  
como mensagem do mar

### **CANÇÃO**

Flor de outono,  
lua de inverno,  
sou marítimo  
de perdido remo,  
imaginário mar  
de praia triste,  
navio de aurora  
perdido em bruma,  
Esta saudade  
vivendo em mim.

Pranto de rosa,  
canção da morte,  
jardim noturno,  
violento mar,  
esta saudade,  
frágil tristeza  
vivendo em mim

### **MAX DA ROCHA MARTINS**

**Max da Rocha Martins**, 24 anos. Nasceu em Belém. Casado, tem uma filha, Maria da Graça. Católico apostólico romano. Marques Rebelo, Graciliano Ramos e

Ciro dos Anjos são, entre nós, os romancistas preferidos. Entre os estrangeiros, gosta de Proust e Gide. Bach, Mozart e Chopin são os seus compositores. Comerciante. Carlos Drummond de Andrade, o absoluto entre os mais velhos. Ruy Guilherme Barata, Paulo Plínio Abreu e Ledo Ivo entre os mais novos. Gosta muito de Rilke e Fernando Pessoa. Politicamente é socialista. Acredita na paz e acha um crime a bomba atômica. Seu primeiro ato poético foi ter sido preso aos 12 anos, como apedrejador de mangueiras. Trocou certa vez, em Abaetetuba, o livro do “Imortal” Corrêa Pinto, por uma calça de tropical. Tem um livro a publicar: “O Estranho”.

## **POR QUE?**

De onde vem este sangue  
Que não é vermelho é róseo?

Esta sede de não parar em parte alguma  
Ter todos os portos nas mãos?

De onde vem este sangue?  
De Vila Real?  
De Fortaleza?  
Do Porto?

Percorrerei todos os arquivos  
Desejo saber por que só quero roupas brancas  
Gravatas berrantes

Por que minhas olheiras refletem mulheres nuas?  
Por que amo amo amo?  
Por que sou Max da Rocha Martins  
E não Fernando de tal?

Por que?

Por que José?  
Por que Maria?  
Por que Laís?  
Por que te calas Eurico?

## **A VARANDA**

O café que unge a xícara  
O leite que derramas na xícara  
O riso que tens, de cabelos molhados

A água fria que espanta a noite  
E a angústia das noites  
O sol que bate na verde janela  
E o vento que sacode a cortina bordada.

O jornal que noticia desastres  
Em branda varanda  
Desde o relógio domina  
A chaminé que respira  
Cr\$1000.00 em flor  
O leite o beijo a rosa  
a rosa que batiza a toalha

## **POEMA**

Neste momento está me faltando uma palavra mágica  
Que não encontro nos dicionários  
Nem em meu pai morto há dois anos  
Nem no amor  
Uma palavra mágica só  
Uma só

22 anos e o mesmo sol  
O mesmo café todas as manhãs  
O mesmo beijo todas as noites  
As mesmas crises o mesmo dinheiro  
As mesmas cadeias

Uma palavra só que não liberdade nem morte nem vida

Está me faltando uma coisa neste momento  
Que eu não sei e jamais alguém saberá

## **O FILHO**

Grande "Record"  
Volteando teu corpo 21 anos  
Hoje a vida repousa nos teus seios  
Onde bebo vinho

O vinho se transforma em tangos e bailados  
Escorrendo no teu ventre  
Nosso filho surgirá pedindo paz  
Paz para que laves os teus vestidos

Se me perguntares como será o nosso filho  
Está aí uma coisa de que vou me admirar

É preciso que também te embriagues  
E saias comigo por esses caminhos suando  
Como quem quer o mundo para si  
Tomemos o vinho e o solo dos caminhos  
Até que surja o nosso filho pedindo paz

### **POEMA SEM NORTE**

É sempre quando se fecha a porta que desejo voltar  
E a saudade já é este hoje que desprezo  
Ante o beijo brotando da memória  
Frio, mas vivo.

Caminho sem horizontes  
Ao passado infalível.

Nunca prosseguir. Venho apenas.  
Ferindo troncos, plantando marcos.  
Ser como o mar, voltando sempre  
Sempre na praia

### **PAULO PLÍNIO ABREU**

**Paulo Plínio Baker Abreu**, 29 anos. Nasceu em Belém. Casado, tem uma filha. Católico apostólico romano, embora sinta uma leve herança protestante. Bibliotecário do Instituto Agrônomo do Norte. Seus autores preferidos são Gide, Joyce e Mauriac. Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira são os dois poetas nacionais. Entre os estrangeiros Rilke, Baudelaire e Valéry. Seu compositor predileto: Bach. Não tem livro publicado, pretendendo editar a tradução das “Elegias” de Rilke. Traduziu “A porta estreita” de Gide, ainda à procura de editor. Traduz presentemente os “Cadernos de Malte Laurids Bridge”, em colaboração com Peter Paul Hilbert. Literariamente deve muito a Francisco Paulo Mendes, seu amigo. O único poeta paraense que admira é Ruy Guilherme Barata. A blague não é seu forte. Gostaria de ser um editor. Partidário da Paz.

### **ODE À MINHA ALEGRIA**

De ti que poderei fazer se me dominas  
como a viagem ao viajante  
e os ventos do mar aos pássaros que voam?

De um território vens, profundo e largo  
em ti caminham vozes  
que outras vozes acordam, em ti caminham dores  
há muito apaziguadas.  
Em ti passam corceis de fogo  
que sobre a pele deixam a marca da distância,  
em ti flutuam sonhos.  
De onde vens, para onde vais quando me tocas com a ponta dos teus dedos?

### **O POLICHINELO**

O seu segredo era como o dos outros.  
Seus olhos eram de vidro azul  
e na boca vermelha  
o riso da ironia.  
O humor profundo, amargo e doloroso  
vinha da sua boca:  
o riso da sabedoria  
e do desespero  
gritava da sua boca aberta em sangue.  
O riso do polichinelo  
vinha do coração ausente, era uma advertência.  
Era apenas o riso  
e falava de um mundo  
maior que sua alma

### **CANÇÃO DA MATURIDADE**

Imagem que me acompanhas  
Na cidade obscura  
Onde caminho e vivo,  
és um fragmento  
fora do tempo, no coração  
A mão que me estendes  
De repente em meu sono,  
a voz com que me falas  
no silêncio puro  
é como um carinho  
que não conheci.  
Teu olhar me toca  
no teu ser me encontro  
tal como nasci.  
És a imagem viva  
do amor que tarda,  
És a chama que arde

e na qual concentro  
tudo o que perdi

### **BREVE ELEGIA**

És a metamorfose e o retorno ao canto.  
Contigo irei anjo verde dos caminhos  
e molharemos os pés na água fria do asfalto.  
Caminharemos à luz das tuas estrelas  
como se perdidos estivéssemos.  
Lavaremos no fim da viagem o rosto e olharemos a lua  
e de repente sentiremos nascer em nós a estranha terra que sonhamos.

Não encontraremos mais na pele escura as tatuagens  
que marcavam o caminho da volta e a rota perdida.  
Olharemos em vão os olhos dos que fogem  
e para ver os monstros dos eternos circos que chegarem  
Carregaremos nas costas os nossos filhos.

### **ELEGIA DO ANJO DESAPARECIDO**

O grande anjo azul das noites tenebrosas  
Como poderei esquecer-te se tu eras numa só pessoa as sete maravilhas?

Por que país estanho te perdeste  
ou por que mares estranhos naufragaste, se conhecias todos os caminhos?  
Hoje onde estará a luz que iluminou singularmente as noites longas  
sem sono e sem brinquedos em que te conheci?  
Por onde se apagou a luz singular de teus olhos de prata  
e tua presença no silêncio?  
Que anunciavas ao mundo quando pressenti tua existência  
como um cometa misterioso anunciador de inéditos acontecimentos?  
Creio que estarás perdido num país qualquer como simples viajante  
ou num quarto de hotel onde se enxerga a lua que se perde no mar.  
Creio que te perdeste no próprio mar como as estrelas  
ou te deixaste levar para o desconhecido.  
Hoje em vão te buscaremos na música do tocador de concórdias  
à sombra das igrejas  
ou nas mágicas de um saltimbanco o mistério da vida.

### **RUY GUILHERME BARATA**

**Ruy Guilherme Paranatinga Barata**, 30 anos. Nasceu em Santarém, mas se mata de amores por Óbidos, cidade onde viveu sua infância. Casado, tem quatro

filhos. Católico, graças a Deus e a Leon Bloy. Deputado estadual para desespero dos reacionários que diz não serem poucos. Mauriac é seu autor preferido. A Baudelaire e ao seu amigo Francisco Paulo Mendes atribui a sua incurável doença pela poesia. Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira iniciam a poesia brasileira. Quando os filhos deixam, gosta de ouvir Bach, Mozart, Debussy, Strawinsky e Prokofiev. Adora os sambas de Noel Rosa e acredita que um bom romance policial diminui consideravelmente as chatices da vida. Faz questão de declarar que é fã de futebol e torcedor do Paissandu. Entre os poetas novos admira Paulo Plínio Abreu. Se fosse rico compraria possante lancha-automóvel e nunca mais telefonaria. Politicamente é democrata ainda que os fariseus insistam em chamá-lo de comunista. É declaradamente contra a Guerra e confessa que muito lastimou não ter podido comparecer ao Congresso Pró-Paz realizado em Varsóvia para o qual foi convidado. É fichado na Polícia como elemento subversivo, do que muito se orgulha.

### **BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMANHECER**

Escancarar as pálpebras e espelhos,  
recompor a visão, nascer de novo,  
trazer a mesma face vacilante  
da mesma antiga noite insatisfeita,  
bem quisera não mais sentir agora  
a solidão e o peso dessas horas,  
de amargo tédio para sempre cheias.

Que romance lerei hoje.  
que poeta me terá,  
em que vidas viverei,  
em que mar navegará  
este anelo que é tão vago  
e a saudade que mais vaga,  
de não sei coisas de outrora,  
de não sei amor de quem?

As cartas de minha mãe ditam remédios,  
a voz de meu avô é grave e funda,  
onde andais amigos meus, vinde depressa,  
companheiros correi, já se faz tarde,  
o adulto entre nós cavou distâncias,  
só o retrato nos prega à eternidade.

Amanhecer, suar, beber, ângelus,  
viver a vida que não desejei,  
vacilante ficar ante a legenda,  
bater à porta, não achar ninguém,

é indecisa saudade diz quem buscas  
que quero amar perdidamente alguém.

Alguém que seja infanta ou passarinho,  
mulher, criança, cão ou realejo,  
que fale, cante ou ladre de mansinho,  
e seja calmo, que bem calmo seja,  
que me dane, me mate ou me proteja  
da vida que jurei, desta saudade  
que não cansa, não cala e desespera  
não dizendo a quem quer e a quem deseja.

Quero entregar-me todo, dar-me inteiro,  
ao amor que em mim vive intranquilo  
em busca de seu nome verdadeiro.  
Mas que seja do amor o encantamento,  
sereno como a brisa do mar alto,  
feroz como do mar o alto vento.

Se for mulher, saibam todos,  
que o nome não importará  
que seja hermosa ou formosa  
rosa ou flor de manacá  
Meu Deus não a quero bela  
nem sincera, nem singela,  
mas que eu tenha ao menos ela  
e ela venha me salvar  
dizendo para a saudade:  
Indecisa, já vais tarde,  
o que eu quero é rosetar.

Que seja Lena ou Maria  
De Montmartre ou do Japão  
Maura flor do meretrício,  
Toresa de Alter-do-Chão.  
Floripes de Passa-Quatro,  
Florismunda de Belém,  
Belle or Susy of Alabama,  
Escrotildes de Alcabaça,  
Moema de Santarém.

Mas como doi pensar que esta saudade  
Jamais satisfará os seus desejos  
Nesta manhã de Abril, de azul tão casto,  
Em que se abrem pálpebras e espelhos.

## LINHA IMAGINÁRIA<sup>67</sup>

Vida suplementar,  
tão próxima de nós,  
tão evidente  
nas dobras deste enigma sereno.  
Um pensamento só – voltar à infância  
Um desejo qualquer – basta a esperança  
e refloresces em dádivas e gestos.  
Este braço de mar é teu – podes guardá-lo  
esta paz, este azul, este piano.  
esta nesga de céu que o vento espalha.  
Tudo tão próximo de nós.  
tão ligado ao teu cotidiano,  
no teu suor diurno,  
às tuas vigílias.  
Às tuas palavras que emprestas  
uma outra significação.  
Só agora percebes a tua absurda neutralidade diante deste fim de tarde.  
Deste sino que é a tua primeira e única memória musical,  
desta noite caindo leve sobre a tua cidade.  
Só agora buscas o espelho que procuravas evitar  
só agora tentas restabelecer os elos que ainda justificam tua mísera existência  
reconstituir todas os fatos – mesmo os não evidentes  
o Fiat,  
a Paixão,  
os elementos,  
o riso do amigo mais amado.  
Só agora te permites a liberdade deste gesto fraterno,  
só agora ousas confessar a saudade que há tanto tempo agasalhaste na [sombra,  
de ti mesmo,  
dos teus brinquedos favoritos,  
da mansa voz de teu primeiro amor.  
Só agora te banhas desta aurora,  
tão próxima de nós,  
tão evidente,  
nas dobras deste enigma sereno.

## 27 ANOS QUASE 28

A silenciosa espera, a valsa, o ramalhete,

---

<sup>67</sup> Esse poema de Ruy Barata foi modificado, tanto na estrutura quanto no conteúdo, na passagem do jornal para o livro, intitulado *Linha imaginária*. O “nós” de todos os versos é substituído por “ti” e alguns versos longos são desdobrados em dois.

o jeito de sofrer, a fronte larga,  
o coração fiel e inviolável.

Forte sou inda que seja fraco,  
entre as angústias reino soberano,  
o drama situou-me entre vigílias  
e o poema devassa mais que o aniversário.

Se sou é para a tirania da beleza  
a poesia em mim cortou-me as pernas  
asas não tenho e bem queria tê-las  
O Fauno adormecido vive ainda  
e o Corvo lhe segreda: nunca mais.

Poemas e orações guardo em segredo  
Palavras de doer guardo também  
Uma delas é Ruy outra Guilherme  
Maninha valsa outrora devaneio  
Heloísa já foi e não é mais

O amigo fiel se chama Chico.  
O amigo infiel onde andará?  
Mais se que je veux voir dans ce matin  
c'est le marin sans bateau, le pauvre Lelian  
o poeta que amei e ainda amo  
o tandre voix du Quartier Latin  
Geograficamente o azul é a minha pátria  
politicamente o amor é o meu governo  
e o sobrenatural a minha vocação  
E este jeito de amar que é meu escudo  
A timidez de amar, embora ame  
e este riso feroz que é meu demônio.

Porém forte sou ainda que seja fraco  
Não passei junto a ti sem lágrimas na face?  
Não tomei tuas mãos sem comoção alguma?  
Mas nunca foi tão forte como agora  
quando disse ao poema: vai-te embora.

### **CANÇÃO PARA MARIA DIVA**

Sopra leve vento leve  
na noite que vai cair  
no consolo a flor desmaia  
nos meus dedos sinto frio

será o vento?  
será a morte  
que me embala no seu rio?

Minha mãe reparte a ceia  
meu pai ainda não chegou  
deitado no quarto escuro  
chamo por Nossa Senhora  
que de leve abriu a porta  
de mansinho se chegou  
aqueceu-me no seu manto  
me acalmou, me penteou...

Sopra leve vento leve  
já dormindo me deixou.

### **ODE A FANNY BRAWNE**

“Let, let the amorous burn.” (deixe deixe a chama amorosa)  
KEATS

Mortos e suicidas ainda vivem em tua beleza!  
Cantaste no silêncio do profeta  
E desdobras o poeta do futuro.  
Deuses exilados buscam-te na noite antiga  
Em que desnuda estavas.

Tua beleza é uma beleza de caule: esbelta e vegetal.

Arranco-te ao baile infantil para as núpcias da Esfinge com o Boi Ápis

resgato-te ao piano de velhas valsa e sonatas,  
à janela solitária onde amassas o amargo pó do tédio  
para o grito triunfal da poesia não catalogada.

Tua beleza é uma beleza de terra em crescimento: ressonante e terrível.

Beleza de epopeia,  
de fruto ácido e selvagem,  
solitária e feroz como loba encarcerada.

Nasces para lenda.  
Vives para o fim do mundo  
desperta sob o céu da madrugada

quando as estrelas tombam sobre o mar.

Diante de ti  
quem resistirá nas catacumbas da forma?  
Quem silenciará  
a voz que canta sem querer cantar?

A tua sombra ó rainha  
habita um povo antigo  
que faminto devora os restos do banquete que lhe atiras

para o vômito cruel de uma angústia barroca.  
É a legião de bandidos e santos  
que cegos pelo amor te seguem puros  
pelos arcos do céu que tu mesma traçaste.

Teu poeta ao morrer te chama dear  
O vento que passou dizia Fanny  
e eu te chamo de amada e salvo-me da morte.

## **ODE**

Os dedos contam as ondas  
os minutos talvez,  
jamais o anelo,  
Podes tocar de leve a musina calva,  
a barba,  
os bens,  
todos os sonhos,  
mas escravos do real só te aceitamos  
em tua farde de pelos, sangue e ossos.  
Quando recreará a trança libertária,  
o horizonte do mito,  
o Deus negado,  
a tela do perene e do intocável?  
Quando libertarás a página e o relógio  
o ser distante que revel condenas  
às arestas da ruge e aos frutos sazonados?  
Quando  
do olhar em diagonal ao espelho e à morte,  
farás ruir ao peso do teu gládio  
e ao sulco de teu grito.  
as teias de não ser,  
as cadeias da aurora,  
as portas do visível e do invisível?

Ó jamais seremos sós perante a Fonte,  
jamais seremos um e a ti mostramos  
o sorriso de clown que se reparte  
em contorções de esperma, tédio e ódio.  
Jamais conservaremos o perfume e a liturgia  
E a taça que se esvai não justifica  
O teu desabrochar em cálice e corola.  
Não ser embora seja no retrato  
não ter para ao flagelo condenar-se,  
não sentir este anseio de céu por que beleza  
e memória de ausências povoada.  
Estamos sós, bem sei, e como é noite,  
O indizível zomba do arbitrário  
E a poesia morde o que não é.  
Quem te susteve o braço suicida:  
A ode ou catecismo?  
Quem te juntou à sorte deste povo:  
O sonho ou a promissória?  
Quem te faz espalmar a mão como inocente  
E a cabeça baixar como culpado?  
Ó tempo.  
Ó dimensão do exílio e da orfandade,  
e se não digo eterno, quase eterno,  
deixai toda esperança “vole’h entratto”

## **ARTE POÉTICA**

Ah o ofício, as contorções da espera – entre a noite e a madrugada

O litúrgico olhar abre cortinas.  
O anjo adormeceu, dança arbitrária  
a minha barba de duzentos anos.  
Quem poderá restituir-me intacto ao mistério.  
com o perfume de rosa não tocada?

Quem senão tu cântaro e fonte,  
Abrigo, terra e pátria onde se esconde  
a negra cicatriz que o peito ostenta.

Eis por que espero – entre a noite e a madrugada  
para que salves ou lances no infortúnio  
o litúrgico olhar que em nova busca  
apodrece sob um sol de desespero.

## 8.4 Dez Poetas Paraenses<sup>68</sup>

14 de janeiro de 1951

Acrísio de Alencar

Recebemos de Bragança o seguinte artigo do Sr. Acrísio de Alencar, que representa uma resposta a um outro por nós, divulgado, a 31 de dezembro último, de autoria do Sr. João Afonso, um escritor que esteve de passagem por Belém, e no qual eram tecidos comentários em torno da nossa pequena antologia de dez poetas paraenses:

Permita o grande suplemento literário de nossa terra que um jovem do interior venha sumariar suas impressões acerca de um assunto muito palpitante, suscitado na edição de 31 de dezembro por um viajante ilustre, a quem, parece, melhor agradou o nome suposto para o patrocínio de suas opiniões.

Animou-nos a esse impulso um fato apenas: a constatação de certas conclusões defeituosas, truncadas e ambiciosas mesmo, do Sr. João Afonso, tudo indica ser um homem perigosamente inteligente, tornando-se-lhe bastante fácil justificar e prestigiar com sagacidade todos os pontos de vista que um **dilema comportar**, o que, sendo um mérito no virtuosismo da dialética e no malabarismo mental, representa um mérito grave na tarefa crítica a que se propôs.

Julgar é discernir, decompor, comparar, deter-se escrupulosamente no objeto visado e não apreciar, “**à vol d’oiseau**”, com uma pressa quase nervosa, as características, a vocação e o teor poético de dez individualidades as mais variadas e sutis. Um movimento preguiçoso do olhar por sobre uma paisagem de poemas, como o próprio autor confessa, é uma revelação desprimorosa para quem se dispõe ao ato austero de julgar.

A impressão primeira que se colhe da experiência do Sr. João Afonso é de incapacidade, alegria ou deliberada prevenção face à poesia mágica e densa do Sr. Floriano Jayme. A contextura hermética da obra do jovem poeta não pode ser devassada pelo crítico, em toda a sua extensão e em toda a sua pureza. O seu olhar não ultrapassou o revestimento verbal dos poemas. Provavelmente porque deve ser o Sr. João Afonso um homem cuja idade biológica abeira os 50 anos, muito distanciado já dos 20, do que lhe decorre uma receptividade penosa aos fenômenos da geração posterior a sua. Queremos acentuar que possivelmente a sua antena de captação não apreende senão os fenômenos, que estejam mais ligados às suas ideias calcificadas e aos seus comportamentos estandardizados e já mecânicos. Não quer isso dizer que seja o Sr. João Afonso um homem velho, no sentido, digamos, de achar-se inteiramente fossilizado, mas está fora de dúvida que se encontra precisamente no meio termo.

---

<sup>68</sup> Alencar, Acrísio. (Pseudônimo de Haroldo Maranhão). Dez poetas paraenses. **Folha do Norte**. Belém, 14 jan.1951, Arte Suplemento Letras, p. 1-2.

Ora, em certo sentido o hermetismo poético cria uma atmosfera interior igual à da música, queremos dizer, realiza sensações raras no espírito do leitor ou do ouvinte, sem impor a necessidade de especularmos o conceito, a ordem lógica. Ela nos inunda, beneficia e encanta, simplesmente, magicamente, sem a necessidade subalterna e impura de formular perguntas, difíceis ou fáceis, equacionáveis ou não. A dificuldade material de que fala o Sr. João Afonso trai a sua falta de preparo para a aventura excitante no território do hermetismo. Essa falta de preparo não significa, está visto, nenhuma restrição a sua cultura literária, que ele demonstra ser tão bem erigido, mas uma impossibilidade orgânica de apreender as incursões cruciais do Sr. Floriano Jayme no mistério poético. Para mais ressaltar sua verdadeira impenetrabilidade ao conteúdo ilógico dessa poesia, basta a transcrição de um trecho:

“As palavras  
são tão surpreendentes como  
se em plena zona equatorial,

calasse uma chuva de gelo”. Dentro do hermetismo não é surpresa a eclosão súbita de uma palavra feroz como se fosse um golpe, baque ou corisco no ar. A repercussão interna, às vezes, dessa palavra solitária no poema, que ao Sr. João Afonso parece descabida e intolerável, é que vai gerar climas, sugerir e clarear imagens, deflagrando a nota mais íntima e mais rara. Depois, saiba o ilustre peregrino que o critério lógico não se aplica ao entendimento da poesia, melhor diremos, à sua apreensão. O poema não comporta uma exegese fria, no sentido de pretender-se equipará-lo à ordem meramente episódica do cotidiano. Em face do poema, consumimo-nos em reações subjetivas, incorporando-o ou não às nossas experiências mais íntimas. Nunca lhe propomos questionários, indagações de natureza puramente lógica, como a pretender emprestar um significado gramatical ao vocabulário e à estrutura do poema.

Achamos que a presença do Sr. Floriano Jayme, na antologia do Suplemento da *Folha do Norte*, é de certo modo a mais considerável, excluídos dois ou três poetas mais próximos da realização integral e consumada. A sua poesia asfixia-nos, às vezes, ao peso da atmosfera trágica que transmite, deixando-nos em pânico, ásperas e abandonadas. Projetamos uma força telúrica que não conhecemos, no Brasil, senão em Murilo Mendes. Uma força titânica que conduz desespero e medo. E quando por ventura raiam uma esperança, um pouco de ar ou luz, vem a ideia invariavelmente ligada a uma alusão malvada e opressiva:

“Ontem como morto de última classe  
eu abria a janela dentro do horário dos sinos..”

É justamente a palpitação de um mundo transfigurado que lateja nos poemas do Sr. Floriano Jayme, os caminhos múltiplos que sugerem, as longas raízes que se espraiam por sob a sua palavra seca, justa e esquemática - que convidaria um crítico menos ligeiro a um melhor exame. O ritmo poético do Sr. Floriano Jayme ao primeiro contato indesejável, é rico em compassos – poderemos dizer – atonalísticos. Na música há mais dissonâncias que consonâncias e em seu desespero pelas notações gráficas não é difícil descobrir

uma linguagem desejosa de eliminar pausas e barreiras para uma comunicação mais incisiva e instantânea. Poucos poetas no Pará (mais dois ou três, talvez) poderia fornecer, como o Sr. Floriano Jayme, elementos melhores para um estudo sério, elementos formais e substanciais.

Isso relativamente apenas ao Sr. Floriano Jayme. Quanto aos demais, não obstante serem quase todos menos consideráveis que aquele, mereceram do Sr. João Afonso referências quase telegráficas, notando-se no autor a preocupação da blague e do paradoxo aos quais faz concessões em prejuízo da justeza e da seriedade que devem resguardar o julgamento honesto.

Em princípio, como já esclareci, condeno a maneira sumária, discricionária e arbitrária com que o viajante apressado encarou os nossos dez poetas. A inconstância da crítica é notória. Peca sobretudo pela unilateralidade das apreciações. É verdade, que o seu virtuosismo verbal mistifica certas omissões e mesmo leviandade do ato crítico. Lembro, por exemplo, as poucas palavras acerca do Sr. Alonso Rocha, a quem o Sr. João Afonso atribui o preconceito da perfeição parnasiana da forma, pela razão de seus versos se ajustarem, ao metro decassílabo, supondo-lhes ainda o poeta a disciplinada rima consoante. Aconselha-o por isso, a “abrir as comportas” de seus “lindos metros”. O Sr. João Afonso acha-se atrasado no tempo. Essa prevenção feroz contra o verso medido e rimado teve razão de ser quando, justamente no fim do período parnasiano a que alude, essa prática assumiu aspectos grotescos, de tal modo que a arquitetura do poema absorvia e polarizava o exclusivo ideal do trabalho de composição do artista. O poeta arrumava as palavras, dispunha-as geometricamente: o que pudessem exprimir, pouco importava. Contra esse atrofiamento se opôs um movimento de recuperação da substância ontológica do mundo irreal, através preliminarmente, da liberalidade formal, de tal sorte que cada poeta substituiu o seu metro. Ultimamente, porém, numa conformação de que a história literária se processa entre fluxos e refluxos tem sido reaproveitadas todas as medidas clássicas sem comprometer os elementos substanciais que podem ocorrer, não constante, a sua pureza interior. Na França, onde um poeta modernista, como Aragon, nunca abandonou a rima e o metro, poetas jovens, já adotam formas tradicionais, dentro das quais situam o sentido pessoal de sua comunicação poética. No Brasil, ainda há pouco o Sr. Lêdo Ivo publicou uma coletânea de sonetos equilibradíssimos, rimados e medidos, absolutamente novos, cuja densidade abstrata não foi perturbada pela técnica. O próprio Sr. Carlos Drummond de Andrade, que um dia dissera “que não rimaria a palavra sono com a incorrespondente palavra outono”, e de quem nunca se esperariam sonetos, já os compôs, dentro daquela sua conhecida sobriedade mineira.

Registra-se desse modo, uma tendência acentuada para o retorno à métrica, pelo qual responde no Pará, como uma voz solitária o Sr. Alonso Rocha. A respeito desse poeta, o que o Sr. João Afonso supôs que fosse velho, é precisamente oposto: atual. Daí porque parece todo o seu jeito magistral de indicar rumos ao Sr. Alonso Rocha de um modo assim negligente, quando o caminho certo é o do poeta e não o seu.

Achamos bastante curiosa a observação do Sr. João Afonso a respeito do Sr. Caubi Cruz, observação que é um verdadeiro flagrante da superficialidade e “habilidade” do crítico. Diz ele que “persiste no Sr. Caubi Cruz uma indecisão que transparece na escolha cautelosa das palavras, como se o poeta ficasse tomado pela timidez no momento em que vai escolher.

A primeira vista diz-se-á tratar-se de uma observação agudíssima, profundíssima e inteligentíssima. Não é não. Vamos revelar de que maneira engenhosa o crítico mostrou essa “mise-en-scène” toda. Num de seus poemas diz o Sr. Caubi Cruz:

De quando é o nosso amor tão casto  
que quase em medo em mim trago encerrado  
e que revelo aqui medido e calmo  
após pesar palavras e detê-las?

A indecisão, a escolha dos vocábulos, a prudência, confessa o poeta que se refere à revelação de um amor casto nutrido em silêncio por outro poeta, a que, a um profano poderia parecer desnaturado.

O crítico vê nesses elementos (timidez, a indecisão na escolha dos vocábulos, a prudência, confessa o poeta que se refere à revelação de um amor casto nutrido em silêncio por outro poeta, a que, a um profano poderia parecer desnaturado.

O crítico vê nesses elementos (timidez na escolha das palavras, cautela, etc.) um ponto de referência para uma observação que pudesse parecer a síntese admirável da poesia toda do Sr. Caubi Cruz, mas na verdade não conseguiu senão arranjar e compor um artifício sem nome, uma mistificação. Mistificação que melhor ressalta nas ligeiras linhas em torno do Sr. Maurício Rodrigues, em quem entrevê a próxima conquista de uma linguagem poética própria, o que é inexato e falso, tão incharacterística e caótica é a expressão formal do poeta, ainda atingido frontalmente por interferências estranhas, o que é natural, dada a sua pouca idade.

Focalizando o Sr. Benedito Nunes, de quem tudo o que afirma é inverídico e cáustico, diz o Sr. João Afonso, aludindo a um poeta seu, que o poeta “reuniu o material para um poema e não fez o poema”

A respeito de sua crítica poderemos dizer o mesmo: reuniu algum material, colheu algumas poucas notas e não realizou o estudo crítico. Exatamente porque pensou em suprir a visão apressada e panorâmica com a sua argúcia e a sua capacidade quase diabólica da improvisação.

## 8.5 Ainda sobre dez poetas paraenses<sup>69</sup>

14 de janeiro de 1951

Não nos causa admiração o simples fato de sermos criticados. A crítica quando é feita como honestidade só pode corrigir os nossos defeitos. E por isto nunca desprezamos as aceitáveis sugestões que ela sempre nos oferece. Porém sabemos que, às vezes, certas críticas são fabricadas apenas para produzir simples pilhéria ou causar impressão naqueles que não escondem as preferências de suas descobertas.

Compreendemos portanto que a beleza de toda obra do espírito, nunca poderá ser totalmente alcançada por meros aventureiros, e que os rumos da nova poesia não são aqueles mencionados pelo articulista de domingo.

Queremos crer que na sua opinião a poesia só pode ter valor e merecer crédito se contiver as mesmas preocupações do modernismo agonizante. Como se vê, quando declara que certos versos têm apenas um valor circunstancial, não deseja acreditar, porque seus métodos se movem num horizonte muito estreito, que as tendências do atual movimento literário procuram fugir da realidade comum. As sugestões que se podem aplicar no movimento que se vem processando pelos novos são muito diferentes daqueles que reviveriam as visões mortas do modernismo de 1922. Clara está, neste momento, a razão dos pontos de vista que os novos empregam nos poemas, sempre abandonando as palavras e os versos brilhantes tão prejudiciais em toda e qualquer expressão artística. O que se observa nas suas notas é que os recursos estilísticos lhe são escassos. Nas suas indiscretas e injustificadas tendências a originalidade do poeta não transfigura o lugar comum das palavras usadas.

As notas do Sr. João Afonso revelam um autêntico admirador e assíduo leitor de dois poetas do Rio, pouco conhecidos entre nós, e que perfeitamente podem juntar-se a dois outros paraenses – um poeta e uma poetisa - , talvez mais lidos e apreciados pelos leitores da sua estirpe. Esses quatro poetas, cujos livros publicados me foram dados a conhecer na biblioteca dum amigo, se fosses aqui citados, identificar-se-iam certamente com a personalidade crítica e talvez poética do autor daquelas notas.

Lendo as observações feitas, reconhecemos que os seus conhecimentos se formaram em caminho que nunca o levará a compreender a poesia com a qual o Sr. Benedito Nunes apreende em seu poema “Mar” esta beleza de versos:

“Estou compondo não o poema do mar  
porém o mar todo inteiro  
e a sua vida já se move nos meus olhos”.

As notas do Sr. João Afonso (que, na carta dirigida ao redator do Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE, diz: “não ter pretensões de fazer crítica”) demonstram pertencer a um mundo ainda infantil. O estudo em que se

---

<sup>69</sup>Jayme, Floriano. Ainda sobre Dez poetas paraenses. **Folha do Norte**. Belém, 14 jan.1951, Arte Suplemento Letras, Nº 165, p. 4.

apresentam traz-nos a faculdade de acreditar que lá os homens são mais raquíticos que as “poesias notáveis” consagradas pela sua razão inconsciente.

O seu ato de não entender o mistério do universo da poesia é uma dificuldade facilmente compreensível em todo ser precário. Eis porque jamais conseguirá reconhecer o ritmo e o desejo absoluto apresentado por palavras fáceis, mas que se ajustam e mostram imagens claras e precisas do Sr. Haroldo Maranhão no seu poema “Enlevo”:

“Furtiva imagem  
arfante de aurora  
qual raio de lírio  
ou nervo de lua

Pressinto: virás

Meus sangues peçados  
são rios violentos  
Meus dedos são ímpetos  
Cruel o meu olho  
Gelado e demente

Pressinto: virás

São sonhos gerados  
No visgo de atritos  
Pressinto.  
São cortes deléveis  
Impuros de frutos.  
São rastros no tempo  
de ventos titãs  
São turvos impulsos

Pressinto: virás

Tome-se ainda, como exemplo, a sua maneira vulgar tentando abrir a fonte de origem onde o poeta achou o seu tema, mas que se acha encoberto nos elementos poéticos que dispõe, sem se familiarizar-se no íntimo daqueles que se inclinam em temas fáceis.

Do princípio ao fim das suas infelizes notas, observamos que para ele as forças suprafuncionais da poesia estão enjauladas. Não compreende e jamais compreenderá que o poeta é a liberdade absoluta. Tão longe, como se acha, da realidade poética, jamais verá as novas formas da poesia. Razão absoluta tem o Sr. Carlos Drummond de Andrade quando diz: “Entre muitas outras inculpações, acusa-se o poeta moderno de manipular com arbítrio intolerável as noções de tempo e de espaço. Assim, parece exagero que Murilo Mendes escreva: “Passo três anos em êxtase diante de tua fotografia”. A maioria das suas sugestões

parecem possuídas de verdadeiros recalques. Recalques que, algumas vezes, retratam as suas próprias fraquezas, e tentam pedir auxílio para algo que o seu pobre conceito poético possui fechando-lhe todas as portas por onde entramos.

As suas falhas, quando confessa as naturais dificuldades que lhe causam tropeços diante de um verso que, por certo, não pode adaptar-se no seu ato de compreender, muito bem demonstram o seu alheamento em relação a certos caracteres primordiais de toda poesia criada e tirada de seu próprio autor. A sua visão metafísica, se é que possui, não lhe permite percorrer, sequer por um segundo, a fisionomia da poesia combatida em suas notas.

Desejamos dar por terminado o que poderia revelar a respeito do autor daquelas notas, mas, no entanto, afirmamos que responderemos a todas as críticas que demonstrem as mesmas insípidas tendências do Sr. João Afonso.

## 9 TEXTOS DIVERSOS: EDITORIAL, POEMAS, ARTIGOS, TRADUÇÕES E OUTROS, PUBLICADOS EM PERIÓDICOS DE BELÉM – REVISTA *ENCONTRO* (1948) E *NORTE* (1952)

Que Santo, Santo, Santo é o Ser humano  
- Flecha partindo atrás de flexa eterna –  
Agora e sempre, sempre, nunc et semper...

(Mário Faustino)

### 9.1 ENCONTRO (1948)

#### 9.1.1 À GUIA DE EDITORIAL DA REVISTA *ENCONTRO*<sup>70</sup>

2º Trimestre de 1948

ENCONTRO, como exprime o próprio nome, é a reunião dos intelectuais paraenses de maior significação do momento.

Esta revista não pretende ser uma antologia. É por isso mesmo que não apresentamos colaborações isoladas, representando apenas valores individuais, reunidos como que por acaso, sem ligações recíprocas. Pelo contrário, ENCONTRO fará sentir, através delas, um esforço comum, que caracteriza a existência de uma geração de espírito.

Falando de um esforço comum não queremos significar que a criação individual deva ser submetida a fins previamente traçados; a nossa liberdade está em admitir o desenvolvimento das tendências de cada um, dentro, é claro, das conquistas do pensamento moderno. Esse sentido de modernidade, refletindo os mais diferentes problemas humanos que encerra e aos quais não poderíamos ficar alheios, é o traço comum que permite estabelecer a unidade apresentada por esta revista.

As contribuições particulares de cada escritor, as mais íntimas características do criador não são distribuídas de um fundo único e de uma identidade de concepções, de maneira que se faz necessário o emprego da palavra geração para exprimi-los.

Esta revista, insistindo em precisar os traços comuns que se encontram no trabalho dos escritores<sup>71</sup> paraenses atuais, afirma a existência de uma Geração, - a geração daqueles que se encontram nesta revista.

---

<sup>70</sup> À guisa de editorial da revista. *Encontro*, Belém, Nº. I, p. 3, 2º. Trimestre de 1948.

<sup>71</sup> Na revista está “escritórios”.

### 9.1.2 A Poesia em Pânico, Haroldo Maranhão<sup>72</sup>

2º Trimestre de 1948

Creio que estamos novamente em face de um movimento renovador na poesia brasileira. Os primeiros sintomas desse fenômeno já estão aparecendo, e é significativo, senão prenunciador de sua autenticidade, que eles se manifestem no seio da geração mais nova do Brasil. Porque tem sido os moços, em todo o curso da história literária, os líderes das novas escolas, já que, felizmente ou infelizmente, é da própria natureza dos novos abandonar os velhos dogmas à procura da sensação e sugestões originais. E nenhuma outra legenda melhor do que aquela inventada por Murilo Mendes – a poesia em pânico – para exprimir, neste momento, o dilema e a pluralidade de caminhos que, mais do que em 22 ou 30, se está esboçando em nossa vida literária. O desencontro dessas preferências estéticas, embora não pareça, é bem mais expressivo do que por ocasião dos famosos sucessos liderados por Mário de Andrade e seus companheiros. Aí, abria-se um abismo entre duas gerações: eram duas concepções de vida, duas fisionomias, dois comportamentos vigorosamente marcados. Era a ruptura de dois processos distintos em face da poesia: um, encarando-a dentro de uma atitude “raffinée”, estéril e bitolada, e o outro, contrariamente, sob uma visão ilógica, alógica, direi melhor, através de uma desordem, que seria fatal, porque descongestionante. Mas é preciso esclarecer e repisar sempre que a renovação se fez menos num sentido **formal** do que num sentido propriamente **essencial**: foi muito mais renovação do **espírito** da poesia do que a simples libertação **expressional**, um mero acidente, um elemento de circunstância dentro do grande movimento. Porque é necessário fazer uma revisão do conceito errado que se consagrou em torno da poesia moderna, situando-a diante da chamada poesia tradicional, mais como um abandono à ordem métrica, quando a experiência por novos caminhos **substanciais** foi muito mais significativa.

- Quando se dizia, por exemplo,  
“O mundo começava nos seios de Jandira  
Depois surgiram outras peças da criação:  
Surgiram os cabelos para cobrir o corpo,  
(Às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos,  
Ficava somente o braço direito)  
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.  
E surgiram sereias da garganta de Jandira:  
O ar inteirinho ficou eterno de sons  
Mais palpáveis do que aves.  
E as antenas das mãos de Jandira

---

<sup>72</sup> MARANHÃO, Haroldo. A poesia em pânico. **Encontro**, Belém, Nº. I, p. 34-36, 2º. Trimestre de 1948. Grifos do autor do texto.

Captavam os objetos animados, inanimados,  
Dominavam as rosas, os peixes, as máquinas.  
E os mortos acordavam nos caminhos visíveis do ar.  
Quando Jandira penteava a cabeleira...”

a revelação do **substratum** da essência, era mais importante do que os versos brancos e sem rima.

Nos nossos dias, vinte e seis anos depois do modernismo, é bem diverso o caráter da revolução, que se pressente, já, nas atuais manifestações e tendências dos poetas mais novos do Brasil. O problema, sendo ainda de procura de soluções **essenciais** para a poesia, é, também, um problema de **forma**. Receio vir falar dessa debatida questão da ordem métrica na poesia, temendo colocar-me numa atitude que pudesse parecer inatural. Mas me parece que agora, mais do que nunca, esse aspecto da poesia assume uma atualidade verdadeira, suscitando uma questão aberta aos teóricos da literatura. A notícia, já antes anunciada, é esta: os poetas modernos, os mais modernos, estão voltando ao soneto metrificado e rimado. Diz Otto Maria Carpeaux, comentando as divergências na interpretação desse acontecimento, que “alguns lamentam o passadismo de uma nova geração sem mestres, enquanto outros saúdam a volta à ordem métrica como primeiro sintoma de uma nova ordem social do mundo”. E continuando: “A ordem restabelecida do futuro não poderá ser anarquista nem passadista, tampouco futurista, contudo será uma ordem. Então haverá uma poesia nova (nem modernista, nem anti-modernista) ao lado da grande poesia do passado, que não será combatida nem imitada”. Seria então, creio eu, ainda uma questão de essência poética. O regresso à ordem métrica estaria em plano secundário, mais como instrumento do que um fim. Não como apoio de toda uma arte poética, que isso seria voltar ao requinte parnasiano, mas talvez como freio à liberdade que a muitos parece dissolvente. Mas não se deve esquecer os perigos dos processos métricos na poesia, que, cedo ou tarde, poderão reconduzir toda uma geração a um automatismo vicioso e contraproducente. De meu lado, acho ainda mais importante a questão da **essência** na poesia que os novos de vinte anos estão fazendo. Vê-se que se acham empenhados em descobrir soluções originais, desapegando-se, tanto quanto possível, desta situação realmente indesejável: que se esteja identificando a cada momento na sua obra a marca dos poetas-chave, que já realizaram a sua fisionomia própria e inconfundível. E eu citaria, como referência desse fenômeno. Fernando Ferreira de Loanda, Ruy Guilherme Barata, Jacques do Prado Brandão, Wilson de Figueiredo, Marcos Konder Reis, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Hélio Pellegrino e outros.

Que a poesia, neste momento, está novamente numa encruzilhada, à mercê de tantas direções, ninguém nega, nem se pode lamentar, antes saudar o acontecimento como sintoma de vitalidade, vendo nesse surto, talvez a contribuição original dos novos à herança que nos transmitiram Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt e outros mais. Agora, até onde nos levarão essas experiências, ninguém pode ainda

prever, senão fazer conjecturas. De qualquer maneira, será o atestado de capacidade realizadora e criadora da geração mais nova.

Diz Murilo Mendes que aos 20 anos deu um grito no Teatro Municipal do Rio: “Morra Chopin, viva Strawinsky!” Que pior seria se tivesse gritado: “Morra Strawinsky, viva Chopin!” E que agora aos 45, pode dizer: “Viva Chopin, viva Strawinsky”.

Essa definição esquemática exprime bem o caráter da geração de Murilo. Levava aos vinte anos o seu extremado espírito de destruição ao ponto de negar a categoria aos valores tradicionais autênticos, o que, de certo modo, não é para ser censurado, mas compreendido e aceitado. Quer me parecer que dessa impureza, digamos assim, pode escapar a geração a que pertencemos. E o chamado **conformismo** dos novos de hoje não é mais do que uma atitude não-destruidora, certos de que poderemos abrir novas perspectivas estéticas sem ridicularizar nem demolir. O respeito que devemos, por exemplo, à dignidade intelectual de um Manuel Bandeira não exprime ausência de capacidade criadora, antes é um indício do nosso espírito crítico, que permite situar, classificar e construir. Esse aspecto de desordem e desajustamento a que hoje presenciamos não traduz crise, mas saúde, frêmito, vocação, sem o que é impossível pisar caminhos diferentes e participar do entusiasmo por novas descobertas.

\*\*\*

Como já reconheci há muitos anos, a crítica de mim próprio tornou-se o corrosivo de toda a espontaneidade oratória ou literária. Atraiçoei o meu princípio de dar a sua parte ao mistério e o meu castigo é a importância de [ilegível].

### 9.1.3 Patrice de la Tour Dupin. Salmo VIII. Tradução Benedito Nunes<sup>73</sup>

2º Trimestre de 1948

1 – Nada somos, porém ele é tudo e a vós nos oferece, Senhor – porque nossos lábios encontram preces e não sabe onde.

2 – Nós o escutamos repeti-las conosco, como se fosse uma criança – ele as aprende, linha por linha, para o dia em que formos esquecidos.

3 – Nós não somos ele, mas a cada momento seu, é um de nós quem fala – de cada abismo seu é um de nós quem eleva a palavra.

4 – A cada palpitação de sua carne é um de nós que palpita – não nos mandou ao mundo para seu único prazer.

5 – Não vós importeis com os seus caprichos e os meandros de sua criação – não vós apegueis às coroas de vaidade, com que se apresenta.

6 – Fazei-o esquecer os próprios nomes e até nossas faces – se algum de nós encontrar uma prece que em vós desperte piedade, é dele, Senhor, é dele.

7 – Mas vinde para nós, há salmos de amor que se interrompem à falta de palavras – em todas as línguas e terras do homem.

(Tradução de Benedito Nunes)

---

<sup>73</sup> DUPIN, Patrice de la Tour. Tradução de Benedito Nunes. **Encontro**. Belém-Pará, Nº. 1, p. 46, 2º Trimestre de 1948.

#### 9.1.4 Fernando Pessoa: Antologia de Poemas (Francisco Paulo Mendes)<sup>74</sup>

2º Trimestre de 1948

Fernando Pessoa foi um caso excepcional na literatura portuguesa. Um grande poeta e, também, a mais estranha figura de escritor que apareceu neste século em Portugal. Costumava dizer de si que, artisticamente, não sabia senão mentir. Confessava-se um simulador e um mistificador e proclamava que sua obra era, toda ela, de “atitudes literárias”. Mas é por meio de uma dessas suas desconcertantes expressões prediletas – “Fingir e conhecer-se” – que nós vamos penetrar no segredo da mistificação na sua poesia e da simulação no poeta.

Fingir é conhecer. Era porque reconhecia que simulava e mistificava. Do seu conhecimento próprio, nasceu-lhe a necessidade de “fingir” várias personalidades, a fim de traduzir melhor e discretamente o homem múltiplo que ele era. Foi a origem dos seus heterônimos: o Alberto Caieiro, o Álvaro de Campos, o Ricardo Reis e Bernardo Soares.

Classificava-se ele de “poeta dramático”. Tinha razão. O homem Fernando Pessoa era um drama. Um drama que os seus diversos heterônimos procuravam representar. Fernando Pessoa deixava falar suas personagens, que eram muitas, que eram todos aqueles em que o poeta havia, dissimuladamente, se dividido. Eram a fragmentação aparente da sua personalidade fundamental, o intelectual e emotivo Álvaro de Campos, o espontâneo e simples Alberto Caieiro e o precioso e sibilino Ricardo Reis. Mas, no fundo, entre eles todos, permanecia aquela unidade substancial que fez de Fernando Pessoa uma das mais pujantes forças criadoras da poesia portuguesa através de todos os tempos.

E a originalidade de Fernando Pessoa não está somente na sua multiforme personalidade. Está também em ter realizado a extraordinária e perigosa aventura de um Mallarmé e de um Valéry – de ser lúcido nas raízes da própria criação poética.

Fernando Pessoa foi possuído daquele “demônio da lucidez”, de que já falaram a respeito de Edgar Poe. E desse estado permanente de consciência, de vigília poética, que o afastou sempre de uma atividade noturna ou onírica da inteligência, vieram a límpida ordenança dos seus versos e a lógica arquitetural de seus poemas. Ele governou a inspiração e submeteu a expressão poética a uma rigorosa disciplina mental. Afeito ao absoluto domínio do intelecto, a sua poesia foi um produto de voluntarismo poético, tanto quanto de inspiração. Um poema seu em, antes de tudo, um ato de inteligência.

A poesia de Fernando Pessoa surge de uma transferência de suas emoções poéticas para um plano intelectual. As emoções do poeta se fazem imagens sob o domínio de um intenso trabalho do pensamento. Está, na verdade, na “utilização da sensibilidade pela inteligência”, que lhe apontou o seu amigo e

---

<sup>74</sup> MENDES, Francisco Paulo. Fernando Pessoa: Antologia de Poemas. **Encontro**, Belém, N<sup>o</sup>. I, p. 41-45, 2º. Trimestre de 1948. Ao lado de Rainer Maria Rilke, Fernando Pessoa é um dos poetas mais divulgados pela Geração Moderna do Pará de 1946.

mais autorizado crítico, João Gaspar Simões, a chave de toda a sua poesia. O poeta mesmo chegou a escrever:

“Tudo o que em mim sente está pensando”.

E foi também esse excessivo intelectualismo que criou o seu infortúnio. A sua tragédia foi a de todo o cerebral. Foi a de que se sentiu vencido por uma inteligência que matava o coração. Uma inteligência vasta e luminosa, mas como um sol frio. Sentiu-se perdido nas paragens gélidas do pensamento abstrato, afastado da vida, longe do calor vivificante dos seres e das coisas deste mundo. Daí o seu desejo romântico de evasão:

“ah, seja como for, seja para onde for, partir!”

Partir, livrar-se dessa torturante vida do pensamento que o condenava à tristeza e à esterilidade, quando ele sentia que

“Estouram em espumas as minhas ânsias

E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!”

Ah! Se pudesse evadir-se dessa fria prisão da inteligência metafísica que o encerrava! Nunca o pode. O seu destino foi outro. E ele o sabia:

“Serei sempre o que esperou que lhe abrissem uma porta ao pé de uma parede sem porta!”

E essa foi a tragédia de um homem que os vários homens que eram Fernando Pessoa contaram.

\*\*\*

### **Auto Psicografia**

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que ele não tem.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

(Fernando Pessoa)

### **Poema**

Onda que, enrolada, tornas,  
Pequena, ao mar que te trouxe  
E ao recuar te transtornas

Como se o mar nada fosse,

O que é que levas contigo  
Só a tua cessação,  
E, ao voltar ao mar antigo,  
Não levas meu coração?

Há tanto tempo que o tempo  
Que me pesa de o sentir.  
Leva-o no som sem tamanho  
Com que te ouço fugir!

(Fernando Pessoa)

### **Dos “Poemas Inconjuntos”**

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia.  
Não há nada mais simples.  
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.  
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.  
Vi como um danado.  
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.  
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, por que nunca ceguei.  
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.  
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes umas das outras;  
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.  
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.  
Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.  
Fechei os olhos e dormi.  
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

(Alberto Caeiro)

### **Ode**

XII  
A flor que és, não a que dás, eu quero.  
Porque me negas o que te não peço.  
Tempo há para negares  
Depois de teres dado.  
Flor, sê-me flor! Se te colher avaro  
A mão da infausta esfinge, tu perene

Sombra errarás absurda,  
Buscando o que não deste.

(Ricardo Reis)

### **Outra Ode**

Quando Lídia, vier o nosso outono  
Com o inverno que há nele, reservemos  
Um pensamento, não para a futura  
                Primavera, que é de outrem,  
Nem para o estio, de quem somos mortos,  
Senão para o que fica do que passa –  
O amarelo atual que as folhas vivem  
                E as torna diferentes.

(Ricardo Reis)

### **Aniversário**

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu era feliz e ninguém estava morto.  
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,  
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,  
De ser inteligente para entre a família,  
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.  
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.  
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui suposto a mim mesmo,  
O que fui de coração e parentesco,  
O que fui de serões de meia-província,  
O que fui de amarem-me e eu ser menino,

O que fui – ai, meu Deus! o que só hoje sei que fui...  
A que distância!...  
(Nem o acho...)  
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da cada,  
Pondo gelado nas paredes...

O que eu sou hoje ( e a cada dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),  
O que sou hoje é terem vendido a casa,  
É terem morrido todos,  
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...  
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!  
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,  
Por uma viagem metafísica e carnal.  
Com uma dualidade de eu para mim...  
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...  
A mesa posta com maus lugares, com melhores desenhos na louça, com mais copos,  
O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado -,  
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,  
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Para, meu coração!  
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!  
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!  
Hoje já não faço anos.  
Duro.  
Somam-se-me dias.  
Serei velho quando o for.  
Mais nada.  
Raiva de não ter trazido passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

(Alvaro de Campos)

### 9.1.5 NOTICIÁRIO<sup>75</sup>

2º Trimestre de 1948

“Orfeu”

Essa revista de novos escritores está em seu segundo número. Temos em mãos, entretanto, embora tenhamos corrido os olhos pelo segundo número, apenas o primeiro.

A revista tem apresentação gráfica, embora não se trate, naturalmente, de uma revista de luxo. Os srs. Anísio Medeiros (que é do Norte, do Piauí), , faz jus a tudo que diz a seu respeito o sr. Francisco Pereira da Silva, em artigo no mesmo número. Recursos surpreendentes de ilustrador realizado e experiente. Notáveis a sua água forte, suas vinhetas, a ilustração para o conto do sr. Fernando Ferreira de Loanda e aquele belíssimo desenho da página 16. O sr. Eros Gonçalves, também, mostra-se ótimo ilustrador, sendo sobremodo expressivo o seu desenho para o conto da Srta. Terezinha Eboli. Bom, igualmente, o sr. Paulo Vicent.

Fazemos restrições ao artigo do sr. Lêdo Ivo sobre Saint-Exupéry e às primeiras considerações do sr. Wilson Martins sobre o sr. Dalton Trevisan, do Paraná. No segundo número de “Orfeu”, porém em desacordo com o sr. Wilson Martins. Logo de princípio, vai dizendo que o sr. Dalton Trevisan, em parte pertence à família Mansfield. É o caso de perguntar-se: ainda?

Um “Pensamento Poético” do sr. Paulo Mendes Campos. Restrições quanto o que diz de Rilke e Mallarmé.

O sr. Bernardo Gersen fala do sr. Lêdo Ivo, poeta de inegável talento. Porém, o que se dizem das poesias que publica no segundo número de “Orfeu”? Como diz o sr. Breno Accioly, o talento do sr. Lêdo Ivo está ameaçado por suas “macaquices”, para usar a expressão empregada no artigo “O Mozart de Maceió”, publicado num dos suplementos literários cariocas.

O sr. Valtensir Dutra não conseguiu preceder de bons versos o achado dos dois últimos, do seu “Ante-manhã”. E a “Ode ao Madeira R”, do sr. Paulo Armando, é de um intolerável preciosismo.

Um bom conto da senhorita Terezinha Eboli.

Os “Fragmentos” do sr. Haydn Goulart, interessantes.

Boa a seção “Argumentos” da revista.

Terminando, “Orfeu” é uma realização que precisa ser incentivada. Logo no princípio pede as colaborações dos novos de todo o Brasil. Tem, portanto, largo campo de colaboradores que é a “geração dos vinte anos”, para usar as próprias palavras da revista.

---

<sup>75</sup> Noticiário. **Encontro**, Belém, Nº. I, p. 50-51, 2º Trimestre de 1948.

“Joaquim”

“Orfeu” e “Joaquim” que, por sinal, ao que parece e ao que dá entender o segundo número da primeira, degladiam-se no momento, são as duas únicas revistas de novos em circulação regular, no momento.

O último número da revista do sr. Dalton Trevisan que tivemos ocasião de ler foi o 15º e sobre ele vamos basear nossa apreciação sobre “Joaquim”.

Uma belíssima capa de Di Cavalcanti, que dispensa comentários.

Interessante a seção de crítica e notícias subordinada ao título “História Contemporânea”. Boa, também, a seção de cinema entregue ao sr. Armando Ribeiro Pinto.

Notável a ilustração de Yllen para “Naturaleza Muerta”.

O depoimento do sr. Murilo Mendes, bem meditado e não desmerece o poeta de “Metamorfoses”.

O conto “Rachel”, do sr. Dalton Trevisan, fraco. As ilustrações, em número de três, bem melhores que o texto.

Os poemas de Edmur Fonseca e José Paulo Paes, fracos.

“Joaquim”, entretanto, é uma necessidade conseguida e realizada. Uma revista combativa e bem utilizada. Almejamos, apenas, um pouco mais de moderação para o sr. Dalton Trevisan.

É elogiável em “Joaquim” e na geração nova do Paraná, o esforço que demonstram, conseguindo lançar, mensalmente, uma revista bem feita e com boa e farta matéria.

Por fim, a melhor página da revista, a “Balada do Manguê”, desse grande Vinícius de Moraes.

“Revista Brasileira de Poesia”

Um dos acontecimentos literários mais expressivos, ultimamente, foi a saída do 1º número da “Revista Brasileira de Poesia”, editada em S. Paulo, sob a direção de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Compõem ainda o da Silva, Carlos Burlamaqui, Kopke, Enio Silveira e Geraldo Pinto Rodrigues.

É um empreendimento que deve ser recebido com muita simpatia nos meios intelectuais do Brasil.

Neste 1º número, que apresenta feição muito simpática, aparecem poemas de T. S. Eliot, Langston Hughes, Sérgio Milliet, Bueno Rivera, Geraldo Vidigal e João Accioli, artigos e ensaios de Péricles Eugênio da Silva Ramos, Sérgio Buarque de Hollanda, Carlos Burlamaqui Kopke, José Eduardo Fernandes e Domingos Carvalho da Silva e traduções de Vinícius de Moraes, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Domingos Carvalho.

## 9.2 NORTE REVISTA BI-MESTRAL (FEVEREIRO/1952)

### 9.2.1 Os espectadores<sup>76</sup>

Adotando uma feição peculiar, isento de burocracias e sem patrimônio material, um grupo de intelectuais e estudantes da nossa capital resolveu fundar um clube de espectadores de cinema e teatro, motivo que justifica o título que a si impuseram: “Os Espectadores”.

Os membros do clube são despretensiosos. Não se intitulam mestres de cinema e teatro. A sua finalidade é simplesmente educativa, criando possibilidade de debates em suas reuniões sobre as películas momentosas ou em torno da estética cinematográfica. Também não possui feição preciosa de grupo que se encerra entre quatro paredes, tanto assim que, dentro da medida do possível, é intenção de “Os Espectadores” multiplicar-se em células, desdobramento da primitiva, constituída por onze elementos, procurando guardar sempre, entretanto, o pequeno número de membros em cada uma, dando possibilidade a um clima de maior intimidade às suas reuniões despidas de qualquer ritualismo acadêmico.

O nosso clube de cinema, embora inspirado nos chamados “cine-clubes”, tão difundidos no mundo inteiro, não pretende, pelo menos inicialmente, promover a fundação e manutenção de uma cinemateca, assim como, somente quando conseguidas graciosamente patrocinará exhibições fílmicas.

Colaborando com o público no sentido de esclarecê-lo sobre o bom ou mau cinema, “Os Espectadores”, em crônicas assinadas por Ruy Coutinho, Max Martins, X. e Orlando Costa, já teve oportunidade de encaminhar as nossas platéias sobre várias películas.

Transcrevemos abaixo o manifesto do clube, publicado a 22 de julho passado no matutino “Folha do Norte”, que melhor do que nós, exporá os seus propósitos. Onze nomes o subscrevem; cumpre notar, entretanto, contar atualmente com a participação preciosa de mais dois sócios, o professor Francisco Paulo Mendes, escritor e crítico de arte, e o poeta Rui Guilherme Barata.

\*\*\*

“Parece uma idéia ingrata a de fundar e organizar um clube de cinema que, aqui, no Pará, corre o perigo de ser mais uma excelente oportunidade para essa mentalidade mundana, cuja tolice se inscreve na preferência pelo Frank Sinatra, rumberas do cinema mexicano e filmes nacionais, com Badú, Colé e Mesquitinha em primeiro plano. Raras são as pessoas que não gostam de cinema. É até uma das poucas preferências que os burgueses acatam igualmente como os proletários.

---

<sup>76</sup> Os espectadores. **Norte (Revista Bi-mestral)**, N.º. 1, Belém-Pará, N.º. 1, p. 69-71, Fev. 1952.

Se é verdade que a grande maioria gosta de cinema, é verdade também que motivos diversos entram em conta para decidir dessa preferência. Uns vão ao cinema procurando apreciar na tela apenas o desenvolvimento visual de algum romance que poderiam ler em casa. Outros, que aproximam ou identificam cinema e teatro, veem, no primeiro, uma representação dramática, que se passa num cenário mais amplo, graças às possibilidades de locomoção da câmera, que acompanha as cavalgadas dos heróis de “Far-West” e as correrias doidas dos “gangsters”, fugindo à Polícia, depois de assaltarem um banco. Se tivessem razão tanto os que freqüentam o cinema para ver um romance, como os que o freqüentam porque nele encontram o substitutivo do teatro, o cinema estaria perdido como arte. Não o elevaremos também, à categoria de arte, com a prerrogativa de possuir um padrão de beleza próprio, se nele focalizarmos, unicamente, a expressão fotográfica, que é, sem dúvida, a sua linguagem natural, mas não o elemento exclusivo, tomado como base para a sua compreensão.

Produto do nosso tempo, o cinema nasceu com o desenvolvimento da técnica fotográfica. Mas por ser uma arte que joga com elementos pertencentes a outros setores da arte humana, é que se discute o problema de sua autonomia estética. Música, drama e fotografia compõem a sua fisionomia atual. Mas o cinema principia justamente com a fusão unificadora desses elementos, pela fixação dinâmica de todos eles, no tempo e no espaço de uma película, a qual, por isso, é musical, sem ser música, dramática, sem ser drama e, naturalmente, fotográfica, sem ser, contudo, uma série ou um conjunto de fotografias transferidas do “atelier” de um artista para o bojo de um projetor cinematográfico. O problema da caracterização estética do cinema, estando em aberto, um clube de amantes da “sétima arte”, poderá dele ocupar-se. Mas isso será apenas um dos objetivos de sua atividade. O clube não é uma dessas colméias de intelectuais que ainda hoje existem no Brasil, a exemplo das academias de letras. É, sem pretensões, uma sociedade de espectadores, dentro da qual cada pessoa falará e discutirá tendo em vista apenas a sua qualidade de espectador, com a particularidade de ter sentado na cadeira de um cinema visando um pouco mais do que uma distração passageira. Daí justificar-se o nome que recebeu “Os Espectadores”. Esse pouco mais que se exige de cada membro do grupo é convicção de que o cinema está longe de ser, como pensam alguns, uma simples brincadeira para crianças grandes; que é, por assim dizer, um dos mais poderosos veículos da sensibilidade e do pensamento da época em que vivemos e que, finalmente, é preciso que ele nos proporcione não somente uma satisfação de ordem estética, mas também espiritual. É essa humanidade do cinema que deve ser realçada e servir de critério para a sua crítica e a valorização de seus elementos. Humanidade incompatível com o sensacionalismo, a propaganda facciosa e o artificialismo de certos filmes, que repisam temas já muito explorados sem acrescentar-lhes nada de novo, fazendo passar aos olhos do público histórias que envelheceram nos grandes armazéns cinematográficos de Hollywood. Se o cinema não pode deixar de constituir uma indústria, pela aparelhagem técnica de que necessita e pelo vulto dos capitais que são empregados, não é certo que a palavra indústria aqui se aplique do mesmo modo que para os produtos de

consumo geral que os mecanismos fabricam em grande número para encher os mercados. Películas há que nos dão a triste idéia de que, ultimamente, os produtores cinematográficos estão muito interessados na alta dos preços como se vender um filme fosse o mesmo que vender açúcar. E é por isso, por causa dessa irritante mercantilização da arte cinematográfica, que o público necessita de esclarecimento, para que cultive o seu bom gosto e aprenda a encarar o cinema de um ponto de vista mais elevado. O povo prefere o cinema. É um fato incontestável. Mas prefere tantas vezes com essa passividade resignada de uma pessoa que, por não encontrar nada de bom para fazer, resolve matar o tempo. Talvez que a finalidade do clube seja melhor expressa dizendo que o seu objetivo é formar espectadores, ativos e conscientes, que saibam dar ao cinema o seu justo valor, bem distante da atmosfera artificial que em torno dele se formou.

O Clube “Os Espectadores”, organiza-se, pois, para defender a integridade da arte cinematográfica, divulgando opiniões acerca de filmes que despertem o interesse do povo, procurando orientar as preferências deste, segundo um critério elástico, porém intransigentemente contra a vulgaridade, e o mau gosto. Estando convencidos de que o cinema é mais do que um divertimento e não pode ser tido com o uma brincadeira destinada a encantar crianças grandes, buscaremos nele a satisfação estética que encontramos tanto nas obras primas do teatro e do romance, como em “Monsteur Verdoux”, “Em qualquer parte da Europa”, “Condenado”, “Roma, Cidade Aberta”, “Adúltera” e “Ladrões de Bicicleta”, para citar apenas as mais recentes produções dos estúdios que se impuseram à consciência do público esclarecido.

“Os Espectadores”, não obstante se definirem como um clube de cinema, estão dispostos a repelir os graves atentados à arte dramática que, no Pará, tem sido a vítima predileta dos que, falsos teatrólogos e companhias vindas do Sul, a imolam, impunemente, no palco do Teatro da Paz. Serão, também, espectadores de teatro”:

Angelita Silva

Armando Mendes

Benedito Nunes

Dasy Maués

Maria de Belém Marques

Maria Sylvia da Silva

Max Martins

Maurício Sousa Filho

Mário Faustino

Orlando Costa

Rui Guilhon Coutinho.

### 9.3 NORTE REVISTA BI-MESTRAL (MAIO-JUN/JUL-AGO)

#### 9.3.1 Poema Sobre o Sábado de Aleluia, DE ROBERT STOCK<sup>77</sup>

maio-jun/jul.ago. 1952

(PARA NARRIETTE)

“Agora também conhecemos a excelência deste pilar  
que esta chama brilhante aqui acende, para a Glória de Deus”  
– BENÇÃO DAS VELAS DE PÁSCOA.

“The cistern contains; the fountain overflows”. - William  
Blake

Esta noite, quando tudo que floresce  
No ar e no recuo imenso das marés menstruais  
Dilata além de seu limite nossos fôlegos;  
Quando o órgão crescente contraponteia  
A grama ereta, a escuridão pesada  
De pólen, esta noite surge pleno  
O Gral do Espaço, o Gral Vegetativo.

Lançadeira Pacífico une e isola  
Ásia e América; uma visão fluindo  
Sobre a carne mitrada, enlaçando  
O vigor verde dos divididos  
Atolls de amor, num continente só.

II

Nalgum lugar, pilar após pilar, se acende  
O triplo castiçal, desnudam-te profana  
Em minha carne às hóstias consagradas.

QUE DESÇA SOBRE AS ÁGUAS DESTA FONTE  
TEU PODER SANTO ESPIRITO  
QUE FAÇAS FÉRTEIS PARA A REDENÇÃO  
A SUBSTÂNCIA INTEIRA DESTAS ÁGUAS

---

<sup>77</sup> STOCK, Robert. Tradução de Mário Faustino. In. *Norte* (Revista Bi-mestral), Nº. 3, Ano 1, Belém-Pará, maio-jun/jul.ago. 1952, p. 32.

Esta noite, o fogo entra na água, se renova  
Pirosoma rampante (cobra oca  
Juntando à tua fonte a chama em sangue)  
Confirmando Jesus ereto sobre o lago:  
Aquele mesma luz verdadeira que o amante  
Tristão, de leme gasto e remo roto, quando  
“O que era rasto era centelha de ouro”  
Espalhou no quadrante dos Sete Mundos  
Equilibrados diurna luz trancada  
Em pedra de palavras, aguardando  
A volta da Palavra.

III

Constelada como a Puta de Cristal  
Rumo-norte bordel do cérebro, semeia  
A Madalena, amadurecer o ar  
No ano eunuco; o inverno rebenta,  
Noivo e noiva de flor;  
Apertados, os céus são pródigos de estrelas  
Que brilham fora das dimensões: não são.  
Ah nem no tempo nem no espaço existe  
Espaço para nós; só podemos entrar um no outro,  
Na flor apenas, de noivo e noiva.

(Tradução de Mário Faustino)



## 10 ENTREVISTA DE BENEDITO NUNES CONCEDIDA À PESQUISADORA DESTA TESE

Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo  
Quero apenas contar-te a minha ternura  
Ah se em troca de tanta felicidade que me dás  
Eu te pudesse repor  
- eu soubesse repor –  
No coração despedaçado  
As mais puras alegrias de tua infância!

(Manuel Bandeira)

### 10.1 *Entrevista: Conversando com Benedito Nunes*<sup>78</sup>

Belém, 7 de fevereiro de 2008

**Maria de Fátima do Nascimento:** No Prefácio do livro *Não para consolar – poemas completos* (1992), de Max Martins, que o Senhor fez, percebi que o poeta Robert Stock, o Bob, ou o Homem da Matinha, foi importante não só na formação intelectual do poeta Max Martins, mas também na sua. Qual a importância de Bob Stock em sua formação?

**Benedito Nunes:** - A importância de Bob Stock foi muito grande para todos nós. Enfim, para todos aqueles que formavam a chamada “Geração dos Novos” (risos), a geração de 1945: eu, Max Martins e Mário Faustino. Para muitas pessoas, umas mais velhas, outras mais novas: Raimundo de Sousa Moura (mais velho). Eu dirigia uma revista chamada *Norte*, juntamente com Max Martins e Orlando Costa, que foi meu colega de trabalho no Instituto Brasileiro. Depois, foi para o Senado Federal trabalhar em Brasília, onde morreu. Então, tínhamos essa revista *Norte*, na qual eram publicados artigos das pessoas ligadas a nós desde o tempo da convivência na *Academia dos Novos* e no “Suplemento Literário” do jornal *Folha do Norte*. Essas pessoas enviavam seus textos para publicação. Um dia, o Bob foi me procurar na minha casa, na Gentil, ali perto da Presidente Pernambuco e dos Correios. Disse-me que viu a revista na Biblioteca Pública, pegou o endereço e me procurou. A partir desse encontro, fizemos uma amizade e passamos a frequentar sua casa e a ler e discutir poesia com ele. O Bob morava num barracão de palha, numa casa de chão batido. Morava no subúrbio, na Matinha. A rua ainda não era

---

<sup>78</sup> NASCIMENTO, Maria de Fatima. “Conversando com Benedito Nunes”. Entrevista para a Tese de Doutorado. Belém, 7 fev. 2008.

asfaltada. Morava com a mulher e uma filha, a Michele, pequena. O Bob devia ser filho de família muito rica dos Estados Unidos, mas, como sabes, naquela época as famílias americanas geravam filhos inconformistas. O Bob era um desses inconformistas. Saiu dos Estados Unidos e veio para o Brasil. Antes de vir para cá, tinha uma ideia utópica: criar com um amigo uma colônia anarquista na Ilha do Bananal, mas o colega não veio. Então, ele chegou ao Rio de Janeiro, depois pegou um Ita (navio) para conhecer o litoral, chegando a São Luís do Maranhão. Desceu para conhecer a cidade, mas São Luís estava em período de eleição, numa disputa política acirrada. Havia muita confusão entre os partidos políticos, inclusive houve um tiroteio e o Bob foi baleado, foi alvejado por uma bala perdida. Ficou hospitalizado e depois veio morar em Belém (PA).

**Maria de Fátima do Nascimento:** Ainda sobre o prefácio (p. 21), o Senhor afirma que iniciou sua carreira de crítico literário no jornal *Folha do Norte*, com o artigo “Estreia de um poeta”, sobre *O Estranho* (1952), de Max Martins. Existe um texto seu, intitulado “Considerações sobre *A peste*”, de Albert Camus, no “Suplemento Arte Literatura” do jornal *Folha do Norte*, de 14 de janeiro de 1951, que foi republicado na revista *Norte*, Nº 1, de fevereiro de 1952. O senhor não o considera como crítica?

**Benedito Nunes:** - Antes desse texto sobre Camus, ensaiando maiores voos, publiquei, no Suplemento Literário do jornal *Folha do Norte*, “O cotidiano e a morte em Ivan Ilitch”, mas, quando publiquei esse trabalho, tinha antes publicado uma série de aforismos, já tentando fazer relação da filosofia com a poesia.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Vocês se reuniam para ler e discutir os poemas e artigos dos poetas e críticos de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Minas Gerais a exemplo dos de Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Roger Bastide?

**Benedito Nunes:** - Wilson Martins (acrescentou).

**Benedito Nunes:** Esse jornal foi singular para mim. Enfim, para todos nós: eu, Haroldo Maranhão, Max Martins não éramos modernistas, éramos de uma Academia. Max foi o primeiro a aderir ao Modernismo. Só depois de 1945, mudamos. Mudamos mesmo. Mudamos completamente depois de 1945. Éramos órfãos. Nessa época, já tinha ocorrido um movimento modernista aqui em Belém com a revista *Belém Nova*, mas nós não sabíamos. Ficamos sabendo sobre o Modernismo pelo Francisco Paulo Mendes.

**Maria de Fátima do Nascimento:** O Senhor foi aluno de Francisco Paulo Mendes?

**Benedito Nunes:** - Eu não fui aluno dele. Mário Faustino também não foi. Mário era muito novinho, trabalhava n’*A Província do Pará* com 16 anos de idade. Fui colega do Mendes no Colégio Moderno. Comecei a lecionar Filosofia muito novo, com 19 anos. Lecionei também História no Colégio Santa Rosa. Nessa época, professor já ganhava mal, a gente precisava ganhar dinheiro. Depois que entrei para Universidade, as coisas começaram a melhorar. O Mendes tinha muitos livros e recebia periódicos e nos emprestava. Isso depois.

**Maria de Fátima do Nascimento:** O Senhor foi o fundador do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA)?

**Benedito Nunes:** - Fui um dos fundadores do Curso de Filosofia. Mas, quando comecei, primeiro ministrei uma série filosófica para o Curso de Ciências Sociais e outros cursos, na Faculdade de Filosofia que funcionava no Sousa Franco. Foi assim que comecei. Nessa época a Universidade começou a surgir, depois de 1952. Só muito depois é que foi fundado o Curso de Filosofia no Campus<sup>79</sup>.

**Maria de Fátima do Nascimento:** O Senhor já era formado?

**Benedito Nunes:** - Já. Formei-me em Direito em 1952.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Como se deu a passagem do Direito para a Filosofia e a Literatura?

**Benedito Nunes:** - Fui convidado por Haroldo Maranhão para colaborador do Suplemento do jornal *Folha do Norte*, no qual escrevi algumas reflexões em “Confissões do solitário”, uma série de aforismos, em que tentei fazer uma relação ou oposição entre filosofia e poesia. Sempre procurei ligar filosofia com poesia. Não sei se consegui.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Conseguiu, sim. Seus textos de análise literária sempre têm uma ligação com a Filosofia. Os ensaios sobre a obra de Clarice Lispector, por exemplo, em *O dorso do tigre*.

**Benedito Nunes:** - É. Sou uma espécie de crítico híbrido. Fiz um trabalho para uma conferência na Academia Brasileira de Letras chamado “Meu caminho na crítica”. Foi publicado numa revista... a revista (Não lembrou). Estou fazendo outro trabalho com o mesmo teor para publicar em livro. Vou acrescentar mais alguma coisa.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Não tenho esse texto.

**Benedito Nunes:** - Vou lhe dar uma cópia desse da Academia Brasileira e desse outro que estou escrevendo.

**Maria de Fátima do Nascimento:** A revista *Norte* só teve três números. Por quê?

**Benedito Nunes:** - Só três números. Não conseguimos levar o projeto adiante. Não era fácil financeiramente editar uma revista, naquela época, aqui em Belém.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Mário Faustino foi um dos poetas que conviveram com o Senhor em Belém. Vocês trabalharam juntos no jornal *Folha do Norte* e na antiga SPEVEA que depois se tornou SUDAM e é considerado pelo Senhor como um grande amigo. Depois, ele foi trabalhar no *Jornal do Brasil*. Segundo Assis Brasil, ele começou no referido jornal em 23 de setembro de 1956. Qual a participação de Mário Faustino no convite que o senhor recebeu de Reynaldo Jardim para colaborar no “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro? O Senhor acha que ele foi importante na divulgação do seu nome

---

<sup>79</sup> Benedito Nunes é o autor do Projeto com exposição de motivos para a criação do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Pará (UFPA), curso esse fundado somente em 1975.

e do seu trabalho? Qual a importância de Mário Faustino na sua carreira como crítico literário?

**Benedito Nunes:** - Mário Faustino foi um grande amigo e muito importante para a minha projeção nacionalmente. Ele era responsável pelo caderno “Poesia-Experiência” do *Jornal do Brasil* e teve participação no convite para que eu fosse colaborar também nesse Jornal. Ele estava no Rio de Janeiro, na época, trabalhando na Fundação Getúlio Vargas. A partir dessa experiência no Rio, no *Jornal do Brasil*, recebi outros convites, como o de colaborador do jornal *O Estado de São Paulo*. Foi nessa fase que passei a ser conhecido pessoalmente. Quando “O Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil* estava encerrando, recebi um convite de Décio Almeida Prado para publicar no jornal *O Estado de São Paulo*. Foi por intermédio de Almeida Prado que Antonio Candido me convidou para publicar livros, numa coleção chamada Buriti, livros pequenos. Aí eu fiz *Filosofia da arte*, *Filosofia da arte contemporânea*. Recentemente revisei, atualizei *Filosofia da arte contemporânea* e publiquei pela Universidade<sup>80</sup>. *O dorso do tigre*, eu estava na França quando me convidaram para publicar nessa coleção da Perspectiva. Organizei os artigos que tinha, fiz uma coletânea e a enviei. José Guilherme Merquior me dizia que era preferível eu fazer *O dorso da onça* (risos).

**Maria de Fátima do Nascimento:** O senhor fez Mestrado e Doutorado em Filosofia ou foi Literatura, na Sorbonne, em Paris?

**Benedito Nunes:** - Eu não fiz Mestrado nem Doutorado na Sorbonne. Sou formado em Direito e sou autodidata em Filosofia e Literatura. A primeira vez que eu fui à França foi em 1960. Minha mulher ganhou um prêmio de teatro. Ela apresentou a 1ª amostra de *Morte e vida Severina* no palco, em Recife, Pernambuco. Depois, montou *Édipo rei*, de Sófocles, em São Paulo. Foi em 1959 que ela ganhou o prêmio e estivemos na França em 1960. Aproveitei e fui como marido da Professora (Risos). A CAPES me concedeu as passagens. Depois, fiz várias viagens à França. Mas, a primeira viagem, uma viagem inesquecível, é que me proporcionou o contato com a Filosofia. Ficamos pouco tempo, uns seis meses. Nessa época, frequentei como ouvinte os cursos de Paul Ricoeur e Merleau Ponty. A maior experiência filosófica que tive em sala de aula foi nessa época.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Essa experiência foi importante para o Senhor ficar mais conhecido aqui no Brasil?

**Benedito Nunes:** - Talvez, porque depois publiquei textos na França.

**Maria de Fátima do Nascimento:** O senhor lecionou alguma disciplina na França?

**Benedito Nunes:** - Lecionei Literatura e Estética na Université de Rennes, onde fui leitor de 1968 a 1969, período em que ministrei o curso sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto. Morava em Paris e dava aula em Rennes.

---

<sup>80</sup> Benedito Nunes está se referindo à Universidade Federal do Pará (UFPA). O livro *Filosofia da arte contemporânea* é editado pela EDUFPA/Belém em 2004.

**Maria de Fátima do Nascimento:** O Senhor ministrou curso na Pós-Graduação da UNICAMP, assim que ela foi fundada. Quem mandou o convite ao Senhor?

**Benedito Nunes:** - Ministrei curso na UNICAMP. Estávamos no período da ditadura. Quem me convidou foi o Antonio Candido. Mas quem respondia pela direção era o Haquira, que, nessa época, era Professor de Linguística. O Reitor era o... (não lembrou). Era uma turma muito boa: Suzi Sperber, Durigan, Carlos Vogt, a mulher dele, uma moça muito bonita. Havia também uma moça que vinha de São Paulo. Como era mesmo o nome dela? Não me lembro, no momento, o nome dela.

**Maria de Fátima do Nascimento:** O Senhor lecionou na USP?

**Benedito Nunes:** - Não. Lá só fiz conferência.

**Maria de Fátima do Nascimento:** O Senhor era amigo do Prof. Alexandre Eulálio?

**Benedito Nunes:** - Muito. Era amigo de Alexandre Eulálio. Ele era do Instituto do Livro e me convidou para escrever na *Revista do Livro*. Ele era um dos coordenadores dessa revista. Pediu que eu fizesse um texto sobre Guimarães Rosa. Depois, ele me pediu outro sobre Farias Brito que escrevi nos inéditos. Na verdade, todos os trabalhos que fiz foram por encomenda. *Filosofia da Arte*, *Filosofia Contemporânea*. Até *O dorso do tigre*, de qualquer maneira, foi uma encomenda. Minha relação maior foi com São Paulo, por causa dos suplementos literários e das revistas. Eu ia lá muitas vezes. Primeiro, publiquei *Leitura de Clarice Lispector*. Quem me convidou foi uma Prof<sup>a</sup>. da USP para participar da coleção *Escritores de hoje*. Depois, essa Prof<sup>a</sup>. foi falar com a Clarice sobre o meu livro. Então Clarice disse, meio chateada: - Ele vai dizer que a minha obra tem o existencialismo do Sartre? (Risos). É que nos primeiros artigos que publiquei sobre *A paixão segundo G. H* dizia mais ou menos... Depois, mudei e disse que era uma mística, não era existencialismo. Depois fui lendo as outras obras da Clarice até estudar todas as obras. No meu último livro *O Drama da linguagem*, estudei o problema da linguagem. Nesse livro, acrescentei sua última obra *A hora da estrela*.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Qual a sua relação com a Alemanha? O Senhor esteve na Alemanha e conheceu pessoalmente Heidegger?

**Benedito Nunes:** - A minha relação com a Alemanha começou com a língua alemã. À Alemanha, só fui a passeio. Conheci Heidegger na França (não ficou claro se a obra ou o filósofo). Comecei a estudar alemão para dar conta da obra de Heidegger. Leio alemão, mas a obra filosófica de Heidegger é complicadíssima, até porque Heidegger escreve poeticamente, cria palavras, cria verbos. Fiz o livro *Passagem para o poético – filosofia e poesia em Heidegger*, que foi publicado pela Ática. Já está na 3ª edição. Penei para escrever o livro sobre Heidegger. Comecei numa editora e terminei noutra.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Quanto tempo o Senhor demorou para fazer esse livro sobre Heidegger?

**Benedito Nunes:** - Demorei de dois a três anos.

DESPEDIDA

Até logo

Muito obrigada

**Benedito Nunes:** - Deixe seu telefone que vou lhe dar uma cópia desse trabalho que estou fazendo: “Meu caminho na crítica”. Fiz para a *Academia Brasileira de Letras*. Agora estou refazendo para publicar em livro. Estou fazendo algumas alterações. Vou lhe dar também um currículo meu, no qual tem a minha biografia mais completa. Só não tem os últimos trabalhos.

**Benedito Nunes:** - Estou escrevendo um artigo sobre Guimarães Rosa chamado *Plantas, bichos e malucos*.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Ah! É! Lembrei-me de Dalcídio Jurandir. Li recentemente *O Marajó*. Nesse livro também há muitos loucos.

**Benedito Nunes:** - É verdade. No Rosa também, principalmente em *Corpo de baile* há muitos loucos.

**Benedito Nunes:** - Como é o título da sua Tese?

**Maria de Fátima do Nascimento:** Até o momento é: *O Lugar de Benedito Nunes na Moderna Crítica Literária Brasileira*.

**Benedito Nunes:** - Enfático.

**Maria de Fátima do Nascimento:** Estou bem no início da pesquisa, com a continuação pode ser que mude.

**Benedito Nunes:** - É. Talvez para um nome menos chamativo.

## 11 ENTREVISTAS DE DIFERENTES AUTORES NO SUPLEMENTO

Se a crítica é a literatura em espelho, talvez a entrevista torne o leitor mais consciente do que se passa nele quando lê. A entrevista pode ser, neste caso, considerada como forma de crítica, mediadora entre obra e leitor

(Bela Josef)

### 11.1 - ENTREVISTA: “MODÉSTIA À PARTE, EU SOU DA VILA”- ENTREVISTADO: MARQUES REBELO – ENTREVISTADOR: IVO, LEDO<sup>81</sup>

5 de maio de 1946

Em uma noite, o “Conteur” e romancista Marques Rebelo conta a história de sua vida – “tudo que faço é autobiográfico” – o modernismo e os seus frutos – “proclamo que existe uma verdade literária, pela qual eu sofro, padeço e morro”, afirma o autor de “A estrela sobe”, para concluir dizendo: “tenho um grande respeito pela baixeza humana”

-Os introspectivos imitam um time de futebol

RIO – via aérea – (A. U.)

-o romancista Marques Rebelo concedeu a seguinte entrevista a Lêdo Ivo:

“Admiro o Sr. Marques Rebelo desde minha infância. Seus contos foram uma grata descoberta de minha adolescência, e só foram empanados pela extraordinária descoberta de “A Estrela Sobe” que é a meu ver o ponto culminante de sua carreira.

Conversa: Com ele, durante uma noite inteira, é falar de sua galeria romanesca que tanto me seduz; e procura ver mais claramente o espírito de um artista que conhece como poucos o terreno em que se move.

Em seu apartamento da praia de Botafogo, entre livros e quadros, o autor de “Três Caminhos” começa a narrar sua história. Sua língua tão temida pelos não talentosos da literatura, não para um instante. Decididamente, falar mal dos outros é um dos prazeres mais deliciosos a que nós, pobres mortais, podemos aspirar.

A conversa se estende, e são citados os imitadores do Sr. Lúcio Cardoso que roubaram até coleções que rolam na obra do romancista mineiro. Vários novos como Xavier Placer e Paulo Mendes Campos, são elogiados pelo “conteur”, que em seguida me mostra os originais de seu romance “Espelho Partido”, que sofre retoques diários há vários anos.

---

<sup>81</sup> IVO, Lêdo. Modéstia à parte, eu sou da Vila. Entrevistado Marques Rebelo. **Folha do Norte**, Belém, 05 maio 1946. Arte Suplemento Literatura, p. 2.

Mostra-me os resultados de sua viagem de intercâmbio cultural ao Prata: são resultados sólidos, de quem sabe fazer a política da inteligência e da cultura.

Vagueio pelo apartamento, folheio inúmeros livros, converso sobre autores de sua predileção. Falamos mal novamente dos escritores e nos voltamos para a entrevista propriamente dita, Marques Rebelo, cujo verdadeiro nome é Eddy Dias da Cruz, nasceu no Rio, a 6 de janeiro de 1907, sendo filho de Manoel Dias da Cruz Neto e Rosa Dias da Cruz.

Explicando-me a razão de seu pseudônimo, declara que na família de sua mãe há Rebelo. Procurou, então, arranjar um nome que “rimasse” bem com este, e descobriu um cronista português chamado Marques Rebelo.

-Como, apesar de tudo, o nome era desconhecido, resolvi dar-lhe nova oportunidade literária, e aqui estou.

Logo nos primeiros anos de sua vida, o menino Eddy viveu em Minas, obrigado por enfermidades na família. Certamente ia e voltava, mas na verdade a permanência, até os 14 anos, nas Alterosas, deu à sua personalidade um complexo mineiro de grande importância em sua biografia.

Sorrindo, afirma:

-Assim, consigo ser o maior escritor de Minas e do Rio, duas raças muito boas.

Marques Rebelo fez o curso secundário no Rio, e em 1925 se matriculou na faculdade de Medicina da Prata Vermelha, que abandonou logo, para ganhar a vida trabalhando no comércio. Depois foi sorteado e deixou de vender geladeiras.

Foi a coisa melhor do mundo.

No tempo em que estava no uso secundário, não havia aulas obrigatórias. Cada um aprendia com o professor que bem queria e no fim do ano fazia exames no Colégio Pedro II. Foi na oportunidade que Marques Rebelo teve de ter professores muito bons, entre eles Mário Barreto, seu mestre particular de português durante dois anos. O autor de “Oscarina” deu-lhe sua definitiva inclinação para as letras, pois suas composições foram sempre elogiadas pelo velho mestre, que o animou a prosseguir no caminho.

Marques Rebelo me diz:

- Nessa ocasião, eu lia como o cavalo, do bom e do mau. O mau é que me serviu mais e o mais útil. Senti que era mau e comecei a fazer diferente.

## **MELODIA MODERNISTA E O PINCE-NEZ SCHMIDTIANO**

Prosseguindo declara:

- Nessa época, deflagrava-se no Brasil, o movimento modernista. Insensivelmente, fui arrastado pela admiração a essa gente. O fato de Mário Barreto criticá-los me fez perceber mais claramente que os modernistas tinham grande importância, pois meu professor sendo um grande filólogo não era um espírito muito sensível a certas manifestações de arte. Fiquei leitor de todas as revistas modernistas, e comecei a ligar-me aos rapazes. Destes, o que conheci em primeiro lugar foi Augusto Frederico Schmidt, que usava pince-nez só para impressionar, pois não tinha miopia nenhuma. Também me liguei a Francisco Inácio Peixoto e ao grupo da revista “Verde” de Cataguazes.

## **OSCARINA”**

- Eu não fazia literatura. O ambiente de caserna é que foi definitivo para a minha realização literária. Quando voltei a ser civil trazia comigo uma caderneta militar e uma novela.

- Mas como é que você, com essa altura, foi convocado?

- Marques Rebelo se levanta, abre uma gaveta e exhibe-me sua caderneta de reservista. Verifico: 1 metro e 62.

- Continuando ele diz:

- Em 1931, essa novela apareceu em livro, acompanhada de uma série de contos escritos de 1927 a 1931. O êxito literário foi grande.

Explico isso porque havia uma falta absoluta de contistas.

Basta dizer que o maior “conteur” daquele tempo era Monteiro Lobato, que eu considero um pobre diabo, primo de Camilo Castelo Branco, contador de anedotas baratas, uma espécie de Maupassant de Cascadura. É verdade que havia um contista que possuía muitas qualidades. Era Ribeiro Couto e certamente teve grande influência no que eu ia fazer. O resto não interessava. Eram quase todos figuras que estavam envolvidos no movimento modernista, que em vez de serem escritores eram apenas modernistas. O que aconteceu foi isso: os que apareceram depois, frutos do modernismo, compreendendo o papel de renovação desse movimento, que apenas limpou o caminho e preparou o terreno.

Falo a Marques Rebelo dos contos de Antônio de Alcântara Machado.

- Sim, ele é um contista de primeira ordem, mas tem todos os cacoetes do movimento modernista.

Levanta-se, acende um cigarro e afirma:

- Procurei voltar a uma tradição literária que só o movimento modernista permitia.

## **LEITURAS DA INFÂNCIA**

- Instantes depois, Marques Rebelo me mostra um livro onde o tempo deixou inquietantes sinais.

- Está vendo? É o primeiro livro que eu li. O “Coração”, de Edmundo de Amicis, em boa tradução de João Ribeiro, foi em 1917 o meu livro de escola. Depois devorei Júlio Verne, Coelho Neto, etc. Até que em 1919 uma missão protestante me deixou uma Bíblia na mão, cuja leitura me impressionou (também este livro me é mostrado). Depois vieram naturalmente Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Teller, Daudet, Dickens, Manuel de Almeida – sobre quem escrevi um livro, pois constitui uma das grandes descobertas de minha vida – Victor Hugo, Bret Harte e Balzac. Em seguida a estes, surgiram Raul Pompéia, Voltaire, Flaubert, Anatole, Kipling, Tolstoi e Machado de Assis, que vim a ler relativamente tarde.

## **OS ESCRITORES DE SUA FORMAÇÃO LITERÁRIA**

- Os últimos autores dessa fase de minha vida foram Ibsen, Stendal, Júles Ronard, Thomas Hardy Turqueneff. Cervantes, Galoworthy e Theodore Dreiser.

Além disso, eu já estava lendo quase todos os portugueses e brasileiros. Detalhe curioso: jamais consegui gostar de Lima Barreto.

Fui, então, convocado. Durante o período da convocação li muito pouco, mas por outro lado houve em mim a decantação de todas as leituras já feitas.

### **EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA AOS OUTROS ESCRITORES E AO PÚBLICO EM GERAL**

- Terminada a convocação, voltei a escrever e também a ler.

Minhas leituras nunca foram absolutamente literárias. Lia sobre os assuntos mais disparados e estapafúrdios, instruindo-me em ofidismo, maternidade, etc., Sou capaz de saber mais sobre alimentação que Josué de Castro, que anda cada vez mais magro.

### **TUDO QUE FAÇO É AUTOBIOGRÁFICO**

- Acho que nenhum escritor pode fazer obras boas se, além de ler muito, não viver muito.

Categoricamente, confessa-me.

- Tudo que faço é autobiográfico.

Prossegue:

- Fiz muitos contos, um romance preparatório que se chamou “Marafa”, e preparei-me então para um romance que se chamaria “A Estrela sobe”. Os livros de contos foram feitos antes do romance, se bem tenha, em 1942, publicado “Stela me abriu a porta”, onde enfeixei velhas histórias. Quando o sujeito chega a escrever contos com habilidade, chega à conclusão de que é capaz de fazer quatro mil contos por dia. Isso não tem nenhum valor literário. Por sentir que posso fazer milhões de contos e que não faço mais nenhum desde 1939.

### **“MODESTIA A PARTE, EU SOU DA VILA”**

- Quando a gente começa a fazer um romance e lutar com as dificuldades que esse gênero oferece – dificuldades, aliás, que não são levadas em conta pelos meus colegas, que abusam das facilidades – acontece que de um romance para outro tem forçosamente de haver um grande espaço de tempo, para gestação e desenvolvimento interior, até que lhe seja permitido por fora tudo isso.

Meus romances *O espelho partido* e *A cidade* estão escritos, como lhe mostrei. Mas entre eles saírem de mim e serem publicados há uma fronteira – precisamos trabalhar materialmente, transformar este grito em uma obra de arte modesta à parte.

Marques Rebelo informa que nasceu na Vila Isabel, como Noel Rosa e, aludindo a um famoso samba deste grande poeta popular, diz:

- Se eu tiver um dia de possuir um brasão minha divisa é esta: “Modéstia à parte, eu sou da Vila”.

### **ARTE É COMO QUEIJO MANTEIGA**

Num pequeno intervalo, o autor de “Marafa” mostra-me algumas recordações infantis. Vejo Marques Rebelo bem criança, entre as plantas de um jardim. Vejo-o novamente criança, e seu rosto infantil parece possuir alguns dos duros traços de hoje. Cumprimento-o num time de futebol

, aos 19 anos. “Eu jogava mal, mas jogava” – evoco-lhe. Marques Rebelo, entretanto, contesta:

- Sempre joguei futebol muito bem.

Em outra fotografia está um Marques Rebelo de 3 anos, residente em Barbacena. De sua cabeça pendem cachos – era em 1910, no tempo do cometa!

### **SUA VISÃO PESSIMISTA DA VIDA**

Conversamos sobre a criação intelectual, e ele pondera:

- Cada um faz o que quer ou o que pode. Arte é como queijo manteiga – uns gostam, outros não. Entretanto, proclamo que existe uma verdade literária, pela qual eu sofro, padeço e morro. É possível que todos estejam certos e eu errado. Meu problema está ligado ao famoso bom gosto, e bom gosto é uma coisa muito discutível.

Então, Marques Rebelo me conta:

-Eu me lembro de uma lição que uma moça me deu. Declarando-me: “Livro bom é livro em que a gente chora para dentro” Compreende?

Como eu tivesse compreendido, ele continua:

- Lendo “O espalhador de passarinhos” de Mario de Andrade, deparou-me um trabalho sobre minha obra em que o grande Mário de Andrade, deparou-se-me um trabalho sobre minha obra em que o grande Mario fala de meu pessimismo. Realmente minha visão da vida é inteiramente pessimista. Não há nada mais estúpido e mais melancólico do que viver. Como não acredito em nada, a arte é minha maneira de acreditar em alguma coisa

Lembro-me que seu pensamento se identifica perfeitamente com a arte pela arte.

Marques Rebelo se exalta:

- Claro, sou pela arte. Ainda perguntais?

Tranquilizando-se, confessa:

- Com o que faço, não pretendo melhorar nada nem ninguém.

### **“NÃO ACREDITO QUE HAJA RAÍZES CATÓLICAS EM MIM”**

A conversa continua. Falamos sobre “A estrela sobe”, que eu pessoalmente considero um dos maiores romances já escrito em língua portuguesa. Digo-lhes que no referido romance há passagens que levam o leitor a pensar na possibilidade de o seu autor firmar-se em uma mística religiosa. Marques Rebelo rebate:

- Não acredito que haja raízes católicas em mim. Acho que, vivendo em um mundo de hábitos católicos, naturalmente tenho de apanhar certos cacoetes espiritualistas, que minha razão rejeita.

### **O FOTÓGRAFO, O PEPINO E A CEBOLA**

- Cabe a um escritor que tenha orgulho de sua arte e segurança do que está fazendo não ser nem pró nem contra, em sua obra. Imagine que houvesse um fotógrafo que só tirasse retratos de sujeitos positivistas. Impossível. Ele é obrigado a fotografar tudo, homens de bigode e sem bigode.

Indago a Marques Rebelo se há possibilidades de sua visão pessimista das coisas. Dos homens e da vida se modificar/ Em uma compreensão bem ampla da arte, vibra com a pintura e a música, tanto assim que em sua casa há bons quadros e ótimos discos. “Há sujeitos que eliminam as outras artes – declara – Eu gosto de todas. O que acontece comigo é que sei fazer apenas literatura”.

Conversamos sobre opiniões políticas. Marques Rebelo fala dos escritores que se deixam assoberbar por preocupações políticas.

Muitos durante a ditadura anunciavam obras geniais. A ditadura desapareceu, e eles continuaram escrevendo excepcionalmente mal.

Marques Rebelo afirma:

- Não tenho propriamente uma opinião política. Acho tudo uma porcaria, de modo que todo regime é ruim. Não é minha opinião política nem meu voto de eleitor que modificarão a ordem existente. É verdade que há regimes piores do que os ruins. Embora ache que o mundo caminha para uma igualdade, uma divisão de recursos e ganhos mais equitativa, e olhe com admiração para os homens que se atiram a essa tarefa de construir algo melhor, creio que, ao final, continuará sempre a ambição, a necessidade humana de desejar mais ainda, sem que tudo que veio de melhor tivesse a força de modificar um milésimo de milionésimo dentro do homem, que é um monstro, capaz de tudo, até de abnegações. Quero dizer o seguinte: sou incapaz de votar, mas, de votar com os que conspiram contra o amanhã. Estou ao lado dos humildes, dos pobres apesar de crer que estes são tão safados como os outros. O que acho ruim é que todos os homens, sendo safados, não tenham os mesmos privilégios.

Diz ainda:

- Se houvesse consciência, ninguém estaria dormindo esta noite. Seria uma insônia geral.

E finalizando:

- Tenho um grande respeito pela baixeza humana.

## OS INTROSPECTIVOS DE ENTRE RIOS

As diretrizes literárias do Brasil constituem assunto de nossa entrevista. O autor de “Oscarina” declara:

- Acho que no Brasil existe uma coisa que é bem boa para a nossa literatura. É o poder de individualidade. Moda literária sempre haverá – todos os grandes escritores são, entretanto, aqueles que não fazem moda literária.

Agora é moda o romance social.

É besteira. O romance introspectivo é outra besteira muito grande. Há o escritor naturalmente intimista e há a moda; são coisas totalmente diferentes. A moda é uma maneira fácil do sujeito querer brilhar, ser incorporado.

Fala-me de Montagens e Voltaire, o primeiro intimista, o segundo aberto. Volta à carga:

- Existem atualmente 26 introspectivos no Brasil. Parece time de futebol. Há o primeiro time de introspectivos, o segundo time de introspectivos. E há ainda os introspectivos de Entre Rios e Cascadura. São uns cretinos. O melhor que a gente faz é tomar café.

## 11.2 - ENTREVISTA: “NÃO SOU, NEM NUNCA FUI PARANOICA OU MISTIFICADORA” - ENTREVISTADA: ANITA MALFATTI <sup>82</sup>.

26 de maio de 1946

Há trinta anos, uma jovem de singular talento realizava em São Paulo uma exposição de arte moderna. A primeira exposição de arte da vanguarda que se efetuava no Brasil, na cidade provinciana, o seu grito de rebeldia, se não teve a força de um escândalo, assustou pelo menos a burguesia habituada com o academismo acomodado e conformado com os cânones. Anita Malfatti era pouco mais do que uma adolescente. Voltando da Europa e dos Estados Unidos, onde estudara pintura, a menina-moça decidira expor seus trabalhos em nossa capital. Pendurados os quadros, num pequeno salão da rua Líbero Badaró, era natural que sobre aquele brado renovador caísse a tempestade da incompreensão. Monteiro Lobato, indo ver a exposição, não gostou. E insultou a artista com um desaforo que ficou celebre – o seu artigo intitulado “Paranoia ou mistificação? Anita Malfatti não era nem paranoica nem mistificadora. Era apenas uma artista consciente que procurava viver, nos domínios da arte, o seu tempo, mordida pelo anseio renovador. Lá se foram trinta anos. Hoje em dia, já quase ninguém mais se escandaliza com a arte contemporânea. Ela venceu em toda linha. Mas Monteiro Lobato insiste e persiste na sua velha idiossincrasia. Não mudou. É o mesmíssimo Lobato de 1916. A sua “Carta ao Prefeito” é filhote espiritual de “Paranoia ou mistificação? Anita Malfatti, tão asperamente atacada pelo contista, continua fiel aos seus pontos de vista artísticos. E aí está, ainda hoje, exercendo não apenas como pintora, mas também como professora de pintura, o seu nobre e fecundo apostolado educativo. Na história do Modernismo, cabe-lhe todo um capítulo heroico: o capítulo empolgante da precursora.

### A PROPÓSITO DA ARTE MODERNA

No seu palacete, à Rua Ceará, entre quadros dos velhos tempos e obras inacabadas, Anita Malfatti falou sem mágoas a respeito da nova onda antimodernista que se levanta em São Paulo.

---

<sup>82</sup> MALFATTI, Anita. Não sou, nem nunca fui paranoica ou mistificadora. (São Paulo, via-aérea). Entrevistada Anita Malfatti. **Folha do Norte**, Belém, 26 maio 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

- O Sr. Monteiro Lobato ficou em 1916, a despeito de tudo quanto ocorre um de 1916 a esta parte. Que fazer? Cada um pensa como quer. O Sr. Lobato em 1916, afiançou ao grande público que de duas, uma, ou eu era paranoica ou, então, mistificadora. E, afinal, parece-me que não sou nunca fui nada disso. Nem paranoica, nem mistificadora: artista apenas. Uma artista sincera, que cuidou de viver o seu tempo e entregar-se, de corpo e alma, à nova estética prenunciadora dos novos tempos. Eu, se tivesse a mentalidade do Sr. Lobato, não andaria nunca de avião nem de automóvel. Viajaria sempre de diligência, de tálburi ou de carro de boi “...

E procurava coordenar suas recordações do passado.

-“Já se foram trinta anos, hein? Quanto voltei da Europa, estava animada de um propósito honesto: contribuir, com uma parcela pequenina embora, para que déssemos um passo à frente, num testemunho de libertação de preconceitos superados”.

- Sua exposição foi bem compreendida, na época?

- Houve de tudo, meu caro. Desde à pancadaria do Sr. Monteiro Lobato até aos elogios compreensivos de alguns críticos mais argutos! Lembro-me bem de que Mario de Andrade, mocinho ainda, visitou a exposição em companhia de dois amigos. Examinou quadro por quadro. E, às tantas, abriu a bocarra numa gargalhada rumorosa. Estranhei. Procurei saber a razão por que achara graça naquilo tudo, que era muito sério. Mário, porém não me explicou. Confessou-me, apenas, que tivera uma forte impressão. Uma impressão que ele ainda não poderia disciplinar através de uma opinião momentânea.

## **O HOMEM AMARELO**

- Alguns dias depois – acrescenta Anita Malfatti – Mário de Andrade voltou à exposição. Muito sério, procurou-me. Havia feito um soneto em louvor do “Homem Amarelo”. Um soneto parnasiano, em grande estilo, que guardo religiosamente até hoje.

Aliás, o “Homem Amarelo” pertence à coleção Mario de Andrade, não é isso?

- É verdade, Mario, que era um jovem estudante, pronto como todos os estudantes, manifestou o desejo de adquirir o quadro. Foi uma luta. O conselheiro Antonio Prado também queria. Afinal, decidi-me pela oferta de Mario de Andrade. O “Homem Amarelo” foi vendido a prestações. O admirável polígrafo – ah! Quanta falta nos faz Mario de Andrade, o grande, o inolvidável Mario de Andrade, que valia por muitos “medalhões” reunidos – levou feliz o “Homem amarelo”. E ficou me pagando um tempão...

## **“NÃO INVENTEI”**

Anita Malfatti não se abespinhou com a bordoadada de Monteiro Lobato.

- “O artigo dele causou-me, antes, uma dolorosa surpresa, tanto mais quanto havia lido, antes, uma serie de trabalhos de Monteiro Lobato se não me engano a propósito do estilo, em que o autor defendia uma tese que me pareceu avançada. Quando li o artigo áspero contra mim, tive uma grande desilusão. Manifestei o meu ceticismo a vários amigos. E, afinal, compreendi que a arte

moderna independia do Sr. Monteiro Lobato para existir. Mesmo porque eu não inventei a arte moderna... Aliás, não guardo ódios. Esse artigo de Lobato, escrito há tantos anos, é uma poeira deliquescente na minha vida de artista. Ele, na verdade, não me prejudicou. Pinto e ensino pintura há mais de trinta anos. E, se é verdade que não estou rica como o Sr. Monteiro Lobato, vivo tranquila e feliz, neste meu retiro da rua Ceará. Nunca me afastei do meu ideal. Se vivemos uma época que difere, substancialmente, dos tempos que se foram, está claro que a arte deve exprimir essa diferença. Hoje em dia, ninguém mais escreve como Balzac. Ou como Sá de Miranda. Nem podemos pintar como há meio século, a não ser como pesquisa a título de experiência. Se o Sr. Monteiro Lobato prefere escrever como Camilo Castelo Branco ou imitar Maupassant. Isso é lá com ele. E que não sirva de exemplo. Cada um faz, o que pode. E não o que quer. De mim, direi apenas que vivo e continuo vivendo a minha época. Fui e continuo sendo sincera. E jamais fui “snob”...

- Mas o Sr. Monteiro Lobato, afirmou que em geral os artistas modernos morrem na miséria, que ninguém adquire os seus trabalhos...

- “Isto é bobagem, meu caro. Pergunte a Portinari se ele não vende os seus trabalhos. Pergunte ao Sr. Gustavo Capanema quanto ele pagou pelos painéis e pelas decorações feitas por Candido Portinari, no Ministério da Educação. Interrogue Bruno Giorgi e procure saber quanto ele ganhou com os bustos que figuram no Ministério da Educação”.

- E os seus quadros?

- “Os meus quadros? Graças a Deus, nunca encaharam. Vendi tudo, ou quase tudo. Inclusive os mais avançados, os da fase expressionista, quando eu procurava alcançar certos efeitos de velocidade, exprimindo, de qualquer forma, a inquietação espiritual que antecedeu a guerra de 1914-1918. Aliás, essa história de achar que só é bom o que se vende com facilidade configura, a meu ver, uma opinião menos sensata. Quase sempre, mais vale um gosto do que seis vinténs...

Qualquer artista medíocre, que transija com o gosto dos imbecis, e faça uma arte bem comportada, isto é, fotografia colorida, vende seguramente a sua mercadoria. Haverá sempre algum “nouveau riche” com verba suficiente para encher os seus aposentos de mulheres nuas, peixes e metais, marinhas quietas e paisagens mansas de cartolina.

## **MORREU PINTANDO**

- Lobato aludiu a “um tal De Flori”, afirmando que ele morreu de desgosto porque nunca vendeu um trabalho em São Paulo...

- “Essa versão infeliz prova, apenas, que o Sr. Monteiro Lobato, além de não conhecer arte, desconhece, por exemplo, quem foi o grande, o fabuloso De Flori. Além do mais, a perfídia lobateana foi, em última análise, um achincalhe à obra de Ernesto De Flori, que os homens realmente cultos admiram e compreendem. De Flori teve uma morte impressionante. Morreu pintando quadro, a palheta e as tintas adiante dele no quarto de enfermo. Nos últimos anos, De Flori, que era um dos mais notáveis escritores do mundo estava estudando pintura. E seria, se não morresse, também um excelente pintor. Essa história de

dizer que o artista moderno faz “drogas” para vender, isto é, tem duas concepções de arte, uma para si mesmo, outra para o grande público, é inconsistente. O artista é um só. Se ele transigir com o espírito comercial e fizer encomendas de acordo com o gosto do freguês, como se pintar ou esculpir fosse qualquer coisa como preparar uma feijoada à carioca, então não será um artista. Será, quando muito uma Emilia estouvada no país das artes plásticas. Se eu fizesse arte comercial, como poderia, depois, encontrar força par fazer a verdadeira arte? Não. Não existe uma pintura para vender e outra para enriquecer o patrimônio artístico da humanidade. Não há dois Portinaris, não há dois Cícero Dias, não há dois Lassar Segall, não há dois Brecheret. O artista que se biparte, que pinta ou esculpe baboseiras para vender, e obras de arte para guardar, não é a rigor, um artista. É um comerciante vulgar, como tantos, que vivem vendendo suas mercadorias de carregação nas exposições de todo o mundo”.

- Mas voltemos ao caso de De Fiori: por que não vendia seus trabalhos?

- “Não vendeu porque não quis. De Fiori era um esquisitão. Tendo feito alguma economia, pode dar-se ao luxo de fazer arte pela arte. Tinha um ciúme danado dos seus trabalhos. Expunha-os, mas não os vendia, a não ser que pagassem o que ele pedia. Tanto é verdade que deixou, com um irmão, toda uma coleção valiosíssima, que bem poderia ser mostrada aos paulistas, numa exposição conjunta, realizada, por exemplo, sob o patrocínio do Departamento de Cultura”.

## **MUSEU DE ARTE MODERNA**

E Anita Malfatti encerra com estas palavras à sua entrevista:

- “Mas não vamos perder tempo com o ranço reacionário ou com os D’Artagnan do academismo, o qual ficou, para usar o título de um filme que os cinemas exibiram faz algum tempo, na noite do passado... Vamos cuidar de ir para a frente. O Museu de Arte Moderna deve ser organizado em São Paulo... A discordância do Sr. Abraão Ribeiro e a carta do Sr. Monteiro Lobato devem, ao contrário de que se pensa, constituir um estímulo para que continuemos batalhando em prol da concretização da iniciativa. O Museu reuniria toda uma documentação preciosa, colocando-a ao abrigo da destruição e do esquecimento, e às gerações vindouras competirá emitir juízos seguros a respeito da nossa contribuição à evolução artística”.

### 11.3 - ENTREVISTA: “NÃO EXISTE LÍNGUA BRASILEIRA” – ENTREVISTADO: MANUEL BANDEIRA<sup>83</sup>

2 de junho de 1946

FALA O POETA MANUEL BANDEIRA – NENHUM IDIOMA É AUTÔNOMO – EM SÃO PAULO SE DIZ “ANTÓNIO” – NA VENEZUELA NÃO SE FALA O “VENEZUELANO”, MAS SIM O ESPANHOL

- Acerca de uma sugestão enviada à câmara, por um grupo de intelectuais, no sentido de ser o nosso idioma passado a chamar “língua brasileira”, ao invés de língua portuguesa, ouvimos o poeta Manuel bandeira:

Iniciando sua entrevista, disse-nos o poeta Manuel Bandeira:

- Em primeiro lugar, basta possuir-se um pouco de senso comum para se chegar à conclusão de que não existe “idioma brasileiro. O que nós falamos e escrevemos, é língua portuguesa, e ninguém pode dizer o contrário. As alegações que se fazem quase sempre carecem de razão. Alega-se que em Portugal se diz “António” e no Brasil “Antônio”. Ora, em São Paulo, a poucos passos daqui, se diz “António”, tanto assim que o escritor Antônio de Alcântara Machado assinava “António”. Pelo que você está vendo, os que generalizam esquecem os detalhes que às vezes tudo explicam.

#### UM ABSURDO E OS CLAMORES

Continuando suas declarações. Disse:

- Para confirmar a existência de uma língua brasileira – o que seria um absurdo – apregoam seus defensores que o português falado no Brasil se desenvolveu muito, adquirindo outras proporções, e enriquecendo-se com o tupi. Ora, o português falado em Portugal é bem diferente da língua falada no mesmo país no século XIII ou XIV. Isso nos indica apenas que a língua se desenvolveu. Nenhum português conseguirá entender os clássicos daqueles tempos. Outros dizem que o brasileiro não entende o que o português diz. Evidentemente, trata-se de um exagero, mas mesmo assim quero chamar a atenção para uma coisa: muito carioca ou paulista não entende direito o que diz um cearense ou um paraense. Isso não impede que todos nós brasileiros nos entendamos muito bem...

Portanto, considero pueril a tese da existência de uma prosódia diferente. Há apenas peculiaridades, que enriquecem uma língua comum a dois países. Creio que ninguém nunca se lembrou de chamar o espanhol que se fala na Venezuela de “venezuelano” nem o idioma falado na Argentina de “argentino”. Entretanto, o castelhano se enriqueceu admiravelmente em todos os países hispano-americanos. Nos Estados Unidos, fala-se um inglês um pouco diferente do que é falado na Inglaterra. São, porém, o mesmo idioma.

---

<sup>83</sup> BANDEIRA, Manuel. Não existe língua brasileira. (Rio de Janeiro, Via-aérea). **Folha do Norte**, Belém, 2 jun.1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

- a unificação ortográfica dos idiomas era necessária, para um melhor entendimento. Afirma-se que os portugueses aproveitarão a “deixa” espalhando livros didáticos no comércio brasileiro. Acho que nada temos a opor, desde que sejam livros bons.

Concluindo, disse o acadêmico Manuel Bandeira:

- Desafio um filólogo a dar-me uma prova científica da existência de uma língua autônoma. Não há idiomas independentes. Eles crescem, enriquecem-se, transformam-se, mas continuam sempre os mesmos. Estou conversando com você em português ou em brasileiro?

- Em português, claro! Respondeu o repórter, despedindo-se de poeta que aos sessenta anos ainda possui cabelos inteiramente pretos e um sorriso saudável de jovem...

#### 11.4 – ENTREVISTA - “DEPOIMENTO DE WALDEMAR CAVALCANTI” - ENTREVISTADO: WALDEMAR CAVALCANTI<sup>84</sup>

16 de junho de 1946

RIO, via aérea (A.U.) - Nesta breve entrevista, Waldemar Cavalcanti dá as suas impressões sobre o panorama literário brasileiro no presente momento. Disse-nos o conhecido crítico e ensaísta:

- Parece que a literatura brasileira vai mesmo atravessando um período de vacas magras. Estamos quase a meio ano e creio que não podemos apontar de pronto e sem hesitação quaisquer obras realmente marcantes que hajam saído, nestes cinco meses, dos nossos prelos. Nada daqueles sinais que, por si sós, caracterizam uma época fecunda e uma safra das boas.

E prosseguindo:

- O que acontece com o romance, pode-se dizer que é bem típico. Os veteranos andam na moita, exercitando-se noutras atividades ou escrevendo devagar em silêncio. Um José Lins do Rêgo, que safrejava todos os anos, anda de fogo morto, só produzindo pequenos artigos de jornais. Graciliano Ramos promete parte das suas memórias de homem feito daqui a quatro ou cinco anos. Jorge Amado não pode ter tempo de cuidar do seu anunciado romance dos emigrantes do São Francisco: as suas atividades de deputado são absorventes. E o mesmo acontece com Amando Fontes. Calado se conserva Erico Veríssimo, desde que chegou dos Estados Unidos. De José Geraldo Vieira, Marques Rebelo, Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, apenas promessas. E o mesmo acontece com os calouros do romance. Sabe-se apenas que é possível ainda apareçam este ano os primeiros produtos de Lêdo Ivo, Luiz Jardim, Breno Acioli e outros.

E que fazem os poetas? Bem pouco – continuou Waldemar Cavalcanti. Apenas distribuem as suas mercadorias por cabotagem – pelos suplementos. Um outro reúne as suas poesias completas como quem arruma bagagem. Até um rapaz de seus trinta anos, Odorico Tavares, já fez isso, como se já houvesse dado conta do recado e sentido estaque a sua admirável veia lírica.

Os homens das ciências sociais, esses não tiram os olhos da política, preocupados, ao que parece, com os trabalhos da Assembleia Constituinte. Nem há notícia daqueles que, em plena guerra, se davam à pachorra de estudar a psicologia do cafuné. E sentimos esse fenómeno alarmante: já não aparecem no mercado os ensaios de 500 páginas, os livros grossos, que tanto respeito infundem e criam de repente glórias intangíveis.

É isso, meu caro amigo. Vacas magras: com pouca carne e pouco osso, como nos açougues – concluiu Waldemar Cavalcanti.

---

<sup>84</sup> CAVALCANTI, Waldemar. Depoimento de Waldemar Cavalcanti. (Rio de Janeiro, Via-aérea A. U.). **Folha do Norte**, Belém, 16 jun. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

## 11.5 - ENTREVISTA: “O CONTO NA LITERATURA” – ENTREVISTADO: MARQUES REBELO – ENTREVISTADOR: ALMEIDA FISCHER<sup>85</sup>

14 de julho de 1946

### O CONTO NA LITERATURA

Depoimento do escritor Marques Rebelo – Nada é mais difícil do que a síntese – Há imbecilidade e ignorância – Maupassant foi o invento da anedota.

### ENTREVISTA DE ALMEIDA FISCHER

RIO (Via aérea) - O conto é um gênero literário que não conta com muitos representantes, não só na literatura brasileira, como também na universal.

A razão pela qual os intelectuais dão preferência ao romance, à poesia, à biografia, talvez resida na dificuldade que o conto oferece para a realização de uma verdadeira obra prima no gênero. Mesmo na literatura estrangeira, podemos contar a dedo os bons contistas. Além de Poe, Gorki, Tchecov, Maupassant, Andreiv e poucos outros, que grandes nomes poderíamos citar? Os contistas excepcionais são mais raros ainda. As dificuldades apresentadas pela síntese, aliadas à injustificável prevenção dos editores contra os livros do gênero têm feito com que os ficcionistas se dediquem, em sua maioria, ao romance, — bom produto para o mercado de livros, principalmente no Brasil.

Na literatura brasileira podíamos citar poucos contistas de real mérito, entre os vivos e os mortos, além de Machado de Assis, Afonso Arinos, Alcântara Machado, Waldomiro Silveira, Monteiro Lobato, Aníbal Machado, Luiz Jardim. É verdade que há novos de valor que se vêm firmando dia a dia no gênero, como Breno Accioly, Osvaldo Alves, Dias da Costa, Miroel Silveira, Xavier Placer, Joel Silveira e mais alguns. Entretanto, os nossos contistas geralmente mudam de gênero, acabam como romancistas, como Breno Accioly, que anuncia “Dunas”, Xavier Placer, que vai publicar também um romance, Osvaldo Alves, que se estreou com o romance “Um homem dentro do mundo”, publicou um bom livro de contos e agora vai voltar ao gênero anterior, segundo se anuncia; Joel Silveira se dedica mais à reportagem do que ao conto, e Miroel se entusiasmou decididamente pelo teatro.

Seja como for, apesar do nosso pequeno número de contistas, a verdade é que o conto vem encontrando melhor ambiente à sua existência como gênero literário de significação em nossos dias.

Agora mesmo, há questão de pouco mais de um mês, foi dado a público um volume de contos de um estreante e a edição se esgotou imediatamente.

É verdade que certos críticos e cronistas exageraram um pouco os méritos do livro e se esqueceram de apontar-lhe as deficiências, o que explica, em parte, o sucesso obtido.

---

<sup>85</sup> ALMEIDA, Fischer. O conto na literatura. Entrevistado Marques Rebelo. **Folha do Norte**, Belém, 14 jul.1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2-3.

Entretanto, não se pode negar que, no momento, o interesse pelo livro de contos é bem maior do que há vinte anos atrás, e o caso do estreante que, em pouco mais de um mês viu sua coletânea entrar para a segunda edição é bastante confortador.

Entre os melhores contistas do Brasil surge imediatamente Marques Rebelo, com a vantagem de ter sido, se não nos enganamos, o criador do moderno conto nacional, mérito suficiente para situá-lo à vanguarda dos nossos ficcionistas de hoje.

Publicando “Oscarina” em 1931, Marques Rebelo iniciou uma nova fase no gênero, entre nós, - abandonando a antiga e tradicional estrutura do conto encerrado sempre com “chavão de ouro”, e armado com cenários gritando de pantomima barata de circo de cavalinhos. Marques Rebelo patrocinou, no conto, a ironia leve, o ridículo simpático, a tristeza tranquila e reduziu-o a episódios, a flagrantes de vida – sem subidas nem decidas, sem tragédias de final de ato – usando em seus trabalho esse farto material episódico da vida cotidiana com a leveza, a graça e a simplicidade que só ao seu talento seria possível realizar.

O contista patricio publicou ainda mais dois volumes de contos. “Três caminhos”, em 1933, edição atualmente esgotada, e “Stela me abriu a porta”. Em outros gêneros publicou “Marafa”. “A estrela sobe”, romances, e a peça “Rua Alegre”.

É justamente esse grande contista moderno que faz, hoje, o seu depoimento sobre o conto.

### **NADA É MAIS DIFÍCIL DO QUE A SÍNTESE**

Marques Rebelo recebeu-nos em sua residência em Botafogo e, inteirado do nosso propósito de entrevistá-lo, pôs-se à nossa disposição. Formulamos-lhe, então, a primeira pergunta:

- Concorda com a afirmação de Georges Duhamel de que o conto é o mais difícil gênero literário?

- “Perfeitamente — respondeu-nos o escritor. Eu me sinto suspeito para falar sobre este assunto, pois comecei fazendo contos. Acho que é o mais difícil gênero literário porque nada oferece mais dificuldades, em literatura, do que a síntese e só é grande escritor aquele que sabe sintetizar. O exemplo prático disto é que há contos magníficos, verdadeiras obras primas, mas são raríssimos os contistas de mérito excepcional, quando há numerosíssimos grandes romancistas. Na minha opinião, não há realmente contistas, mas sim escritores que percebem que determinada matéria é um conto e não um romance”.

### **HÁ IMBECILIDADE E IGNORÂNCIA**

- Acha fundamento na prevenção dos editores contra o livro de contos? - indagamos-lhe.

- “Não. Acho que os nossos editores estão na idade da pedra, começando pelas edições, que são as mais feias do mundo. Não há prevenção, há imbecilidade e ignorância. Melhores a apresentação gráfica do nosso livro para ver se não aumentará a sua venda, seja ele do gênero que for”.

- Numa época vertiginosa, dinâmica, como a nossa, o conto de pequena extensão e de fácil leitura, não devia, justamente, ser o gênero preferido pelo homem apressado de nossos dias? - insistimos.

- “Pelo contrário, acho que a nossa época dá preferência para o romance massudo, onde há facilidade de esconder-se a falta de talento, a mediocridade”.

### **MAUPASSANT FOI O INVENTOR DA ANEDOTA**

Marques Rabelo estranha que os homens de hoje, sem muito tempo para ler, ainda deem preferência aos romances massudos. O contista acha que, quem não tiver tempo não deve ler, mas não sabe explicar porque os livros volumosos atraem mais os nossos leitores comuns. Após tomarmos um cafezinho, perguntamos ao autor de “Oscarina”.

- Na sua opinião, temos contistas comparáveis a Andreiv, Poe, Maupassant?

Marques Rabelo responde sorrindo:

- “Eu, infelizmente, não gosto de nenhum desses três. No estilo de Maupassant, temos o Sr. Monteiro Lobato e, de alguma maneira, também o Sr. Lima Barreto não ficou muito longe desse cidadão. O que valorizou Maupassant foi ser ele o inventor da anedota. Simples questão de prioridade...”

### **UMA RESPOSTA DIFÍCIL E PERIGOSA**

- No capítulo das influências quais os escritores que mais contribuíram para a sua formação literária? Perguntamos.

- “Essa pergunta é de difícil e perigosa resposta porque o sujeito, sem querer, pode tomar um ar pedantesco dando como guia um grande astro e, nas suas páginas, não mostrando nem um centésimo de seu brilho. Se você faz questão que eu cite alguns dos escritores que influíram na minha formação literária, procurarei entendê-lo.

- Sim, gostaria de saber, pelo menos, quais foram os principais.

- “Nesse caso — disse Marques Rebelo, — tome nota. Manuel Antonio de Almeida, Machado e Eça, em nossa língua, sendo que, não devo me esquecer de Alcântara Machado e Ribeiro Couto, também contribuíram um pouco na minha formação literária. Mas a contribuição mais sólida, de forma, torna-se difícil precisar, tantas foram as paixões literárias que me empolgaram no tempo em que a gente se impressiona com alguma coisa. Todavia, creio que dois deles podem ser citados: Stendhal e Jules Renard”.

### **UMA DEZENA DE BONS CONTISTAS**

Marques Rebelo conta algumas passagens interessantes e pitorescas de sua vida literária. Enquanto isso, o fotógrafo bate uma chapa. Alegre e cordial, a palestra com o escritor poderia prolongar-se pela noite a dentro, não estivesse ele se livrando de uns restos de gripe. O repórter sente-se à vontade e tem a impressão de que conhece o contista há muitos anos. Perguntamos ao autor de “Três caminhos”:

- Acha que o nosso conto já apresenta características próprias e inconfundíveis?

Marques Rebelo responde prontamente:

- “Creio que, depois de haver Machado de Assis, não se pode deixar de responder positivamente e isso é tão evidente que uma das realidades que, na minha opinião garantem a existência da literatura brasileira como coisa significativa, é que com bem pouco tempo de vida real, ela apresenta, pelo menos, uma dezena de bons contistas”.

### **PARA AS IDEIAS FÁCEIS HÁ OS JORNAIS...**

- A literatura deve descer até o povo, ou este elevar-se até ela? - indagamos.

- “No dia em que a literatura descer até o povo, ela estará liquidada. Para as ideias fáceis e acessíveis há os jornais. Não creio que nenhum escritor realmente de valor possa ficar satisfeito em ver sua literatura rebaixada a um vespertino formato tabloide...”

- Acha que estamos caminhando para uma nova concepção literária e artística?

- “Não existem novas concepções literárias ou artísticas, — diz-nos Marques Rebelo - mas sim um processo natural de desenvolvimento da literatura e da arte”.

### **PROCURAR ERRAR EM OUTRO GÊNERO**

A entrevista está chegando ao fim. São 11 horas da noite. Perguntamos ainda:

- Prepara algum novo livro de contos atualmente?

- “Não, porque no ano de 1939 reuni os contos escritos até aquela época, publicando, em 1942, “Stela me abriu a porta”, meu último volume no gênero, isto porque eu reputo ser mérito de um escritor, quando ele chega a dominar suficientemente um gênero literário, nele não mais insistir. Deve, pelo contrário ir procurar errar em outro gênero, mesmo que esse gênero seja inferior ao a que ele se dedicava anteriormente. Preparo, no momento, um romance, “Espelho partido”, no qual venho trabalhando desde 1936. Mas agora, ele sairá mesmo.

### **DEPOIS O TEATRO**

Para finalizar, sabendo que o escritor tinha publicado uma peça de teatro, indagamos:

- Pretende tentar outro gênero literário além do conto e do romance?

- “Estou ainda tentando exclusivamente o romance, mas, encaminhar-me-ei para o teatro, no qual já fiz uma peça que não ficaria em pé em nenhum teatro do mundo, mas que me ensinou bastante — razão pela qual tenho esperanças de poder fazer coisa melhor no gênero”.

## 11.6 - ENTREVISTA: “RETROSPECTO DO ANO LITERÁRIO” – ENTREVISTADOS: LÚCIO CARDOSO, MARQUES REBELO, GUIMARÃES ROSA, GRACILIANO RAMOS ET AL.<sup>86</sup>

22 de dezembro de 1946

Os escritores brasileiros opinam sobre os sucessos literário de 1946 - Poesia, ficção e ensaio - Depõem neste inquérito Lúcio Cardoso, Aníbal Machado, Santa Rosa, Magalhães Júnior, Otávio de Faria, Guilherme de Figueiredo, Lêdo Ivo, Alvaro Lins, Marques Rebelo, Genolino Amado, Adonias Filho, Guimarães Rosa, Otávio Tarquinio de Sousa, Lucia Miguel Pereira, Almeida Fischer, Cyro dos Anjos, Otto Schneider, Graciliano Ramos e Ascendino Leite.

Rio, Via aérea (A. U.) — Está a encerrar-se o ano literário de mil novecentos e quarenta e seis. LETRAS E ARTES, suplemento da “A Manhã”, deliberou assim, ouvir os escritores brasileiros sobre os sucessos literários do ano, na prosa se ficção, na poesia e no ensaio. A opinião desses escritores, poetas e artistas, com responsabilidades firmadas no movimento que ora se processa em nossas letras, vai transcrita aí abaixo, numa série de impressões colhidas ao acaso.

A título de esclarecimento, LETRAS E ARTES observa que entre os livros mencionados nesta “enquete”, alguns foram impressos e apareceram nos últimos dias do ano passado, tendo sido, entretanto, praticamente lançados em 1946. Outros, como o livro do Sr. Gustavo Corção, “Três Alqueires e uma vaca”, mal acabam de sair e ainda não chegaram às mãos dos críticos. O mesmo se poderá dizer do romance do Sr. Jorge Amado. O balanço das opiniões colhidas neste inquérito revela, porém, que o presente ano não foi de todo desfavorável às nossas letras. Por entre as flutuações do movimento literário, podemos registrar pelo menos três significativas estreias na ficção e a poesia mostrou a sua continuidade em alguns livros de singular importância, como os dos Srs. Calos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo, Dantas Mota e Oswaldino Marques.

### O VOTO DE LÚCIO CARDOSO

Lúcio Cardoso, o romancista de “Dias Perdidos”, que, aliás, publicou duas novelas este ano, “A Professora Hilda” e “O Anfiteatro”, foi o primeiro a depor nesta “enquete”. Interrogado pelo repórter, disse Lúcio Cardoso:

— No que respeita à ficção, parece-me que os melhores livros do ano foram “O Lustre”, de Clarice Lispector, e “Os Servos da Morte”, de Adonias Filho. Em poesia, voto no “Ode e Elegia”, de Lêdo Ivo.

### OPINA ANÍBAL MACHADO

---

<sup>86</sup> CARDOSO, Lúcio, Et al. Retrospecto do Ano Literário (Rio, Via aérea). **Folha do Norte**, Belém, 22 dez. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2-3.

Telefonamos ao escritor Aníbal Machado. O contista de “Vila Feliz” declarou-se, de início, impossibilitado de dar a sua opinião por não estar bem seguro dos livros aparecidos durante o ano. Pediu-nos uma relação e lembramos ao criador de “Tati, a garota”, o título de alguns sucessos de 46.

- Dou o meu voto para o “Sagarana”, do Guimarães Rosa. Foi o melhor livro de ficção — interrompeu Aníbal.

- E em poesia?

— “A Rosa do Povo”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Ode e Elegia”, do Lêdo Ivo.

### **O DEPOIMENTO DE SANTA ROSA**

O pintor Santa Rosa, interrogado pelo repórter na Livraria José Olympio, fez blague:

- Ora velho, as experiências artísticas me incompatibilizaram com a literatura...

Insistimos, Santa Rosa, que parecia ainda preocupado com os últimos retoques da grande montagem de “A Rainha Morta”; referiu-se apenas aos livros de poesia.

- “A Rosa do Povo” é um grande livro — declarou.

Citou ainda os nomes de Dantas Mota e Lêdo Ivo:

- Não tanto pelo que realizaram, mas pelo que ainda poderão dar...

### **UMA NOTÁVEL REVELAÇÃO**

R. de Magalhães Júnior, jornalista, escritor e homem de teatro, afirmou:

- Tenho-me preocupado, de preferência, ultimamente, com a literatura estrangeira. Deixei de ler, assim, vários livros de autores nacionais. Não quero dizer, entretanto, que seja o melhor, mas acho que “Água Funda” é uma notável revelação literária.

Sobre a literatura de expressão poética, Raimundo de Magalhães Júnior disse ao repórter:

- Votei n” “A Rosa do Povo”, num inquérito semelhante, feito em dezembro do ano passado. Por que votar nele agora? Destaco, porém, Oswaldino Marques, seus poemas me parecem uma excelente afirmação de talento poético.

### **O VOTO DE OTÁVIO DE FARIA**

Otávio de Faria, o romancista de “Anjo de Pedra”, destacou “Os Servos da Morte”, do Sr. Adonias Filho, como o melhor romance deste ano.

- Não faço diferença entre o livro do Sr. Adonias Filho e “O Lustre” de Clarice Lispector. “O anfiteatro” e “A professora Hilda”, do Sr. Lúcio Cardoso.

- E quanto à poesia?

- “Ode e Elegia”, de Lêdo Ivo, em primeiro lugar, e as “Poesias”, de Antonio Rangel Bandeira foram, a meu ver, os mais significativos do ano.

### **DEPÕE O PRESIDENTE DA A.B.E**

Na rua do Ouvidor, encontramos Guilherme de Figueiredo. O contista de “Rondinela” e presidente da Associação Brasileira de Escritores, contestou, desse modo, à nossa pergunta:

- Em poesia, voto n’ “A Rosa do Povo” e no livro de Antonio Rangel Bandeira, “Poesias”. Quanto à prosa, a meu ver, os melhores foram “Sagarana”, de Guimarães Rosa, e “Um rosto noturno”, de Reynaldo Moura. No terreno do ensaio, destaco “Sombras no Túnel”, de Osório Borba, e “Os inocentes no Leblon”, de Genolino Amado.

### **NA PRIMEIRA LINHA DA NOSSA FICÇÃO**

O Sr. Lêdo Ivo não teve preferências em poesias no ano de 46. Referiu-se tão só aos romances.

- Na minha opinião, — disse ao repórter — o melhor deste ano foi o do Sr. Adonias Filho que, embora estreante, deu a “Os Servos da Morte” um sentido dramático, uma sondagem psicológica e uma compreensão trágica da vida que o situam na primeira linha da nossa ficção.

### **ESTREIA TÃO IMPORTANTE QUANTO A DE “OS SERTÕES”**

Pelo telefone, procuramos colher as impressões de Álvaro Lins. O acatado crítico do “Correio da Manhã”, não hesitou, votando em “Sagarana” como o melhor livro de ficção de 46:

- Não é só um grande livro em si mesmo — declarou o autor de “Rio Branco” - como abre um caminho novo na literatura brasileira. Considero uma estreia tão importante em 46 quanto o lançamento de “Os Sertões”, em 1902. Entre os livros de erudição, dou preferência ao terceiro volume da “História do Império”, de Tobias Monteiro. Quanto à poesia, menciono “Ode e Elegia”, de Lêdo Ivo, e “Poesias”, de Odorico Tavares.

Álvaro Lins salientou, ainda, que as suas impressões se referem, logicamente, àquela produção literária que até o momento chegara ao seu conhecimento.

### **O VOTO DE MARQUES REBELO**

Depois de algumas blagues, o romancista e contista Marques Rebelo fez-se de sério e respondeu concisamente ao repórter:

- Na poesia: “A Rosa do Povo”, de Carlos Drummond, e “Ode e Elegia”, de Lêdo Ivo. Na prosa: “Sagarana”, de Guimarães Rosa.

### **OPINA GENOLINO AMADO**

Genolino Amado, que também publicou este ano um livro em que inclui suas esplêndidas crônicas de jornal, sob o título de “Os inocentes do Leblon”, declarou:

- Poesia, voto n’ “A Rosa do Povo”. Em prosa, destaco “Sagarana”. Na crônica, “As sombras no Túnel”, de Osório Borba, me parece o mais importante.

## **DEPÕE O CRÍTICO ADONIAS FILHO**

Na livraria da editora “A Noite”, ouvimos o crítico e romancista Adonias Filho:

- Voto no “Sagarana”. Considero o melhor livro de ficção de 46. Em poesia, destaco Lêdo Ivo, com “Ode e Elegia”. Quanto aos estrangeiros, parece-me um acontecimento importante do ponto de vista estritamente de nossa literatura o lançamento de mais um romance de Wassermann, “O Processo Mauritzius”.

## **UMA ABSTENÇÃO. COMO NA CONFERÊNCIA DA PAZ**

Ausente do país durante alguns meses, Guimarães Rosa, numa rápida palestra pelo telefone, fez sentir ao repórter que não tivera tempo de se pôr inteiramente em dia com o que se publicara em 1946 no Brasil. Deu, entretanto, seu voto, quanto à poesia, ao livro de Carlos Drummond de Andrade, “A Rosa do Povo”. Quanto à prosa de ficção, o Sr. Guimarães Rosa fez como se ainda estivesse na Conferência da Paz, agindo sem dúvida por deformação profissional:

- Abstenção...

Em livros de crônica, preferiu o de Franklin de Oliveira:

- Gostei muito de “Sete Dias” que, na minha opinião, é muito mais importante do que se poderia pensar.

## **O VOTO DE UM REPÓRTER**

O repórter e cronista literário Almeida Fischer, também depôs neste inquérito:

- Na minha opinião o melhor livro de ficção de 46 é “Os Servos da Morte”, romance de estreia de Adonias Filho, — escritor discutido e combatido, às vezes até negado, mais indubitavelmente um notável romancista. Na poesia, acho muito bons “A Rosa do Povo”, de Carlos Drummond e “Ode e Elegia”, de Lêdo Ivo. Posso discordar das ideias de todos, mas sob o ponto de vista literário, seus livros são a meu ver os melhores do ano, nos respectivos gêneros.

## **AS IMPRESSÕES DE OTÁVIO TARQUINIO E LÚCIA MIGUEL PEREIRA**

Otávio Tarquinio de Sousa, o ilustre biógrafo de José Bonifácio, responde:

- “A Rosa do Povo”, de Drummond, e as “Poesias” do Odorico Tavares, são muito significativos. Quanto à ficção, voto em “Sagarana” e “Água Funda”. E, no gênero ensaio, no livro de Osório Borba. “Sombras no Tunel”.

- Lúcia Miguel Pereira contestou prontamente à nossa pergunta:

- Não li todos os livros que já saíram este ano. Dos que li, gostei muito da “Rosa do Povo”, do Drummond, e das “Elegias do País das Gerais”, do mineiro Dantas Mota, no que toca à poesia. Quanto à literatura de ficção, também gostei, e muito, dos romances de Clarice Lispector, “O Lustre”, e de Ruth Guimarães. “Água Funda”. Creio merecer o mesmo relevo o romance de Lúcio Cardoso, “A Professora Hilda”.

## **AS IMPRESSÕES DO AUTOR DE “HISTÓRIA DA RÚSSIA”**

O autor de “História da Rússia”, Otto Schneider, respondeu:

- Na ficção, “Os Servos da Morte”, de Adonias Filho. Na poesia, “A Rosa do Povo”, de Carlos Drummond de Andrade. Como grande acontecimento literário, acentuo o lançamento do primeiro volume da “Comédia Humana”, de Balzac.

### **FALA GRACILIANO RAMOS**

O romancista Graciliano Ramos, na Livraria José Olympio, diz à reportagem:

- Quanto à poesia, “A Rosa do Povo” está em primeiro lugar. Menciono ainda os poemas de Oswaldino Marques, que são uma excelente revelação.

- E quanto à prosa de ficção?

- Considero impossível responder honestamente ao inquérito. Há vários livros que ainda não li porque mal acabaram de sair, como os romances de Jorge Amado, do Dionelino Machado, etc... Há outros com os quais já havia travado conhecimento quanto entraram em concurso, de que eu era juiz. Assim, para me pronunciar a respeito, seria preciso fazer uma releitura de livros como “Sagarana”, de Guimarães Rosa, d’ “Os Servos da Morte”, de Adonias Filho, “Capricornius”, de Ovidio Chaves, etc..

### **A OPINIÃO DO CRIADOR DE “ABDIAS”**

O romancista Cyro dos Anjos, autor de “O amanuense Belmiro” e de “Abdias”, disse ao repórter:

- Em poesia, gostei muitíssimo de “A Rosa do Povo”, de Drummond, e de “Ode e Elegia”, de Lêdo Ivo. O primeiro é uma velha admiração minha.

[...]

## 11.7 - ENTREVISTA: “A LITERATURA BRASILEIRA HÁ MUITO QUE RUMOU PARA A ESQUERDA”<sup>87</sup> - ENTREVISTADO: ÉRICO VERÍSSIMO

16 março 1947

Entrevista com Erico Veríssimo - o escritor e as academias - Hollywood, o mundo e o Brasil... - Outras declarações do romancista de “Olhai os lírios dos campos”

S. PAULO, via aérea (A.U.) - De passagem por esta capital, o escritor Erico Veríssimo foi alvo de grandes homenagens por parte dos intelectuais paulistas, tendo realizado, com muito sucesso, uma conferência na Biblioteca Municipal.

Entrevistado por um jornalista, o romancista de “O resto é silêncio” fez as seguintes oportunas declarações:

- Desde que a literatura tem sido, em todo o mundo, a precursora dos grandes acontecimentos sociais, que é que a tendência atual da nossa literatura faz prever como movimento, como novidade, no panorama político social do Brasil?

- “A literatura brasileira há muito que rumou para a esquerda. Acho que a marcha do mundo para o socialismo é inevitável. Quando falo em esquerda não me refiro ao comunismo que existe na Rússia. Acredito muito no tipo de socialismo que nos virá da França, devidamente passado pela sensibílissima peneira latina. A literatura tem representado um papel importante nessa marcha para o socialismo. Não acho que um escritor deva fazer literatura política com o fim de servir a um determinado partido. Mas acho que ele pode, se quiser. O que me parece capital é que ele escreva sobre o mundo em que vive, o mundo que existe, um mundo de absurdos, injustiças, desigualdades e crueldades. O romancista que fizer isso com verdade, com penetração e veemência, terá prestado um grande serviço à causa humana. Não é necessário tomar partido e repetir as frases que no momento os comitês políticos põem em circulação. A finalidade do romancista, com relação aos problemas sociais (isso sem esquecer a sua responsabilidade para com os problemas eternos do homem e, que diabo, os seus compromissos com a beleza, pois no fim de contas ele também é um artista”, a finalidade do romancista é mostrar que o organismo social está doente e precisa urgentemente de ser curado. Para essa cura é preciso muito mais que um livro, que cem livros, que mil livros...”

- Como se fez escritor, isto é, em que momento se sentiu escritor?

- “No princípio achei que podia ser desenhista e pintor. Mas ia também escrevendo coisas. Foi só em 1930 que publiquei o primeiro conto. Depois vieram outros. E o primeiro livro, o segundo, o terceiro. Dizem que o homem que mata uma vez acaba matando a segunda. Com a literatura a tragédia é a mesma. Ou pior. Porque o criminoso nunca vai para a cadeia. Seria difícil dizer o momento exato em que me senti escritor. Mas será mesmo que sou escritor? Nesta altura da minha carreira começo a acreditar que sim”.

---

<sup>87</sup> VERÍSSIMO, Érico. A literatura brasileira há muito que rumou para a esquerda. **Folha do Norte**, Belém, 16 mar. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

- Que acha das Academias de Letras? E da Academia Brasileira de Letras?

- “Acho que se as Academias existem é porque há alguma razão para isso. Parecem-me mais úteis as associações de classe que tratam dos interesses materiais dos escritores e artistas. Da Academia Brasileira de Letras não acho nada. Há dentro dela grandes escritores e escritores pequenos, além de respeitáveis, mediocridades. Posso lhe assegurar que nunca me passou pela cabeça a ideia de me candidatar a essa espécie de imortalidade. Nem a essa nem a outra. Para a primeira me falta apetite; para a segunda me faltará qualidade”.

- Qual o escritor e o poeta paulista de sua predileção?

- “Quando a gente está em São Paulo”, — responde. — “tem a tendência de dizer que gosta de todos. Simples dever de cortesia para com uma cidade admirável de gente cordial. Mas a verdade é que gosto de muitos escritores paulistas. Aqui vive talvez o mais completo dos ficcionistas: José Geraldo Vieira, um dos poucos romancistas brasileiros que têm estatura para ser exportado com sucesso. Aqui viveu, escreveu e morreu esse imenso Mário de Andrade. E eu seria insincero se não confessasse o meu fraco por esse imprevisível e magnífico Oswald de Andrade. É de São Paulo também o homem a quem de bom grado eu daria um prêmio literário especial por tudo quanto a ficção brasileira lhe deve: Monteiro Lobato. Quanto à poesia... sou um miserável. Leio pouco poesia. Quando me sinto inclinado à poesia, ouço música”.

- Por que até hoje nenhum autor brasileiro recebeu o Prêmio Nobel? E, se Hollywood está sempre atrás de argumentos, por que nunca foram aproveitados os contos e as novelas brasileiras? Bus Fekete Lazlo, escritor húngaro, tem sido aproveitadíssimo pelo cinema americano.

- “Creio sinceramente que além de Machado de Assis e Euclides da Cunha, a nossa literatura não tem nenhum escritor de estatura capaz de chamar sobre ele a atenção do júri de Estocolmo. Acontece ainda que o português, para efeitos de divulgação, é quase uma língua morta. Quanto a Hollywood, fiz a mesma pergunta à gente dos estúdios. Eles parecem achar que nossos romances não têm história cinematográfica e dizem respeito não só a costumes como também a sentimentos que o público americano não compreende bem. E o público americano é o que paga. O melhor mercado para os “films” americanos é o interno. Lembre-se de que o autor húngaro que citei foi traduzido para o inglês. É um europeu. Tem a vantagem da língua, da situação geográfica, além de outras...”

- Na sua opinião, quais os grandes da literatura brasileira?

- “É muito difícil mencionar os grandes. Talvez só o tempo possa dizer isso. Prefiro mencionar os escritores de que gosto. Considero Graciliano Ramos uma espécie de clássico moderno. Leio com um prazer enorme os romances de Jorge Amado, Lins do Rêgo, especialmente com “Banguê” e “Fogo Morto” tem, na nossa literatura, um lugar muito alto. Já mencionei o Zé Geraldo Vieira. Há ainda romancistas da envergadura de Otávio de Faria, que está fazendo uma grande obra de análise social. E Lúcio Cardoso, que tem a vocação do drama. Sou ledor de Gilberto Freyre, Sergio Milliet, Sergio Buarque de Hollanda, Afonso Arinos de Melo Franco, Oscar Mendes, Alvaro Lins. Lá no sul os meus ensaístas favoritos são, além de Vianna Moog, Moisés Velinho e Carlos Dante de Moraes. E parece-

me que poucos nesta terra escrevem de maneira mais límpida e saborosa que Augusto Meyer. Sempre me considereei mais importante como leitor do que como escritor. Minha capacidade de admiração continua intacta, apesar de todos os perigos da profissão literária...”

- Qual a razão de ter viajado primeiro para os Estados Unidos ao invés da Europa?

- “Para ser absolutamente sincero, fui só aos Estados Unidos porque o Governo desse país me convidou duas vezes para ir até lá. Um escritor, mesmo o que se pode considerar “best selling”, dificilmente tem recursos para empreender viagens dispendiosas como aquela. Como vê, a razão é bastante prosaica”.

- Qual o ambiente literário feminino no Rio Grande do Sul?

- “É o mais pobre imaginável. Poucas mulheres se dedicam à literatura. Dessas poucas, pouquíssimas são dignas de menção.

## 11.8 - ENTREVISTA: “O MAIOR CRÍTICO DA LITERATURA ARGENTINA CONTEMPORÂNEA” - ENTREVISTADO ROBERT GIUSTI - ENTREVISTADOR: BRITO BROCA<sup>88</sup>

6 de abril de 1947

Rio, via aérea – (A. U) - “Letras e Artes” publica a seguinte oportuna entrevista de Brito Broca na Argentina.

Buenos Aires, - janeiro – Jorge Romero Biest, tão vivamente interessado em servir-me, explica-me:

- Martinez é um “pueblesito” a vinte minutos de Buenos Aires. Basta saltar na estação e perguntar pela calle estrada. Ali o espera Robert Giusti.

Os intelectuais brasileiros, com poucas exceções, não conhecem o autor de “Literatura e vida”, que, entretanto, já se tem ocupado de muitos dos nossos escritores, sobretudo, de José Lins do Rego. Quanto a mim, direi: só na biblioteca nacional pude ler, certa vez, um livro de Giusti, cuja acuidade de crítica logo me impressionou. Também Otto Maria Carpeaux, que não se entusiasma com facilidade, falou-me do ensaísta de “Amiel”, como um dos grandes valores intelectuais do continente.

- Este sim – objetivava Carpeaux – este sim...

Estou à porta da residência de Robert Giusti. Em Martinez as casas são quase todas ajardinadas. Aparece a esposa do escritor, e quando declino meu nome, surge ele, lá de dentro, apresentando-se a receber-me: uma figura de ator cômico italiano, de irresistível simpatia.

- Por aqui meu amigo, por aqui... Conduz-me logo ao seu gabinete de trabalho, bem perto da porta principal. Na parede, distingo uma fotografia de Paul Groussac, entre outros retratos de escritores.

Jubilado na cátedra, Giusti que exerceu o magistério durante muitos anos e que foi político militante, deputado em várias legislaturas, vive agora, mais ou menos, isolado, em Martinez, a existência propícia à produção de um belo livro de memórias.

Muito tem o que contar esse homem, pertencente à mais brilhante geração da literatura argentina, impulsionador do movimento intelectual liderado pela revista “Nosotros”.

Em cinco minutos de palestra, Giusti já nos revela a independência de seu espírito alerta e percuciente.

Falamos no desconhecimento recíproco entre as literaturas brasileira e argentina.

---

<sup>88</sup> BROCA, Brito. O maior crítico da literatura Argentina contemporânea. (Rio, Via aérea – A. U.), Entrevistado Robert Giust. **Folha do Norte**, ano II, nº. 24, 6 abr. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

-“Evidentemente” - diz ele- “eu me interessei muito pelos escritores do Brasil, conheço bom número deles e já tenho me ocupado de alguns, mas a verdade é esta: não saberia fazer uma exposição orgânica da literatura brasileira, como, de certo, o faria da francesa ou da italiana. Falta-me uma visão de conjunto, o que naturalmente acontece com quase todos os meus confrades argentinos”.

- “Mas assim mesmo os nossos escritores aparecem traduzidos com freqüência aqui enquanto os da Argentina não são absolutamente divulgados lá”.

- “Certamente porque os senhores se têm em maior número e melhores” – acrescenta Giusti, com indiscutível amabilidade.

### **A GERAÇÃO DE NOSOTROS**

Aludo ao movimento de “NOSOTROS”, a famosa revista que tanta repercussão teve em todo continente.

- Iniciei a minha carreira – diz o autor de “Amiel” - no mesmo ano em que entrei na Faculdade de Filosofia e Letras. Em 1907, com o meu amigo Alfredo Bianchi – cujo reinado o senhor vê ali na parede – realizei a idéia de que há muito vinha trabalhando: fundei “NOSOTROS”. “Em torno da revista, como já sabe, agrupou-se toda uma geração”

- “E quais são os principais características dessa geração?”

- “Dois podem logo ser ressaltados: a influência francesa e a boemia. Vou recordar alguns nomes, de momento: Becker, grande boêmio, espírito muito fino, de tornelo anatoleano; Antonio Monteavaro, também muito afrancesado; Atilio Chiappore, amigo e colaborador de Ingenieros; Ricardo Rojas, Florencio Sanches, o grande dramaturgo que se consumiu na boemia; Horacio Quiroga, o admirável contista; Mario Bravo; Evaristo Carriego, este poeta dos arrabaldes e dos humildes; Alfonsina Storni, que o senhor deve conhecer muito bem; Fernandos Moreno; Masti Pi, uma envergadura de crítico.

A grande descoberta dessa geração foi o poeta Enrique Banchs, hoje completamente afastado da vida literária, depois de nos haver legado algumas obras do mais alto valor lírico. Manuel Galvez, também pertencente ao grupo, retratou-o no romance. “El Mal Metafisico”, onde todos os personagens correspondem a figuras da realidade. Lembra-se, por exemplo, daquele literato de nome russo. Orlof, que se comprazia em ser tão cruel nas críticas a Carlos Riga. Não é outro senão Alberto Guerchunoff, um dos colaboradores da nossa revista. Galvez pintou bem o ambiente da época. Vivia-se em plena boemia. Bebia-se muito. O whisky e o absinto eram baratos, embora não por menos perigosos. Uma das vítimas foi o pobre Florencio Sanchez, a quem muito admirava e sobre o qual cheguei mesmo a escrever um livro.

- E Payró não pertenceu também ao grupo?

- Foi por assim dizer o patriarca da geração; publicou um artigo no primeiro número de “Nosotros”.

### **CRÍTICA E POLÊMICA**

- E sua carreira de crítico?

- Meu primeiro livro “Nuestros Poetas Jovenes”, revista crítica do movimento poético argentino, publiquei-o em 1912. Depois fui reunindo em

volumes sob o título “Crítica e Polemica” os estudos e apreciações estampados em “Nosotros”.

Quer dizer que todos eles encerram matéria de discussão.

Giusti sorri maliciosamente.

- Sim meu amigo, a princípio discutia; sempre foi esse o meu traço; mas como não encontrava com quem discutir, acabei fazendo apenas crítica. Os volumes, porém, conservaram o título. Publiquei também um ensaio sobre Amiel; outro sobre Sanchez, a quem já me referi, um livrinho de contos “Mis Munecos” e por último “Literatura y Vida”, em 1939. Refiro-me apenas a obras literárias, pois tenho escrito vários livros de textos, para as escolas e esses é que rendem algum dinheiro; o mais é quase somente a satisfação da vaidade, de uma vaidade que, com os anos, já se vai esvanecendo.

- E não continua a fazer crítica?

- Não lhe agrada essa atividade em caráter militante?

Giusti ergue os braços num tom de desânimo.

- Onde e quando existiu a crítica militante entre nós. Os jornais não querem saber de literatura. Há apenas registros bibliográficos de caráter simplesmente informativo e encomiástico para não desgostar ninguém. A crítica pode acarretar aborrecimentos.

E mesmo quando aceitam colaboração delimitam rigorosamente o espaço. Veja aqui estes artigos literários: publicados sempre em tipo pequeno e sem destaque. Eis o que embaraça a crítica entre nós. No momento, o único que está fazendo alguma coisa apreciável nesse terreno julgo ser Luís Emilio Sotto (Hector Lisato) com seus artigos em “La Argentina Libre”.

### **CORTESIA E CRITICA OBJETIVA**

Pergunto-lhe agora que lhe parece favorável para incrementar o conhecimento recíproco das literaturas brasileira e argentina.

- Os tais intercâmbios – observa Giusti – efetuam-se geralmente no plano da política literária. Um escritor daqui envia seu livro a um escritor de lá e este elogia por mera cortesia. Com base na cortesia não se pode informar objetivamente. Eis o que vem dando resultado absolutamente inócuo...

Giusti está a falar e eu a lembrar-me de Cristovam Camargo, Claudio de Sousa e quejandos.

Logo depois, mostra-me seus livros brasileiros. Alude a obra de José Lins do Rego, de uma grande força telúrica.

E ao despedirmo-nos, levo a certeza de haver conversado com um homem extraordinariamente inteligente, dos que maior regozijo intelectual já me causaram na existência.

## 11.9 - ENTREVISTA: “QUAIS AS DIRETRIZES FUTURAS DO ROMANCE?” - ENTREVISTADO: JOSÉ CONDÉ- ENTREVISTADOR: ALMEIDA FISCHER<sup>89</sup>

25 maio1947

### **ROMANCE ESCRITO “A LA DIABLE” – UM BOM NEGÓCIO – O ROMANCE MATRACA – DEPOIMENTO DO ESCRITOR JOSÉ VIEIRA Almeida Fischer (Exclusividade da FOLHA DO NORTE no Pará)**

O escritor José Vieira, autor dos romances “Vida e aventura de Pedro Malazarte”, “Espelho de casados”, “O livro de Thilda”, “O bota-abaixo” e outros, é uma das mais altas expressões de nossa cultura. Como romancista e estudioso de nossos assuntos folclóricos, o conhecido homem de letras, que também é seguro ensaísta e crítico literário, tornou-se uma das figuras mais importantes de nossa literatura atual.

Tomando parte hoje no inquérito que vimos realizando entre os escritores brasileiros sobre as diretrizes futuras do romance entre nós, José Vieira oferece-nos um dos mais equilibrados depoimentos sobre o assunto.

Reconhece o brilhante escritor que existe realmente uma certa crise no romance atualmente escrito no Brasil e aponta algumas das causas que a determinaram. Inteiro-nos do seu depoimento.

#### **ROMANCE ESCRITO “A LA DIABLE”**

Iniciando seu depoimento sobre o romance, José Vieira diz-nos:

- Nos nossos dias, tem-se acentuado, para mim, alarmantemente, a predominância do romance escrito “à la diable”, sobre o romance obra literária. Predominância de êxito como venda e de aceitação geral. Estimando o gênero a ponto de sentir a ele não me poder dedicar inteiramente, prefiro a última espécie, quanto à primeira, apenas deixo de condená-la de todo, porque alguns deles, pela matéria ou pelas qualidades criadoras do autor, merecem acolhimento e, até, estudo. Flaubert esperou que a ficção se encaminhasse para resolver-se em história. História vem sendo ela, desde o começo, no sentido de refletir, por natureza, os costumes, o espírito, enfim, a vida de cada época. Por isso, nem tudo se perde no romance comum, desde que traga qualquer intenção.

#### **UM BOM NEGÓCIO**

Prosseguindo, diz-nos o autor de “Espelho de casados”:

- O romance tornou-se um negócio, um bom negócio, para quem o escreve ou para quem o vende, às vezes, para ambos, como se dá na Inglaterra e nos Estados Unidos. Diria que nisso assenta o seu problema em nosso tempo. Objeto de comércio a ser explorado com a feição que melhores vantagens permita — a

---

<sup>89</sup> ALMEIDA, Fischer. Quais as diretrizes futuras do romance? Entrevistado José Condé. **Folha do Norte**, Belém, 25 maio1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

simples aventura, o simples sentimento, ou os dois em combinação —, o romance popular haveria de vencer, como venceu, o romance literário. Resta a este um refúgio entre as “elites”, cada dia mais reduzidas, que, apesar disso, vem resistindo à crescente adesão da classe média ao vulgar e às exigências da massa ignorante, incapaz de raciocinar ante guias convictos ou só “snobs”, nem por isso menos orgulhosa da sua preponderância no presente caos.

## **O ROMANCE MATRACA**

Sobre o romance com insinuação ideológica, o romancista José Vieira disse:

- Os escritores de formação clássica e universalista não poderão voltar, como diria Graça Aranha, à inocência perdida, e encontram-se diante de um caso de consciência: ceder à borrasca que tem por si, com o poder mercantil, uma propaganda pronta a agir de mangas arregaçadas quando é para impor o romance da insinuação ideológica, — o romance matraca: ou se conformar, retraindo-se com as “elites” que crêem e esperam uma ordem social onde se possa viver não tendo por fim destruir os valores fundamentais da civilização secular?

Os que perderam a inocência não têm que se conformar nem ceder. A ficção da incultura, opor a ficção da cultura. É o dever do escritor. Chamo escritor, exclusivamente, aquele que, cultivando a sua língua escreve realizando uma arte.

- Não acredito na morte do romance, afirma José Vieira. Depois da primeira grande guerra, muito se falou em crise da ficção. Ela esteve mesmo em crise. Os romancistas eram poucos e estavam [ ]<sup>90</sup>. Ainda, assim, sucedeu ao tempo em que homens eminentes da França vencedora proclamavam nada mais caber aos povos que se refazerem economicamente; que “aquilo” de ciência, letras e artes era coisa incompatível com os novos tempos, devedores de uma reconstituição da vida humana fundada nos interesses imediatos. Como se, por exemplo, os artistas pudessem deixar de ser artistas e não precisassem viver. Deste modo se pensava quando o próprio espírito imediatista inspirou os editores. Alguns livros de guerra tinham alcançado tiragens enormes. O negócio pegou; os espectadores da horrenda desgraça encheram-se de curiosidade; os editores multiplicaram-se. O resto é o que estamos vendo. Agora, é difícil voltar atrás. Ajudando o editor está o leitor comum em número crescente; e em todos redespertou o hábito de se nutrir de histórias reais ou imaginadas que levem a círculos agradáveis de vida e pensamento. Aqui está a razão das caudalosas tiragens, verificadas em toda parte.

Finalizando seu depoimento sobre o romance entre nós, o escritor José Vieira diz-nos:

- O romance de amanhã, um visionado romance deste novo pós-guerra... Não sou dado a profecias. Um realismo que se tem antevisto e prometido, acho que já aí está. Não tem sido outra coisa, exceções notadas, o romance dos Estados Unidos. Para mais, é um realismo crítico, do mais instigador e do mais grato aos propugnadores de pena da convulsão social permanente. Mas, se o

---

<sup>90</sup> Ilegível

romancista tem deveres para com o seu leitor, como tem, é para ficarmos nisso, para profetizar isso, — um velho mero realismo, crítico ou somente panorâmico? Se olharmos para dentro de nós, reconhecemos que não andamos contentes. Não contentes os que escrevem ou pregam o aborrrível romance matraca, descontentes os que não nos explicam nem com o simples realismo, nem com essa ficção propaganda, grosseira pelo que prega, grosseira pelo mau gosto e maçadora. Precisamos, desejamos melhor. Mas não sou profeta e não devo formular receitas. O romance do próximo amanhã depende mais do romancista vindouro portador de alguma coisa menos ária, e não sabemos como será, que e anúncios, de antecipações, mesmo nascidos da honesta boa vontade.

**11.10 - ENTREVISTA: “QUAIS AS DIRETRIZES FUTURAS DO ROMANCE?” - ENTREVISTADO: LÊDO IVO – ENTREVISTADOR: ALMEIDA FISCHER<sup>91</sup>**

1º de junho de 1947

Lêdo Ivo, jovem de pouco mais de vinte anos, é, entretanto, no momento, um dos mais positivos valores da mais nova geração literária brasileira. Conhecido como poeta em todo o país, o jovem autor de “As imaginações” e “Ode e elegia”, acaba de se apresentar ao nosso público como romancista, com “As alianças”, publicado há dias pela Livraria Agir Editora.

Poeta considerado como dos melhores da moderna poética nacional, Lêdo Ivo, de há muito conquistou definitivamente um lugar de destaque entre os mais representativos valores de sua geração.

Como romancista, a crítica literária patricia irá assinalar, em função da publicação de “As alianças”, o aparecimento de um dos mais inquietos e brilhantes cultores do gênero entre nós.

“As alianças” é um romance que colocará o jovem escritor entre os bons romancistas moços do Brasil de hoje.

Lêdo Ivo toma parte agora no inquérito que vimos realizando entre os nossos escritores a respeito das diretrizes futuras do romance no Brasil. Vários críticos e ensaístas são de opinião de que o romance atravessa no momento, entre nós, uma fase de estagnação, de decadência. Nosso inquérito visa indagar quais serão as diretrizes futuras do romance em nosso país.

O romancista de “As Alianças”, participando de nosso “enquete”, diz:

- Pergunta-me você se existe crise no romance. Sua pergunta pode ser respondida de dois modos, e ambos absolutamente verdadeiros. Tanto posso afirmar que o romance sempre esteve em crise, como dizer que jamais o esteve. Seria ingenuidade afirmar que esta crise se está processando em nosso século, que já nos deu Pirandello, Virginia, Woolf, Proust, Joyce, Lawrence, Faulkner, Mauriac e tantos outros. O que há, em minha opinião, é um desmembramento constante e ininterrupto do romance, realizando tanto em sua matéria formal como em sua densidade substancial. O romance, sendo um gênero que aspira à fixação da totalidade do homem à representação da vida e interpretação das paixões humanas, é um gênero impuro, cercado de elementos, que o nutrem não só para enriquecê-lo, como também para comprometê-lo. Esses elementos, de ordem política, social, científica, econômica, religiosa, etc., são responsáveis ou por grandes vitórias, ou por grandes desastres. Aliás, desde o “Dom Quixote”, ao último “viente de paraître”, observa-se um multifário e desconcertante desenvolvimento do romance, que se transfigura em estilo, em técnica, em dimensão, uma vez que existem o “gênero”, que é o elemento estável, e o “romancista”, que é o elemento dinâmico, este oferecendo um romance que é

---

<sup>91</sup>ALMEIDA, Fischer. Quais as diretrizes futuras do romance? Entrevistado Lêdo Ivo. **Folha do Norte**. Belém, 01 jun. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

diferente de todos os romances do mundo, dando novas perspectivas no caso de sua contribuição ser notável, tornando-o portador de sua experiência pessoal, ou então chegando a inventá-lo de novo, como fizeram os arquivos e revolucionários Kafka e Proust.

Continuando nas suas declarações, diz-nos Lêdo Ivo:

- Critica-se atualmente a dissolução do romance, atribuindo-se este a várias evidências, como o “romance poético”, o romance interessado, portador de uma mensagem política, ou o romance co-reportagem. Entretanto, observado o problema [ ] [ ], verificaremos que essas categorias só existem aparentemente. O que faz a grandeza do romance está acima desses germes e dessas ideias que ele traz em si. Estes são elementos perecíveis, que o ligam à sua época e à filosofia do tempo, enquanto o romance, espelhando o autor, ultrapassa essas fronteiras, firmando-se em nós em simultâneo sentido de personalidade do criador e genialidade de criação. A arte termina em si mesma. Sua eternidade vem disso. “Guerra e Paz” não é grande por focalizar a invasores napoleônica, mas por ter sido escrito por Tolstoi. As teorias e as intenções de Zola e Balzac, são as mais ingênuas possíveis. Seus romances, entretanto, vem hoje, apesar disso, o que atesta o gênio de seus criadores.

- Quanto ao chamado romance poético – prossegue o autor ditólico da esquerda, o Sr. Álvaro Lins – fazem do livro do Sr. J. Fernando Carneiro um documento político de nossa época e dos mais importantes.

É claro que ele não apresenta programas de governo, nem fórmulas tripartidas de soluções simétricas. Mas apresenta o exemplo de um homem que enfrentou com serenidade e probidade os problemas de seu tempo e de seu país e que não temeu desafiar com as suas conclusões pouco convencionais, as ideias estabelecidas e o asqueroso senso das conveniências que tem feito de alguns dos membros mais importantes da igreja os cúmplices de muitos dos maiores crimes contra o homem. Talvez, por exemplo, se pudessem retificar algumas das opiniões do Sr. J. Fernando Carneiro, como no caso da questão imigratória, na qual, a meu ver, ele foge de um excesso para cair muitas vezes no excesso oposto. Mas, de qualquer forma, nesse e em outros pontos, em que uma divergência puramente pessoal e talvez opinativa pudesse opor-se às ideias do Sr. J. Fernando Carneiro, o que não se pode negar é a isenção e a inteligência com que se atira à meditação de alguns graves problemas políticos e administrativos do Brasil, dando-nos um exemplo do que pode a inteligência alcançar se realmente disposta ao trabalho desinteressado.

Talvez pareça contraditório falar de trabalho desinteressado da inteligência a propósito de um livro pragmático como este. Mas é justamente isso: não é livro que [contorcione] os fatos para demonstrar uma tese, não é uma interpretação tendenciosa dos acontecimentos, não parte das conclusões para as demonstrações. É por isso que não hesito em lhe atribuir o caráter desinteressado pelo menos quanto aos medíocres interesses imediatos que geralmente dominam os escritos políticos no Brasil. O seu único interesse foi o legitimamente intelectual de encontrar solução para certos problemas que nos afligem. Era, portanto, o

interesse do cientista procurando a equação decisiva ou a fórmula dum medicamento.

## **11.12 - ENTREVISTA: “QUAIS AS DIRETRIZES FUTURAS DO ROMANCE?” – ENTREVISTADO: ADONIAS FILHO - ENTREVISTADOR: ALMEIDA FISCHER<sup>92</sup>**

6 julho 1947

Iniciando o seu depoimento, o autor de “Os servos da morte” disse:

- O futuro do romance, como o da eloquência, do drama e da poesia, ainda está no seu passado. A matéria literária, que absolutamente não é social, e apesar do aparente movimento das escolas, permanece sendo a mesma do início. O que pensamos seja moderno, e definimos como uma nova tendência, é tão somente o reflexo de uma análise ou de um exame mais profundo. Essa dissecação porém, que já se renovou mil vezes, alcançou o esgotamento inevitável - e se o romancista não deseja atraiçoar o romance, outro caminho não vejo senão o de repelir a função de intérprete, da sociedade ou do mundo, para aceitar a única atitude possível: encerrar-se como um eremita em sua própria imaginação criadora. Um crítico do século passado, digamos Talne, chamaria isso “decifrar emoções”. Homem do meu tempo, prefiro outra denominação, mais justa e mais precisa: revelar a existência no círculo dos seus problemas duráveis.

### **A PRISÃO SEM LIMITES**

Confiando o seu depoimento sobre as diretrizes futuras do romance, Adonias que dizia só ser genuína a crítica apaixonada, isto é, a crítica que exercita em nome de um núcleo de verdades oposto a todos os outros núcleos que possam existir. Sem ir tão longe, é inegável a tendência do homem de adotar um “sistema” de se resguardar debaixo de um conjunto de dogmas, já “pensados” e defendidos por outros, em busca da segurança que é a atmosfera vital por que anseia a inteligência. Sabe-se em sociologia como o grupalismo torna mais fácil a vida do indivíduo, mais segura e de uma certa forma mais livre, ainda que essa liberdade deva contentar-se com os limites impostos pelo próprio grupo. É também o que se dá na vida espiritual: o homem abdica de uma parcela, às vezes considerável, de sua liberdade, em troca desse pão do Grande Inquisidor que é a sombra acolhedora de uma doutrina ou de um sistema...

O crítico não pode, porém, abrir mão da mais essencial das suas liberdades, que é a de descobrir ou a de reconhecer a parcela de verdade que pode existir, que realmente existe, nos seus adversários de ideias e até nos seus adversários pessoais conforme o Sr. Tristão de Atayde observou nas interessantes meditações dedicadas a essa atividade de que é um dos mestres

---

<sup>92</sup> FISCHER, Almeida. Quais as diretrizes futuras do romance? (Exclusividade da Folha do Norte). Entrevistado Adonias Filho. **Folha do Norte**, Belém, 6 de julho 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

indiscutidos. É, entretanto o que se verifica com a maior frequência e o que tem feito dos debates de ideias sangrentas justas de eliminação do adversário. O homem recusa admitir a existência de ideias antagônicas lado a lado e não deixa de identificar as ideias alheias com os seus conceitos pessoais de bem ou de mal conforme concordem ou não com as suas próprias. É uma atitude egocêntrica de feia conceituação moral, mas de imemorial existência histórica.

Tudo isso porém, o crítico deve esforçar-se por corrigir se realmente deseja interpretar a obra de arte e não apenas expor as suas ideias. Grande parte das justas acusações que se tem feito à crítica resulta dos erros de observação provocados por deturpações conscientes ou por ineficiência da leitura inteligente. Santo Agostinho recomendava que a leitura não se resumisse num exercício de “inter legere”, mas que abrangesse principalmente um esforço de “intus legere” de leitura interior procurasse atingir o maior grau de penetração e agudez do entendimento.

E embora o Cardeal Mercier como outros muitos, tenha discordado dessa etimologia da palavra “inteligente”, nem por isso ela deixa de ser uma admirável e sempre fugitiva aspiração da crítica de literatura: o conhecimento do autor ou da obra graças a uma penetração na sua substância e não por um superficial passeio na crista de suas palavras.

#### “CRIADO NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES O PRÊMIO MARIO DE ANDRADE”

Desenvolvendo o seu louvável programa de multiplicar os prêmios literários, a Associação Brasileira de escritores obteve, por doação do empresário N. Viggiani, a criação de mais uma recompensa, que vem juntar-se a outras, como sejam o “Prêmio Pandiá Calógeras”, doado pelo Sr. Valentim Bouças, o “Prêmio Edições Condé, e os que estão sendo estudados em seus pormenores, o “Prêmio Fundação Brasil Central” e o “Prêmio Afranio Peixoto”.

O empresário Sr. N. Viggiani, desejando contribuir para o estímulo das letras musicais no Brasil, autorizou a A. E. D. E. a distribuir anualmente um prêmio de Cr\$ 10.000,00, intitulado “Prêmio Mario de Andrade”. Concorrerão anualmente a esse prêmio quaisquer obras sobre música brasileira, escritas em português, de autoria de escritores brasileiros ou estrangeiro filiado à A.B. D.E. , independentemente de inscrição formal, publicadas cada ano. A comissão julgadora do prêmio será assim constituída: um membro designado pela Escola Nacional de Música, um designado pelo conservatório de Música do Rio de Janeiro, este somente com direito a voto de desempate. Ao fim de cada ano, a A.B.D.E. do Rio oficiará a cada uma dessas entidades solicitando a designação de seu representante. Os votos serão dados por escrito, enviados à A.B.D.E., seção do Rio e abertos em sessão pública da diretoria, na primeira quinzena de janeiro.

**11.13 - ENTREVISTA: “QUAIS AS DIRETRIZES FUTURAS DO ROMANCE?” - ENTREVISTADO: GUILHERME FIGUEIREDO – ENTREVISTADOR: ALMEIDA FISCHER<sup>93</sup>**

22 de junho de 1947

Continuando com o nosso inquérito sobre as diretrizes futuras do romance em geral e do romance brasileiro em particular, hoje oferecemos aos nossos leitores o depoimento valioso do escritor Guilherme Figueiredo.

O autor de “Rondinela” é uma das figuras marcantes de sua geração. Contista e cronista de grande mérito, entretanto, Guilherme Figueiredo tornou-se mais conhecido como crítico literário, tendo feito, durante longo tempo, o rodapé de crítica do “Diário de Notícias”.

Num inquérito em que as opiniões se entrechocam livremente, como no que estamos realizando, - consistindo seu principal valor justamente em sua maior diversidade, o depoimento do conhecido escritor pesa bastante.

Iniciando seu depoimento o autor de “Rondinela” disse:

- O inquérito que com tanta lucidez Almeida Fischer está conduzindo para “Letras e Artes”, me deixa entre duas seduções igualmente grandes: a de responder sobre as diretrizes futuras do romance em geral, ou a de responder sobre as diretrizes futuras do romance brasileiro. Entretanto, as tendências futuras do romance brasileiro se subordinam, é claro, por fatores de ordem cultural, histórica, social, às do romance futuro. Por outras palavras, o nosso romancista estará criando, conscientemente ou não, o romance das mesmas angústias do homem em outras partes da terra; e o romance de outros países, por sua vez, conterà, necessariamente, as nossas angústias. As peculiaridades de região, de povo, a premência incidental de um ou outro problema, e o talento pessoal de cada romancista é que constituirão as diferenças. Por isso, prefiro optar pela resposta de quais as tendências do romance do futuro.

A vitória das armas democráticas sobre as totalitárias não desmentiu a tese de que estamos sob o signo da decadência. Doutrinadores da “ordem dos fortes”, de elite, ou do socialismo, constatarem esta decadência. Neste ponto, o crítico da direita e o da esquerda estão de acordo. Mas, enquanto para Spengler, por exemplo, a decadência é a da cultura ocidental, para o socialismo, ele é a da burguesia, a do capitalismo. Por isso, o primeiro era pessimista e pregava a salvação de sua classe pela força; o segundo é otimista, e deseja a reforma que transforme a decadência cultural num surto mais vasto de esclarecimento, em que a arte deixe de ser um privilégio para tornar-se um direito comum. Entretanto, o mundo de amanhã, o mundo feliz que

---

<sup>93</sup> FISCHER, Almeida. Quais as diretrizes futuras do romance? (Exclusividade da Folha do Norte). Entrevistado Guilherme Figueiredo. **Folha do Norte**, 22 jun. 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 7.

se antevia surgir das dores da guerra não virá assim tão facilmente como era prometido nos anúncios do esforço bélico. Virá com sofrimentos, com uma luta maior contra a reação burguesa, desesperada, e agonizante, nos últimos estertores para sobreviver.

O romance de um futuro próximo será o romance dessas lutas. Ele corre sim, o risco de toda a arte que se seduz pela técnica, pela ciência, pela fórmula. O ensaísta Wladimir Weidlé já chamou a atenção para essa crise do romance, que consiste em deixar ele de ser uma pré-ciência, isto é, uma ficção feita com os dados do conhecimento intuitivo, para se transformar numa construção erigida com dados do conhecimento científico. É assim que o herói vai se “mecanizando” para usar a expressão de Weidlé, vai coincidindo com a psicologia que o romancista conhece, tanto quanto a narrativa se afasta da esfera personalíssima da imaginação ou da experiência na tese política social que é a convicção marxista. Não quero dizer com isto que o romancista não deve “participar”. Longe disto: ele deve ter presentes os dramas de seu tempo, misturar-se a eles com vigor, e tirar deles o sumo que vai nutrir o seu talento inventivo. Nunca, porém, substituir o romance por um longo e fastidioso teorema social, que o leitor já conhece logo ao saber das convicções pessoais do autor. Se o sopro da intuição coincidir com a posição político-social do romancista, muito bem. Gorki não fez outra coisa, e foi admirável. Mas o exemplo de Gorki não anula os contrários, um Balzac ou um Dostoievski, cuja intuição do romancista foi muito mais importante, muito mais fatal do que a posição em que se situava na luta política. O ficcionista não tem que se preocupar senão com as personagens, com os sentimentos, os pensamentos, os dramas que elas trazem. Quanto mais o fizer, mais perdurará”.

- “O futuro do romance, penso, depende de que a ficção volte de novo a pressentir, em vez de querer simplesmente demonstrar, ou retratar. Sob este aspecto, não conheço obras que digam tão claramente as necessidades para o ressurgimento da criação artística do que as de Weidlé e Huizinga: eles substituem em nós o pessimismo que nos deixa Spengler por uma esperança – aquela mesma esperança que levou um Romain Rolland a levantar um grito em favor da universalidade do espírito após a Primeira Guerra Mundial. Por isso mesmo, dentro dessa esperança, considero mais uma anedota bem engendrada do que uma teoria o ensaio em que Roger Callois afirma que a sociedade justa, a sociedade socializada do futuro, não terá romance, porque nela terão desaparecido os desequilíbrios econômicos que são a base em que repousa a intriga de ficção. Antes de mais nada: serão mesmo os desequilíbrios econômicos uma tal base? A psicologia de um herói de novela pode ter provindo do meio econômico em que se pretende que ele viva; mas pode também estar ligada ao meio econômico em que viveu e se educou o autor; mas também pode ser apenas um aspecto desse meio. Aceitar as coisas de um modo tão primário seria como colocar em primeiro plano a ficção que trata da pastora pobre e do príncipe. Desaparecida a luta capitalista, desaparecidos os desequilíbrios econômicos, o romance persistirá, porque nele o que há de importante é mesmo o homem, com todas as variedades de temperamento, de gestos, de atrações e de repulsas. Se admitíssemos uma humanidade compostas de seres iguais, pensando, agindo,

querendo e crendo de um só modo, aí sim, nela não haveria o romance. Mas uma tal sociedade não é socialista, pois uma sociedade socialista pressupõe liberdade: é totalitária. Pergunto: qual a grande ficção que nos deu a Itália de Mussolini ou a Alemanha de Hitler? Para mim, são essas as ameaças contra o romance: o uso, dentro dele, somente do conhecimento científico, e a inexistência da liberdade de expressão. O futuro nos dará romances tão melhores quanto maior for a liberdade de criar e quanto maior for a capacidade de cada autor para penetrar, pela intuição, no que ainda é “Desconhecido”.

## 11.14 - ENTREVISTA: “A ‘GERAÇÃO REMEDIADA’ DO PARÁ DÁ BOA TARDE A FORTALEZA POR INTERMÉDIO DE RUY GUILHERME BARATA” – ENTREVISTADOR: - BARROSO, ANTÔNIO GIRÃO<sup>94</sup>

20 de julho de 1947

O MOVIMENTO LITERÁRIO DA TERRA MARAJOARA NA PALAVRA DO AUTOR DE “ANJO DOS ABISMOS” – ENTREVISTA A “JOSÉ”.

REPRODUZIMOS, A SEGUIR, A ENTREVISTA QUE O NOSSO COLABORADOR RUY GUILHERME BARATA, PRESENTEMENTE EM FORTALEZA, CONCEDEU AO JORNAL LITERÁRIO “JOSÉ”, ORIENTADO PELO POETA ANTONIO GIRÃO BARROSO, UMA DAS MAIS ESCLARECIDAS INTELIGÊNCIAS DA NOVA GERAÇÃO DE INTELLECTUAIS DO CEARÁ

Há perto de um mês se encontra em Fortaleza o escritor paraense Ruy Barata, autor do volume de poesia “Anjo dos Abismos”, deputado à Assembleia Legislativa do Pará e uma das figuras centrais do movimento literário que se processa no momento ali, graças aos esforços de uma geração nova e dinâmica – a “geração remediada”, como disse Dalcídio Jurandir, que substitui a outra, a “geração do peixe frito”, na expressão ainda do autor de “Chove nos Campos de Cachoeira”, de acordo com o testemunho do nosso entrevistado. Não queremos fazer mais apresentações de Ruy Guilherme Barata. No número anterior de José publicamos o discurso que lhe fez João Clímaco Bezerra, na última sessão da ABDE, e, logo abaixo, damos aos nossos leitores o seu belíssimo e forte poema “Autoretrato” - e tudo vai para substituir todas as palavras que poderíamos dizer aqui...

### O Entrevistado

#### Auto-Retrato

Entre a espuma e a navalha sou legenda!  
O espelho neutraliza o ângulo da morte  
a barba estrangulou a metafísica  
e o problema do mal é bem remoto.  
Aqui sim! Aqui resistirei à mímica ao dicionário e ao laboratório!  
- a herança do punhal brilha de novo  
- o fantasma de Abel não me intimida.  
Vejo a testa crescer entre aspirais de fumo,  
- o olhar que não vacila

---

<sup>94</sup> BARROSO, Antônio Girão. A geração remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Guilherme Barata. Entrevistado Ruy Barata. **Folha do Norte**, Belém, 20 jul. 1947. Arte Suplemento Literatura, p. 2-3.

- a ruga sem memória  
e o peito rasgado pela fúria do poema.

Aqui sim, aqui iniciarei a espécie nova,  
aqui derrotarei o homem-harpa  
e pronto estou para a descoberta do sexo.  
O pincel dá-me o poder do patriarca  
a navalha conduz à timidez e ao medo  
- o palavrão rola na boca e salva o mundo.

## A ENTREVISTA

- QUAL A IMPORTÂNCIA, DENTRO DO BRASIL, DO ATUAL MOVIMENTO LITERÁRIO DO PARÁ?

- Julgo ser ainda muito cedo para que se possa fazer algum juízo sobre a importância que tenha ou que venha a ter o atual movimento literário em minha terra. Por enquanto o que lá faremos é estudar e trabalhar – e penso ser isto o que mais nos deva preocupar no presente momento. Estou certo, pois, que se alguma repercussão tivemos no ambiente literário nacional aparecendo como grupo, cheios de características próprias, autônomo e rico de valores individuais como é o caso de Minas, Rio Grande do Sul e mesmo Paraná e Ceará, ela terá de ser natural consequência do esforço, da união e sobretudo da fidelidade que soubermos manter às nossas vocações.

Preciso explicar que os chamados “novos” no Pará somente apareceram como força preponderante há muito pouco tempo. Surgiram com o aparecimento de “Terra Imatura”, revista que muito deveu ao esforço de seu diretor, Sr. Cléo Bernardo e veio prestar também um grande serviço, qual seja um congregamento de todos os intelectuais que militavam em meu Estado. É certo que antes do aparecimento de “Terra Imatura” já existia no Pará um grande número de jovens intelectuais, fazendo intensa vida literária, porém todos eles dispersos, isolados sem ligação alguma, e, na maioria das vezes, estranhos entre si como era o caso de Dalcídio Jurandir e Francisco Paulo Mendes, dois nomes a quem nós, os estreantes de “Terra imatura” muito devemos.

“Terra imatura” teve pois o grande mérito de ser não só a chamada ponta de lança dos novos como também o de realizar um proveitoso trabalho de aproximação entre os escritores, irmanando-os em torno de realizações práticas e objetivas, vitalizando o meio literário e provocando o aparecimento de novas revistas, destacando-se entre elas “Novidades” que contou com a esclarecida orientação de Otavio Mendonça, Machado Coelho, Garibaldi Brasil e Ritacínio Pereira. Outras revistas já existentes foram então obrigadas a melhorar sensivelmente, aceitando colaboração de gente moça, como era o caso da tradicionalíssima “A Semana”, que entrou em fase nova sob a direção de Orlando de Sousa Filho, Mário Couto e Everaldo Guilhon. Tivemos também “A Planície” de Osvaldo Viana e “Pará Ilustrado” que muito contribuíram para o enriquecimento da

fértil vida intelectual daquele tempo. Infelizmente devido às dificuldades ocasionadas pela guerra e sobretudo pelo arrocho cada vez maior imposta pela ditadura Vargas através de seus títeres regionais e, que no caso era o Sr. Magalhães Barata, ex-interventor federal, as revistas foram obrigadas a suspender sua circulação por falta de amparo, liberdade, garantias e sobretudo para não se submeterem aos elogios e propagandas encomendadas, seguindo-se um período da mais absoluta esterilidade no terreno editorial.

Estávamos então no negro tempo da ditadura que tínhamos de nos entrincheirar dentro de um amargo silêncio para não sermos contaminados pelo ar pestilencial que ameaçava sufocar as mais novas gerações brasileiras.

Somente depois que o Brasil entrou em sua fase democrática e do aparecimento dos suplementos da Folha do Norte e da “A Província do Pará” é que os nossos intelectuais voltaram a colaborar ativamente e de novo congregaram-se para realizar alguma coisa de objetivo e prático. Estamos muito animados e nossos planos para o futuro bem próximo incluem uma editora, à espécie de “Clã” e, uma revista de estudos que se chamará “Meridiano”.

- É CERTO QUE ESSE MOVIMENTO MELHORA DIA A DIA COM O APARECIMENTO DE NOVOS VALORES?

- Tudo leva a crer que o “movimento” esteja melhorando cada vez mais, principalmente agora que começam a aparecer novos valores e novas vocações, podendo destacar entre eles Haroldo Maranhão, jovem e dinâmico idealizador e orientador do Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE e que, estreando na crítica, vem sendo ultimamente solicitado pela poesia. Cauby Cruz, Max Martins, Benedito Nunes e Alonso Rocha são outros tantos jovens de quem todos nós do Pará muito esperamos.

**- O Pará ainda possui velhos capazes de repercussão entre os novos?**

- Sim, ainda temos alguns velhos a quem tributamos o nosso respeito, a nossa admiração e posso citar como exemplo o poeta e romancista Bruno de Menezes, que embora pertencente a outra geração que não a nossa, está perfeitamente integrado ao nosso “movimento”, tomando parte ativa e saliente em todas as nossas realizações.

Aliás, para que se possa bem compreender este problema dos chamados “velhos” no Pará julgo necessário ler a entrevista que Dalcídio Jurandir deu há muito tempo para “D. Casmurro” e que foi transcrita como prefácio nas primeiras páginas do seu livro premiado “Chove nos Campos de Cachoeira”.

Dalcídio nessa entrevista explica muito bem o que foi a geração por ele gostosamente denominada de “geração do peixe frito”, constituída de rapazes paupérrimos que faziam heroicamente literatura lutando com todas as dificuldades econômicas possíveis. Nós, a geração que Dalcídio denomina também de “mais remediada”, respeitamos e prezamos a chamada “geração do peixe frito”.

- QUAIS OS NOMES MAIS EM EVIDÊNCIA NOS MEIOS INTELECTUAIS DO PARÁ?

- Não se pode falar no novo movimento literário do Pará sem que o nome de Francisco Paulo Mendes venha em primeiro lugar. Trata-se de uma das inteligências mais lúcidas e mais brilhantes com que presentemente contamos e

da qual justamente podemos nos orgulhar. Francisco Paulo Mendes é não só o companheiro mais velho como também o mais culto e o mais experiente.

Considero-o um dos críticos e ensaístas mais brilhantes do Brasil e se ainda não ganhou a projeção que a sua Inteligência faz jus se deve unicamente à natural pequenez do meio, aliada à sua já tão proverbial timidez e modéstia. Seu livro “As Raízes do Romantismo”, suas notas sobre a poesia contemporânea, e os estudos em que vem trabalhando pacientemente há muito tempo sobre a poética de Rilke e Antero de Quental são contribuições que muito honram e enriquecem a literatura nacional.

Paulo Plínio Abreu é outra figura de primeira grandeza e poeta dos maiores que tenho lido.

Entre os contistas possuímos dois autênticos valores, como sejam Mario Couto, autor de dois livros do gênero e de três peças teatrais que vêm sendo levadas<sup>95</sup> com grande sucesso pelo Teatro do Estudante do Pará, e Ruy Coutinho, que ultimamente vem sendo atraído pelo ensaio.

No setor da crítica contamos também com Machado Coelho, que dentro em breve lançará um livro sobre “Estética Literária”, Raymundo de Sousa Moura colaborador assíduo dos jornais e revistas da terra, que nos promete para breve um estudo sobre Inglês de Sousa.

Posso citar também nomes como os de Cecil Meira, autor de três ou quatro livros lançados com repercussão nacional e muito bem recebidos pela crítica profissional; Oséas Antunes, romancista dos mais fecundos; Miriam Moraes, poetisa; Daniel Coelho de Sousa, grande estudioso dos problemas filosóficos e Stelio Maroja, que aborda problemas sociais.

Aliás, falando de modo geral, o Pará muito deve se orgulhar da sua nova geração, possuindo como possui nomes como Pedro Borges, Pedro Pomar, Dalcídio Jurandir, Otavio Mendonça, Catete Pinheiro, Clovis Martins, Silvio Braga, Garibaldi Brasil, Flacio Moreira, Ritacínio Pereira, José Tomaz Maroja, Orlando Bitar, Levi Hall de Moura, Eldorfe Moreira e tantos outros.

Se bem que empregando seus serviços nas mais variadas atividades e muitas vezes separados ideologicamente, todos esses nomes são nomes dignos e que vem atuando de maneira objetiva para o engrandecimento do meio social em que vivem.

- É POSSÍVEL QUE O SUPLEMENTO LITERÁRIO DA FOLHA DO NORTE DIRIGIDO POR HAROLDO MARANHÃO ESTEJA INFLUINDO, JÁ, NO AMBIENTE PARAENSE, E CRIANDO UM PÚBLICO MAIOR PARA OS INTELLECTUAIS QUE ALI ATUAM?

- O Suprimento Literário da FOLHA DO NORTE veio preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir em nossa terra.

Acredito pela orientação que vem tomando, que o Suplemento venha a influir grandemente na vida intelectual do meu Estado. Antigamente, aos domingos, não se podia abrir um jornal de Belém que não viesse cheio dessa literatura oficial, e dessa sonetaria inexpressiva que fazem as delícias das tertúlias

---

<sup>95</sup> Deve ser encenadas.

patrocinadas pelos fazedores da “arte pela arte”. Hoje temos o Suplemento e nele colaboram os vultos de vanguarda do pensamento literário nacional, tais como Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Marques Rebelo e outros mais.

Creio por tudo isso que o Suplemento venha a influir decisivamente sobre as gerações que agora se estão formando.

- COMO V. ESTÁ OBSERVANDO O MOVIMENTO LITERÁRIO E ARTÍSTICO DO CEARÁ?

- Pouca coisa tenho a dizer sobre o movimento literário e artístico do Ceará. Como vocês sabem, estou aqui há muito pouco tempo e, portanto não posso de maneira alguma fazer ainda um juízo certo sobre o grupo. Entretanto pelo que vi até agora posso dizer que o Ceará apresenta no momento não só uma das gerações mais fecundas como também das mais realizadoras.

Confesso que, como Otto Maria Carpeaux, fiquei entusiasmado pela seriedade com que os intelectuais daqui abordam os problemas passando do campo das idealizações para o das realizações com um desembaraço e uma naturalidade incomuns. Aliás bastaria o plano das “Edições Clã”, que na minha terra seria chamado de “fantástico e louco”, o Congresso de Escritores, o Congresso de Poesia e o Salão de Abril para consagrar definitivamente a atual geração cearense. Noto aqui uma intensa vida intelectual. Contando como conta com valores reais e positivos como Fran Martins, Eduardo Campos, João Climaco, Braga Montenegro, Stenio Lopes, Artur Eduardo Benevides, Otacílio Colares, Aluízio Medeiros e este adorável e angélico Girão Barroso, o Ceará pode se orgulhar de possuir uma das gerações mais brilhantes do Brasil.

- QUAL A IMPRESSÃO QUE LHE CAUSOU JOSÉ?

- José é um bom rapaz. Honesto, trabalhador, democrata, simples, talentoso e tem um bonito futuro pela frente. Precisamos apenas ter cuidado para que ele não venha a misturar-se com os maus elementos, desses que levam a gente para os botecos, para as farras, para o futebol. O Ceará de há muito precisa de um tão bom filho como é José.

- V. TEM ALGUM LIVRO A PUBLICAR?

- Bem, esse negócio de livro sabe-se como é; um belo dia abre-se a gaveta e nota-se que existe material para um livro. É o que fiz há pouco em Belém; estou pois dando ordem ao material e esperando o editor. Se JOSÉ souber de algum que esteja interessado telefone para mim.

**11.15 - ENTREVISTA: QUAIS AS DIRETRIZES FUTURAS DO ROMANCE? – ENTREVISTADO: MARQUES REBELO – ENTREVISTADOR: ALMEIDA, FISCHER<sup>96</sup>**

10 de agosto de 1947

**O DEPOIMENTO DO AUTOR DE OSCARINA – MARQUES REBELO PREFERE VIVER**

Marques Rebelo, inegavelmente, é uma das maiores figuras da moderna ficção brasileira.

Dedicando-se inicialmente ao conto,, publicou *Oscarina*, esse grande livro que todos conhecemos, conseguindo transmitir ao gênero inovações de muita importância que lhe deram novas diretrizes e o libertaram das limitações dos seus modos clássicos.

Tentando depois o romance, com grande êxito, Marques Rebelo publicou *Marafa*, excelente trabalho que o situou entre os melhores cultores do gênero em nosso país.

Outros livros de autoria do esplêndido ficcionista, que obtiveram grande sucesso e aumentaram-lhe o prestígio literário, são *Stela me abriu a porta* e *A estrela sobe*.

Dono de um estilo ágil e pitoresco, Marques Rebelo representa bem esse grupo renovador de nossa ficção, que surgiu depois do movimento modernista de 1922 e que tanta influência exerceu sobre as letras nacionais.

No inquérito que vimos realizando sobre as possíveis diretrizes futuras do romance , - diretrizes essas que, talvez, certas experiências hoje realizadas no gênero permitam prever, embora sem muita segurança – têm tomado parte as figuras mais representativas de nossa ficção. Sendo assim, não poderia ser dispensado, de maneira alguma, o depoimento do conhecido autor de *A estrela sobe* nesta “enquete” estamos realizando.

**NÃO SABE NEM QUER SABER**

Marques Rebelo não quer saber para onde caminha o nosso romance, prefere viver... Já esperávamos por uma resposta desnorteante do escritor quando o procuramos. Marques, na vida real, é tão bom quanto nos seus livros, apenas muito mais alegre. Bem, vamos ao seu depoimento:

- Não se trata de nenhuma espécie de repugnância ou temor, muito longe disso, mas querer saber a minha opinião sobre as diretrizes futuras do romance, me parece tão estranho, tão absurdo como se me perguntassem, em tom sério, absolutamente sério, em que dia iria morrer.

---

<sup>96</sup> ALMEIDA, Fischer. Quais as diretrizes futuras do romance?. (Especial para a Folha do Norte, neste Estado). Entrevistado Marques Rebelo. **Folha do Norte**, ano II, nº. 38, 10 ago. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2. Grifos do autor do texto.

Não sei, nem quero saber, prefiro ir vivendo...

E nessa doce ignorância, e à espera de um fim irrevogável é que vou compondo as minhas histórias, ora com preguiça, ora com pertinácia, e não raro com desconsolo, **pois a dúvida pode ser também uma virtude**; e entre elas há algumas, poucas, que apresento como romance, embora que numerosos distintos colegas, cobertos da alta glória e da mais indiscutível experiência, garantam que é engano de classificação, engano apenas desculpável, dado os bem largos limites já atingido pelo gênero.

### **MISTIFICAÇÃO NUNCA**

- “Mas engano ou não – mistificação nunca! – são na verdade tão descoloridas e desconhecidas histórias, que jamais me recomendariam – por mais que eu quisesse sossegar escrúpulos e querer ser agradável aos redatores e leitores da Folha do Norte – para que pudesse aparecer improvisado em pitonisa literária”.

## **11.16 - ENTREVISTA - MARTINS, FRAN: A CRISE QUE SE VERIFICA NO ROMANCE BRASILEIRO NÃO SIGNIFICA DECADÊNCIA<sup>97</sup>**

14 de setembro de 1947

- A crise que hoje se verifica no romance brasileiro para mim não significa decadência. Vários são os fatores que dificultam o nosso romance nos dias atuais – mas a sua marcha, o seu desenvolvimento, a sua apresentação na feitura e na escolha dos temas, é orientada cada vez mais para o universal. E porque em romance o ideal é o regional dentro do universal – o ambiente contando com dramas e personagens sem fronteiras, sem limitações – tenho fé no romance brasileiro e acredito piamente que em breve ele ocupará um lugar decisivo nas grandes literaturas do mundo.

Muito se diz que o nosso romance está em decadência. Até hoje, porém, não pude compreender a razão disso. Se analisarmos a obra de qualquer dos nossos romancistas veremos que há sensível melhora de volume para volume. Por outro lado, os horizontes do país dia a dia se alargam, com novas paisagens humanas. Com conflitos sociais que já transpuseram a linha do nacional para o internacional, tornando-se os dramas vividos pelos personagens não casos personalíssimos mas assuntos sem pátria. Ora de posse dessas qualidades, os nossos homens de letras que por sua vez quase que já se libertaram de decisivas influências estrangeiras, estão em marcha para a realização de obras que trarão marca definitiva. Isso para mim não é decadência. Sim ascensão.

Não nego que haja crise no nosso romance nos dias atuais. Mas crise há também em todos os gêneros, em todos os setores de atividade humana, porque

---

<sup>97</sup> MARTINS, Fran. A crise que se verifica no romance brasileiro não significa decadência. **Folha do Norte**, Belém, 14 set. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

a crise provém do pós-guerra. A minha convicção é de que este momento difícil passará e o Brasil em breve contará com romances e romancistas capazes de ombrear-se com romances e romancistas das melhores literaturas. Não devemos esquecer que, se somente à pouco fomos descobertos pelo mundo, só agora, também, estamos descobrindo o mundo, não mais admirando mas vivendo, sentindo, tomando parte ativa em todas as tragédias.

- Um dos capítulos mais tristes dessa crise é o drama do escritor da província sem dúvida o que mais sofre com a instável situação que atravessamos, pois tudo concorre para aniquilar os seus esforços. Desamparado, sem apoio, sem incentivos, é ele um grande homem em sonhos mas humilde, apagado, acorrentado em realizações. As portas das grandes editoras lhe são vedadas; os críticos federais não leem suas obras; o grande público do país não toma conhecimento de suas lutas – porque tudo o que eles produzem vem marcado com o “complexo-província”.

Ainda há algum tempo fizemos, no Ceará, um Congresso de Escritores para definir nossa situação e estudar os nossos problemas com franqueza, sem partidanismos. A conclusão a que chegamos foi de que não necessitamos, todos nós que não vivemos na metrópole, de um grande movimento de solidariedade e compreensão mútua, afim de que não mais perdesse essa contingência em que, há decentes, nos encontramos. Apelamos, por isso, para todos os escritores do Brasil afim de que esse movimento não fracasse. Recebemos muitos aplausos, muitas palavras afetuosas e líricas sobre o Congresso: até hoje, porém, nada foi feito para que o escritor da província tivesse o seu livro divulgado no Rio, para que a sua voz fosse ouvida na metrópole e circunvizinhanças, para que os seus artigos fossem distribuídos em todo o país.

Fran Martins é um nome que dispensa apresentações.

Autor de “Mundo Perdido”, “Estrela do Pastor” e de vários outros livros não só lançados com larga repercussão nacional como também otimamente recebidos pela crítica profissional, Fran Martins é um dos poucos e verdadeiros escritores que até hoje continuam resistindo às tentações da metrópole, permanecendo fiel a província. Ninguém, pois, mais autorizado que ele para falar sobre as lutas e os problemas dos intelectuais provincianos. A entrevista que ora Fran Martins concede ao Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE é ao mesmo tempo um apelo e uma advertência aos homens de letras que labutam nos Estados.

- A nova geração cearense é, sem dúvida, uma das mais brilhantes da história cultural do Ceará. Temos em nosso meio alguns dos grandes e poucos poetas do Ceará – como o silencioso Aluisio Medeiros, que faz por ano apenas dois ou três poemas mas que possui uma meia dúzia deles que jamais fugirão de nossas memórias.

No romance e no conto são figuras de nome já feito Jader de Carvalho, João Clímaco Bezerra, Eduardo Campos e Braga Montenegro – indivíduos que não só escrevem mas vivem também as suas obras, lutando ao lado do povo e conquistando glória para o povo. Temos Stenio Lopes, Joaquim Alves, Girão Barroso, Mario Barata, Mozar Soriano Aderaldo, Artur Eduardo Benevides e ... bem, e muitos outros que fazem ensaios sobre Eça de Queiroz ou sobre a seca no

Ceará, que versejam ou pintam, que discutem religião e artes plásticas. Isso sem falar num grupo de pintores cujas exposições anuais são marcadas por crescente sucesso, e no grupo chamado “cientificista”, de professores que, em bancas de café, em livrarias, em jornais e em conferências públicas e privadas, com a maior simplicidade deste mundo discutem. Einstein e outras abstrações.

- Respeito a meus planos editoriais, confesso que a única coisa que me preocupa no momento é a publicação de um romance que tem o título de “NÓS SOMOS JOVENS”, mas que na realidade deveria chamar-se “NÓS ERAMOS JOVENS”, pois há cinco anos está pronto para a impressão. Vários contratemos surgiram para dificultar a publicação desse livro (um editor que o tinha programado, no Rio, há cerca de um ano, pediu-me para modificar o romance, em vista da mudança social que se operava no Brasil – o que me fez retirar os originais de suas mãos, enojado da sua falta de escrúpulos). Agora, porém, que contamos aqui com uma pequena cooperativa editorial – “Edições Clã” – resolvi editar o livro, depois de fazer-lhe uma revisão geral. É uma história simples e sem nenhuma pretensão a história de um rapazinho da rua da Vala, no Crato. Nem mesmo amor existe dentro do livro – a não ser uma platônica paixão que, como todas as paixões platônicas, terminam em desengano e decepção.

Nas horas vagas estou escrevendo um livro de contos – “Mar Oceano” – seis ou sete histórias narradas por um funcionário da Repartição do Arquivo e Museu, cuja única ambição na vida é apresentar-se como chefe de secção. Não sei, porém, se terminarei esse livro, pois o personagem é tão convencional que até eu mesmo já estou me aborrecendo com as suas continuadas referências ao “exmo. Sr. Diretor, meu prezado chefe e dileto amigo”.

**11.17 - ENTREVISTA - “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” – ENTREVISTADOS: CLÉO BERNARDO E REMÍGIO FERREIRA – ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>98</sup>**

5 de outubro de 1947

O “SUPLEMENTO” DA *FOLHA DO NORTE* INICIA HOJE IMPORTANTE “ENQUETE”, ENTRE INTELLECTUAIS PARAENSES, SOBRE O MOVIMENTO ATUAL DE NOSSAS LETRAS – DEPOIMENTO DE CLÉO BERNARDO E REMÍGIO FERNANDEZ – A PALAVRA DE DUAS GERAÇÕES. (REPORTAGEM PERI AUGUSTO)

O Pará atravessa, presentemente, um momento de fecunda atividade literária. Não é preciso ser conhecedor profundo dos fenômenos ligados à literatura, para perceber esse grande movimento, que constitui animador sintoma de vitalidade. Basta que se passe a vista sobre os suplementos inseridos nos jornais da cidade, para se ter ideia exata do que realizam, no momento, os homens de letras. Por isso mesmo, achamos oportuno realizar a presente “enquete” através da qual os escritores paraenses definirão as suas posições em face do estado atual das nossas letras. A *FOLHA DO NORTE*, procurando ouvir intelectuais de todas as idades, escolas, grupos e correntes, pretende dar um amplo alcance cultural à série de entrevistas que hoje se inicia dando oportunidade, igualmente, a que velhos, novos e novíssimos defendam suas ideias, justifiquem suas atitudes, de maneira a se poder esclarecer, de vez, certos pontos ainda não definidos da nossa história literária. Será, portanto, uma espécie de mesa redonda, onde serão ouvidos depoimentos de todas as procedências, findo os quais talvez se possa delinear a posição e o destino da literatura paraense.

De três quesitos se compõe o questionário, distribuído, já, aos nossos intelectuais.

As primeiras respostas a nos chegarem às mãos foram as de Cléo Bernardo, um dos mais expressivos nomes da atual geração literária paraense e de Remígio Fernandes o decano de nossas letras.

**O QUESTIONÁRIO**

I. Que pensa a geração moderna do nosso Estado?

II. Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?

III. Como vê o futuro das letras no Pará e no mundo?

As respostas de Cléo Bernardo

1) A geração modernista no Pará é uma geração liberta. Não teve orientadores e mestres ou verdadeiros amigos. Desajudada realizou o seu ideal, combatida

---

<sup>98</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados Cléo Bernardo e Remígio Ferreira. *Folha do Norte*, Belém, 05 out. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

traçou as suas diretrizes; errando aqui, indecisa ali, acertando acolá, mas sempre guiando solitária o seu destino e inteligência, a sua esperança e inquietação. As suas deficiências e rebeldias são mais características da sua difícil e insulada experiência ao verdadeiro, ao belo e ao mundo, do que, propriamente, reflexos de fraqueza, teimosia, diletantismo ou preocupação de ser diferente.

Podemos falar assim, tão claramente, porque somos um homem desta geração específica, que sozinha abriu as janelas do conhecimento, da alegria e da liberdade, pisando, corajosamente, o chão da cultura e da civilização com seu próprio pé. Aí termos aprendido todos a ser nós próprios, sem nenhuma indicação ou interferência da geração anterior.

Toda a geração que tem vergonha se qualifica por uma insatisfação e exemplo diante de si mesma e da humanidade. E essa insatisfação e esse exemplo a nossa geração ainda possui, descontente com o pouco que tem feito, exigente para poder fazer mais, criando alguma coisa de maior, no sentido da arte e da fraternidade da criatura.

II) – Sim, achamos que houve uma ruptura nas nossas tradições culturais. Porém, entendemos, também que nessa ruptura não chegou a haver um desequilíbrio, um desrespeito, uma cólera, às raízes e prolongamentos da nossa existência de povo, angustiado por tantas lutas sem grandes princípios, decepções, mentiras e violências. Foi uma ruptura pacífica e democrática – que manteve e rejuvenesceu, apenas, as melhores e mais significativas expressões da nossa cultura e da nossa originalidade popular.

A geração velha fica para a nova, como uma espécie de bisavô ante o bisneto, em concepção de vida, filosofia política e sensibilidade poética.

Contudo, há entre os velhos do Pará algumas poucas exceções de renovação e vontade de entendimento às conquistas e sinais do nosso tempo.

III) - Vemos com muita confiança e serenidade, pois notamos que na terra inteira um novo trabalho começa, em literatura, em ciência, até em política, em tudo enfim, pelo ressurgir daquelas imensas palavras de Jesus, anunciando que somente a verdade tornará os homens livres e criadores.

## **AS OPINIÕES DE REMÍGIO FERNANDES**

I) – Seria melhor deixar sem resposta essa pergunta para não desagradar os corifeus e os gregários dessa abominável excrescência do corpo das belas letras.

Refiro-me à poesia, já se vê.

Educado na literatura clássica que, oriunda de Atenas e Roma, rediviva nas línguas neolatinas nos séculos XV de nossa Era, deu a melhor e mais intensa expressão de Beleza artística e plástica àqueles idiomas, não tolero esse acervo de ovações e palavras, sem lógica, sem correspondência ao sentimento do senso comum.

Este modernismo, nascido em França, em 1920, com o nome de Ultraísmo, como um novo sentido da renovação do mundo de pós-guerra, gorou rapidamente, morreu na Europa no desprezo geral, sobrevivendo em raros escritores, que também, abandonaram, por fim, a insulsa comédia modernista.

Não sou passadista, preado ao classicismo e ao parnasianismo de épocas afastadas. Aceito e admiro todas as formas policromicas da Arte; porém, refugio as aberrações que deturpam os cânones da Beleza, em seu duplo sentido: as deturpações do espírito do idioma, as ofensas à sensibilidade moral, ao sentir comum.

As grandes escolas literárias que franquearam o âmbito estreito do classicismo, que foram o Romantismo e o Parnasianismo, observaram os fundamentos da velha Ética e, por isso, criaram obra imperecível na literatura.

Atenhamo-nos ao Brasil, e vemos que os imortais poetas Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Castro Alves e Gonçalves Dias, Machado de Assis, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Augusto Lima, Humberto de Campos, Celso Pinheiro, Araújo Filho, Guilherme de Almeida, Vicente de Carvalho, Augusto dos Anjos, Cruz e Sousa, etc., românticos, parnasianos, simbolistas, idealistas, materialistas, todos fora do velho classicismo, exaltaram o idioma pelo primor da forma e multiplicaram as imagens pulcras do pensamento, enriquecendo o tesouro maravilhoso do Parnaso Brasileiro.

Que contraste entre os poetas citados e os modernistas que arrastaram nestas ruas os mulambos de sua poética indecifrável ao bom senso, irrisória mesmo, mais próxima do cacarejo das galináceas.

O modernismo não é, pois, uma escola nova. Não tem preço por não ter apreço como produto de arte.

É uma excrescência repulsiva.

II) - A nova geração literária, paraense, pôde dividir-se em **nova** e **novíssima**. Nem uma nem outra renegou as velhas tradições de nossa cultura.

Apenas, alguns dos novíssimos se instalaram no mucambo dos modernistas.

É mais cômodo gratar tolices do que criar obra de Arte; pois vejo nos poetas modernistas os que falharam na verdadeira poesia – os refugados por Apolo. Não lhe parece?

III) - Pelo melhor prisma, Belém oferece avultado número de moços de subido talento. Vemo-los a diário em revistas e jornais, em livros, folhetos e conferências. Temos críticos, pensadores, romancistas, poetas, ensaístas de valor.

Eu quisera citar nomes, porém receio molestar aqueles cujos nomes me falhassem da memória.

Sobressaem os juristas, e o público ignora os trabalhos magníficos em autos, sentenças que são peças de profundo saber jurídico, e acórdãos do Tribunal, em que se recordam as Institutas de Justiniano.

É justo nomear na cultura paraense, os professores, os artistas de todas as artes, musicistas, pintores, escultores, pianistas, cantores, desenhistas, caricaturistas, engenheiros ilustres quanto modestos e, finalmente, os nossos médicos consagrados e os operadores brilhantes, cujos nomes se projetam longe.

É com pesar que não declino dezenas de nomes.

Pertenço ao número dos desiludidos na política geral do país. Tal é o estado anárquico da sociedade; mas, visiono a grandeza crescente do progresso espiritual e cultural do Pará, do Brasil e do mundo.

O homem ressurgiu dos escombros da guerra e avança na cultura. O espírito revive e vence das adversidades.

Belém está cheia de estabelecimento de ensino. A mocidade enche os centros de cultura.

Há um frêmito de ascensão espiritual em nosso ambiente.

Entretanto, nosso estado mental e cultural podia ser mais intenso e mais brilhante se boa parte dos paraenses intelectuais vivesse em Belém, não imigrando para o sul, levando a outros centros o fruto [opíscuo] de seu talento. Cito, entre outros, a Pimenta Bueno, o médico sábio, Alcides Gentil, Mecenas Dourado, Abguar Bastos, Dalcídio Jurandir, Felinto Maia, Océlio de Medeiros, Oswaldo Orico e muitas mais, que dão lá fora os frutos de sua lúcida inteligência.

A frente do governo paraense está um moço culto e progressista, cuja energia e amor à terra podem amparar, avivar e fortalecer este movimento dos espíritos no anseio da alta cultura mental em nosso Estado.

**11.18 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” - ENTREVISTADOS: CÉCIL MEIRA E GEORGENOR FRANCO - ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>99</sup>**

Belém, 12 outubro de 1947

CECIL MEIRA E GEORGENOR FRANCO DÃO SEUS DEPOIMENTOS À NOSSA “ENQUETE” – “A CHAMADA MODERNISTA PODE SER TÃO BELA E EXPRESSIVA COMO A POESIA CLÁSSICA” – “A NOSSA GERAÇÃO É INTERPRETE CONSCIENTE DA EMOÇÃO, DOS DESEJOS, DAS ÂNSIAS E DA VONTADE DE UM MUNDO NOVO, HUMANO NO SENTIDO DE SUAS NECESSIDADES E DE SUAS ASPIRAÇÕES SUPERIORES”.

A enquete que iniciamos domingo passado teve ampla repercussão nos círculos literários da cidade. Exatamente como prevíamos, as opiniões expendidas provocaram verdadeira celeuma pondo em agitação os nossos intelectuais. Cléo Bernardo, não obstante a sua conhecida atitude de combatente, foi comedido e sóbrio em suas respostas. Remígio Fernandez foi justamente o contrário. Investiu contra a corrente modernista, sobretudo a poesia da qual não fez uma exceção sequer. Nem mesmo Manuel Bandeira, que hoje ocupa uma poltrona na Academia Brasileira de Letras mereceu as honras de uma referência elogiosa. Essa **mesma** impressão deixada pelos dois depoimentos iniciais da presente “enquete”. Mas outros virão, e com o pronunciamento dos intelectuais das diversas correntes literárias, faremos certamente um verdadeiro debate de ideias, que passarão também a interessar o público, que como espectador aguardará o desfecho de tão importante inquérito. Hoje inserimos no **SUPLEMENTO** as respostas de Cecil Meira, um nome que dispensa qualquer apresentação entre nós e Georgenor Franco, um jovem talentoso, que já atingiu a Academia Paraense de letras, passando assim a figurar no rol dos imortais.

### **O QUESTIONÁRIO**

- I) - Que pensa da “geração moderna” do nosso Estado?
- II) - Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?
- III) - Como Vê o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo?<sup>100</sup>.

### **O DEPOIMENTO DE CECIL MEIRA**

---

<sup>99</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados. Cécil Meira e Georgenor Franco. **Folha do Norte**, Belém, 12 out. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2. Grifos do autor do texto.

1. Duas hipóteses a primeira pergunta prevê, isto é, que se fale de uma geração modernista paraense dentro dos moldes dessa escola, ou então da geração moderna no Pará. Compreendidos os jovens de menos de quarenta anos... até os que estão agora balbuciando em matéria literária.

Para não fugir ao possível destino do inquisitório, passamos a tomar conhecimento de ambas as hipóteses. Não pertencemos ao grupo dos que combatem de maneira extrema a chamada corrente modernista, quer perante a literatura mundial, quer perante a literatura brasileira, e quer, enfim, perante a literatura regional. A corrente modernista, tanto se manifesta em prosa ou em verso. Somente a prosa não é mais combatida, porque, na realidade, houve nessa parte mais equilíbrio. Os prosadores modernistas do Brasil são lidos com a mesma intensidade que os outros, àqueles que preferiram continuar os velhos cânones. Entretanto, o mesmo não se processa na poesia. Entre nós, sabe-se que Eloy Pontes sempre fez crítica acerba contra a chamada poesia modernista, agora mesmo, um querido mestre Remígio Fernandez, chegou a comparar o gorjeio dos modernistas com o cacarejar dos galináceos. Mas, ponhamos as coisas em seus devidos termos. Há entre a prosa e o verso uma forma intermediária, por onde naturalmente se pode desenvolver o pensamento humano. Essa zona intermediária é que foi escolhida pelos modernistas do mundo inteiro. O gênero em prosa é livre, sem métrica, sem rima e leva em conta apenas a harmonia da frase e a sintaxe perfeita. Ao contrário do verso, que mede a poesia, é necessário, além dessa medida – a metrificação -, também a rima. Nada disso, contudo, impede de o escritor derramar a sua inspiração por meio de um processo em que não há medida nem rima, mas em que haja poesia. Isto é, expressão literária em que não implicaria propriamente na prosa, nem no verso. Para significar o vigor desse conceito, já tivemos ocasião de lembrar os famosos versos de Luiz de Camões:

“Estava o lascivo e brando passarinho  
Com o biquinho as penas ordenando.  
O verso sem medida alegre e brando  
Despedindo do trêmulo raminha”.

A imagem é perfeita e o simbolismo que nos vem do poeta, não poderia ser mais completo. Por que Luiz de Camões chama ao gorjeio dos pássaros “verso sem medida”? Não compreendia ele que o ritmo e a harmonia poderiam estar compreendidos fora do rígido princípio da métrica? Se os poetas modernistas quisessem tomar como exemplo para sua escola, para justificar a norma atual de poesia, poderiam servir-se muito bem do “verso sem medida e alegre bando” a que se refere o gênio da poesia portuguesa. Mas ainda não ficamos aqui. Há possibilidade de fazer-se poesia sem métrica e sem rima? Há, e temos, como grandes exemplos, magníficas poesias modernistas, tão grandes como as poesias clássicas. Nas poesias de Manuel Bandeira encontramos casos de sonetos sem rima, tão perfeitos como os de Camões, Bocage, Raimundo Corrêa ou Alberto de

Oliveira. Referimo-nos às traduções feitas aos sonetos de Elizabeth Barrett Browning. Aliás, o problema não é dos nossos dias. Tomemos o testemunho de Levrault. Em sua "Lettre à Academie", Fenelon, já naquele tempo, criticava a versificação francesa e fazia "attaque a la versification française avec um certaine agreté qui permet de supposer quelque rancune personelle". E, ainda La Motte Houdart "prononce um severe requisitoire contre la rime, s'indigne qu'ox impose de Lourdes chaines a la pensée ET em vient à preconizer CE qui s'appelle la poesie em propose". Essas opiniões não são dos dias de hoje. Naquele tempo poetas de valor compreendiam que a existência de uma rima e de um metro nem sempre devia ser fundamental, e o poeta precisava ter mais liberdade para agir. Ainda nesse sentido, o próprio Boileau acha que a Ode é uma "desordem", o que não lhe impede exclamar: "um beau désordre est um effet de l'art"! Se tal acontecia, por que razão se poderia proibir que um escritor usasse de um processo de linguagem outro que não fosse o tradicional? A poesia chamada modernista pode ser tão bela, tão expressiva, como a poesia clássica. Encontramos desta muita coisa ferrugenta e completamente esquecida, e nem por isso deixou de ser todo metrificado e rimado. Da mesma forma hoje topamos com verdadeiros monstros literários, cacarejos de galináceos, como diria Remígio Fernandez, mas ao lado disso observamos a verdadeira poesia, que nos enebria e encanta. Precisamos fazer justiça unicamente.

Quanto à moderna geração paraense, não resta dúvida que hoje há um movimento para reerguer as nossas letras e colocá-las num padrão mais alto. Poderíamos citar escritores e professores com menos de trinta anos que estão habilitados a ensinar em qualquer curso secundário ou superior de Escolas de outros Estados, isto em história, em literatura, em línguas, em geografia, em matemática, em química, em biologia. São nomes que podem honrar o Pará em qualquer grande centro de cultura. Entre a gente mais nova parece que há mais vontade de subir e crescer. Hoje talvez se veja com mais frequência nomes jovens na chamada corrente novíssima nos jornais, do que os de mais idade. Sentimos apenas que não há homogeneidade, nem um sentido uno entre essa mocidade, embora isso se explique pela falta de uma sociedade que os pudesse unir mais frequentemente. Isso são defeitos e falhas próprias do meio paraense.

II - Pensamos que a geração nova não possui a menor ligação com o passado de nossos antigos homens de letras. Não podemos citar um único escritor do passado, que ainda hoje trabalhe entre nós que houvesse feito um círculo intelectual em torno de seu nome, procurando de uma forma ou de outra orientar a gente nova. Alguns seguiram para o Rio e lá se encontram, outros que estão entre nós fazem sua própria literatura sem haver sulcado o ambiente a ponto de a mocidade sentir necessidade de colocar-se ao lado desse nome. Os escritores novos vão fazendo o que podem, seguindo suas inclinações naturais. Vê-se o empenho, no trabalho constante para a formação do Teatro do Estudante, dentro de moldes seguros, o esforço para termos uma Escola de Filosofia, enfim uma atividade incomum em matéria literária. Mas o que fazemos é ainda quase nada, diante do que, na realidade, podemos fazer. Entre nós, parece que o melhor

processo para o estudo, para adquirir cultura, é ainda o esforço autodidata. É um fenômeno provinciano, de que não podemos fugir.

III - O futuro de nossas letras está entregue à atual geração intelectual paraense. É preciso confiar nela e aguardar os melhores frutos. É, entretanto, preciso que a mocidade não se esqueça de que é no estudo que iremos encontrar as grandes fontes para uma produção literária que possa enobrecer as nossas letras. Proclamar ideias vazias, sem dobrar a cabeça dia e noite diante dos livros, é o mesmo que nada fazer. Pertencemos ao grupo dos que pensam que é através do estudo, da disciplina, que chegaremos a conquistar alguma coisa de grande, de real e satisfatório. Fiar-se somente na inteligência, julgar-se um predestinado, sem o esforço continuado da aquisição dos conhecimentos gerais, quer de ordem literária, de linguagem, de ciência, é uma vã esperança, que dará em malogro fatal. Quanto à literatura do Brasil e Mundial, é preciso reconhecer que hoje, como outrora, há escritores de primeira grandeza, cujos nomes não conhecem fronteiras. Se assim acontecer, por que duvidar das futuras gerações de escritores? Nada mais lógico de que temos razões de sobra para esperar que o mundo intelectual não soçobre, mesmo diante de tantas ideias extravagantes que por aí proliferam e tanto mal fazem à humanidade. Mas devemos ser otimistas e encarar a vida sob o aspecto mais leve que ela nos pode mostrar, a fim de que participemos um pouco das coisas belas e deliciosas, que o mundo nos proporciona.

\*\*\*

### **A PALAVRA DE GEORGENOR FRANCO**

I - A chamada geração moderna do Pará, à qual tenho a satisfação de pertencer, pode ser classificada como uma geração revolucionária. E explico: ela não é o produto de um movimento armado, mas a consequência natural da evolução social dos dias que vivemos, aqui, no sul, na América, na Europa, em todo o mundo, enfim. Poderia ser uma geração desiludida, também. Mas, cheia de vida e de vigor, de coragem e de convicção de ideias, ela constitui, sem dúvida, a grande esperança da mocidade hodierna, e saberá caminhar, sejam quais forem os empecilhos a vencer para a frente e para os grandes destinos da humanidade, que deve se aperfeiçoar dentro do amor, do bem e das virtudes. Também é a geração gloriosa da liberdade, porque, até mesmo dentro da ditadura que nos asfixiou durante 15 anos, ela jamais deixou de gemer o seu desespero e de profligar a vilania das opressões. Sendo revolucionária, não deixou de ser sonhadora e lírica, porque não se pode conceber a literatura sem o encanto das suavidades líricas e sem a ternura das emoções quiméricas. Mas podemos observar que até mesmo nos líricos existe a essência glorificadora da liberdade e da independência. A geração de hoje vive a hora mais trágica que já foi vivida pelos homens de letras e pelos artistas. Porque ela tem sido vítima de todas as incompreensões e de todas as maldades dos regimes. A odisseia dos artistas, em todo o mundo, impressiona e mostra sempre o valor do espírito acima das ambições ignominiosas, e prova que o escritor ainda é o amante da verdade e o

interprete do pensamento do povo. Por isso mesmo, saberá cumprir o seu destino, inda que malsinado, espoliado e sacrificado.

II - Somente existe a lição histórica, por fatalidade inderrocável. A nova geração é a intérprete consciente da emoção, dos desejos, das ânsias e da vontade de um mundo novo, humano no sentido de suas necessidades e de suas aspirações superiores. E por essa razão, talvez, é que a geração moderna venha sendo vítima de todos os caprichos dos que veem na arte a manifestação de sua vontade e não o símbolo dos anseios coletivos. Os poetas, por exemplo, têm sido os eternos motivos para os combates descabidos. O Parnasianismo, o Romantismo e o Simbolismo tiveram a sua época, viveram o seu instante. A geração de hoje se livrou das armas do passado e criou a poesia do sentimento que pode ser interpretada, bastando apenas que se a veja como expressão da vida, de um mundo novo ao qual tendemos, de uma nova era que se plasma que se avizinha em todo vigor de sua consolidação.

III - O melhor possível, se para tanto ela contar com o apoio da sociedade e do próprio governo. Sabemos que os intelectuais vivem afastados dos grandes centros e até aqui, no nosso estado, a maioria deles é desconhecido. Valores possuímos, dos melhores e maiores. Mas vivem ocultos num anonimato forçado, imposto pelo alheamento de muitos e a ambição intelectual de outros tantos, temerosos com o amadurecimento dos novos. Não temos ainda uma imprensa organizada, como nos tempos passados ou como a do Sul, que revela e tem empenho em mostrar os valores da terra. Quais são os livros de escritores paraenses já publicados/ Contamos a dedo tais livros. E tudo por quê? Pela falta de apoio material e, muitas vezes, moral. Não possuímos uma editora que se arrisque a tão nobre empresa. Tenho autoridade para falar nesse assunto. Já publiquei dois livros sob a minha exclusiva responsabilidade financeira, hipotecando o que não tinha. Fui feliz, graças a Deus. Mas, no momento, não me arrisco a nova aventura. Por isso mesmo, a geração moderna está na sua maioria ignorada. Livros muitos, capazes de empolgar e de assinalarem acontecimentos no mundo intelectual, possuímos, mas no fundo de nossas gavetas, sem esperança de vê-los impressos...

Mas... para prever o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo, se tornaria necessário saber o que pensam os próprios artistas. Creio, porém, que a literatura alcançará um nível nunca dantes conseguido, desde que desapareçam as divergências sociais, as incompreensões entre os povos e as raças. Acreditando, como acredito, na evolução dos homens e dos seus sentimentos, das sociedades e das coisas, creio na grandeza do futuro das letras, que naturalmente acompanharão o aperfeiçoamento dos povos para a perfeição do mundo. E naturalmente, que a literatura e os intelectuais serão sempre, como sempre o foram, os construtores líricos e humanos dessa evolução e deste aperfeiçoamento, que só pode assegurar mais paz e mais beleza para as almas e os espinhos. O futuro da literatura no Pará, no Brasil e no mundo será para melhor, e para muito melhor.

**11.19 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE”  
– ENTREVISTADOS: LEVY HALL DE MOURA E SULTANA LEVY -  
ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>101</sup>**

26 de outubro de 1947

**O QUESTIONÁRIO**

- I) - Que pensa da “geração moderna” do nosso Estado?  
II) - Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?  
III) - Como vê o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo?<sup>102</sup>.

**O QUE NOS DISSE LEVI HALL DE MOURA**

I – Primeiramente, é preciso saber-se a que geração tem em vista a pergunta quando se refere a que diz chamarem de “geração moderna”, a que alude a pergunta, já não é a nossa, do subscritor destas linhas, de Dalcídio Jurandir, F. Paulo Mendes, Miriam Moraes, Machado Coelho, Cecil Meira, Aldo Moraes, Stelio Maroja, R. de Sousa Moura, Daniel Coelho de Sousa, Eidorfe Moreira, Mario Plátilha, Dalcinda, Ritacínio Pereira, Eimar Tavares, Ribamar de Moura, Sultana Levy, Clóvis Martins, Flaviano Pereira, Ducinéa Paraense, Solerno Moreira Filho, Pedro Borges. Trata-se de certo, da geração de Haroldo Maranhão, Paulo Plínio Abreu, Rui Barata, Carlos Eduardo, Cléo Bernardo, Geraldo Palmeira, Peri Augusto, Carlos Lima, Max Martins, Alonso Rocha, João Mendes, Silvio Braga, J. Serrão, Lucio Abreu, José Maria Plátilha, Aquiles Lima, Georgenor Franco, Vinicius Lima, Regina Pesce, Sylva Andrade, Raimundo Serrão, Jaime Barcessat e Mario Faustino.

Agora precisamos definir arte e sua ligação com as gerações.

Arte é a realidade esteticamente sentida e interpretada. Arte se explica pela realidade e através da realidade. Mas a realidade não é encarada em arte como mera e passiva refletora da verdade objetiva, mas como criadora fecunda das harmônicas formas em que esta verdade é artisticamente apresentada.

As gerações cabe a tarefa de receber a herança das interpretações artísticas da realidade, enriquecer essa herança com a sua experiência histórica, fecundá-la para a criação das múltiplas, variadas e complexas formas em que a verdade objetiva é manifestada. As gerações não são, pois, simplesmente, um momento instrumental, mas essencial da arte.

Preocupa-nos muito essa geração de Haroldo e outros. A nossa geração, a geração do subscritor destas linhas, foi filha da espantosa guerra burguesa de 18

---

<sup>101</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados Levy Hall de Moura e Sultana Levy. **Folha do Norte**, Belém, 26 out. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

e da Revolução Russa. Tínhamos que enriquecer o precioso legado da arte, com o fecundo patrimônio de nossa experiência. Como sofremos e como fomos felizes! Como estudamos e como aprendemos! Como tivemos consciência, trágica e ardente consciência, da nossa semi escravidão econômica e entramos a lutar contra ela, em arte, ainda que de maneira nem sempre consequente!

A geração moderna de Haroldo e outros nasceu com a ascensão do fascismo no mundo, o fim da República Espanhola, o Estado Novo, entre nós, e outras misérias. Nunca o regime semifeudal, entre nós, se apresentou mais nítido, com as contradições mais agudas, mais insolúveis. Mas, assim como no campo da economia continua freado o nosso avanço industrial, por força da mentalidade fascista, que ainda persevera no mundo e entre nós, a nossa marcha artística parece acobardada.

A gente percebe que a geração de Cléo Bernardo é uma geração atordoada e vacilante, geração angustiada e indecisa e, portanto, facilmente levada a reboque. Conquanto ainda revolucionária em letras, herdeira do nosso espírito, verifica-se que parece tender, talvez inconscientemente, para um revolucionarismo apenas formal. Não está longe de considerar abstenção, abstração, evasão, desencanto, pessimismo, indiferentismo, liquidacionismo, isolacionismo, derrotismo, ascetismo, misticismo religioso olhar pra outro lado, atitudes demonstradoras de franca rebelião. Tememos que a preservação do “status quo”, o pavor da mudança e da inovação, constituam o estado de espírito predominante dessa geração. É claro que falamos de modo geral. Há exceções, a começar pelo próprio Cléo, Haroldo, Perí Augusto e outros.

Como todo o adolescente normal, a nossa geração procurou a sua namorada – a vida. A geração de Paulo Plínio parece querer fugir dela: evita-la, e criar em seu lugar uma Maritornes ideal qualquer, espécie de Homunculus de saia. É preciso que essa geração – sem se importar com que os velhos possam dizer dela, (os velhos são muito respeitáveis pelo que realizaram, mas respeitáveis como túmulos que estacionam diante da vida, que prossegue) é preciso que essa geração se compenetre do papel que lhe cumpre representar. Se ela foi da sangrenta e covarde liquidação da República espanhola pelo traidor Franco, ela leu a transfigurada mensagem da democracia liquidadora militar do fascismo e lutadora hoje contra os seus restos morais. Lembre-se ela da responsabilidade que assume perante a geração que está nos cueiros, ou um pouco mais além, na primeira infância, e é filha da ascensão da democracia no mundo. A sua arte deve ser mais revolucionária do que nunca. Não deve constituir uma evasão, mas um pronunciamento.

II – A arte do Pará, como a do Brasil, tinha que sofrer as consequências do nosso atraso econômico, das condições semifeudais da nossa lavoura, o nosso desenvolvimento material freado por todas as submissões, primeiro a política e econômica a Portugal, depois a simplesmente econômica ao inglês, e enfim, de 1930 até os nossos dias, ao americano. A quando da proclamação da nossa República o capital inglês já se tinha, desde 1870, constituído inteiramente no negregado capital financeiro, e sabe-se o que ele representa de nocivo para os

países como o nosso – é como um velho à morte, a quem aconselhassem beber sangue de criança para viver.

A literatura do Pará, como a do Brasil em geral, tinha que ser semifeudal, imitadora da literatura portuguesa, e só através desta, da francesa, não por força da nossa submissão aos lusos, já depois de nossa independência de Portugal, já com a proclamação da República, porque as nossas condições econômicas eram análogas às do país irmão.

A grande mensagem da revolução democrático-burguesa, entre nós, foi-nos trazida pelo movimento de brasilidade, depois chamado modernista. As forças da reação, prevendo o perigo dessa mensagem, buscando destruir os seus efeitos, aproveitando-se de seu aspecto de libertação da cultura nacional, criou paralelamente o movimento de verde-amarelismo, que constituiu verdadeira contrafação, tapeação desvio, espécie de porque me ufano de meu país em edição piorada, que redundou no fascismo, na infâmia do Estado Novo.

É claro que a mensagem da libertação continuou a conclamar as consciências literárias honestas para a indispensável e oportuna criação. A poesia adquiriu consciência e conteúdo o romance, consequência e essência, finalidade e significação.

Tem que haver ruptura entrem não só a literatura, mas a arte em geral, semifeudal, moribunda no Brasil e a democrático-burguesa, encaminhada para a socialista, que nasce, apressando a agonia da outra.

É natural que os velhos (não na idade, mas no espírito) reclamem. É o mundo deles que morre. É natural que nos ataquem. Não defendem senão caducos e inocultáveis interesses econômicos, dizendo preservar a eterna beleza, o jovem e imortal fascínio, a graça moça e perene de decrépitas e aluídas superestruturas.

III – No mundo liberto inteiramente da barbárie fascista, onde quer que ela esteja, o futuro das letras nos aparece claro e certo.

Aqui, no Brasil, o Congresso de Escritores, onde o Pará esteve condignamente representado, descerrou-nos animadoras perspectivas. Cerramos essa resposta, cômicos de que os intelectuais do Brasil não esqueceram o caminho de sua destinação.

### **SULTANA LEVY RESUMIU OS TRÊS NUMA SÓ RESPOSTA**

Pode-se dizer que estamos em pleno Renascimento da literatura no Pará, senão em todo o Brasil. Já baixou aquela enchente que assolou o país, de sul a norte, da literatura estrangeira, e que nos reduzia a leitores ou tradutores, porque não havia tempo nem gosto para as nossas criações. Era como se a juventude brasileira estivesse subjugada pelas botas pesadas da política.

Com o advento da revolução, levantou-se o grito de venham os novos e engavetem-se os velhos. E o metabolismo foi verdadeiramente desastroso para ambos os lados. Corremos a vista sobre essa época aqui no Pará, e não encontramos uma revista, um centro cultural. Nos grandes Estados, também, as revistas remanescentes lançaram mão, para flutuar, ao menos, do gênero

humorístico, como se o único empenho fosse sacudir, por momentos, embora, o mau humor dominante. As coisas pintadas, declamadas, escritas, tomaram a forma de uma seriedade deformada. A arte requebrou-se, fez uma careta para todos os lados, e todo mundo aplaudiu-a assim. A derrota da linha clássica, no verso, na prosa, no pincel. Engavetada também com os velhos. Depois, a medo, veio chegando a sensatez, um vamos começar novamente, com conselhos e exemplos apresentados em “sínteses”. E lá veio a moda de se dizer tudo e fazer tudo, pequeno, um resumo somente: o momento do “short”. Mas tudo isso era adventício. Agora é como se o Brasil abrisse os olhos, se enchesse de brios, e desejasse mostrar sua capacidade de dar o que é genuinamente seu. De toda patê surgem novos valores, diariamente. Na prosa, jamais coube à mulher brasileira o papel tão de destaque. Há a impressão de que a poesia moderna é pouco do gosto feminino, e o romance, que também ganhou a liberdade de ser escrito à vontade, conquistou melhor a mulher.

De um modo geral, a nova geração quer ser diferente daquela que está envelhecendo. Criou-se num ambiente pesado, de incertezas e de lutas, e surgiu mais sentimental, dentro do próprio materialismo com que se manifesta. No Pará já há um grupo bem formado e respeitável, e é dele que emana essa obrigação da nossa imprensa apoiar e incentivar a literatura. Cada dia o grupo cresce, as suas responsabilidades aumentam exigindo maior atividade, e daí surgem os proventos para a nossa literatura.

**11.20 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” – ENTREVISTADOS: BRUNO DE MENEZES E ROMEU MARIZ - ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>103</sup>**

2 de novembro de 1947

DOIS MEMBROS DA NOSSA ACADEMIA DE LETRAS RESPONDEM AO QUESTIONÁRIO DA PRESENTE “ENQUETE” – “É UMA FRASE MUITO VAZIA DE SENTIDO FALAR-SE EM “GERAÇÃO MODERNA” DO NOSSO ESTADO”. DIZ BRUNO DE MENEZES – PARA ROMEU MARIZ OS MODERNISTAS GUAJARINOS NÃO DEVEM SER LEVADOS A SÉRIO.

**O QUESTIONÁRIO**

- I) - Que pensa da “geração moderna” do nosso Estado?
- II) - Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?
- III) - Como Vê o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo?<sup>104</sup>.

**AS RESPOSTAS DE BRUNO DE MENEZES**

“I - É uma frase muito vazia de sentido falar-se em “geração moderna” do nosso estado. No plano local de um movimento de arte nova, no rigor dessa realização, pouco ou nada havemos feito que assinale estarmos participando do que poderemos chamar de “renovação estética” nacional.

Já o Sr. Álvaro Lins acentuou que a chamada poética modernista não passou de uma experiência, deixando apenas possibilidades de elementos para estudos da futura história literária brasileira, na citação de nomes e produções de vários de seus prosélitos. Isto em se tratando do panorama amplamente desdobrado em alguns círculos intelectuais, quando os grupos do “arco e flecha”, da “anta”, da “antropofagia”, do “Verde amarelo”, da “seiva”, e outros mais, formaram-se em clãs, ávidos de participarem do “modismo” da hora oportuna. Muita prosa e demasiada poesia abrolharam rotuladas de “revolucionárias”, ou, por assim dizer, de “espírito de renovação” às sedições e infiltrantes influências predominantes nas obras de pensamento neolatino. Porém, desse amálgama, do todo heterogêneo publicitário de produções cingidas àquele roteiro, uns em S. Paulo, outros na Metrópole, poucos na Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, firmaram-se como pioneiros e arquitetos da “arte moderna”, por meio dos livros publicados, como também pela divulgação frequente na imprensa de produções de todos os modelos. No Pará, onde os grupos, ou aglomerados amistosos, e não

---

<sup>103</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados Bruno de Menezes e Romeu Mariz. **Folha do Norte**, Belém, 02 nov. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

uma geração, discutiram e acolheram o credo libertário do verso e da prosa, centros ditos de maior cultura, relacionam-se em pequena monta os poetas novos e literatos menos outoniços que volveram os temas de sua inspiração para o largo horizonte da ideia livre, da composição desatenta aos cânones dogmáticos. Aconteceu assim naqueles idos e o mesmo está ocorrendo neste momento, em que o público já vai se afeiçoando aos trabalhos diferentes da forma clássica, chegando até a distinguir o poema moderno que tem sensibilidade e estesia, daquele que não passa de um chorrilho de palavras ocas e claudicantes.

O nosso Estado, falando-se em convocação de “geração moderna”, não está apto a apresentar valores em grupo arregimentados como tal. Esporadicamente, se “moderno” quer dizer da hora presente, a não ser um Rui Guilherme Barata, um Paulo Plínio Abreu, um Benedito Nunes, e outros ainda presos aos complexos liricamente emotivos, como Haroldo Maranhão, Jurandir Bezerra, Max Martins, não vemos outras vozes, como registros de poesia, que se possam incluir naquela designativa. Como escritores, teatrólogos, ensaístas, que diremos “pensadores de hoje”, anotam-se valores distintos como um Francisco Paulo Mendes, um Cécil Meira, um Raimundo de Sousa Moura, um Cléo Bernardo, um Levi Hall de Moura, um Mário Couto. Mas o caso, todavia, é que nos habituamos a distinguir a “antiga” da “moderna” geração, alinhando os nossos homens de letras que declinam para o seu ocaso, não obstante a juvenilidade de sua força, de sua expressão mental, enquanto que os moços são apontados como os “modernos”. Se é assim, encarada por este prisma, não sabemos como indicar a geração moderna paraense, cuidando-se de literatura, que também implica a poesia. Acreditamos que os nossos anseios se identificam, e moços e velhos, solidarizam-se entre si, pela elevação e clareza de suas ideias, na rota desimpedida que trilham espiritualmente, de vez que há certos mestres fracassados e muitos principiantes que jamais encontraram a oportunidade de vencer, dada a sua impertinente e chata convicção de que são gênios...

II - Se houvesse uma verdadeira geração literária paraense, na qual se pudesse buscar os alicerces de alguma ligação a respeito das tradições de nossa cultura, de certo exigiria menos reflexo este depoimento. Uns tantos conservadoristas clamam estar predominando uma irreverência brutalizante contra as tradições culturais, robustecidas noutras áreas, em nossos meios intelectuais, na sociedade, nos usos e costumes, e porque não dizer? - até nos esportes.

Por cultura, propriamente dita, submetendo-se ação emancipadora do espírito, num desenvolvimento artístico, coletivista, objetivando novos albores mentais, fomentando valores de sabedoria e de estudos positivos. Espiritualmente falando, qual tem sido o nosso legado em matéria de tradições transmitido às gerações subseqüentes? Os saudosistas do ciclo de ouro da borracha, nos recordam, oralmente, a época em que assistíamos óperas na língua original, em que havia o Moulin Rouge com artistas decaídos dos cabarés franceses, cantando no idioma gaulês; em que os cronistas teatrais, quando levantavam da plateia, já tinham a crítica pronta para o jornal, porque, dizem, possuíam cultura artística, desde o canto, à música, ao desempenho cênico.

Mas, este, período, não deixou uma ligação evolutiva para os que vieram depois. Não passou da boemia dourada, ou do “espírito”, como diria o mestre Camilo. Ao que pensamos, por isso, houve uma inapercebida solução de continuidade em nossa vida cultural, motivada pela inconsistência e volubilidade do que teria de nos ser testamentado por aqueles maiores. É fácil de constatar esse fenômeno, com o desaparecimento de nossa Associação de Imprensa, das nossas bibliotecas particulares, que constituíam repertórios fecundos de conhecimentos humanos. A nossa própria Biblioteca Pública não é mais nem sombra do que indiciavam os seus famosos catálogos. Em se reportando à música e à pintura, não obstante a aura de gênio que Carlos Gomes deixou no Pará, os maestros que se seguiram a esse tempo, não fixaram exemplos dignos de sua recomendação. Na pintura, não subsiste um cultor definitivo de artes plásticas que viesse das lições dum Estrada, dum Teodoro Braga, dum estudioso como velho João Afonso. De modo, que a necessária sequência cultural deteve a sua marcha nesse setor, e os valores que foram surgindo adotavam qualquer plano desordenado que parecesse poder levá-los ao êxito imediato. Não se firmou, assim, o “equilíbrio intelectual” entre o que os vultos daquela hora de inteligência nos propiciaram, devido a fatores preponderantes, como fosse, o pior deles, a desilusão da miragem do “ouro negro”.

Aí está por que uma sensível solução de continuidade se operou, interferindo entre o ambiente do pensamento desse passado e a mocidade que hoje ensina de cátedra, em Faculdades superiores, cada qual com os seus conhecimentos reais ou reativos, mas, todos eles, inteiramente divorciados do tradicionalismo que deveria ser reverenciado.

III - Nebuloso e anêmico há de continuar remotamente o futuro das letras no Pará. Primeiro pela falta de unidade e de agremiação conjunta, reunindo os homens de letras que deambulam entre nós. Tanto “Novos” como os apontados como “Velhos”. Um edifício duradouro em bases de realizações de pensamento precisa de coesão, de pontos de vista coletivos, de defesa da dignidade de seus construtores. Outros pequenos Estados, como o Ceará, a Bahia, A Paraíba, em vez de grupos de escritores com ares de mosqueteiros, resolveram formar uma vanguarda de guerrilheiros organizados. Quem lida com letras na Amazônia, sabe que a centralização do livro nacional, aos prelos da capital da República, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, constitui o muro com vidros aguçados e agressivos, contra os escritores da província, como a nossa. Constitui caso excepcional, um intelectual do Pará vencer em cotejos do Sul, como sucedeu com Dalcídio Jurandir, no concurso do “D. Casmurro”. O resto é o arame farpado, o gás lacrimogêneo, dos arrivistas dos grupinhos cariocas, prontos para impedir o aparecimento dos nossos livros. Além disso, ainda colabora a favor daqueles, a nossa situação de poetas ou romancistas de precárias condições financeiras. O que aconteceu com o luminoso esteta e pensador Péricles Moraes, cultura onímoda e oracular da planície, ao tratar da edição de suas obras nas editoras do sul, é um caso típico. Resultado: não haver possibilidade de futuro compensativo das letras indígenas através do livro, neste ângulo do setentrião. Quanto ao clima nacional, com as naturais restrições, o livro brasileiro, se mais acessível à bolsa

do povo que lê, se firmaria definitivamente, malgrado as traduções comercialistas dos editores que não têm nada de mecenas.

O mundo, na fase que atravessa, não só tem fome de alimentos, como de tranquilidade da consciência, de apaziguamento moral, de quietude cerebral, isto por meio do livro, que além do conteúdo humano, transmita o amor, a fraternidade, a crença num Deus justo e bom, no culto da amizade e da união entre os homens.

Quem nos dera a nós, que pudéssemos ver o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo, através deste arco-íris sentimental, na visão prismática do livro que derrama cultura, que transborda humanidade, em qualquer recanto do universo. Então seríamos os eleitos das virtudes amáveis e construtivas, que a ilustração nos traz. E todos haveriam de crer no “poder dos escritores”, que, neste momento, agitam os seus problemas, no Congresso belorizontino, em que o Pará está brilhantemente representado por valores contemporâneos, de diversas correntes literárias”.

## **O DEPOIMENTO DE ROMEU MARIZ**

As suas três perguntas respondo englobadamente.

- “Não penso nada, mesmo porque não há razão de pensar-se no que não existe, ou, se existe é tão embrionário, no instante, que não vale à pena fixar o pensamento inutilmente.

Direi, no entanto, que há, na atualidade, dois ou três elementos, dos novíssimos, alçando voos promissores, belos voos, podendo apontar-se entre eles, Haroldo Maranhão, Georgenor Franco e Mário Faustino, parecendo-me que desse filão áureo não virão outras gemas de prol, pois que no cascalho das escavações só vejo escórias. Enfim, tempo ao tempo.

Em novembro de 45, em entrevista às FOLHAS, falei deste assunto, mostrando os novos então em mais evidência e que eram, em Manaus, Violeta Branca, espírito de clarões e revérberos, estranhos, perdido na imensidão da planície misteriosa, como um diamante quilatado, de mil fulgores, cintilando entre os carvões soterrados nas agitações telúricas e escavadas da literatura. Era da corrente nova, dizia eu, um sonho scandalizante de ineditismo, a sonhar para os seus descantos certa maneira diferente de dizer e modular suas cantigas, longe das formas obsoletas do tabagismo, que ontem ergastulava o pensamento e a imaginação nos grillhões geométricos das cesuras e quijandas regrinhas. E em Belém, Adalcinda Camarão e Myriam Moraes, duas predestinadas emancipadas e agressivas, no delírio de seu ritmo, todo seu, a dizerem coisas suas, falas íntimas, lá de dentro, a refluírem escachoantes, ora em desesperos incontidos, de recalques feridos, ora em languescências, amolecimentos de alma, delíquios de corações apaixonados.

Ainda são elas personagens de fulgor e destaque no meio local, com as mesmas vibrações, mais refinadas, mais emotivas e originais em suas concepções, no seu dizer, no seu cantar, no seu trato com a musa nova da hora em que vivemos e em que devemos acompanhar tudo que surge, porque estas

mutações na vida dos povos, nas letras, nas artes, nas indústrias são irreprimíveis imperativos biológicos, estes que ligam as idades, que determinam a evolução dos homens e das ideias, criando novos espíritos, nova mentalidade e até novos corações.

Dentro deste panorama, desta visão da realidade moderna, podemos prever que haverá um Futuro com as suas “novidades”, às “novidades” da sua época, dos sonhos do deus Tempo, na obediência das leis fatais da Biologia.

É a Vida, é o Homem, a se reproduzirem, a se renovarem, nessa Ansiedade, nessa Inquietude, nesse incessante Desejo do “Melhor”, da “Perfeição”, anseios das Reformas.

E tudo, meu caro confrade, vai sem pessimismo, sem pretensões, palavras de um verista, em luta com as afirmações, o demônio desta coisa de que muita gente não gosta e que tanto prejudica a quem as faz, desembuçadamente”.

**11.21 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” – ENTREVISTADOS: STÉLIO MAROJA E EDGAR PROENÇA - ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>105</sup>**

16 de novembro de 1947

NOVOS DEPOIMENTOS PARA A NOSSA “ENQUETE” – A PALAVRA DE STÉLIO MAROJA E EDGAR PROENÇA – “PERCEBEMOS QUE DO PASSADO NÃO MAIS NOS VEM A FLAMA MISTERIOSA DA INTUIÇÃO DO PRÓPRIO SENTIDO DA VIDA”.

Mais uma vez por exiguidade de espaço, fomos obrigados a interromper a “enquete” que vimos realizando. Cremos, porém, que isso não implica em prejuízo para os nossos leitores, porque aqui estamos, divulgando a matéria que não pôde sair domingo passado. Desta vez, prestaram seu depoimento os Drs. Stelio Maroja e Edgar Proença. O primeiro além de jurista de renome em nosso estado, é uma das inteligências mais lúcidas da atual geração paraense. O segundo, além de sua atividade na imprensa e no rádio tem se distinguido ultimamente como teatrólogo, escrevendo peças que o nosso público consagrou, o que lhe valeu uma poltrona na Academia Paraense de Letras.

São dois depoimentos opostos, refletindo nitidamente o espírito e as tendências das gerações a que pertencem.

**O QUESTIONÁRIO**

- I) - Que pensa da “geração moderna” do nosso Estado?
- II) - Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?
- III) - Como Vê o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo?<sup>106</sup>.

**A PALAVRA DE STÉLIO MAROJA**

Há algo de perigoso em se emitir um juízo sobre uma geração a que se pertence. É como tentar a história de dias que vivemos, de acontecimentos em cujos episódios fomos participantes. Dificilmente logramos a isenção de ânimo imprescindível à formulação de opiniões fiéis e objetivas, livres das influências deformadoras de nossos próprios preconceitos ou paixões.

Descontados, no entanto, os possíveis exageros ou desvios, derivados de semelhantes fatores de ordem pessoal, não hesitamos em reconhecer, na moderna geração paraense, um vigoroso grupo de esplêndidos valores individuais.

---

<sup>105</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados Stélio Maroja e Edgar Proença. **Folha do Norte**, Belém, 16 nov. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

É, sem dúvida, uma geração como as passadas, cuja formação intelectual processa-se, ainda, através do exclusivo esforço autodidata, e que, pela pobreza do meio provinciano em que vive, raramente pode ter acesso às formas superiores, especializadas ou técnicas da cultura. Mas inegavelmente nela se vislumbram muitas das magníficas qualidades que fazem a força e o valor - o valor potencial, pelo menos - das gerações do mundo: uma maior inquietude espiritual, mais experiência humana e, conseqüentemente, uma compreensão mais larga e mais realista da vida, mais capacidade de sacrifício, mais paixão pela verdade e, sobretudo, uma decidida tendência renovadora, manifestada através de nítida insatisfação, diante das formas cansadas de pensar, sentir e agir, herdadas do passado.

O simples desejo de renovação é por si um poderoso estímulo da atividade criadora. Todavia, parece haver, nas fases de transformações, momentos perigosos em que o espírito, sem ter ainda descoberto os novos rumos que deve tomar, sente-se mergulhado em desolação e desencanto, como que esmagado pelos aspectos do passado, que para ele perdeu a significação e valor.

Temos a impressão de nos encontrarmos precisamente em um desses momentos críticos de desorientação e desânimo. Percebemos que do passado não mais nos vem a flama misteriosa da intuição do próprio sentido da vida. Nossas imaginações estão povoadas de vagos desejos de renovação, que se chocam com uma realidade adversa, modelada ainda pelos velhos padrões que nos recusamos aceitar. Todavia, faltou-nos até aqui a decisão e a coragem para nos atirmos à ação, criando novas fontes de inspiração e forjando novas verdades que nos impusessem como novas razões de viver, lutar, sofrer e morrer. Necessitamos de verdades não para acalentá-las espiritualmente, mas para vivê-las de fato. Verdades novas serão seiva e sangue para as nossas almas, definhadas por uma insuportável discordância entre os nossos dois mundos, o interior e o exterior. Dostoievski tinha razão quando dizia que todo o que busca sinceramente a verdade já está só por isso armado de uma força terrível.

O futuro da moderna geração paraense reside em sua capacidade de superar essa crise de transição, libertando-se das ilusões e mentiras em que por comodismo ou timidez se debate, transformando em aventura apaixonada, em busca de novas verdades, o esforço que se faz mister para que ela possa deixar na história amazônica a marca de uma honesta, clara, profunda e imperecível afirmação cultural.

## II

Por mais que uma geração se distinga de outra, será um erro afirmar que elas não se relacionam. A história a rigor não conhece hiatos e o presente nasce sempre do passado, cumprindo-nos apenas não esquecer que essa gestação obedece a um ritmo dinâmico, dialético, comportando as mais estranhas e surpreendentes transformações.

Por isso mesmo de uma geração como a moderna, que se apresenta como revolucionária, quanto às tradições de nossa cultura, não nos é lícito dizer que não tem relação alguma com as gerações que a precederam.

O fato de ela voltar-se para ideais diferentes não prova o contrário. Muito embora não se retrate no presente e ainda que tenha os seus valores culturais substituídos por outros, o passado encerra sempre um acervo precioso de experiência humana, a cuja influência as novas gerações não podem se esquivar. Essa influência, quando não se exerça diretamente, pela transmissão de uma herança cultural positiva, faz-se sentir indiretamente, por tudo quanto a observação do passado nos ensina a não desejar, a não querer, a não fazer. Disse muito bem Ortega y Gasset que é necessário esgotar o erro para surpreender o corpo arisco da verdade. Em conformidade com tal pensamento, cumpre-nos ter em vista o que o passado contém de valioso, mesmo no que nos possa parecer errado. Muitos dos valores culturais de que nos orgulhamos, como criações de nossa época, outra coisa não são que o resultado de penosos trabalhos pioneiros de gerações desaparecidas.

Queremos explicar, aliás, que quando dizemos que os ideais do passado não mais nos satisfazem, não pretendemos com isso condená-los ou depreciá-los. Queremos somente dizer que eles chegaram ao termo de seu ciclo histórico, não significando desvalia a sua substituição por outros, porque a transmutação contínua é da própria essência do processo de evolução dialética, a que se acham submetidos.

O valor dos ideais não decorre de sua maior ou menor permanência no tempo, mas do grau de correspondência com as condições históricas do momento em que surgiram, bem como da força, beleza e originalidade com que foram manifestados ou vividos.

### III

Torna-se necessário quase certo dom divinatório, para avançar conjecturas sobre o futuro, nos momentos de transição.

Na realidade, os fatores que condicionam a atividade intelectual são hoje bastante instáveis, de modo que deve haver certa cautela, na enunciação de prognósticos, com base nas condições do presente.

Acreditamos, todavia, que o desenvolvimento das atividades literárias e artísticas, no Pará, no Brasil e no mundo, não poderá evitar o influxo dos fenômenos políticos do nosso tempo, que de dia para dia assumem feição cada vez mais avassaladora, pesando decisivamente não apenas sobre os destinos das coletividades, mas até mesmo sobre o comportamento cotidiano de cada indivíduo.

## **RESPOSTAS DE EDGAR PROENÇA**

I – Acho-a brilhante no seu gênero. No entanto, discordo integralmente das diretrizes que a encaminham na seara das letras.

Nunca me habituei a compreender o belo sem harmonia e a sentir as extravagâncias daquilo que não me fala ao espírito.

A moderna geração de nosso Estado é constituída de uma plêiade de valores extraordinários.

Todos cheios de talento. E é pela sua fecunda imaginação que eles não chegam a ser abomináveis no teor de suas expansões literárias.

Teriam empregado muito melhor a sua influência e a sua predileção intelectual, com mais esplendor, si acompanhassem a escola que é a de todos os tempos, que resiste a todas as insinuações, que á harmonia, a beleza, a “nuances” ultramodernas, que é a harmonia, a beleza, a emoção, a grandeza da poesia e da prosa.

As escolas literárias que não se apoderaram indebitamente das incursões anárquicas do bom gosto às letras sobrevivem, continuam a liderar as sensações do espírito.

Penso que o “modernismo” atinge seu período pinacular, mas não tardará desaparecer.

Não nasceu com bases sólidas. É feito pela inquietação de um idealismo passageiro.

Eis o que penso da escola moderna. A sua geração em nosso Estado caminha afoita e brilhante, mas um dia volverá para os velhos cânones estéticos que marcam a sensibilidade e o pensamento.

II – Não houve solução de continuidade em nossa vida cultural. Há duas correntes. Os antigos persistem no seu trabalho paciente defendendo o seu patrimônio de inteligência e de cultura. Os novos nem de leve querem acompanhar a vida do passado.

Não há, portanto, a meu ver, ligação e respeito às tradições de nossa cultura, de parte da atual geração literária paraense.

Apenas são duas forças que se respeitam e fazem uma vida à parte, como si uma “entente” os ungissem cordialmente a tais atitudes.

Felizmente não há lutas estéreis. Cada um pensa como pode.

E isso, aliás, é tão raro que chega a causar espanto.

III – Vejo-o com alegria perene de quem anseia por um mundo melhor.

O futuro das letras no mundo será o marco das maiores conquistas e é a natural e rápida evolução que se vem operando, guiado por cérebros ponderados, que o mundo viverá apeiado dos conflitos e dos recalques.

No Brasil já se vê, pelo fecundo movimento em todos os setores da atividade intelectual, até onde iremos. Os homens velhos continuam cultuados pelo seu saber e os novos já se impuseram ao respeito e admiração dos velhos.

Quanto ao futuro das letras no Pará não há que duvidar. Aí está essa juventude acadêmica que flutua na beleza de seu idealismo construtor. Participa das “mesas redondas” e exige dos homens responsáveis pelos destinos do Estado o exato cumprimento dos seus deveres administrativos.

É uma geração que fala de cabeça erguida e não sabe curvar os joelhos para a subserviência, senão para render o culto de sua adoração à Pátria querida.

E a atitudes dessa natureza são inspiradas pela inteligência. Daí eu acreditar no futuro das letras no Pará.

## 11.22 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” – ENTREVISTADOS: OTÁVIO MENDONÇA E R. DE SOUSA MOURA - ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>107</sup>

23 de novembro de 1947

DEPOIMENTO DE OTÁVIO MENDONÇA E R. DE SOUSA MOURA – “ESTAMOS OBSTRUÍDOS EM TODOS OS RUMOS POR HOMENS VELHOS” – “EXISTE UMA GERAÇÃO MODERNISTA NO NOSSO ESTADO, À ALTURA DE SER APONTADA POR GILBERTO FREYRE ENTRE AS MELHORES NA ATUAL, ATIVA E LÚCIDA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA”

Em prosseguimento a nossa “enquete” publicamos hoje dois valiosos depoimentos: de Otávio Mendonça e R. de Sousa Moura, destacados elementos da moderna geração literária paraense. Bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, ambos tem participado efetivamente dos movimentos culturais de nossa terra, através de brilhante contribuição para o enriquecimento do patrimônio das nossas letras e patrimônio das nossas ideias.

São dois depoimentos que vêm trazer perspectivas originais para o palpitante debate, que tem interessado vivamente a opinião pública.

Nos próximos números, divulgaremos novas opiniões, principalmente dos novíssimos, que ainda não se manifestaram, afim de melhor esclarecer a situação atual e as tendências da moderna literatura do nosso Estado.

### O QUESTIONÁRIO

- I) - Que pensa da “geração moderna” do nosso Estado?
- II) - Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?
- III) - Como vê o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo?<sup>108</sup>.

### DEPOIMENTO DE OTÁVIO MENDONÇA I E II

Antipatizo com a palavra geração. Soa com exclusivismo, uma atitude de divisão artificial na atividade humana. O que há, realmente, são as coordenadas inevitáveis de tempo e espaço. Mas numa como noutra os indivíduos, antes de tudo, coexistem. O fato de se sucederem, como o de estarem distantes, não os separa, porque a experiência da vida, no fundo, é eterna e universal. Nascer na

---

<sup>107</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados Otávio Mendonça e Raimundo de Sousa Moura. **Folha do Norte**, Belém, 23 nov. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

Polinésia ou em Paris, dois mil anos antes ou dois mil anos depois do Cristo é decisivo quanto ao ambiente. Na intimidade biológica, entretanto, o homem é o mesmo e, se as suas aspirações de felicidade são heterogêneas no processo, guardam irremediável similitude quanto aos fins. Creio, assim, que a tarefa de todos nós é considerar a Humanidade no conjunto, embora compreendendo os caracteres do momento e lugar que nos couberam para desenvolvê-los, tão rápido quanto pudermos, no sentido que julgarmos melhor.

Partindo daí, a palavra geração só se salva mudando o conteúdo. Não vale como grupo de certa idade, porque em qualquer idade há homens nas mais diferentes etapas do progresso. Não vale como pugnadores de uma direção, porque simultaneamente e em toda parte há gente lutando por todas as direções. Não vale sequer como grupo de pessoas intelectualmente ativas, porque há sempre, e em maior número, pessoas intelectualmente inativas, ou quase, participando, com ou sem consciência, da indelimitável vida comum. Para ser autêntica, a palavra geração tem de se ampliar, ampliar tanto que inclua a todos quantos vivam em certo momento num dado lugar. Por exemplo, em Belém, neste ano de 47. Somos cerca de 300.000 nesta geração. Há de tudo. Mas, francamente, predomina o mau, o medíocre, pelo menos. Advogados, políticos, padres, comerciantes, sapateiros e vagabundos, todos fazem parte da geração. E a média em qualquer ramo é baixa. Quase ninguém entende do que chama a sua tarefa. E até mesmo os que seriam inofensivos por não terem tarefa, lançam-se às vezes furiosamente à desmoralização das tarefas alheias. Meu pessimismo não é ortodoxo. Sei que tanto existe no Pará um bom médico como um bom engraxate. Mas a minoria é tão escandalosa que não altera os adjetivos. Estamos obstruídos em todos os rumos por homens velhos. Não homens que nasceram há muitos anos, mas homens que pensam e agem como já seria incorreto quando nasceram. Desde os que andam em montaria a remo diante do avião a jato até os que supõem resolverem problemas públicos a peso de frases quando as mais exatas estruturas políticas do mundo revem, ansiosamente, suas bases temerosas de envelhecerem. Nossa geração tem vitórias e alegrias por exceção. De regra, é um fracasso. Nenhuma grande lacuna foi preenchida: abriram-se outras, e enormes, além das que encontramos. Os que poderiam lutar para diminuí-las desconfiam do sucesso e retraem. Nossas minguaquíssimas elites são de elementos solitários, principalmente os sabedores de certas técnicas extraliterárias. Químicos como B. Sá, matemáticos como Rui Brito; burocratas como Edgar Franco; mesmo filólogos como Orlando Bitar, engenheiros como Fernando Guilhon, Educadores sanitários como Catete Pinheiro, psiquiatras como Aluísio Fonseca ou dermatólogos como Jaime Abenatar. Sofremos uma terrível ausência do que Anísio Teixeira chama de cultura universitária, isto é, interpenetrada. Diz ele que nos países de tradição universitária, a cultura une, solidariza e harmoniza. Entre nós, a cultura separa e hostiliza. Porque é tão pessoal o esforço para adquiri-la, tão ignorado e incompreendido que quando alguém a alcança não se sente obrigado a reparti-la. Cada um de nós ignora as conquistas feitas nos ramos de conhecimentos paralelos. Daí uma perspectiva facciosa e essa incapacidade para a conexão que destrói do plano as esperanças de se realizarem. Não é, aliás, um pecado desta

geração. Mas aumenta sempre que amanhece novo dia. Quantos ricos depositários de cultura marcham entre nós para a morte sem nada transmitir. Outros terão de vencer nos setores que eles palmilharam as mesmas vicissitudes, partir do mesmo zero, enquanto se retomassem a investigação da altura anteriormente obtida teriam muito mais tempo e probabilidades para progredir.

Resta um generoso núcleo, marcadamente literário, o único unido e ativo, que posso simbolizar em Paulo Mendes. É sintomático ser um professor de literatura. Mas tem largura para trabalhar por uma séria colaboração dos nossos homens de maior cultura. Na medida em que a índole do meio permitir, talvez consiga provocar o que por aí houver de sabedoria ainda mais inútil do que anônima. Se, além disso, os detentores das mais variadas lideranças influíssem, reunidos, na elevação concreta dos padrões vitais de nosso lugar ao nosso tempo, seria instintivo o aparecimento de novos sabedores e, através deles, viria a continuidade. Numa luta assim coletiva e durável pela felicidade talvez se empenhasse mais a fundo a maioria agora insensível e abstraída. Caminharíamos para uma grande geração.

### III

O futuro das letras faz parte do futuro do mundo. Aqui, e em toda parte, os que produzem literatura dependem, praticamente, dos que a consomem. É curto, no Brasil, o horizonte quantitativo. Há 60% de analfabetos; dos 40 restantes, talvez não passem de 5% os que compreem livros e publicações. Em números redondos, uns dois milhões para todos os assuntos, incluídos aqueles que apenas lêem jornais e os que metem na estante o livro fechado para sempre. Assim, independente do mérito, a influência de quem escreve é pequena. Está aumentando neste século XX e creio que tal alargamento se explica, antes de tudo, pelas necessidades e inquietações gerais, pelos problemas populares que os nossos escritores vem interpretando nos últimos 50 anos. “Os Sertões” servem de marco, Monteiro Lobato e José Lins do Rego possuem mais público que Coelho Neto e Machado de Assis. Já na poesia o desprestígio é inegável. Não são populares as formas modernas, por mais valiosas na essência. Poemas como “Essa Negra Fulô” (Jorge de Lima), Martim Cerêrê (Cassiano Ricardo) e “Cobra Norato” (Raul Bopp) agradam-me mais cada vez que os leio. Mas acredito que nem mesmo os seus autores duvidem do quanto estão aquém, na popularidade, de uma “Hebréia” (Castro Alves), da Canção da Saudade (Gonçalves Dias) ou mesmo de “Ouvir Estrelas” (Bilac). O ouvido do povo gosta da rima; e se no Brasil a declamação é arte morta, não vejo outro jeito para a poesia, por enquanto, senão a cantiga. Samba, choro, valsa tristonha, canção do morro ou do sertão. Se eu fosse poeta, no Brasil, tentaria fazer modinhas. Mesmo dos nossos maiores poetas o que se conhece, geralmente, é o nome; os versos, não. Ao passo que todo mundo sabe as modinhas ignorando o autor. Aliás, entre estas, aparece muitas vezes boa poesia:

“Nossas roupas comuns dependuradas  
Ao vento qual bandeira agitadas

Pareciam um estranho festival  
Festa dos nossos trapos coloridos  
A mostrar que nos morros mal vestidos  
É sempre feriado nacional”.

Porque não pode ser cantado um Manuel Bandeira? Analfabetos haveriam de conhecê-lo, com vantagens para os dois. É a lição de Catulo, sem dúvida o mais popular poeta brasileiro destes últimos anos. Nisto levam a melhor os romancistas. Compare-se a tiragem de “Jubiabá” com a de “Estrela Solitária”. E ao lado dos romancistas vêm tirando um partido muito inteligente e humano das angústias nacionais os ensaístas, economistas e estudiosos em geral das suas origens e soluções. A Amazônia, o Nordeste, o São Francisco, os selvagens e negros, o café, o açúcar, os minerais. Interessar o povo é o caminho de quem não quiser escrever para si mesmo ou para a sua roda de entendidos. A literatura como indústria, no Brasil, nada espera da exportação. Logo, é criar, aumentar e melhorar o mercado interno. Não havia necessidade, e era difícil ou impossível na ditadura. Mas a democracia abre janelas, mais do que a todos, aos que escrevem. Generaliza-se a curiosidade pelo debate, a discussão força o estudo e o imperativo de escolher entre tantas propostas que se excluem conduz a massa cada vez em grau mais considerável ao desejo de se instruir. Bom futuro para as letras no Pará, no Brasil e no mundo – como diz a pergunta – é ir encontrar esse desejo. Não estará, descendo, mas subindo. Subindo em tolerância, humildade, entendimento. Fazer da arte mais que uma obra de bom gosto, transformá-la em produto e fonte de boa vontade.

## **PALAVRA DE R. DE SOUSA MOURA**

II - O “movimento modernista” brasileiro foi uma revolução literária que, agora, depois de vinte anos, chega à sua plenitude constituindo uma nova ordem. (Hitler deturpou a eficácia e o sentido destas palavras, mas verdadeiramente só elas podem exprimir a 2ª etapa de uma revolução criadora). Antecedeu de oito anos uma revolução política nacional, cuja significação jamais se deverá subestimar, e o fato de ter sido uma contemporânea de outra, confirma o princípio de que o processo artístico e o social estão em íntima relação na marcha da história. Foi Mário de Andrade, como se diria na técnica subversiva da atualidade, o agitador profissional do modernismo. Aqui cabe mais do que uma referência cronológica a esse nome, cabe lembrar que foi ele um desses destinos exemplares de escritor. Chegou ao fim da vida gloriosamente, fiel ao ideal da juventude, fecundo e espontâneo ainda depois de haver realizado uma obra que pela sua grandeza ultrapassa toda esperança. Na definição com que iniciou sua conferência pronunciada em 1942, na biblioteca do Ministério das relações Exteriores, está abrangida a gênese do movimento: “Manifestado especialmente pela arte, mais manchado também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo com o engrandecimento

gradativo dos grandes impérios, com a prática européia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reavaliação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional”.

Não foi um tempo perdido o que decorreu desde 1922, quando começou a inovação, com a “Semana de Arte Moderna”, promovida no Teatro Municipal de São Paulo.

Examinando-se os aspectos que se enquadram no tema do questionário, verificamos que, no plano da prosa, foi fundamental a influência do Modernismo. Ele purificou a palavra escrita do preciosismo, do artifício, das frases vazias como esta típica “no palácio azul do encantamento...”; do mau adjetivo fatalmente grudado ao substantivo como si este é que não fosse “o osso do estilo”. Essa conquista não representa exatamente uma inovação, como salientou Mario de Andrade, pois de tudo encontramos exemplos na história artística do país (um exemplo, Machado de Assis), mas é novidade no sentido de ter criado uma consciência coletiva, um estado de espírito permanente, longe daquele individualismo. Veio a tempo de mostrar que se já existia um espírito nacional, uma realidade brasileira, uma nação viva participando do mundo, crescendo como um organismo sadio, então os seus órgãos de expressão tinham de abandonar o academismo exausto, para estar em identidade. Aquele caminho limpo e claro deixado às gerações seguintes pelo modernismo, a que se refere Alvaro Lins, é sobretudo nas novas tendências de realismo e beleza que marcaram o destino da prosa brasileira, que deve ser entendido.

Também no plano da poesia, é conhecida a profundidade da incursão modernista. Na síntese correta de um crítico, foi uma luta contra as limitações que oprimiam a atividade poética. No ensaio magistral que F. Paulo Mendes publicou no Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE (ns. 28 e 31), sob o título discreto de “Notas para uma conferência sobre poesia contemporânea”, teve o público paraense conhecimento desse estado de expansão, “que não restringe mais suas fronteiras e que tende a dilatar-se até o infinito”. No caso particular brasileiro, ela ainda não atingiu aquele estado de equilíbrio da prosa, já mencionado, de tão firme estrutura que dificilmente será ultrapassado, mas, pelo contrário, encontra-se ainda no ciclo destrutivo, dominada pela paixão das violações. Creio todavia que a função clássica de educar, que foi abandonada nesta revolução poética, deve constituir um dos pontos de recuperação, quando a sua nova ordem for estabelecida. Vivemos, como já escrevi em outra oportunidade, numa época essencialmente política, na qual mais do que nunca deve existir estreita solidariedade entre os valores estéticos e sociais. Se a poesia permanecer inacessível à compreensão das massas e até das próprias elites, como tem acontecido, à espera de que se desenvolva o entendimento dos homens, para capacitá-los a devassar o seu mistério, terá incorrido numa das mais terríveis frustrações, por que ela está por sua origem e sua natureza vinculada ao destino do homem sobre a Terra. Aliás, o mesmo Paulo Mendes demonstrando a sua visão integral do problema, expõe a questão: “Toda poesia contemporânea está

marcada dessa preocupação de pureza, até os poetas que se afastaram dos princípios ortodoxos de Poe, de Mallarmé, de Valery e de Bremond, não conseguiram escapar inteiramente à sedução de suas idéias. Mas, que de enganos, de equívocos e de erros nessa obsessão de pureza e na busca incansável da essência poética! A extrema rarefação da poesia, a cuidada eliminação de alguns elementos que sempre se associaram a ela e que, talvez, sejam convertíveis à sua essência, e a supressão do que perturbadoramente humano ela pudesse conter, orientaram-na para uma concepção rigorosamente abstrata da beleza e para o inatingível ideal do absoluto. O próprio Valery convencer-se-á melancolicamente, que nada de tão puro pode coexistir com as condições da vida. Poesia que adquire, também, pela sua forçada simplificação, um tom hermético e se faz, freqüentemente, ininteligível. Acusamo-la mesmo de uma quase incomunicabilidade. Poesia que é só para poetas e para uma pequena elite de iniciados”. Vale lembrar aqui a duradoura lição de Amiel: “O poeta é o homem de todo mundo, o que sofre, chora ou canta com os demais e para os demais. Suponhamos que nele o amor próprio de artista pudesse ser reduzido a zero, que deixasse de ser um homem para ser o homem, e então teríamos o poeta perfeito”. (Diário Íntimo).

Nesta fase de estabilização do movimento modernista, no seu conjunto, podemos concluir que a geração que o encarna se caracteriza pelo seguinte: a) senso crítico b) anti-boemia no sentido de dar à vida um fim prático; c) vocação intelectual saciada pela cultura; de interesse por todos os problemas humanos.

Chegou ao Pará o modernismo, e, por uma lei natural, foram os jovens que lhe deram aceitação. Existe, assim, uma geração modernista do nosso Estado, formada pelos seus valores novos, com as mesmas qualidades dominantes a que acabo de me referir. Uma geração cuja presença foi anunciada por “Terra Imatura”, pelo antigo “Cartaz do Dia” da FOLHA DO NORTE e por “Novidade”. Tem crescido, em número e substância, através dos últimos anos. Sua contribuição potencial é imensa, pois tem além de tudo o futuro como companheiro, e a contribuição efetiva, uma obra que não traiu, colocou essa equipe à altura de ser apontada por Gilberto Freyre entre as melhores na atual, ativa e lúcida inteligência brasileira.

II – No conceito spengleriano, “cultura é uma configuração da vida, repousando sobre a crença comum em determinada hierarquia de valores”. Mas, do que se depreende pela segunda pergunta do questionário, foi aí usada a palavra cultura no sentido vulgar, como desenvolvimento intelectual. Sem dúvida, existe na atual geração literária paraense, ligação e respeito às tradições de nossa cultura. A rutura que houve, foi apenas num sentido. É que no passado, tivemos individualidades e hoje, uma consciência coletiva devotada a um ideal. Como símbolo desses grandes valores solitários, no século XIX, indico Rayol, e no presente, Paulo Maranhão.

III – Vejo o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo nos melhores rumos. Constituirão uma categoria de valor absoluto, de participação efetiva na história, e serão consagradas pelo respeito universal.

**11.23 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” – ENTREVISTADOS: GERALDO PALMEIRA E MAX MARTINS - ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>109</sup>**

7 de dezembro de 1947

DEPOIMENTO DE GERALDO PALMEIRA E MAX MARTINS “ESTAMOS DIVORCIADOS DO “BALLET DOS SUJOS” – “OS NOVOS ESTÃO FAZENDO TUDO À SUA CUSTA”.

**O QUESTIONÁRIO**

- I) - Que pensa da “geração moderna” do nosso Estado?
- II) - Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?
- III) - Como Vê o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo?<sup>110</sup>.

Depoimento de Geraldo Palmeira

Eu entendo que nós somos os irmãos mais moços de irrequieta geração que surgiu no Brasil em 1922. Somos os menos caçulas dos Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e tantos outros que tomaram parte na Semana de Arte Moderna, de São Paulo. Entretanto, é necessário que se diga que nos distanciamos desse movimento, não só pelo acovardamento no combate ao negregado fascismo, como também na luta contra a velharia, transformada em falso símbolo, e a enganar o caminho das letras com a sua falsa reverdescência.

Houve isso: a minha geração conheceu a vida sem liberdade. Nasceu num mundo onde o sentido das coisas está mudado e a contenda das ambições superou a suave beleza da vida. Somos uma geração, como bem definiu Levi Hall de Moura, atordoada e vacilante, geração angustiada e indecisa e, portanto, facilmente levada a reboque. Mesmo assim, em toda a história literária no Pará, ainda não surgiu uma geração que estivesse mais impregnada de anseios de liberdade, de mais devoção pelas massas populares, de mais fé no futuro, mais independência intelectual do que a nossa. Somos inquietos. Procuramos, no entanto, fazer a nossa arte calcada na realidade das coisas. Amamos o belo e o entendemos como verdade. Não esterilizamos a arte nem tão pouco usamos a clássica forma dos sapateiros na confecção dos nossos versos.

A covardia, porém, não é atributo de toda a minha geração. É de grupos. Por isso, discordo de Levi Hall de Moura, em que pese ser ele uma das maiores

---

<sup>109</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados Max Martins e Geraldo Palmeira. **Folha do Norte**, Belém, 07 dez. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

culturas de nossa terra, quando diz: “A geração de Paulo Plínio parece querer fugir dela (da vida), evitá-la, e criar em seu lugar um Maritornes ideal qualquer, espécie de Homunculos de saia”.

Indiscutivelmente, existem grupos de minha geração transformados, conscientes ou inconscientemente, em bonecos de Vidondo, mas também há outros - e o próprio Levi Hall adiante o reconheceu – que são renovadores consequentes.

II - A única ligação literária entre essas duas gerações é o que sempre houve no Mundo. Uma nasce e a outra morre. Os nossos velhos nem morrer sabem, pois vivem nos atacando com a excrementícia de seus cérebros fossilizados<sup>111</sup>.

Basta dizer que estamos divorciados do “ballet dos sujos”, como dizia o querido Mário de Andrade, pois do contrário teríamos de considerar o Professor Remígio Fernandez como uma velha gata devorando sua ninhada... Eles não podem entender a nossa linguagem, não temos tempo para construir a chamada cultura do fichário... Entre as acusações de que somos diariamente vítimas, advindas de algum Matuzalém, é de que não nos prendemos ao passado, que escrevemos para nós mesmos, e etc. Eu concordo com tudo isso. Só não aceito é que um velho não seja alfabetizado nas “Cantilenas de Santa Eulália”.

Nós, moços, ficamos satisfeitiíssimos quando circulou “Ocaso”, que deve o título mostrar decadência. Quis ele se evidenciar, de fato, como o canto do Cisne dessa geração que não acreditando em si, não soube, também, evoluir.

III - Para o mundo de amanhã, está reservado um grandioso futuro. As artes terão os seus cultores, afastados das cortes, dos cofres dos bancos e do abastardamento, [comum] num Mundo que morre de velho e de imprestável.

## **A PALAVRA DE MAX MARTINS**

I - Julgo a nova geração paraense, como a do Brasil, uma das mais esclarecidas e em nada indecisa como afirmam alguns.

Iludida com a mentira política de 1930, atônita diante do morticínio de 39-45 e do babelismo que dele adveio, desconfiada com as conferências de paz, a nova geração, antes de tudo, não crê em ninguém, senão em si mesma. Cansados das velhas lições moralistas, revoltados com o cinismo demagógico dos politiquinhos anacrônicos, esses jovens poetas-deputados, escritores-congressistas, artistas-líderes populares, traçaram suas próprias diretrizes.

No Pará, entretanto, ainda se nota que nos moços falta um pouco de entusiasmo por suas reivindicações. Temos nossos princípios a impor e isso não conseguiremos de braços cruzados. Os caducos, os “pulgas”, ainda se julgam nas letras regionais, assim como “donos” e não perdoam de maneira nenhuma os nossos “cacarejos”. Para eles poesia moderna é “Nordestino”, “Soldado da borracha” (Destino fatal dos arigós: Miséria, Maleita e ainda mais toda aquela versalhada).

---

<sup>111</sup> Escrito “fossilizados” no jornal, como que para agredir muito mais os professores, que são contra os modernistas paraenses.

Há muito que nossa vida literária necessita de um “barulho”. Há agora a oportunidade que o Suplemento Literário da “Folha” oferece. É preciso que a nova geração apareça e brilhe, pois para tal é capaz. Ela é das mais abalizadas que o Pará já possuiu e a diretriz que abraçou longe de ser “extravagante” é das mais esclarecidas e verdadeiras.

É um grupo brilhante, a geração de Francisco Paulo Mendes, Stélio Maroja, Mario Couto, Otávio Mendonça, R. de Sousa Moura, Rui Barata, Paulo Plínio, Georgenor Franco, Miriam Moraes, agora com Benedito Nunes (Com licença do Sr. Osmar Guajardino), Haroldo Maranhão, Alonso Rocha, Jurandyr Bezerra (Pena que já acadêmico. Tão talentoso...), Mário Faustino, João Mendes, Cauby Cruz e Sultana Levy. Dizem que também sou do bloco. Graças a Deus. Graças a Deus que não sou da Academia (Imortalidade é conversa fiada). O que há, é o ar de funéreo e as anedotas picantes nos primeiros domingos de cada mês.

A esses moços é que compete repudiar a velharia, e combater, de “Detefon” em punho, aqueles insetos muito nocivos aos seus princípios.

As vozes situacionistas de “literatos” tais como Remígio Fernandez, Romeu Mariz (avô) que de tão míope não nos enxerga, bem como a passada presença no seio da literatura local do “contista”, “crítico teatral cinematográfico esportivo musical” Brazão e Silva, que uma vez [impelimos] com os semi “descamisados” do Olímpia, mais ainda Gastão Vieira o “Saudosista”, e toda uma parte dos membros do nosso “Petit Trianonzinho”: como ia dizendo as vozes e a presença ausência desses nossos “amigos da onça”, não intimidam ninguém e muito menos um grupo onde há um Cecil Meira e um Orlando Bitar. Ação, pois, e nada de vida quieta e [englostorada]. “Revolução ou aviação” ensinou Romain Rolland à mocidade.

II - Desligamento absoluto. Os novos estão fazendo tudo à sua custa, com seu cabedal, com sua vontade e sobretudo de acordo com que a época lhe ensinou. Entretanto, “ainda é quase nada – como disse Cecil Meira – diante do que na realidade podemos fazer”. O essencial é descruzar os braços.

III - É com otimismo que encaro o futuro das letras no Pará, porque está ele todo entregue às mãos da nova geração. E grande é a minha confiança nesses moços. Sob o mesmo prisma enxergo o futuro literário do Brasil e do mundo. Depois da guerra a cultura deixou de ser francesa, alemã, russa, inglesa. Apoderou-se dela um sentido universal, assim como que pedindo desculpas por seis anos de “sangue, suor e lágrimas”. E isto é promissor. Muito bem!

**11.24 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” – ENTREVISTADOS: PAULO PLÍNIO ABREU E RUY COUTINHO - ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>112</sup>**

14 de dezembro de 1947

DEPOIMENTO DE PAULO PLÍNIO ABREU E RUY COUTINHO – “DIANTE DAS PERPLEXIDADES DA ÉPOCA DE CRISE EM QUE SE VIVE, SENTIMO-NOS CHEGADOS A UM ESTADO DEPURADO E SOMOS NESSE SENTIDO, O QUE SE PODERIA CHAMAR UMA GERAÇÃO AGÔNICA” – “OS CHAMADOS VELHOS SÃO OS ÚLTIMOS REPRESENTANTES, NO SETOR INTELECTUAL, DE UM INDIVIDUALISMO BURGUESES ACOMODATÍCIO.

Depõem hoje, na movimentada “enquete” que este Suplemento vem realizando, duas das mais brilhantes expressões da moderna geração literária paraense: Paulo Plínio e Ruy Coutinho. O primeiro tem já assegurado o seu espaço na história da literatura do nosso Estado, como um dos poetas mais representativos, e sua obra poética o autua sem favor entre os mais expressivos poetas novos do Brasil. Ruy Coutinho, iniciando-se na ficção como contista de grandes recursos, foi ultimamente solicitado para o ensaio. É das figuras menos conhecidas nas nossas letras, e, no entanto, das que oferecem maiores possibilidades de realizar alguma coisa perdurável no terreno das ideias.

São dois depoimentos valiosos que se vem juntar a tantos outros já publicados, e que trazem uma contribuição original ao estabelecimento do tema deste inquérito: A posição e o destino da literatura paraense.

### **O QUESTIONÁRIO**

- I) - Que pensa da “geração moderna” do nosso Estado?
- II) - Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito à tradição da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve uma solução de continuidade em nossa vida cultural?
- III) - Como Vê o futuro das letras no Pará, no Brasil e no mundo?<sup>113</sup>.

### **DEPOIMENTO DE PAULO PLÍNIO ABREU**

Convidado a dar minha opinião para esta “enquete”, devo dizer em primeiro lugar que quando se fala em geração fala-se em geração literária. Só por extensão ou analogia pode-se falar de geração política ou em qualquer outra coisa. Só em literatura geração é uma palavra cheia de sentido: fora dela é uma palavra emprestada. E só no sentido de literatura eu poderia dizer alguma coisa a respeito

---

<sup>112</sup> AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistados Paulo Plínio Abreu e Ruy Coutinho. **Folha do Norte**, Belém, 14 dez. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

dessa geração nova que tem assistido aos mais surpreendentes acontecimentos de todos os tempos, e da qual participo. E sem dúvida uma geração que se viu e se vê solicitada e atraída a variados caminhos. Geração que se conseguiu libertar de fórmulas e preconceitos anacrônicos e procura viver ao nível das grandes questões universais. Que se libertou de regionalismos de toda espécie e que por isso mesmo não se pode dizer dela que é “do nosso Estado”. Só a insignificante geração literária que nos precedeu é que o era, e disso naturalmente se orgulhava.

Vivemos uma época de depuramento, ou de apuramento também podemos dizer. Nenhuma ingenuidade ou atitude romântica poderá ser apontada como defeito de nossa geração. Geração que assiste, ao fim de variadas experiências, ao nascimento do existencialismo. Isto, a meu ver, é suficiente para deixar marcada e caracterizar uma geração.

Somos, antes de tudo, uma geração que tem consciência de seus próprios defeitos e de suas limitações. Em nenhuma época anterior foi dado como a nós, viver simultaneamente ou quase com todos os movimentos literários ou filosóficos que têm surgido. Neste sentido e com relação às anteriores, somos uma geração isolada, que não participa desse ingênuo otimismo literário que ainda é do século passado.

Diante das perplexidades da época de crise em que se vive, sentimo-nos chegados a um estado depurado e somos, neste sentido, o que se poderia chamar de geração agônica. “Jê crois que chaque génération nouvelle arrive chargée d’un message”, disse Gide. A nossa será essencialmente a mensagem de uma geração que participa de um novo descobrimento da liberdade humana, num mundo que superficialmente parece querer negá-la por contradição; de um novo conceito de pureza num mundo aparentemente corrompido; de uma concepção inédita de poesia quando esta já se considerava morta ou prestes a desaparecer.

Este me parece ser o sentido de nossa geração.

Creio porém que todas as gerações estão mais ou menos condenadas a um irremediável fracasso. Isto porque nenhuma geração conseguirá realizar ou traduzir integralmente a sua “mensagem”. Todas as gerações necessariamente fracassarão. Todavia o valor de uma geração diante de si mesma e para as gerações que vierem depois, não está na dependência desse fracasso que é inerente à essência mesma da sua condição temporal. Seu valor se medirá sempre pelo que há de eternamente novo na sua mensagem, pela reabilitação da literatura como forma autêntica do conhecimento, pela revalidação do mundo poético dentro de um mundo que tende a suprimi-lo. Nisto consistem a dignidade e o heroísmo de uma geração.

## **RESPOSTAS DE RUY COUTINHO**

Tenho lido no Suplemento Literário da *FOLHA*, o depoimento de diversos intelectuais a presente enquete. Observei que desde logo se estabeleceu uma injustificável confusão em torno da palavra **geração**. Procurando uns enquadrá-la dentro de um limite de idade mais ou menos arbitrário, outros dando-lhes o sentido

de movimento literário, chegou-se a uma anacrônica discussão em torno de arte antiga e arte moderna. Houve mesmo quem manifestasse uma solene antipatia pela palavra, pelo que de divisão arbitrária pudesse apresentar. No entanto, nada mais real e nada mais natural do que a diversidade de comportamento dos homens no tempo ante as realidades externas. Pouco importa que não haja uma uniformidade de opiniões em uma determinada época. Pelo contrário no momento em que vivemos, de renovação e de procura de novos caminhos, nada mais animador do que a ausência dessa artificial uniformidade. Dentro de uma variedade de opiniões, poderemos encontrar traços comuns que caracterizam o comportamento de uma geração ante as realidades que a rodeia. Assim sendo o conceito de geração só poderá ser dado, levando-se em conta a diversidade de comportamento a que me referi.

Por mais hostil que nos pareça o mundo, jamais poderemos ignorá-lo, porque ele sempre nos obrigará a uma atitude de revolta, de abandono de reação, seja ela qual for.

Respondendo à primeira pergunta poderemos estabelecer a diferença entre os que costumamos chamar de “os velhos” e “os novos”.

Os primeiros se caracterizam por uma atitude francamente abstencionista e conservadora. São os últimos representantes, no setor intelectual, de um individualismo burguês acomodaticio, e como tal, medíocres na maioria dos casos. Desejamos que sejam os últimos representantes do bem-estar.

A nova geração comporta-se de modo inteiramente diverso. Repudia o individualismo, já não pode ser indiferente, mas procura reagir sobre o mundo Ora lançando-se em um socialismo extremado, dando à sociedade um valor absoluto que tudo anula e tudo absorve. Ora procurando através de um exame da natureza e destino do homem restabelecer os valores verdadeiros e eternos que hão de orientá-lo. Se bem que não sejamos somente um número na sociedade, e o nosso destino o de servi-la única e exclusivamente, se bem que ela esteja em função da realização dos nossos fins, não podemos nos isolar, mas devemos cooperar com todas as nossas forças, para que nela todos se possam realizar integralmente. E isto também significa reagir sobre o mundo. Poderemos chamar essa última orientação de corrente cristã.

Observamos, ainda, uma maior seriedade na nova geração intelectual do Pará. Pois já não se conforma com culturas improvisadas, mas procura estudar e tomar contato com as correntes do pensamento moderno. Não se acredita mais que o que faz o homem de letra, seja a “bohème” ou a “deboche”.

II – É com certa desconfiança que ouço falar em continuidade de nossa vida intelectual. Primeiro por esse “nossa” como se às fronteiras geográficas do Estado correspondesse uma fronteira de vida intelectual. Depois continuidade. Temos possuído é verdade valores isolados que não tiveram forças bastantes para se projetarem em outras gerações.

**11.25 - ENTREVISTA: “POSIÇÃO E DESTINO DA LITERATURA PARAENSE” – ENTREVISTADO: BENEDITO NUNES – ENTREVISTADOR: AUGUSTO, PERI<sup>114</sup>**

1º de janeiro de 1948

PROSSEGUE O MOVIMENTADO INQUÉRITO COM O DEPOIMENTO DE BENEDITO NUNES – “A VELHA GERAÇÃO DESCONHECEU O VERDADEIRO SENTIDO DA ARTE: DE VIGOROSA INTEGRAÇÃO NA VIDA”

Estamos ultimando o movimentado inquérito que vimos promovendo entre os intelectuais paraenses, a respeito do tema já de todos conhecido. Iniciado no mês de outubro último, tiveram ensejo de prestar seus depoimentos Cléo Bernardo, Remígio Fernandez, Cecil Meira, Georgenor Franco, Levi Hall de Moura, Sultana Levy, Bruno de Menezes, Romeu Mariz, Stélio Maroja, Edgar Proença, Otávio Mendonça, R. de Sousa Moura, Geraldo Palmeira, Max Martins, Paulo Plínio Abreu e Ruy Coutinho. Faltam-nos ouvir Daniel Coelho de Sousa, F. Paulo Mendes, Júlio Colares, Oséas Antunes, Ernesto Cruz, Ruy Guilherme Barata, Mário Couto, Caubi Cruz, Mario Faustino e poucos mais.

Hoje publicamos a brilhante resposta do nosso jovem colaborador Benedito Nunes, um dos “novíssimos” da geração literária paraense. Não obstante os seus 18 anos de idade, Benedito Nunes é uma das expressões mais representativas do movimento intelectual que presentemente se registra entre nós. O seu depoimento vale inclusive como afirmação da seriedade com que os escritores novos encaram os problemas do seu tempo.

**DEPOIMENTO**

É extraordinária a maneira da nova geração enfrentar o problema da liberdade humana e é justamente essa atitude que vai caracterizá-la. Para a nova geração a liberdade humana adquire o valor de uma descoberta, uma dessas descobertas que, mesmo já tendo sido atingidas, conservam a novidade do primeiro contato e a sinceridade com que a geração passa a viver essa experiência, mostra o lado vital da descoberta.

Não interessa à nova geração constatar que o homem é livre. Toda a sua força está em suportar as consequências do achado e, reafirmar as raízes heroicas da dignidade humana.

Os novos não poderiam deixar de ser revolucionários; são tanto mais revolucionários quanto não abusam da palavra revolução.

---

<sup>114</sup> PERI, Augusto. Posição e destino da literatura paraense. Entrevistado Benedito Nunes. **Folha do Norte**, Belém, 01 jan. 1948, *Arte Suplemento Literatura*, nº. 60, p. 7.

É claro, que se deixa de lado um tipo qualquer de movimento revolucionário na esfera social – seja aquele do tipo marxista ou a sua contrária, burguesia – e a revolução assume o caráter de um pacto firmado com a integridade da pessoa humana e que só a vida heroica pode assegurar. O heroísmo é a posição de consistência, a mesma posição de “consistência moral” de que nos fala Gide, a defesa intransigente daquele núcleo de verdades sem as quais seria impossível uma vida humana.

“Nada de transigir. É preciso viver resolutamente na integridade, na plenitude e na beleza”. Para mim, essa frase de Goethe que, certa vez, Mazzini citou a Nietzsche, sintetiza grande parte da mensagem da nova geração. E é da posição que conserva, ferindo de frente os problemas humanos, que se deve partir a fim de penetrar no seu modo de ser estético.

Verificamos então que a arte pode fornecer ao homem um conhecimento mais profundo de sua natureza e, como tal, a poesia se vê transformada em elemento de pesquisa, de penetração quando o momento criador do artista consiste em procurar traduzir a sua “vivência”, ligando-se ao mundo objetivo pelo que existe em si de permanente e essencial.

Também a geração moderna necessita achar no trabalho artístico a segurança e a confirmação do seu trabalho artístico.

O artista, especialmente o escritor, abandonou qualquer artifício como era aquele da “arte pela arte”, e pôs-se, resolutamente ao lado do homem. Ligando a atividade estética aos anseios e esperanças de um maior equilíbrio social e humano, conservamos essa ligação até onde não gere certos exageros como os romances ditos sociais e que, na verdade, não passam de socialistas...

O verdadeiro criador, o artista, acerta, entretanto, ao dar à sua arte o sentido de que falava Stendhal – a arte, como promessa de felicidade.

A geração moderna começa tendo uma visão segura de seu destino e, o que realiza, orientada pelas suas próprias conquistas, não se prende, por certo, aos esforços de uma geração anterior. Com a passada geração paraense acontece ter sido, desde logo, uma geração malograda. Esteve à margem da vida humana profunda e por esta se desinteressou deliberadamente afim de preservar um falso conceito de vida artística. Era, partindo desse conceito que o artista desinteressado pela realidade da vida humana (pela normalidade da vida humana que Chesterton descobriu rica em surpresas e onde Joyce foi buscar o seu herói), proclamava que “era necessário beber a grandes tragos na taça da quimera”. Em consequência, o que de fato realizaram, o que realizaram ainda os transnotados de velha geração, mostra-se de uma debilidade imperdoável, principalmente em poesia.

Acredito que tenham feito arte, mas no sentido restrito, de ofício. Desconheceram o outro, o verdadeiro – de vigorosa integração na vida.

Por isso não é de admirar a incompreensão dos intelectuais do passado em frente ao que seja a arte moderna, pois nem sequer alcançaram a significação exata do fenômeno artístico. Puseram em jogo o sentido comum numa coisa que, por sua própria natureza, repelia esse mesmo sentido comum. Um dos argumentos que lançava outro dia o Sr. Remígio Fernandez contra a poesia

moderna era o de que se opunha ao “sentimento do sentido comum”. Ora, este sentido comum é bom apenas para a cozinha, como dizia Hegel.

O fracasso da velha geração foi cômico antes mesmo que trágico. Foi cômico porque tornou-se patente a sua infidelidade ao movimento histórico em que vivia, desconhecendo as exigências culturais e humanas da época. Deleitava-se ainda em Coelho Neto e nas versões portuguesas de Haeckel, enquanto os novos, pelo sentimento poético e pela fé na vida, estavam convencidos de uma verdade super-humana da qual cada homem livre constituía o mais profundo testemunho. Tinham muitas coisas a ensinar aos velhos, sem dúvida, que ressentidos rejeitaram em aprender com eles...

**11.27 - ENTREVISTA: “CONVERSA COM SALVADOR DALI (II)” – ENTREVISTADOR: SABINO, FERNANDO<sup>115</sup>**

1º de fevereiro de 1948

**PREÂMBULO ENFÁTICO**

NEW YORK – “Aí vem o general Valdez bloquear a cidade de Leide! Aí vem a guerra mais carniceira, mais desumana e mais daninha que há memória nos séculos dos séculos! Ora, a cidade de Leide fez frente aos espanhóis. Resistiu até a morte, até o delírio, até a falta absoluta de munições – munição de boca e munição de fogo – na esperança talvez de um socorro prometido. Mas os dias se esquivavam monótonos, o cerco apertava-se e o socorro não vinha. Então os habitantes de Leide apelaram para o último recurso, o trágico, o espantoso recurso da pátria em perigo: soltar os diques. E os diques foram soltos. O mar do Norte, alegre e sinistro, saltou para a terra com a braveza dos touros que crescem para a arena quando se lhes abre o curral – etcetera e etcetera. Parte da Holanda ficou em ruínas, mas a honra da Holanda ficou imaculada”.

Transcrevo de memória esse trecho da antologia Cláudio Brandão, de um autor português que nem sei mais qual é, decorado no Ginásio Mineiro e que fazia o entusiasmo flamejantemente literário dos meus treze anos. Algumas passagens, repetidamente analisadas em aula, me deslumbravam; outras me surpreendiam. Aquela “munição de boca” eu achava engraçada: o “se lhes abre o curral” me entusiasmava, e eu achava do mais apurado bom gosto literário os bois crescerem para a arena. Mas o que é de se espantar é que a despeito da grandiloquência final do trecho eu não sentia simpatia nenhuma pelos habitantes de Leide e sim pelos espanhóis, pelo general Valdez (que até hoje não fiquei sabendo quem foi), pelo Mar do Norte, alegre e sinistro.

Não sei porque me vem de repente do fundo da memória esse trecho literário há muito enriquecido quando me sento diante da máquina e me disponho a escrever sobre Salvador Dali.

Salvador Dali expõe em New York: “Acabo de completar a idade de 44 anos e finalmente decidi, ainda que continuando a fazer dez vezes mais que os outros, que é meu dever começar a pintar minhas primeiras obras primas. Comecei a primeira, “Leda Atômica”, a qual estou exibindo agora, apesar de estar ainda em processo de execução, permitindo assim aos interessados em minha técnica estudar o desenvolvimento deste trabalho paralelamente à publicação de meu livro “50 Segredo da Arte de Desenhar”. Não posso assegurar que minha “Leda” – onde tudo gravitava no espaço – será uma verdadeira obra-prima. Neste período de amedrontador mecânico e decadência espiritual que atravessávamos isso me

---

<sup>115</sup> SABINO, Fernando. Conversa com Salvador Dali. (Copyright E. S. L. com exclusividade para a Folha do Norte) Entrevistado Salvador Dali. **Folha do Norte**, Belém, 01 fev. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

parece impossível. Mas posso também assegurar que é mais meritório criar beleza em 1947 que sob a tutela paternal de um Perugino”.

Eis que o Dali pensa de si próprio. E o que pensam dele os seus semelhantes e segundo porque Dali confunde a todos. A maioria dos artistas e recusa a pensar. Poucos são os que revelam em relação a Dali um interesse mais aprofundado e sério, que a sua obra tanto merece. Os artistas plásticos o desprezam, e os escritores e crítico o atiram sem perdão para a vitrine de modas, para a publicidade cabotina para Holywood com Walt Disney, para o exótico sucesso entre grafinos. E os poucos que realmente se interessam o castigam sem piedade. George Oswell, em “Dickens, Dali and Others” percorre um a um os sintomas psicopatológicos de Dali, segundo a sua obra e principalmente a sua autobiografia, para terminar afirmando que ele não é nem um homossexual, nem um cropófilo, nem um masoquista, como insinua ser, mas um necrófilo, pelo menos no sentido em que ele vive só entre coisas mortas, que já não interessam mais à humanidade. Perguntei-lhe o que pensava desta interpretação:

- Os críticos ingleses não percebem o sentido de minha obra. Este trabalho de... de quem mesmo?

- George Oswell.

- Pois é, esse trabalho eu confesso que não li, mas me disseram, sei mais ou menos de que se trata.

Dali reafirma mais uma vez sua “prodigiosa” capacidade de ver seu nome impresso, sem precisar de ler o texto que o acompanha”.

- São ingleses – continuou ele. – É preciso, às vezes, ser latino para entender certas coisas. Eu sou catalão! Você é catalão?

Seus olhos brilham, ao se afirmar de Catalunha. Já lhe tinha dito que era brasileiro, mas ainda assim minha ascendência de ibéricos pode aos seus olhos assegurar-me algum sangue catalão nas veias.

Salvador Dali expõe em New York. Natural da Catalunha, alegre e sinistro como o Mar do Norte, ele saltou para a terra com a braveza dos touros que crescem para a arena quando se lhes abre o curral. Dali investiu contra as fronteiras da criação, rompeu os diques holandeses dentro dos quais toda uma concepção artística se refugiou.

## XX

Mas aí vem o general Valdez bloquear a cidade de Leide! Aí vem o general Picasso bloquear as saídas da arte! É bem verdade que as cidadelas artísticas fizeram frente aos espanhóis. Raphael resistiu até El Grecco, Vermeers resistiu até Picasso, mas os dias se escoavam monótonos, o cerco apertava-se e o socorro não vinha. Matisse, já na sua casa, olhava para a janela mas não ia lá fora; Gauguim numa ilha deserta; Van Gogh no hospício, Cezanne comendo maçãs. Braccus recortando jornal na sala de jantar, Picasso matando um galo na cozinha. Dali raspando as axilas até tirar sangue e depois pintando de azul. Mas os diques não foram soltos? Um dia Dali experimenta colocar sua coruja na cabeça de Eluard, depois na de Garcia Lorca, e não achou graça. Os poetas se salvavam. Enquanto isso as águas invadem a cidade. A los toros. Dali! Parte da arte já está destruída, mas as honras da arte ficaram imaculadas. E então? Dali de

repente se percebe sozinho o único habitante dessa cidade fantasma, e suas próprias são as águas tumultuosas que rolam dentro da noite sem termo. Como novo Gargântua. Dali urina sobre Paris. As ruas viraram rios e nos campos as tulipas se afogaram. Braços de moinho se erguem, patéticos e quebrados, flutuando na paisagem sem horizontes. Uns morreram, outros se refugiaram nas torres, outros fugiram para as montanhas, outros se transformaram em grandes peixes mansos. Inútil imitar o movimento dos seres que vivem sob as águas. A água quebra a rigidez das linhas, penetra até as vísceras, incha o corpo dos afogados, amolece a forma dos relógios, espalha moluscos sobre o ventre, arrasta a cabeleira das algas. As paredes estão sujas de lodo. De cima do telefone, uma lagosta espia. Sobre o piano repousas duas carcaças de burro, apodrecidas. Sobre todas as coisas se estendeu o pavor gelatinoso dos sonhos que passeiam na profundidade submarina. O espírito tornará a nascer das águas? – os sobreviventes se interrogam de longe, passeando sua pasmada concepção do mundo numa Arca de Noé. Dali não pergunta nada. As águas, as águas passam – e um dia o sul amanhecerá castigando sem perdão a paisagem desolada, escaldante, recompondo horizontes em areia fugidia, onde Portinari encontrará uma caveira de boi, mas onde Dali verá ainda a água a se escoar pelos lábios abertos na areia. Haverá um corpo de mulher já putrefato, a anêmona viva de um sexo a abrir-se como flor de carne, caramujos aderidos à pele, as órbitas vazias como duas grotas onde as formigas se enterram. Buscando refúgio. Lentamente elas saem, as formigas, passeiam pela face, correm sobre uma língua grossa e arroxeadada, entram pela neurose do nariz e saem pela ferida no ventre, sempre a roer, a cortar, a completar a obra de destruição. Tudo é destruição, deserto, emoliência. No lugar onde havia uma casa, uma caveira possui um piano. Onde um dia existiu um quadro, há o vazio branco recortado contra o azul, há um buraco quadrado no próprio céu. Duas sombras estáticas, a de um penhasco desgarrado da montanha e a de uma muleta fincada na areia, se encontram na solidão ao pôr do sol. “Procuro o princípio das coisas, procuro as direções elementares”, diz. “A quem procuras?”! Procuro um homem chamado Raphael”. E as duas sombras se interrogam mudamente.

### 11.31 - ENTREVISTA “UM MOMENTO COM ANDRÉ GIDE” – ENTREVISTADOR: MÁRIO PEDROSA<sup>116</sup>

Em Lausanne, a primeira coisa que faço é ir ao telefone, e comunicar-me com André Gide, em Neuchatel. Chamo o seu número, confiado que me foi, em Paris, por um amigo íntimo do escritor. O outro lado do fio, me responde uma voz feminina. Digo quem sou – nome, pronome, jornal, nacionalidade e o padrinho que me indicou o caminho.

A voz feminina desaparece para dar lugar a uma voz grave de homem, cheia de ressonância. Adivinho que é ele, embora não declare quem é. Torno a explicar tudo. Noto que a partida está ganha: seus amigos me asseguraram que ele atualmente não recebe visitas de estranhos, e especialmente evita os jornalistas. Anda doente, e excessivamente fatigado. Por isso mesmo se foi refugiar na pequena cidade suíça, em casa do genro.

Ter o seu número particular de telefone em Neuchatel, e sabe da hora certa de telefonar, equivale já a um passe. Digo-lhe, de longe, a admiração que temos por ele no Brasil, o que o faz exclamar sorrindo: - C'est gentille! Em seguida inquire: Mas onde está o senhor agora? Quando está livre? Ponho-lhe à vontade para decidir da hora do encontro. Sei já de seus hábitos e seu regime. Queixa-se de extrema fadiga. E previne que não poderá receber-me longamente. “Je vous previens”, repete. Replico no mesmo tom, dizendo que lhe deixarei o cuidado de me avisar quando terei de partir. Do outro lado do fio, rui com a minha saída.

Às três horas, desço do trem em Neuchatel. O encontro estava marcado para as quatro. Percebo, então, com desprazer, que não lhe tenho o endereço. Vou ao catálogo do telefone na estação. Verifico que o seu número não consta da lista. Não há outro jeito senão telefonar de novo, para ele, na esperança de ser atendido pela voz feminina. Mas é a mesma voz grave e quente que atende. A presença de sua voz me vexou, pois sei que essa é a sua hora de repouso. Mas sem ouvir minhas explicações, dá o nome e o número da casa. Sabendo que já estou em Neuchatel, decide receber-me imediatamente, apesar de meus protestos, assegurando-lhe que esperaria, tranquilamente, pela hora marcada, seja sentado num café ou perambulando pelas ruas da velha e pitoresca cidadezinha.

Num recanto sossegado de uma linda rua, diante de um muro enorme coberto de musgo, com um castelo no alto, se acha um casarão antigo, de três andares, com pequena escadaria, em meio a um jardim: é ali onde, fugindo de Paris, se instalou a maior figura literária de seu tempo. Encimando a porta de entrada lê-se, em grandes letras romanas douradas, esta data: MCCCLXXIV. Ao entrar, dou com duas senhoras idosas e um garoto que descem uma escada. Como não há nome nenhum nem na porta de entrada nem nas dos andares, subo de andar em andar á cata de uma indicação que me sugira a sua moradia. E

---

<sup>116</sup> PEDROSA, Mário. Um momento com André Gide. **Entrevistado André Gide (Parte I). Folha do Norte**, Belém 7 mar. 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

dessa forma chego até o terceiro andar por uma escada de pedra desnuda, sem tapete. Felizmente o garoto das velhas voltou à casa por qualquer motivo e deu comigo pelas escadas. Ele é, finalmente, quem me mostra a porta de Gide. Era precisamente no andar térreo.

Uma senhora me abre a porta, e exclama quando digo o fim de minha visita: Ah! O senhor é jornalista brasileiro por quem o sr. Gide está esperando!

Através de um corredor escuro e depois de passar por duas saletas dou num salão vasto e claro, de teto alto, três amplas janelas de vidro, rasgadas de alto a baixo, e abrindo para o jardim e deste, para o lago. Do salão se veem, ao fundo, pedaços de Alpes cristalizados. Tudo é alvo, sereno e luminoso. O dia doce de fevereiro é antes de primavera que de inverno. O céu cinzento e baixo deixa, contudo passar um sol amarelo, cuja luz chega até nós, até as coisas como um cordial.

Indicam-me uma cadeira de braços, ao lado duma pequena mesa com flores e alguns maços de cigarro, espalhados, e de diferentes marcas. Pela precisão com que a senhora me conduziu a esse lugar, me pareceu que havia sido recomendado por ele para receber-me. A senhora me pede uns dez minutos de tolerância e ainda estou a dizer-lhe que posso esperar tranquilamente, quando, diante da porta, ao fundo do corredor, ele passa. Ao ver-nos em explicações, muda de rumo e se dirige a mim, apertando-me a mão nas suas pedindo desculpas por fazer-se demorar. E torna a sair.

Fico a olhar a sala, toda branca do teto às paredes. As portas de vidro, sem cortinas, deixam passar a luz. Castiçais de prata com abajures alvos. Pelas paredes, pendentes de cordões brancos, muitos quadros, todos modernos. De relance reconheço Roualt, Braque, vários Dufys, Marie Laurencin, Utrillo e um Picasso. Pouco depois ele chega. Torna a apertar-me as mãos. Sento-me, mas ele pede que me levante e vá me colocar na cadeira do outro lado da mesa, de encontro à luz, que vem das grandes janelas. Ele diz: - “Mettez-vous la pour que jê vous voie”. Assim era ele que me queria observar e não eu que o ia procurar no seu recesso, tomado de curiosidade. Olha a seguir os cigarros espalhados sobre a mesa, e se levanta outra vez, para ir apanhar outra marca; ofereço os meus, examina-os, mas não convencido, vai lá dentro e volta com um maço de sua preferência. Esta, aliás não tinha nada de extraordinário, pois era simplesmente um desses cigarros americanos conhecidos. Só depois de todos esses preparativos, é que, sentado de um lado da mesa e eu do outro, ele arremata: - Bem agora vamos. Que é que você quer?

Vim à Suíça para vê-lo, explico. Trouxe mesmo do diretor literário de meu jornal a missão especial de entrevistá-lo. Conto da admiração que a sua pessoa e a sua obra despertam em nós, intelectuais brasileiros. Em resposta afirma que conhece o **Correio da Manhã** de nome e sabe de sua importância, do papel que ele representa no Brasil. Confessa que sempre teve muito interesse pelo nosso país e a conversa emboca nas viagens. Noto que até hoje não saiu ele praticamente da Eurásia “Já estive no Congo” replica. Mas o próprio Congo, a própria África é um apêndice da Europa. E a propósito de viagens ao Novo Mundo, de viagens marítimas, pergunto se havia lido o nosso Camões. Sorriu, e

disse: “J’ai fait mon Camoens dans le temps, e j’ai même écrit la-dessus”. Eram às imagens novas, marinhas colhidas nos Lusíadas, que fazia eu referência, no intuito de incitá-lo a atravessar o oceano e redescobrir as Américas. Ele confessa que gostaria muito de fazer essa travessia, mas era á tarde demais, sua idade e seu estado de saúde lhe cortavam as asas para migrações tão longínquas.

Ainda a respeito do mesmo assunto, já quando a conversa havia tomado outro rumo, ele diz, fitando-me, com a maior espontaneidade: - A América do Sul me interessa mais do que a do Norte.

Gide está sempre devorado de curiosidade. Numa era de descobrimentos, talvez tivesse sido um desses cronistas e viajantes famosos que revelaram aos europeus deslumbrados as maravilhas de mundos novos, da Ásia das especiarias e as Américas de uma raça nova e nua; seria talvez uma espécie de Marco Polo, de Frossart, de Pero Vaz.

Ele tem alma de naturalista, e a precisão esquisita de sua arte se deve a esse amor, a essa curiosidade das coisas naturais, plantas, árvores, bichos, homens, homens naturais. Poderia ser um outro Buffon. É um insaciável leitor de livros de viagens, e, nesse sentido, me recomendou como extraordinário, a obra de Tomlinson – **The sea and the jungle**. O livro do escritor inglês sobre o Amazonas o encantou. É, aliás, o mundo amazônico o que, em nossa terra, mais o fascina.

\*\*\*

É evidente que Gide se poupa, embora não se alheie ao que se passa fora da sua roda. Reage sempre com presteza e propriedade. Seu gosto das coisas concretas não desarma nunca. O encontro com ele não é uma entrevista nem um debate. E são as pequenas coisas que despertam nele maior atenção. É um letrado típico, quase um doutro chinês, com o amor dos detalhes corretos, diante dele se compreende como, durante as horas trágicas da guerra, se comprazia, no seu jornal, em defender contra os simplificadores da língua os direitos e a nobreza do subjuntivo, ameaçado de desaparecer.

Quando falávamos na sua viagem ao Congo, veio à tona a expressão portuguesa – “matar o bicho” – que ele registra no livro. Interessa-se por saber da significação exata, pois a toma como sinônimo de gorjeta, “pourboire”. Explico que significa mais do que simples gorjeta: em muitos casos é convite a um parceiro para beber um gole juntos. O episódio acaba com ele me explicando que no Congo se diz: “matar bicho” e não “matar u bichu” conforme a correta prosódia portuguesa.

Seu ouvido aguçado de músico não deixa passar sons impertinentes. Em tudo, é o homem de expressão exata.

Em outro momento, diante das palavras – Correio da Manhã – manda que as pronuncie outra vez, pois que dividiu incorretamente a última palavra. Faço-o tendo o cuidado de deletrear limpidamente o vocábulo final. E ele repete: “Manhã”. Aliás, já pelo telefone, perguntou pelo meu nome, e quando, em resposta, o pronunciei à francesa, carregando sobre a última sílaba, ouço-o, com surpresa, repeti-lo, mas sem o alongamento final francês e lhe dando, ao contrário, a acentuação vernácula justa.

Também quando citou o livro de Tomlinson, pronunciando o título em inglês, pude notar o cuidado com que procurava evitar a fatal acentuação final de seus compatriotas. Ao ver que eu anotava o título e o nome do escritor, quer ver como o grafiei. Olha e, com sua própria caneta-tinteiro, risca o nome que eu havia anotado com o “Tom” separado do “Linson”, e por cima, escreve “Tomlinson”, bem legível.

## 11.34 - ENTREVISTA: FALAM OS POETAS. ENTREVISTADOS CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E LÊDO IVO<sup>117</sup>

21 de março de 1948

**RIO – Via aérea – “Letras e Artes” o suplemento literário de “A Manhã”, está promovendo entre os poetas cariocas a seguinte enquete:**

“No último número de “Poetry Quarterly”, revista inglesa expressivamente voltada para os problemas da arte. Derek Stanford propôs 12 perguntas que, endereçadas aos poetas ingleses, visam a explicação de várias fases de sua atividade poética e a divulgação de aspectos da vida pessoal de cada um deles para que melhor se compreenda o seu trabalho artístico.

Levando em conta a alta importância desse questionário, LETRAS E ARTES resolveu promover uma ‘enquete’ com os poetas brasileiros, se bem que algumas das indagações formuladas sejam essencialmente britânicas. Os depoimentos divulgados contribuirão decerto não só para revelar a filosofia de vida de nossos poetas em face dos problemas da existência civil de cada um, como ventilarão assuntos que, plantados na própria atmosfera social e humana do nosso tempo, se cercam de grande interesse coletivo.

São, portanto, perguntas que servem de chaves para abrir o mundo poético das mais expressivas personalidades da poesia brasileira, pela sugestão e pela curiosidade maliciosa em que se apresentam.

Iniciamos neste suplemento as primeiras respostas, lembrando aos leitores que esses questionários podem ser considerados como uma pequena mas verídica biografia espiritual dos entrevistados.

As perguntas em questão são as seguintes:

- 1) Acha que uma vida ascética é mais favorável à poesia do que uma vida libertina ou vice-versa?
- 2) Qual o estado civil que favorece mais a poesia: casado ou não casado?
- 3) Preferem poetas viver na solidão ou em meio de muitos?
- 4) Os amigos do poeta deveriam ser intelectuais ou gente simples?
- 5) Deve o poeta participar de jogos de futebol, bilhares, cinemas e outros prazeres da massa?
- 6) A atitude do poeta, em face da vida, deve ser a do esteta ou da pessoa forte?
- 7) Deve o poeta participar da vida política ou não?
- 8) Nas suas horas livres o poeta deverá se ocupar de leituras ou de esportes?
- 9) Prefere o poeta a vida na cidade ou nos campos?
- 10) O estudo de outras artes favorece a produção poética ou não?

---

<sup>117</sup> Falam os poetas. Entrevistados Carlos Drummond de Andrade e Lêdo Ivo **Folha do Norte**, 21 de março de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 4.

- 11) Uma outra profissão é compatível com a poesia ou não? Profissão literária ou outra talvez muito diferente?
- 12) Qual é o 'standard' de vida necessário para o poeta dedicar-se à poesia sem pensar em êxito de livrarias?

#### RESPOSTA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O grande poeta Carlos Drummond de Andrade deu-nos as seguintes respostas:

1. Todas as formas de vida estão impregnadas de poesia. Mas quase todas são desfavoráveis ao trabalho poético, que consiste num constrangimento do ser em face das possibilidades naturais da vida. A ascese pareceria por definição, mais ajustada aos exercícios da invenção poética. Mas foi banida de nosso tempo, ou quase, e seria preciso reinventá-la. De resto, creio que ela conduziria antes a um certo tipo de poesia, identificada com o conhecimento místico e, afinal, com o silêncio, que não é poesia realizada, mas apenas hipótese de poesia. Quanto à libertinagem... Acho difícil qualificar o libertino, à vista da dupla conceituação do termo na linguagem comum. E mesmo, dentro desta última, poucos serão os poetas que se poderiam dar ao luxo de uma vida desregrada. As limitações políticas e econômicas, no mundo inteiro, nivelam as criaturas e padronizam miseravelmente suas vidas. Poucos são os debochados e muitos os infelizes. Em suma: o problema, para o poeta, não será o da antinomia pureza impureza, mas o da inconformidade patente entre as condições da ordem social e o exercício da natureza poética. Problema que ele tem de resolver criando ou restabelecendo sua própria solidão, em meio ao tumulto geral. Como disse Rilke, ele será uma espécie de médico que se trate a si mesmo.
2. Não hesito em afirmar que é o casamento, ou a ligação fiel e duradoura, que deita raízes no mais profundo ser, e lhe abre as portas do conhecimento amoroso.
3. Está mais ou menos respondido lá em cima.
4. Há uma espécie de fatalidade eletiva que nos obriga a ter os amigos que mais correspondam às nossas necessidades afetivas, ou por outra, aqueles que merecemos ter. Sem dúvida o poeta contará com os amigos poetas. Mas entre eles é bom que cultive outros que não o sejam, com os quais nunca fale de poesia ou literatura, nos quais encontre um princípio de humanidade pura, de que afinal a poesia, ainda mais transcendente, é subsidiária.
5. Uma vez que o poeta não é um bicho de sete cabeças, ele deve fazer o que muito bem entender, nesse capítulo. E se for, tanto mais ainda.
6. Na minha opinião, a qualidade de poeta não confere o menor privilégio ao indivíduo, e pode até obrigá-lo a um dever suplementar: o de não ser muito indigno da emoção de ordem artística que ele suscite entre os homens.
7. Deve. Para sair dela o mais rapidamente possível e nunca mais cair em tentação.
8. Ver resposta à pergunta nº cinco.
9. O "campo", para mim, é uma pequena goiabeira ao pé de um muro de cimento. Outros nem isso terão. Como fixar preferências? No estúpido mundo americanizado em que vivemos, árvore é uma oleogravura que contemplamos a

noite, na penitenciária dos edifícios, depois da caçada diurna, da comida sobre o asfalto fervendo.

10. Acredito no princípio da unidade fundamental das artes. Variam apenas os meios de expressão. Um poeta se encontra nos quadros e na música dos outros. Músicos e artistas plásticos devem encontrar-se na poesia. E para aqueles a que isso não aconteça – deve ser uma infelicidade.
11. Não há profissão alguma em que nos sintamos plenamente à vontade e que esteja em contato com as grandes coisas de que é feita a verdadeira vida – é ainda Rilke que o lembra, nos seus conselhos ao jovem Kappus, poeta e aluno de escola militar. Aceitemos pois o nosso ofício ou qualquer outro. Inclusive a falta de ofício, que já tem dado alguns bons livros. Manuel Bandeira, grande trabalhador, revelou a utilidade poética do ofício da andorinha, que aparentemente “passou o dia à toa, à toa”, mas de fato não passou.
12. Qual o “standard” necessário para que o cientista possa dedicar-se exclusivamente à ciência, o político à política, o artista à arte? Num mundo dividido em compartimentos estanques, a que chamamos de classes, acabamos por discriminar entre homem e homem, não segundo as inclinações íntimas ou as características fundamentais de cada um, mas regendo as suas atividades circunstanciais e o seu gênero exterior de vida. Assim admitem-se e mesmo se justificam as diferenças mais extraordinárias em torno desse mínimo de decência e comodidade que cada criatura viva precisa assegurar-se para subsistir. A pergunta, ao contrário, devia ser esta: De quanto precisa um homem para não ser um bicho? E nossa sociedade ainda não respondeu satisfatoriamente.

## RESPOSTA DE LÊDO IVO

Lêdo Ivo, jovem poeta brasileiro considerado como uma das mais expressivas figuras da nova geração assim respondeu:

- 1) Acha que uma vida ascética é mais favorável à poesia do que uma vida libertina?  
- A história literária nos revela o exemplo de inúmeros poetas que se nutriram de libertinagem, muitos deles acabando consumidos pelos vícios e servidões. Entretanto, tanto a libertinagem como a ascese podem alimentar obras poéticas. Naturalmente, a primeira influirá sempre mais, suscitando a nostalgia de uma pureza maior que move os poetas. Por mim, acho ser preciso um pouco de ascese, de virgindade, no espírito de qualquer poeta.
- 2) Qual o estado civil que favorece mais a poesia: casado ou não casado?  
- Depende do poeta... e da mulher do poeta. Pode acontecer ainda que ele seja desquitado ou viúvo.
- 3) Preferem os poetas viver na solidão ou em meio de muitos?  
- Sozinho em um quarto, mergulhado em um comício, um poeta guardará sempre em seu coração a chave de sua solidão que abre e fecha as portas do mundo. Realmente, um poeta sempre vive sozinho. E Valery diz que um homem sozinho é um homem mal acompanhado...

- 4) Os amigos do poeta deveriam ser intelectuais ou gente simples?  
- O poeta aprende mais em contato com gente simples; no Brasil essas oportunidades são raras, pois todo mundo é intelectual.
- 5) Deve o poeta participar de jogos de futebol, bilhares, cinemas e outros prazeres da massa?  
- O meu regimento poético é omissos a esse respeito.
- 6) A atitude do poeta, em face da vida, deve ser a do esteta ou a do homem forte?  
- Sempre a do esteta, jamais a do homem forte.
- 7) Deve o poeta participar da vida política ou não?  
- Não vejo nenhum inconveniente em um poeta participar da vida política como orientador ou como candidato elegível. Comportando-se dessa maneira, ele tem dois caminhos a seguir: conservar a autonomia de sua poesia, realizada sem refletir essas preocupações de natureza política, ou então servir-se da poesia como de um veículo de propaganda. O tempo, no entanto, exercerá forçosamente a sua tirania sobre essa poesia que não se limita a si mesma. Assim sendo, a poesia sairá perdendo.
- 8) Nas suas horas livres, o poeta deverá se ocupar de leituras ou esportes?  
- Leitura não faz mal a ninguém. Do esporte, pode-se dizer o mesmo. Acho porém, que os poetas brasileiros poderiam aproveitar as suas horas livres estudando gramática e lendo o dicionário do mestre Aurélio Buarque de Hollanda. Na gramática estão as regras; no dicionário, as palavras.
- 9) Prefere o poeta a vida na cidade ou nos campos?  
- No Brasil, é de se crer que os poetas não gostem nem da cidade nem do campo. Preferem viver nos suplementos literários.
- 10) Uma outra profissão é compatível com a poesia ou não? Profissão literária ou outra talvez muito diferente?  
- Deveriam os poetas lecionar o idioma do seu próprio país, ou outra língua qualquer. Professor de literatura seria, também, um programa excelente. Ou então ser aviador... Quanto à pior profissão que um poeta pode seguir, não tenho dúvidas: é jornalismo.
- 11) Qual o “standard” de vida necessário para o poeta dedicar-se à poesia sem pensar em êxito nas livrarias?  
- Adaptando a pergunta à realidade brasileira, que exclui fagueiramente a possibilidade de um poeta viver de sua produção, acho que o Canto tanto pode brotar em um apartamento como em uma mansarda. O importante é que seja autêntico. Pouco importa que os bolsos estejam vazios – a poesia ainda é a melhor riqueza. Os credores passam e os poetas ficam, eis uma observação de

história literária que se pode instituir como se fosse uma regra. Além do mais os poetas ricos geralmente não são os melhores...

### 11.36 - ENTREVISTA - PEDROSA, MÁRIO: “MEU ENCONTRO COM MALRAUX”<sup>118</sup>.

18 abril de 1948

A primeira vez que o vi foi na atmosfera exaltada de um comício no VELODROME D’HIVER. Os chefes do movimento gaullista se reuniram sob a presidência do comprido irmão General. André Malraux, dentre eles, foi o último a chegar. Passou despreocupadamente por entre as filas de cadeiras onde se assentavam os líderes, até dar com seu lugar à mesa, coberta com uma larga bandeira tricolor.

Foi o último dos oradores. Na tribuna armada a um lado, demorou longo tempo antes de dar início ao discurso. Com o cotovelo sobre a prancha, o rosto apoiado na palma da mão, o braço esquerdo caía espichado ao longo do corpo como se fosse um paralítico. Fazia-se tarde, e a multidão se deslocava das arquibancadas, a caminho da casa e de melhores colocações. Malraux aguardava tranqüilo, mas visivelmente resignado, o silêncio para dignar-se falar, e ser ouvido. Sua voz tem ressonâncias profundas, e se casa calorosamente ao veículo que a transmite. Sentando enquanto os outros falavam, ele não tem sossego. Morde de leve a borda da mão, como uma gata que carrega o filhote nos dentes, e logo após tira o lenço do bolso, para recolocá-lo a seguir, tal como estava. Fuma. Rechaça constantemente a mecha de cabelo que insiste em cair sobre a fronte, de entradas pronunciadas. Torna a acender um cigarro. Inclina-se sobre o vizinho para falar com um terceiro, e reclina-se depois com a mão no queixo. Tais gestos se sucedem sem interrupção. Traz na fisionomia certo ar melancólico de quem se sente eternamente em face do inevitável.

Começa lendo pausadamente. A voz é baixa, quase soturna, mas vai aos poucos ganhando sonoridade, enquanto sobe de registro para alcançar um abaritonado quase dramático. Gesticula com o braço esquerdo, e o punho se fecha por vezes e se retorce, como se estivesse empunhando um florete, num passe de esgrima. “Nós não estamos à direita, os comunistas não estão à esquerda, nem o governo está no centro” exclama sob aclamações. “O general, De Gaulle, afirma, não repetirá a experiência de Hitler e Mussolini”. “Pela primeira vez, Stalin tem diante de si um adversário que não lhe faz o jogo. Os stalinianos não representam a classe operária, cuja libertação não será obra deles. O gaullismo é a continuação da Resistência”. E assim vai até uma peroração de fim de espetáculo, com os mais ávidos ao redor da tribuna, para ver e ouvir a estranha

---

<sup>118</sup> PEDROSA, Mário. Meu encontro com Malraux. (Copyright E. S. L., com exclusividade para a Folha do Norte). Entrevistado Malraux. **Folha do Norte**, Belém, 18 abr. 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2. Grifos do autor do texto.

simbiose do artista e do homem de ação, casados na mesma personalidade intoxicada de venenos, de mitos, de transe e imagens carregadas de beleza e fatalidade.

\*\*\*

Quando o fomos procurar na sede do Ressemblent Du Peuple Français, mandamos-lhe o nosso cartão, com duas palavras explicando. Em pouco tempo a sua secretária estava em nossa presença, para inquirir se vínhamos à procura de política ou de literatura. De ambos, respondemos. Pela reação da moça notamos imediatamente o erro cometido. Ela mudou de atitude e desconversou. Malraux evita provavelmente os estranhos que o procuram curiosos por decifrar o enigma de sua evolução política.

Talvez o tema as “explicações”, explicações que no fundo sabe dever aos seus admiradores pelo mundo, acostumados a ver nele o captador de imagens imorredouras da grandeza humana, o épico das grandes tragédias sociais e políticas de nossas épocas, o cantor da revolução. Sente entretanto ser preciso dar “satisfações”, e isso o aborrece. Talvez o humilhe. O fato é que só depois de minha entrevista com o chefe do serviço de imprensa do Ressemblent Du Peuple Français, seu amigo Catroux, é que consentiu em me receber.

Trazia eu, aliás, de um grupo de jovens intelectuais boêmios do Rio, um folheto com versos e pequenas biografias editado sob a denominação genérica de “Grupo Malraux”, com a promessa de entregar alguns exemplares ao autor da “Condition Humaine”. Por outro lado, a primeira tradução desta obra em português fora feita por minha mulher para a Unitas, pequena editora de São Paulo, dirigida por amigo nosso. Desgraçadamente, a editora faliu na hora em que o livro de Malraux saía do prelo. Resultado: a obra nunca chegou às livrarias por vias regulares. Como a desgraça nunca vem só, logo depois que a distribuição do acervo pode ser feita uma reação policial se desencadeava, à cata de livros suspeitos de comunismo. Dessa forma, só em pequenos magotes conseguia o romance chegar aos livreiros, sobretudo aos sebos. Assim, a primeira versão portuguesa da “Condition Humaine” foi praticamente clandestina. Malraux confessou-me que nunca tivera notícias que sucedera a essa edição.

Dias depois minha entrevista com Catroux, recebia uma carta de Malraux pedindo confirmasse por telefone dia e hora que propunha para nosso encontro. Numa sala de poucos móveis no Boulevard des Capucins, com janela dando sobre a rua, tem ele sua mesa cheia de papéis e um telefone. Apenas uma cadeira em frente à mesa, e do lado, abrindo para a rua, uma janela, de cujo pegador pendem o sobretudo azul-marinho que se arrasta pelo chão e o cachecol branco do escritor. É ali o seu escritório de lugar-tenente dos mais autorizados do general De Gaulle. Ele se levanta e estende a mão sobre a mesa com familiaridade. Os tiques nervosos que se viam de longe no VÉL. D’HIV, se detalham, acompanhados, agora de uma fungação constante. As mãos finas rodopiam incessantemente no ar. Gestos elegantes, mas rápidos e descompassados. A fala, extremamente apressada, é a de um desabusado.

Na realidade a entrevista se começa por seus livros, não tarda a passar aos temas políticos. Mas por exclusiva iniciativa dele. Dou-lhe uma carta escrita à mão, de Antonio Fraga, que começa com toda a intimidade: “Meu querido Malraux”. Ao manusear o folheto do grupo Malraux, exclama: “C’est gentil!”, e pede o endereço dos rapazes cariocas para responder. Não sei se o já fez.

Por si mesmo, encaminha a conversa para o campo proibido da política. Um instinto o faz talvez pressentir a formação política de quem o entrevista. O fato é que sem que eu tivesse deixado passar qualquer coisa, entra a “justificar-se”. – “Não temos mais tempo a perder. Não se trata mais de fazer teorias ou conduzir batalhas ideológicas. Não há mais tempo para nos perdermos pelos cafés, a defender teorias ou ouvir planos des fous de bistrot”.

Levanto a objeção quanto à própria personalidade do general De Gaulle, seu passado conservador, etc. Antes que termine a frase, ele responde: “O general não está nem à direita nem à esquerda. Il s’en fout. Só lhe interessa a ação eficiente. Se conseguirmos constituir uma ala esquerda tendo por base antigos revolucionários marxistas e uma fração do proletariado, o general acolherá sem dificuldades. Aí está o problema. O que é preciso é que essa ala esteja armada de propostas concretas e seja capaz de ação”.

Reconhece, entretanto, que o general tem “um passivo”. Mas, acentua, tem também socialistas, se não têm “passivo”, também não tem “ativo”. E informa ainda: “Já agora temos uma ala esquerda de revolucionários provenientes do movimento proletário. Para cada vichiista de chapelão e cartola que vem ao nosso movimento, há quatro ou cinco militantes operários ou ex-comunistas”.

E, prosseguindo com a mesma sôfrega pressa de dizer que quer, acrescenta: “Os operários não são idiotas e virão, uma vez o general ao poder. Então, se chegarmos ao poder tomaremos imediatamente algumas medidas revolucionárias, e os trabalhadores compreenderão. Só assim poderão eles se libertar da tutela stalinista. Se não se quer fazer isto, então é voltar aos **“fous de bistrot”**”

E a Terceira Força? – “A Terceira Força não é nada. O atual governo é impotente. Os stalinianos lhe vão arrumar com uma tal greve geral pelas costas, que a última aparecerá como brincadeira. Já agora preparam eles comitês de luta pelo interior. Estão organizando futuros maquis comunistas. E então? Quem irá bater-se com eles? Os socialistas? Boa gente, honesta, mas impotente. **On va battre**”, repete, com ar de quem está preparado para todas as eventualidades. “Quem não souber manejar um “tank” ou uma metralhadora não tem o que dizer. Os russos estão a dois passos da França”. A perspectiva de combate o excita. Malraux é um intelectual sui-generis, intoxicado hoje muito mais pela ação do que pelas ideias. Será ele, entretanto, um político? É duvidoso. A ação, para ele, vale por si mesma; é apenas um meio de transpor sua emoção de artista da ficção para a realidade.

“Não teme você o paternalismo inerente ao movimento gaullista, todo ele construído em torno da personalidade de um grande chefe, e ainda por cima militar e preso a anacrônicos ideais de grandeza nacional, incompatíveis com a realidade de agora e as próprias necessidades do mundo contemporâneo?” –

perguntei. Sem hesitação, replica: - “O Estado nacional moderno será sempre democrático. Veja-se o caso do próprio Hitler. Apesar de suas taras e do caráter reacionário de seu movimento, jamais ousava inclinar-se para os patrões em prejuízo dos operários, nos casos de conflito entre estes e aqueles. Os governos de hoje se inclinarão cada vez mais para o lado dos proletários. Sobretudo aqui em França, onde o patronato se acha profundamente enfraquecido, sem influência e sem prestígio. A grande burguesia já não tem meios de resistir à pressão das massas, e os Estados tenderão sempre a lhes ser favoráveis”.

Essa resposta me chocou sobretudo pelo que omitia. Veio-me à memória a sentença inacabada do Jornal de Gide: “... De tal modo que se poderia adivinhar suas opiniões simplesmente com saber a que são eles insensíveis”. A ouvido, o problema do paternalismo não existiria. A tendência absorvente e totalitária do Estado paternalista, do Estado encarnado num líder, parece não aflorar a sua sensibilidade.

Até aqui todo o movimento sistematicamente anti-comunistas tem acabado por identificar-se com a pior das reações, observo. Em França esse perigo se grava pelo enorme prestígio de que o Partido Comunista ainda desfruta junto à classe operária. Como poderão evitar a hostilidade do proletariado, e não descambar para um novo totalitarismo?

“Os grandes capitalistas são contrários ao nosso movimento”, replica Malraux. E prossegue: “Por outro lado as chamadas representações profissionais dos operários estão falseadas, não correspondendo à verdadeira opinião dos trabalhadores. Pelos processos atuais, estes não têm meios de se fazer ouvir, nem de exprimir seus verdadeiros sentimentos. Não tomaremos, por isso, conhecimento das atuais organizações sindicais dominadas por uma burocracia que manipula as eleições e se substitui à própria massa. Convocaremos eleições a voto secreto na base, em cada oficina e fábrica, a fim de que os operários, independentemente de qualquer partido ou ideologia, e sobretudo de qualquer intermediário nomeiem delegados diretos seus, que possam exprimir com fidelidade o que querem e entender-se com o governo. O atual sindicalismo não corresponde à realidade”.

Intervenho para referir-me à cisão sindical que acaba de se dar com a formação da dissidência dirigida por Léon Jouhaux. Faço ver que este defende precisamente a volta às velhas tradições francesas do sindicalismo apolítico. A nova central sindical (C.G.T. – Force Ouvrière) se bate contra a interferência de partidos políticos, advogando a adoção do voto secreto em todas as eleições, desde a assembleias de usina às assembleias sindicais. Malraux, porém, não leva em conta esses acontecimentos, e tem duas palavras para isto: “On s’em fout de la session”. E explica a seguir que Jouhaux está muito comprometido, fazendo parte da velha burocracia sindical acostuada a falar em nome da massa trabalhadora, mas já incapaz de refletir o verdadeiro pensamento desta. “O de que precisamos é um corpo autêntico de delegados de base operária, que represente legitimamente o proletariado junto ao Estado. Este arbitrará nos conflitos de um e outro lado”.

Como procure tirar detalhes mais concretos da nova organização política e social preconizada, ele diz: “A organização científica futura do Estado e das instituições ainda não está clara, pois estamos às vésperas não somente de tremendos desenvolvimentos políticos, mas de uma profunda revolução de ordem tecnológica e industrial. Dentro de três anos teremos a energia atômica aplicada à vida industrial e civil”. Mas ao dizer isto, conclui inesperadamente, em estado de espírito antes sombrio “Ca ne va pas être marrant!”

Talvez para vencer meu ceticismo, ou melhor, para convencer-se a si mesmo diante da perplexidade e das apreensões de todos, ele arremata como num lance final de jogador nas últimas: “Se houvesse apenas uma chance em dez, devíamos tentá-lo. Lenine também, ao chegar ao quadragésimo dia da revolução vitoriosa depois da tomada do poder em 7 de novembro de 1917, corria lá fora ao pátio do Kremlin para saltar com um pé sobre a neve, gritando que já haviam durado um dia mais do que a Comuna de Paris”.

\*\*\*

Todo Malraux está nessa analogia. Não em vão foi ele o coordenador na coleção “Pensamentos Vivos”, dos escritos de Napoleão, que tinha por norma de vida: “On s’engage et puis on voit”.

Malraux não pode viver senão nas encruzilhadas. Sua obra de escritor se vem confundindo cada vez mais com a sua aventura pessoal. Aliás, esta obra se reflete ou segue nas pegadas dos acontecimentos em que o homem se tem visto envolvido. No início da carreira literária, a aventura arqueológica na Indo-China precedeu a saída de seu primeiro romance: “La Voie Royale”. Participou depois da revolução chinesa, e daí resultaram os seus dois livros mais poderosos: “Les Conquistadores” e “La Condition Humaine”. A dominação hitlerista levou-o a escrever “Le Temps du Mépris”.

A dramaticidade inerente aos tempos atuais o vai as “um ativo”, ao passo que os sim absorvendo. A guerra civil espanhola faz dele um aviador combatente da causa republicana. “L’Espoir” é como que a crônica, falsificada pelo ângulo político stalinista, que era então o seu, da própria revolução. De qualquer forma, Malraux vem da Espanha com a glória de combatente quase a ombrear-lhe a fama literária universal.

Os acontecimentos públicos sucedem-se vertiginosamente a partir de então, e tendem de mais a mais a superar os homens e suas obras. A segunda guerra o leva outra vez à trincheira e à derrota. A ocupação o exila para o sul da França. Ele inicia então uma nova trilogia, “La Lute avec l’Ange”, publicando na Suíça o primeiro tomo, “Les Noyers d’Altenberg”. Tem ainda tempo de escrever a segunda parte, mas a Resistência se levanta em França. Os melhores ganham o maquis.

Malraux organiza um corpo de maquisardos, de que se faz chefe. Um dia, deixa seu bando, dirigindo-se sozinho até a cidade. É preso pelos alemães. Sua vida corre perigo. Joga na audácia, e ganha: afirma ser um pára-quedista inglês que acaba de aterrizar. Os alemães, com a roda da fortuna já contrária, não ousam

fuzilá-lo na dúvida. Guardam-no como prisioneiro. Por fim, os resistentes franceses invadem Toulouse. Entre os prisioneiros libertos está Malraux.

Sua legenda cresce e ele volta ao maquis. Com novas armas e “tanks” tomados aos alemães, marcha para leste da França, onde as tropas do general Leclere atacam os invasores em torno de Belfort. Malraux se apresenta ao general como comandante de seu troço de patriotas. As pretensões literárias do caco de guerra levam este, quando ouve o nome do escritor, a recebê-lo de braços abertos, integrando seu grupo de maquis, como uma unidade independente, às forças militares sob seu comando. Malraux recebe do general o posto de coronel do Exército libertador. Comandante de uma companhia de “tanks”, o escritor entra em sérios combates nas fronteiras de seu país, e faz parte das forças francesas oficiais que entra pela Alemanha. É ferido em combate. De volta a Paris, depois da libertação, é um homem de guerra tanto quanto um nome literário.

Nas lutas do maquis perdeu o manuscrito do segundo volume da trilogia “*la Lute avec l’Ange*”, e desistiu, posteriormente, de reescrevê-lo, renunciando portanto à realização da trilogia. Assim, o destino dessa se assemelha ao de uma primeira seqüência que concebeu nos primórdios de sua carreira de homem de letras. Com efeito, “*La Voie Royale*” devia constituir o tomo primeiro de uma obra de vários volumes, “*Les Puissances du Désert*”. Aquele livro seria simplesmente o prólogo, a “iniciação trágica”, conforme sua própria expressão. As cogitações políticas tendem assim a primar sobre as artísticas.

Os acontecimentos, a vida, lhe atropelam cada vez mais as intenções literárias. O olhar triste e comprido de Malraux não se pode desprender das tentações da ação. Não é o langor que ele detesta, mas o tempo, a calma, a paciência para as meditações intelectuais e o pensamento. Agora mesmo, a perspectiva de novos combates o fascina como o crepitar do fogo na lareira. Nele, entretanto, a política é subordinada cada vez mais às peripécias da ação. Esta, para satisfazê-lo, precisa ser em doses cada vez mais carregadas, numa intoxicação paralela à do opiomano. Ele sente, porém, o desespero, a inanição da aventura política. Já em “*La Voie Royale*”, o Estado, para ele, “estava no fundo da escuridão... a enterrar, de ano em ano, cada vez um pouco mais longe, os cadáveres de seus aventureiros”.

\*\*\*

Malraux faz parte dessa família espiritual que, em nossa época, se sente sem forças de resistência ao chamado da morte, do desespero, do entreguismo. Ele decifra esse conflito no último dos seus livros, “*Psychologie de l’Art*”, ora publicado em Paris. Num final de capítulo, expõe com lucidez o diálogo do espírito europeu contemporâneo: “Ameaçado na sua força, o espírito europeu se metamorfoseia – com o espírito medieval, sob os golpes das guerras sem fim, fez do século XV seu inferno, com a grande esperança perdida das catedrais. Moribunda ou não, por certo ameaçada, a Europa – toda impregnada das ressurreições que ela ainda contém – parece meditar-se menos em palavras de liberdade do que em termos de destino”.

A meditação malrauviana é impregnada desse sentido trágico do destino. Este realmente domina o desinteresse e o jogo criador do artista. A nossa época oferece em abundância, o drama de que carece a sua imaginação, mais precisamente porque o oferece perdulariamente, o artista tende a apagar-se dispensando-se de criar, e o homem prefere render-se ao destino do que reagir para ser livre na distância e na perspectiva.

**11.37 - ENTREVISTA: A FOLHA DO NORTE OUVI A PALAVRA DE MANUEL BANDEIRA. AS RAÍZES ESPIRITUAIS DE SUA POESIA: A DOENÇA DA INFÂNCIA – OS NOVOS E A VOLTA AO REQUINTE GONGORINO – O EXISTENCIALISMO É UMA TEORIA DURA DE ROER... – ENTREVISTADOR: MARANHÃO, HAROLDO <sup>119</sup>**

28 de novembro de 1948

O Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE dentro do espírito e da linha a que não temos fugido um só momento, vai dedicar números especiais de homenagem aos grandes poetas da literatura moderna no Brasil.

A edição de hoje é consagrada a Manuel Bandeira, cuja produção poética, uma das mais sólidas e autênticas que já se realizaram no país, em todos os tempos, se acha definitivamente incorporada à nossa cultura.

Respeitado por duas gerações, como admirável modelo de vocação e dignidade intelectual, a sua obra reflete dois momentos da poesia brasileira: iniciando-se simbolista, com “ A Cinza das Horas”, publicado em 1917, pouco depois se ligou ao movimento modernista, sem todavia deixar-se empolgar pelos cacoetes dos desabusados rapazes da Semana da Arte Moderna. Antes realizou uma poesia com características própria, hoje situada em posição de relevo nas letras contemporâneas das Américas.

Especialmente para este número em sua homenagem, Manuel Bandeira concedeu à FOLHA DO NORTE a entrevista que a seguir reproduzimos:

- QUAIS AS RAÍZES ESPIRITUAIS DE SUA POESIA?

- “As raízes espirituais da minha poesia acho que estão na doença e nas recordações da minha infância no Recife. Fazia versos, é verdade, desde menino. Mas foi a doença que me revelou a mim mesmo e me fez olhar a vida de outra maneira. O grande cubano José Martí escreveu certa vez que a poesia é sobretudo distância. Tenho pensado muito nisso quando medito no sentido poético que tomaram para mim os meus dias de menino no Recife, donde me afastei para sempre aos dez anos”.

---

<sup>119</sup> MARANHÃO. Haroldo. Folha do Norte ouvi a palavra de Manuel Bandeira. Entrevistado Manuel Bandeira. **Folha do Norte**, Belém, 28 nov. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1. Grifos do autor do texto.

- QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O BINÔMIO MATÉRIA POÉTICA – FORMA: SE HÁ NA POESIA DE AGORA UMA ACENTUADA TENDÊNCIA PARA O CULTO DA FORMA OU, PELO MENOS, PARA UMA REDUÇÃO POÉTICA À EXPRESSÃO?

- “Não acredito no binômio poético ‘matéria poética e forma’. Ou melhor, quando num poema ainda se sente o binômio, é sinal que não estamos no domínio próprio da poesia, pois, como disse Mallarmé, a poesia se faz com palavras, é inerente a elas. Outro dia li uns comentários muito lúcidos de Tasso da Silveira sobre o assunto. ‘Quando supomos corrigir a **forma**, é, primeiro, o **fundo** que estamos corrigindo’, dizia ele. Nada mais certo”.

- ENCONTRA, ATRAVÉS DE TODA A NOSSA EVOLUÇÃO POÉTICA, DO PASSADO AOS DIAS ATUAIS, UMA LINHA EVOLUTIVA HARMONIOSA, TENDÊNCIAS PERMANENTES, CARACTERÍSTICAS QUE SE VEM REPRODUZINDO ININTERRUPTAMENTE?

- “Nós poetas autênticos creio distinguir através da nossa evolução poética uma constante – a fidelidade ao velho lirismo peninsular!”.

- QUAIS AS POSSIBILIDADES DA POESIA BRASILEIRA, EM PARTICULAR, E DA NOSSA LITERATURA, EM GERAL?

- “Ainda não tive tempo de estudar novos poetas. Da literatura por cima que tenho feito deles estou inclinado a concluir que há na grande maioria uma volta ao requinte gongorino, uma constante economia nos meios de expressão, um como que racionamento de lirismo. Ótimo quando isso está no temperamento do poeta, e é o caso de João Cabral de Melo Neto”.

- QUE PENSA DO EXISTENCIALISMO, COMO ESCOLA LITERÁRIA? ACHA QUE HÁ POSSIBILIDADE DE ELE TORNAR-SE UMA FORTE ESCOLA, E SE NESTE PÓS-GUERRA ASSUMIRÁ A MESMA IMPORTÂNCIA DO SURREALISMO DEPOIS DA GUERRA DE 14?

- “Nada posso dizer sobre o existencialismo, que só conheço por artigos de vulgarização. A teoria é dura de roer e exige longas leituras e releituras. No momento não posso distrair a atenção de tarefas mais imediatas”.

## 11.38 - ENTREVISTA: “VIDA, OPINIÕES E TENDÊNCIAS DE MANUEL BANDEIRA”. ENTREVISTADOR: SENNA, HOMERO<sup>120</sup>

28 de novembro de 1948

Sendo além de grande poeta, prosador de méritos invulgares, Manuel Bandeira é hoje uma das maiores expressões das letras brasileiras. Pernambucano de nascimento, veio menino para o Rio, tendo estado depois em São Paulo, cursando a Escola Politécnica, quando adoeceu e foi obrigado a abandonar os estudos.

Enfermo, entre a vida e a morte, iniciou sua peregrinação pelas estações de cura, em busca de melhores climas. Esteve então em Campanha, no sul de Minas (onde foram publicados seus primeiro poemas), em Teresópolis, em Quixeramobim, no interior do Ceará, e por fim em Clavadel, na Suíça, lugar também procurado anos antes, e pelo mesmo motivo, por Antonio Nobre.

Vindo a guerra de 1914, voltou para o Brasil, passando a residir então outra vez com sua família no Rio, de onde pouco tem saído. Aí é que compôs, portanto a parte mais importante de sua obra poética. E a verdade é que poucos têm sabido aproveitar melhor do que ele as enormes reservas de emoção que encerram certos acontecimentos típicos da vida carioca, como por exemplo o carnaval, de que se fez o lírico por excelência.

Tendo começado simbolista, com a publicação, em 1917, d’ “A Cinza das Horas”, onde se encontram, por sinal, alguns dos melhores sonetos da poesia brasileira, não demorou a emprestar todo o seu apoio ao movimento modernista irrompido em São Paulo por volta de 1920 e do qual resultou a famosa Semana da Arte Moderna. Aliás, muito antes de se falar aqui nestas coisas já, Bandeira, em seus poemas, praticara certas liberdades que se tornariam depois postulados da nova corrente, razão por que é chamado o “São João Batista do Modernismo”. Sua profissão de fé modernista está feita num excelente poema em que se confessa definitivamente saturado dos artifícios com que românticos, parnasianos e simbolistas revestiam as formas de expressão poética, e declara não querer mais saber “do lirismo que não é libertação”. Nascesse, de resto, em qualquer outro tempo, sob o signo de não importa que escola literária, e haveria de ser o mesmo grande poeta, porque é das maiores e das mais sérias a mensagem que lhe foi confiada para que a transmitisse à humanidade.

Sua bagagem literária compreende até hoje cerca de doze volumes, entre obras de prosa e verso. Encarregado pelo Ministério da Educação, organizou duas ótimas antologias, que rapidamente se esgotaram, uma dos poetas brasileiros da fase romântica e outra dos da fase parnasiana. Devemos-lhe também, e ao

---

<sup>120</sup> SENNA, Homero. Vida, opiniões e tendências de Manuel Bandeira. Entrevistado Manuel Bandeira. **Folha do Norte**, Belém, 28 nov. 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 6.

escritor mineiro João Alphonsus o belo volume em que se reuniu toda a produção poética de Alphonsus de Guimarães, o solitário lírico de Mariana.

Membro da Academia Brasileira, foi ali recebido, numa sessão memorável, por Ribeiro Couto, seu grande amigo. Atualmente é professor da Faculdade de Filosofia, onde ensina literaturas hispano-americanas.

\*\*\*

- Minha primeira produção poética – diz-me Manuel Bandeira – foi uma quadrinha, feita aos dez anos de idade. Publicou-a um jornalzinho manuscrito – O Sport – rabiscado por meu irmão, três anos mais velho do que eu, e por mim, para divertimento da família... Mas esses versos – continua – não têm a menor importância, nem indicam qualquer inclinação especial para a Poesia, pois muitos meninos brasileiros aos dez anos fazem quadrinhas e eu só me tornei escritor por motivo de doença. Deveria, mesmo ter seguido outro rumo na vida: ia ser arquiteto. Desde cedo fui educado por meu pai nesse sentido: fazia-me desenhar a mão livre e me dava a ler os livros de Viollet-le-Duc, de quem era grande admirador. Depois que concluí o curso do Pedro II entrei para a Escola Politécnica de São Paulo, onde havia curso de engenheiro-arquiteto. Mas nas férias do primeiro para o segundo ano, adoeci gravemente e tive de abandonar para sempre os estudos. Imobilizado largos anos numa “chaise-longue”, consolava-me daquela forçada inação escrevendo versos, que não passavam de um desabafo das minhas tristezas. Não pensava em publicá-los em livro,; só o fiz em 1917 e a epígrafe que pus ao meu primeiro volume de poesia, “A Cinza das Horas”, é bem significativa. Eram três versos de uma canção de Maeterlinck:

Mon âme en est triste à la fin  
Elle est triste enfin d’être lasse.  
Elle est triste enfin d’être en vain.

O livrinho – prossegue – que foi impresso nas oficinas do “Jornal do Comércio”, recebeu palavras animadoras de João Ribeiro, Castro Menezes, Ribeiro Couto, Américo Pacó, José Oiticica, Flexa Ribeiro e outros. Não morri, com surpresa dos médicos e de mim próprio, e atrás do primeiro livro vieram outros. Quando dei por mim estava sem querer, encarreirado na literatura...

- Quais os autores nacionais e estrangeiros que maior influência exerceram em sua formação intelectual?

Pensa um pouco dá uma daquelas risadas joviais que tanto impressionaram Ribeiro Couto quando este, recém-chegado ao Rio, o foi visitar, e por fim diz:

- Minas maiores influências talvez tenham sido Camões, Antônio Nobre e Guillaume Apollinaire.

(A propósito, lembre-se que tanto sobre o épico dos “Lusíadas” quanto sobre o nostálgico do “Só” compôs Bandeira dois sonetos lapidares, incluídos n’ “A Cinza das Horas”).

A seguir procuro fazer uma frase de efeito, embora sincera, e indago do poeta quando sentiu ele que seu destino era a Poesia, que esta o acompanharia como uma sombra pelo resto da vida.

Mas o cantor de “Carnaval” negaceia:

- Jamais senti que meu destino fosse a Poesia, sobretudo, assim com esse P maiúsculo que pressinto na sua pergunta. Creio que se fui poeta em alguns momentos, só o fui por incidente patológico ou passional.

## UTILÍSSIMA A REAÇÃO MODERNISTA

Mário de Andrade chamou certa vez Manuel Bandeira de “São João Batista do Modernismo”. O apelido pegou, e até o Sr. Henrique Perdigão o cita, ao tratar, no seu “Dicionário Universal de Literatura”, do poeta pernambucano. Assim, a pergunta que tinha engatilhada talvez fosse desnecessária, ou ingênua. Era evidente que Bandeira não poderia falar mal do movimento modernista. Como essa questão de modernismo no Brasil é, porém, muito complexa, e a respeito há sempre o que, esclarecer, arrisquei:

- A reação modernista foi útil ou perniciosa à literatura nacional? Acha que o movimento foi bem orientado? Por que ficou ele circunscrito ao Rio e a São Paulo?

- A reação modernista para nós foi utilíssima – retrucou-me prontamente o poeta. Deu-nos o verso livre e maior liberdade de inspiração e expressão tanto na poesia como na prosa. As orientações foram muitas e em alguns pontos contraditórias: a que me parecia melhor era a que procurava conciliar as duas forças em eterno conflito na vida – tradição e renovação. Não é verdade que o movimento tenha ficado circunscrito ao Rio e a São Paulo: basta lembrar a “Revista”, fundada por Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Alphonsus e outros, em Belo Horizonte, no ano de 1925; a agitação de Joaquim Inojosa e seus amigos, no Recife, Ruy Cirne Lima e Vargas Netto, em Porto Alegre.

Sempre desejei saber se Manuel Bandeira tinha tomado parte ativa no Modernismo ou se se limitara a ficar de longe, no “sereno”, embora emprestando ao movimento o prestígio do seu nome. Por isso perguntei-lhe se havia ido a São Paulo, por ocasião da famosa Semana de Arte Moderna.

- Não fui, não – respondeu-me com sua fala simpática de pernambucano.

E, como que adivinhando meu pensamento, acrescentou:

- Mas nem por isso deixei de apoiar sempre o movimento. Ronald de Carvalho leu, aliás, nessa época, numa das sessões do Teatro Municipal de São Paulo o meu poema “Os Sapos” que, por ser uma sátira contra os maus parnasianos, vinha a propósito, mas foi terrivelmente vaiado pela assistência.

O telefone toca lá dentro e a conversa se interrompe por uns instantes. O repórter se levanta, olha os livros nas estantes – há livros por todo canto, no apartamento de Manuel Bandeira – e estava depois admirando a linda cabeça de Gonçalves Dias que Portinari pintou para a edição das obras completas do poeta maranhense que o autor de “Crônicas da província do Brasil” preparou para a

Companhia Editora Nacional, quando o entrevistado voltou, pedindo desculpas pela demora.

## VERSO LIVRO E POESIA RIMADA

Cortado o fio da entrevista, a conversa tomou rumos diferentes. A prosa estava muito boa mas o repórter advertiu que o tempo passava com uma velocidade incrível e ele não havia esvaziado ainda de todo o seu saco de perguntas. Por isso foi direto a outra questão:

- Acha que a Poesia se tornará cada vez mais livre, ou a tendência será para voltarmos aos moldes antigos?

A resposta veio pronta:

- É preciso distinguir duas espécies de Poesia: a subjetiva e a de ação social. A meu ver a primeira se tornará cada vez mais livre, ao passo que a segunda, tendo de exprimir o sentimento coletivo de uma maneira clara, ao alcance de todos, deve ser, na sua forma, tradicional, memonica e, portanto, de versos medidos e rimados. O que não quer dizer que a outra não possa ser feita, também, com métrica e rima...

O estilo de Manuel Bandeira sempre me pareceu o melhor possível. Seus versos e sua prosa tem uma elasticidade e uma justeza de palavras que só o perfeito domínio da língua dá ao escritor. E como a questão do “escrever mal” vem sendo agora outra vez discutida com certa insistência, julguei oportuno saber se ele é partidário, em literatura, do **estilista**, ou se acha que isso de escrever mal não tem importância.

A propósito, disse-me:

- Acho que escrever bem tem a maior importância e todo escritor que se preze tem o dever de procurar fazê-lo. Tudo está em saber o que é escrever bem... Já não ouvi dizer que Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo escrevem mal? Não digo que escrevam sempre bem, mas isso... Renan era para os homens de 1900 o estilista número 1: pois leia as observações do “Journal de Gide a respeito da linguagem de Renan...”

## NÃO TEM PRECONCEITOS

De Renan passamos a falar da Academia e lembrei-me de perguntar a Bandeira por que entrara para o “Petit-Trianon”. Eis a explicação que deu para o fato:

- Entrei para a Academia porque fui chamado por excelentes amigos que já eram de lá (Ribeiro Couto, Mucio Leão, Cassiano Ricardo, Alceu Amoroso Lima, Olegário Mariano, Levi Carneiro); porque vi na minha possível entrada oportunidade de conviver mais assiduamente com mestres admiráveis como Roquette Pinto, Taunay, Oliveira Vianna, Rodolfo Garcia, Aloysio de Castro, Clementino Fraga; porque, se não tenho preconceitos acadêmicos, também não os tenho anti-acadêmicos.

- E acha que a Academia vem cumprindo a finalidade para que foi criada?

- A Academia tem por fim, segundo os estatutos de 1897, “a cultura da língua e da literatura”. Creio que o tem cumprido, não só pela atividade de seus membros, como pelos prêmios distribuídos e pelas numerosas reedições esgotadas e primeiras impressões de outras que ainda estavam inéditas, como por exemplo a “Prosopopéia”, de Bento Teixeira Pinto, as “Obras”, de Gregório de Matos, o “Peregrino da América”, as “Cartas”, de Nóbrega e Anchieta, o “Tácito Português”, de Francisco Manuel de Melo, etc...

- Os escritores novos devem procurar a Academia?

- Não vejo a razão para que não o façam, uma vez que ela já premiou livros como “Viagem”, de Cecília Meireles, “Lume de Estrelas” de Alphonsus de Guimarães Filho e a “A túnica Inconsútil” de Jorge de Lima, todos três de espírito e técnica de vanguarda.

## **ESCOLHENDO ENTRE AS ESCOLHIDAS**

A entrevista chegara ao fim. Não quis despedir-me, porém, Manuel Bandeira sem ficar sabendo quais os poemas de sua autoria que prefere.

- Os poemas meus que prefiro? Hum... É muito difícil responder. Já manifestei alguma preferência em “Poesias Escolhidas”.

Levanta-se, vai até á estante, apanha o volume que reúne toda a sua produção poética e, folheando-o, diz:

- Em todo caso, se tivesse de escolher entre as escolhidas, talvez indicasse as seguintes: “noturno da Mosela”, “Noite morta”, “Berimbau”, “O anjo da guarda”, “Evocação do Recife”, “Profundamente”, “Noturno da Rua da Lapa”, “Namorados”, “Vou-me embora pra Passargada”, “Poema de Finados”, “O último poema”. E acrescentaria: “Canção das duas índias”, “Filha do Rei”, “Balada das três mulheres do Sabonete Araxá”, “Marinheiro Triste”, “Boca de forno”, “Momento num café”, “Jacqueline”, “Rondó do Jockey Club” (que vou voltar a chamar “Rondó dos cavalinhos”), “Maçã”, “Soneto italiano”, “Soneto inglês número 1”, “Águaforte”, “À estrela”, “Mozart no céu”, “Canção da Parada do Lucas”, “Canção do vento e da minha vida”, “Canção de muitas Marias”.

**11.40 - ENTREVISTA: “HISTÓRIAS DE BRODOWSKI, BUENOS AIRES E PARIS - CONVERSA COM PORTINARI” - ENTREVISTADOR: SABINO, FERNANDO<sup>121</sup>**

20 de fevereiro de 1949

Para um escritor, artista que lida com palavras, uma conversa pode ser e quase sempre é uma interpretação inconsciente ao que ele escreve uma explicação de sua obra e na exteriorização do pensamento uma experiência complementar da criação. Para um pintor, porém, ser que se exprime pelas cores e pelas formas, que lida com pincéis e se comunica artisticamente apenas através da linguagem mudas das telas, uma conversa é como que um extravasamento involuntário de seus mais secretos desígnios. Daí o perigo de transpor para o papel e publicar em forma de entrevista uma conversa mantida com um pintor. Para o pintor existe um mundo de relação, sub-relações, consequências malentendidos, propaganda, concorrência, explorações e desvirtuamentos subordinados ao mundo plástico que sua arte procura interpretar. Evidentemente, as paixões humanas que não são somente plásticas, mas o jogo das ideias simples combinação de cores [...] a luta de interesses mera [...] de perspectivas. O pintor, como todos os homens, não consegue escapar [...] dessas paixões ensinamentos mais importantes de seu retrato psicológico, que gostaria de traçar. Para conhecê-lo bem, importa tanto o conhecimento de suas ideias, como da casa em que ele mora.

Portanto, começarei pela casa. Portinari vive num casarão antigo e de parede-meia situado no Cosme Velho, depois de já ter vivido num apartamento em Copacabana. Para mim, que vivo em Copacabana e tanto gostaria de fazer trajetória igual, morar no Cosme Velho implica de saída numa definição de princípios e numa atitude diante da vida. Lembro-me que ao visitá-lo pela primeira vez, há alguns anos, ele me levou a correr a casa, subiu comigo o terreno em aclave dos fundos, mostrou-me entusiasmado o jardim que mandara construir aproveitando habilmente o lote. Depois me convidou para jantar e ficamos longas horas numa conversa em que a casa foi o assunto principal. Eu o havia procurado depois de uma recomendação feita por Mário de Andrade num telefonema de São Paulo. Mas tarde Portinari me contou muito simplesmente que me retivera para [...]

Minutos antes tinha ido lá dentro apanhar uma carta da Association American Artists Galeria de Nova York convidando-o para fazer uma exposição. Fez questão de mostrar-me a carta, afirmando:

---

<sup>121</sup> SABINO, Fernando. Conversa com Portinari. Histórias de Brodowski, Buenos Aires e Paris. (Copyright E. S. L., com exclusividade para a Folha do Norte, neste Estado). Entrevistado Cândido Portinari. **Folha do Norte**, Belém, 20 fev. 1949. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2. Texto com partes ilegíveis.

- Essa história de dizer, eu fiz, eu fui convidado, eu tive uma oferta, etc... não pega mais, não. A coisa é mostrar, ali no papel, ali no duro. Houve um que um dia chegou para mim e disse que tinha recebido uma carta assinada por Lênin convidando-o para reger um concerto em Moscou. Estávamos em 1935.

E em seguida, voltando a referir-se à casa.

- Pois para buscar essa carta eu tive de fazer uma verdadeira viagem até lá no quarto. É corredor que não acaba mais. Se eu estou lá embaixo pintando e tenho de vir cá em cima buscar cigarro é mais fácil sair, atravessar a rua e ir comprar ali no botequim. É o que eu faço. Contou-me que preferia uma casa pequena, em que todas as coisas estivessem mais ou menos a mão. Uma casa grande e antiga como aquela obrigava além do mais a seus moradores passar o dia arrumando as coisas. Se um livro não era mais encontrado em cima da mesa, onde o deixara minutos antes e desaparecera misteriosamente, tinha sido arrumado numa estante sabe Deus em que quarto. Era só distrair um pouco e um móvel fora de lugar era “arrumado” e cinzeiro desaparecia e ia parar em cima do móvel, seu verdadeiro local, ou alguém passava E O JORNAL ATIRADO NO CHÃO [...] entusiasmado para testemunhar uma grande descoberta, que devia ser o sorveteiro na porta da rua [...]  
[...]

#### **11.41 - ENTREVISTA: “CHARLES MORGAN CONTA COMO NASCEM SEUS PERSONAGENS” – ENTREVISTADOR: WIZNITZER, LUIZ<sup>122</sup>**

6 de março de 1949

De passagem por Paris, ao voltar de uma “tourné” de conferências na Bélgica, o romancista inglês Charles Morgan foi entrevistado, num hotel da rua Saint-Péres pelo escritor francês André Bourin.

Bourin aguardou o autor de “Sparkenbroke” alguns momentos, na saleta de recepção do apartamento. Quando Morgan apareceu, à porta do quarto, mostrava-se trajado com apuro, rigorosamente escanhado, com o rosto vermelho que nem Salmão. Escolheu precavidamente seu lugar, ao pé da janela, e sentou-se devagar, cruzou as pernas e acendeu o cachimbo.

“Como todo inglês – anota Bourin – o romancista de “Fonte” possui o dom de criar – onde quer que se encontre – uma atmosfera de aconchego e intimidade. Aquela poltrona, aquele cachimbo, talvez o jeito especial de se assentar, eis, o que lhe dá – e a nós também – a ilusão de que não se acha de passagem por aqui, num anônimo quarto de hotel, e sim em sua própria casa, ou no seu CLUB, no coração de Londres”.

---

<sup>122</sup> Entrevistado Charles Morgan conta como nascem seus personagens. **Folha do Norte**, Belém, 06 mar. 1949. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3

Depois de falar sobre os começos de sua vida de escritor, Morgan a uma pergunta do interlocutor, conta como nasceram alguns de seus personagens. Alude aí ao Juiz Gaskony, que surgiu de uma conversa, no CLUB, com seu amigo, que era juiz e literato.

Depois narra como “A Viagem” foi imaginada.

### **UM PRESO EMBIRRADO**

“Foi assim: em 1932, tinha eu lido, no “Time”, na coluna de nosso correspondente em Paris, a divertida história dum homem acusado de se apropriar do dinheiro que recebia dos cofres públicos para fornecer alimento aos presos alojados num prédio de sua propriedade. Esse homem, que acumulava tais funções com as de pescador e de poeta, achava-se apaixonado por uma rapariga. Certo dia, indo vê-la, esquece-se completamente de dar jantar aos seus encarcerados. “Pois bem, resolveu ele, para que este fato não se repita, vou soltar esses malandros!” E logo tratou de fazê-lo. Alguns meses depois, um dos presos apresentou-se no Ministério do Interior:

- “Afinal de contas, tenho o direito de ser mantido na cadeia!”, reclamou.

Dessa história saiu “A Viagem”.

### **NÃO SE FILIA A PARTIDOS**

Perguntando sobre o problema da arte interessada, respondeu:

- Por mim, não me prendo. Considero que ao artista cabe um duplo dever: primeiro, deve esforçar-se por penetrar as aparências da vida e investigar uma realidade que a transcende e que se acha no interior dos personagens e das coisas; em seguida, se ele é capaz disto, procurara impregnar, de seu sentimento, a alma dos leitores. Mas, que se abstenha de querer impor suas ideias: um romancista não é um propagandista! Nem sequer deverá forçar a imaginação daqueles a quem se dirige: cumpre que cada um possa pensar por si mesmo. O escritor não tem outra finalidade, que a de SEMEAR, no espírito do leitor, embriões que produzirão livremente os seus frutos. Que o leitor interprete, como entenda, o romance que lhe oferecemos e as ideias sobre o amor, a morte ou sobre qualquer tema que o inspire. Sobre este ponto, jamais mudei de opinião”.

### **CANSADO DE CONFERÊNCIAS...**

Morgan fala, depois, no romance que começou a escrever:

- Chega de conferências, exclamou. Não tenho, neste instante, senão um desejo: instalar-me no sossego do campo, para continuar o longo romance que comecei já há dois anos...

## 11.42 - ENTREVISTA – HAROLDO, MARANHÃO: “CECÍLIA MEIRELES FALA À FOLHA DO NORTE”<sup>123</sup>

10 de abril de 1949

### CECILIA MEIRELES FALA

A crítica é unânime em considerar Cecília Meireles a maior poetisa da língua portuguesa de todos os tempos. O seu espaço, no quadro geral de valores da literatura brasileira, foi conseguido através da realização de uma poesia pura e sonora, fiel em todos os seus ângulos a uma linha evolutiva própria, alheio completamente à improvisação e ao fácil. Essa posição solitária que ela ocupa em nossas letras lhe tem ocasionado incompreensões de toda natureza, inclusive pela dignidade de seu exercício profissional, inteiramente afastado da chamada política literária.

Nada mais cômodo para nós, portanto, do que a oportunidade dessa homenagem à grande escritora, cuja obra é o testemunho de uma vida consagrada à criação e ao estudo.

Especialmente para a FOLHA DO NORTE, Cecília Meireles concedeu importante entrevista, que a seguir reproduzimos:

- QUAIS AS RAÍZES ESPIRITUAIS DA SUA POESIA?

- Os autores nunca sabem dizer bem essas coisas porque, na verdade, a poesia praticada de um modo “vital”, está isenta das claridades da lógica. O poeta dificilmente pode “raciocinar” sobre a sua própria poesia. Essa é a função do crítico, intermediário na mensagem artística. Em todo caso, se for possível considerar “raízes espirituais” aquilo de que mais gosto, ou que mais repercute em mim, lembrarei o oriente clássico e os gregos; toda a Idade Média; os clássicos de todas as línguas; os românticos ingleses; os simbolistas franceses e alemães. E principalmente a literatura popular do mundo inteiro, e os livros sagrados.

- QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O BINÔMIO MATÉRIA POÉTICA-FORMA: SE HÁ, NA POESIA DE AGORA, UMA AGENTUADA TENDÊNCIA PARA O CULTO DA FORMA OU SE, PELO MENOS, PARA UMA REDUÇÃO POÉTICA À EXPRESSÃO.

- Suponho que a pergunta se refere à poesia brasileira. Nesse caso, é evidente que, desde 1920, com o chamado modernismo, o interesse voltou-se para a expressão, livre da forma. O movimento dessa alternativa é conhecido: o excesso de interesse pela forma pode chegar a inutilizar a expressão e vice-versa. Todos sabem que um poema perfeito é o que apresenta forma e expressão, num ajustamento exato. Não sei se as condições atuais do mundo permitem esse equilíbrio, porque serão raros os poetas tão em estado de vivência puramente poética, livres do atordoamento do tempo, que consigam fazer do grito, música, - isto é, que criem poesia como se formam os cristais. Mas creio que todos

---

<sup>123</sup> HAROLDO, Maranhão. Cecília Meireles fala à Folha do Norte. **Folha do Norte**, Belém, 10 abr. 1949. Arte Suplemento Literatura, p. 1 (Edição especial em homenagem a Cecília Meireles).

padecem, se são poetas. Porque, afinal, se sente, que o grito é o grito, e a poesia é já o grito com toda a sua força, mas transfigurado. Isto, porém, é uma opinião pessoal.

ENCONTRA, ATRAVÉS DE TODA A NOSSA EVOLUÇÃO POÉTICA, DO PASSADO AOS DIAS ATUAIS, UMA LINHA EVOLUTIVA HARMONIOSA. TENDÊNCIAS PERMANENTES, CARACTERÍSTICAS QUE SE VÊM REPRODUZINDO ININTERRUPTAMENTE?

- Creio que sim, afinal, não somos um monstro de artifício. Tivemos um pequeno classicismo que era natural, como herança portuguesa; fomos uns românticos muito aceitáveis, embora com algum atraso; não nos livramos das várias escolas que se sucederam na literatura universal, e parece que já estão nascendo cardumes de existencialistas. E uma linha evolutiva. Há umas tendências de cor e de paisagem que vêm desde Gregório de Matos. E há, sobretudo, uma preocupação carnal que atravessa todas as escolas, e surpreende até nos poemas quase abstratos. Não estou dizendo preocupação amorosa nem sentimental. É mesmo carnal. Enfim, o Brasil é um país muito jovem. Deve ser um fenômeno de adolescência.

- QUAIS AS POSSIBILIDADES DA POESIA BRASILEIRA, EM PARTICULAR, E DA NOSSA LITERATURA EM GERAL?

- Em matéria de profecias nunca acerto. Acho que já não existem mesmo mais profetas, embora os jornalistas acreditem neles. Outro dia também me perguntaram se eu achava que as saias compridas iam resistir ao verão. Que sei eu? Depois outro jornalista me perguntou se eu achava que íamos ter guerra. É uma prova de confiança na minha previsão. Mas quem pode garantir que a mereça?

- QUE PENSA DO EXISTENCIALISMO COMO ESCOLA LITERÁRIA? ACHA QUE HÁ POSSIBILIDADE DE SE TORNAR UMA FORTE ESCOLA, E SE NESTE PÓS-GUERRA ELE ASSUMIRÁ A MESMA IMPORTÂNCIA DO SURREALISMO DEPOIS DA GUERRA DE 14?

- No outro pós-guerra, Mário de Andrade disse isto, no prefácio de um dos seus livros: “está acabada a escola poética chamada “Desvairismo”. Próximo livro, fundam outra. E não quero discípulos. Em arte, escola igual a imbecilidade de muitos para vaidade de um só”. Cabe-me perguntar se Mário de Andrade tinha razão – se bem que eu gostasse de falar do existencialismo. Mas de que existencialismo? Não cabe numa rápida entrevista matéria tão discutida que já não se sabe bem o que se discute.

## 11.45 - ENTREVISTA - O ESPÍRITO DE MARQUES DE REBELO<sup>124</sup>

### 1) – O LIVRO QUE MARQUES DE REBELO GOSTARIA DE TER ESCRITO

Não poderíamos deixar de ouvir Marques de Rebelo, que inicialmente disse que estava acompanhando com interesse a “enquete” promovida por LETRAS E ARTES, tendo notado que os escritores geralmente preferiam ter escrito livros acima de sua capacidade intelectual. Marques Rebelo ficou indeciso entre “A estrela sobe”, “Três caminhos”, “Stela me abriu a porta”, “Oscarina” e “Suite numero 1”, todos de sua autoria.

De repente exclamou definitivamente:

- Gostaria de ter escrito “A Estrela Sobe”.

(Letras e Artes, 6-4-47)

### 2) - PARA QUE PÚBLICO ESCREVE?

- Para um público muito exigente, muito difícil, muito refinado – eu !

(Diretrizes, 15-5-41)

### 3) - CONDIÇÃO ÚNICA

Alguns literatos conversam nas oficinas da editora Pongetti.

D’Almeida Vitor, em altas vozes, alega que será candidato à Academia Carioca, manifestando a sua convicção de que em breve estará entre os imortais.

Marques Rebelo que o ouvia em silêncio, aconselha-o num tom de voz pérfida e paternal ao mesmo tempo:

– Você entrará, D’Almeida. Continue escrevendo, escrevendo... mas não melhore... não melhore que você acaba lá dentro !

(Vamos ler, 25-2-43)

### 4) - UMA NOVA EDIÇÃO DE PAQUETÁ

Paquetá, a deliciosa ilha, onde a moreninha viveu o seu cândido romance, recebe a carinhosa dedicação do pintor Pedro Bruno. Porém, o artista no seu amor insular foi um pouco excessivo.

Alastrou, o bucólico recanto de sonetos escritos em lápides de cimento, cartões de visita de um cem número de nossos dedos.

Tanto assim, que o escritor Marques Rebelo comentava:

– “Já não se pode mais ver Paquetá... Hoje, vai-se “ler” “Paquetá”...

(Letras, Rio, Maio, 1936)

---

<sup>124</sup> RREBELO Marques. O espírito de Marques Rebelo. Entrevistado Marques Rebelo. **Folha do Norte**, ano IV, nº. 128, 10 jul. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 7.

## **5) - A PROPÓSITO DE UM COLEGA**

A última perfídia do Sr. Marques Rebelo, de passagem pelo Rio, diante de uma vitrine: “Lucio Cardoso – “O Desconhecido”. Não é uma capa de livro. É um cartão de visita”.

(Euclides, Rio, 1 Fevereiro 1941)

## **6) - QUE PENSA DA NOSSA ATUAL LITERATURA?**

E Marques Rebelo respondeu, muito simplesmente:

É de inspirar terror pânico...

(Unidade, Rio, Janeiro 1943)

## **7) QUE PENSA BEETHOVEN**

– É o gênios mais burro que o mundo já teve.

(Revista do Globo, P. Alegre, 25-5-46)

## **8) SOBRE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT**

Há poucos dias, Marques Rebelo me mostrava a edição de luxo do livro de Augusto Frederico Schmidt, “Canto da Noite”.

– Está vendo? Não é uma beleza de edição? Olhe o papel, as ilustrações do Santa, a apresentação gráfica...

Fez uma careta e atirou longe o cigarro:

– É pena que um livro assim tão bonito seja do Schmidt...

(Correio da Manhã, 23-6-46)

## **9) OPINIÃO POLÍTICA**

- Não tenho propriamente uma opinião política. Acho tudo uma porcaria, de modo que todo regime é ruim. Não é a minha opinião política nem meu voto de eleitor que modificarão a ordem existente. É verdade que há regimes piores do que os ruins. Embora ache que o mundo caminha para uma igualdade, uma divisão de recursos e ganhos mais equitativa, e olho com admiração para os homens que se atiram a essa tarefa de construir algo melhor, creio que, ao final, continuará sempre a ambição, a necessidade humana de desejar mais ainda, sem que tudo que veio de melhor tivesse a força de modificar um milésimo de milionésimo dentro do homem, que é um monstro, capaz de tudo, até de abnegações. Quero dizer o seguinte: sou incapaz de votar mal, de votar com os que conspiram contra o Amanhã. Estou ao lado dos humildes, dos pobres, apesar de crer que estes são tão safados como os outros. O que acho ruim é que todos os homens sendo safados, não tenham os mesmos privilégios.

(Revista do Globo, P. Alegre, 25-5-46)

## 10) - ROMANCISTAS

Uma anedota da vida literária: apareceu recentemente “10 romancistas falam de seus personagens”, que reúne depoimentos de alguns dos melhores escritores nacionais. A propósito desse livro, comentou o escritor Marques Rebelo, conhecido por suas maliciosas críticas:

– Mas, dez românticos? Como? Se no Brasil somente há dois... Eu e o Graciliano Ramos.

(Correio da Manhã, 23-3-47)

### 11.46 - ENTREVISTA - MARQUES REBELO FALA AOS LEITORES DA FOLHA DO NORTE – ENTREVISTADOR: MARANHÃO, HAROLDO<sup>125</sup>

10 de julho de 1949

NÃO HÁ LITERATURA NO BRASIL - ALENCAR E MACEDO: DUAS ZEBRAS - O QUE ESTÁ FALTANDO AO ESCRITOR NACIONAL - A FICÇÃO BRASILEIRA EM 1930 E OS NOVOS ESCRITORES - O GRUPO DO PARÁ – A PALAVRA DO GRANDE ROMANCISTA E CONTISTA

MARQUES REBELO, POR OCASIÃO DE SUA PASSAGEM POR BELÉM, EM COMPANHIA DO ESCRITOR F. PAULO MENDES E DO ORIENTADOR DESSE SUPLEMENTO.

Por ocasião de sua passagem por Belém, recentemente, Marques Rebelo foi ouvido por um companheiro nosso, em entrevista exclusiva para os leitores deste suplemento, que é a que se segue:

#### - QUE PENSA DA LITERATURA NO BRASIL?

– Não há literatura no Brasil, com as características que determinam uma literatura. Porque não há ainda uma cultura brasileira, não temos ainda nem mesmo uma política brasileira, o que seria a manifestação fundamental da existência de uma cultura nossa. E a literatura é a suprema expressão de uma cultura. Ao nosso panorama literário faltam os mais comecinhos princípios de direção e continuidade. A literatura brasileira viveu, até bem pouco tempo, de algumas e poucas vozes isoladas, e ligação muito precisa com a terra, frutos de

---

<sup>125</sup> Marques Rebelo fala aos leitores da Folha do Norte. Entrevistado Marques Rebelo. **Folha do Norte**, ano IV, nº. 128, 10 jul. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 8.

um pensamento de elite embebido em culturas estranhas. Essas vozes, felizmente, literárias ou políticas, lançaram os primeiros passos para as possibilidades de uma cultura própria. Na literatura tivemos três grandes valores no passado, que muito pouca influência exerceram entre si: Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompeia e Machado de Assis. Manuel de Almeida, um precursor inconsciente do movimento naturalístico que a Europa deu ao mundo, adivinhou, portanto, o caminho da boa literatura, num momento em que duas zebras infeccionavam as nossas incipientes letras: Alencar e Macedo. O primeiro, com um indianismo de opereta, saturado do pior *chateaubrianismo*, e Macedo, um cronista mundano de ínfima qualidade, mas que era a coqueluche das senhoritas e senhoras analfabetas do Império. Raul Pompeia já representa uma orientação evidente, seu naturalismo é produto de sensata aplicação de princípios estéticos que se universalizavam pelo entusiasmo de um grupo de vanguarda na Europa. Machado de Assis voou mais alto, e nem agora nem tão cedo, outra figura poderá chegar-lhe aos pés. O mecanismo que determina a sua importância é quase inglês. Sua característica principal, o humor, era e é qualidade um pouco brasileira. Esses vultos, nenhuma importância tiveram no seu tempo – de gosto estético tão primário, em que um Garcia Redondo chegava a ser considerado escritor – e somente a partir de 30, enquanto a massa, ou melhor, a média de leitores brasileiros, contando entre eles a maioria dos nossos escritores, mais considerados, continuavam fiéis aos Alencares e Macedos, aqueles três vultos passaram a ser compreendidos e estimados, após uma grande revisão de valores, determinada pela campanha “modernista” e pela conquista de uma consciência identificada com a terra.

- QUE ESTÁ FALTANDO AO ESCRITOR BRASILEIRO?

- Falta meio para produzir, meio estimulante. Somos um país sem biblioteca, sem museus, sem revistas sérias, em que os problemas culturais quase são suspeitos casos de polícia. O meio ainda não concebeu a existência do artista. Só quando uma largueza econômica baixar sobre todo o país, poderemos ter disponibilidades capazes de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento de todos os elementos que constituem uma cultura em marcha, segura das realidades da sua terra e sensível aos movimentos universais. O que é admirável é o esforço singular de alguns artistas nossos em procurarem, em tão adverso deserto, deixar uma sacrificada contribuição de energia criadora e de esperança no pensamento brasileiro.

- QUE PENSA DO SIGNIFICADO DA FICÇÃO BRASILEIRA EM 1930 E SUA RELAÇÃO COM O MOVIMENTO LITERÁRIO ATUAL?

- Em 1930 os acontecimentos políticos e um aceleração no ritmo econômico do país permitiram quase que imediatamente o aparecimento de um grupo de artistas, em quantidade e qualidade como jamais possuímos. Dava a impressão que o Brasil começava naquela ocasião. O artista passou a olhar o chão que pisava, tirando dele os elementos de uma estética que embora brasileira estariam ligados aos princípios eternos e universais da criação artística. Tais valores eram produto de um movimento quase subterrâneo iniciado em 22 com o

movimento de arte moderna e que corria paralelo, como não podia deixar de ser, com uma revolução que se esboçava dentro do arcaico sistema político, e que culminou com os sucessos de 30 a 36. Fundamentou-se nesses seis anos uma compreensão do Brasil e um amor verdadeiro pelo que é nosso, e que se refletiu principalmente nas obras de ficção. Infelizmente esse ritmo veio ser perturbado em 1937 quando o Brasil acompanhava, como país sub-colonial, as influências políticas dominantes em grandes nações europeias. E a nossa política quebrou o fio de progressão e a literatura se perdeu, esperando por um momento melhor, quando pudesse retomar a sua linha evolutiva. Não se viu durante 10 anos, nenhum progresso, e a nossa literatura foi mantida pelos mesmos escritores que tinham dado de 30 a 36 tão belo impulso a ela. Nenhum movimento novo sacudiu o pensamento artístico. Os escritores valiosos que surgiram voltaram a ser, como outrora, vultos isolados, como Cyro dos Anjos, J. Guimarães Rosa, Murilo Rubião e Lêdo Ivo. Uma literatura séria, mas cautelosa. Com o advento de normalidades políticas, haverá, naturalmente, a possibilidade de um movimento que reate o fio de 30. E nós já estamos vendo as manifestações dessa ação com a formação de grupos de jovens em todas as latitudes do Brasil, congregando-se em revistas e procurando lançar através delas seus manifestos estéticos. Se até agora o que fizeram não tem uma importância maior, não há como desesperançar. E a essa nova geração, ou gerações, caberá abrir caminho para uma nova revisão de valores, na qual a geração de 30 ficará muito sacrificada, como é da história de toda evolução estética.

- PARTICULARMENTE, QUE PENSA VOCÊ DA CHAMADA GERAÇÃO NOVÍSSIMA?

- Não a combato nem a aplaudo, compreendo-a como manifestação inelutável da vida, e na medida das minhas forças procuro estimulá-la. Também não os julgo. Penso que a eles é que cabe opinar sobre mim e sobre a minha geração. Com relação ao Pará, creio que está faltando um grupo coeso em torno de uma revista de estrita colaboração local, que reflita uma orientação e que permita um contacto mais direto com os grupos já formados em quase todos os Estados do Brasil. O Suplemento Literário da FOLHA DO NORTE é excepcionalmente bom, mas não tem a função dessa revista, que é indispensável. Tem outra, e da maior importância: trazer ao Pará o pensamento dos valores mais ponderáveis da literatura nacional e as correntes de ideias e movimentos estéticos estrangeiros, numa terra em que o serviço de livrarias e revistas culturais é bastante precário, ou melhor, quase nulo. Aliás, se o grupo paraense não se formar e já, o Pará continuará sem nenhum valor, para ser mostrado fora, preso às suas glórias absolutamente locais”.

## 11.48 - ENTREVISTA - JEAN, YVONNE: “COM ALBERT CAMUS”<sup>126</sup>.

7 de agosto de 1949

“Não sou e nunca fui existencialista” - A participação do escritor – O duplo fenômeno deste mundo em revolta – A paradoxal Espanha de Franco – Os campos de concentração, A paz e o ingênuo Garry Davis – “Um verdadeiro romance de amor” – A Resistência Francesa e “Combat”, que tirava, em plena Guerra, 350.000 exemplares – A força do Amor  
YVONNE JEAN

Existem três tipos de entrevistas. Quando uma personalidade célebre concede alguns minutos apressados ao jornalista, basta fazer perguntas rápidas, tomar o maior número de notas possíveis e recopiar, em seguida, as frases eternas que foram pronunciadas. São as mais fáceis. Quando o jornalista não admira muito o entrevistado, cujas ideias não respeita, é preciso encaminhar a conversa para dela extrair o melhor, permanecendo fiel aos pormenores, tão somente... São as mais desagradáveis. Enfim, há os entrevistados que têm realmente algo que dizer, sem, por isso, recusar-se, a estabelecer um contato humano. São as mais bonitas, e também as mais difíceis. O jornalista esquece-se da profissão para viver plenamente um momento que o enriquece. Lembra-se, repentinamente, do artigo que terá de escrever. Rabisca, então, uma frase lapidar. Põe o caderno de lado para não quebrar o contato estabelecido pelos olhares. Escuta um conceito perfeitamente exprimido. Procura o lápis que surgiu. E fica nesse vai e vem, não querendo perder um minuto de deleite intelectual, mas temendo não recordar condignamente os detalhes da palestra! Foi neste dilema que fiquei durante a longa conversa com Albert Camus. Maior ainda se torna minha dificuldade, agora, porque Camus é um escritor nato, quer dizer que enuncia um pensamento claro em frases literalmente perfeitas que, reproduzidas exatamente, seriam uma bela página de estilo. Mas como é, também, essencialmente humano, terei que descrever as regiões nas quais penetramos aproximadamente, tais quais me voltarei à memória.

### **O EXISTENCIALISMO**

Quase que me desculpei, aludindo ao inevitável existencialismo.

- Sim, todos falam nele e poucos conhecem. É uma filosofia séria, que não deveria ser tocada com tamanha leviandade. É muito antiga e para compreendê-la, seria necessário voltar até Santo Agostinho! Agora, se a respeito, não sou e nunca fui existencialista.

---

<sup>126</sup> JEAN, Yvonne. Com Albert Camus. Entrevistado Albert Camus. **Folha do Norte**, Belém, 7 ago. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.

- Estarei enganada dizendo que o que separa Sartre é que ele é um derrotista, que não acredita nem na sociedade, nem no homem, enquanto que o senhor despreza o mundo atual, mas acredita no homem?

- Desprezar talvez seja uma palavra muito forte. O que não perdoo à sociedade política contemporânea é que se tenha tornado uma máquina para desesperar os homens. Mas nunca deixarei de ser solidário com os homens que nela sofrem e, principalmente, com os que ela oprime.

- Como explica o fato de ser considerado, entretanto, como um dos principais representantes do existencialismo?

- Isto não se dá somente aqui. Na França é a mesma coisa. Sartre e eu já nos divertimos muitas vezes juntos dessa insistência. A tal ponto que até pensamos certa vez em publicar um anúnciozinho, parecido com os de divórcio: “Fulano não é responsável pelas dívidas e procedimentos de Beltrana”! Mas falando sério, não poderia ser nunca existencialista. Historicamente, porque recebi toda a minha formação em Argel, só chegando em Paris em 1938. Veio a guerra com seus problemas próprios. E só me encontrei com Sartre, pela primeira vez, em 1943, quando meus livros principais já tinham sido publicados. Foram-no antes que Sartre se tornasse tão conhecido! Ideologicamente também nunca poderia sê-lo, porque meu ideal é muito diferente. Respeito o existencialismo, mas não creio que tenha razão. Sartre bem sabe disso. Não recuso a natureza humana. Agora é possível e, aliás, natural que escolhamos, às vezes, temas idênticos porque vivemos na mesma época e problemas. É como se dissesse, guardando, naturalmente, as justas proporções, que Racine e Corneille são parecidos. É lógico que certas preocupações os tenham aproximado. Mas é só.

### **A PARTICIPAÇÃO DO ESCRITOR**

- Quer dizer que no eterno debate sobre a participação do escritor, o senhor está do lado daqueles que negam a torre de marfim, achando impossível desligar-se da preocupação do nosso tempo?

- Acredito que o artista tem que participar, não porque resolveu fazê-lo, mas porque seria impossível agir de outra forma. Assistimos a um duplo fenômeno neste mundo em revolta: a ação política e a criação artística. Hoje a política assumiu a forma de uma conquista. Quer-se chegar ao império do mundo pela violência, qualquer que seja o lado escolhido. Pela violência e a mentira. O artista é mais subjetivo porque isso faz parte da sua natureza. Participa de qualquer forma, mas acho que não o fará da maneira mais natural escolhendo uma ação política ativa. Deve escolher uma outra forma de ação, agir num outro plano, extrapartidário e paralelo à sua profissão. Participará sempre. Já que teremos talvez todos que ser fuzilados, algum dia, que seja, pelo menos, por razões aceitáveis. Dirigi “Combat” durante muito tempo. Mas convenci-me de que não era feito para a política ativa porque nunca consigo desejar a morte do adversário, o que é um handicap. O político deve desejar a morte do adversário. Não tenho a ambição daqueles que a apoiam nos privilégios daqueles que sempre sabem “dar um jeito”. Mas, tenho uma outra ambição, que deveria ser a de todos os escritores: testemunhar e gritar, toda vez que for possível, na medida do nosso talento, para defender aqueles que são escravizados.

## **A ESPANHA DE FRANCO**

- E têm gritado bem alto para denunciar o caso da Espanha?
- Acho que o caso espanhol é o problema político mais importante do momento, porque o sustento de Franco ao poder é um paradoxo que impede a criação de uma consciência europeia.
- Falando em paz...
- Não se fala em paz quando se constroem campos de concentração, interrompeu Camus que, como ele mesmo me confessara, possui uma grande força e indiferença, mas também uma imensa força de indignação. Só aqueles que são contra os campos de concentração têm o direito de falar em paz. É por isso que falo nela.

## **GARRY DAVIS**

Quis saber se Camus acreditava mesmo que o simpático, mas não tão ingênuo movimento de Garry Davis pudesse dar algum resultado. E, da mesma forma, que no caso do existencialismo, vi que a opinião pública interpretara erroneamente o pensamento de um escritor extremamente francês, que quer dizer inteligente, para se deixar enlevar por um idealismo vago e fora da realidade.

- Davis cumpriu um ato corajoso que foi acolhido pelos gracejos de toda a imprensa. Além do mais sua posição era ilegal e estava ameaçado de expulsão da França. Formou-se um comitê de solidariedade, composto de pessoas que consentiram em usar da sua influência para impedir sua expulsão. Fiz parte deste comitê. E só. Não participei do movimento de Davis. Aliás, há dois anos que decidi que não aderiria mais a nenhum grande movimento político, porque no momento não acredito na eficácia das grandes empreitadas políticas. Tenho a impressão que os indivíduos deveriam fazer uma cura de modéstia política. Cada um tem sua profissão e uma função e se cada um procurasse exercer sua profissão agiria mais eficientemente. Agora não vai me interpretar erroneamente. Quando disse que não acreditava nos grandes movimentos políticos referia-me aos movimentos de ambição, não aos movimentos operários que são os únicos que me são simpáticos! Quanto a Garry Davis, claro que é ingênuo. Mas me pareceu simpático porque entre duas espécies de ingenuidade, entra a do idealista e a da **ON** que é perigosa prefiro a primeira porque pelo menos não assassina ninguém!

Quando chegamos a falar em literatura perguntei a Camus qual a razão pela qual preferia, entre seus livros, “O Estrangeiro”.

## **UM VERDADEIRO ROMANCE DE AMOR**

- Não foi exatamente isto que disse. Vou-lhe dizer francamente o livro que prefiro: é o próximo! Qualquer artista, quando relê suas obras, sente uma grande consternação!
- E qual será este próximo livro?
- O que eu vou preparar. Ainda não está escrito! Acabei agora, uma peça, que se chama “Os Inocentes”. Põe em cena os terroristas russos de 1905. Vai ser estreada em setembro. É por causa disso que não poderia permanecer tanto tempo quanto desejaria, na América do Sul. Estou também preparando um ensaio, bastante longo, sobre a revolta.
- Ao qual vai aludir durante sua conferência?

- A conferência será feita com minhas preocupações atuais, o que é lógico. Por isso falarei da revolta. Estou também preparando um romance porque até agora não escrevi um verdadeiro romance, com personagens. “O Estrangeiro” é uma narrativa e “A Peste” uma crônica... E sabe o que gostaria de fazer? Estou sonhando em escrever um romance de amor. Dois personagens, uma paisagem... A paisagem pode ser urbana! Mas é difícil. A época não é propícia a esse gênero de obras!”

### **A FORÇA DO AMOR**

“Os escritores sentem que o que lhes falta é a força do amor. Então substituem-no por um sucedâneo infeliz que chamam a moral!”. E partindo da força do amor, a conversa seguiu rumos em zig zag. Camus pretendeu que hoje pensamos que só o dinheiro resolve os problemas quando, na realidade, tudo que se faz exclusivamente com dinheiro é ruim.

“A realidade humana é o que é o mais rico dos meios. Quando me dizem que para fazer um bom filme precisa-se de cem milhões alço os ombros. Um dos mais belos filmes que jamais foram executados foi “A serra de Teruel”. Malraux, que nunca tinha realizado um filme e que não possuía meios técnicos nem dinheiro, executou-o em plena guerra de Espanha, com a força do que sentia neste momento trágico do nosso tempo”

Houve um parênteses sobre os países de sol e a indolência. “A indolência é saber viver!” muito mais intensamente que com a famosa “eficiency”.

Perguntei, então, a este homem que sabe parar, às vezes, mas que também sabe agir quando é preciso, que me falasse da sua atuação na resistência. Como todos aqueles que foram realmente resistentes e que hoje calam para deixar a palavra aos milhares de colaboracionistas ou indiferentes que, com a vitória, tornaram-se “resistentes”, não falou sobre ele mesmo, mas sobre o que significou o verdadeiro movimento subterrâneo na época do terror nazista.

“Combat”, já nasceu no fim de quarenta... “As pequenas Asas” de Frenay e um pequeno jornal ronsotipado, uniram-se para formar “Combat”. Éramos quatro a dirigi-lo. Nessa época ninguém agia sozinho! Foi muito bem organizado.

Sabe a quantos exemplares tiramos “Combat”? A..... 350.000.

- 350.000? Em plena guerra, em pleno terror, com os nazistas ocupando o país?

- Sim, 350.000. Nunca chegamos a esta difusão depois, na paz! A maioria esqueceu o que foi feito e em que condição se trabalhava! O jornal se fazia em Toulouse. Era impresso em Lyon. Em 44 os milicianos se apoderaram das máquinas de Lyon. André Bollier, o técnico, foi morto. Bourdet, atual diretor de “Combat” foi mandado para Buchenwald de onde voltou, por milagre. Não se sabe o muito que foi feito e o que representou esta época. Os camaradas não esquecem mesmo se a maioria já esqueceu, o que, aliás, é humano, porque a ingratidão talvez seja a condição do progresso, e que não é possível viver na lembrança. Mas nós não esqueceremos homens como Bollier, e outros homens que morreram e dos quais não se fala mais, mas que eram o tipo de homens dos quais a França teria precisado na libertação, e também o mundo!... Na libertação

encontrei-me pela primeira vez na minha vida, do lado dos vencedores. E compreendi quão difícil é ser vencedor!

E Camus, que examinando o aspecto da nossa sociedade política atual, escrevia, ultimamente, que “só haverá salvação quando todos aqueles que ainda têm certo valor a terão repudiada no seu conjunto para procurar o caminho da renovação pelo qual devemos lutar alhures que nas contradições insolúveis” e conclui dizendo que sempre queremos andar. “As vezes é preciso parar na marcha para refletir”

#### **11.49 - ENTREVISTA – “MANUEL BANDEIRA DIANTE DA MORTE”. ENTREVISTADOR: IVO, LÊDO<sup>127</sup>**

14 de agosto de 1949

Diz Manuel Bandeira:

- Creio que não posso ir muito longe. Um, dois ou três anos mais, e virá o túmulo. Sinto-me maduro para morrer. Assim de longe, não tenho medo nenhum da morte. Tenho muito medo de no momento ter medo, eis o que devo ainda dizer. Pergunto-lhe como espera morrer.

- Gostaria de morrer rápido. Não digo morrer como um passarinho porque já vi muita morte de passarinho longa e dolorosa.

Começamos a falar sobre outros mortos. Lembro-lhe Mário de Andrade, e indago ao autor de “Estrela da Manhã” se, em sua opinião, não faltou ao poeta de “Lira Paulistana” uma certa inquietação metafísica, uma certa angústia diante do problema da morte.

- Mário de Andrade sempre foi católico. Lembro-me que, várias vezes, quando nos encontrávamos, ele me deixava para ir à missa. Ele tinha fé em Deus, e mesmo quando deixou de ser católico praticante, essa certeza não o abandonou. Ora, se ele possuía fé, é claro que não há motivos para que demonstrasse inquietação.

Voltando ao assunto, observa Bandeira:

- Não tenho nenhuma certeza sobre o além da morte. O que quer que venha, eu o aceitarei sem inquietação. Tenho grande curiosidade de saber o que é o outro lado.

- E Deus?

- A minha ideia de Deus, na sua eterna sabedoria e bondade, não se pode compadecer com as penas eternas nem com as penas exageradas. Confio na misericórdia divina se de fato Deus existe.

Pergunto a Manuel Bandeira se sua fraterna amizade com grandes poetas católicos, como o admirável Murilo Mendes, não o influenciou, encaminhando-o a

---

<sup>127</sup> Manuel Bandeira diante da morte. Entrevistado Manuel Bandeira. Entrevistador IVO, Lêdo. . **Folha do Norte**, 14 ago. 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

encarar o problema da morte e de Deus dentro de uma configuração mais religiosa.

- Nunca.

Da morte, Manuel Bandeira salta para falar sobre a poesia. Em sua opinião, esta se fará sempre dentro de um processo de recorrência, de eternos retornos.

- Haverá sempre um conflito entre o hermetismo e a clareza. O que será fundamental é que os poetas refletirão sempre o ambiente particular do tempo em que viverem.

Pergunto-lhe: não gostaria de transmitir a algum jovem poeta um conselho fundamental, uma orientação que correspondesse precisamente à sua vasta experiência poética?

- Sim, ao jovem poeta que me pedisse o que ele atribui ser a minha “chave”, o meu pequeno segredo, eu lhe diria: Estude a poesia nos grandes mestres, incluindo entre estes o povo. O outro conselho é o seguinte: Só faça poesia ao sentir que ela é uma espécie de fatalidade, uma necessidade fundamental de sua vida e de seu espírito.

Mais pormenorizadamente, Manuel Bandeira declara que uma das formas pelas quais ele estudou a poesia foi a seguinte: não sabendo de cor toda uma quadrinha popular, ele a refazia introduzindo nela alguns elementos pessoais. Refeita a peça, recorria aos livros de folclore e a comparava com a sua produção, estudando qual das duas era a melhor, e buscando apreender o segredo dessa superioridade.

Você espera ser muito visitado no seu túmulo, que, aliás, você já comprou no cemitério de São João Batista?

- Gostarei de que se lembrem de mim. Desde já, peço que, quando eu morrer, não me mandem coroas. Detesto a combinação das flores com a morte.

Falo-lhe sobre sua vaga na Academia.

- Gostaria de ser substituído por um homem que compreendesse minha vida e minha obra, mesmo que não fosse poeta. Digo-lhe ainda que não toleraria que minha morte fosse motivo de sentimentalidade a meu respeito.

**11.51 - ENTREVISTA: “O BRILHANTE MAURICE TOESCA” – ENTREVISTADORA: JEAN, YVONNE<sup>128</sup>.**

18 setembro 1949

Quando cheguei de Paris, muitas pessoas pediram-me pormenores sobre o movimento literário na França, acrescentando, quase invariavelmente: “Naturalmente, você vai publicar entrevistas com Jean-Paul Sartre, André Gide, Claudel, Malraux, Duhamel, Mauriac...” E minha resposta era sempre: “São exatamente os escritores sobre os quais nada escreverei, como também não pretendo aludir ao existencialismo”.

Com efeito, porque acrescentar mais artigos à lista já longa de crônicas, estudos e entrevistas de todos os tamanhos que foram dedicados no Brasil aos escritores acima citados como a muitos outros, da mesma geração? Parece-me que tudo já foi dito a favor ou contra personalidades tão conhecidas. Às vezes, demasiadamente interrogadas já que muitos grandes nomes da literatura moderna francesa vivem de uma glória quase anacrônica. E se fiz questão de me aproximar dos que continuam à altura da sua fama, foi mais para me enriquecer pessoalmente ao contato da sua personalidade do que no intuito de reproduzir suas palavras para os meus leitores. Achei supérfluo repetir mensagens já amplamente divulgadas, quando há na França tantas inteligências e tantos talentos novos ainda desconhecidos no estrangeiro. Como explicar que no Brasil só alguns iniciados conheçam um Jacques Prévert, um Jean Guilovic, um Jean Tardieu? – E cito ao acaso, entre tantos escritores, três poetas tão somente! E por que rebater eternamente o mesmo tema existencialista quando centenas de iniciativas originais e vivas empolguem os moços?

Por todas essas razões escolhi de preferência reportagens sobre movimentos novos e entrevistas com escritores cujos nomes ninguém mais em Paris ignora mas que o grande público ainda desconhece fora da França. Um dentre eles é Maurice Toesca.

### **MAURICE TOESCA**

Toesca, cujo “Macaco azul” acaba de receber o prêmio Georges Courtline e cujo “Sol negro” obteve a Bolsa Nacional Literária 1947, é um escritor de talento e um homem cuja vivacidade de espírito encanta. Pessoalmente, censuro a sua posição

---

<sup>128</sup> JEAN, Yvonne O brilhante Maurice Toesca. Entrevistado Maurice Toesca. **Folha do Norte**, ano IV, nº. 136, 25 set. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

espiritual que lhe fez preferir os malabarismos intelectuais a La Jean Paulham a uma participação concreta nos grandes problemas do nosso tempo. Entretanto, pertence a um grupo cuja realidade não pode ser negada.

Além disso, escreveu um livrinho que muito comove porque exprime o que foi tristemente experimentado por um povo inteiro. O autor presenciou a atmosfera que descreve e partilham dos sofrimentos dos seus durante a ocupação nazista. Por isso “Le Soleil noir” – violento repositório contra o nazismo – é uma obra viva e forte.

É mais importante que todas as suas obras posteriores reunidas, pois estas são espirituais tão somente enquanto o “Sol negro” representa algo de real e profundo.

### **“O SOL NEGRO”**

Em “O Sol Negro”, Toesca examina o problema interno do nazismo. Conta com maestria o drama da família alemã que o sol negro do nazismo dissolveu. A sombra cruel da Gestapo, chegado à sua monstruosa madureza, domina cada gesto, cada passo, cada palavra dos heróis.

Bernhard não consegue esquecer os ensinamentos de uma educação liberal. Escapa mentalmente às novas Leis que guiam a vida alemã. Não pertence a nenhum grupo clandestino, cumpre com o seu trabalho e recusa-se a discutir política. Mas a tese de formatura que defendeu em 1936 chamava-se “Romain Rolland, o Pacifista”, pertenceu ao antigo partido socialista e fez, antes de 1933, diversas viagens ao estrangeiro, onde encontrou intelectuais anti-facistas. Estes fatos bastam para que se torne o objeto de uma fiscalização desconfiada.

Uma manhã, a política (sic) descobre um papel na porta da Universidade.

“Estudantes!” lê-se nele, “a rádio suíça acaba de divulgar a derradeira mensagem de Stefan Zweig. Segue o adeus à vida extinta em Petrópolis em fevereiro de 1942: o agradecimento ao Brasil que o acolheu e que teria escolhido para refazer sua vida se não lhe fosse impossível viver em um mundo que destruíra a única linguagem que conhecia. O desânimo dos seus sessenta anos que lhe fez preferir a morte à espera da aurora evidente mas longínqua.

A polícia desconfia de Bernhard que é preso. Assistimos a alguns destes interrogatórios sádicos, adornados de suplícios fantásticos nos quais os policiais de todos os países são peritos. Não se conseguem as provas necessárias. Mas a própria irmã do acusado o denuncia para comprovar sua fidelidade ao regime. Torturam a velha mãe sem razão alguma a não ser a vontade de um policial ávido de sangue, e a irmã de Bernhard mata-o friamente enquanto este confessa com palavras muito simples porque copiou a mensagem de além mar que representou um protesto trágico contra o ódio e a violência. A atmosfera desumana de terror, desconfiança, medo, delação e brutalidade que envolve cada página é impressionante.

- “Tive oportunidade de observar de perto os homens da Gestapo”, explicou Toesca, quando o visitei no seu pequeno apartamento da rive gauche no qual impera o bom gosto mais perfeito. “Estava incumbido pela Prefeitura de dar os

passos necessários para recolher informações sobre as inúmeras pessoas que desapareciam todos os dias. Recebíamos sem parar visitas de famílias desesperadas, queixando-se do desaparecimento repentino de alguém. Quantas horas passei nos escritórios da Gestapo, que começava, naturalmente, por não saber de nada. E quantos delatores estavam dispostos a vender alguma informação!”.

## **OS TETOS DE PARIS**

A atmosfera do crepúsculo parisiense nos envolvia. Da terrasse viam-se tetos e mais tetos. Destacava-se a igreja de Saint Sulpice, muito perto da rua tranqüila e nobre de Saint Germain des Prés. Ao longe, via-se a basílica de Montmartre, tão horrenda, vista de perto e cuja alvura é tão linda quanto vislumbrada de uma grande distância.

Na sala, peixinhos, flores e muitos livros criaram uma atmosfera íntima. Os móveis, de uma madeira rústica, alguns desenhos de Fautrier, ingênuas aquarelas de crianças manchavam alegremente a meia escuridão da hora.

- Não foi agradável escrever “O sol Negro”, confessou Toesca. Sofri muito, tendo que reviver tantas horas trágicas...

Deu-me um exemplar no qual escreveu: “A Y. J., este livro que não gostaria de escrever uma segunda vez”. E acrescentou: “Em Paris, de 1942 a 1944”. E as duas datas destacavam-se na página como uma prova suficiente do que afirmara.

## **O MACACO AZUL E AS “ESCORPIÃS”**

“Um livro que escrevi para me divertir foi “O macaco azul”, continuou Toesca. Eu só lera “O Sol Negro”. Quando, mais tarde, cheguei a ler “O macaco azul”, fiquei muito decepcionada. É um pseudo panfleto de muitas concepções atuais, escrito numa língua cintilante, cheio de espírito brilhante e mordaz..., mas do qual muito pouco fica na mente. Mil problemas reais são apresentados confusamente. Não se aponta nenhuma solução possível, a não ser o desânimo total e caótico.

“Les Scorpionnes” é ainda muito pior pois é um livro fundamentalmente anti-feminista e anti-progressista.

Este feminino de escorpiões serve para designar certo tipo de mulheres, sempre mais numerosas na sociedade atual, segundo Toesca. Quem estuda a vida dos escorpiões aprende que a fêmea do escorpião come o macho após as núpcias destinadas a continuar a espécie. É o seu único papel. Segundo Toesca a mulher torna-se mais e mais importante e quase chegou a prescindir do homem que, em breve ficará unicamente com o papel do escorpião. As suas heroínas são mulheres duras e ambiciosas. O todo está envolvido numa atmosfera de pretenso bom humor, como se o autor admitisse o estado de coisas que descreve.

Esta maneira aparentemente displicente de tratar um assunto sério é perigosa pois parece indicar certa isenção de ânimo que pode influir no espírito de muitos leitores não prevenidos. Aliás, o anúncio do editor basta para condenar a obra de antemão: “O público feminino que gostava de Marcel Prévost encontrará

neste livro argumentos pró e contra o problema feminista e ideias sobre os problemas sexuais”. Valer-se hoje de Marcel Prevóst não é, realmente, uma referência ideal para um escritor novo!

## **AS CRIANÇAS**

Toesca mostrou-me alguns outros livros muito mais simpáticos. Um deles apresentado de uma maneira deliciosamente romântica, chama-se “O jornal confidencial de duas moças”. O outro – “Perlimpimpim”, foi escrito a pedido de uma amiguinha durante umas férias.

“Tudo acontece em um país de pura fantasia. O conto ensina as delícias de desobediência”.

Espero que o novo romance de Toesca que sairá em breve e chamar-se-á “A Corrida à Vida” será, também, ele, diferente destas “Scorpionnes” que tanto êxito obtiveram perante certa parte do público francês. Tratará da pena de morte.

“Nele procuro colocar dados que permitam responder à angustiosa questão: tem os homens o direito de condenar um outro homem à morte?”.

O problema é profundamente humano. Espero que o herói aviador do livro responderá de maneira humana a um problema humano, colocando-se dentro da vida e não à margem dela. Espero que nele Toesca não procurará fugir nos momentos essenciais com frases brilhantes que não comprometem. Espero que nele o autor de “O Sol Negro” usará da influência que conquistou para indicar um caminho em lugar de entupir todas as esperanças com uma amargura desanimada e caótica.

## 11.52 - ENTREVISTA: “UM CONGRESSO DE TÉCNICOS EM LINGUAGEM HOMENAGEANDO UM ANTIGRAMÁTICO” - ENTREVISTADO: CÉCIL MEIRA<sup>129</sup>

27 novembro de 1949

O CONGRESSO DE LÍNGUA VERNÁCULA, EM HOMENAGEM A RUY BARBOSA, NA PALAVRA DO DR. CÉCIL MEIRA, NOSSO REPRESENTANTE – ENTREVISTA EXCLUSIVA DO JOVEM INTELECTUAL PARAENSE AO “SUPLEMENTO LITERÁRIO” DA “FOLHA DO NORTE”

O Dr. Cécil Meira, uma das expressões mais autênticas da intelectualidade paraense, participou ativamente, como delegado nosso, do Congresso de Língua Vernácula que promoveu na capital do país a Academia Brasileira de Letras, como parte integrante dos festejos comemorativos do Centenário de Ruy Barbosa.

Retornando do Rio de Janeiro, onde se destacou pela sua brilhante atuação naquele importante certame, o Dr. Cécil Meira, catedrático de Português do nosso Colégio Estadual, foi procurado por um dos nossos companheiros, a quem concedeu a entrevista que abaixo leremos.

### A ENTREVISTA

Anunciamos ao nosso ilustre entrevistado o que desejávamos, e como fosse amplo o campo para uma digressão sobre aquele Congresso, limitamo-nos a ouvir, não caindo nas clássicas perguntas e respostas de toda a entrevista jornalística. Mais ou menos textuais são as suas palavras que passamos a transcrever:

- “Dizia ironicamente um escritor americano que o cidadão que havia inventado os Congressos deveria estar, por certo, no céu cercado de anjinhos. Na verdade, partia o mencionado escritor do princípio de que a ida a um Congresso nada mais representa do que ligeira folga, onde mais se passeia e diverte, do que se faz alguma coisa de sério. O dito sarcástico não se pode aplicar ao Congresso de Língua Vernácula, e por diversos motivos.

Em primeiro lugar, a reunião de intelectuais e filólogos de todo o Brasil tinha por objetivo fundamental homenagear a memória de Ruy Barbosa, o leigo que mais prezara a língua, que a cultivara acima das rotas comuns. O fato, portanto, trazia esse caráter excepcional, pois jamais acontecera de técnicos em linguagem se reunirem para comemorar o centenário de um homem que foi, como nenhum outro, um **anti-gramático**. Em segundo lugar, o Congresso não era deliberativo, nem trazia planos econômicos, nem de reformas sociais. E o mais interessante é que se esperava um número reduzidíssimo de teses, e o próprio presidente –

---

<sup>129</sup> MEIRA, Cecil. Um congresso de técnicos em linguagem homenageando um antigramático. Entrevistado Cécil Meira. **Folha do Norte**, Belém, 27 nov. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1. Grifos do autor do texto.

professor Sousa da Silveira – manifestou publicamente sua admiração ao declarar que foram apresentadas mais de trinta teses, sendo uma originária de Portugal, seis de Minas Gerais, e as outras de diversos Estados. Basta referir que houve uma tese de mais de seiscentas páginas do professor Boudin, trabalho complexo e que solicitava um especialista. Esse o motivo por que foi ela relatada pelo professor José Oiticica, convidado especial dos Congressistas.

Quase todos os professores presentes ao Congresso já eram meus conhecidos de nome e tive, então, a oportunidade de conhecê-los pessoalmente e avaliar o grau de cultura de todos eles. O Congresso compunha-se quase todo de gente nova, com a exceção dos professores Sousa da Silveira, José Oiticica, Antenor Nascentes. Os demais eram moços e posso apontá-los vários, sendo que alguns, homens de apreciável cultura: Modesto de Abreu, Serafim da Silva Neto, Ismael de Lima Coutinho, Luis Felipe Vieira Souto, Celso Cunha, Gladstone Melo, Jesus Belo Galvão, Matoso Câmara Júnior, professora Amália Costa, Sílvio Elia, Artur de Almeida Torres, Matos Peixoto, Carlos Henrique da Rocha Lima, e muitos outros. Este último professor, por intermédio da Casa de Ruy Barbosa, publicou uma edição da “Oração aos Moços”, com fartas anotações filológicas, de muito interesse para os estudiosos.

Logo após a sessão plenária, surgiram duas Comissões, já previstas nos Estatutos: Comissão de Filologia e Comissão de Literatura. A primeira foi presidida pelo professor Ismael de Lima Coutinho e a segunda pelo professor Souza Lima, de São Paulo. Estive sempre mais presente à Comissão de Filologia, embora a tese que apresentei houvesse sido distribuída pelo professor Sousa da Silveira para a Comissão de Literatura. Tive a satisfação de vê-la relatada pelo eminente intelectual, Paulo Medeiros, presidente da Academia Carioca de Letras, sendo aprovada unanimemente, com recomendação para ser publicada. Mas o maior movimento do congresso esteve, precisamente, na Comissão de Filologia. Ora reuníamos numa das salas da “Casa de Ruy Barbosa”, cedida aos congressistas pelo diretor Jacobina Lacombe e que foi, inegavelmente, uma figura que muito concorreu para o brilhantismo de nosso Congresso. De outras vezes as reuniões eram feitas na sala das sessões dos imortais da Academia Brasileira de Letras e ouvi o professor Antenor Nascentes dizer que só assim os pobres mortais encontrariam assento em lugares reservados aos imortais... Várias teses deixaram de ser aprovadas pelo congresso. Os congressistas resolveram que os relatórios que concluíssem sem fazer menção especial para o trabalho ser publicado nos Anais do Congresso *ipso-facto* estavam excluídos da aprovação. Largos debates se teceram em torno das teses que não foram aprovadas, mesmo porque o critério de certos congressistas era de aprovação geral, com publicação obrigatória nos Anais e somente depois os trabalhos seriam examinados pelos estudiosos. Mas venceu a corrente que se batia pela exclusão de certos estudos, pois considerava esse grupo que o congresso ficava com a responsabilidade da aprovação de uma tese, desde que publicada fosse. Defenderam, se não me falha a memória, esse último critério restritivo os professores Sílvio Elia, Gladstone Melo, Serafim Neto, Celso Cunha. Tomando com base para discussão futura, várias teses não foram aprovadas.

Por indicação do professor Ismael Coutinho, presidente da comissão de Filologia, fui relator de uma tese intitulada “Evolução e a Ordem Histórica do Alfabeto” da autoria do Sr. Ragy Basile, que depois soube ser membro da Academia Brasileira de Filologia. O trabalho ou tese do referido professor, defendia o princípio de que o Alfabeto era de Origem Árabe, contra o princípio tradicionalista e assente na linguística europeia de que a origem era Greco-latina, através dos fenícios. Devo esclarecer que eu não sabia que o professor Basile, já em obras anteriores, tentara provar que a própria língua portuguesa e o verbo **amar** eram de origem árabe, segundo a declaração e testemunho do professor José Oiticica e do professor Luís Felipe Vieira Souto. O que é certo é que achei audaciosa a tese. O professor Basile, além meu relatório fiz grandes reservas às conclusões daquela tese (sic). O professor Basile além de tentar uma prova completamente contrária às conquistas da cultura europeia, procurava criar um sentimento de animosidade entre o saber europeu e o árabe, como se aquele fosse um copiadador contumaz da sabedoria árabe e depois negasse a origem de sua cultura... Mas o professor Basile, além desses fatos, cometia em seu trabalho inúmeros enganos de pontuação, ortografia, acentuação, o que seria para notar em virtude de tratar-se de um estudo idiomático. Ainda havia para examinar a linguagem pouco técnica da tese, com expressões de um desajustado ao trato do idioma. De qualquer forma, como se tratava de uma opinião pessoal, não pude deixar de concluir que o trabalho deveria ser publicado nos Anais do congresso, para que os especialistas, mais a vagar, examinassem a tese, opondo-lhe críticas mais comprovadas. Após a leitura de meu relatório, o professor Luis Felipe pediu vista da tese, e de meu relatório, pois desejava dar seu voto em separado. No dia seguinte trouxe o voto que consistia em aprovação de meu relatório, sem qualquer restrição, considerando-o baseado na boa ciência, e concluindo pela não publicação da tese. E assim deliberou o Congresso. Todas as outras teses, julgadas imperfeitas, tiveram o mesmo destino. Os Congressistas consideravam que o trabalho aprovado trazia, nesse fato, responsabilidade direta dos votantes. Se não me falha a memória, cerca de cinco ou seis teses não obtiveram aprovação.

Não posso, no breve espaço de uma entrevista, relatar os debates travados, mas recordo uma tarde memorável, em reunião a que estive presente o professor José Oiticica, na Casa de Ruy Barbosa. A discussão em torno das teses, sempre acesa tornou-se desse dia um agradável diálogo entre os congressistas, uma vez que o professor Oiticica pediu para ventilar alguns assuntos de linguagem e que pretendia debater entre os seus colegas. Não conhecia o professor Oiticica e a minha primeira impressão era de que tinha um urso diante de mim, tão hirsuto me pareceu. Logo ao iniciar o relatório da tese do professor Boudin, parou inesperadamente a leitura, dando sopros para todos os lados. Era que o professor Matos Peixoto, ao seu lado, fuma sencerimoniosamente. Oiticica levantou-se e veio para o lado oposto da mesa, exatamente onde me encontrava. O professor Matos Peixoto, longe de agastar-se com o gesto brusco de Oiticica, deu boas gargalhadas e ainda elogiou a alta qualidade do tabaco. Somente com a mudança de lugar pode José Oiticica

concluir a leitura de seu trabalho. Logo após, então, iniciou o diálogo com os congressistas, sobre assuntos gerais da língua, mas do mais alto interesse prático. De momento recordo-me os três pontos que abordou: a) tradução dos livros estrangeiros; b) tradução das legendas dos filmes; c) Registro Civil dos nomes próprios. Pode Oiticica discorrer longamente sobre o assunto, porque havia sido tradutor de muitas obras e de muitas legendas de filmes. Contou, por exemplo, que havia sido convidado pelo editor Vecchi para fazer a tradução de um livro determinado. A livraria ressaltava, logo, que o pagamento por página era de três cruzeiros, mas como se tratava do professor Oiticica, iria pagar-lhe excepcionalmente **cinco cruzeiros**. – “Meu amigo, teria dito Oiticica, quanto tempo o Sr. pensa que eu levo para traduzir uma página? Prefiro dar minha hora de aula a trinta cruzeiros”. Quanto à tradução de legendas de filmes, coisa que parece tão simples, tudo ainda mais se complica e é um problema muito sério e fez ele extensa exposição sobre o assunto. Ventilou, também, o caso do registro de nomes próprios. Acha Oiticica que nossos bons nomes – Maria, Joana, Josefa, Raimundo, Paulo, Pedro e muitos outros estão sendo relegados e substituídos pelas Arlete, Ninete, Juanita, Pepita, Mary e Peguy e tantos outros nomes estrangeiros. Lembrava ele, então, para resolver o caso, a nomeação pelo governo de uma comissão encarregada de preparar um Registro de nomes próprios, autenticamente portugueses. Depois da seleção feita, 2, 3, 4 ou 5 mil nomes (quantos fossem possíveis de selecionar) o governo baixaria um ato tornando obrigatório o uso de tais nomes. Cada Oficial do Registro ficaria com um volume. Quando o responsável comparecesse ao registro para legalizar a situação do menor e trouxesse nome do registrado, o Oficial recorreria ao seu Registro, e se ali não o encontrasse, não procederia à formalidade. Contra a ideia do professor Oiticica levantaram-se firmes os professores Celso Cunha, Gladstone Melo e mais alguns outros. Lembrei ao professor Oiticica a frase de Nietzsche (e o professor Oiticica é um grande conhecedor de Nietzsche e está traduzindo o *Assim Falava Zaratrusta*) – “o Estado é o mais frio dos monstros frios...” ao que ele respondeu que o maior inimigo do Estado era ele mesmo Oiticica, mas estava sujeito à contingência da vida. Por isso preferia que em vez das Ninete e Georgette, surgisse, por força da lei, um registro obrigatório e selecionado de nomes. Convém notar que tudo isso não passou de debate cordial, sem haver votação, pois o próprio professor Oiticica levantou o assunto apenas para a discussão entre os congressistas, sem pretender ir além desses limites.

**11.53 - ENTREVISTA: “COM CHARLES MORGAN EM PARIS” - ENTREVISTADOR: WIZNITZER, LUIZ<sup>130</sup>**

11 de dezembro de 1949

**REBATENDO O ATEÍSMO EXISTENCIALISTA DO HEIDEGGER – “SE DEUS MORREU O MUNDO TERÁ MORRIDO COM ELE”**

Fala o romancista de “Sparkenbroke”, sobre o momento intelectual – na Inglaterra – novo romance publicado e projetos do autor de “A fonte”

Paris – “Sparkenbroke” é “Fonte”, de Charles Morgan, são colunas mestras da literatura moderna, da mesma maneira que “Condition Humaine” de Malraux ou “Les Faux-Monnayeurs” de Gide. Mas Morgan não é desses escritores que dançam em cena aberta e que podemos encontrar no terraço dos cafés; é um pouco misterioso, um pouco legendário como Sparkenbroke. Quando pensamos nele imaginamos um castelo perdido na brama da Escócia ou uma capela ao sol da Itália. Além disso, pelo próprio ambiente de suas obras, pelos temas que ele agita Morgan isolou-se dos movimentos modernos. A pureza de seus personagens, à altura do seu pensamento, leva-nos longe do nosso mundo cotidiano. E, entretanto, trata-se de coisas bem reais, mas da realidade eterna e imutável dos ideais platônicos. Em Morgan, o amor é verdadeiramente amor, a arte verdadeiramente arte. Em seus heróis vive a essência e não a aparência transitória.

Ora, Morgan é, como se sabe, um grande amigo da França, para recompensá-lo por uma grande fidelidade, esse país acaba de nomeá-lo membro da Academia de Ciências Morais e Políticas. É o primeiro membro estrangeiro que dela passa a fazer parte, depois de Kipling.

Encontrei Charles Morgan no atelier do pintor Bret, que o retrata com o traje de acadêmico, o que nos leva a pensar em “Retrato num espelho”. Rosto de uma extraordinária nobreza, puro e belo, olhos azuis e límpido, traços suaves, fronte alta, cabelos brancos. Durante a nossa conversa ele não moveu a cabeça para não atrapalhar o pintor, e nessa atitude foi me respondendo tudo que lhe perguntei.

**A LITERATURA INGLESA ATUAL**

- Que pensa da literatura inglesa atual?
- Não lhe falarei, certamente de Aldous Huxley ou Graham Green. Penso que há uma nova corrente que se define. De meio século para cá as literaturas tem sido presas de uma vontade de desintegração. Penso que o novo movimento é um movimento de reintegração. Voltaremos a formas mais clássicas.

---

<sup>130</sup> WIZNITZER, LUIZ. Com Charles Morgan em Paris. Entrevistado Charles Morgan. **Folha do Norte**, Belém, 11 dez. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

Abandonar-se-á o verso livre. De agora em diante, as obras de artes, em lugar de serem fragmentos, pedaços mal ajustados, como até aqui vêm sendo, passarão a ter um sentido, um começo e um fim. Os jovens escritores ingleses tentam realizar um trabalho de síntese, de construção. Posso citar-lhe um escritor novo, Stuart Hunter, autor de dois romances que passaram despercebidos, o último dos quais "Cry of the mind" é, entretanto, muito sólido e cheio de promessas.

### A TÉCNICA DE UM ROMANCE

- Qual o seu último e o seu próximo livro?

- Acabo de publicar um romance, "Riverline", interessante, sob o ponto de vista técnico. Há duas histórias superpostas. Uma se passa em 1943, a outra em 47. Os aviadores ingleses pára-quadistas perto dos Pirineus conseguem fugir e retornar à Inglaterra, compreendendo, somente então, o verdadeiro sentido do que viveram em 1943. A história e a reflexão sobre a história desenrolam-se paralelamente. Os temas filosóficos do livro são: responsabilidade do homem ante a ação imediata, e como viver num mundo de violência.

Estou de partida para Toulouse, onde vou receber diploma de doutor "honoris causa", pela Universidade local; aproveitei a oportunidade para rever a região onde o romance se desenrola.

Quanto ao futuro, direi que trabalho em outro romance, esse muito longo, no qual deverei me ocupar muitos anos e cujo título ainda não escolhi.

### A TRADIÇÃO PLATÔNICA

Charles Morgan fala com forte acento oxfordiano e eu chego a ter vergonha do meu inglês "americano", embora correntio. É uma maravilha ouvi-lo falar no seu inglês doce, civilizado; temos a impressão de estar lendo Shelley. A distinção da fisionomia enobrece tudo quanto ele diz.

- Sente-se o senhor mais atraído pela França ou pela Itália?

- O caso é outro. Gostaria de visitar de novo a Itália, mas os problemas do câmbio são muito complicados. Geralmente, vivo em Londres, salvo quando estou repousando ou trabalhando na Escócia.

- No seu próximo livro Heidegger assegura que Deus morreu, que as ideias eternas de Platão estão mortas e entregues a si mesmos. Acha que ele tem razão?

- Ao contrário. Estou persuadido de que não tem absolutamente razão. Penso que marchamos de maneira lenta, mas segura, para uma reintegração O mundo é como uma roda: tem necessidade de um centro. Quando a gira muito depressa esse centro se torna imóvel, é um fenômeno físico. Mas sem o centro, a roda não pode girar, não existirá. Reúna todos os elementos de uma roda, será necessário um centro para ela tornar-se verdadeiramente roda. Esse centro é Deus, é o mundo platônico. O homem tem necessidade de refúgio, de uma origem. Quando nos achamos numa estrada, vimos de algum lugar e vamos para outro. Sem Deus o homem se sentirá sempre infeliz, abandonado, estará sempre insatisfeito, e é o que estamos vendo há mais de um século. Mas se Deus morreu

o mundo também terá morrido com ele. Não imagine que eu seja católico. Filio-me a uma tradição platônica, que tentou uma fusão com o Cristianismo (como Santo Tomás de Aquino). Sinto-me entretanto, mais atraído por Platão de que por Jesus. Mas chame-se o mundo eterno como se quiser, o absurdo é acreditar que ele tenha morrido.

## A MOCIDADE INGLESA

- A mocidade inglesa julga o senhor que se sente mais perto da Europa do que dos Estados Unidos?

- Evidentemente isso depende dos indivíduos. Eu, pessoalmente, sou francófilo. Mas, na maioria, a mocidade inglesa pelo caráter e o temperamento se aproxima da mocidade americana. Todos os ingleses não são francófilos, da mesma maneira que todos os franceses não são anglófilos. Os velhos rancores da guerra dos Cem Anos e de Napoleão subsistem ainda, infelizmente. O que precisamos fazer é civilizar essa América da qual devemos aproximar-nos cada vez mais para a salvação de nosso próprio país. Os americanos compreendem com muita rapidez e utilizam-se de tudo com mais rapidez ainda. Devemos ensiná-los a andar mais devagar, a “slow down”. Aliás, creio que a estabilidade política será assegurada pela “entente” França, U.A. e Inglaterra. Cada um desses países tem algo que o outro não possui. A calma e a segurança inglesa, o gênio vivo e a cultura francesa, a força bruta e a técnica americana: os três países completam-se.

- Pensa que Platão tenha concebido suas “Ideias” como imutáveis e eternas ou capazes de transformar-se, de evoluir, como as coisas terrestres?

- Creio que as “Ideias” de Platão são eternas, mas as aplicações é que variam. A Justiça, a Beleza, em si mesmas, não mudam; mas nossos cânones, nosso critério mudam...

(O platonismo de Morgan é bem conhecido. Foi ele, talvez, o primeiro romancista que soube recriar o verdadeiro amor platônico. Mas em que medida é ele fiel a Platão? A leitura de Parmênides põe de novo em foco todo o platonismo e pode-se perguntar se Platão não ultrapassou sua própria concepção. Em “Viagem”, “Fonte” “O Juiz Gaskony”, Morgan agitou esses problemas. Sua ideia mais bela é, sem dúvida, a ideia platoniana de que dois seres amando-se (quer seja amizade ou amor) criam, sem saber, uma essência que os ultrapassa, uma Hipostase, um ser do qual não são senhores e que de qualquer maneira, guiam-lhes o amor ou a amizade). Mas voltemos ao nosso questionário.

- Que pensa da especialização que domina tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra?

- A juventude anglo-saxônica começa a desconfiar da especialização. Evidentemente, a Sorbonne, Oxford, Harvard estão ainda preservadas dessa tendência. Mas na maior parte das Universidades ela predomina e se intensifica cada vez mais. Fiz conferências nos Estados Unidos e pude observar que os sábios se sentem isolados nos seus ramos de especialização e como que perdidos. As Universidades tornam-se “technical training schools”, justamente o

contrário do ideal da Universidade. As matemáticas não dispensam a física e a lógica e o mesmo acontece com outras ciências. O verdadeiro sábio deve alcançar com seu olhar vários domínios. O mais grave obstáculo é o das diferentes línguas que se [ ] nas ciências, esses sinais cada vez mais complicados e diferenciados que tornam os sábios estrangeiros uns perante os outros.

- Que pensa do mito americano do Middle man, do homem médio?

- É uma catástrofe. Para fazer dos homens semi-homens, homens médios, é preciso dirigir a vocação de maneira a obter a uniformidade, e retirar-se, assim, toda possibilidade de êxito aos estudantes excepcionais; será preciso mesmo estabelecer a censura severa, uma grande vigilância nos livros e nos jornais. É o que se dá na Rússia e não compreendo como querem certos americanos chegar ao mesmo resultado. O mundo do homem médio seria um triste deserto.

- Acha que a vida literária inglesa se assemelha à francesa?

- Absolutamente. Não há os mesmos contatos entre os escritores e o público e os escritores entre si. Não se sabe grande coisa sobre a vida privada dos intelectuais, não há interesse pelos escândalos que eles venham suscitar, interesse que aqui na França, talvez seja um pouco excessivo. Lêem-se-lhes os livros e é tudo. Não grande número de revistas literárias, nem cafés literários. Outrora certos jornais, como o "Times", apareciam com 40 páginas e publicavam além das notícias, romances, poemas. Hoje, o espaço dos jornais é tão reduzido, que se limitam a publicar as notícias. Há realmente, algumas revistas literárias, publicadas por "coteries". Quanto a mim, confesso-lhe que odeio toda espécie de "coterie".

- Já foi o senhor tentado pelo hinduísmo, como Aldous Huxley ou Maugham? Parece-me que Platão pode conduzir por esse caminho.

- Conheci muito pouca coisa do hinduísmo, mas sou um familiar do budismo. Todavia repito-lhe, não aprecio as religiões na medida em que elas se tornam igrejas, "coteries".

- Quais os escritores ingleses que mais o influenciaram?

- É uma coisa que não se pode resumir em poucas palavras. Julgo dever muito a Shelley, Kipling e Thomas Hardy.

- Que pensa das diferentes teorias artísticas que se vêm sucedendo no mundo?

- A arte é eterna, mas é como um espelho que entendemos a realidade. A posição em que mantemos o espelho modifica-se de dez em dez anos. O surrealismo, o existencialismo tem sido espelhos deformantes, desintegrantes. Devemos entender o espelho agora de uma maneira mais direita, mais equilibrada. O grande artista independe da escola e da teoria a que se filia. Afirma-se através dela, mas não é a ela que se afirma ou justifica".

Não quis perturbar por mais tempo o pintor. Perguntei a Charles Morgan se não se mostra otimista quanto ao caminho que o mundo seguirá. Sem dúvida, o escritor distingue o bom caminho, mas não vê os homens prontos a segui-lo. Antes de humanizar a humanidade, será preciso ainda um dilúvio pelo menos. Mas o diabo é que, depois desse dilúvio a humanidade continuará no mesmo.

**11.54 - ENTREVISTA: “A PALAVRA DE HEIDEGGER” - ENTREVISTADOR: WIZNITZER, LUIZ<sup>131</sup>**

18 de dezembro de 1949

AS PRIMEIRAS REVELAÇÕES DO GRANDE FILÓSOFO ALEMÃO, APÓS TÃO DILATADO SILÊNCIO, FEITAS, ATRAVÉS DESTE ARTIGO, EM SUA CABANA, NO CORAÇÃO DA FLORESTA NEGRA – PÁGINAS DO PRÓXIMO E AGUARDADO LIVRO DE HEIDEGGER, SERÃO DADAS A CONHECER, ANTES DE SUA PUBLICAÇÃO AOS NOSSOS LEITORES.

São raros e felizes aqueles que, na história, puderam aproximar-se de Platão, Descartes, Kant, e receber deles pessoalmente seus ensinamentos. Jamais poderia eu esperar encontrar-me com Heidegger, sobretudo dada a circunstância de que o segredo fechado envolve o seu endereço e que raras são as pessoas que o filósofo recebe. As lendas tecem coisas dizendo-o inacessível. Heidegger é sem dúvida o maior filósofo vivo. Que se esteja de acordo ou não com sua filosofia, resta o fato de que o seu pensamento contribuiu muito para a formação de filósofos e escritores modernos como Wahl, Sartre, Camus, Merleau-Ponty, Gabriel Marcel, e o (sic) mesmo Lessenne, Lavelle, isso considerando apenas a França. As revistas, os livros do mundo inteiro estão cheios da palavra “existencialismo” desde há alguns anos e os sistemas, escolas e controvérsias não cessam de aparecer. Será Sartre fiel a Heidegger? Qual é a posição de Jaspers diante de Heidegger? E outras mil questões se esboçam sobretudo no que diz respeito à moral. Não vou aqui apresentar Heidegger, nem resumir seu pensamento. Vou somente narrar o nosso encontro.

**A PROCURA DE HEIDEGGER NA FLORESTA NEGRA**

Entre os poucos visitantes que ele recebe, conta-se Beaufret e Wahl, que me indicaram o seu endereço. Fica no ducado de Baden, velha cidade universitária: Freiburg, onde outrora ensinava Husserl. Dirigi-me diretamente à casa de Heidegger, um palacete gracioso em Reibruckwer, mas ali não encontrei senão seu filho que me disse que o professor Heidegger mora a trinta quilômetros de Freiburg, na Floresta Negra, sobre o Todtnauberg, numa cabana de esquiadores e no mais completo isolamento. Esse filho de Heidegger está estudando Direito. Acabamos fazendo a viagem juntos. Ele precisava levar ao pai um cesto de provisões, salada, legumes e frutas. Tomamos uma “charrete” e partimos através dessa magnífica e sombria Floresta Negra, um babwratzwald. Um nevoeiro espesso escondia o caminho e envolvia a paisagem à medida que subíamos a estrada serpentina do Todtnauberg. Enfim chegamos ao cume, 1.200 metros, tivemos que saltar do veículo e subir o resto a pé. O silêncio, o ar puro, o perfume dos pinheiros, a erva úmida contribuíam para uma atmosfera extraordinariamente serena e na qual se diria reinar um Deus. Com efeito, a breve

---

<sup>131</sup>WIZNITZER, Luiz. A palavra de Heidegger. Entrevistado Heidegger. **Folha do Norte**, Belém-PA, 18 dez. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

impressão não de ir ver um pensador como Benedetto Croce, como Bertrand Russel, mas sim um gênio da terra, um feiticeiro vivendo num esconderijo secreto.

### **DIANTE DE HEIDEGGER EM SUA CABANA**

E depois, foi simples e inesperado. Uma casa tosca de madeira, de cortinas verdes; uma senhora idosa, Madame Heidegger nos abriu a porta, me recebeu e cercado-me de atenções me fez sentar. Pouco depois, Herr Professor Heidegger entrou. Um homem pequeno, não muito velho (fizera 60 anos alguns dias atrás), trajando roupas de caça, conforme o uso da região, meias até os joelhos, boné preto de onde se escapava uma mecha de cabelos brancos. O quarto era baixinho, rústico, mobiliado à moda típica da região; uma mesa de madeira tosca coberta com uma toalha bordada, um cuco, um aparador com poucos livros (Heidegger lê pouco) e uma horrível gravura de Hebel.

### **O FILÓSOFO VIVE NA CABANA DE MARÇO A NOVEMBRO**

Heidegger vive nessa cabana, de março a novembro e passa o inverno em Freiburg. Como ele ensinou durante o regime de Hitler, ficou proibido de ensinar depois da guerra. Mas recentemente foi desnazificado e as autoridades francesas lhe permitem novamente lecionar; apesar disso, a universidade nada decidiu ainda a respeito. Eu disse a Heidegger que vinha do Rio, mostrei-lhe diversos números de “Letras e Artes”, falamos da faculdade de filosofia, de Sartre e então fiz-lhe umas perguntas. Até ali falávamos em alemão, mas nesse momento eu tive que fazer perguntas em francês, enquanto ele me respondia em alemão.

### **A LINGUAGEM ESPECÍFICA DA FILOSOFIA DE HEIDEGGER**

Há uma linguagem específica, na filosofia de Heidegger. Os estudiosos de sua obra conhecem de sobejo a complexidade em que ele se apresenta. Vários neologismos foram criados por Heidegger, enquanto ele dá sentido inteiramente novo a certas palavras frequentes da língua alemã.

É assim, por exemplo, que ele emprega em sua obra, e frequentemente aparece nesta entrevista, a palavra “Dasein” (Dasein), que não se deve traduzir por existência, pois ela exprime a realidade humana no homem. Dasein refere-se ao ser humano entre todos os seres existentes integrado na comunidade histórica e social. Este vocábulo, como tantos outros, tem na obra de Heidegger significado específico.

A expressão “ser situado”, e não “existência”, é a mais adequada para significar a palavra “Dasein”, esclarecendo-se que o pensador germânico quer com ela exprimir precisamente o enraizamento do homem na comunidade. Daí não se tratar apenas da realidade humana que o termo “existência” traduz perfeitamente; mas esta realidade situada no tempo e no espaço da criatura que se liga a outras criaturas e que se afirma através da angústia e do cuidado a “Sorge”.

Segui-lo, pois, e compreendê-lo no decurso da palestra, foi um esforço terrível, pois a abstração extrema de sua terminologia e nessa língua difícil que é o alemão, desafia toda a argúcia de quem o ouve.

Das suas respostas resultam não somente afirmações precisas sobre o seu pensamento, como também algumas afirmações ainda desconhecidas, não

somente na América do Sul, como no mundo inteiro, e que somos o primeiro a divulgar.

– Uma filosofia do absurdo pretende que cada ato é único, individual, que o homem é aquilo que ele se faz, que cada ação sendo absolutamente nova deve ser julgada independentemente de todo o critério geral. Em nome do que se poderá, então, fazer julgamento de valor?

- Essa questão peca pela base. Foi concebida na perspectiva de Jean Paul Sartre, que isola o Dasein (ser situado), que separa o homem dos outros homens e do mundo. O homem não é apenas aquilo que ele se faz. Ele é também aquilo que ele se “faz-com-aquilo-que-se-fazem-os-outros-e-no-mundo. Não há aglomeração, vizinhança, continente e conteúdo. O homem não é um subjetivismo. Ele é objetividade, ele está ligado fundamentalmente (“in Crunde”) aos outros Dasein (seres situados). Ele não está no mundo como um sabonete numa caixa; ele está ligado a este mundo e não é mais do que um com ele, e por conseguinte sua ação não poderá ser interpretada de modo isolado, mas sim em relação com a situação histórica do Dasein e sua situação social. A ação pode ser julgada em função da fonte que é o passado e da fonte de historicidade que está no futuro. O que nos interessa não são os fatos individuais, mas as condições e as possibilidades. A história das possibilidades é um conjunto de elementos únicos e de elementos que se repetem; a história preocupa-se em por em relevo esses últimos e é a única possibilidade que temos para descobrir o universal dentre o único, o geral dentro do particular, de extrair uma lição e apresentar as regras.

### **ANGÚSTIA E O FUNDAMENTO DE UMA ÉTICA**

- O senhor distingue entre aqueles que vivem na autenticidade e aqueles que vivem na inautenticidade; os primeiros são aqueles que constituem a presa de angústia. Será que a angústia pode fundar uma ética?

- Não se trata disso. A angústia restitui ao Dasein (ser situado) o sentido e o sentimento de sua ligação estrutural com o Sein (ser). Ela revela a precariedade da nossa condição original, nosso “abandono”, nossa “facticidade”. Na angústia, o homem, perdido no “se” anônimo, recupera sua autenticidade. Ela conduz o homem ao encontro de si mesmo. Eis tudo. Ela não diz nada, ela não ordena. Ela incita a retornar-se a si mesmo, a se perguntar a si mesmo. Ela não responde, nem resolve nada. Ela é indeterminação pura. Não se pode extrair nada de positivo dela, nenhum conteúdo, nenhum imperativo, nenhuma moral. Não se encontrará na angústia a escolha de uma conduta a seguir.

- O senhor se preocupa longamente com o poeta Hölderlin e com Empédocles porque, segundo lhe parece, eles viveram de modo particularmente autêntico. Quais são as outras personagens da história e da literatura segundo as quais o senhor experimenta uma aproximação profunda, e que segundo o Senhor, conheceram a vida autêntica?

- Pode-se dizer que todo grande poeta, todo pensador, viveu de modo autêntico.

### **OS QUE CONHECERAM A VIDA AUTÊNTICA**

- Mas os professores de filosofia não são sábios?

- O senhor quer divertir-se. Eu não lhe falei em professores de filosofia e prefiro não falar (Heidegger ri cordialmente). Mas posso citar-lhe Van Gogh, por exemplo, e Goethe em sua idade mais avançada, no fim da vida. Temos ainda Rilke, o velho Rilke. É significativo que só nos anos mais avançados se atinja o autêntico, como se devesse levar muito tempo para compreender certas coisas.

### **UM VELHO, PRISIONEIRO DE GUERRA NA RÚSSIA**

Um silêncio longo. A conversação volta para a vida de Heidegger. Ainda tem um filho que é prisioneiro de guerra na Rússia e uma filha mãe de três crianças.

Pergunto-lhe se não pensa que Kafka é o escritor cujos heróis e cujo “clima” melhor ilustram seu pensamento.

- Lamento muito, porém, jamais li algo de Kafka. Muitos amigos e discípulos me dizem frequentemente isso mesmo, mas nunca tive ocasião de ler suas obras capitais.

Aproveito para contar a Heidegger o enredo de *Metamorfose* e de *O Processo* ou “Schuldfrage”, a questão da culpabilidade fundamental que é tratada como um (sic) “Sein und Zeit”. Depois eu pergunto:

- O Dasein (ser situado) realiza sua “existência” sem ter escolhido seu “existir”. Ele aceita o viver “finito”, limitado e assume ao mesmo tempo a responsabilidade. Ele torna-se fundamentalmente culpado. Crê que há, para o homem, um meio de se salvar? O que o senhor pensa não se aproxima da ideia de Lutero que via para o homem uma única salvação: a sua destruição?

- O homem está salvo pelo simples fato de existir e de coexistir. O Dasein é transcendência. A transcendência o integra no mundo, lhe dá um sentido, uma estrutura, uma unidade. Pela transcendência, o Dasein não se cria somente, a si mesmo, mas ainda cria o Mundo, porque os seres inanimados e ele mesmo se ligam em uma totalidade que ele organiza e de quem aqui eles recebem inteligibilidade e existência. O objeto não se explica senão pelo universo, que por sua vez não se explica senão pelo Dasein (ser situado). Assumindo sua transcendência, assumindo sua culpabilidade fundamental, o homem se destrói e se justifica. Em alemão, culpabilidade se diz “Schuld” e que também quer dizer “dívida”. Pagando sua dívida, o homem apaga a “Schuld”, a culpabilidade.

- A análise de uma existência humana como a do senhor, leva, pelo método fenomenológico, a um tema universal que diz respeito a existência humana? Por que essa tese valeria por toda a existência humana? A análise de uma outra existência particular não poderia levar a uma tese geral contradizendo a do Sr.?

- Eis mais uma questão concebida na perspectiva de Sartre que faz do homem uma ipseidade. Não se trata, para mim, de criar uma antropologia. Eu faço Filosofia. Não analisei tal psicologia particular. Analisando uma existência, analisei alguma coisa objetiva, as características que são de todas as existências. Não vejo que outra teoria se poderia construir, que teoria contária (Sic). Na verdade não vejo, não posso imaginar. Já respondi uma questão desse gênero em um artigo em “Die Welt” de Hamburgo, e o meu amigo Dr. Bimel respondeu por mim numa introdução que ele fez para a tradução “Sein und Zeit”, que acaba de aparecer no editor Vrin.

A filosofia de Heidegger é sombria, é pessimista. O homem é atirado ao mundo sem o ter desejado, é aí abandonado, tem que se fazer por si mesmo e se ultrapassar até conseguir um objetivo que esconde sempre um outro, e assim até a morte, que não é exterior para nós, mas que é inerente e morre em nós como um câncer, como uma flor. O homem é Cuidado (Sorge), preocupação, ele é insensato e inútil. Entretanto na casa de Heidegger lê-se a inscrição feita por ele:

Behuete dein herz  
Mit allem Fleiss  
Denn Daraus Geht  
Das leben

Cuida do Coração  
Com o maior desvelo  
Pois daí parte  
A vida

Há, portanto, uma espécie de ética heideggeriana, uma forma de viver do sábio ou antes do homem autêntico. Esse homem será tolerante; ele cumprirá a tarefa cotidiana, compreendendo inteiramente a nulidade e o não-valor. Todas as tarefas serão submetidas à aceitação do nosso Nada. Ele viverá na angústia, no conhecimento de si mesmo, na lucidez. Não é o conhecimento longe da pedra de Sísifo de Camus, e mesmo do estoicismo. Entretanto, nestes últimos tempos Heidegger evoluiu. Parece que ele encontra uma fresta na transcendência Humana, um fim; a identificação com a Terra. A terra concebida como em Goethe, como Divindade, como força de onde surgimos e para onde voltamos, como a MA dos antigos. Empédocles reuniu-se a esse deus, a Terra, atirando-se ao Etna. Ele voltava assim ao Olímpio, sua verdadeira morada. Para Heidegger, parece que o homem deve se aproximar da terra e poder encontrar um sentido nela e uma justificação. Eu ainda lhe perguntei:

- Para as pessoas que vivem na angústia, que são conscientes disso, não é preciso de imperativos. Mas para a multidão das outras, para aqueles que vivem na superfície de si mesmos, perdidos no “se” que se acham à mercê de qualquer palavra de ordem, não lhes seria necessário uma moral, imperativos que os mantivessem no bom caminho?

- Eis uma pergunta pertinente, mas difícil de responder. Há graus de conhecimento nessa gente, em sua experiência, na sua necessidade de uma moral. Há degraus (stufen) em uma necessidade de uma moral e no conceito de tal moral. Criar uma ética com todas as peças, como um Deus Ex-Machina é coisa ridícula, e inútil. Manter os homens no bom caminho? Que bom caminho? O melhor a fazer é incitar os homens, persuadi-los, insuflá-los para que enfrentem sua angústia e retornem ao autêntico. É lá que eles se reencontrarão e encontrarão um critério para a sua ação. Não se trata de dar falsas soluções, mas de despertar a inquietação onde poderão achar as verdadeiras.

### **A POLÍTICA NÃO PODE SER SEPARADA DA FILOSOFIA**

- Pensa que à política deve ser ligada a filosofia como o queria Platão ou que ela deve ser uma ciência independente e isolada com o queria Machiavel?

- A política não pode ser separada da filosofia. Uma política tem sempre uma metafísica implícita, mesmo quando a dissimula. A política não pode ser separada de outros domínios da atividade humana. As ciências modernas que praticaram essa vontade de isolamento mostraram até onde isso leva.

### **O NOVO LIVRO DE HEIDEGGER**

Heidegger me fala de seu livro que deve sair dentro de um mês e de cuja existência todo mundo ignora. Será em parte sequência de “Sein und Zeit”, e que se espera há anos. “Dis Holzwege”, isto é, literalmente “Os Caminhos do bosque”, mas em sentido figurativo: caminhos que iludem, estar num “caminho do bosque”, segundo um adágio da terra, é estar numa trilha errada. Os diversos capítulos, que constituem esse livro denominam-se: “O tempo e a imagem do mundo, A concepção hegeliana do conhecimento”, “O Deus está morto de Nietzsche”, “A palavra de Anaximandro”.

O livro começa assim: A palavra “bosque” significava antigamente “floresta”. Na floresta há caminhos, que, invadidos pelos arbustos, ficam sem saída. São os caminhos da floresta. Muita gente percorre as florestas, e todas essas veredas se assemelham. Mas isso é mera aparência. Os guardas da floresta, os lenhadores, conhecem, porém, essas sendas e sabem o que significa “estar num caminho da floresta” (isto é, estar iludido).

Estas linhas contêm os temas que são tratados no livro novo de Heidegger, algumas páginas do qual, em breve, os leitores irão ler em primeira mão, antes de quaisquer outros, dentro em pouco enviarei essas páginas. Muitos pontos obscuros da filosofia de Heidegger são esclarecidos ali, muitas das dúvidas “eliminadas” e sua posição diante de Hegel e Sartre e de outros afirmada de modo preciso. A evolução de Heidegger também se evidencia e se sente em seus “Caminhos do bosque” abstração e a Terra.

### **RECUSA DE UM CONVITE PARA IR A BUENOS AIRES**

Perguntei-lhe porque recusou a cadeira que lhe foi oferecida em Buenos Aires e ele me explicou que recebe convite de toda a parte para fazer conferências, mas que deseja permanecer em Freiburg. Se lhe permitirem, ensinará novamente na velha universidade. Possui alguns alunos fiéis que o visitam e outros que lhe escrevem. Antes de me conduzir até a porta, mostrou-me um livrinho que lhe ofereceram, recentemente, e que se tornou seu livro de cabeceira: “Le Petit Prince”, de St. Exupéry, edição francesa. Heidegger adora esse livro e contempla-o ternamente e diz: “é a estrela da filosofia técnica”... Ainda me será preciso uma página para descrever o olhar, a gentileza e a fronte de Heidegger; a simplicidade de seu refúgio, os poucos livros, minha comoção nos últimos momentos de deixá-lo. Tudo aquilo fora como um sonho. Eis que a família me diz adeus. Volto através dos atalhos da floresta e o carro torna a descer em direção a Freiburg. Se como dizia Barres, há lugares onde sopra o espírito, ali era um desses lugares.

**11.59 - ENTREVISTA – “JÁ LEU O DISCURSO SOBRE O MÉTODO”?  
ENTREVISTADOS - COLETTE, SIDONIE GABRIELLE ET. AL <sup>132</sup> -**

19 de fevereiro de 1950

Todo o mundo culto se prepara para celebrar, este ano, o tricentenário da morte de René Descartes. Pareceu-nos interessante, por isso, reproduzir, aqui, as respostas que vários intelectuais franceses deram, há tempos, à pergunta, que lhes fez “Les Nouvelles Litterature”, sobre se haviam lido o “Discurso sobre o Método”.

Essa pergunta desdobrava-se em duas outras:

1ª.) Lestes integralmente o “Discurso sobre o Método”?

2ª.) Costumais relê-lo? Por quê?

As respostas variavam bastante, como abaixo se verá:

De COLETTE – Não, não li o “Discurso sobre o Método”. A pergunta desperta, porém, em mim, alguma curiosidade e um vago amor próprio. Assim não é inteiramente perdida a esperança de que eu o leia algum dia.

De JEAN POUILLON – Nunca li o “Discurso” todo, mas releio-o frequentemente. É um leve e encantador romance-confissão, muito mais preciso do que o “Adolfo”, porém, mais falso. Penso que Descartes está algures.

De BERNARD SHAW – Raramente penso em Descartes, embora considere seu retrato da National Gallery um dos nossos tesouros e tenho constantemente diante de mim a fotografia dele.

De ANDRE BILLY – Integralmente! Por que não? O “Discurso sobre o Método” não tem cem páginas. Não o releio há mais de seis anos. Relê-lo é bem de vez em quando, para tomar um banho de probidade e de liberdade intelectual.

De PAUL CLAUDEL - Vossa pergunta inspirou-me a ideia de reler, ou melhor (sejamos honestos), de ler o “Discurso sobre o Método”. Foi o que acabei de fazer, de ponta a ponta. E isto permite responder-vos, imediatamente, com toda segurança: Não, o Descartes não é um grande escritor! Muito antes pelo contrário.

“O francês de Descartes não é o idioma natural dele: esse idioma era o latim, o latim de cozinha, ao qual ele está sempre voltando, sem querer”.

Em seguida, Claudel desenvolve um largo raciocínio para provar que Descartes não é, também, um mestre na arte de pensar.

O que lhe parece simpática em Descartes, é sua coragem intrépida e sua confiança ingênua – aliás louvável – na razão humana, da qual ele não se serve,

---

<sup>132</sup> COLETTE, Sidonie Gabrielle *et. al.* Já leu o *Discurso sobre o Método*? **Folha do Norte**, Belém, 19 fev. 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1. Essa enquête publicada na revista *Les Nouvelles Littéraires* pelo tri-centenário de morte de Descartes, querendo saber quem havia lido a obra do filósofo racionalista francês é republicada no “Suplemento Arte Literatura”, em que vários intelectuais dão sua opinião, tais como: Sidonie Gabrielle Colette, Jean Pouillon, Bernard Shaw, André Billy, Paul Claudel, Daniel Rops (Henri Petiot) , Tristan Bernard, Marcel Achard, Luc Durtain (André Robert Gustave Nepveu), Lucie Delarue-Mardrus, R. P. Serth. Langes.

pelo menos no “Discurso”, de forma particularmente notável, segundo entende Claudel.

Terminando, diz Claudel: “Que os matemáticos celebrem, pois, a memória deste grande homem, que lhes pertence de corpo inteiro. Quantos aos escritores, estes não lhe devem absolutamente nada.

De DANIEL ROPS – Se releio ainda – e mais ou menos uma vez por ano – o “Discurso” do caro adversário, é porque encontro nele um método de disciplina intelectual e de rigor para com o seu próprio pensamento. Os métodos de Descartes não me interessam mais do que a posição cartesiana e, sobretudo, a subfilosofia de seus discípulos e imitadores contemporâneos.

De TRISTAN BERNARD – “Discurso sobre o Método” é o meu livro de cabeceira.

De MARCEL ACHARD – Sim, li-o há muito tempo. Entreabri-o depois, várias vezes, com um pouco de melancolia, admiração pelo intelectual que eu era e que acreditava tê-lo perfeitamente compreendido.

De LUC DURTAİN – Li cinco ou seis vezes essa obra. O que encontro em Descartes é um testemunho de honra do pensamento. Uma espécie de música erótica, como a Nona Sinfonia de Beethoven. É sempre uma razão desse contato com o absoluto, com que tão raramente os escritores se preocupam e que, entretanto, [...] e que eles podem compreender de melhor nos homens.

De J. H. ROSNY – Senhor – Sim, li-o integralmente. Releio-o, por vezes, parcialmente. Gosto do tom de Descartes de seu poder, de suas intuições.

De LUCIE DELARUE-MADRUS – Li-o na época escolar em minha juventude, e nunca mais senti necessidade de relê-lo. É-me impossível amar um filósofo que quer encerrar tudo na caixinha da razão, quando o misterioso e o desconhecido estão por toda parte, em que pese ao nosso orgulho insensato de pedantes.

De R. P. SERTILLANGES – Descartes é o mestre de todos nós. Quem não se reconhecesse como seu devedor, ou seria muito ingrato, ou teria muito pouca cultura. Tudo o que podem dizer, os que mais dissentirem dele, é que eles têm, também, outros mestres. É o meu caso. Mas isto nada diminui minha gratidão e minha admiração. Pois creio, de mais a mais, que os gênios são irmãos, por mais diferentes que pareçam, e que, se seguirmos cada um deles até o fundo do poço que haja furado, poderemos encontrar, através de galerias subterrâneas, os poços abertos pelos demais.

**11.60 - ENTREVISTA: “FERREIRA DE CASTRO É NOSSO” – ENTREVISTADORA: ENEIDA DE MORAES<sup>133</sup>**

26 de novembro de 1950

O AMAZONAS CORRENDO. UMA NOITE. EM PLENOS CAMPOS ELÍSIOS - A DOCE VOZ BRASILEIRA – TULHERIAS E NOSSA SENHORA DE NAZARÉ – PEÇO LICENÇA PARA MANDAR RECADOS – LITERATURA – UM HOMEM SIMPLES – UM POUCO DE BIOGRAFIA – UM POUCO DE MEMÓRIAS – CORRESPONDÊNCIA – A DOCE HISTÓRIA DA JUCA, “AQUELA MULHER” – MEDO DA INJUSTIÇA – “NÃO, ISSO VOCÊ NÃO VAI CONTAR” – VERSOS QUE NÃO VALEM NADA – UMA AFIRMATIVA QUE É SEGREDO – VIAGEM AO BRASIL – OH! A MULATA!

Paris, Junho. Esse encontro, um dos mais interessantes que já tive na vida, vai naturalmente agradar do Oiapoque ao Chuí, como nos hinos.

Começo de conversa: li, casualmente num jornal que Ferreira de Castro, o grande romancista português da Amazônia, havia autografado, nas vésperas numa livraria, seu novo livro. E mais dizia o jornal: “Ferreira de Castro ficará ainda uma semana nessa cidade”. Imaginei logo o prazer de toda gente e principalmente daquela querida Belém do Pará, onde passei um mês antes de embarcar para Paris, ao saber que uma filha da terra conversara, vira, falara com o romancista. (como e quanto falamos da terra, das gentes, das comidas, dos hábitos...). Mas onde encontrar Ferreira de Castro? Corro daqui e dali, até que afinal um amigo comum marca-nos um encontro. Não pude comparecer, mas ganhara seu telefone. Começa a nossa amizade. Hoje, amanhã, hoje, amanhã: o homem de *A Selva* sempre cheio de outros encontros, outros compromissos e eu esperando, pacientemente, até que aconteceu e foi num sábado de uma tarde bonita, se bem que os relógios marcassem 21 horas. Um grande sábado para esta escritora. Antes o Senhor e Senhora Simas Ferreira, um agradabilíssimo casal, homenageara-me como em bate papo de despedida, coisa bem brasileira, como Copacabana e mar batendo, pedaços do Jardim Botânico em um certo ar de samba, comovedor. Eles partem depois de vários encontros com toda a Europa, o Boulevard Sant Michel estava cheiíssimo. (Sábado, vocês compreendem, é dia em que todo mundo no bairro toma banho, e depois sábado e sábado, em qualquer país do mundo: um tom de farra em perspectiva; uma bruta alegria de não fazer nada no domingo...) Mas Ferreira de Castro estava a minha espera nos Campos Elísios, num Boulevard bem diferente deste St. Michel, propriedade de estudantes e pequenos burgueses empobrecidos. Um taxi (sim e porque não? a tarde estava bonita demais para o aprisionamento sem a paisagem do metrô) e lá encontro Ferreira de Castro num café, Avenue Montaigne, junto ao hotel em que se hospeda. A seu lado uma Senhora simpaticíssima, Louise Delapierre. Uma tradutora para o francês. Vão imaginando a cena: nunca nos tínhamos visto, se

---

<sup>133</sup> ENEIDA. Ferreira de Castro é Nosso. Paris. (Especial para a Folha do Norte) Entrevistado Ferreira de Castro. **Folha do Norte**, Belém, 26 nov. 1950. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

bem que fosse de uma semana já nossa camaradagem pelo telefone. Entro (é verdade que o porteiro do Hotel que para tal recebera ordem, acompanhava-ma) e caímos nos braços um do outro, num daqueles abraços de velhos amigos. Ferreira de Castro não pode negar: “Você é bem do Amazonas”. Entre parênteses: se há elogio que me alegra é esse, o de ser chamado cabocla, se bem que muitas vezes me intitule de mulata e que afirme em certos momentos: “nós os negros”... Começa assim diante de uma xícara de café a noite Ferreira de Castro. Ele vai falando de sua vida, de seu passado, de amor enorme que guarda pelo Amazonas, por Belém do Pará, pela gente do Brasil.

Paris deixou de existir: Apenas as grandes xícaras de um outra café, tão diferentes de nossa xícaras e de nosso café, afirma que o país é outro. Em pleno Campos Elíseos corre o Amazonas: desde a tartaruga que Ferreira de Castro sabe como e de quantas maneiras se prepara para comer, até o açaí, as cidades, os rios afluentes. “Paraíso, aquele seringal onde nasceu *A selva* e onde o romancista viveu.

Louíse de Lapierre afirma: - “mas a tartaruga é um bicho feiíssimo”.

Eu traço a concepção de beleza é diferente para cada indivíduo – Eu, por exemplo acho a tartaruga belíssima.

Novo assunto para que Ferreira de Castro diga, não só da “beleza” da tartaruga, como de suas qualidades, como vive, como procria, como o caboclo lhe encontra os ovos. Fico a examinar o romancista: É fisicamente um caboclo Amazônico, baixo, atarracado, riso largo de dentes brancos, pele cor de chumbo, maçãs de rosto salientes, cabelos lisos e ralos.

Eu – você sabe que parece com caboclo?

Ferreira de Castro ri, contente: - Em Portugal dizem também isso. E já falei a doce língua de vocês. Sim, porque o Português que vocês do Brasil falam é doce, muito mais doce que o nosso. Vocês [elegem] as palavras.

Contei-lhe os novos termos que ora encontrei em Belém, anotações que levarei ao Aurélio Buarque), contei histórias novas de caboclos e presenteei-o com um S. Benedito que levava expressamente para que Ferreira de Castro visse [esse] [novo] aspecto paraense: até agora não tínhamos na terra a cultura popular esta começa a surgir com uns bonecos primitivismos e muitos divertidos, quase sem forma humana. (Um assunto que contarei um dia, se o técnico pintor Augusto Rodrigues permitir). Que alegria teve Ferreira de Castro. – “Mas é de Belém, mesmo”. E como é isso? Lá vamos agora pela arte do povo: falamos dos A.B.C que ele recita dos calengas de Recife e Bahia.

Fomos levar, depois, numa estação de metro, Louise Delapierre. Agora Ferreira de Castro pergunta-me – você quer ir as Tulherias ver a kermesse das estrelas? Respodi: - vou a qualquer lugar, contanto que você me renda uma entrevista. Quero contar histórias suas para o Brasil.

Tulherias, Muita luz, muita gente, filas e mais filas para comprar entrada, um speaker anuncia crianças perdidas e crianças achadas. Grande entusiasmo pela chegada das “vedetes”, gente de rádio, cinema, teatro e até da Academia Francesa. Ferreira de Castro fuma nervosamente, cigarros sobre cigarros. De repente, num muito brasileiro exclama: - que serviço mal organizado!

Começo a rir.

Ferreira de Castro – De que ri você? Há três anos que eles fazem essa festa: já tinham tido tempo de aprender como organizá-la.

Eu – Rio. Por que você parece nós os do Brasil. Protestamos sempre.

Ferreira de Castro – Nós portugueses também. Mas por favor não vá se perder.

Não me perde, tanto o interesse em conversar com o homem que escreveu [o caso real], profundamente a tragédia da borracha, do seringal, do seringueiro, do Amazonas.

Quando entramos, depois de meia hora de espera daquilo que aqui se chama “kermesse” e teri [mútuas] naturalmente guardadas as proporções).

Ferreira de Castro segredou-me:

- Não lhe parece a festa de Nazaré de Belém?

Andamos e andamos. A multidão arrastava-nos. Chegamos a encontrar o Rubem Braga que “queria se chatear para poder dormir” e no meio de “estrelas” e “astros” que vendiam sabonetes, sorvetes, perfumes, licores etc. Ferreira de Castro começa a perguntar e a falar na literatura brasileira.

Um grande, um especial carinho por Jorge Amado com quem mantém assídua correspondência e que prefaciara a edição tchecoslovaca de seu último livro “A [...] livro que acaba de aparecer em francês, com o título: [...]”.

Ferreira de Castro fala de todos: Graciliano, Zé Lins [todos] não esquece um só nome de romancista, de poeta, de cronista, de historiadores. Quer saber de Amado Fontes tem publicado mais livros, como vai a saúde de José Américo. E pede: - Não conte que falei deles individualmente. Posso ter esquecido algum e não quero ser injusto. Eles são tão bons.

EU - Não, você não esqueceu ninguém chega mesmo a citar Bilac.

Ferreira de Castro, rindo: Sim, “quando uma virgem morre”.

Mas minha especial ternura por aquele cachorro chamada baleia, faz com que insista:

- Você leu “Vidas Secas”, do Graciliano Ramos? Perdemos-nos novamente na literatura brasileira e vai aqui um recado especial para o Abguar Bastos em S. Paulo: - Rapaz, mande por favor seus livros sobre o Amazonas para o Ferreira de Castro. Mande depressa, sobretudo “Terra de Icamiba”. Endereço é Rua da Misericórdia 68, Lisboa.

Pergunto agora se recebe muitos livros do Brasil.

FERREIRA DE CASTRO responde prontamente: - Recebo bastantes e leio-os todos.

EU: - E a literatura portuguesa?

FERREIRA DE CASTRO: - Oh Portugal tem agora um grupo de jovens romancistas que creio e mesmo tenho certeza, serão muito grandes. Espero muito deles. Naturalmente que nós, os mais velhos, continuamos trabalhando e trabalhando bem. Não vou citar nomes, você compreende, temos sempre medo de esquecer alguém e com isto ser injusto. Mas diga para o Brasil que a literatura portuguesa atravessa uma fase de florescimento. E subitamente, quase cortando a frase: - Você conhece o Waldemar Henrique?

Sim, conheço e há muito tempo, o Waldemar. Ferreira de Castro conta: - Esse rapaz andou por Portugal e homenageou-me em Cintra com uma noite, - que noite maravilhosa! – de suas composições. Cita trechos de *Tambá tajá* e fala, fala longamente de nossa música.

Paulo Silveira, o diplomata e jornalista brasileiro, numa entrevista que deu em Lisboa disse falando em Ferreira de Castro, que “A selva” é uma obra mágica e pode ser considerada profundamente brasileira. Falamos da entrevista e comentei: - Quando vim encontrá-lo já trazia o título desta minha crônica: “Ferreira de Castro é nosso!” Ele ri, contente. È um homem simples, bem humorado Não quis dizer-lhe que o esperava diferente. Pensei em encontrar um homem amargo e triste, irritado, nervoso e desagradável. Ferreira de Castro enganou-me. Todo o seu sofrimento passado não está impresso em sua maneira de ser. Não toma uma gota de álcool (você sabe, o meu fígado...) e bebe muito chá. È um homem do povo sem subterfúgios, sem complicações.

Contei-lhe que num levantamento que andei fazendo em Belém do Pará sobre o que ali se lia e como se lia, encontrei “A Selva” e “Emigrantes”, os seus romances, entre o os livros mais lidos. E compreende-se: são os que falam mais de perto da vida amazônica. O assunto levou-nos à Batalha da Borracha, que Ferreira de Castro conhece quase que em pormenores. E exclama:

- Que vontade de rever tudo isso!

EU – È bom fazer a viagem. Você encontrará Belém, aquela cidade que conheceu luxuosa e alegre com a borracha alta, hoje uma cidade triste onde nem luz há. Pode crer, agora a miséria ali é enorme. O drama é maior, muito maior que no “seu” tempo...

FERREIRA DE CASTRO - nunca poderei esquecer o dia em que parti do “Paraíso”. Eram sete da manhã, havia uma neblina insistente. “Paraíso” dormia e na porta do barracão ainda estava acesa a lanterna da noite. Ao fundo, três palmeirinhas tristes. Eu tinha a sensação de que nunca mais voltaria a ver aquela cena. Imagine que sai dali sem saber que levava dentro de mim um livro.

EU – E quantos anos depois você publicou “A Selva”?

FERREIRA DE CASTRO - Quinze anos depois de ter saído do Amazonas. È que minha vida tomou rumos diversos.

EU – E antes de “A Selva” você já escrevia?

FERREIRA DE CASTRO: - Passei no Brasil nove anos: de 12 e meio até 21 de idade. Pequenino, no “Paraíso”, comecei a escrever e a mandar coisas para jornais também pequeninos em vários Estados do Brasil, principalmente no R. Grande do Sul. Se você soubesse a alegria que sentia quando meus artigos eram publicados. Imagine que depois, muito depois, em 1939, o “New York Times” convidou-me para colaborar pagando-me muito bem. Não aceitei, mas pensei: os tempos mudaram; quando pequenino escrevia de graça para jornais pequeninos; agora tenho o direito de escrever para onde quiser.

UM POUCO DE BIOGRAFIA – José Maria Ferreira de Castro nasceu em 8 de maio de 1893 em Osseia, aldeia de Portugal. Sua infância foi a de todas as crianças paupérrimas. Órfão de pai, aos dez anos de idade Ferreira de Castro tem o seu primeiro amor e escreve suas primeiras cartas românticas. Margarida, a

heroína, tem 18 anos. Não olha para o menino apaixonado. Houve outras razões, mas foi principalmente para que ela o considerasse um homem valente que Ferreira de Castro partiu de Portugal para o Brasil.

UM POUCO DE SUAS MEMÓRIAS – Escreveu ele: “Muito raramente nos falamos (ele e Margarida) porque diante dela falta-me a voz, tanto era a emoção e a timidez, mas procurava imaginar o que ela pensaria de mim quando eu partisse. Hoje tenho a convicção moral de que ela nada pensou...mas que belezas sutis, que nobres sentimentos minha candura infantil emprestava a seu espírito. Escrevia-lhe quase todos os dias longas cartas. O dia de minha partida estava marcado. Minha mãe chorava pelos cantos e a casa parecia enlutada. Não me interessava mais nada; tinha no entanto para meus coelhos e meus pombos, longos olhares de ternura. Naquele momento, a cidade me parecia mais bela e minha tristeza misturava-se com o orgulho de minha coragem.

No dia de minha partida levantei-me cedo. Queria despedir-me da escola, da Igreja e queria ver Margarida. Era o Dia de Reis e, em Santo Antonio vendiam em leilão presentes ofertados ao Menino Jesus. Mas Margarida não estava lá. Daria tudo para vê-la, naquele momento. Com minha roupa nova, meu chapéu novo, meus sapatos novos, voltei para casa.

Minha mãe chorava cada vez mais. Os vizinhos estavam presentes. A noite caía. Nunca poderei esquecer aquelas despedidas. Minha mãe apertou-me ao coração gemendo desesperadamente. Também chorei. Em volta de mim diversas vozes pronunciavam meu nome com ternura. Depois separamo-nos: enxuguei as lágrimas e parti.

A DOCE HISTÓRIA DA JUCA – A conversa do repórter com o grande romancista português caminha dentro da madrugada. Os ambientes se sucedem. Estamos agora em seu apartamento no Hotel des Champs Elysées. Ainda e sempre falamos da Amazônia e eu vou observando esse português caboclo que analisa longamente a vida dos homens em todas as partes da Terra. Ferreira de Castro viaja incessantemente. E diz:

- A propósito, recebi há tempos uma carta de um jornalista de S. Paulo que andou pelo Amazonas e que em companhia de Eduardo Chermont sobrevoou o “Paraíso”. Queriam ambos ver se o lugar guardava as características descritas em “A Selva”. Você tem possibilidades de escrever para o Chermont pedindo que me envie as fotos? Também eu gostaria muito de ver como vai aquilo.

Seu editor português encarrega-se de mandar, para onde o romancista estiver, as cartas que lhe são dirigidas. Vou vendo os envelopes; muitas letras ingênuas. Entre elas encontro uma enviada de Portugal para Paris de procedência Amazônica.

Ferreira de Castro explica: - É de um amigo desde a adolescência, o João Fernandes, morador até hoje no Rio Madeira. Passamos 30 anos sem saber um do outro; de repente recebo uma carta e hoje estamos de correspondência e amizade refeitas.

A carta é uma delícia. Parece que Ferreira de Castro acaba de sair, naqueles dias, do Amazonas e dela copio este trecho: “F... da Juca, lembraste? Aquela Deusa que tanto te cativou em 1912 lá no Lago dos Reis”. Tudo grifado.

Ferreira de Castro comenta: - Foi um amor que lá deixei. Hoje me sensibiliza pensar nela...

A carta do amigo, datada de Borba, Rio Madeira, é um relatório completo: os que morreram, os que vivem até hoje a vida dura do seringal, a pobreza maior do que nunca, os que partiram e nunca mais voltaram, sempre aquela gente muito mais vencida que vencedora. A carta diz mais: Juca até hoje está solteira.

Ferreira de Castro vai buscar a tradução francesa de seu último livro "Les brébis du Seigneur" e escreve uma dedicatória afetuosa. Pergunto:

- Seus livros não perdem com as traduções? FERREIRA DE CASTRO, melancolicamente responde: - É, perdem sempre .

Quase todos os seus livros estão traduzidos para o francês: *A selva (La forêt vierge)*, *Emigrantes (Émigrants)*, *Terra fria (Terre froide)*, *Eternidade (Éternité)*, *Tempestade (Tampête)*, *A lã e a neve (Les brébis du Seigneur)* e já no prelo *A volta ao mundo (Le tour du monde)*. Seus livros atingem enormes tiragens também na França.

EU: - Você nunca escreveu versos?

FERREIRA DE CASTRO – Sim, quando menino e hoje continuo fazendo-os só para mim.

EU: - Que tal seus versos?

FERREIRA DE CASTRO, Protamente: - Não valem nada.

Agora era preciso partir. Ferreira de Castro tem uma impressionante memória e vai perguntando por pessoas do Brasil que conheceu em Paris:

- Escute, ainda anda por cá uma filha de Aníbal Machado, espera, chama-se Maria Clara; como vai ela? Quantos brasileiros há em Paris? e conta: outro dia jantei com Portinari; depois do jantar apareceram em seu apartamento pelo menos 20 jovens, todos pintores. Há muitos jovens pintores no Brasil atualmente, pois não? E conta histórias e mais histórias. Todas as minhas tentativas para partir são inúteis. Subitamente ele exclama:

Quer fazer o favor de fechar esse seu livro de notas?

Obedeço e ouço isto:

- É que quero dizer-lhe que é bem provável que eu vá ao Brasil em 1951. O grande poeta Oliveira e Silva, meu amigo, escreveu-me a respeito. Mas o melhor talvez é não contar pois não sei se irei mesmo.

EU – E não se esqueça de rever o Amazonas.

FERREIRA DE CASTRO – Mas se esse é um dos maiores desejos de minha vida... Espero poder realizá-lo, antes de morrer. Citei Carlos Drummond: "Você não morre, José".

Quando viu que eu guardava a caneta, o livrinho, o maço de cigarros, quando viu que eu afinal dispusera-me seriamente a partir, Ferreira de Castro declarou:

-Você não sabe de uma coisa? Uma coisa que não é bom contar? Considero a mulata brasileira, aquela mulata realmente brasileira a mulher mais doce do mundo!

A repórter pede desculpas às senhoras de outras nacionalidades, às senhoras de outras cores e outros tipos. O elogio à mulata afinal não é propriedade de Ferreira de Castro. Se bem que ele, afinal, sabe o que diz.

#### **11.61 - ENTREVISTA: UMA CONVERSA EM RECIFE COM CIRO DOS ANJOS<sup>134</sup>**

26 de dezembro de 1950

Rio – De passagem por Recife o Sr. Cyro dos Anjos Concedeu a seguinte entrevista ao *Jornal do Comércio*.

##### **ROMANCE BRASILEIRO**

Como encara o romance brasileiro?

- Nossa literatura é uma literatura em ascensão. Não chegou ainda ao apogeu, e, portanto tende a se avolumar e a se enriquecer. O ciclo do romance nordestino, ainda vigente, deu e continua dando muita vida às nossas letras.

O romance introspectivo também tem se alargado, entre nós, o seu campo de experiências. Novas obras vão surgindo e bem interessantes.

##### **ENGAJAMENTO**

- Julgo que o escritor tem o dever de se definir politicamente, em face dos problemas de nossa época?

- Como cidadão [...] da que o escritor deva [ser] [comprometido]. Como escritor não é obrigado a tal. Na criação da obra de arte [...] é movido por impulsos [não] interessados. Da mesma forma que não pode haver [...]

[...]

---

<sup>134</sup> ANJOS, Cyro. "Uma conversa em Recife com Cyro dos Anjos". *Folha do Norte*, Belém, 26 dez.. 1950. Arte Suplemento Literatura, p. 2-3. Entrevista ilegível.

**11.62 - ENTREVISTA: “PAPINE ESCRREVENDO UM NOVO FAUSTO” - ENTREVISTADOR: WIZNITZER, LOUIZ <sup>135</sup>.**

17 DE DEZEMBRO DE 1950

**Na sua casa de Florença, o autor de “L’uomo finito” fala, com tristeza, do mundo moderno**

FLORENÇA – Tenho vindo, tão frequentemente, a Florença que conheço melhor suas vielas e becos do que os de Copacabana e de Saint Germain des Prés. Inúmeras vezes flanei com jovens escritores florentinos ao longo do Arno; Malaparte já me levou a tomar café ao ar livre, no Gilli, na praça da República; nas vielas por detrás de San Firenze procurei os rostos meus conhecidos da “Cronaca dei Foveil. Amanti”, Fratolini.

Agora, chegara-me a vez de avistar-me com Papini. Não se abordam as pessoas em Florença, como em Nova York. Não basta um telegrama para conseguirmos uma entrevista. É preciso ter certa convivência, amigos, uma comunidade de tradições. Assim me levaram pelas ruas do lado de Fiesole, a um bairro tranqüilo, onde casas fechadas, com um ar secreto, parecem abrigar quadros e estatuetas. Aqui, o Arno é quase rico e as crianças correm, chapinhando num filete de água. Abre-se uma porta e um velho de cabeleira leonina, ombros largos, aparece. Dir-se-ia um diabo da Idade Média, uma daquelas cabeças monstruosas da catedral de Chartres. Logo às nossas primeiras palavras, exclama ele, severamente: - “Parla piu forte, sono surdo e non posso vedere niente”. Cego e quase surdo!... Atravessamos dois salões, com livros enfileirados até o teto.

**UM NOVO MIGUEL ANGELO**

- O senhor acaba de escrever uma “Vida de Miguel Angelo”, baseando-se em documentos novos que lhe permitiram compor uma biografia mais rica do que as anteriores. Será ela diferente da de Grimm de Syneons, de Romain Rolland?  
- Sempre vivi em Florença – responde Papini – Aqui nasci e morei muito tempo ao pé da casa de Miguel Angelo; cresci, posso dizer à sombra dele e ele se tornou meu amigo. Meu estado de alma foi sempre muito diferente do dos turistas curioso, que vem de longe visitar essa casa. A maior parte dos escritores tem visto em Miguel Angelo uma espécie de titã desesperado, comprazendo-se na solidão. A transfiguração do artista num [ ], insociável e misterioso não corresponde às lembranças dos que o conheceram. Na vida cotidiana não era ele [ ]. Conviveu intimamente, serviu e amou muitos dos seus contemporâneos; papas, príncipes, artistas, aventureiros e operários modestos. Escrevendo-lhe a vida, procurei pintar um grande fresco do século XVI, que foi, para a Itália um grande século de corrupção, mas também de arte e gênio.

---

<sup>135</sup> WIZNITZER, LUIZ. Papine escrevendo um novo Fausto. Florença. Entrevistado Papine. **Folha do Norte**, Belém, 17 dez. 1950. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

## UM SÉCULO TRISTE

- O conhecimento da vida de um grande artista, acha o senhor, pode permitir-nos melhor penetrar nos segredos da natureza humana?
- O gênio tem o maior desdém pela vida ordinária, sonha com uma humanidade perfeita da qual nos dá os modelos na sua obra. As grandes coisas são geradas pela dor. O pessimismo de Miguel Angelo exprimiu-se em estátuas, como o de Dante em versos apaixonados.
- O cinquecento italiano formou homens mais enérgicos, mais empreendedores do que os da nossa época.
- Os italianos desse tempo tinham o diabo no corpo. Realizavam, com a maior naturalidade, as ações mais abomináveis e as ações mais nobres. Nosso século é o da morte da fé, do fervor, do entusiasmo. Pela primeira vez, na história, a humanidade aceita a experiência sem reagir. Tornamo-nos indiferentes a tudo: é um sinal universal de semilidade. “Juventude quer dizer: não aceitar as lições da experiência. As conquistas da ciência levam a uma probabilidade de destruição do próprio homem. Os indivíduos de minha idade são os últimos testemunhos de uma época já bárbara, mas em que ainda subsistia o gosto da beleza. Temos agora uma época bárbara, em que o próprio pensamento estará ausente. Atento para isso: o ideal da mocidade de hoje é o esporte...
- Essa volúpia da velocidade, essa vertigem do homem moderno não esconde um desejo de desencarnação, de tornar-se ele um puro espírito, escapando às leis da gravidade.
- Podemos-nos permitir o luxo de interpretar assim a ciência moderna. Mas o piloto de guerra pensa de outra maneira. Para ele, a velocidade é um meio de levá-lo a destruir mais depressa.

## A JUSTIFICAÇÃO HUMANA

- Seu último livro, penso, intitula-se “O juízo final”. Qual é o seu assunto?
- Comecei escrever esse livro há quarenta anos. Quero e já queria nele definir o sentido da vida sob todas as formas. Pretendi descrever o que aprendemos pela experiência; as coisas odiosas que ninguém compreende; as verdades terríveis da carne e do espírito. Procuo fazer um largo afresco da vida, servindo-me de indivíduos tomados ao vivo e no cotidiano. Nesse livro, os homens, depois da morte, apresentam-se a Deus para dar testemunho dos seus atos. É um assunto frequentemente tratado pelos pintores. Mas seria muito audacioso pôr o próprio Deus no tribunal, pintá-lo em pessoa. Resolvi, assim, substituí-lo por anjos acusadores diante dos quais desfilam os ressuscitados. O livro inicia-se pouco antes do fim do mundo. Todos os destinos, todos os problemas, todas as formas da vida humana são encarnados pelos meus personagens. Escolhi-os em todos os países e em todos os tempos. Há mendigos, reis, santos e criminosos. Os homens tentam, afinal, justificar-se de seus respectivos pecados, tentam uma

última oportunidade para se salvar. Uns blasfemam, outros imploram o perdão. Cada qual procedendo segundo a respectiva raça e o respectivo século.

### **MAIS INFELIZES DO QUE MAUS**

- Esse livro – parece propor um terrível problema de estilo...
- O oficial alemão, o cruzado, o judeu moderno – continua Papini – não fala a mesma língua. Minha obra se aproxima, sob esse aspecto, da “Divina Comédia” e do “Fausto”. Considero-a, aliás como o meu “Fausto”. O livro é animado, do começo ao fim, pelo espírito católico. Faço os seres mais perversos, mas compreende-se, entre linhas, que eles serão salvos. Porque os homens são mais infelizes do que mais. Embora pondo em ação centenas de personagens, procurei ser conciso. O livro, não obstante, terá mil e duzentas páginas.

### **A LITERATURA ITALIANA DE HOJE**

- Quais lhe parecem as tendências da literatura italiana de hoje?
- Nossos romancistas escrevem à maneira inglesa e americana e os seus romances tem um êxito tanto maior quanto falam eles em sexualidade. Imprimem-se também muitas memórias de generais e de políticos que, sob o pretexto de defenderem suas ações revelam escândalos do regime passado. Nossos poetas são tratados de herméticos, porque ninguém os compreende. A mocidade vai para o esporte, o cinema, conduz automóveis, pilota aviões. Esse clima não é favorável à eclosão da poesia. É o fim da arte renunciada por Hegel. O mundo torna-se cada vez mais feio e arrematamos em leilão a fealdade. Na Itália ainda restam coisas belas, mas quando as comparamos com a vida há cinquenta anos!... *Era belo Il paese tutto. Noi siamo gli ultimo poeti.* (Essa última frase do cristão Papini parece-nos tanto mais importante quanto ela reflete a voz do filósofo vilista Heidegger e dos poetas Hölderlin e Rilke).

### **O MUNDO ATUAL E O ANO SANTO**

- Acha que a atmosfera do Ano Santo poderá contribuir para diminuir os perigos que ameaçam o mundo?
- O Papa invoca paz para todos os povos em seus discursos, mas sua influência julgo-a nula nos Estados Unidos, na Rússia e na China. A mística americana baseada no dinheiro não é mais cristã que o materialismo soviético.
- Acha possível uma reconciliação dos cismas cristãos, entre a Igreja e a Sinagoga?
- A importância da união das religiões em face do perigo materialista não tem escapado ao Papa. – Pela primeira vez, - permitiu ele que católicos e protestantes se reunissem em Roma para discutirem livremente. Mas as diferenças de dogma são mais profundas do que se imagina. Motivo porque penso seria necessário reduzir o arcabouço dogmático das religiões e proclamar o primado da caridade

que lhes é comum. Somente assim judeus e cristãos poderão compreender-se e marchar de mãos dadas...”

E depois dessas palavras nada pessimistas deixo o grande ancião. Santa Croce batia seis horas.

### **11.63 - ENTREVISTA: “OS GRANDES PROBLEMAS DA FILOSOFIA” – ENTREVISTADO: HENRI LAVELLE - ENTREVISTADOR: WIZNITZER, LOUIZ<sup>136</sup>**

17 de dezembro de 1950

PARIS – Via “Air France” – No decurso do nosso inquérito sobre as tendências da filosofia francesa de post-guerra ouvimos Jean Wahl, Gabriel Marcel, Bachelard, Etienne Gilson. Chegou a hora de visitarmos aquele que é, talvez, o pensador mais profundo, mais puramente intelectual entre os filósofos franceses contemporâneos: Henri Lavelle, autor de quatorze obras muito importantes entre as quais “Du temps et de l’éternité”, “Le mal et la souffrance”, “Le moi”, “La pensée religieuse”. Representa ele uma tendência francesa muito particular, que toma conhecimento, como Gabriel mas que conserva o seu eixo numa interpretação original e profunda de Descartes e Platão.

Contrariamente aos outros filósofos que viajam, participam de congressos, pronunciam conferências, Lavelle vive num isolamento total.

Recebeu-me ele na sua residência da rua Ferreu, ao lado do Jardim de Luxemburgo. Com 67 anos, Lavelle mantém ainda o garbo físico; é alto, forte, maneiras desembaraçadas, os cabelos brancos, finos como seda. Interessou-se vivamente pelo último Congresso de Filosofia de São Paulo, do qual eu lhe dei conta. Falamos também da minha visita a Heidegger, que Lavelle considera o maior filósofo vivo.

#### **O PROBLEMA CENTRAL DA FILOSOFIA**

- Qual é, na sua opinião, o problema central da filosofia?

- É os problemas das relações entre o Ser e o Conhecer. Todos os outros problemas se ligam a esse. A noção do nada, nós a recebemos do tempo. Da análise do tempo tiramos o nada, noção subordinada à do Ser.

Ao contrário da interpretação tradicional que se tem dado ao Ser, este último não encerra a noção mais pobre, porque a mais geral; ele constitui a própria riqueza, a plenitude do que se apresenta constantemente à consciência e que ela não pode jamais conhecer senão de uma maneira inadequada. Mas o Ser é estabelecido pelo Conhecimento.

Conhecer é investigar e Ser é apreender uma realidade.

---

<sup>136</sup> WIZNITZER, Louis. Os grandes problemas da Filosofia. Paris. Entrevistado Henri Lavell. **Folha do Norte**, Belém, 17 dez. 1950. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

O Conhecer não pode subsistir por si mesmo, tem a necessidade do Ser. Todavia, o Conhecer não está fora do Ser, como nos habituamos a acreditar. O Conhecer tende para o Ser, mas tanto quanto este é um conhecimento, o Conhecer já pertence ao Ser. O Ser do Conhecimento é o próprio Ser do espírito. E esta fórmula do Ser é, talvez, mais essencial do que o Ser das coisas materiais.

## **A TEORIA DO CONHECIMENTO**

- Qual sua posição na teoria do conhecimento? Há um critério extrínseco do conhecimento?

- Não comparamos jamais senão conhecimentos. Pode-se ter de um objeto uma ou várias representações. Mas não se pode nunca confrontar uma representação com um objeto, porque o objeto nunca nos é dado de outra forma senão através de uma representação. Só se confrontam conhecimentos e poder-se-á decidir, por exemplo, qual o mais rico em detalhes, ou o mais útil para a ação: e nunca qual a mais fiel representação do objeto. Não há critério extrínseco do conhecimento. Só podemos julgar este último de dentro.

## **A INTERPRETAÇÃO CARTESIANA**

Para precisar de maneira positiva, o pensamento de Lavelle faço-o falar de Descartes, o seu grande assunto. Na verdade toda a originalidade de Lavelle consiste em haver compreendido e meditado Descartes de uma certa forma fazendo seu pensamento cartesiano que ele, Lavelle, assim, aprofundou.

- Aceita a interpretação clássica, segundo a qual Descartes não conseguiu sair da subjetividade? Sartre, mesmo, parece ligar-se a essa opinião.

- Ao contrário. O “cogito” não é um pensamento encerrado em si mesmo e subjetivo: permite ao pensamento ter acesso no mundo do Ser e colocar-se no nível deste; mas não do meu ser particular, do Ser geral. Quando Descartes diz que o bom senso é a coisa do mundo mais partilhada não quer aludir com isso a uma similitude de repetição em cada ser da mesma faculdade judicativa, alude a esse mundo inteligível de que todas as inteligências podem participar e ao qual se referia Platão. Esse mundo da Verdade não fragmentada num ato mesmo espiritual: é a mesma Verdade de que cada um pode participar.

- Quer o senhor dizer que há um “supot” por detrás do pensamento e o qual ele nos permite atingir. E o Ser é a própria substância do pensamento?

- Não disso. O “Cogito” não é uma idéia a brotar de uma substância. O “Cogito” é uma presença. Uma “res cogitans”. No “Cogito” há uma presença do ser pensante. Não há nada atrás ou por baixo do Espírito que pensa. O Espírito operando é a única e última realidade. Nosso ser é um ato de pensamento. “Somos” quando o nosso espírito pensa”. Eis o ponto onde Descartes reúne-se a Platão. A única realidade é o mundo do Espírito. Acedemos a esse mundo pensando. Mas não é porque podemos pensar, porque possuímos uma substância pensante que no mundo temos acesso. Não “somos”, não acedemos ao ser senão quando pensamos.

## **ATOS E IDEIAS**

- Será o senhor assim levado, forçosamente, a distinguir pensamentos que são atos dos que não o são e poderiam chamar-se ideias?

- Descartes já distinguia os pensamentos das ideias. O pensamento é um ato do espírito, basta-se a si mesmo. As ideias, ao contrário, representam alguma coisa, significam alguma coisa. Essas ideias, o espírito as recebe, não as cria. É passivo com relação a elas, como é ativo pensando. As ideias são paixões do espírito.

## **A DÚVIDA CARTESIANA**

- Como interpreta a dúvida cartesiana?

- Em lugar de fragmentá-la em várias fases vejo nela uma única intuição. A dúvida, o pensamento, a existência não devem separar-se. São a mesma coisa. Assim, precisamos englobar na intuição a ideia de Deus e sua existência. Não há passagem de um termo para outro. Há uma tomada de consciência tão forte de um termo, que aí descobrimos implicado o segundo. O “Cogito” não se separa do ato pelo qual ele se estabelece. Duvidar é ter consciência da própria imperfeição, logo, pensar é pensar a ilimitação do pensamento. Nessa dúvida, há a referência implícita a um ser que não se sujeitaria à dúvida, que saberia a verdade sem restrições. A negação de sua própria imperfeição implica a ideia da possibilidade da perfeição. A ideia do infinito está, pois, em primeiro lugar, em relação à ideia do finito. Essa superação no interior da qual se inscreve nossa condição finita, essa perfeição implica que nossa imperfeição é a ideia de Deus. Não tomo consciência de mim mesmo, senão me situando no interior de um pensamento sem limites. A “infinidade” é, pois, a condição essencial para que um pensamento limitado se estabeleça como tal. A ideia de Deus é inseparável do próprio ato pelo qual eu me faço ser. Para que o meu espírito possa passar da essência à existência no plano do finito é preciso, a “fortiore”, que no plano da “infinidade” tenha ele também passagem da essência à existência. Penso por que Deus existe. A prova ontológica em Descartes não é um raciocínio em vários termos, mas uma única intuição.

## **O MUNDO E O PENSAMENTO**

- Se o próprio ato de pensar nos faz participar do mundo da Verdade, do mundo dos inteligíveis como explica o senhor o erro?

- O erro provém da disjunção entre o infinito da nossa vontade e o finito da nossa inteligência. Podemos afirmar ou negar, decidir a propósito de tudo, dar ou recusar nosso assentimento ao que quer que seja. Nossa vontade seria igual à de Deus. Para remediar o erro é preciso uma ascese da vontade, é preciso não afirmar ela senão o que o entendimento vê com clareza e distinção.

## **O ERRO E A MÁ FÉ**

- Em que medida seu pensamento se aproxima do de Bergson?
- Na medida em que ele é conquistado por um espiritualismo cada vez maior.
- Qual o filósofo francês contemporâneo de que o senhor mais se aproxima?
- O professor Lesenne, provavelmente.
- Manifesta o senhor otimismo no que concerne à filosofia jovem na França?
- Basta ler os livros recentemente publicados de Simone Weil ou os de Politzer para perceber a existência na França de jovens filósofos “tendo uma inteligência e uma alma”.
- Qual a sua posição em face das ideologias que hoje se defrontam?
- Procedem elas do erro e da má fé. Nunca, aliás, acreditei em soluções coletivas. O homem não pode ser regenerado, salvo, senão, individualmente. Mantenho no Espírito toda a minha confiança.

## 12 ARTIGOS DE VÁRIOS CRÍTICOS NO “ARTE SUPLEMENTO LITERATURA”

Assim como o crítico burguês do século XVIII encontrou uma função na política cultural da esfera pública, o crítico socialista ou feminista contemporâneo pode ser definido por um engajamento na política cultural do capitalismo tardio. Ambas as estratégias estão igualmente distantes de uma preocupação isolada com o “texto literário”. (...). A função do crítico contemporâneo é resistir a dominação, engajando-se tanto através do discurso quanto da prática no processo pelo qual as necessidades, os interesses e os desejos reprimidos possam assumir as formas culturais que poderiam ligá-los a uma força política coletiva.

(Terry Eagleton)

### 12.1 - O destino das academias, de Cécil Meira<sup>137</sup>

5 de maio de 1946

O mais alto destino do homem deve ser a procura de uma força espiritual, adquirida através do estudo e do conhecimento literário. Não é um vão sonho de glória quando ele repousa no desejo de aperfeiçoamento moral e intelectual. A vontade inata no homem de buscar sempre novos caminhos, trilhas outras, manifesta-se de maneira imperiosa no campo das letras. Os gestos bruscos, os atos de violência, o pessimismo, isso tudo há de desaparecer na vida do homem que, por esforço próprio, conquistou um nível intelectual que o equilibra e põe sua razão governando sua vida. O sonho das letras tem atormentado inúmeros escritores, e muitos abandonam interesses mais práticos, mais objetivos, para lançarem-se numa senda que às vezes nada produz materialmente. Daí se explica haverem os intelectuais procurado reunir-se em Academias, centro onde pudessem cooperar, trabalhar e lutar por um fim único e de interesse recíproco. Visavam o progresso próprio e o progresso da sociedade.

Devemos, entretanto, distinguir as “Academias”. Uma há de ordem puramente particular, e essa tem por objetivo o conagraçamento de um grupo de escritores, guiados pelos mesmo ideal, a convergência de ação, para que os esforços se multipliquem e frutifiquem. Mas, no meio das Academias, surge uma de caráter unilateral, e que por sua própria formação tem um “caráter oficial”, não

---

<sup>137</sup> MEIRA, Cecil. “O destino das academias”. **Folha do Norte**. Belém, 5 maio 1946, *Arte Suplemento Literatura*. p. 1. (Primeiro dia em que o “Suplemento Arte Literatura” circulou em Belém do Pará).

no sentido político, é lógico, mas “oficialismo cultural e intelectual”. A exemplo delas, temos a “Academia Brasileira de Letras”, que congre os valores da literatura nacional e ao lado desta, as pequenas Academias Estaduais, entre nós, a “Academia Paraense de Letras”.

Fala-se, agora, no preenchimento de vagas. Uma Academia, que é representante do oficialismo cultural e intelectual, deve ter cautela na escolha de seus membros, e muito mais cuidado devem ter os que a ela se candidatam. Queremos dizer assim que as academias regionais, representativas do saber do Estado, precisam chamar para seu seio valores completos, e que através de muitos anos tenham produzido, e manifestem seu valor intelectual. Assim, saberemos de início que nessa Academia de Letras não há lugares para nós, moços que ainda estamos martelando, preparando-nos para no futuro entrar em contato com os mais velhos, os “imortais” chamados. Mocidade que tem pressa é mocidade fracassada. O jovem somente deve ter uma pressa, e essa é a de estudar e preparar-se seriamente. Uma Academia de Letras é um coroamento, e não se deve pleitear um lugar de tão grande responsabilidade sem primeiro produzir, produzir muito, e apresentar uma bagagem literária à altura do pedido. Não falamos em nomes, pois nunca particularizamos os nossos sentimentos. Falamos em tese, para sermos justo. Como poderá um jovem, iniciando sua carreira, tentando abrir uma clareira na mata densa através de ingentes esforços, sentar-se ao lado de homens que possuem um nome consagrado pelo estudo, pelas obras, pela meditação, pela experiência, pela idade? Se o desejo é de cooperação, de conagração, de uma sociedade de homens de letras, então a mocidade funde sua pequena Academia, que viverá à sombra da maior, até que seus membros mais aptos possam alcançar um lugar na Academia máxima.

Para os jovens a Academia Paraense de Letras deve ser um sonho inefável, qualquer coisa difícil de conquistar. De outra forma teremos o “ideal alevantado” desfeito em coisa facilmente conquistável, e perderemos o “élan” para prosseguir na arrancada. É chegar à meta sem correr o páreo... como diria Clóvis Martins.

A Academia de Letras existe para coroar, e a coroa é feita para ser colocada na cabeça dos reis. Vamos estudar, mocidade, estudar muito, e no futuro indaguemos com o vizinho o endereço da Academia de Letras

### 12.3 - “A Crise na Poesia Moderna”, de Genolino Amado<sup>138</sup>

5 de maio de 1946

O ‘O Jornal’, no seu último suplemento literário, publicou o seguinte oportuno artigo de Genolino Amado:

“Quase todos os suplementos literários do Rio dedicaram o seu último número ao poeta Manuel Bandeira, cujos sessenta anos de idade são agora festejados. Por certo, idênticas celebrações foram promovidas na província. Assistimos assim à consagração em vida, mas de aparência definitiva, de proclamado expoente na arte mais grata à alma dos homens como à alma dos povos, em que os anseios coletivos e as emoções individuais buscam a suprema expressão.

Seria, pois, razoável que esse mestre da poesia recebesse das multidões ou pelo menos de muitas pessoas sensíveis à beleza da palavra transfigurada, embora não pertençam aos chamados meios intelectuais, o mesmo coroamento de glória que lhe concedem os companheiros de letras. Entretanto, suas obras continuam a dispor de escassas tiragens, não há notícia de gente reunida para lhe ouvir os versos, nem de crianças que lhe ofereçam flores em nome dos pais, nem de escolas que lhe prestem homenagem, nem de moças que, em comovido bando, procurem visitá-lo para conhecer como é na velhice o criador de profundas impressões transmitidas à sua juventude, nem de rapazes universitários que lhe tenham ido pedir conselho ou levar o fervor da admiração. Todo o movimento consagratório como que se processa à margem da existência nacional, em reduzido círculo de letrados por diletantismo ou profissão.

E isso acontece numa terra onde os poetas foram sempre amados e compreendidos pelas criaturas comuns, onde Castro Alves, adolescente ainda, fazia palpitar com as suas estrofes teatros da Bahia e do Recife, despertava paixões imensas em São Paulo, cujas ruas estremeciam ao vê-lo passar, para depois influir, decisivamente, na campanha da Abolição. Andando pela Avenida, Manuel Bandeira não encontrava talvez um olhar que se volte para identificá-lo, embora os seus retratos apareçam freqüentemente nos jornais e revistas. Bilac, porém, era uma presença que provocava sensação em cada esquina. Recitavam-lhe os sonetos por todo o país, sua fisionomia ficava guardada em todas as memórias. Era tal o culto votado ao parnasiano, tão autêntico o seu prestígio, que para ele recorreu o Ministério da Guerra, naturalmente distante das coisas literárias, quando precisou de quem suscitasse entusiasmo geral em torno do sorteio militar. Até os bardos mais sutis e difíceis, como Fagundes Varela na fase romântica, ou Raul de Leoni em período que foi de ontem, até os mais álgidos, simples artífice da métrica e da rima, como Alberto de Oliveira, viviam cercados por uma atenção que não era apenas das rodas culturais, mas também da plebe, ou ao menos da pequena burguesia sentimental e meio instruída. Só agora existe

---

<sup>138</sup> AMADO, Genolino. “A Crise na Poesia Moderna”. **Folha do Norte**. Belém, 05 maio 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3-4

entre a poesia e a massa popular esse alheamento que tão caracteristicamente se manifesta no episódio paradoxal de um homem laureado por críticos e academias como representante máximo da inspiração lírica em seu tempo e apesar disso quase sem leitores, sobretudo sem leitores que demonstrem afeição espontânea, que se lembrem de lhe declinar os versos, que os tragam na cabeça para consolo da sua alegria.

Que se há de concluir, então, desse fenômeno singularíssimo?

Não figurando entre os apreciadores exaltados de Manuel Bandeira, nem por isso ousando duvidar de que haja sinceridade, senso de justiça, atitude superior do espírito, nos preitos que tantos plúmicos presentemente lhe rendem. Seria mais do que absurdo imaginar-se que tudo seja efeito exclusivo de afeto pessoal, solidariedade acauteladora de interesses mútuos e sugestão continuada. O fato positivo, incontestável, é que o autor de “Libertinagem” foi aceito como o verdadeiro mestre por uma grei de poetas modernos, entre os quais descubro os que falam realmente ao coração. E convém acentuar que esses outros são de curso tão restrito como o pontífice que reverenciam. Eles também se acham ilhados no seu minúsculo mundo sem ressonância.

Resulta daí nova comprovação insofismável – a de que a poesia moderna faltou ao seu próprio destino de poesia, fonte de vibração social e de enternecimento humano por meio da qual a vida se comunica e se exprime, revelando-se no artista para se tornar revelada em toda a gente com a divulgação da arte. Hermética, reservada ao eleito, será sempre arte de índole aristocrática, por mais que explore temas populistas, se a sua mensagem não ultrapassar o homem de letras, no frio silêncio do gabinete, para atingir os homens da rua, no tumulto e no calor da sua luta.

Mas por que essa poesia, a que se devotam sensibilidades agudíssimas, com tanto amor pelos humildes, tão abertas aos desesperos e às esperanças universais, como a de Carlos Drummond de Andrade, poesia que ainda agora seduz jovens talentos, denso de força, como o de João Cabral de Melo Neto, permanece perdida no seu canto, sem circular, praticamente infecunda, inatuante, sombra da inteligência, murmúrio fantasmal num casarão deserto?

Não se poderia dizer que o povo não se interessa por literatura, pois o romance desfruta de grande público, o maior que já houve aqui para livro brasileiro, e o próprio ensaio tem hoje edição fácil, acolhimento certo. Chega a ser chocante a desproporção entre o alvoroço produzido por qualquer história nova de Jorge Amado e a indiferença generalizada, muitas vezes desdenhosa, pelos poemas que se lançam com a assinatura de vultos com o maior destaque. A crise é apenas do verso e no próprio verso é que se deve buscar a sua explicação.

Seria cômodo, mas errado na sua evidente superficialidade, afirmar que deixamos de querer à poesia, que dela já não sentimos falta, que a sua época passou. As inovações técnicas não podem ter alterado a natureza humana, principalmente no Brasil, onde elas ainda estão longe de alcançar a intensidade verificada em outras pátrias, como os Estados Unidos, Rússia, Inglaterra, todas cheias de paixão pela arte mágica. Basta ver a ânsia de vida que anda atualmente nas criaturas para que se compreenda bem quanto necessitamos, nestes dias

patéticos, da maravilhosa companheira que através de milênios nos tem amparado e redimido.

Mas, se do povo não é a culpa, então esta deve ser, forçosamente, da poesia e dos poetas. Que deficiência apresentarão eles ou ela para que não possam transpor as fronteiras da Andorra intelectual em que se refugiaram? Por que estão condenados a exilar-se em tão pequeno ambiente quando é tão vasto o mundo que espera os seus cânticos?

Alega-se que a poesia moderna padece os efeitos inevitáveis da própria revolução desencadeada na forma do verso. Acostumados às rimas, à métrica tradicional, aos sonetos com chave de ouro, os leitores rotineiros do lirismo parnasiano tonteiam em face da liberdade modernista, com seus ritmos soltos, seu desprezo pelos recursos meramente sonoros e **mnemônicos**, sua ausência de convencionalismo estético. Entretanto, mais de vinte anos de florescimento e propaganda, com franco apoio de correntes vitoriosas em outros planos literários, já teriam chegado para catequizar essa massa arredia, se o desentendimento fosse apenas de sentido formal. Não se deve mesmo esquecer que o parnasianismo foi também uma revolução no que se refere à fatura do verso, causando estranheza muito parecida ao surgir com seus “enjambements” caprichosos, seus alexandrinos de brônzeo estilo, seus artifícios verbais, rebelado contra a facilidade romântica. E isso não impediu que obtivesse ao fim da peleja a mais ampla repercussão.

De certo, a poesia moderna peca nos seus aspectos expressivos sobretudo no que diz respeito à fase inicial, pela inexistência de música. É quase sempre surda, não tem ouvido. Com seu jeito e nobre horror ao sensualismo das palavras tão cultivado pelos parnasianos simbolistas pratica o erro de fugir ao canto, quando este é essencial à criação poética. A leitura em voz alta nada lhe acrescenta porque, de maneira geral, nada pede ao som.

Essa falha não seria, porém, suficiente para afastar o povo da poesia moderna, se ela tivesse outros elementos maiores para prendê-lo e fasciná-lo. E a prova é que traduções em prosa de poetas ingleses, americanos, russos, germânicos, atraem muita gente, o que não acontece com a poesia moderna brasileira em geral.

Convém ainda notar que, cessados os exageros do período revolucionário, os modernistas vão retornando a formas bem simples, sem os esoterismos do começo. Alguns recorrem até aos estilos mais adequados à compreensão popular, valendo-se da trova, da sextilha, das cadências embaladoras, das onomatopéias, da espontaneidade e, vamos dizer, do trivialismo vocabular. Contudo, continuam desinteressando. Quando se tornam popularinheiros, não adquirem popularidade. São como fidalgos que vão ao circo e à feira, tentam misturar-se aos plebeus, mas nem por isso conquistam o favor da plebe. Bandeira compôs a Lira do Brigadeiro, com frases correntias, rimas agradáveis, “slogans” de sedução eleitoral, porém suas estrofes passaram em branca nuvem diante dos próprios brigadeiristas.

A questão é, pois, de fundo. Vem da poesia na sua íntima substância. Não atrai ao povo, porque o povo não se reconhece dentro dela, na voz que lhe fala.

Mas, como isso é possível, se Carlos Drummond de Andrade e alguns outros, igualmente ignorados pelo grosso público, aludem tanto, comovidos, aos sofrimentos populares e procuram identificar-se com a gente comum na exultação dos triunfos proletários?

É que, ainda mesmo nesses casos o povo não está no poeta, mas somente no assunto da poesia. O povo é personagem, não é co-autor. O hino desce da montanha solitária onde o vale moderno contempla de longe, no alto, a massa confusa e dolorosa do vale. É fruto da piedade, piedade romântica, inoperante, nobre pela sua intenção, porém sem a força dos sentimentos que nascem da carne, do sangue, da vida que padece. O poeta clama pelos perseguidos, pelos humilhados, mas em verdade não se vê entre eles, transmitindo experiências diretas. Eis porque é ardente quando exige liberdade política, indispensável ao seu trabalho, e frígido quando pleiteia justiça social, de que não tem, pessoalmente necessidade. Até quando se aflige de modo profundo com as agonias alheias, o que se percebe é a criatura queixosa, não as multidões angustiadas. Soluça como um violino dentro da noite, sem ter a orquestração tempestuosa de um coro revolucionário.

Ora, a poesia do indivíduo, surgida com o romantismo, ao alvorecer de um ciclo histórico já agora em decadência, vai encerrando a sua potente aventura, com a glória dos Shelley, dos Baudelaire dos que souberam exprimir, por todo o Século XIX, o sonho e o tormento do ser humano entregue à própria sorte, centro do seu próprio universo. Hoje, a poesia, para atuar, para existir como instrumento emocional, tem de ser poesia de massa, surgida em seu meio e apenas transfigurada pelo artista, assim como o compositor leva para a sinfonia, enriquecendo, ilustrando, refletindo em múltiplas variações, o motivo melancólico descoberto no canto popular.

O maior engano cometido pela poesia moderna é o de haver retornado à infância do verso, rompendo com as suas fórmulas academizadas, e não ter voltado também à infância da própria índole tribal, ao senso épico do clã em marcha, com que a rapsódia antiga se apresentava como a voz de uma alma coletiva. Nesse regresso é que poderá integrar-se no seu novo destino. Pois, como já observou Ludwig Lewinsohn, com a alerteza do seu espírito crítico, o drama do indivíduo vai deixando cada vez mais o campo da poesia para se absorver no do romance”.

## 12.4 - “O último modernista, de Haroldo Maranhão ”<sup>139</sup>

5 de maio de 1946

Desprendido de uma vez dessa formalidade, digamos **física**, não foi difícil aos meus sentidos possuir a avassalante força expressional dessa poesia que, no Brasil, não é mais “nova”, nem mais “moderna”, pois já tem mais de vinte anos, vinte anos de triste incompreensão coletiva.

Assim foi que pude distinguir claramente **poesia e forma**, com os olhos cegos à miragem parnasiana. Carlos Drummond de Andrade, com a sua “Consideração do Poema” me faz neste momento um bem enorme, pela clareza e precisão com que define o fenômeno que custei a compreender:

Não rimarei a palavra sono  
com a incorrespondente palavra outono.  
Rimarei com a palavra carne  
ou qualquer outra, que todas me convêm.  
As palavras não nasceram amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livre por vezes um desenho,  
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

Um Manuel Bandeira intenso e porejante de poesia, que eu tive a ingenuidade atrevida de tentar aluir!... Hoje é o poeta das minhas horas de silêncio, que eu não posso nunca deixar de reler após as fadigas de outras leituras.

Ternura e desencanto gotejam dos seus poemas:

Andorinha lá fora está dizendo:

- Passei o dia à toa, à toa!

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

- Passei a vida à toa, à toa...

Como descritivo e impressionista, ele me deixou forte impressão com aquele seu “Debussy”, surpreendente evocação rítmica dos esfuziantes prelúdios do compositor francês:

Para cá, para lá...

Para cá, para lá...

Um novelozinho de linha...

---

<sup>139</sup> MARANHÃO, Haroldo. “O último Modernista”. **Folha do Norte**. Belém, 05 maio 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4. Grifos do autor do texto.

Para cá, para lá...  
Para cá, para lá...  
Oscila no ar pela mão de uma criança  
(Vem e vai...)  
Que delicadamente e quase a adormecer o balanço  
- Psiu... –  
Para cá e para lá...  
Para cá e...  
- O novelozinho caiu.

É evidente que não se cogita, aqui, de doutrinar os leitores incrédulos, o que, afinal, seria dourada pretensão. Porque acredito na absoluta inutilidade de todo empenho nesse sentido, admitindo-se que a poesia moderna deve ser naturalmente absorvida, sem qualquer intervenção estranha. Nenhum dos apologistas do movimento de 22 conseguiu impor-me, teoricamente, as vantagens estéticas ou literárias da poesia renovadora. Fui eu quem a possuí, sozinho. Mas assim mesmo suponho que se deve considerar com particular atenção esse desabafo e essas confissões de quem se vê, embora tardiamente, no seu verdadeiro caminho. Não deve ser desprezado o depoimento de quem se opôs intransigentemente a uma escola e aos seus valores, e hoje se confessa inapelavelmente traído.

Diz Álvaro Lins que se lhe perguntassem o que mais estima no seu ofício de crítico, responderia o ter podido compreender e sentir a poesia moderna. Desse mesmo regozijo por essa mesma compreensão literária eu também participo. E posso proclamar, honestamente, ser a maior vitória de espírito da minha adolescência. Quem mais atacou entre nós o modernismo é agora quem mais o exalta. Custei a chegar, é verdade. Demorei muito. Mas sempre cheguei.

## 12.5 - “O Poeta e a Rosa”, de Francisco Paulo Mendes<sup>140</sup>

25 de abril de 1948

A situação da poesia até bem pouco tempo, podia-se afirmar com toda segurança, era estritamente revolucionária. As escolas poéticas que foram surgindo, do Romantismo aos nossos dias, numa sucessão cada vez mais rápida, não denunciavam senão um movimento revolucionário que se operava na esfera da poesia e que procurava afastá-la de um passado morto para conservá-la viva e orientá-la para novos e diferentes caminhos. Fácil, relativamente fácil, era para o crítico literário precisar a natureza desses movimentos e descobrir, não obstante o aparente contraditório das escolas as intenções dessa poesia que aparecia aos olhos espantados e indignados dos leigos menos avisados e não preparados para recebê-la, ilógica e desconcertante, absurda e anárquica, numa palavra, incompreensível ou, como ainda muitos a julgaram e a julgam, antipoética.

O que se tratava, sem dúvida, era da procura de uma nova linguagem, do aproveitamento de temas antigamente relegados ou desconhecidos, e de um forte desprezo e abandono absoluto dos assuntos, vocabulários e formas poéticas de outrora. Dos românticos aos surrealistas abriram-se novas regiões à poesia. Enriqueceram-na com nova matéria, possibilitaram-na de uma intensiva e profunda exploração da alma humana e das coisas e fizeram-na, por fim, um instrumento particular de conhecimento, um saber especial, permitindo-lhe um destino intelectual tão ambicioso que toda uma corrente atual do pensamento, o Existencialismo, pretende ver na poesia a mais pura expressão da atividade filosófica e nos poetas, pelas descrições de suas “vivências”, aquelas que atingem, do modo mais direto e penetrante, a verdade atrás da qual andam os filósofos.

Hoje parece, no entretanto, que isso tudo começa a transformar-se. O aspecto do fenômeno poético está acusando, embora vagamente, certas tendências ou direções que fazem supor uma completa mudança de orientação ou, pelo menos, uma outra situação para a poesia contemporânea.

Já não podemos mais, com a mesma facilidade de ontem, observar, verificar o fenômeno poético nos confunde. Há nela caracteres aparentemente antimodernos que nos dão a impressão de estar-se processando, lenta e veladamente, uma volta ao passado e à arte poética que antecedeu a modernista.

Mas, o que pensamos existir, na verdade, é o retorno de uma fase cíclica da poesia, em que estas, depois de um longo espaço de tempo em que se libertou do convencionalismo das formas obsoletas e inúteis, num movimento de extrema liberdade e pseudo anarquismo, passa, então, a ordenar as suas conquistas, a disciplinar-se e a estabelecer os seus princípios formais. Àquela poesia revolucionária de que ainda notamos a presença, parece suceder, pelo que nos é dado apreciar e apreender, uma poesia que se despe dos seus caracteres

---

<sup>140</sup> MENDES. Francisco Paulo. “O Poeta e a rosa”. **Folha do Norte**. Belém, 25 abr. 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3. Grifos do autor do texto.

revolucionários para ingressar numa época de equilíbrio e de consolidação das conquistas realizadas, demonstrando preocupações de ordem e de medida. Em outras palavras, a poesia começa a orientar-se para aquilo que na história das criações artísticas chama-se de um período clássico. Orienta-se sim, para um classicismo, porém tomemos aqui a palavra clássico em seu significado histórico-cultural. Isto é, de fase histórica que se caracteriza por um sadio equilíbrio das forças sociais e espirituais e por um ideal de ordem e de harmonia que se revela por uma plenitude de ação criadora. Não nos referimos de maneira alguma ao conceito particular do clássico, como, por exemplo, quando empregamos a palavra para designar os ideais que dominaram as letras e as artes do Ocidente, do século XIV ao século XIX. Portanto não afirmamos o aparecimento, em nosso tempo, de uma poesia reacionária, ou de uma volta aos antigos e mortos princípios de uma arte poética que já realizou seu ciclo vital, do Renascimento ao Arcadismo.

O que pressentimos, certamente, é que nos dirigimos para um momento de plenitude poética onde vai consumir-se, de modo perfeito e integral, toda a poesia que até agora tem jorrado, dos românticos revolucionários aos contemporâneos revolucionários, exuberante e tumultuariamente. Romantismo, Parnasianismo (mesmo com o seu ilusório culto de uma forma já estabelecida), Simbolismo e as escolas em **ismos** que tem surgido desde os princípios deste século, não fizeram mais do que acumular, “pela penetração e expansão em domínios novos, uma rica e original matéria poética e, também combater por uma forma adequada, imperiosamente reclamada pela poesia. A luta contra a antiga versificação, repúdio da metrificação e condenação da rima, foram menos atitudes assumidas em definitivo pelos poetas, do que uma reação momentânea necessária aos obstáculos – convenções, usos consagrados, hábitos que impediam uma tradução fiel do nosso universo poético. A versificação antiga havia sido criada, por um homem que não mais existia, para uma poesia que, a seu tempo, ela viera satisfazer plenamente as exigências de expressão. Agora para um outro homem e para uma outra poesia impunha-se legitimamente, a criação de uma outra linguagem poética. Esta foi, em síntese, a luta que os modernos tiveram que travar contra os antigos.

Para os modernos, porém vencidas a velha ordem e a tradição, morto, para sempre o mundo poético do passado, conseqüentemente a paz e o equilíbrio voltariam a reinar novamente. Foi sempre assim. É a verdade profunda de afirmação de Valéry, tão lúcido ao analisar o fenômeno poético, de que não havia classicismo sem, antes, ter havido romantismo. Daí poderemos pressentir, por suas últimas manifestações o caminho por onde ingressa a poesia de hoje e esse futuro **classicismo** que se aproxima.

Na poesia francesa atual, especialmente a que apareceu durante e o após guerra, é que temos a oportunidade de verificar claramente essa transformação que se opera quanto à forma poética. Era ela, há pouco ainda, completamente liberta mas, no momento, já procura submeter-se a uma voluntária disciplina. Sentimos nessa poesia francesa um universo poético que se organiza. Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo e as escolas dos nossos dias criaram a matéria poética que se ordena agora. E, já dentro desses movimentos passados,

porque nada se faz repentina e violentamente, podemos ir descobrindo os impulsos de ordenação e organização daquela matéria poética e as tentativas para a criação de uma forma própria e justa para ela. Meditemos sobre o verdadeiro significado do desmembramento do alexandrino feito por Victor Hugo e os românticos, das **transposições artísticas** de Gautier, das **correspondências** de Baudelaire, da Mallarmé de **musicismo** de Verlaine, do **verslibrisme** dos **decadentes**, do **instrumentalismo** de Ghill, do **versículo** de Claudel dos **exercícios** de Valéry, dos **caligramas** de Apollinaire, da escritura automática e da psicografia dos dadaístas e surrealistas. E compreendemos, então que todas essas tentativas nada mais foram do que uma angustiada e viva conquista de meios de expressão, esforço para encontrar a forma apropriada da poesia contemporânea, o que, uma vez conseguido permitir-lhe-á o advento de uma **fase clássica**.

Mas há, também, o perigo disso tudo não ser um sintoma verdadeiro de um possível classicismo. Fase há, como a que se apresenta a nós, que embora nos iludam pelos seus indícios e aparência, não são **clássicas**, como pode pensar um observador apressado. Muitas vezes a preocupação da forma, o desejo de ordem e de equilíbrio disfarçam um esgotamento das fontes criadoras e uma debilidade da poesia. O poema, por uma cuidada realização material, procura suprir a deficiência de conteúdo poético ou simular a presença da poesia. Outras vezes essa fase é enganadora porque não é mais do que um rápido **intermezzo** entre dois perturbadores e descontrolantes períodos históricos. O que existe, então, é a nostalgia da ordem e do equilíbrio. E, se o que acontece agora for apenas isso, não tendo raízes em nossa verdadeira realidade espiritual e social, esta ordem poética é uma falsa ordem e o prenúncio de outros movimentos que continuarão as anteriores, talvez ainda mais revolucionários caóticos e violentos que os de toda as escolas chamadas de **modernistas**.

Seja lá o que for convenhamos, no entanto que se as inovações de forma, a preocupação de ordem e de medida, a construção cuidada do verso, o uso da metrificação, dos apoios rítmicos, da rima, que foram consideradas por um longo espaço de tempo, deprimentes para o poeta e prejudiciais para a poesia, condenados e atacados, voltam a ter livre curso, podem simplesmente ser manifestações de uma nova e inevitável meta da arte poética dos nossos dias. A poesia está, habilmente, aproveitando-se de tudo que possa a vir oferecer-lhe possibilidades de tradução e transmissão. O que fica patente é que chegamos a uma fase em que para o poeta tudo lhe parece válido desde que não se perca, fascinado, nesses processos artísticos que ele reencontra depois de tê-los conscientemente repellido e abandonado, e não se entregue a eles passando a transformá-los em princípios e leis, convenções, ou cultivando-os como um fim em si e não como um meio.

Assim, compreende-se que, para lidar com maiores e mais ricas possibilidades de expressão poética o poeta se aproveite de todos os **auxílios** rítmicos já conhecidos, metrifique, use a rima, pratique a aliteração, apele para toda a classe de apoios, maneje, enfim, o arsenal completo de um tratado de versificação. Tudo se reduz a recursos de expressão de que ele se socorre

porque, na ocasião, servem-lhe magnificamente. A questão não é discutir se o poeta pode ou não pode versificar à antiga, e sim em saber se a sua poesia exige ou não, no momento, essa versificação, se pela sua matéria ela pede para si uma forma ordenada e disciplinada. Como toda linguagem, o verso tem que ser adequado à natureza da matéria que ele exprime. Aí, a meu ver repousa a questão e devemos situar o problema de forma poética (como a de qualquer outra forma artística) para que não fiquemos, equivocadamente, a teimar que devemos, como já nos libertamos do convencionalismo da versificação clássica, repudiá-la para sempre e continuar, quando quisermos poetar daqui para o futuro, a usar somente as formas livres do verso. Seria isso um preconceito tão pernicioso como outro qualquer. Seria em boa terminologia literária, o que nós chamaríamos de **academicismo**, pois que, por nossa vez, estabeleceríamos dogmas invioláveis e estaríamos, também, presos irremediavelmente, a convenções que não poderíamos aceitar sem cair no mesmo erro que condenamos no passado além de que nos encontraríamos, por conseguinte, impedidos de criar uma poesia viva.

Basta, portanto, para que o poeta não se perca no perigo de um novo convencionalismo de expressão ou não venha a cair no **virtuosismo**, que ele seja fiel à matéria poética com que trabalha, isto é, que tenha como seu único princípio a procura incansável da forma adequada à matéria da sua poesia à **essência** dela, como diriam os idolatras da **poesia pura**.

Se essa matéria poética a ser tratada surge no espírito do poeta desejoso de equilíbrio e de harmonia, se ela reflete uma época cuja aspiração primeira é a paz e a ordem, necessariamente que exige – e essa parece ser a situação atual da poesia – uma forma ordenada, medida, equilibrada para exprimir-se. Na alma do poeta, o mais sensível de todos os homens, é que repercutem, de maneira mais forte e mais aguda, os impulsos inconscientes, os apelos não formulados, os **élans** ainda insuspeitados dos seus contemporâneos – para isso ele é o Anunciador.

A posição e o dever do poeta no Brasil, como do poeta de todos os tempos, é ser fiel a si mesmo. Ser fiel a si mesmo é sempre, também, de certo modo, ser fiel à sua época. Se nós não estamos ainda preparados para um **período clássico**, para uma poesia harmoniosa e medida, não a forcemos impondo virtudes que lhe não são ainda naturais, mais esperemos, criando no tumulto que é a nossa vida espiritual, que chegue o nosso tempo de ordem e de equilíbrio. Atraiçoando-nos, mentindo-nos, atraíçamos e mentimos à nossa vida e à poesia. Mas se o poeta na verdade, sentir, agora, a urgente necessidade de novos ritmos e de um novo vocabulário e que tudo isso decorra de uma aspiração à ordem e ao equilíbrio, que assim seja, e que nossa poesia acompanhe as tendências e orientações atuais da poesia em outras partes.

O crítico permanece na expectativa. E, se é certo, esta poesia que está sendo ultimamente criada entre nós é a expressão autêntica e exata do nosso espírito e da nossa vida, aceitemo-la e nos esforcemos por compreendê-la. Todo poeta novo é um novo profeta: anuncia uma nova idade. E é na palavra dele que nós depositamos a nossa esperança.

### XXX

Estas considerações gerais acerca do fenômeno poético foram-me sugeridas pela leitura dos poemas de Mario Faustino, um novo poeta que nos oferece uma criação pura e ordenada que reflete de modo nítido e frisante as atuais tendências a que me referi. E foi sobre ele, especialmente, que resolvi escrever este artigo. Sobre a sua personalidade poética e sobre caracteres particulares da sua poesia.

Esse rapaz de 17 anos que já conhecíamos através de um conto moderníssimo e originalíssimo, publicado no suplemento literário da FOLHA DO NORTE, e de algumas traduções de poetas franceses, espanhóis, ingleses e norte-americanos, apresenta-se, agora, como um dos poetas de mais força entre os aparecidos, ultimamente em nosso meio. Dos poucos poemas que escreveu, material ainda não suficiente para um estudo completo, é que tentaremos, tanto quanto nos for possível, indicar as linhas características da sua poesia.

Pureza e Beleza parecem ser os temas principais da poesia de Mário Faustino. Daí os dois símbolos prediletos e frequentes dessa poesia – o Anjo e a Rosa. Dois símbolos muito comuns, mas rejuvenescidos e empregados pelo poeta de modo admirável. O seu talento se manifesta, logo de início, pelo tratamento original desses símbolos já tão conhecidos e explorados pela poética de todos os tempos. E esses dois símbolos, essencialmente rilkeanos, servem-lhe para uma série de evocações e imagens intensamente poéticas.

Antes de tudo sua poesia é o espelho de uma dolorosa consciência de um estado de crise. Da crise natural em todo adolescente: a provocada pelo desaparecimento do mundo puro da infância e pelos primeiros contatos diretos com a vida áspera e má que os homens arrostando. É o drama espiritual dos adolescentes demasiadamente delicados e sensíveis e, por certo, nada mais do que o drama da pureza no homem, drama que no seu paroxismo pode gerar, como no caso de Rimbaud, segundo Daniel Rops, o desespero e a revolta.

Mas, felizmente para o poeta, o seu caso é mais benigno. A sua consciência tão penetrante não o acusa ainda de ter esbanjado totalmente o seu tesouro da pureza. Ele sente que o pouco que perdeu não chegou a atingir irremediavelmente sua alma e não a esvaziou dos sentimentos mais castos e mais elevados e pôde permitir-lhe ainda, em compensação, a descoberta da sua própria personalidade. O primeiro choque com o mundo, as primeiras decepções, as quedas tão naturais do moço; encontraram-no, talvez demasiadamente desprevenido mas não inerme. De uma primeira aproximação brutal com a vida lhe veio o sentimento de alguma coisa seriamente ameaçada em si, ao mesmo tempo que a revelação perturbadora do seu eu. Há na sua poesia por isso, não raro, o grito patético de um pássaro amedrontado e espantado. E foi desse contato provocado pelo seu primeiro encontro com a miséria e a pequenez da vida e do mundo que ele retornou

“o mais triste dos homens  
embora nunca tenha sido  
o pródigo.  
Sou apenas uma pobre

criança  
pela primeira vez diante  
de si própria  
e que tem medo”.

São os terríveis, os inevitáveis, por vezes fatais embates das almas jovens quando começam a abrir-se para a vida. É o princípio da perda daquele anjo que cada um traz em si:

“Querer ser puro e sempre ver-se impuro”

É essa nostalgia angélica que num dado momento de sua adolescência os homens de natureza superior passam a sentir, que o faz dizer, na voragem que o arrasta:

“Agora é noite e um anjo  
desgarrado  
debate-se impotente no  
pegajoso mar”

e fiel à voz da sua alma cândida de outrora  
acrescenta:

“Ouço o teu canto pobre  
anjo decaído  
mas estou preso e o abutre  
me contempla”

O poeta sabe, contudo, que é essa a sua condição trágica, sua condição de homem, que o seu destino e a sua fatalidade é saber-se feito do efêmero e do eterno, do terreno e do divino. E compreende. Não há mais o gesto esboçado de desespero e de revolta, e sim o de aceitação:

“Por que amaldiçoas  
E quem imortal te fez?”

Resignemo-nos:

“Por que o desespero alma esquecida!  
É teu consolo o teres sido anjo.”

Felizes e comoventes versos que estão entre os mais belos que conheço.

O que há, pois, nesse jovem é uma consciência muito forte de quem está sentindo um estado de pureza natural ferido e ameaçado de aniquilamento e encontra-se, ainda, muito preso aquele clima virginal da infância do qual os poetas não se libertam jamais. Acompanha-o o temor da realidade da vida, tão baixa e tão suja, que poderia macular as águas claras dessa alma tão moça e tão virgem. Os seus sentimentos continuam, em toda a sua profundidade e intensidade, inteiramente castos, com a sua candura primitiva.

Por isso o tema do amor é tratado na poesia de Maria Faustino com uma suavidade e delicadeza extremas. Este amor é tão suave, tão sublime do que os seus versos adquirem um *dolce stil nuovo*. Só mesmo o anjo pode, também, simbolizá-lo. Quem não sentirá todo o pressentimento do amor de um adolescente neste pequeno poema que é uma obra prima de doçura, sugestão e música, onde as aliteraões, as assonâncias se harmonizam num milagre de expressão melódica e poética

“Suave rumor de passos em viagem  
Vens como o vento acalentando as folhas  
adormecendo a rosa à tua passagem.  
Donde esta paz o sono o sonho a sombra?  
Apenas leves dedos sobre os olhos  
somente a mão do anjo sobre o ombro.”

Poema que pode sugerir, na riqueza das imagens, aquela “vrai vie absente” de que falou um outro adolescente que foi um gênio e chamou-se, entre os homens, Jean-Arthur Rimbaud. Penetramos, pelas palavras desse poema, num outro mundo real, mas invisível, o mundo das coisas indizíveis, das paisagens distantes e perdidas.

Há em Mario Faustino como que o receio de que o encontro amoroso, tão frágil sempre, rompa-se e desapareça. O anjo que ele canta e que pode ser o símbolo do amor, da ventura e da glória, o poeta sente próximo demais de si, mas, ao mesmo tempo, atemoriza-se com a ideia de afugentá-lo e de perdê-lo com os simples gestos que fizer para alcançá-lo:

“Estás tão perto anjo desambientado!  
Mas é tão frágil a tua presença  
que é possível que eu fique de repente  
outra vez sozinho  
na noite desamparado.”

E mesmo, quando, vencendo a sua natural timidez e o receio, tenta chegar-se a ele, esse anjo puro, símbolo do amor e das suas mais altas aspirações, é supra-humano, impassível, inatingível.

“Desespero de nunca ver o anjo”

E mudo aos seus gestos e aos seus rogos:

“Por mais que chore e cante  
o anjo não me atende”

Mas não atende porque

“Ouve talvez porém  
a voz do anjo é silêncio.”

Na busca do amor, da glória, do sonho acompanha-o constantemente o ideal de pureza. Ainda depois, quando atraído e dominado pela beleza, esse ideal não se apaga ou enfraquece, mas pelo contrário aviva-se mais:

“Quisera em rosa pura  
ou lírio transformar-me.”

E essa pureza invocada tão ardentemente e lembrada quase com desesperante obsessão, volta a ele com a visão magnífica da beleza.

Mas se a pureza lhe havia revelado o drama do homem, a beleza lhe irá revelar, agora, o drama do artista. A beleza que ele saber ser

“apenas a passagem divina  
Impiedosa e fugaz”,

põe-no de frente a uma outra tragédia. Vai saber ele de uma nova mas sedutora tortura – a do esforço vão para aprisionar a beleza e possuí-la. E nada lhe dará tanto o sentimento de uma dolorosa incomunicabilidade e a sensação da brevidade, do efêmero, como a beleza. Como é difícil a sua conquista! Impossível o seu domínio!

Mário Faustino ama e exalta as coisas ocultas misteriosas e difíceis, como a beleza, que exercem sobre ele uma fascinação muito forte. A beleza é a rosa oculta e misteriosa de um jardim secreto. Ela é frágil demais para suportar os olhares estúpidos e as admirações grosseiras. Tem que ser

“Visão inesperada surpreendido contato desconhecido perfume.”

A beleza é coisa rara, preciosa, delicada. Ela se esvai ao primeiro contato. É esquiva. Surge de leve, mansamente. Dela só perdura a lembrança e a emoção que a sua breve passagem desperta. Não se submete a um domínio ou a uma exploração. Entrega-se somente a quem não a força ou não a violenta. Ela é do artista que ama e não dos sábios que a querem analisar e dissecar.

O artista não pesquisa nem aprofunda, apenas recebe e transmite. E foi por isso que o poeta, nuns versos admiráveis de precisão e de música, referindo-se à rosa inamissível que é a beleza, pode dizer

“ Esqueceste (ou não sabias) que ser artista é não contar  
e contando-a arrancaste suas pétalas uma a uma.  
Tens o número mas perdeste a beleza.”

Quem diante desses versos não se lembra daquela poesia **A mosca azul**, de Machado de Assis? Todo o drama da beleza aí está ante nós. Nós que fomos feitos para ela, nós que aspiramos a ela, que a sonhamos e que nos debatemos numa impossibilidade de conservá-la, de guardá-la, de não corrompê-la. De

natureza divina, angélico é o nosso **élan** para ela, humanamente fraca a nossa capacidade de apreendê-la. Um ideal de beleza pura é impossível. Sim

“A beleza é apenas a passagem divina  
impiedosa e fugaz”,

principalmente impiedosa e fugaz. Não podemos, infelizmente, impedir a perda constante da beleza. E o poeta, mais que todos os outros homens, sente isso e uma das formas da sua vida trágica encontra-se aí. A beleza provoca a desgraça. A beleza revela o insuspeitado sem entregá-lo à nossa posse absoluta. Dá a visão fugidia do paraíso sem permitir que nos apropriemos dele. A beleza é terrível. Ela é mesmo, como disse Rilke, “o primeiro degrau do terrível.”

Todo poeta é uma grande vítima e toda poesia um sacrifício. O sacrifício da beleza. O poema nasce de um contato fatal do poeta com a beleza. Ela se entrega mas nos deixa a cada instante. É paradoxal. Dura passando. A tragédia que provoca está nisso. Sabemo-la inconquistável porque nos foge. Aproximamo-nos dela e ela se esquiva. Entremostra-se mas não se deixa possuir. Essencialmente paradoxal passa e fica. Fica na verdade que ela revela na sua luminosa e breve passagem, fica na emoção de desperta e que perdura para sempre. Fica e passa. Está presente e ausente. Encanta e desespera. Produz a alegria e a tristeza. Assim

“A thing of beauty is a joy for ever.”,

Como disse Keats, mas um outro grande poeta, que foi Antero de Quental pode dizer também:

“Eu vi a beleza que não passa e fiquei triste.”

O preço da beleza é o sacrifício. Ferindo ela salva. E só aquele que é ferido por ela pode senti-la no coração e ter voz para louvá-la.

O drama da beleza encontrou na alma de Mário Faustino uma ressonância sem limites e fez brotar uma poesia de incomparável força e de inigualável poder evocativo e expressional. É o poeta da Rosa. O poeta que canta a passagem efêmera e eterna dessa rosa mística que é a Beleza. Cantando-a cantou a eternidade que a sua passagem deixa e conseguiu transmitir a beleza dos seus versos. Lendo seus poemas, tão estranhos e tão puros, que a visão passageira da beleza, que a passagem efêmera da Rosa faz nascer, é o verso de um soneto famoso de Shakespeare que nos vem à memória:

“Of their sweet deaths are sweetest odours made.”

Fez nascer, na verdade, os mais finos e encantadores versos em uma poesia delicadíssima e suave. Há versos seus de extraordinária força de sugestão. Vejamos alguns deles:

“misteriosamente a noite está deserta”  
“Está só de mãos vazias toda cheia de nada”  
“Donde esta paz o sonho a sombra”  
“Um som estranho esquecido à beira do caminho”  
“Suave rumor de passos em viagem”  
“Cheia (a noite) de anjos indecisos caminhando  
seus pés sobre os caminhos do ar.”

E esse jovem poeta aparece, de modo quase inacreditável, pela perfeição e realização dos seus poemas, com certas qualidades de expressão e forma que somente possuem os poetas já de todo completos. Há, principalmente na sua poética – além do equilíbrio e da ordem que ela reflete das tendências últimas da poesia contemporânea, e que o fazem. Como acentuei no princípio desta notícia, um dos seus representantes mais autênticos em nosso meio – um vocabulário moderno e belíssimo que resulta altamente adequado e sugestivo emprego do adjetivo, compondo expressões de um potencial poético muito capaz de nos forçar, de repente, aquele estado de hipnose de que nos falam alguns teóricos da poesia pura: “súbita beleza”, “transparentes anjos”, “frágeis caminhos”, “pegajoso mar”, “alma esquecida”, “mãos balbuciantes”, “rosa assassinada”, “anjo desambientado”, “presença frágil”, “pétala inconsútil”, “inamissível lembrança”, “cor incompassiva”, etc...

Mas essa linguagem poética – que os outros, amadurecidos na sua arte, conseguem depois de uma soma muito grande de esforços e é conquistada após uma larga e paciente série de tentativas e experiência – se é admirável num poeta adolescente que está ainda nos seus primeiros poemas e se é sinal de força, de vitalidade e de um talento excepcional, carrega, também consigo, o perigo dos dons pródiga e liberalmente concedidos pela natureza – o dos seus desvirtuamentos fáceis e da sua perversão. Temos o virtuosismo e o diletantismo que podem assenhorear-se dessas tão belas inteligências e dessas vocações extraordinárias. Tenho medo que o poeta jovem como é, posa acabar numa poesia de exercícios habilidosos e atraentes e sinta-se satisfeito com isso.

Não temos, porém, o direito de duvidar dele. Os seus caminhos não serão mais os caminhos tristes onde o poeta arrasta a poesia, exibindo-a e explorando-a, até matá-la. Confiamos na sua voz reveladora da beleza, onde foi encontrar na sua virgindade criadora, as palavras traduzem o mundo ausente da infância e aquela pureza que ele, num momento de desespero, como homem, pensou para sempre perdida.

Agora ele sabe a sua missão. Ele já sabe que a paz pode fazer do seu coração uma daquelas **moradas** de que se referem os místicos espanhóis do século XVII. E agora que ele sabe sua missão e aceitou sua condição de homem, sereno pode olhar para as coisas e dizer:

“Nada mudou, apenas eu transbordo.”

Transborda de beleza, de entusiasmo, de amor, de poesia, enfim. Seu destino é cantar. E cantando nos revelará e transmitirá a beleza suprema. A sua voz, ordenada e criadora, será o reflexo de um domínio e de uma paz interiores. E essa voz será eterna, que a voz de um poeta não passa nunca. Ecoará sempre no coração, entre os muitos que a escutarem, a voz d'

“aquele cujo nome traçaram os vagalumes  
cujo perfil formaram as pétalas caídas  
antes do dia  
e do vento”

mas que não será esquecido nunca mais.

## 12.8a - “Poetas do Modernismo (Parte I)” de Álvaro Lins<sup>141</sup>

19 de outubro de 1947

Numa entrevista literária, em que se manifestava um poeta de vinte e poucos anos, excepcionalmente bem dotado, li mais uma vez a opinião, por muitos preferida, de que a geração do movimento modernista apenas descobrira o pitoresco do Brasil e não propriamente o Brasil. Parece-me que aí se encontra uma condenação injusta. É certo que, em rigor, os modernistas não descobriram o Brasil, mas a verdade é que se empenharam em ver e sentir a vida brasileira, descobrindo-lhe faces ignoradas ou pouco conhecidas do passado e do presente, reagindo contra a excessiva influência europeia, principalmente a da tradição portuguesa e a das incessantes correntes francesas, na busca de temas regionais e na procura de uma forma de expressão tanto quanto possível nacionalizada. Vistas hoje, quantas dessas obras – quase todas – nos parecem postiças nos seus excessos, superficiais, pretensiosas, ingênuas, simplesmente pitorescas! Vistas no seu tempo, porém, e levando em conta os padrões literários dominantes, contra os quais tinham de lutar os autores modernos, como se nos afiguram ricas de vivacidade nos seus transbordamentos, originais, oportunas, intensamente viva na sua fisionomia brasileira! O tempo, contudo, é implacável em matéria artística, não considerando circunstâncias acidentais e sim, apenas, os valores intrínsecos e permanentes das obras de arte. Isso explica que hoje tantas produções da geração modernista de 1922, em verso como em prosa, estejam fora do nosso gosto e excluídas do nosso interesse, amarelecidas, caducas, ultrapassadas, material mais de história literária do que da literatura, como acontece, aliás com todas as escolas e movimentos artísticos. No entanto, desses naufrágios periódicos e inevitáveis, em que desaparecem todas as cargas imprestáveis, sempre alguma coisa, algumas obras fundamentais, características e artisticamente bem acabadas se salvam, permanecem de pé e se prolongam pelo futuro, para representar a escola, o movimento e a época a que tenham pertencido. Uma parte das realizações literárias da geração modernista está neste caso, sem falar de obras mais consideráveis feitas posteriormente, de autoria daquelas figuras que ultrapassaram as limitações e preconceitos do movimento de 22 no sentido de um ideal de arte menos contingente e mais geral. De qualquer forma, existe uma herança do modernismo, que tem um conjunto positivo de significações, não sendo das menores, entre elas, a valorização da vida brasileira, na sua temática e na sua maneira de expressão.

Pela coincidência de terem publicado livros no decorrer deste ano, podemos agora comentar, ao mesmo tempo, a obra de três poetas característicos e importantes da geração modernista, todos três de idades aproximadas, hoje nas

---

<sup>141</sup> LINS, Álvaro. “Poetas do modernismo”. (Parte I). *Jornal de Crítica*. (Especial para a Folha do Norte, neste estado). **Folha do Norte**. Belém, 19 out. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-4.

vizinhanças da casa dos cinquenta anos: os Srs. Jorge de Lima, Cassiano Ricardo e Raul Bopp. E são três nomes não apenas representativos do movimento modernista, mas sobretudo daquela tendência regionalista, nacional, brasileira, que tanto maçou a nossa atividade poética de há vinte anos passados. Aliás, nenhum deles se encontra mais hoje ligado às tendências afro-brasileiras, verde-amarela ou do antropofagismo, dentro das quais escreveram os seus versos de mocidade: o Sr. Raul Bopp, porque pouco ou nada publicou depois de “Cobras Norato” e outros poemas do mesmo feitio; o Sr. Jorge de Lima, porque abandonou o seu grande caminho de poeta do Nordeste para seguir o da religiosidade; o Sr. Cassiano Ricardo, porque nos surpreende agora com o melhor, talvez, e mais bem realizado dos seus livros de versos, “Um dia depois do outro”, bastante diferente de *Martim Cererê* ou “Vamos caçar papagaios”.

Reli os chamados poemas do Nordeste do Sr. Jorge de Lima olhando de vez em quando para um magnífico quadro, por ele pintado, e que guardo comigo como uma das suas lembranças de amigo. Poeta, prosador, pintor, o Sr. Jorge de Lima tem se movimentado através de quase todos os gêneros, teorias e artes. E já agora, contemplando o seu quadro, não sei se me arrependo da aspereza com que num momento de mau humor me referi à curiosidade, à mobilidade, à volubilidade de seus ímpetos para realizar todas as experiências e esgotar todas as possibilidades o que me parecia um desperdício de valor e força criadora, uma preferência pelo horizontal em vez do vertical. Mesmo que me sentisse arrependido, porém isto não significaria uma revisão no julgamento objetivo sobre tantas obras falhadas ou menos felizes do Sr. Jorge de Lima. Dividindo-se tanto, ele nem sempre acerta o alvo ou chega a um objetivo apreciável. Para só me referir ao poeta, por exemplo, sabemos que três fases atravessou o Sr. Jorge de Lima: a parnasiana, a regionalista na forma moderna e a religiosa. A primeira era talvez inevitável, e dentro dela escreveu o seu tão famoso soneto “O acendedor de lampiões”, que dificilmente desaparecerá da crônica literária do Brasil; a terceira, não me parece que lhe tenha sido muito propícia. Por mais sincero que seja o seu catolicismo prático, a sua “poesia em Cristo” está marcada por um tom vago e incharacterístico, difuso, como se ele não dominasse poeticamente a matéria a despeito de um ou outro poema bem realizado com essa inspiração religiosa. Ao meu ver, na segunda fase, nos poemas da terra e do homem do nordeste, é que se encontra, em toda a sua plenitude o admirável, o autêntico, o comovente poeta que é o Sr. Jorge de Lima. E uma nova edição de muitos dos poemas dessa fase é que acaba de aparecer em volume lançado pela “Revista Acadêmica” com um prefácio do Sr. Gilberto Freyre e ilustrações do pintor Lazar Segall, sob o título um tanto impróprio de “Poemas negros”, quando o mais adequado seria talvez “Poemas do Nordeste”<sup>142</sup>.

Verifica-se que na época desses poemas já as situações religiosas preocupavam o Sr. Jorge de Lima, mas preocupavam-no somente como poeta e como observador da vida popular brasileira. Não era a religião romana o seu tema, mas a religião deformada pelas superstições e fantasias, misturada de mitos e

---

<sup>142</sup> Jorge de Lima – **Poemas negros** – R. A. – Rio - 1947

crenças tanto africanos como indígenas, tal qual está difundida nas massas populares do Nordeste. Vejam-se a propósito os poemas “Diabo brasileiro”, “O medo”, “Poema de encantação”, que constituem transfigurações poéticas de cenas e fatos observados todos os dias, ontem como ainda hoje. Mas neste volume a peça que mais se destaca, a que se apossa mais depressa, mais definitivamente, do nosso interesse e do nosso gosto, é “Essa negra Fulô”. Trata-se como se sabe, de uma peça representativa, digamos de uma peça clássica da poesia modernista, sem deixar de sê-lo da poesia brasileira em geral. Adquiriu uma existência autônoma, conquistou o que se pode considerar “a consagração do recitativo” em salões, festivais, teatros, como acontecera com “O acendedor de lampiões”. Ouvi-a já declamada como quadro de uma revista na Praça Tiradentes; corre mundo e bem merece a celebridade. Antes de tudo, ela se impõe como obra poética em si mesma, perfeitamente acabada no espírito e na forma como obra artística. Independente de sua significação social. A sua construção é interiça como um bloco, enquanto no desenvolvimento da história e no jogo das palavras – que leveza, que graça, que encanto, que originalidade! Tudo, em “Essa negra Fulô”, é ao mesmo tempo muito espontâneo e muito bem construído, harmonia ideal da inspiração poética e do trabalho literário. Resta-lhe ainda, para maior valorização, conteúdo histórico-social, pois sugere, como numa fotografia, todo o sistema de existência patriarcal na época da escravidão negra. Embora seja muito conhecido o poema, desejo transcrever, como documentação, alguns dos seus versos:

“Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá)

Vem me ajudar ó Fulô,

vem abanar o meu corpo

que eu estou suada, Fulô

vem coçar minha coceira,

vem me catar cafuné

vem balançar minha rede

vem me contar uma história,

que eu estou com sono, Fulô

Essa negra Fulô

.....  
O sinhô foi açoitar  
sozinho a negra Fulô.

A negra tirou a saia  
e tirou o cabeção,  
de dentro dele pulou  
nuinha a negra Fulô

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?

Cadê, cadê teu Sinhô

Que Nosso Senhor me mandou?  
Ah! Foi você que roubou  
foi você, negra Fulô!  
Essa negra Fulô!”

Se algumas produções da poesia moderna vão se perpetuar na literatura, qualquer de nós pode jogar na certa afirmando que uma delas será “Essa negra Fulô”. Depois dela, outros notáveis e maravilhosos poemas, com o mesmo espírito, o leitor encontrará neste volume, como “Ancila negra” e “Madorna de laiá” que são da melhor qualidade poética e ainda não superadas no seu gênero; como “Banguê” uma página inesquecível de saudosismo, de tradicionalismo, com a ressurreição daquele mesmo mundo morto, o dos engenhos dentro do qual o sr. José Lins do Rego construiu os seus romance do “Ciclo da Cana de Açúcar”; “Retreta do vinte” , que se levanta como um quadro humano, em traços ora de “humour” ora de comoção; “Benedito Calunga”, que se desenvolve co o ritmo e o movimento de uma cantiga; “Floriano, Padre Cícero e o Lampeão”, simbolismo de tipos característicos de nosso psicologia social; “Xangô”, que se diria uma representação não só visual, mas também plástica, dos corpos no delírio da dança primitiva. Na ordem dessas referências, deixei para o fim um dos poemas que mais me agradam, o poema “Inverno”, com o significado de um canto de alegria e amor, que assim começa:

“Zefa, chegou o inverno!  
Formigas de asas e tanajuras!  
Chegou o inverno!  
Lama e mais lama,  
chuva e mais chuva, Zefa!  
Vai nascer tudo, Zefa!  
Vai nascer tudo verde  
Verde do bom:  
Verde nos galhos.  
Verde na terra.  
Verde em ti, Zefa,  
que eu quero bem!”

Muitos desses poemas apresentam tanto ritmo e tanta sonoridade que parecem feitos para a música e para a dança. Neles, certamente, nem tudo é poesia, mas o que não é poesia, é crônica de um sabor especial como “Exú comeu Taburá”. Há também no volume poemas falhados ou mal feitos, entre os quais estão “Mês de Maio” e “Bahia de Todos os Santos”. Este, a despeito do seu tamanho e pretensão, parece-me convencional, enfático e retórico. O leitor observará de vez em quando um certo abuso de modismos, cacoetes e extravagâncias do modernismo. Mas a responsabilidade aí não é do poeta pessoalmente; trata-se de um tributo obrigatório ao que era corrente e chique no tempo em que foram escritos os poemas.

Talvez por causa do título não foram incluídos neste volume, “Poemas negros”, algumas das produções mais admiráveis da segunda fase poética do sr. Jorge de Lima e que haviam aparecido na edição de 1932 dos seus “Poemas Escolhidos”: “O mundo do menino impossível”, “G.W.B.R.”, “Rio de São Francisco”, “Noite de S. João” e “Poemas de duas mãozinhas”. Se houvesse sido dado ao livro o título “Poemas do Nordeste”, a sua abertura bem poderia ser “G.W.B.R.”, que é um poema amplamente descritivo da paisagem daquela região, vista através de uma viagem de trem. Em rigor, o título “Poemas negros” é inadequado porque não temos uma poesia genuinamente negra. Ausência que decorre do nosso processo de miscigenação, da comunicação tanto biológica quanto espiritual que os portugueses estabeleceram com os povos africanos na colonização. Nos Estados Unidos da América, a raça negra criou uma poesia própria e particular porque se viu isolada, incomunicável e perseguida; no Brasil a fusão de raças criou a possibilidade de ascensão social, sobretudo para o mulato, e entre a poesia do branco e do negro não se ergueram rígidos limites. Fez-se a mistura na ordem literária como conseqüência da mistura na ordem biológica. Aquele que poderia ter sido aqui o interprete por excelência da poesia negra, Cruz e Sousa, adotou no entanto uma escola literária de nórdicos, de brancos por excelência, o simbolismo. E eis como o sr. Roger Bastide, em “A poesia afro-brasileira” explica este curioso fenômeno literário: “Por conseguinte o simbolismo de Cruz e Sousa não se explica pelo meio. O simbolismo, aliás, não vingou no Brasil e o autor de “Missal” ficou quase que como o único grande representante dessa escola. Esse simbolismo se explica, no entanto, pela vontade do poeta de ocultar as suas origens, de subir racialmente, de passar, ao menos em espírito, a linha de cor.”

De qualquer forma, sob o título de “Poemas negros” ou “Poemas do Nordeste”, a poesia naturalista e pagã da segunda fase do sr. Jorge de Lima é, ao meu ver, a parte mais representativa e melhor realizada da obra deste poeta, a quem certamente não será negado um espaço considerável na nossa história literária. A sua poesia da época modernista exprimiu de modo artístico e original alguns aspectos genuínos da vida brasileira, revelando quanto ele compreendia e sentira tanto o homem como a terra do Nordeste. Consolida-se com maior intensidade e profundidade a nossa visão do Brasil após a leitura da obra de poetas dessa espécie.

## 12.8b - “Poetas do modernismo (Parte II)”, de Álvaro Lins<sup>143</sup>

26 de outubro de 1947

Cada um dos três poetas, de que estamos tratando, produziu pelo menos um poema que se tornou famoso e característico na ordem do movimento modernista: o Sr. Jorge de Lima, “Essa negra Fulô”; o Sr. Cassiano Ricardo, “Martim Cererê”; o Sr. Raul Bopp, “Cobra Norato”. Todos três nacionalistas marcadamente brasileiros no assunto e na linguagem. O do Sr. Raul Bopp, como ele próprio o explica em nota desta recente edição, esteve mesmo destinado a aparecer numa coleção “planificada sob um critério ferozmente brasileiro” e que seria a “Bibliotequinha Antropofágica”. A “Antropofagia”, como se sabe, foi uma das correntes – escola? grupo? tendência? – em que se dividiu o modernismo, quando o movimento herético começou a gerar no seu próprio seio outras tantas seitas heréticas, como no desenvolvimento do protestantismo. Quebrados os tabus e desacatados os dogmas, o princípio do livre exame seguia assim o seu processo lógico, embora aparentemente delirante. O criador, animador, o líder do grupo de “antropofagia” foi o Sr. Oswald de Andrade, e esta era talvez a ala mais radical, irreverente e primitivista da geração de 1922. “Antropofagia” teve um clube, editou revistas, espalhou-se em manifestos e entrevistas. Conceituá-lo não é fácil, pelo menos para mim que nunca percebi com muita clareza os objetivos, os conteúdos daquelas correntes e tendências do modernismo, que apareciam sobretudo como expressão de processos agitacionistas tão necessários naquele momento para dar animação aos próprios autores e provocar na direção deles o interesse público. Vejo-as todas apenas com uma vaga simpatia de não participante. O próprio sr. Oswald de Andrade, entrevistado por um jornal em 1928, ofereceu não uma, mas várias definições de “Antropofagia”, a primeira das quais era esta: “A Antropofagia é o culto à estética instintiva da Terra Nova”. Tanto quanto é possível identificar uma obra realizada, que é sempre particular e pessoal na sua fisionomia, com uma doutrina estética, que é geral e abstrata na sua formulação, podemos dizer que “Cobra Norato” representa excelentemente o grupo “Antropofagia” pelo que revela de “culto à estética instintiva da Terra Nova” na inspiração, no tema e na linguagem.

Agora, cerca de vinte anos depois de elaborado, aparece em nova edição, feita na Europa, o poema do Sr. Raul Bopp, que na vida literária da nova geração já se ia tornando mais citado do que propriamente lido.<sup>144</sup> Vê-se aqui, aliás, um curioso contraste, que assenta muito bem à personalidade enigmática e complexa do Sr. Raul Bopp: este poema primitivista, representação do mundo amazônico, surge numa edição luxuosa e requintada, impresso nas oficinas gráficas de uma casa de Zurich fundada em 1519. Contraste que prolonga o outro de ser um

---

<sup>143</sup> LINS, Álvaro. “Poetas do modernismo”. (Parte II). *Jornal de Crítica*. (Especial para a Folha do Norte, neste estado). **Folha do Norte**. Belém, 26 out. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 48, p. 1-3

<sup>144</sup> - Raul Bopp – “Poesia” – Zurich – 1947.

gaúcho o poeta que tão apaixonadamente sentiu e tão regionalmente cantou alguns aspectos da paisagem e do homem da Amazônia, tornando-se assim um ponto sentimental de ligação entre o extremo norte e extremo sul. E eis como o Sr. Raul Bopp explicou, ele próprio, o sentido de “Cobra Norato”: “Para mim vale como a tragédia da maleita, cocaína amazônica. **Eu quero é a filha da rainha Luzia**. Obsessão sexual. Druídica. Esotérica. Tem o ar de um livro de criança. Quente e colorido. Mas no fundo representa a minha tragédia das febres”. Lá, o poeta viu “o mato e as estrelas conversando em voz baixa” e ouviu “aquelas Mil e Uma Noites tapuias”. Daí surgiu “Cobra Norato”.

Não tenho comigo a versão anterior de “Cobra Norato” e fico assim sem poder compará-lo com este novo texto que me pareceu bastante modificado. Sem dúvida, modificado para melhor quanto à esterilização. A verdade, porém, é que não me veio agora, ao relê-lo, a mesma impressão forte e decisiva que senti na primeira leitura há alguns anos passados. Defeito do leitor em algum possível estado de espírito menos propício? Efeito do tempo sobre o gosto e o interesse literário? Defeito por ventura do poema, sem a resistência para a proba difícil da segunda ou terceira leitura? Não sei; e por isso não quero ser opinativo desta vez a respeito de uma obra de tão visível importância. Aliás, mesmo que viesse a se desvalorizar um pouco como arte, como realização literária, ainda assim “Cobra Norato” não perderia a sua importância como uma das produções mais características e representativas do último movimento modernista. Além disso, sentir-se-á, sempre neste poema bizarro e vitalista, uma imagem de coisas brasileiras através da visão expressionista de um artista originalíssimo. Informa o Sr. Raul Bopp que “Cobra Norato” era a princípio um livro inofensivo para crianças. Realmente, mesmo nesta versão definitiva ele conserva muito do encanto e da fantasia de um conto para crianças, com a imaginação e o ritmo interior que apaixonam os seres infantis. E não seria o primeiro livro para crianças com capacidade de penetrar e instalar-se na literatura. Nele se misturam história e lenda, observação objetiva e alucinação poética, um mundo existente e um mundo imaginário. É bem um quadro lírico da fantástica realidade amazônica, da realidade no seu duplo sentido. Ao lado de “Cobra Norato”, aparecem neste volume outros poemas menos extensos do sr. Raul Bopp. Ao meu ver, dois deles se destacam pela sua beleza e pelo seu lirismo. Aliás, nessas peças menores, sente-se da parte do poeta um maior abandono, uma maior entrega dos seus recursos líricos. Um deles é “Tapuia”, canto a uma indígena, “flor selvagem” que assim se fixa na nossa lembrança:

“O ventou desarrumou os teus cabelos soltos  
e modela um vestido na intimidade do teu corpo exato”.

Quanto ao outro, este me parece que é a obra-prima do sr. Raul Bopp: o poema “Serra do Balalão” – uma história de crime, mistério e assombração genuinamente brasileira.

O Sr. Cassiano Ricarco liderou, no movimento modernista, o chamado grupo “verde-amarelo”, de que o seu poema “Martim Cererê” é uma expressão

representativa. Como o seu título indica, a tendência do grupo era de exaltação patriótica, de dedicação a um culto de brasilidade. O Sr. Cassiano Ricardo não foi um modernista de primeira hora; à maneira do sr. Jorge de Lima, ele cultivou o parnasianismo, dentro do qual escreveu os seus primeiros versos, inclusive numerosos sonetos, alguns deles reeditados no primeiro volume de suas “Poesias Completas”. Ambos passaram – usando de uma expressão empregada pelo sr. Carlos Drummond de Andrade numa crônica de 1925 – “pelo serviço militar da métrica”. Depois de ter cantado, em soneto, a morte de Pan:

“Não sei que maior bem entressonho e pressinto:  
se o mundo cheio de ais, chorando um deus extinto,  
extravasando a dor que dentro, em si não caiba  
ou se a morte de quem, no mais fundo desterro  
em cada sonho morto assista ao próprio enterro  
na glória de morrer sem que ninguém saiba...”

- O Sr. Cassiano Ricardo lançava também a sua profissão de fé modernista, em “Vamos caçar papagaios”, uma espécie de manifesto em versos que nos faz lembrar imediatamente o já histórico “Poética” do Sr. Manuel Bandeira. Naqueles versos anárquicos (e também prosaicos) já se percebia a tendência ultranacionalista do Sr. Cassiano Ricardo:

“Abaixo os que copiam tudo o que é “ismo” da estranja.  
Ou só descobrem o Brasil em la “rue de la Paix”.  
Abaixo os que pedem desculpas  
a Portugal, toda vez que empregam um brasileiro,  
cheio de sol!

Abaixo os que querem meter no caixão o defunto do clássico  
o Brasil que ainda brinca com as borboletas à margem dos rios!”

Assim, como este estado de espírito, escreveu o seu “Martim Cererê”. Este poema está sem dúvida prejudicado esteticamente pelo seu caráter de arte interessada, muito ligado a certos ideais pouco consistentes tanto do autor como da época. Existe, no decorrer de todas as suas páginas, uma atmosfera abafante de nacionalismo e patriotismo, que não se ajusta à realização literária do poema. Pessoalmente, o Sr. Cassiano Ricardo podia estar sentindo com a maior sinceridade os seus temas de brasilidade, mas não os sentia devidamente na ordem poética para a correspondente estruturação artística. Daí a forma prosaica de páginas e páginas do “Martim Cererê”, que chega a sufocar a espontânea e legítima poesia de algumas outras. Vejam-se, por exemplo, os versos magníficos com que o poeta descreve o sertão e aqueles em que traça o quadro admirável de uma bandeira. São das melhores páginas deste livro desigual. Quanto à forma, o poema apresenta muita riqueza de ritmos, sendo de grande variedade métrica, composto ao mesmo tempo com versos de metro e rimas regulares e com versos

livres. E sejam quais forem os seus defeitos e deficiências, é incontestável o seu valor, a sua significação, a sua importância dentro do modernismo, no que vem sendo compreendido pelo público, como se verifica na circunstância de ter alcançado numerosas edições. A amplitude de concepção e de construção é um dos seus aspectos mais consideráveis. “Martim Cererê” começa por uma lenda, a mesma que encontramos nas “Poesias” do Sr. Raul Bopp: a da separação do tempo em dia e noite, sendo que os dois autores lhe dão tratamentos diversos, com acentuadas variantes. E de lendário o poema do Sr. Cassiano Ricardo se transforma em histórico, reconstruindo nos seus versos os principais episódios da história do Brasil, desde o descobrimento até a situação contemporânea de São Paulo. Exaltam-se aí abundantemente a raça, a paisagem, os feitos nacionais, principalmente os bandeirantes. Pois sendo um poema brasileiro, o “Martim Cererê” é acima de tudo um poema paulista. Percebe-se, aliás, quanto o Sr. Cassiano Ricardo tem sido constante e coerente nas suas ideias, tendências e sentimentos, que atravessam uniformemente as suas obras. Assim o poeta que cantara as bandeiras paulistas em “Martim Cererê” é o mesmo historiador que as estudou objetivamente em “Marcha para o oeste”. A discussão dessas ideias, tendências e sentimentos já constitui uma outra questão, que não se acha em jogo nesta crônica literária. Parece, no entanto, que depois da obra em prosa sobre os bandeirantes, o sr. Cassiano Ricardo deu por terminado o ciclo “verde-amarelo”, exteriorista e patriótico da sua poesia. Isto e mais os desencantos e desilusões de sua participação direta na vida política explicam possivelmente o novo tom com que agora se apresenta, numa outra face mais pessoal, subjetiva e íntima. Já em “O sangue das horas” apareciam as suas tendências; em “Um dia depois do outro”, a última se apossou definitivamente do seu território poético<sup>145</sup>. Verifica-se que este livro é a consequência de uma fase de recolhimento e meditação. O poeta voltou-se para dentro de si mesmo, interiorizou-se e descobriu um mundo que afinal era bem maior artisticamente do que aquele de que “Martim Cererê” e “Vamos caçar papagaios”. Por este caminho, ele chegou à simplicidade, ao espírito sintético, ao despojamento de exterioridades, que encontramos num pequeno e excelente poema como “A orquídea”. Expressivo também da nova maneira poética do sr. Cassiano Ricardo é este “Soneto da Ausente”:

“É impossível que, na furtiva claridade  
que te visita sem estrela  
nem lua,  
não percebas o reflexo da  
lâmpada  
com que te procuro pelas  
ruas da noite.

É impossível que, quando  
choras, não vejas

---

<sup>145</sup> - Cassiano Ricardo – “Um dia depois do outro” – São Paulo – 1947.

que uma das tuas lágrimas  
é minha  
É impossível que, com o teu  
corpo de água jovem  
não adivinhes toda a minha sede.

É impossível não sintas que  
a rosa  
desfolhada a teus pés, ainda  
há um minuto,  
foi jogada por mim, com a  
mão do vento.

É impossível não saibas  
que o pássaro,  
caído em teu quarto por um  
vão da janela,  
era um recado do meu pensamento!”

Sendo talvez a coleção dos melhores e mais bem realizados poemas do Sr. Cassiano Ricardo, “Um dia depois do outro” é contudo um livro desigual, em que valores e nulidades se misturam indistintamente. Às vezes, é o próprio mau gosto que nos choca como nestes versos em que, se dirigindo à lua, escreve o poeta:

“És um doirado cisco  
Jogado pelo vento  
a um canto deste noite...”

Aliás, embora valorizando devidamente a sua poesia, o que mais estimo e admiro na figura literária do Sr. Cassiano Ricardo é o prosador. Poeta ele o é com certeza pela sensibilidade e pela concepção do mundo, mas a sua maneira mais feliz de expressão é a prosa; e a sua poesia dá-me muitas vezes a impressão de que é principalmente uma poesia de prosador, pois afinal os gêneros literários estão a fundir-se cada vez mais, e hoje muitas obras em prosa são expressões de temperamentos poéticos.

## 12.12 - “Os Gagás de 22”, de Sérgio Milliet<sup>146</sup>

19 de dezembro de 1948

Em uma de suas notas dominicais, Mário da Silva Brito rebelou-se contra a atitude agressiva e grosseira dos jovens de “Orfeu”. Diziam estes, a propósito de um novo livro de versos, que aos moços cabia a tarefa de derrubar os “gagás” de 1922 e libertar-se da influência nefasta de Carlos Drummond de Andrade. Esses juízos apressados e primários irritam sempre e não estou aqui para aprová-los. Sou um homem de 22 e me sinto bem na companhia dos Bandeira, dos Mário de Andrade, dos Guilherme e de outros que foram os tetrarcas de então. Mas acredito que, embora justificada, a irritação do Sr. Mário da Silva Brito é excessiva. Se os moços não forem irreverentes e iconoclastas não serão moços, e xingando-nos de gagás não fazem mais aparentemente do que repetir os nossos gestos e as nossas palavras contra os epígonos do parnasianismo que nos cabia combater. Uma geração viva é uma geração em luta. Pouco importa que no entusiasmo da batalha cometa injustiças. O que não deve é acomodar-se, é aceitar pacatamente os valores recebidos. O espírito de seleção vem mais tarde, com a experiência e a cultura, coisas de que os meninos de “Orfeu” carecem por completo.

Ei-los a gritar, como nós no saguão do Municipal, que os velhos morrerão. Ainda bem que se nutrem de ilusões. Os velhos não morrem: alguns velhos é que morrem, e com o insuficiente recuo de nossos dias não nos é permitido dizer quais. Entretanto, sem essa esperança de vê-los morrer todos, não se libertam os moços de uma influência que já deu o que tinha de dar. Por isso sua irreverência não me parece censurável, antes a julgo útil. Há um senão, porém, um senão que assiná-la a diferença profunda entre os rapazes de “Orfeu” e os moços que fomos em 22.

Nós nos revoltávamos contra as regras rígidas esterilizantes dos neoparnasianos e à infecunda produção acadêmica da época, opúnhamos uma pesquisa de novos ritmos, uma renovação de vocabulário poético e do próprio conceito de poesia. Certos ou errados, trazíamos um programa e tínhamos para defendê-lo uma consciência profissional. A poesia anterior a 22 em nada se assemelha à que se escreveu depois. Propúnhamos uma revisão severa de valores e nos expúnhamos a um debate em que corríamos riscos evidentes. Éramos uma inquietação em devir.

Que nos oferecem os moços de “Orfeu”? Que opõem à produção de seus antecessores imediatos? Novos ritmos, um vocabulário novo, uma concepção inédita da poesia? Não. Continuam na sua ignorância e na sua suficiência, pelo mesmo caminho de 22, com menos talento entretanto, menos brilho, menor curiosidade e a incrível tranquilidade de espírito que somente a fé outorga. Os mais inteligentes tentam uma volta ao parnasianismo. Os outros nos repetem, a gritar que somos gagás. Seria divertido se não revelasse nessa gente da capital

---

<sup>146</sup> Milliet, Sérgio. Os gagás de 22 (Copyright E. S. I., com. exclusividade para a Folha do Norte, neste Estado). **Folha do Norte**. Belém, 19 dez. 1948. “Arte Suplemento Literatura”, p. 4.

um provincianismo e um arrivismo lamentáveis. Enquanto no Ceará, no Rio Grande do Sul, em São Paulo e no Paraná os moços labutam com sinceridade e criam uma literatura livre e forte, os rapazes do Rio de Janeiro fazem farol em mau português, publicando anúncios agressivos e infantis. Em verdade o livro assim anunciado com estardalhaço é um livro decente de um poeta professor, ainda imaturo mas já discutível. O Sr. Afonso de Felix de Sousa deu-nos com “O túnel”, uma amostra feliz de seu talento, mas os seus corifeus o prejudicam.

Há um movimento sério de reação contra 22, não contra os homens de 22, mas contra o espírito daquele tempo, hoje injustificável. Não cabem, porém, nesse movimento todos os poetas de “Orfeu”, alguns sim, bem poucos, os demais não interessam. Em todo caso, em vez de olhar para trás e exibir um complexo de inferioridade que os leva ao insulto e aos juízos temerários, deveriam esses jovens, muito humildemente, atentar para o exemplo de Cabral de Melo Neto, de Péricles da Silva Ramos, de Bueno de Rivera dessa geração de 45, por tantos títulos, merecedora de nossa simpatia. Esse espírito construtivo é que desejaríamos ver dominar nos rapazes que aspiram, com muita razão, a uma nova revisão de valores.

A crítica de poesia exige de quem a faz uns tantos sacrifícios, entre os quais a renúncia à criação e não é o menor. Exige também cultura, conhecimentos técnicos, simpatia, experiência da vida e dos homens. Não basta a piada maldosa para inverter a classificação dos talentos. Não basta um insulto para destruir uma obra. Mas essas verdades simples, somente com o correr dos anos nós as aprendemos. Só com a acumulação de leituras e análises aprofundadas, só mediante a comparação das obras de diversas épocas, chegamos a um juízo relativamente imparcial. Ainda assim manda a prudência que nos abstenhamos de pronunciar um julgamento definitivo, [.....]

Que uns rapazes de pouca imaginação e cultura duvidosa se arvorem em juízes de toda uma geração e que geração! A de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto! Recomenda-se a esses meninos um pouco de modéstia e muito pudor.

Tenho procurado entender e justificar, e não hesito nunca em dizer de minha emoção quando sinto em alguém uma parcela, mínima que seja, de talento. Sou, portanto, insuspeito para falar agora e censurar a atitude dos rapazes de “Orfeu”. Em meio a todas as revistas novas do Brasil, é ela, creio, a única a usar, na competição literária, de uma linguagem bem pouco diferente, pela sua intransigência, a sua parcialidade, a sua incompreensão, daquela [...].

Só que os [...] em velhos medrosos apavorados com a possibilidade de cair do coqueiro. E [...] dos moços na espera maior [...]. Não nos [...] da “Orfeu”. Em vez de descompor trabalhe. [...] os próprios elementos [...] quem [...] modelo [...] exemplo.

Mais um [...] sejam opor-se [.....] pelo menos [.....] a esta que não tenha [...] a vontade decidida [...] destruir. Com a [...] nada, hão de [...] contra os [...] moderna...

Tenho sido sempre de uma condescendência exagerada com os jovens do Brasil inteiro. Já porque desconfio de minha própria razão, já porque vejo na

coragem da publicação da primeira obra uma atitude meritória, acho que é preciso ajudar os ousados a vencer a inquietação e a angústia suscetíveis de inibi-los, caso não se dissipem, tenho sempre valorizado mais do que qualquer outro crítico a produção dos novos.

## 12.14 - Corte e Província – PEREIRA, Lúcia Miguel<sup>147</sup>

Belém, 29 de agosto de 1948

O romantismo, que se aclimatara rapidamente no Brasil, ainda aqui reinava depois de morto nos países que nos forneciam os modelos literários. É assim que José de Alencar, Macedo e Fernando Guimarães continuavam, mesmo depois do aparecimento de Machado de Assis, os mestres incontestados do romance. E certo que se ouvia uma ou outra voz contrária às obras puramente imaginativas: Machado de Assis lamentava a falta de livros de análise, atribuindo-a à nossa adolescência nas letras; Franklin Távora, tentando dissuadir José de Alencar, e para tanto se unindo a José Feliciano de Castilho, proclamava a necessidade da observação. Mas, ao mesmo tempo, facilitava-se o primeiro ao ver a mocidade sempre seduzida por Victor Hugo, Gautier, Musset e o segundo apontava como paradigmas Walter Scott entre os estrangeiros, e o Macedo entre os nacionais, acrescentando que “o artista não tem o direito de perder de vista o belo ou o ideal, posto que combinando-o sempre com a natureza”. Outro crítico e romancista, esse, Araripe Júnior, cujo centenário acaba de comemorar-se, exigia que a nossa literatura fosse “cabocla”, isto é, opusesse às influências estranhas os únicos elementos de diferenciação que reconhecia: os índios e a natureza tropical.

Teoricamente, todos procuravam manter as tendências românticas, aquela mistura de idealismo e cor local que dominava desde a década de quarenta, desde **A Moreninha**. A despeito, porém, de teorias, começavam a agitar-se, sob a superfície aparentemente tranquila da ficção, correntes novas, que nem por serem mansas, deixariam de aflorar. O realismo, que já dominava na Europa, ia-se refletindo aqui, lento e timidamente, é verdade, mas obrigando os escritores a sair do círculo sentimento-natureza em que se haviam por tanto tempo confinado. O que a geração romântica tinha a dar já dera: a consciência da emancipação intelectual – relativa e fraca como não poderia deixar de ser – a certeza de que saberíamos aproveitar os nossos próprios temas. No indianismo ou no caboclisto que lhe sucedeu, buscava-se, sobretudo, deliberada ou confusamente, encontrar o homem brasileiro, um tipo humano nacional, diverso dos colonizadores. E agora que já contávamos meio século de vida independente, o expediente indianista começava a revelar-se artificial.

Não se tratando mais de provar que não éramos simplesmente portugueses da América, o acento tônico deveria deslocar-se do tipo representativo ou simbólico da nacionalidade para o indivíduo das características gerais para as pessoais.

---

<sup>147</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. “Corte e província”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). **Folha do Norte**. Belém, 29 ago. 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2. Grifos da autora do texto.

Entretanto, sentindo embora a necessidade de se renovarem não ousavam os romancistas romper com os cânones românticos. O que seria o maior de todos. Machado de Assis, não se mostrava nos livros em prosa que publicou entre 1870 e 1880, mais emancipado do que seus antecessores. Nada há de chocante na **Pata da Gazela** ser do mesmo ano que os **Contos Fluminenses**, ou **Escrava Isaura** sair depois de **Histórias da Meia Noite**. E todavia a objetividade deveria atrair escritores que não poderiam ignorar Flaubert nem deixar de ter notícias do racionalismo científico informador do movimento intelectual da Europa.

Deu-se então um fenômeno inesperado: a Corte, onde com maior rigor imperavam as convenções, perdeu a direção dos êxitos literários. O único carioca a ter parte no mal definido movimento inovador nesse tempo esboçado foi **Taunay**, e apenas com **Inocência**, fruto de uma viagem pelo planalto central. **Um casamento no arrabalde** de Franklin Távora, **o vaqueano e Paisagens** de Apolinário Porto Alegre, **Inocência**, **O Cacaulista** e **O coronel Sangrado**, de Inglês de Sousa, todos, com a já notada exceção da **Inocência**, escritos e publicados na província, são os livros mais significativos do momento. Compostos sem nenhuma combinação entre autores que certamente se desconheciam, sem o menor intuito de firmar preceitos, possuem eles, não obstante, dois traços comuns: o desejo de observar e a feição regionalista. Não se **reunião** por acaso as duas tendências, que estavam ao contrário, naquela época, indissolivelmente ligadas.

Pertencendo a uma sociedade cujos extremos de **pudicícia** só se comparavam aos extremos de convencionalismo, que não suportaria ver denunciadas as suas anomalias e deficiências, não se desvencilhariam facilmente os escritores dos preconceitos românticos, tão bem ajustados ao espírito da minoria educada, que ditava as regras. Por isso, entre os romancistas urbanos, o amor reinava todo poderoso com seu cortejo de suspiros, lágrimas e desmaios ocultando as condições reais da existência num país escravocrata semianalfabeto, os problemas verdadeiros dos que queriam fazer aqui a experiência de uma adaptação aos estilos de vida europeus.

Foi pela tangente do pitoresco que a observação as insinuou: lidando com gente humilde, com gente que os mesmos brasileiros, desde que tinham a menor fumaça de cultura, consideravam com indulgência galhofeira ousavam afinal os escritores aproximar-se da realidade. Isso parece provar de algum modo a superioridade do regionalismo nas literaturas incipientes, de novos ainda incertos de si. Superioridade toda ocasional e que talvez lhe advenha de uma fraqueza, de sua forçada limitação. Já anteriormente, em pleno fastígio **romântico** um romancista de caráter local, este cidadão, mas atento sobretudo aos tipos populares fizera um livro de admirável precisão: Manuel Antônio de Almeida que, precursor embora, dotado de um dos sintomas da genialidade, a antevisão, talvez ainda assim não evitasse os chavões em voga se não enveredasse pelo pitoresco.

O recurso regionalista de que se serviram, sem dúvida instintivamente, sem ajuste prévio, e com uma coincidência a lhe tornar patente a necessidade, os escritores que operaram a transição entre o romantismo e o naturalismo, se lhes foi muito útil como meio de libertação, representou por outro lado um desvio. Com

efeito, forçando a apreciação das personagens através das peculiaridades dos grupos a que pertenciam conferiu a estes o primeiro lugar. Depois do **brasileiro**, tivemos assim o **nortista**, o **gaúcho**, o **matuto** da zona central, como se só por etapas nos pudéssemos aproximar do homem visto em si mesmo, nos seus traços pessoais.

Parece das mais interessantes a convergência entre esse predomínio das iniciativas intelectuais provincianas – notadamente a atuação da “Sociedade Partenon Literário”, no Rio Grande do Sul, e a tentativa de Franklin Távora de criar uma “literatura do Norte”, independente da que se irradiava da Corte – e a sedução que o ideal federativo começava a exercer sobre os pensadores políticos. Ao mesmo tempo que Tavares Bastos reclamava a descentralização administrativa, pendiam os escritores para a descentralização intelectual revelando mais uma vez a unidade fundamental de todas as manifestações da vida de um país.

## 12.19a - “Antologias de definições de poesia”, de Manuel Bandeira<sup>148</sup>

7 de setembro de 1946

Poesia, arte de fazer versos

**Dicionário de Larousse**

Poesia, arte de fazer obras em verso.

**Dicionário de Littré**

Poesia, arte, obra do poeta; expressão elevada de pensamento ou sentimento elevado em métrica.

**Dicionário de Oxford**

Poesia, descrição ou pintura da Natureza, em estilo harmônico e métrico, diverso do prosaico.

**Dicionário de Moraes**

Nem todos os que escrevem em versos, por mais doutos que pareçam, são poetas.

**Ronsard**

Nem todo homem que escreve em verso é poeta.

**Jonson**

O verso é para a poesia apenas um ornamento e não causa.

**Sidney Smith**

Poeta é, não aquele que escreve com métrica, mas o que finge e forma uma fábula, pois fábula e ficção são, por assim dizer, a forma e a alma de toda a obra poética ou “poema”.

**Jonson**

A poesia é uma simili-Criação, e faz coisas que não existem, como se elas existissem.

**Donne**

A ficção é a essência da poesia.

**Dryden**

---

<sup>148</sup> BANDEIRA, Manuel “Antologias de definições de poesia”. **Folha do Norte**. Belém, 7 set.1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

O poeta é aquele que nomeia.

**Platão**

O poeta, sem outro talento que o de imitar, mediante certa colocação de palavras e expressões figuradas, sabe tão bem dar a cada parte as cores que lhe pertencem, que, ou fale do ofício de sapateiro, ou trate de guerra e outros assuntos quaisquer, seu discurso, ajudado pela medida, pelo número e pela harmonia, persuade aos que o ouvem e não julgam senão pelos versos, de que se acha perfeitamente nas coisas de que trata. Tão grande e poderoso é, por natureza, o prestígio da poesia! Porque penso que sabes o que são os versos dos poetas quando se lhes tira o colorido que lhes empresta a música.

**Platão**

Poesia é a ficção retórica posta em música.

**Dante**

A poesia chamaremos pensamento musical.

**Carlyle**

Em suma, eu definiria a poesia de palavras como a criação rítmica da beleza.

**Edgar Poe**

Prosa: as palavras em sua melhor ordem. Poesia: as melhores palavras em sua melhor ordem.

**Coleridge**

Poesia é a apresentação, em forma musical, à imaginação, de nobres fundamentos às nobres emoções.

**Ruskin**

A poesia é a arte de excitar a alma.

**Novalis**

Aquele que quiser conhecer bem sua alma deve procurá-la em companhia do poeta: ali é que ela está aberta e se expande o seu coração maravilhoso.

**Novalis**

A poesia é o real absoluto, eis o núcleo da minha filosofia. Quanto mais uma coisa é poética, tanto mais é também real.

**Novalis**

Fazer um poema é engendrar. Todo poema deve ser um indivíduo vivo.

**Novalis**

A crítica da poesia é um absurdo; dizer se uma coisa é poética ou não, já é difícil. O poeta é verdadeiramente um insensato e por isso é que tudo acontece realmente nele. O poeta representa, no sentido próprio da palavra, o sujeito-objeto: a alma e o mundo. Daí o infinito de um bom poema, a sua eternidade.

**Novalis**

A poesia é estritamente a linguagem da imaginação; e a imaginação é aquela faculdade que representa os objetos não como são em si mesmos, mas com se moldam, por outros pensamentos e sentimentos, numa infinita variedade de formas e combinações de poder.

**Hazlitt**

Poesia, em seu sentido absoluto, é a expressão concreta e artística do espírito humano em linguagem emocional e rítmica.

**Theodore Watts-Dunton**

Poesia é a linguagem rítmica, imaginativa, que exprime a invenção, o gosto, o pensamento, a paixão e a intimidade da alma humana.

**E. C. Stedman**

Poesia... arte de representar, experiências humanas, no que elas tem de duradouro e universal, por meio de linguagem métrica, usualmente com relação principal às emoções e pelos recursos da imaginação.

**Raymond Macdonald Alden**

O mundo num homem, tal é o poeta moderno.

**Max Jacob**

A poesia está para o saber da humanidade como o amor para as outras paixões.

**Gustavo Adolfo Becquer**

A poesia é coisa humana. Nasce no homem em seu eu mais profundo, nasce onde se originam todas as suas faculdades.

**Raissa Maritain**

Um poema é aquela espécie de composição que se opõe às obras da ciência por visar como objeto imediato o prazer e não a verdade.

**Coleridge**

A poesia é a identidade de todos os outros conhecimentos, a flor eo perfume de todo o humano conhecimento, humanas idéias, humanas paixões, coesões, linguagem.

**Coleridge**

A poesia enuncia as relações existentes entre os primeiros princípios e as verdades secundárias da vida. A poesia descobre as leis que fazem viver a política teórica, a paz universal.

**Lautréamont**

A poesia tem algo de divino em si, porque levanta a mente e impele-a ao sublime conformando as aparências das coisas com os desejos da alma, em lugar de sujeitar a alma às coisas externas, como fazem a razão e a história.

**Bacon**

A poesia é a linguagem que tem por ambição “mostrar”: o esforço ao ritmo tendo ao milagre verbal e por isso é a poesia, afinal, uma mística.

**Jean Royère**

A poesia é um sentimento profundo das realidades irreais, um tato do ideal, uma relação de Deus.

**Jean Royère**

A poesia é fruto de um contato do espírito com a realidade em si mesma inefável e com a sua fonte, que acreditamos ser Deus mesmo no movimento do amor que leva a criar imagens de sua beleza.

**Raissa Maritain**

Poesia é ontologia, de certo, e até, segundo a definição de Boccacio, poesia é teologia.

**Jacques Maritain**

O conhecimento poético é um conhecimento “por conaturalidade afetiva” de tipo operativo ou que tende a se exprimir numa obra.

**Jacques Maritain**

A poesia pode aparecer tanto em prosa como em verso. A essência é o mito, a ficção, ou a poesia – as três coisas vêm a ser a mesma.

**F. C. Prescott**

Na poesia a finalidade é o encantamento; na prosa, a clareza.

**Longino**

Toda a poesia comporta uma parte de encantação inexplicável pela razão; sem essa encantação, sem esse feitiço pode haver versos, rimados ou não, nunca porém poesia.

**André Gide**

Poesia... essa magia que consiste em despertar sensações por meio de uma combinação de sons... esse sortilégio graças ao qual nos são necessariamente

comunicadas idéias, de uma maneira certa, por palavras que no entanto não as exprimem.

**Banville**

Poesia é a tentativa de representar ou restituir por meio da linguagem articuladas aquelas coisas ou aquela coisas que os gestos, as lágrimas, as carícias, os beijos, os suspiros procuram obscuramente exprimir.

**Paul Valéry**

Poesia é a expressão imaginativa de forte sentimento, usualmente rítmico... o espontâneo transbordar de poderosos sentimentos recortados em tranqüilidade.

**Wordsworth**

A poesia é a lembrança construindo não o seu vigor inicial, mas um vigor qualquer. O que sempre admira na poesia é a lembrança da felicidade que encontramos nela, mesmo quando não tivemos ocasião de viver essa felicidade.

**Wallace Fowlie**

A poesia é o mel de todas as flores, a quintessência de todas as ciências, a medula da arte e verdadeira fala dos anjos.

**Thomas Nashe**

O espírito da poesia: o espírito religioso fora de toda religião precisa, - sem dúvida o que Paul Claudel pintou perfeitamente ao nos dizer que Rimbaud foi um místico em estado selvagem.

**Edith Sitwell**

A poesia é o efeito de uma certa necessidade de fazer, de realizar com as palavras a idéia que se teve de alguma coisa.

**Paul Claudel**

A poesia confina com o prazer, porque ela desprende das coisas a pura essência delas, essência que é de criaturas de Deus e de testemunho a Deus.

**Paul Claudel**

Poesia é a força que atua de uma maneira divina e inapreendida, além e acima da consciência.

**Schiller**

A poesia despe, em toda a força do termo. Mostra nuas, a uma luz que sacode o torpor, as coisas surpreendentes que nos cercam e que os nossos sentidos registram maquinalmente.

**Cocteau**

A poesia predispõe ao sobrenatural. A atmosfera hipersensível de que nos envolve e aguça os nossos sentidos secretos, e as nossas antenas mergulham em profundezas que os nossos oficiais ignoram.

**Cocteau**

A poesia é um vasto “catembour”. O poeta associa, dissocia, revira as sílabas do mundo. Poucas pessoas tem agilidade bastante para saltar de um plano a outro e seguir a manobra fulminante das relações.

**Cocteau**

A poesia é a obra da catacrese na repetição.

**Jean Royère**

Se ao ler um livro sinto um frio que nenhum fogo poderia fazer passar, sei que isso é poesia. Se sinto fisicamente como se me arrancassem o topo da cabeça, sei que isso é poesia.

**Emily Dickinson**

Poesia... uma crítica da vida em condições fixadas para tal crítica pelas leis da verdade e beleza poéticas.

**Matthew Arnold**

Poesia é a expressão de um apaixonado amor da verdade, da beleza e da força, corporificando e ilustrando as suas concepções, pela imaginação e pela fantasia, e modulando a sua linguagem segundo o princípio da variedade na uniformidade.

**Leigh Hunt**

A poesia da mais alta qualidade nasce da natureza essencial das coisas, e não da sua aparência. Mas a poesia é também o mundo visível, com as suas imagens de maravilha.

**Edith Sitwell**

Os versos não são, como muita gente acredita, sentimentos (temo-los sempre muito cedo), são experiências.

**Rainer Maria Rilke**

Poesia é a expressão das experiências mentais e emocionais dos homens na maneira mais direta e memorável.

**Daiches**

A verdadeira função de toda verdadeira poesia é a expressão de uma verdade pessoal, humana.

**Otto-Maria Carpeaux**

**12.19b - “Carta de Manuel Bandeira à Folha do Norte”, de Manuel Bandeira<sup>149</sup>**

10 de maio de 1946

O nosso companheiro HAROLDO MARANHÃO recebeu a seguinte carta de Manuel Bandeira:

“Caro amigo,

Com grande desvanecimento venho agradecer à Folha do Norte a homenagem que tão carinhosamente me prestou estampando o meu retrato e reproduzindo o autógrafo do poema “testamento”. Ainda ontem disse pela “Radio-Globo” que se chegar aos 60 anos não pode dar alegria a ninguém, chegar aos 60 com tantos e tão bons amigos é certamente uma coisa muito reconfortante. Vejo com prazer e orgulho que você e os seus companheiros da Folha estão entre eles.

Queiram receber os agradecimentos deste sexagenário bardo de água doce, tão saudoso dos dez dias que passou em Belém no já longínquo ano da graça de 1928.

Manuel Bandeira  
Rio – 10-5-46”

---

<sup>149</sup> BANDEIRA, Manuel. “Carta de Manuel Bandeira à *Folha do Norte*”. **Folha do Norte**. Belém, 26 maio, 1946, “Arte Suplemento Literatura”, p. 1.

## 12.24a - “Crítica Literária e Crítica Religiosa”, Roger Bastide<sup>150</sup>

10 de novembro 1946

Se há um gênero em que os franceses se tornaram mestres, é o da análise das relações entre a literatura e o sentimento religioso. Quer quando procura descobrir através dos livros os vestígios da vida mística, como Henry Brémond na sua “História literária do sentimento religioso”, quer, pelo contrário, quando examina a influência das paixões e dos frêmitos místicos na literatura, como Sainte Beuve no seu “Port Royal”. Essa tradição brilhante não morreu; não são necessárias mais provas que alguns livros recentes lançados pela editora “La Colombe”, os quais acabam de chegar à América do Sul.

Quando Pierre Leprohon procurou ressuscitar ante nós esse gênio da liberdade ‘São Francisco de Assis’, teve necessidade de unir a religião do perfeito amor à arte dos trovadores. Porque há um vai-vem incessante entre o amor cortês dos poetas meridionais e o amor divino dos místicos latinos. Poder-se-ia provar, aliás, que as mesmas influências líricas se exercem sobre os espirituais da Renânia medieval.

Mas a túnica inconsútil foi rasgada depois. Sobreveio a Reforma protestante. Raoul Stéphan dá-nos a mais objetiva, a mais cheia de amor cristão, de todas as histórias da Reforma francesa. Mas esse historiador não se esquece que é, antes de tudo, um romancista, um amador das letras. Eis por que introduz no seu último livro, “A epopéia huguenote”, certo número de capítulos, - “A idade das pombas”, - “A púrpura da rosa e outono”, - “A rosa de outono ao sol do grande século”, - onde estuda, com sutileza e poesia, a influência do protestantismo sobre o lirismo e a formação da prosa clássica. Fala-se da frieza protestante: que erro! Um sangue quente e abrasador corria nas veias desses velhos franceses, brotando em músicas violentas, como as “Trágicas” de Agrippa d’Aubigné, ou, em grandes sinfonias musicais, como a “Semana” de Du Bartas. Tem-se criticado frequentemente este último; Raoul Stéphan mostra quanto esses ataques são injustos. Alguns versos recordam mesmo os encantamentos de Péguy:

“La nuit est celle-là qui charme nos travaux  
Ensevelit nos soins, donne trêve à nos maux,  
La nuit est celle-là qui de sei ailes sombres  
Sur le monde muet fait avecques les ombres  
Dégoutter le silence...”

Todas essas páginas de Stéphan, entrecruzando a crítica literária com a crítica religiosa, devem tomar lugar na grande tradição francesa de Sainte-Beuve e do abade Henri Brémond.

A “Epopéia Huguenote” termina, às vésperas da Revolução francesa, pela evocação da Guerra dos Camisards, nas Cévennes requeimadas de sol, onde

---

<sup>150</sup> BASTIDE, Roger. “Crítica literária e crítica religiosa”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). **Folha do Norte**. Belém, 10 nov. 1946, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-3.

camponeses-profetas falam, como os cristãos da Igreja primitiva, linguagens desconhecidas. Último fogo das guerras religiosas antes do grande braseiro da Revolução.

Ora, o fim do século XVIII viu aparecer outras formas místicas: um curioso ocultismo que exerceu sua influência para além da revolução, até sobre o romantismo francês. Fácil é imaginar-se que espíritos tão lógicos e teocráticos como o de Joseph de Maistre escaparam a essa corrente ocultista. Mas não é tal, porque a franco-maçonaria era então um movimento religioso a que muitas almas religiosas se refugiavam. A Editora Colombe reedita o “Joseph de Maistre” místico de Emile Dermenghen, um livro que fez muito ruído há alguns anos, e que nos dá do autor das “Soirées de St. Pétersbourg”, do mestre da Contra-Revolução, como foi chamado, uma imagem curiosa, nova e, como os documentos o provam, perfeitamente verídica.

A guerra de 40 despertou em França o sentimento religioso. Os livros que tratam dos problemas místicos gozam atualmente de enorme sucesso. As obras de que estamos falando tem visto suas primeiras edições elevarem-se em poucas semanas. Mas o francês conserva sempre, quando analisa as invasões da fé ou as agitações afetivas, essas qualidades de análise, de sutileza, que são suas qualidades mestras. Humanista amante da beleza, deleitando-se nas pesquisas da arte, ele estuda o sentimento religioso nas suas refrações através da obra literária, para melhor o apanhar nesse desabrochamento supremo onde o canto da alma para Deus se transforma em poesia, em prosa musical, tornando-se a rosa purpurina que se balança na mais alta haste.

## 12.24b - “Que é literatura”, Roger Bastide<sup>151</sup>

30 de novembro de 1947

S. PAULO – Sob esse título, Jean-Paul Sartre publicou nos últimos números de “Temps Modernes”, - a nova revista que, como se sabe, na França de pós 1945, exerce o mesmo papel da “Nouvelle Revue Française”, na França de após 1920 – um artigo muito importante.

O assunto do aludido trabalho não é outro senão a análise de toda uma geração – a geração a que pertence Sartre – através da literatura. É, por conseguinte, o quadro de uma sensibilidade, a dos jovens que começaram a escrever após a derrota ou um pouco antes da guerra. O testemunho é oportuno para os brasileiros que desejem conhecer o que se passa na França, e compreender-lhe a nova estética.

O que caracteriza, segundo Sartre, a literatura entre as duas guerras é a sua repulsa pela história. Tanto os surrealistas, que procuravam o eterno, quanto os romancistas que narravam belas histórias imaginárias, todos viravam as costas para o “acontecimento”. Conhecemos hoje as razões de semelhante repulsa: são sociais: os surrealistas são letrados, a pequena burguesia não tem tradições nem futuro, a grande saiu da fase de conquista e procura conservar. Estas diversas atitudes combinaram-se para produzir um mito objetivo, segundo o qual a literatura deveria escolher temas eternos ou ao menos [naturais]. Mas pelas alturas de 1930 os franceses descobrem, de repente, a sua historicidade, pois a guerra se aproximava, tudo tinha o gosto do transitório, e que importava a destruição surrealista quando se ouviam os ribombos de uma destruição mais implacável que se avizinhava? “Nossos antecessores escreviam para almas desocupadas, mas para o público a quem nos dirigimos, por nossa vez, as férias estavam findas: ele compunha-se de homens da nossa espécie, que, como nós, esperavam a guerra e a morte”. Mas, por estranho paradoxo, esta geração que redescobria o sentido da história, ia ser mergulhada pela ocupação num mundo em que o absoluto existia, o absoluto do mal. O mal, para a geração anterior, era algo relativo, um bem mais restrito, uma lacuna do Ser; agora, com os campos de concentração, Oradour, Dachau, assumia caráter mais positivo. E diante da ameaça da tortura, que podia abater-se sobre qualquer homem livre, a qualquer momento, cada qual perguntava se seria capaz de vencer o mal, de não perder a própria dignidade de homem livre; não havia mais meio termo, a gente era condenada ao heroísmo ou à abjeção: “Compelidos pelas circunstâncias a descobrir a pressão da história... nós temos uma tarefa, para a qual, talvez, não sejamos suficientemente fortes (não é a primeira vez que uma época, por falta de talentos, falha em sua arte e em sua filosofia) a tarefa de criar uma literatura que alcance e reconcilie o absoluto metafísico e a relatividade do fato histórico e que chamarei, à falta de outra expressão, a literatura das grandes circunstâncias... A nossa historicidade nos

---

<sup>151</sup> BASTIDE, Roger. “Que é literatura”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). **Folha do Norte**. Belém, 30 nov. 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 4.

restituiria – pois a vivíamos dia a dia – esse absoluto que antes nos parecia negar. Se os nossos projetos, as nossas paixões, os nossos atos eram explicáveis e relativos do ponto de vista da história elaborada, eles retomavam, nesse desamparo, a incerteza e os riscos do presente, a sua densidade irredutível”.

A nova literatura saía, assim, da subjetividade e do idealismo que a caracterizaram no período precedente. Sem dúvida, para Sartre, o fato só aparece através de subjetividades, mas ultrapassa-as, revelando apenas através de cada uma, um aspecto de si mesmo; o problema técnico era, pois, encontrar “uma orquestração de consciências que nos permitisse a expressão da pluri-dimensionalidade do fato” e, por consequência, a possibilidade de passar do subjetivo ao objetivo. Daí o êxito de certa literatura norte-americana na França de pós-guerra. Desejamos que os nossos livros, diz Sartre, existam “à maneira de coisas, de plantas, de acontecimentos, e não antes como produtos do homem”. Há um nome que ocorre logo ao espírito aqui, o de Francis Ponge, com os seus sugestivos ensaios sobre “Le parti prix des choses”.

Esta nova literatura também se preocupava com o restabelecimento do contato com o público. Porque, quando supõe atingir o eterno no fluxo histórico, o escritor não pode voltar as coisas para a sua própria época, refugiar-se no luxo da ociosidade aristocrática, tem uma missão a cumprir. A literatura de resistência foi o esboço desse retorno à massa. Ela, talvez não produziu obras primas, pois era essencialmente negativa, e se perdia na luta cotidiana. Mas hoje, quando é preciso reconstruir o mundo, o escritor tem uma tarefa a executar, não mais destrutiva, mas construtiva. “Essas responsabilidades não fomos nós que as descobrimos, bem ao contrário: o escritor, de há cem anos, sonhava entregar-se à sua arte numa espécie de inocência, num plano acima do Bem e do Mal. Nossos compromissos e deveres nos foram postos às costas pela sociedade. É preciso crer que ela nos julgue bem temíveis, pois condenou à morte os que dentre nós colaboraram com o inimigo, quando deixava sua liberdade os industriais culpados do mesmo crime”. É preciso aceitar esta missão que a sociedade atribui ao escritor. É preciso substituir a literatura de consumo por uma literatura de produção. Desde “La culture du moi”, de Barrès, e as “Nourritures terrestres”, de Gide, o Ser se confundia com o Haver; ser era apropriar-se; atualmente, o Ser se confunde com o Fazer; a gente é o que faz, o que se faz, o que se crê. “Não estamos mais com os que querem possuir o mundo, mas com os que querem transformá-lo”. Revela-se, aqui, uma das teses centrais do existencialismo, que é uma teoria de “práxis”, da liberdade criadora do Ser. O escritor transforma-se doravante no que faz a história.

Mas não basta pretender escrever para a massa se a massa não lê, e urge saber qual é atualmente o público literário. E verifica-se que o público se dissolveu.

Sem dúvida, os romancistas de hoje conseguem grandes tiragens; seus livros são transportados para o cinema e para o rádio. O escritor dispõe de meios novos para alcançar a massa com os quais os seus antecessores não contavam – o jornal, por exemplo, com as suas centenas de milhares de leitores, o rádio e o filme. A peça de Sartre, “Huit-clos”, que no teatro só consegue algumas dezenas

de milhares de espectadores, teve na B.B.C. meio milhão de ouvintes. A “Symphonie Pastorale” de Gide é mais conhecida pelo filme do que pelo romance. Sem dúvida, os romances continuam com os seus leitores, mas – e é o que importa – não tem mais o seu público.

A burguesia está no fim, e ela o sabe. Justificava a propriedade pelo trabalho, e a propriedade se torna simbólica e coletiva, só se expressa por sinais. A burguesia conserva a vergonha de Munique, e não acredita mais nem na riqueza, que perde, nem no progresso. Os seus integrantes oscilam entre a cólera e o medo. Ora, era ela que constituía o público literário: “Não temos nada a dizer-lhe... Tudo o que podemos fazer é refletir nos nossos espelhos a sua consciência infeliz, isto é, aumentar um pouco a decomposição de seus princípios... Burgueses que somos, experimentamos também a angústia da burguesia, tivemos essa alma dilacerada... não podemos permanecer no seio de nossa classe, e como nos é impossível fugir num bater de asas, impõe-se que sejamos os seus coveiros, mesmo correndo o risco de sepultar-nos com ela”.

Volvemo-nos para a classe operária. Temos, diz Sartre, em comum com ela, o dever de construir e de fazer a história. Infelizmente, o proletariado não entende nada do que lhe dizemos. Com efeito, o proletariado, na Europa está em sua maior parte nas mãos do Partido Comunista, no momento em que a Rússia se torna uma potência conservadora e em que a Revolução sofre um colapso. Sartre empreende então uma crítica severa da política de Stalin, do ponto de vista da estética e conclui: “Era preciso acrescentar muitas garantias e levar uma vida exemplar, no século XIX, aos olhos dos burgueses, para lavar-se do pecado de escrever: porque a literatura é por essência uma heresia. A situação não mudou senão nisto – que são agora os comunistas que, como princípio, têm o escritor por suspeito”. Ele é suspeito porque entrou no partido do proletariado não por interesse, mas por livre determinação, e pode, portanto, sair: traíndo a classe de onde egressa, pode, portanto, trair uma segunda vez; tem o espírito crítico e o P.C. não aceita espíritos críticos, mas apenas a submissão às suas ordens.

“Isto significa que escrevemos contra todo mundo, que temos leitores, mas não temos público. Burgueses em crise de ruptura de classe, mas burgueses ainda pelos seus hábitos, separado do proletariado pelo biombo comunista, desguarnecidos da ilusão aristocrática, levitamos no ar, a nossa boa vontade, não é útil a ninguém, nem mesmo a nós, e ingressamos na época do público imperceptível”.

Sartre faz então o censo das pessoas que a nova literatura pode atingir: burgueses intelectuais, educadores, operários não comunistas. Mas são apenas elementos dispersos. É preciso ainda criar um público, isto é, uma unidade orgânica. E eis a conclusão: o escritor é atraído por duas classes; dir-se-á, talvez, por um lado, que esta antinomia lhe advém do fato de conservar ideologias burguesas, e, de outro, por comprazer-se num esnobismo revolucionário, mas estas críticas pouco o atingem, porque ele sente de verdade a sua própria paixão. Poderia escapar refugiando-se na “arte pura”, mas a tanto se recusa, porque isto seria, aja como agir, bandear-se para o lado da opressão. Pode-se, contudo, superar o dilema, a literatura no-lo prova, pois ela é em si mesma uma liberdade

total que se endereça a outras liberdades. O papel do escritor, será, pois, de um grande pregador de todas as liberdades, das liberdades materiais contra o burguês, as liberdades formais contra os comunistas; de um lutador contra todas as injustiças, venham de onde vierem, da direita ou da esquerda; e de um trabalhador empenhado na construção de uma Cidade harmoniosa e pacífica. Será que não se constituirá um público em torno deste objetivo? Não se trata senão do Homem a salvar.

Tal é a conclusão dramática do estudo de Sartre. Podemos objetar-lhe que representa mais o seu ponto de vista do que o de todos os escritores de sua geração. Podemos objetar-lhe também que os seus romances nem sempre se incluem na linha dramática deste estudo. Mas o seu depoimento é, todavia, muito sincero e possui tal alcance, mesmo fora da França, que nos pareceu digno de ser resumido para os nossos amigos brasileiros.

## 12.25 - “Chove nos Campos de Cachoeira”, de Cléo Bernardo<sup>152</sup>

6 de outubro de 1946

ESTE TRABALHO FOI ESCRITO EM OUTUBRO DE 1941 E PUBLICADO, NESSA ÉPOCA, EM TRÊS GRANDES JORNAIS DO BRASIL. ERA NO TEMPO DO CONHECIDO ESTADO NOVO, POR ISSO A SUA PUBLICAÇÃO FOI CENSURADA. SOMENTE HOJE, PELA PRIMEIRA VEZ, APARECE NA ÍNTEGRA, ASSIM COMO FOI CRIADO.

Fazia sol, havia vento, era meio-dia quando terminei de ler “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA”. O estranho romance objetivo e pessoal de Dalcídio Jurandir. Aceito este livro cheio de dimensões sem contorno como a primeira mensagem da minha geração. Mensagem dolorosa, acendida de desespero e vida, marcada de verdade. Não sou crítico e quero dizer deste romance tudo o que meus olhos viram. Com “aquela audácia de poder errar”, sem medo de traír essa difícil sinceridade de amigo. Lembro agora Katherine Mansfield falando do romancista e poeta inglês: “O que faz de D. H. Lawrence um verdadeiro escritor é o seu temperamento apaixonado. Sem paixão escreve-se no ar ou sobre a areia das praias”. É esse o caso de Dalcídio Jurandir. Há uma paixão na sua maneira de dizer naturalmente as coisas. Paixão que vem da terra, do fundo do homem como um estremecimento. Parece que Dalcídio está comendo fruta do mato, acordou de madrugada, está levando crianças pelas mãos quando escreve. O último capítulo de “Chove” nos dá essa impressão: o primeiro homem procurando dizer tudo “com uma sinceridade íntima, tranquila e humilde” – como aconselha Rilke. “É um homem que fala”, disse Álvaro Moreyra.

“CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” marca, no romance brasileiro, uma mais definida inconsciência de realização. Dalcídio Jurandir não escreveu este livro por simples preocupação artística e quase realizou o que muitos dos nossos atuais romancistas não fizeram. A gente sente a “integridade nativa” tomando conta do livro e também a “experiência” de que Sérgio Milliet em nome de Rilke, tanto reclamou para os nossos ficcionistas. A espontaneidade e a sinceridade são os dois poderosos traços do romance. Essa mesma espontaneidade que muito faltou nos romances de Coelho Neto e outros e que é um grito verdadeiro da arte. E a sinceridade (de análise) vem molhada desse realismo psicológico, dessa riqueza interior que dá uma significação extraordinária à sua livre possibilidade de criação.

“CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” é como uma noite de chuva. Uma noite de tempestade, onde tudo procura a si mesma numa luta demoníaca de reconquista e de liberdade, de desgraça e de fatalidade.

---

<sup>152</sup> BERNARDO, Cléo “Chove nos campos de cachoeira”. **Folha do Norte**. Belém, 6 out. 1946, *Suplemento Arte Letras*, p. 2.

O povo e a infância, para mim são duas fontes de capacidade criadora. Dalcídio foi buscar na enorme miséria do povo e na desordem humana a causa das primeiras e últimas angústias irreparáveis. Há um “conhecimento das diferenças”, uma vontade nietzscheniana de destruição de tudo em nós ou fora de nós, (embora haja um religioso respeito pela vida humana) um desejo sem fim de outro itinerário no romance e no pensamento do nosso artista. O livro marajoara é saturado de segundas intenções e a sua presença se marca por este princípio hegeliano de contradição dialética, sem a qual não são possíveis as operações fundamentais do espírito e a ideia “do ser” não pode existir sem a negação “do não ser”. Além da natureza e do homem nada de maior existe – porque o espírito não é senão “o produto superior da matéria”. Aí mais um filho de Marx. “Em Eutanázio, a perversão sempre vinha do espírito. O instinto é sempre puro”. O romancista não quer interpretar o mundo. Acha melhor modificá-lo à luz duma terapêutica violenta, onde a grandeza humana se prolongue sem essas falsificações do amor ao homem na sua pureza eterna e primitiva. Dalcídio não abandona as suas personagens. Vai andando com elas como quem procura água para beber e esqueceu a sede diante dos próprios abandonos e esquecimentos.

A grande piedade e simpatia humana que encontramos em “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” – não vem da esperança de que tudo pode mudar, melhorar e sim da horrível evidência do mal. Existe um sentimento de negação tão grande, que tudo se perde no meio dos sofrimentos e das falências. Até as belas comparações e imagens poéticas, na maioria, nascem dum horror, dum medo, duma inquietação. Dalcídio tem uma forte capacidade para a tragédia, assim como Lúcio Cardoso. Ninguém tem coragem e heroísmo para ultrapassar as necessidades. D. Amália sempre trabalhando e ajudando, a maior personagem, (não significa essa reconciliação, mesmo mutilada, que pode existir entre a vida e o ideal?) no fim parece perder aquela calma, aquela compreensão, aquele silêncio, aquela “quentura humana”, aquele espírito de sacrifício...

“Chove” é a singular paisagem duma sociedade em decadência. Sociedade que faliu em todos os seus princípios de organização. “Impossível construirmos um mundo melhor sem melhorarmos o indivíduo”, pensava Madame Curie. Este é também o ponto de vista da Igreja, da legítima Igreja. Eutanázio – fica como um ponto de exclamação na comprida legião dos fracassados da ficção brasileira. Mário de Andrade já sentiu, no romance brasileiro, a falta desse herói que em frente a todas as quedas ainda fique acreditando em alguma coisa. Há sempre um retorno ao bem e ao mal. Ora é o próprio Eutanázio se arrependendo de ter roubado os 30\$000 de Felícia, ora é Lucíola, esquecida da sua bondade superficial, tentando envenenar D. Amália para ficar com Alfredo – numa egoísta compensação de felicidade. Aquela degradação crescente de Eutanázio parece vir do conhecimento cristão das misérias humanas. A necessidade do mal pode trazer a maior necessidade do bem.

Dalcídio tem uma boa observação. Não esquece os detalhes. Tudo ele parece ter “visto”, “tocado”. Na garrafa que Alfredo compra querosene – lá está o cordãozinho amarrado ao gargalo. E aquele “rá”?!... Aquelas passagens imaginadas – como a pergunta do bêbado: “Por que os livros ficam à margem?” A

respostas de Eutanázio: “E a miséria do homem sem dinheiro?” – aparecem reais e convencem. Aqui o valor do romancista: aumentando a vida sem destruir o plano da existência. Mauriac define: “ Le romancier est, de tous les hommes, celui qui ressemble le plus à Dieu: Il est le singe de Dieu”. E Deus no “Chove” (não há conciliação entre o autor e Deus – Ivan Karamasov, aquele personagem de Dostoiewsky, ainda admitia a existência de Deus, embora negasse a sua interferência na direção do Universo) – numa ironia amarga – é negado por uma dúvida filosófica e cética ou dúvida poética, “que é dúvida humana, de homem solitário e sem caminho entre caminhos”. Oswald de Andrade afirma que o contrário do burguês, entre nós, não é o proletário e sim o boêmio. Alguma razão nessa afirmativa temerária. Dr. Campos é uma criatura assim: irresponsável, ridícula, boêmia. Às vezes surge exagerada.

Todos lutam por alguma coisa. Até mesmo D. Dejanira, sempre reclamando, luta para comer coisas boas. Respiramos tragédia que fica no livro como uma trepadeira. Os grandes problemas estão no romance. Problemas vivos – aí – sem solução dentro dessa miserável exterioridade burguesa: casamento, saúde, propriedade, governo, trabalho, religião...

Deixemos de lado essas coisinhas de estilo e discutamos melhor, com fé esses nossos problemas tão imediatos. Basta de tanto discurso sobre a Amazônia! Os problemas estão aí, resolvamos! Já chega de falar da nossa geografia, falemos do nosso homem, protestemos o seu abandono, a sua escravidão, já chega!

\*\*\*

Ao lado dessas pessoas que – em todas as Cachoeiras do mundo – caminham com os pés sangrando, assistimos o encontro de dois mundos numa mesma época violentamente bela, trágica e colossal. É o drama dessa apolítica luta dialética. Numa madrugada sangrenta o moço e poeta, espanhol assassinado Garcia Lorca deixou de sentir o gemido da fome nos campos alagados e o cheiro da terra cinzenta queimada de batalhas e erçada de baionetas. Podemos morrer dessa apoplexia que foge para nós como um impulso. Sim, D. Amália “não podia acabar com a pobreza”...

“CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” é noturno e nos dá aquele pensamento da morte – que os monges do mosteiro da Trappa eram obrigados a ter – lembrando Chateaubriand, no “Gênio do Cristianismo”.

A desordem do romance não é uma atitude. Vem da inquieta sensibilidade poética do escritor que, às vezes, se torna mais poeta do que romancista nos seus ímpetos criadores. Os caminhos poéticos do romance são insondáveis e nevoentos como os mistérios do amor e da morte. Major Alberto sem os catálogos – não teria substância a sua inconsequência. A existência contemplativa de isolamento da “dinâmica da vida” – como aquela de Phyllip Quarrel, no romance de Huxley, não está no espírito frequente, alternado e incerto de amor e ódio das personagens de Dalcídio Jurandir. A humanidade do “Chove” só enxerga o beco de Manuel Bandeira.

Irene é uma pedra dentro de Eutanázio. O amor de Eutanázio por Irene é um amor quase cristão. Amor que não quer recompensa, amor que se perde, amor que deve tudo porque é Eutanázio quem ama. O caroço de tucumã de Alfredo é a maior criação poética do romancista. No realejo de Jorge de Lima, em “Mulher Obscura”, talvez falte mais realismo poético, mais coeficiente e necessidade de poesia. O “faz de conta” é um convite a sonhar, a andar por todos os roteiros do mar sem termo à procura das paisagens irrealizadas e dos possíveis humanos.

Não é só o tédio do espírito que sentimos no romance. É também a melancolia da carne quando tudo se arrebatava para um misterioso e violento destino. Fica no limite do possível e do impossível o sorriso [...] de Irene – que não era mais aquela mesma planta no campo sem sol de Eutanázio. Logo, no romancista, essa necessidade, essa vontade louca, animal e profunda de verdade e solução das misteriosas contradições nas coisas criadas.

Gosto de Felícia. É uma dessas mulheres ingênuas que, pela sua pureza de intenções e sentimentos, são enganadas e infelizes. Quando Dr. Campos grita com Felícia e pergunta a Eutanázio o que faria se estivesse com a doença que Felícia lhe passou, o profundo silêncio de Eutanázio, doente também de Felícia, me faz lembrar, no romance de Dostoiévsky, aquele olhar angélico de Sonia para o seu pai Marmeládov, viciado e bêbado – que lhe pedia todo o dinheiro ganho com a prostituição do seu corpo. Há qualquer coisa acima da força solta dos sentimentos que pode molhar e unir as almas fechadas e enegrecidas pela injustiça social. Um amigo que compreendesse. Eutanázio para tirá-lo daquela incapacidade de querer, o romancista imagina numa leve e triste esperança de salvação e dignidade. O verdadeiro sentido da solidariedade humana de que o homem, por mais obscuro e mau que seja é sempre um irmão.

Página poética, bíblica e admirável é a do sonho de Alfredo com a doce Clara. Página que lembra Tagore com aquela sua ingenuidade e ternura de criança. Pela primeira vez sente-se uma alegria. Clara aparece assim como um eco e morre logo. Sempre um desejo de fuga, no romancista, para aquele “realismo tangendo o fantástico” – que Dostoiévsky muito amou.

Estou satisfeito, com o livro do Dalcídio. Lourival Damasceno, o nosso querido morto, ficaria alegre, muito alegre com o “Chove”. Continua amigo. Que “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” seja o pior dos teus livros – como desejou naquele almoço do teu aniversário, em Santarém, o meu amigo de todas as infâncias, Wilmar Fonseca. “Chove” poderia ficar ao lado dos romances de Graciliano Ramos, o maior romancista contemporâneo do Brasil.

As personagens de Dalcídio Jurandir tem abismos e destinos inumeráveis como se todas fossem poetas. Os diálogos são firmes e reais. Só o de Eutanázio com Dr. Campos (esperando o moleque com as cervejas) é exagerado. Dr. Lustosa é bem o tipo desses Deodoros, grandes ou pequenos, que andam por aí a explorar o homem, fazendo promessas para o povo, jeitosos e safados, brilhantes e discursadores. A carta de Carvalho para Bitá está mais natural do que a de Ezequias. Bitá bem que podia entrar no quarto de Felícia. O leitor espera isso

naturalmente. O romancista salva tudo quando termina dizendo que nada sabiam ao certo do encontro de Bitá com Carvalho.

Em “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” encontramos dois lados. Um que termina com a morte de Eutanázio de olhos fechados procurando um símbolo perdido: o símbolo morto. Outro que continua com a maternidade imensa e amada de Irene sem aquele riso, restituída a si mesma, livre como um gesto de ressurreição, fecunda como uma terra nova e o carocinho de tucumã de Alfredo correndo, fugindo por todos os caminhos do mundo...

## 12.30 - “As Novas Gerações e as Revoluções Literárias”, de Wilson Martins<sup>153</sup>

5 de outubro de 1947

**CURITIBA**, Setembro – Fala-se muito no “conformismo” das novas gerações literárias do Brasil; lastima-se a sua falta de ação revolucionária e condena-se a admiração quase irrestrita que reservam para alguns nomes consagrados, principalmente os do Modernismo de 1922. Isso equivale a censurá-los por suas tendências mais construtivas que destrutivas, mais criadoras do que críticas. O que, aliás, deve ser entendido nos devidos termos, porque nenhuma outra geração na história literária do Brasil foi tão essencialmente crítica como a que ora domina o nosso programa intelectual debaixo da catalogação simpática de “novos”. Mas é que a própria crítica foi transformada por esses novos numa atividade criadora: não é mais uma atitude espiritual essencialmente destrutiva como antigamente, nem se encontra, como a dos modernistas, diante da contingência de destruir, de limpar o terreno, antes que sobre ele se possa construir o edifício dos novos tempos.

De resto, nossas condenações são, no fundo, um pouco simplistas, nenhum valor fecundo possuem as revoluções que se fazem exclusivamente pelo prazer da novidade. As revoluções só se compreendem e só se justificam quando irrompem de circunstâncias imprescritíveis; quando só a revolução consegue retirar dos caminhos, desimpedindo-os, os cadáveres dos gigantes mortos. Fora daí, se a indispensável obra construtiva se puder fazer pelas vias mais sólidas e duradouras do trabalho paciente, meditado e construtivo, nenhum motivo haverá para lamentar-se a ausência das revoluções.

Na política como nas letras só são fecundas as revoluções necessárias: as outras, não passam de “pronunciamentos”, quando políticas, ou de cabotinismos, quando literárias. As histórias da literatura registram dezenas de revoluções, como as histórias políticas registram outras tantas: mas apenas um número reduzido de umas e de outras pode ser tido, não como a diversão estéril de energias que podiam ser melhor aproveitadas ou como resultado de cogitações estranhas à literatura, mas como o ponto de início de um novo período na vida do homem e da sociedade. Há revoluções que finalizam uma época com as que inauguram tempos novos; e se essas duas obras são necessárias e indispensáveis, o mesmo não se pode dizer das que simplesmente colorem com sangue ou com o inofensivo vermelhão dos espalhafatos as épocas construtivas da política ou das letras.

---

<sup>153</sup> MARTINS, WILSON. “As novas gerações e as revoluções literárias”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). **Folha do Norte**. Belém, 5 out. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3. Grifos do autor do texto.

E não é só. Mesmo que se desse por resolvido que se faz agora necessária uma revolução na literatura brasileira, só os distraídos ou os mal informados poderiam ignorar que essa revolução se está efetivamente realizando. Não é uma revolução do tipo concentrado e explosivo, como a de 1922: é uma revolução do tipo difuso e de reflexos mais prolongados e duradouros, porque mais orgânicos. Não é um processo de patologia, mas de fisiologia literária. Não é uma revolução artificialmente provocada como a de 1922, mas um movimento que representa o vértice de um processo há muito tempo em ação. Não se realiza por intermédio de um número reduzido de intelectuais de vanguarda, portanto, incalculavelmente longe das necessidades e das aspirações médias, mas tem por veículo diversos e distintos focos, espalhados por todas as províncias brasileiras, todos eles por uma milagrosa coincidência realizando a mesma obra, a mesma renovação, despendendo os mesmos esforços criadores.

Ao contrário do Modernismo de 1922, a renovação destes anos 40 corresponde a uma cristalização dos esforços anteriores. Os mais lúcidos dos representantes das duas gerações modernistas tinham previsto esta estiagem construtiva depois dos delírios destrutivos a que forçosamente se viram arrastados os que, cem anos depois da política, proclamaram a nossa independência espiritual. Mário de Andrade e o Sr. Tristão de Athayde, para citar somente os dois maiores e mais percucientes, já tinham assinalado essas duas características sucessivas: a do caráter crítico e destrutivo do Modernismo e a tendência construtiva que naturalmente seria o sinal das gerações pós-modernistas mais próximas. E foi realmente o que aconteceu.

Mesmo a predominância de uma atitude crítica da melhor espécie e de um pensamento crítico de riqueza e qualidade incomuns em nossa literatura não desmente o que fica dito. Porque a crítica, tal como a entendemos modernamente, deixou de ser uma atividade à margem dos gêneros construtivos, dedicada especialmente a zumbir ao redor dos trabalhos de criação. Graças aos esforços dessas gerações tão mal compreendidas e, portanto, combatidas com tanta facilidade, a crítica foi erigida em gênero criador, e como tal equiparada aos demais dentro da literatura. Se o poeta e o romancista criam mais ou menos desligados de teorias e de preceitos, é a crítica que lhes assinala as tendências, as orientações, as inovações e os segredos: é a crítica que revela, que assinala, passo a passo, o progresso do pensamento literário. São atividades que hoje se completam e não passam agora de “**boutades**” anacrônicas os epigramas com que os autores infelizes ainda atualmente se vingam da crítica.

A consciência do fenômeno literário como instrumento de conhecimento do homem e não como veículo de deleite ainda é outra conquista lenta e seguramente consolidada pela crítica. Em todos os campos da atividade literária a crítica procurou esclarecer as dificuldades e revelar os encantos: e que nem sempre os seus resultados tenham correspondido às intenções é motivo para novas tentativas e não para precipitados desenganos.

Ao lado dessa tarefa crítica de conseqüências visivelmente construtivas, mas ao mesmo tempo inegavelmente revolucionárias (pelo menos entre nós), construções e revoluções idênticas, silenciosas, mas fecundas, podem-se

assinalar no âmbito de todos os outros gêneros. O que havia de perene no Modernismo foi solidificado e incorporado à experiência das novas gerações: o que havia de transitório, ou foi largado à margem pelos que merecem a atenção, ou está sendo pobremente capitalizado pelos que souberam ver no Modernismo e nos seus homens apenas o pior, apenas o que era ou um sinal dos tempos ou uma contingência do estado de espírito em que as suas obras se realizavam.

Mas, não é somente nos livros e nessa captação por vezes difícil e sutil de atitudes que se pode aquilatar da revolução subterrânea que se realiza na literatura brasileira. Essa revolução possui também os seus documentos. São as revistas e os grupos literários das províncias, que lentamente se formam uma vida independente e rica das mais inesperadas sugestões. O fascínio da metrópole já vai desaparecendo do espírito dos intelectuais brasileiros: substitui-o, pouco a pouco, uma valorização inteligente e afetiva da província, uma valorização fecunda dos valores provinciais, uma consciência mais exata da verdadeira grandeza do Brasil e das fontes dessa grandeza.

Em quase todas as províncias (e nesse “quase” vai muito da ignorância em que vivemos uns dos outros e de que não escapa, naturalmente, o autor destas linhas) as publicações literárias da melhor qualidade realizam neste momento a sua tarefa. Revistas e edições da mais genuína substância enchem de um sopro de vida o que antigamente era o marasmo da existência provinciana, a fonte dos desesperos dos que sufocavam nos seus estreitos horizontes. Hoje, ao contrário, os grandes nomes da literatura brasileira são os que possuem mais viva a consciência de suas raízes provinciais: mesmo os que residem na metrópole não passam ali, conscientemente, de representantes de suas províncias. É em função e em nome delas que trabalham e que produzem. As suas glórias são as glórias da província. Outros, porém, a maior parte, residem nas províncias e só mantêm com a metrópole os contatos de visitas. E assim a literatura brasileira exterminou o tradicional eixo São Paulo, Rio, Pernambuco, para adquirir uma consistência mais uniforme, ainda que mais delgada. Agora, é a metrópole que se curva, com curiosidade, para o trabalho que se realiza nas províncias. Que se realiza esplendidamente, apesar das inúmeras dificuldades que ainda cercam a vida intelectual distante dos grandes centros: dificuldades bibliográficas, por exemplo, e ainda o isolamento, o tempo necessariamente maior que se gasta para atingir o núcleo das atenções dos donos da literatura e mesmo do público que canta, a incompreensão e os surdos mais persistentes combates que parecem inevitáveis no destino dos que nas províncias se destacam por qualquer... originalidade.

Os documentos dessa difusa revolução chama-se “Suplemento da FOLHA DO NORTE, em Belém; “José” e as Edições Clã, no Ceará; “Nordeste”, em Recife; “Agora”, em Goiás; “Edifício e suas edições”, em Minas; “Magog”, “Fonte”, “A Época”, a futura “Orfeu” e os suplementos literários dos jornais do Distrito Federal; “Paralelas”, em São Paulo, como também a inesquecível “Clima” iniciadora dessa renovação e um nome que por isso não podemos esquecer “Joaquim”, no Paraná; “Uirapurú”, em Santa Catarina; a incomparável “Província de São Pedro”, no Rio Grande do Sul, e quem sabe quantos outros existem no desconhecimento deste crítico de província. Quem já teve oportunidade de folhear essas publicações e de

tomar contato com os livros, com o pensamento das diversas províncias brasileiras, pode bem aquilatar da revolução que está se verificando.

É uma revolução silenciosa. Silenciosa porque pensadamente os seus corifeus e epígenos não acreditam mais nos grandes gestos e nas figurações “pour épater les bourgeois”, e silenciosa porque o Brasil é um país “essencialmente longe”, como dizia Martin Francisco, e nós dificilmente podemos ter um contato efetivo uns com os outros, os contatos construtivos e de reconhecimento sem as quais uma literatura não pode viver. Fala-se muito no desconhecimento em que estão os brasileiros da vida intelectual dos demais povos americanos: mas não é menor, e é muito grave, o desconhecimento em que vivemos de nós mesmos.

Não é que as novas gerações não sejam revolucionárias: é que elas estão criando um tipo de revolução que ainda não puderam identificar as que só sabem identificar as que só sabem reconhecer as revoluções que surgem dentro das fórmulas revolucionárias consagradas.

## 12.31a - “A arte literária de Jean-Paul Sartre (Parte I)”, de Suzanne Labin<sup>154</sup>

13 de abril de 1947

BUENOS AIRES – A obra literária de Jean-Paul Sartre está tão penetrada de reflexões filosóficas quanto sua obra filosófica o está de efeitos literários. Pintor e pensador em cada malha de uma mesma obra, Sartre, o é também na alternativa de suas produções. Estreia com um romance, “La Nausée”, a que se segue um tratado técnico sobre “L’Imagination”: depois escreve uma série de contos: “Le Mur”, e de novo uma obra filosófica: “L’Imaginaire”. Seu drama “Les Mouches” precedeu a um grande volume metafísico: “Le Être et le Néant”, ao qual se seguiu outro drama: “Huis clos”. Recentemente seus romances, “L’Age de la Raison” e “Le Sursis” foram lançados à circulação ao mesmo tempo que estudos filosóficos acerca do antisemitismo, Baudelaire, o materialismo e a revolução.

**Influência da filosofia existencialista sobre a literatura de Sartre** – Em “La Nausée”, a mais “heideggeriana”, das suas obras, Roquetin desenvolve uma filosofia da angústia e dá alcance ontológico a essa vertigem que o invade quando se dá conta da monstruosidade dos seres brutos. Em “L’Age de la Raison” e “Le Sursis”, os diversos personagens elaboram uma metafísica do instinto, da responsabilidade e da solidariedade do homem. Em “Huis clos”, Sartre põe em cena seres reduzidos a puras essências, pois são mortos. São as três almas condenadas que sofrem o suplício da presença eterna, não só dos outros dois, como também de seu passado imutável, do em-si lancinante que foram na terra e sobre o qual retoque algum será possível para o futuro, desse ser-para-a-etenidade em que se converteram e que jamais haveriam querido ser!

A peça “Les Mouches” constitui magnífico testemunho a favor da possível beleza de uma arte de tese. Desde a primeira até a última cena discute-se o conceito de liberdade em termos de doutrina, sem que em momento algum se rompa o encanto infernal e mágico que envolve a ação; o forte colorido dos personagens nada perde com a transcendência de suas controvérsias. Orestes, segundo uma interpretação original do antigo mito, tenta revelar a liberdade aos inocentes habitantes de Argos que Egisto soube fazer solidários de seu crime cultivando neles o gosto pelo duelo e pelas cerimônias negras e sobretudo o apego mórbido aos remorsos... remorsos cujo zumbido negro e tórrido está simbolizado por enxame de moscas enormes que importunam a cidade desde o dia fatídico em que as atraiu a carne recentemente morta de Agamenon. Orestes, que encarna o tipo do libertador consciente e trágico, dirige ao chefe vigilante do Olimpo este discurso:

“Tu és o rei dos deuses<sup>155</sup>, o rei das pedras e estrelas, o rei das ondas do mar. Mas não é o rei dos homens”. E Júpiter responde enfurecido: “Não sou teu

---

<sup>154</sup> LABIN, Suzanne. A arte literária de Jean-Paul Sartre. (Copyright Interprensa Esse Press com. Exclusividade da Folha do Norte). **Folha do Norte**. Belém, 13 abr. 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-3. Grifos da autora do texto.

<sup>155</sup> No jornal, a palavra Deus na obra de Sartre vem sempre grafada com letra minúscula:

rei, larva insolente. Quem te criou?” “Tu – retruca Orestes -; mas devia criar-me livre... Mal me criaste, deixei de pertencer-te”. E o deus dos deuses vê-se obrigado a reconhecer amargamente sua impotência; “Quando a liberdade explode em uma alma humana, os deuses já nada podem contra esse homem”.

Contudo, se os deuses e os reis devem renunciar a toda esperança de escravizar os homens que se sabem livres, ficam-lhes os outros; aqueles que ignoram suas possibilidades de independência. Na cena formidável da festa dos mortos, Júpiter confia seu doloroso segredo ao usurpador que o secunda em suas empresas e vassalagem: é que os homens são livres. “São livres, Egisto. Tu o sabes e eles o ignoram”. “Claro! – responde o rei dos homens - : se o soubessem poriam fogo aos quatro cantos do palácio. Por isso já levo quinze anos representando a comédia para dissimular-lhes seu poder.”

Para os existencialistas, o homem é livre, por certo, mas também desamparado. Encerrado dentro de si, sem lei nem Deus sem razão para confirmá-lo em suas empresas, é apenas uma cascata de atos e ideias arbitrárias que se agita e roda pelas vertentes do tempo. Como os fenomenólogos, os existencialistas só veem na vida uma poeirada caprichosa de acontecimentos. São vãs, para eles, as ideias sutis que pretendem destrinçar a madeixa das paixões humanas. Essas paixões são impenetráveis... como os desígnios de Deus. Aos romances psicológicos, aos estudos de caracteres ou de costumes que esgaravavam as razões ocultas mas decifráveis da conduta humana, opõem um gênero literário antidiscursivo, brutal, que atribui papel preponderante ao instinto.

### **A literatura do instinto –**

Esses filósofos do instinto serão por força pintores de ação, registradores cinematográficos dos jogos da alma e do corpo. Sartre se deleita em transcrever, tal como são, séries de feitos e gestos: mais que traçar passos do que analisar caracteres; mais em apresentar opiniões do que em criticar ideias. Se chega a fazer-nos penetrar na vida interior desses personagens, não é para desemaranhar seus sentimentos, mas para fotografar suas atitudes no que têm de mais íntimo. E assim como esses gostos e cores “que não se discutem”, Sartre não discute o valor moral da conduta humana. Para ele não há ações más e outras boas; há ações que me agradam e que, aliás, podem provocar reações contrárias em outros homens.

Somente uma seleção severa em uma sucessão de automatismos permite fazer do homem, para o mundo exterior, uma imagem segundo o que reclama o costume. A longa aprendizagem da sabedoria – que não passa de uma consagração arbitrária de certos costumes – acaba recobrando nosso ser com uma capa de verniz; mas debaixo dessa máscara incessantemente recomposta arrastamos torrentes de incoerências ou incongruências. Valéry escrevia: “O espírito nos assopra sem vergonha um milhão de tolices por cada ideia bela que nos abandona”. Uma das metas que se propuseram os existencialistas consiste precisamente em reservar para esses milhões de tolices íntimas dos homens, para

---

“deus/deuses”.

os milhões de atos reprovados ou inconfessados, o lugar legitimamente devido a todos os milionários. Esses exibidores de instintos deviam fatalmente desprezar os rodeios e chamar as coisas e os atos [...] e simplesmente por seu nome, por seu nome claro. Dedicar-se à ostentação da vida subterrânea equivalia a optar pela cruzeza contra a alusão, pela obscenidade contra o pudor, pelo mau cheiro contra o incenso. Raras vezes chegavam os autores tão longe no detalhe realista. Rabelais foi um grande pudico comparado a Sartre. Contrariamente aos caracteres lógicos que predominam na literatura clássica e que podemos deduzir pelo raciocínio, os atos gratuitos, tão necessários como imprevisíveis, são de possível invenção; faz-se mister, portanto, copiá-los da natureza. Sartre dá mostras da grande maestria nesse gênero; mas é um pintor demasiadamente brilhante para nos convencer da modéstia de suas intenções como simples fotógrafo. Pelo contrário, decanta, purifica, reagrupa como todos os escritores. Mas à medida que se coloca sob essa lei comum do ofício, não se justifica que alguém ponha em dúvida essa total gratuidade com que pretende impregnar a conduta de seus heróis? As personagens sartrianas são instintivas, não há dúvidas, mas instintivas de acordo com a preferência artística do autor.

Como a comunicação entre os homens é, para Sartre, impossível, a humanidade que ele descreve assemelha-se a uma comunidade de reclusos. Cada ser é para seu vizinho um misterioso estrangeiro, escravizado a suas preocupações, suas crenças e seus hábitos, que carrega até a morte o pesado fardo de sua solidão. Esse pensamento dá a personagens já fartamente imorais um toque enigmático e melancólico. Por outra parte, era fatal que uma literatura de instinto engendrasses protagonistas temíveis. Se nenhuma moral nem razão alguma sujeita ao homem que se sabe livre, não é possível prever suas ações futuras. O outro sempre pode reservar-nos surpresas desagradáveis: pode destruir sem justificação uma conduta de amizade ou de colaboração, para substituí-la por uma atitude de ódio. As personagens de Sartre dão medo. Mas na maioria dos casos, os homens tendem a fugir de sua liberdade e a preferir guiar-se de acordo com uma escala de valores que indubitavelmente é arbitrária, mas que, no entanto, é um empecilho para a segurança do próximo. Os “frouxos” que temem sua liberdade e os “porcos” que a negam (tais são as definições do próprio Sartre)<sup>156</sup>, evidentemente são mais tranquilizadores, já que são previsíveis. Mas como “os gestos do culto moral” são apenas figuras de dança sobejamente instáveis em comparação com o clima dos instintos. Sartre não tarde em desmascarar, atrás de tal humanista, o fanático que odeia sinceramente a seus semelhantes.

---

<sup>156</sup> No jornal não há fechamento do parêntese.

## 12.31b - “A arte literária de Jean-Paul Sartre (Parte II)”, de Suzanne Labin <sup>157</sup>.

18 de maio de 1947

Buenos Aires – Segundo a filosofia existencialista, os homens são responsáveis, pois são o que quiseram ser, e são solidários, pois seus atos comprometem a totalidade da humanidade. Mas como, por outra parte, Sartre sublinha a gratuidade de toda empresa – “o homem faz muito barulho por nada” – resulta que também é responsável e solidário por nada. Ante tal vacuidade, essas personagens que pouco antes se apresentavam sob cores ferozes perdem repentinamente seu caráter enigmático e temível para adotar aquele burlesco e comovedor que revelam os títeres diabólicos quando lhes soltamos os fios. A conduta inconsequente constitui uma das características mais específicas das personagens sartreanas, e contribui, segundo a ideia do autor, para confirmar a liberdade absoluta do homem. No entanto, com igual facilidade poderia ser tomada como prova de sua dependência. Efetivamente; a impotência do homem para realizar seus projetos de acordo com sua eleição original denota que se move antes como escravo do que como intérprete de seus instintos, à maneira dos loucos que não são tão inspirados pela fantasia, como determinados pela enfermidade. De qualquer maneira, ainda não surgiu ciência alguma que possa demonstrar que o homem escolhe livremente seus instintos ou que o louco decide livremente ser louco. E já que nos pusemos a evocar a ciência, observemos que se as forças atuantes do ser parecem ainda incoerentes, isso se deve à nossa ignorância presente do funcionamento da alma. Toda uma série de fatos que pareciam incompreensíveis há alguns séculos começam a ter sua interpretação. Os atos não são gratuitos senão na medida em que ficam sem explicação, e temo que Sartre se haja deixado arrastar por seu ódio quando decidiu que éramos inexplicáveis intrinsecamente e para sempre. Um personagem cuja conduta seja tão impenetrável que hoje possa ser apenas “fotografado” por uma literatura do instinto poderá amanhã, com o progresso das ciências psíquicas entrar no quadro de uma literatura psicológica que nos faça penetrar seus mistérios à maneira discursiva tradicional.

De resto, seja que os instintos procedam da pura liberdade, seja que os homens se submetam passivamente a seus “diktats”, não podemos negar que a criatura está repleta deles. E embora no fundo do seu coração palpите ardentemente o desejo de libertar-se desses instintos, outro fato inegável é que tal desejo continua sendo impotente a maioria das vezes. E já que Sartre se dedica a descrever os homens tais como são, a ninguém espantará ver que em seus

---

<sup>157</sup> LABIN, Suzanne. A arte literária de Jean-Paul Sartre. (Copyright da Inter-Americana com. Exclusividade para a Folha do Norte). Buenos Aires. **Folha do Norte**. Belém, 18 maio 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 8-6.

romances abundam os tipos cruéis, perversos ou deploráveis... São tão correntes na vida!

**SORDIDEZ DOS PERSONAGENS DE SARTRE** – Mas exatamente a abundância desses tipos é o que a crítica tem censurado unanimemente. Censura em Sartre olvidar todo o lado ensolarado da alma humana e evocar com complacência o homem que sente náuseas, o sádico, o libidinoso, ignorar o homem que ama a vida, ignorar o sorriso da criança... pretender alcançar uma reprodução exata do indivíduo e não lograr senão uma imagem parcial e sombria. Na realidade, Sartre também cita rasgos de nobreza, mas nunca faz que deles derive o essencial do caráter de seus protagonistas. Pois, para ele, o homem é tão complexo que distila permanentemente virtudes e vícios estreitamente mesclados, em uma mistura na qual ainda figura uma multidão de outras condutas que nem sequer têm nome na moral corrente e que são tabu para o pudor e para os preconceitos. E é esse homem inteiro, vicioso e virtuoso, ao mesmo tempo, fisiológico e mental, passional e pensante, que Sartre coloca ante nossos olhos. Está talvez certa a tradição, ao pretender que a arte literária não pode prescindir por completo de disfarces e véus; mas então é justo reconhecer que os que se tornam passíveis da pecha de parcialidade são os escritores que põem em prática essa tese e não Sartre.

Devemos confessar que os romancistas existencialistas não foram os primeiros a arrancar ao homem sua máscara. La Rochefoucauld se tornou célebre por haver afirmado que debaixo das virtudes, reputadas como as mais altruístas, agitava-se a água turva da vaidade; e para remontarmos a um autor de maior autoridade ainda, a Deus, não nos teria ele desmascarado já desde a aurora dos tempos? Que é o homem perante o seu tribunal, senão um pecador digno de lástima e, o que é pior, um pecador reincidente, que constantemente precisa ser chamado à ordem mediante pragas, dilúvios, epidemias e guerras...? O homem está por outra parte, tão convencido da perversidade fundamental de sua natureza, que esta ideia acompanha a maior parte dos provérbios em que costuma condensar sua sabedoria: “ O homem é o lobo do homem”. A condenação é, pois, unânime.

E, no entanto, essa condenação é amavelmente tolerada enquanto se mantenha abstrata. Pedro e João, que não admitem crítica alguma a sua pessoa concreta, veem-se fraternalmente unidos para estigmatizar a natureza humana... nos tratados de filosofia. É que o pensamento adorna com sua nobreza até as mais repulsivas de suas conclusões. Quando, ao chegar ao cume da desilusão, o homem suspira: O egoísmo me domina, tudo é vaidade... – ainda está orgulhoso de haver sabido sondar tais profundezas da alma: redime-se da miséria de seus insultos mediante a lucidez de seu espírito. Não teme, pois, nem sequer seus pensamentos mais diabólicos: o que teme é sua imagem.

Sua imagem em pé é de uma crueza tão repulsiva que retoque algum poderia idealizá-la. Não deixa espaço para argúcia alguma, para escapatória alguma, para nenhum estratagema da vaidade ou da incosequência. Quando Dorian Gray, pecador cínico e endurecido, descobre subitamente sua alma infernal enquadrada em formas e cores, põe-se a tremer pela primeira vez no curso de

seus crimes. Ai! Quem não tem certa semelhança com Dorian Gray? Se os romances de Sartre nos escandalizam e causam espanto, não é porque nos revelam abismos até então insuspeitados, mas porque nos lançam em rosto nossos vícios.

Esse áspero mundo de Sartre, esse mundo sem máscara, sem moral, sem lógica, no qual a inteligência se sabe e se apresenta como decoração de apetites; no qual o amor se orgulha de suas práticas animais, no qual há seres que se “sentem de mais” e outros se dão conta de que “não são nada; no qual os homens não logram jamais compreender-se ou unir-se; esse mundo não podia senão atrair para si um dilúvio de imprecações.

Censuraram a Sartre sua falta de humor que seria a resultante de uma filosofia na qual a ausência de toda a escala de valores impede a crítica e a burla. De fato, Sartre raras vezes se diverte à custa das fraquezas humanas. Mas sabe, muito bem, ridicularizar os preconceitos e os cerimoniais sociais.

Também se pretendeu que a literatura sartreana ignora as situações dramáticas e poéticas. Essa censura é totalmente injusta no que concerne ao teatro, que se distingue por uma poesia intensa e trágica. E mais acertada para os romances aonde a atmosfera sombria e angustiosa de certas situações é dissipada, muito rapidamente, pelo realismo intransigente com que as trata o autor. Impelido pelo seu desejo de fazer refletir a idiosincrasia humana sob suas mínimas facetas e em misteriosos recantos, Sartre atomiza todos os gestos e todas as emoções do drama e então aparecem – como ocorre na natureza – cenas cruas, cômicas ou absurdas, no próprio âmago dos debates mais angustiosos.

### **A LÍNGUA NOS ROMANCES DE SARTRE –**

O estilo de Sartre procede por cortes. Muitos autores – Malraux, Huxley, Dos Passos, Hemingway, Joyce, etc. – recorrem a esse método que consiste em opor bruscamente os instantâneos de situações aparentemente desconexas para reproduzir o caso natural da vida. Esses autores fazem cortes na humanidade como os pratica o botânico nas diferentes partes de uma planta.

Frequentes vezes tem-se querido aproximar esse gênero da técnica cinematográfica. Mas se as duas técnicas se assemelham por seus métodos, diferem, em compensação, em seus objetivos. Segundo o exemplo dos escritores clássicos que quando relemos “fazem saltar as distâncias” o cineasta recorta, sobretudo, para tornar mais concisa a narração. Em Sartre, ao contrário, o corte não afeta tanto a forma quanto o fundo: não é concebido com fins estilísticos, mas psicológicos. Se o cinematografista se preocupa com elaborar seus temas em forma tal que, ao fim de contas, os mistérios se resolvam, e as intrigas tenham seu desenlace, Sartre se abstém a miúdo de esgotá-los.

Antes, gosta de dar amplos pormenores de algum aspecto parcial de uma aventura, sem precisar as circunstâncias, nem o lugar, nem a identidade dos personagens, e nem sequer chegar a uma conclusão. Esses desenvolvimentos indefinidos e indeterminados – embora não sejam incolores – são introduzidos e mantidos mediante palavras também indefinidas, tais como “um”, “esse”, “aquele”. Leremos, por exemplo: “aquilo se pôs a chiar, depois ele sentiu um olhar que o

dividiu em dois”. Mas não se sabe imediatamente e às vezes não se saberá nunca, que coisa é “aquilo”, nem sequer que homem é “ele”. Esse processo, tomado de Rilke (quantas inspirações modernas não remontam a Rilke), esse processo e todo o impressionismo literário que arrasta consigo, todos esses fogos de imagens, todos esses fulgores verbais permitem tirar um rendimento maior do grão de um incidente, operar melhor a viviseção de um instinto, centralizar melhor a atenção sobre esses fatores existenciais nos quais era natural que Sartre visse o objeto primordial da literatura.

### 12.31c - “A arte literária de Jean-Paul Sartre (Parte III)”, de Suzanne Labin<sup>158</sup>

25 de maio 1947

BUENOS AIRES – Para legitimar alguns de seus artifícios literários, Sartre não deixou de estabelecer que todo estilo, inclusive o mais clássico e até o mais comedido, traz em si uma série de truques. Em “La Nausée” demonstra por exemplo com penetração singular que a regra comum de composição, que consiste por começar a detalhar amplamente o quadro e as circunstâncias exteriores quando queremos narrar uma aventura, não constitui senão uma habilidade para estender o campo da emoção até além do próprio objeto: “Os acontecimentos se produzem em um sentido e nós os contamos em sentido inverso” – escreve -, Parece que se inicia a descrição pelo princípio... e na realidade começamos pelo final. Temo-lo ali invisível e presente, é ele que dá a estas poucas palavras a pompa e o valor de um começo: “Eu passeava... pensava em minhas dificuldades monetárias”. Essa frase, tomada simplesmente pelo que é, quer dizer que o indivíduo estava absorto, mal humorado, a cem léguas de uma aventura. Mas o final está ali para transformar tudo; e para nós o sujeito já é o herói da narração. Seu mau humor e suas dificuldades financeiras são muito mais estimáveis que os nossos, aparecem completamente dourados pela luz das paixões futuras, e a narrativa continua às avessas: “era de noite, a rua estava deserta...”

E temos a sensação de que o herói viveu todos os detalhes daquela noite como anúncios, como promessas, cego e surdo a tudo quanto não fosse a aventura. Esquecemos que o porvir ainda não estava ali; o indivíduo passeava em uma noite sem presságio, que lhe oferecia à direita e à esquerda suas riquezas monótonas, e “ele não escolheu”.

---

<sup>158</sup> LABIN, Suzanne. “A arte literária de Jean-Paul Sartre” (Parte III). Copyright Interprensa Esse Press com. Exclusividade da Folha do Norte). Buenos Aires. **Folha do Norte**. Belém, 25 maio 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 2-6.

No conjunto das particularidades de colorido tão brilhante que distinguem a fatura literária de Jean-Paul Sartre, podemos ainda citar o jogo frequente entre a presença e a ausência reais ou aparentes de cada homem na órbita dos outros. Não esqueçamos que para o existencialismo, só existo quando os outros se dão conta de minha pessoa; mas minha presença real ao lado deles não basta; sou apenas uma coisa, se meu vizinho não me concebe; em compensação, posso existir poderosamente a dez mil quilômetros, se alguém pensa intensamente em mim. Esse fenômeno existência-para-o-outro, que constitui o fundo de tantos romances de amor, foi estudada em um caso muito pungente por Jules Romain em seu romance “La Mort de Quelq’un”; Jacques Godard existiu tanto para seus pais e vizinhos quanto depois de morto. Da mesma maneira, os personagens de Sartre sentem fortemente sua existência ou sua vacuidade na consciência dos demais. Philippo, no lugar aonde está seu corpo, em casa de um falsificador de passaportes, sente-se submerso no esquecimento; mas ao pensar na casa paterna da qual fugiu, diz consigo: “lá existo, existo finalmente, sou sólido, imponho-me... lá acabo de nascer e, no entanto, aqui estou, defronte deste velinho lombudo... que me esqueceu por completo. Aqui, aqui, aqui minha presença monótona em meio a cegos e surdos; afundo-me em sombra; e lá, sob as luzes do candelabro... existo, levem-me em conta”. (“Le Sursis”)

Em artigo anterior vimos que Sartre definia e assentava os principais tipos efetivos (o covarde, o sádico, o amoroso, etc.) segundo a atitude fugaz ou responsável do indivíduo ante a sua própria liberdade e segundo sua conduta agressiva, timorata ou indiferente, ante a liberdade alheia. Seus personagens ainda serão modelados sobre outra de suas concepções filosóficas: a da dualidade do homem que existe ao mesmo tempo como essência (para si) e como coisa material (em si). A vida se apresenta a Sartre, ora como uma captação da liberdade, ora como uma conquista da materialidade. Graças a esse misterioso “desdobramento” de que são capazes, os heróis sartreanos, agitados por paixões tão antigas como o mundo, adquirem, contudo, uma tonalidade inédita. Esse constante vai e vem da liberdade à materialidade está simbolizado por uma oscilação do fluído ao sólido, e como a mudança de estado nunca é total, o homem jamais chegará a ser completamente sólido nem totalmente líquido: o ser humano será viscoso. Sartre é o pintor da viscosidade. Em sua obra encontramos abundância extraordinária de adjetivos tais como gordurento, oleoso, gelatinoso, pegajoso, açucarado, enojado; verbos tais como coalhar, empastar, engomar, enlamear-se; comparações com colas, gomas, resinas, o alcatrão, o caramelo, os cremes, as pastas, as gelatinas. “Se vós os separais, embora por um instante, de seus remorsos – disse Júpiter a Egisto – todas as suas faltas irão coagular-se sobre eles como gordura fria.” (“Les Mouches”).

A queda da consciência (do para si) na experiência bruta (o em si), será pintada por Sartre como o enlamear da liberdade na matéria, e terá como consequência o asco de Roquetin. Em “Huis clos”, Eróstate e Garcin se cobrem de visgo, não em sua materialidade, mas em sua própria liberdade. Esse conceito psicofilosófico é também ilustrado pela entrada em viscosidade de Lucien Fleurier em “L’Enfance d’un Chef” e de Electra em “Les Mouches”. Também pode haver

“enviscamento” de sua própria liberdade na liberdade alheia; por exemplo, ante os olhares de outro, o indivíduo pode sentir-se intimidado; sua liberdade se empasta. Finalmente, último aspecto do enviscamento é o de sua própria liberdade na materialidade alheia; por meio do desejo sexual, a consciência se enlameia no corpo “amado”. Em “Intimité” Sartre descreve um trio de amigos: Lulú, Rirette e Henri, que se aderem tão fortemente uns aos outros, que não podem desapegar-se, apesar da insuficiência patente de que se sabem afetados e a despeito do desejo de desunir-se. Para o homem que não teme sua condição de homem, a existência autêntica consiste em assumir plenamente sua liberdade, a desapegar-se; tal o caso de Orestes, que triunfa do viscoso de Júpiter. Para Sartre, o belo é o antiviscoso, quer dizer a liberdade fluída.

Muito frequentemente, na história das letras francesas, escolas estrepitosas que por missão primordial se atribuem sacudir o céu poético com tempestades filosóficas, demonstraram – depois que a história decantou suas inquietações – não haver tido outra função que a de adornar com uma espécie de penacho ideológico a eclosão e os alvoroços dos novos talentos literários. Tal foi o destino do romantismo, do simbolismo, do naturalismo, e do surrealismo. Para os protagonistas dessas agitações o essencial de sua mensagem residia nas implicações particulares do **ismo** que eles haviam criado; para os leitores, residiu antes nas pérolas singulares das obras novas.

Acontecerá o mesmo com o existencialismo? Talvez, como todas as doutrinas “definitivas”, durará o que dura o efêmero. Mas junto ou mais além das asseverações metafísicas que podem ser discutidas indefinidamente, brilha e se impõe o talento magnífico de Sartre, transbordando de “verve”, refulgente de metáforas raras, cheio de compreensão humana. A essência talvez não emane da existência nem a preceda, mas fora de dúvida, a arte emana das obras de Jean-Paul Sartre com vigor e sabor extraordinariamente cativantes. Seu virtuosismo intelectual permite-lhe fundir a torrente de suas observações da natureza humana no molde de uma doutrina filosófica sem tirar nada ao “bouquet” estético. Seu talento é tal que redime amplamente a sordidez de certos temas, e de passagem isso demonstra que a beleza de uma obra de arte não deriva tanto da pureza e da harmonia do que se descreve como da maneira de descrevê-lo; ou seja, do poder sugestivo do traçado, da força do relevo e da originalidade das descobertas. Sartre é antes de tudo um conhecedor superior dos terrenos da sociedade humana, e embora de conformidade com sua doutrina se tenha ocupado mais em decalcar condutas do que em analisar caracteres, por causa de seu gênio e da finura de seu paladar, chega a erigir perante nós uma das mais ricas galerias de caracteres surgidas na literatura francesa desde Balzac. Poucos autores captaram com tanta penetração o perfil dos personagens que borboleteiam na vida, aroma secreto de suas agitações, a mixórdia dos vínculos que os unem, palpitações e nus, aos outros homens. E essa fatura vivaz aonde o concreto pictórico se mistura com a mais analítica das abstrações, na qual a ternura se combina com a truculência e a plenitude com a fulguração, faz de Sartre, muito mais do que um discípulo de Heidegger, o continuador de Villon, de Rabelais, de Diderot, de

Balzac, um herdeiro da longa tradição dos caricaturistas de notabilidade e dos polemistas de café.

Em suma a propósito da obra de Jean-Paul Sartre, uma vez mais, a este ensinamento simples e fundamental: que uma magia central preside o êxito de suas obras; com o manto dos sistemas filosóficos ou sem ele, além das modas e na fonte de todas as correntes intelectuais, é ela, sempre ela, quem dá a sua aureola ao leitor: essa magia chama-se a realidade da vida.

## 12.34a - “Conselhos Para Romancistas”, de Otto Maria Carpeaux<sup>159</sup>

Belém, 29 de fevereiro de 1948

Rio – Quem dá esses conselhos que pretendo resumir é David Daiches, professor da literatura inglesa na Universidade de Chicago, crítico literário de tendências socialistas, autor de uma obra **The Novel and the Modern World**, na qual se encontram excelentes ensaios sobre Galsworthy, Katherine Manfield, Joyce, Virginia Woolf e Huxley; é menos satisfatório o capítulo sobre Conrad, interpretando como evasioneiro, de horizontes mais geográficos do que sociais. A melhor parte dessa obra é, porém, a introdução, análise aguda das condições históricas do gênero “romance”. Os críticos que já estudaram esse assunto, fizeram caso da atitude comum dos romancistas de determinada época: tiraram conclusões da aprovação ou reprovação de certos conceitos e caracteres pelos autores. Daiches observa, porém, que desta maneira nunca se chega a resultados além da verificação de atitudes individuais: Samuel Richardson, sentimentalão e glorificador das virtudes pré-matrimoniais, o Fielding humorista é céptico impróprio para menores, são contemporâneos, emitindo opiniões opostas sobre os mesmos assuntos. O que caracteriza a época, conforme Daiches, é portanto a escolha do assunto: nesta se revela o que a sociedade, da qual o romancista faz parte, considera como importante, como significativo – até aquilo em que a sociedade acredita: os valores. Na época vitoriana, por exemplo, os romances terminaram com “happy end”; hoje não porque já não se acredita em “happy ends” na vida. Quanto ao aspecto erótico da vida, os romances ingleses daquela época eram histórias de namoro, terminando logicamente com o casamento; os romances franceses da mesma época costumavam, porém, começar com o casamento, sendo histórias de adultério. Nessas particularidades revelam-se as opiniões comuns dos autores e do seu público, comunidade sem a qual o romance não encontraria ressonância: são os “valores”. O romance moderno, do nosso tempo, caracteriza-se pelo fato de que os valores desapareceram. Numa época de transição social, de estrutura social movediça, já não existem valores geralmente aceitos. Daí o fato que Daiches verifica nos seus ensaios: a separação rigorosa entre o romance social e o romance introspectivo. Apenas Galsworthy, o mais velho dos autores estudados, está um pouco além dessa divisão, porque ainda não adotou o caminho dos “modernos” para solucionar o problema: procuram substituir o “valor” pela “técnica”, pela maneira de apresentar os problemas. Daí os experimentos de Joyce e Woolf. A análise das novas técnicas novelísticas, realizada por Daiches numa série posterior de estudos na revista “Accent”, revelaria, portanto, aquilo que os próprios romancistas ignoram: os valores inconscientemente aceitos, o caminho a seguir do romance contemporâneo.

---

<sup>159</sup> CARPEAUX, Oto Maria. Conselhos para romancistas. **Folha do Norte**. Belém, 29 fev. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-3. Grifos do autor do texto.

Daiches é natural da Escócia: mas a sua crítica literária faz parte do grande renascimento, agora já passado, da crítica norte-americana, focalizando aspectos da criação literária aos quais deu pouca atenção a crítica europeia. Embora isso já seja motivo suficiente para divulgar-se o pensamento do nosso autor, há mais outro motivo: Daiches, socialista por inclinação, não é marxista ortodoxo; a “super-estrutura” parece-lhe bastante significativa, ao ponto de ela “predizer”, deixar prever os valores da sociedade de amanhã. O romance moderno não é apenas espelho da época; também é ou pode ser guia para o futuro. O “é” é revelado pelos críticos; o “poder ser” é negócio dos romancistas aos quais o crítico dirige seus conselhos.

Como ponto de partida da análise servem aqueles experimentos de técnica novelística. São muitos, ao ponto de os romances modernos já não parecerem pertencer todos ao mesmo gênero. O que tem **Ulysses** em comum com um romance de Sigrid Undset ou este com o trilogia de Dos Passos? A insegurança geral quanto a definição de romance reflete-se na insegurança dos críticos: o crítico Fulano julga a eficiência da doutrina social dos romancistas; o crítico Beltrano examina a exatidão do realismo, exprobando inverossimilhanças; um terceiro liga principalmente à verdade psicológica, enquanto os julgamentos do quarto oscilam entre os pólos “bem escrito” e “mal escrito”. Quer dizer, não estão de acordo sobre o que é importante num romance.

Parece não haver dúvidas: importam o enredo e os caracteres. Mas cada um desses elementos merecem análise mais pormenorizada. Nem todos os caracteres encontrados na realidade nos servem como personagens de romance. Há casos tão singulares e tão insignificantes que não prestam. A significação novelística do caráter reside no fato dele representar um indivíduo humano e mais outra coisa que o transforma em tipo ou então em representante de uma atitude de um comportamento, de uma idéia etc. Um acróter, no romance, é um “símbolo”: é ele mesmo e algo mais. Não importa se esse “símbolo” é de natureza histórica, ou social, ou política, ou psicológica, ou topográfica etc. Alguns caracteres simbólicos, assim, encontrando-se num enredo, conservam os personagens do romance.

O romancista precisa de determinada capacidade para manejar o conjunto dos personagens dentro do enredo. Conhece-se o provérbio: “Truth is stranger than fiction”. A realidade obriga-nos, muitas vezes, a acreditar em situações que, encontradas num romance, seriam rejeitadas como inacreditáveis. Por meio daquela capacidade o romancista confere ao enredo inteiro e a cada cena o mesmo valor simbólico dos caracteres, de modo que o leitor “acredita”, “aceita” o romance. Essa aceitação, da parte do leitor, é o fim do romancista.

Há romancistas e romancistas. Alguns são profundos. Outros são hábeis. Eis as duas espécies daquela capacidade principal de romancista: a profundidade (Daiches diz “insight”, compreensão) ou habilidade. A profundidade ou compreensão é que transforma o leitor ao ponto de ele se identificar com a história; a habilidade não convence, apenas consegue persuadir o leitor. Contudo essa diferença, que já é de valores, importa menos com respeito à técnica de narrar. Desta ou doutra maneira, o romancista estabelece o contato com o público.

Mas o público não se compõe de romancistas, e sim das massas de leitores, sujeitos às idéias dominantes da sua época e da sua classe social; digamos, a certos “preconceitos”. São as idéias comuns do público e do autor, porque sem essa comunidade o romance não encontra ressonância. Doutro lado, o escritor é (ou deveria ser) artista, capaz de sacrificar o êxito à criação de valores literários. No equilíbrio entre esses dois fatores reside a técnica novelística.

O critério da técnica é a dose maior ou menor de “habilidade” QUE O ROMANCISTA EMPREGOU. Considerando-se o fim da persuasão dessa habilidade. Daiches introduz nessa altura o termo “retórica”. O romance pode ser muito retórico: então está certo o êxito imediato, mas a obra envelhece rapidamente; ou então, o autor pode renunciar, mais ou menos, à retórica preferindo os valores “líricos”, e a obra será menos lida, mas mais permanente (Daiches não admitiria que deu deste modo definições, aliás bastante inexatas, do romance social e do romance introspectivo). Mas o romancista não pode escolher livremente entre os dois processos; a escolha depende daquilo que lhe parece importante, significativa. Escolha errada leva ao exagero dos recursos retóricos ou então a contradições íntimas: em geral, leva à falsidade se reconhece é o estilo.

Do estilo, mais do que do enredo ou dos caracteres, depende a impressão de “verdade” do romance. Esta verdade não é idêntica com exatidão fotográfica; senão o fotógrafo seria sempre superior ao pintor.

E se alguém objetasse que a própria vida é realmente superior a qualquer literatura Daiches responderia: a arte não tem a finalidade de aproximar-se da vida e sim de interpretá-la. Lendo um romance autêntico, o leitor sente ao mesmo tempo duas impressões: “como isto é verdadeiro!” e “como isso é novo!” Um romance que só traria idéias novas, sem possibilidade de verificá-las na vida, seria filosofia; um romance que só traria coisas verdadeiras sem comunicar ao leitor uma nova compreensão da vida, seria jornalismo. Aí está novamente definida a diferença entre “profundidade” e “habilidade”.

Na verdade, as duas qualidades não se encontram separadas; apenas a dosagem é diferente. Dosando bem os seus recursos, o autor escolhe a técnica que convém ao assunto preferido: romance social ou romance introspectivo. A crítica pode advertir ao romancista que não é possível romance social lírico nem romance introspectivo retórico. As o conflito entre os dois gêneros é irresolúvel enquanto subsistem os conflitos básicos dentro da sociedade.

Não há dúvida que a crítica de Daiches pode fornecer alguns conselhos preciosos aos romancistas. Mas será que também fornece critérios seguros aos críticos? A crítica do próprio Daiches não é infalível, como se revela através da sua atitude com respeito a Conrad: pois não é simples erro de crítica e sim conseqüência inevitável da teoria. Conrad é, sem dúvida, romancista introspectivo; mas o seu estilo é retórico – daí seria “romancista falso”, evasioneiro. Causa estranheza o fato de que Daiches, não tendo à técnica novelística, não tivesse dado atenção à técnica muito singular de Conrad; e essa técnica da narração é, por sua vez, o recurso pelo qual Conrad insinua de maneira poética indireta os seus valores. Como se explica aquele erro?

Daiches falou em “significação” e falou em “profundidade” (“insight”) ou compreensão, mas em dois capítulos diferentes da sua análise: daquilo quando se tratava das condições sócio-culturais quando se tratava das qualidades individuais sociais do gênero “romance”, e autores.

Mas o autor é justamente o lugar de convergência dos dois fatores separados na análise mas inseparáveis na realidade. Na verdade é a “profundidade” do romancista da qual depende a escolha do que lhe parece significativo; e dessa escolha depende a sua técnica narrativa.

A técnica de Conrad é a da narração indireta, que tinha exatamente o caráter de mosaico, de mistura de resoluções racionais e mistérios inefáveis da própria vida. Os enredos marítimos de Conrad – enredos de romances de aventuras – transformam-se deste modo em matéria de poesia introspectiva. Mas Conrad precisa ser “retórico” – até “estilista” – para poder exprimir, através da sua interpretação “profunda” da vida, os seus valores: coragem, honra e lealdade, que também são valores eminentes sociais. Daí Conrad representa o caso de uma síntese de “romance social” e “romance introspectivo”, síntese da qual, é outro exemplo, entre nós, **Angústia** de Graciliano Ramos. Esse caso não foi previsto por Daiches nem reconhecido, “et pour cause”; o gênio individual resiste à análise, seja sociológica, seja estilística. Aí acaba a possibilidade de dar conselhos aos romancistas.

### **12.34b - “Importância e Crise da Crítica Americana”, de Otto Maria Carpeaux<sup>160</sup>**

O livro (*The Armed Vision*, Knopf, 1948) em que Stanley Edgar Hyman expõe os métodos dos principais críticos literários norte-americanos ( e de alguns ingleses) é de utilidade evidente. É porém preciso lê-lo com cautela, não se dispensando a leitura de outras obras semelhantes ( *The New Criticism*, de Ransom; *The Intent Of the Critic*, editado por Donald A. Stauffer) nem a dos próprios críticos, Hyman é entusiasta. Não contei quantas vezes ocorre no livro o adjetivo “tremendous” em sentido elogioso. Mas não é justo para com um Edmund Wilson. Não fala bastante de alguns novos, Robert Penn Warren e outros. Não dá a devida importância ao grupo da revista inglesa “Scrutiny”. Em compensação, os capítulos sobre Eliot, Richards e Empson são muito informativos. Nem todos os leitores vão aprovar o entusiasmo de Hyman por Kenneth Burke (as restrições que Marius Bewley, no último número de “Scrutiny” opôs a esse crítico parecem dignas de consideração). Mas conforme o plano do livro de Hyman, Burke devia aparecer

---

<sup>160</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Importância e crise da crítica Americana”. **Folha do Norte**. Belém, 08 maio 1949, Arte Suplemento Literatura, p.1-3.

como auge do “new criticism”: só em sua metodologia reúnem-se todos os métodos que hoje se empregam para estudar as obras literárias.

São principalmente, a análise estilística, baseada nas lições da semântica, e a análise estrutural, baseada nas teorias do velhíssimo Aristóteles ou do velho Coleridge, santo patrono da crítica moderna; ou então, o estudo psicológico (com preferência: psicanalítico) das intenções conscientes ou subconscientes do autor, reveladas nas suas imagens e em outros sintomas estilísticos; a análise ideológica, que recorre a princípios sociológicos, inclusive a teoria das ideologias, marxista ou não. Tudo isso exige, enfim, nova maneira de ler as obras literárias, o “close reading”, leitura “exata” que produz resultados inesperados e sempre interessantes. Neste sentido dizia um dos representantes do “new criticism”, John Crowe Ransom, que a nova crítica lhe parece superior a qualquer outra que havia no passado.

Embora evitando o adjetivo “tremendous”, acho que Ransom tem razão. Admiro sobretudo I. A. Richards sobre o qual escrevi, salvo engano, os primeiros artigos no Brasil. Sei bem que os novos métodos não são aplicáveis a toda e qualquer poesia; mas enquanto foram aplicados com êxito por homens como Empson, Blackmur, Robert Penn Warren e outros, é preciso confessar a dívida de gratidão: lê-se hoje com outros olhos, ou então, como diz Hyman, com “armed-vision”.

A vantagem é parecida com a dos astrônomos modernos, usando telescópios desconhecidos aos nossos antepassados. Mas nem todos usam os mesmos instrumentos; e até o uso dos mesmos instrumentos não exclui a “equação pessoal” do observador. Daí são naturais as divergências entre os novos críticos anglo-saxônicos. Um T. S. Eliot desdenharia os resultados do exame psicanalítico ou da análise marxista. Entre os críticos da observância sociológica e os “formalistas” que isolam a obra no tempo e no espaço, não há trégua. Ainda há pouco Empson opôs restrições ao seu mestre Richards. Meio brincando, Ransom falou certa vez dos novos críticos como se constituíssem frente única ou sociedade anônima, “New Criticism Inc.”. E o entusiasmo juvenil de Hyman tomou isso ao pé da letra. Mas o que os reúne é apenas a oposição – sim a oposição, mas contra quem? Porventura contra a crítica tradicional?

O leitor da obra de Hyman não afirmaria isso; por que se pode combater o que se ignora? As referências de Hyman a Saint-Beuve e De Sanctis são pobres. Menciona, uma vez só, Benedetto Croce, chamando-o de “aesthetician”; parece; ignorar a importante atividade crítica desse “velho”, assim como ignora a admirável crítica italiana em geral (Momigliano, Gargiulo, De Robertis, Debenedetti, Carlo Bo). Quanto à crítica alemã – bem é algo difícil conhecê-la porque isso supõe boa formação universitária em geral e hegeliana em particular; cairia em erros tremendos (“tremendous”) quem se satisfizesse apenas com algumas traduções espanholas, e nem estas são acessíveis ao americano Hyman, que até ignora o nome de Dilthey. Em compensação – elogia o velho Brunetière! Porque Hyman, com todo o seu entusiasmo combativo, não é bobo. Está consciente do fato de que a moderna crítica sociológica se baseia nas lições dos “velhos”, Taine e Brandes, embora empregando os instrumentos mais exatos da análise marxista. Mas como representante desse método só sabe apresentar o

fraquíssimo inglês Caudwell; confessa não ter lido os livros muito mais importantes do marxista húngaro Georg Lukács, mas nem sequer conhecer o nome do maior crítico marxista Walter Benjamin. E tão radicalmente ignora Hyman os numerosos trabalhos de crítica psicanalítica em francês, alemão, italiano e holandês que um livro avulso de Maud Bodkin, em que se emprega o método “herético” de C. G. Jung, lhe parece ter feito época. Em quem gosta tanto e com razão do “close reading”, da análise estilística, tem porventura o direito de ignorar a análise estilística dos alemães Vossler e Spitzer e dos espanhóis Dámaso Alonso e Salinas e no entanto escreve livro sobre o assunto?

Essa limitação não é, porém, própria de Hyman e sim também dos seus “objetos”. Ele mesmo menciona uma ou outra vez que o respectivo crítico conhece pouco as línguas estrangeiras. Mas talvez não precisasse. O método do “close reading” exige, evidentemente, domínio completo da língua em que a obra “lida”, está escrita, domínio tão completo como só é possível com respeito à língua materna. Daí os críticos americanos se limitam a estudar obras em língua inglesa, preferindo até nesse terreno o estudo da poesia de determinadas épocas (século XVII, Wordsworth, Coleridge, os modernos); fora da poesia, o drama lhes importa menos e o romance quase nada (exceções; Stendhal, Henry James, Joyce, Faulkner). Limitação saudável enquanto for voluntária. Mas quem sabe se aqueles métodos não se aplicam porventura, com vantagem, só a determinada poesia inglesa? Por que não fazer a prova? Por exemplo, “close reading” de um poema de Leopardi ou de Villon? Ou por [*ilegível*] experimentar o “close reading” de um poema [*ilegível*]? Seria a maneira mais segura de introduzir entre os métodos americanos.

Até então o entusiasmo de Stanley Edgar Hyman parece-se com a embriaguez de um “baby” que acredita ter inventado a pólvora. Mas os grandes críticos como Eliot e Richards não caem nesta. As suas contínuas referências a Aristóteles, Coleridge e outros críticos do passado revelam a vontade de restabelecer valores e “Standards” que a crítica mais ou menos impressionista do século XIX tinha esquecido. E não há crítica sem critérios. Mas os “Standards” antigos eram dogmáticos. E o homem do século XX encontra dificuldades em emitir dogmas. Veja-se que um T. S. Eliot se esforça para ser “ortodoxo”, e no entanto sua ortodoxia afigura-se como heresia a outros ortodoxos. Daí a dificuldade de dar o último passo: da análise crítica ao julgamento crítico.

Com muita inteligência os novos críticos americanos preferem, por isso, a interpretação à apreciação. Mas já começaram a sentir a falta da crítica judicativa. E William Barrett se queixa: “Desde que a crítica comercializada em jornais e revistas perdeu a significação literária, lamentamos a perda dessa figura outrora importante: do jornalista-crítico, escrevendo semanal ou bissemanalmente. O desaparecimento desse gênero valioso... prejudicou-nos. Encontro essa frase no órgão principal da crítica nova, no “Kenyon Review”, número XII, datado Inverno 1949. Lá se manifestam, no momento em que se divulga o livro entusiasta de Hyman, quatro representantes da crítica nova sobre a situação atual da sua atividade: chegam a verificações desoladoras, sobre a decadência da crítica e a sua separação da literatura e da vida.

Mas quem é o culpado? A crítica “velha porventura? Não. Eis aí o inimigo comum de todos os críticos novos de todos os matizes, que estávamos procurando; o ambiente hostil, comercial, inculto, do qual os “formalistas” tentam fugir enquanto os críticos marxistas tentam contribuir a transformá-lo. Mas apensar de um esforço enorme (“tremendous”) não conseguem. Não é acaso o fato de que a grande maioria dos críticos novos são professores, vivendo nas Universidades americanas em ilhas, separados da vida. Quem silenciaria esses fatos dolorosos, atacando os moinhos de vento da crítica, “velha”, enganaria nós outros e si mesmo. Não; justificam-se as palavras amargas (citadas aqui conforme a “New York Times Book Review”) de Ludwig Lewisohn, que tem razão apesar de ser homem tarado de ressentimentos, não merecendo confiança completa. Dizia ele aos estudantes da Brandeis University: “Não há crítica na América...” (frase que não assinamos, absolutamente), continuando: “Não há publicação capaz de acompanhá-la; há alguns críticos universitários como nós outros, e há o rebanho dos Clubes do Livro do Mês. O resto é silêncio”.

## 12.35 - “Província”, de Aurélio Buarque de Holanda<sup>161</sup>

1º de janeiro de 1949

Um dos aspectos mais significativos da situação presente da poesia brasileira está em que parece depender cada vez menos da existência de um núcleo de irradiação das tendências renovadoras. Entre 1920 e 1930, esse núcleo situava-se no clássico triângulo Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais assim como no decênio seguinte o Nordeste, por sua vez, se tornaria a sede da novela de cunho social e regional.

A demanda de uma expressão pessoal, liberta, na medida do possível, das influências herdadas do modernismo, verifica-se hoje, como em Estados distantes, sem necessitar para isso de um **dentre** verdadeiramente dirigente e estimulante. Por outro lado, essa descentralização está longe de significar dispersão ou incoerência. Pode-se dizer, sem risco de uma generalização audaciosa, que os traços por onde se distingue essa poesia no tempo, distanciando-a aos poucos do grande manancial modernista, servem para aproximá-la através dos grandes espaços geográficos. Em toda parte ela é atingida, em maior ou menor grau, pelos **menos** problemas estéticos, morais ou sociais, ainda quando divirjam as soluções particulares. E assim existe hoje uma afinidade e compressão simultânea e mais espontânea entre autores do Ceará e do Paraná, do Pará e do Rio Grande do Sul, do que em tempos passados.

E não deixa de surpreender às vezes, nesse conjunto, a presença de vozes que até aqui vinham **denso tímidas** ou quase apagadas. De Goiás, por exemplo, vem-nos a notícia de que a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, cogita em editar dentro em breve uma coletânea intitulada “Um Instante da Poesia Goiana”. Dos nomes que incluirá – José Décio Filho, Haroldo de Brito Guimarães, Bernardo Elis, Afonso Felix de Sousa, João Acioli e José Godoy Garcia -, os quatro últimos, pelo menos, já são conhecidos fora de sua terra: o Sr. Bernardo Elis como autor de um livro de contos – **Ermos e Gerais** – publicado há quatro anos, e os demais como poeta.

Destes, o Sr. João Acioli, escritor “participante”, que vive em São Paulo e pertence à família dos novos condoreiros, será possivelmente tratado em outra ocasião. Dos outros dois, que abordarei no presente artigo – o Sr. Afonso Felix de Souza e o Sr. José Godoy Garcia – o primeiro, pelo menos, reside no Rio de Janeiro mas em seu livro recente **O Tunel** (Rio de Janeiro, Editora Orfeu, 1948), o apelo à terra distante quase se confunde com **o obsessiva** invocação da infância, “não morta, no entanto, longe”. Assim, o vento que sopra do Araguaia é

---

<sup>161</sup> <sup>161</sup> HOLANDA, Aurélio Buarque de. “Província”. ((Copyright E. S. I., com exclusividade para a Folha do Norte). **Folha do Norte**. Belém, 01 jan. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3. Grifos do autor do texto.

## **Mãe preta da minha infância voz perdida da distância...**

E a visão, na praia, de uma silhueta de mulher, “presença brusca do céu”, associa-se a

## **desejos nas espumas que nunca irão a Goiás.**

Esse fundo nostálgico daria talvez substância ideal para um lirismo ternamente bucólico, se o poeta Afonso Felix de Sousa não se deixasse seduzir pelas complicações verbais da poesia do tempo. São em verdade as “derrotadas aves”, os “lagos de outrora”, os “transitórios anjos”, “anjos boiando no lodo”, “anjos gerados pelo abismo”, o “mar de sono”, as “poças de trevas”, que vão tingir de escuro uma singela melancolia. O exílio da terra natal e o exílio da infância jamais esquecida se convertem desse modo em desterro na vida e no mundo – túnel entre dois silêncios. E o resultado é que este poeta, embora católico maritainista e muito amigo de “São Francisco”, vai mergulhar nas sombras da delirante negação, e escreve versos como estes, de gosto quase seiscentista:

## **Rolar no abismo, ao nada mistura-se Ter sido coisa e a coisa reverter-se.**

Mas a negação parece interromper-se aqui e ali por uma vaga lux bruxoleante, indecisa imagem de eternidade, que aparece freqüentemente como uma recuperação da infância meio perdida.

Muito menos sofisticado do que seu conterrâneo de **Túnel** é o poeta José G. Garcia, autor de **Rio do Sono** (Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos”, instituída pela Prefeitura Municipal de Goiania, 1948).

Na forma e na atitude, que quer ser levemente irônica, ele está mais próximo de certo modernismo da fase heróica. Poesia de cromos, visões fugidias, de confiança sentimental, não quer vestir-se de tragédia e nem pintar-se de cores lúgubres. Escrita numa época “em que não havia liberdade”, segundo se lê na própria página de rosto do livro, ela se refugia sem imprecações, das tristezas e misérias da hora, na esperança visionária de um mundo mais fraterno e mais humano.

A poesia do Sr. José Valeriano Rodrigues (**Azul e Branco**, Belo Horizonte, 1948), da cidade mineira de Ituna procura também um refrigerio e um refúgio da “babel dos nossos dias”, um abandono aos instantes de sossegada emoção; calma boa e bem pensada, “muitas vezes bem sonhada”. Seus versos não oferecem naufrágios, nem anjo, nem desvario tumultuoso; limitam-se a exprimir uma satisfação discreta e caseira.

Mais apurado do que o sr. Godoy Garcia, que se confessa

## **poeta deste mundo que não aprendeu direito nem aprenderá**

## **jamais as regras do trânsito.**

admite, no entanto, qualquer molde, desde a quadra de cunho popular, até as complicações modernas, passando pelo soneto. No soneto introduz, por vezes, as formas mais caprichosas. Ora é um sexteto seguido de duas quadras, com alternância de rimas; ora uma simples seqüência de sete estrofes em forma de dísticos, mas sem rima ou assonância obrigatória e regular.

Não são os espetáculos exteriores o que mais o comove e sim o sentimento de que a vida está saturada da poesia perene, que não devemos procurar com amargura ou com ânimo guerreiro. Aos tormentos de hoje sucederá uma visão de paz:

**O futuro pertence a outro poeta  
Que de escombros do mundo há de fazer  
Um poema vivo, em forma antiga ou nova,  
Mostrando que a poesia vem de Deus.**

**Post-scriptum** – Achando-me ausente de São Paulo no domingo atrasado, quando poderia ter lido ali o **Diário de Notícias** de 28 de novembro último, só depois da remessa de meu artigo anterior pude tomar conhecimento das generosas alusões feitas a minha pessoa por um colaborador desta folha. Devo, entretanto, retificar um engano do Sr. Afrânio Coutinho na parte onde, após notar que efetivamente pertence a Machado de Assis o epíteto “professor da Melancolia”, acrescenta entre parênteses “mestre Sérgio o sabe, como por certo terá ouvido falar que foi o Eliot, antes dele, quem definiu a crítica como arte autotélica embora o tenha citado sem referência”.

A verdade é que nunca usei semelhante definição e nem nunca julguei que crítica fosse tal coisa. Quando escrevi a palavra **autotélico** no artigo intitulado “Universalismo e Provincianismo na Crítica” foi desculpando-me, logo em seguida, pelo aparente pedantismo de quem recorre à expressão talvez pouco usada entre nós e, na realidade, pouco necessária. Não me pareceu indispensável determinar-lhe a exata filiação, já que, como talvez “terá ouvido falar” o Sr. A. Coutinho, **se trato** de termo carente na “crítica moderna”.

Inicialmente lembraria ao ilustre estudioso que há, de sua parte, um ligeiro lapso quando afirma que Eliot já tinha definido a crítica como “arte autotélica”. O que diz T. S. Eliot, bem ao contrário, é que nenhum expoente da crítica fizera talvez até então) a “suposição absurda de que crítica é atividade autotélica (**“the preposterous assumption that criticism is an autotelic activity”**)”. O trecho em questão figura no artigo sobre a função da crítica, publicado no nº 5, de outubro de 1923 da revista inglesa **Criterion**, à página 32. Esse mesmo artigo vem reproduzindo nos **Selected Essays**, de 1932, de que há tradução castelhana. Quero além disso notar, de passagem, que o termo **autotélico** não é propriedade de Eliot, mas pertence ao vocabulário filosófico pelo menos desde que o forjou, o psicólogo James M. Baldwin com o sentido que lhe dão hoje os críticos e em oposição a **heterotélico**.

Não sou “mestre Sérgio” como amavelmente escreve o professor Coutinho, nem me sinto com vocação para censor ou reformador de costumes literários, nem meus reparos visariam desabonar os numerosos conhecimentos de quem tem todos os críticos americanos na ponta da língua. Enganos como esse (e não vou além dele para não me tornar inutilmente prolixo e porque não me tocam) praticam-nos ocasionalmente alguns professores e pode mesmo suceder que os aponte mesmo aquele que, segundo o Sr. Coutinho, “não está informado das tendências atuais e da bibliografia sobre o assunto” (crítica literária). Se conheço relativamente bem o trecho acima citado de Eliot é talvez apenas pela circunstância especial de pertencer a um debate com J. Middleton Murry, do qual tive oportunidade de fazer um resumo parcial e canhestro há vinte e quatro anos, para a revista **Estética** do Rio de Janeiro (nº1, de Setembro de 1924, página 107 a 115). Suponho que por essa época o Sr. Afrânio Coutinho não tinha pensado seriamente em doutorar-se em crítica literária.

Desejo ainda dar satisfação aos leitores e ao Sr. Afrânio Coutinho por uma acusação que o ilustre professor me dirige, ao dizer nas suas correntes cruzadas de 28 de novembro: “chove no molhado, combatendo moinhos de vento, atribuindo-me afirmações que não fiz, isolando frases do contexto para suscitar confusão num assunto já de si complexo e atravessado por inúmeras coordenadas”.

As afirmações que atribui ao Sr. Afrânio Coutinho, isolando trechos (porque não o poderia, naturalmente, trazer de outra forma) são apenas duas e constam do artigo de minha autoria intitulado “Uma tradução de Proust e outros prodígios”, publicado no dia 21 de novembro último. Realmente em uma delas ocorreu um descuido de cópia. É na parte onde se diz que William Empson, apresentado pelo Sr. Coutinho como autor do “maior livro da corrente formalista” e “obra prima da crítica contemporânea”, ousa sustentar em seu livro mais recente de crítica literária que é, nem mais nem menos, um tratado de “sociologia”.

O descuido **está primeira parte** da citação e consiste na má colocação das aspas, que deveriam fechar-se antes, não depois da palavra “formalista”. Contudo, tendo lido o artigo do Sr. Coutinho, ainda não posso atinar com a gravidade do engano e não chego a crer que ele atraia seu pensamento. Reproduzo agora a passagem de onde extrai a citação e que consta de seu artigo de 14 de novembro passado. É o seguinte: “Outro erro é pensar que a escola formalista é puramente americana. E de aplicação exclusiva à poesia. Para a América ela emigra da Inglaterra através da influência de Richards. E o maior livro da corrente é o de seu discípulo inglês **Empson, Seven Types of Ambiguity**, obra prima da crítica contemporânea”.

Em tudo isso parece claro que o Dr. Coutinho, ao dizer da obra de Empson que é “o maior livro da corrente” entende que o é da corrente formalista. Por outro lado cabe-me prevenir, desta vez em socorro do Sr. Afrânio Coutinho, que Empson, ao intitular seu outro livro (**Some Versions of Pastoral**) um tratado de sociologia, conforme tive ocasião de ponderar, não deve merecer crédito literal; tanto não se poderia querer de um amante de ambigüidades. Todavia a alegação sugere de qualquer modo que o mestre formalista não há de ser tão adverso,

como seu admirador, às “técnicas sócio-históricas” ou ao que eu suponho que elas sejam, para admitir a sua ressalva.

Quanto ao outro trecho do Sr. A. Coutinho, que citei entre aspas, aquele onde se diz que Kenneth Burke é a “figura máxima da crítica contemporânea” e um dos seus livros “verdadeira suma crítica”, não posso francamente acreditar, que em qualquer contexto que apareçam, tais palavras possam assumir significação diferente das que tem quando isoladas.

Antes de concluir quero ainda felicitar o Sr. Afrânio Coutinho pelo seu empenho em continuar semeando “com força”, conforme diz, o que considera seus postulados e idéias”, “doam a quem doer”. E principalmente pela sua disposição de continuar a lutar, embora sozinho, se preciso, contra “estados de espírito, hábitos, mentalidades, métodos comuns no Brasil”. Não é efetivamente de outra matéria prima que se fazem os heróis e os profetas. Somente hesito em supor que seu intento seja coroado de bom êxito se continuar a usar como paradigma os métodos americanos. Não sei se pode haver qualquer coisa menos distante daquilo que chama “crítica de amigos e consagrados” do que esses métodos, tão **incensado** por ele. Especialmente a complacência dos críticos norte-americanos justamente os que admira, ao citarem seus companheiros mais próximos e afins, lado a lado com grandes vultos da literatura universal. E isso é particularmente exato com relação ao chamado “grupo sulino” dos Estados Unidos, que o Sr. Coutinho tanto exalta, e às vezes com justiça.

Creio mesmo que ninguém poderá ter noção precisa do que seja a crítica de “compadrio” antes de ter conhecido algum desses autores. Mesmo em obra por tantos aspectos admirável, como é o livro de Cleanth Brooks, **Modern Poetry and Tradition**, o nome do interessante poeta do sul dos Estados Unidos, Allen **Tato**, amigo do autor, e a quem este dedica o volume, não vem mencionado a todo momento lado a lado com figuras de reputação universal? E não chega a ser alarmante saber-se que Henry B. Parkes, pertencente, aliás, a outro “grupo” chega a emparelhar seu colega Keneth Burke com Nietzsche, William James e Bergson?

Desses críticos pode-se dizer que, além dos amigos ou companheiros de credo ou de grupo, só se ocupam em geral dos “consagrados”. É incisivo, sobre esse ponto, o juízo que formulou Henri Peyre, professor e chefe do Departamento de Frances da Universidade de Yale, em seu livro **Writers and their Critics** (Ithaca, Cornell University Press, 1944), página 305 e onde se lê interessantes críticas sobre o processo de ensinar literatura nas universidades norte-americanas. O trecho que nos interessa diz o seguinte: “Esses psicólogos e lógicos (...) dirigem todo o seu engenho no sentido de desmontarem o mecanismo das obras literárias já aceitas e consagradas (**dismantling the mechanism of literal works already on accepted and labelled as great**). Nunca nos ajudaram a apreciar mais lucidamente a recente poesia ou mesmo a fazer uma revisão da poesia do passado. E o que é pior: em vão procuraremos através dos escritos de espíritos sutis e filosóficos como L. A. Richards, William Empson, Kenneth Burke e os mais moços, que adotaram sua terminologia, um único artigo excelente de crítica. Contentam-se em declarar-nos como deveria processar-se a crítica e como deveria ser dissecado o poema.

Não é obrigatório considerar Peyre um crítico de dotes excepcionais apesar de sua obra sobre o classicismo que tantos rumos novos deu ao estudo da literatura francesa, nem é necessário endossar a sua severidade. Em alguns pontos ela atinge mesmo as raias da injustiça, como onde diz que os críticos citados nunca nos ajudaram a fazer uma revisão da poesia do passado. Será esquecer a revalorização de poesia seiscentista e dos poetas “metafísicos”. É verdade que essa revisão foi iniciado por Eliot, e justamente Eliot é considerado pelos “formalistas” como Tate e J. C. Ranson, tão admirados pelo Sr. Coutinho um simples **crítico histórico** (em **The New Criticism**, de Ranson, Norfolk, 1941, PP. 192 e seguintes). E a apreciação dos “metafísicos” por formalistas como Tate e Ranson é fundada sobretudo numa incompreensão radical da atitude desses poetas, e numa aplicação à literatura renascentista e seiscentista de critérios especificamente modernos. O fato foi cabalmente demonstrado por Rosemond Tuve em obra por todos os aspectos admirável (**Elizabethan and Metaphysical Imagery**, Chicago, 1947, página 420 sobretudo) e constitui um sinal, entre outros, de como é falaz certa crítica que se presume anti-histórica. De qualquer modo é inevitável, com a maior má vontade admitir a procedência de algumas das observações citadas do professor Peyre. Elas sugerem como é imprudente e vã a ambição de querer consertar nossas supostas falhas com remendos que servirão, talvez, para fazê-las ainda mais graves.

Apesar de tudo o que acima foi dito continuo a achar louvável a intenção dos desabaços do Sr. Coutinho. E não menos digno de louvores, se bem que igualmente inútil, sua declaração expressa, tantas vezes repetida, de que deseja ser, a qualquer preço, um “homem desagradável” e mesmo fundar o “partido dos homens desagradáveis”. Inútil porque os corações andam muito empedernidos e ninguém vai desagradar-se facilmente com coisa tão miúda.

## 12.36 - “Jean-Paul Sartre e a Literatura Interessada”, de Paul-Arbousse Bastide<sup>162</sup>

8 de junho de 1947

Paris- A moda se apossou com tal furor de Jean-Paul Sartre e do seu existencialismo, que é necessário grande esforço para nos decidirmos a falar sobre ambos. Quando as mulheres e os “snobs” se apaixonam por uma doutrina que nada entendem, o primeiro impulso de qualquer espírito sério é evitar um assunto de conversa que o obrigaria a ouvir um chorrilho de considerações incoerentes, um dilúvio de entusiásticos elogios ou de condenações peremptórias. Não serei eu quem afirme que Jean-Paul Sartre e seus amigos não se tenham comprazido em explorar o pasmo dos inocentes, que tanto prazer sentem em papaguear. Talvez mesmo tenham eles encontrado, no interesse glutão do “grande” público, o com que alimentar seus interesses mais materiais. A frase não é nossa, mas tomada de empréstimo ao sumosacerdote do existencialismo. Interrogado nos Estados Unidos sobre o existencialismo por um desses repórteres papalvos, cujo protótipo por direito pertence aos Estados Unidos, Jean-Paul Sartre teria respondido: “É o que garante a minha subsistência”. Por maior que seja o crédito que nos mereça a resposta, colocar-nos-íamos entre a nulidade de que se compõe a maioria do público “em dia”, se ela nos satisfizesse. O existencialismo é uma forma de pensamento que ultrapassa de muito a de Jean-Paul Sartre. É ele um escritor de real valor filosófico e de grande talento; situa-se, porém nessa doutrina sem aprofundá-la e sem esgotá-la. Foi por tal razão que aludi ao “seu” existencialismo, para lembrar aos ignorantes de boa vontade (a elite do público) que há outros existencialismo além do existencialismo do Sr. Sartre.

Depois destas explicações, penso que convém vencer a repugnância que sentimos em falar nas coisas que a moda desfigura, por vaidade ou por estupidez, o que no fim é a mesma coisa. Não seria aconselhável guardar silêncio a respeito de assuntos importantes, sob o pretexto de que todo o mundo se julga autorizado a falar sobre os mesmos, sem saber do que se trata. Isso não seria aconselhável, mesmo porque Jean-Paul Sartre é um autêntico filósofo, e além disso um escritor que honra a língua francesa. Não ignoro que se poderia citar muitas páginas de Sartre escritas em horroroso calão filosófico, completamente estranho à clareza tradicional da França. Mas poderíamos citar outras, mais numerosas, em que à mais penetrante análise se alia uma linguagem rica, cheia de vivacidade e pródiga de recursos linguísticos. Sem falar das análises dialéticas de “L’Être et le Néant” seria suficiente citar o último artigo de Jean-Paul Sartre, publicado em “Les Temps Modernes”. Seu título é muito simples: “Que é literatura?”. A resposta do autor,

---

<sup>162</sup> BASTIDE, Paul Arbousse. “Jean-Paul Sartre e a literatura interessada”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Paris. **Folha do Norte**. Belém, 08 jun. 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 8.

evidentemente dentro de sua doutrina, não exige, para ser compreendida, conhecimento profundo da dialética de Sartre. Julgo, portanto, que poderemos dizer algumas palavras sobre o referido artigo, com certo proveito.

Eis em resumo a obra de Sartre. Enquanto as artes plásticas – tomando esta expressão em sentido amplo, compreendendo a pintura, a escultura, a arquitetura, a música e a poesia – cria objetos suficientes em si mesmos, a literatura (e principalmente o romance e o ensaio), é um apelo que só adquire seu sentido completo graças à maneira como é compreendida e antes de mais nada, à maneira como é lida. É nesse sentido que a literatura (com exclusão da poesia) é, por sua natureza, “interessada”. O escritor escreve para alguém a quem ele quer dizer alguma coisa. Sua liberdade, expressa na sua obra, dirige-se a outras liberdades, à dos leitores. Uma literatura destinada a escravos não teria sentido. Disso se deduz que a tarefa do escritor só é possível em uma nação regida pelo princípio da liberdade, isto é, nas democracias. “A arte de escrever é solidária com o único regime em que a prosa tem sentido: a democracia. Quando uma delas está ameaçada, a outra o está também. E não é bastante defendê-las com a pena. Chega o dia em que a pena é obrigada a calar-se e o escritor se vê forçado a pegar em armas. Assim, de qualquer maneira que nos tenhamos envolvido nela, sejam quais forem as opiniões professadas por nós, a literatura nos atira à luta; escrever é um aspecto determinado de anseio de liberdade; se começamos, por bem ou por mal, ficamos “comprometidos”.

E assim está lançado o grande termo “de compromisso”. Podemos perfeitamente dizer que ele caracteriza um dos pontos fundamentais da inquietação francesa contemporânea. Será necessário que o artista, o homem de letras, o pensador, tomem partido, ou mais claramente, tomem partido politicamente? O principal não é saber se, como indivíduo ou cidadão, o artista, o literato, têm o direito ou mesmo o dever de se filiarem a um partido ou de serem sectários e militantes; trata-se de saber se a própria natureza da atividade artística ou literária implica em “compromisso” em obrigação de tomar parte nos conflitos concretos que afligem o mundo contemporâneo. Em resumo, para empregar o vocabulário de Benda: o “clérigo” deve trair? ou será uma traição tornar-se o clérigo um combatente? O monge-soldado-do-espírito, com metralhadora e granadas?

Tal questão – do mesmo modo que o existencialismo – vem já de longe. Não foi o Sr. Sartre que a suscitou. Mas constatar que um problema não é de hoje não equivale a simplificá-lo, nem muito menos resolvê-lo. Sem precisar remontar ao dilúvio pode-se perfeitamente reconhecer a Julien Benda o mérito de ter sido o primeiro a apresentar a questão, há cerca de vinte anos. O termo “compromisso”, aplicado às obras de arte e da inteligência, foi empregado pelo grupo da revista “Esprit”, de Emmanuel Mounier, de inspiração espiritualista e católica. Com a guerra e a resistência, o compromisso do escritor passou do plano teórico para o plano concreto. A poesia, principalmente, (basta lembrar “L’honneur des poètes”), conheceu uma fase de heroísmo “interessado”, chegando até à prisão e à morte. Contestando à poesia o direito ao compromisso, Jean-Paul Sartre visa evidentemente Aragon e seus amigos. O caso se complica ainda mais se nos

lembrarmos de que inúmeros poetas “interessados” na resistência, são comunistas militantes. Para os comunistas o compromisso comporta apenas uma interpretação: a inscrição no partido. Todos sabem que existe violento conflito entre os existencialistas da escola de Sartre e os comunistas. Não é à toa que Sartre nega à poesia o direito de “comprometer-se”, e vê na democracia o único regime em que a prosa tem sentido. Aliás, outros escritores protesta energicamente contra qualquer ideia de compromisso literário. Como prova, basta citar um artigo publicado esta semana no “Le Figaro Littéraire”, por Leon-Paul Fargot, sob o título de “A política obriga o escritor a dar um salto mortal”.

O segundo plano dessa discussão não nos deve fazer perder a argumentação sutilíssima de Jean-Paul Sartre. Seu volumoso artigo “Tempos modernos” (ainda não concluído) possui páginas sugestivas e finas sobre a essência da obra de arte, sobre a crítica e a leitura. Todas elas tem o seu valor, mesmo abstraídos os “escorregões” a que não pode deixar de levar a trajetória dos argumentos do autor. Por mais convincente que seja a análise de Sartre, as objeções saltam ante o espírito e estabelece-se um diálogo contraditório que é, aliás, o que Sartre deseja do seu leitor. Há objeções fáceis e superficiais: somente numa democracia serão possíveis escritores? Há objeções mais embaraçosas: que pensa o Sr. Sartre da literatura russa contemporânea? E há objeções mais filosóficas: pode-se dissociar a tal ponto a estética da poesia e da prosa?; ou, como conciliar a “generosidade” do apelo do escritor com o niilismo latente das premissas de Sartre? A literatura compromete na medida em que não se afasta desse “espírito de seriedade”, do qual nos fazem algumas vezes duvidar os malabaristas dialéticos do seu eloquente paladino. Conclui-se que Jean-Paul Sartre, uma vez que é capaz de provocar as nossas reflexões, merece mais do que os simples favores dos “snobs”

## 12.71 - “Problemas de Escolha, de Antonio Candido”<sup>163</sup>

26 de setembro 1948

Um dos últimos números da “Revista do Globo” transcreve uma lista dos dez melhores romances do mundo, segundo Augusto Meyer. Essas listas correspondem a enraizado sentimento coletivo, pois uma tentação a que não escapamos é a de procurar, no oceano da arte e da literatura, as dez ou quinze bolas salvadoras para o gosto e o entendimento. Um rol, garantido pela responsabilidade de qualquer nome ilustre, tranquiliza e conforta, dando-nos a impressão de que o conhecimento e a sabedoria – tão distantes tão inacessíveis – tornam-se de repente delimitáveis, ao alcance da nossa mão. Lidos os dez melhores romances, ouvidas as dez melhores sinfonias, digeridos os dez maiores filósofos, é como se abreviássemos, por milagre, as dores do imprevisto, as incertezas da escolha e todas as vigílias exclusivas. Alguns meses de aplicação – e a sabedoria, ou a beleza, penetrarão triunfalmente o nosso espírito, em fileiras disciplinadas e profícuas.

Há em todos nós este sonho racionalista de “Reader’s Digest” – esperança pedagógica de saciar o abismo interior com alimento preparado pelo gênio e escolhido pelas mãos infalíveis da crítica. Quem já não fez quinze, vinte projetos de leitura ordenada, ao mesmo tempo compreensiva e essencial, abrangendo as obras indispensáveis, desde a Bíblia até o “Ulisses”? E quantos não começaram, realmente, a árdua tarefa, engolindo Homero a prazo fixo ou marcando data para concluir a leitura da “Ética”? Erro e ilusão, porque se “o desvão do telhado é infinito para as andorinhas”, para nós, a nossa grande aventura pode encontrar-se num texto ausente de qualquer lista conscienciosa. Reciprocamente, o fato de enfrentarmos um grande escritor conhecendo de antemão a atitude conveniente (“Ah! Shakespeare”) pode comprometer a espontaneidade do nosso prazer.

A sorte – grande sorte – está em descobrir, por acaso, sem preparo, um escritor, de primeira água, mas que desconhecíamos como tal até esta primeira leitura fortuita, e que nos deslumbra como um raio. Isso acontece quase apenas na adolescência, e por isso mesmo fica em nossa vida como as experiências definitivas, que acontecem sobretudo na adolescência. Nunca me esquecerei de como Proust aconteceu para mim – verdadeira trovoada em céu azul – tendo eu dezessete anos e estando “Lecote de chez Swann” largado na estante paterna, de onde o tirei por acaso, ainda sem distingui-lo bem de Marcel Prevost, que dormia ao lado. Doutra parte, quando eu tinha quatorze anos me deram as “Recordações da Casa dos Mortos”, à maneira de preâmbulo indispensável às obras primas de Dostoiévski: cheio de tédio, arrastei-me por quarenta ou cinquenta páginas antes de aceitar a evidência do próprio fracasso: mas aceitei, fechei o livro e só consegui

---

<sup>163</sup>CANDIDO, Antonio. Problemas de Escolha. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a Folha do Norte). **Folha do Norte**. Belém, 26 set. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p.1-3.

voltar ao seu autor quase dez anos mais tarde, porque todas as vezes que tinha vontade de ler “Crime e Castigo” ou “Os Irmãos Karamazov”, alguma coisa que dizia ser preciso começar pelo começo, isto é, a obra mesma que me afastara das outras.

Não há, pois, técnica satisfatória de iniciação literária e o melhor caminho talvez ainda seja o arbítrio do acaso. Mas, como a nossa convicção burguesa de progresso por acúmulo exige um repasso, embora relativo, das obras primas consagradas, é difícil furtar-nos aos esquemas e projetos devoradores de leitura. Longe o tempo em que uma dúzia de clássicos fundamentais, manuseados com lazer, incorporados lentamente à sensibilidade, operavam milagres de cultura – mais prezada naqueles dias que a informação. Se as listas dos “dez melhores livros” tivessem o condão de fixar um pouco os leitores dispersivos e apressados que hoje somos, elas estariam, numa ironia singular, desacreditando o sistema *digest* de conhecimento e nos tentando a experiências mais vantajosas.

A escolha de Augusto Meyer, (a cujo propósito vem estas digressões) é fina e ponderada, como o seu espírito. Analisando-a, vemos que – sem ter-se subordinado sistematicamente a nenhum deles – satisfaz os dois critérios que podemos invocar em semelhante conjuntura: o objetivo e o pessoal. Ei-la: 1) “Dom Quixote”, de Cervantes; 2) “Tom Jones”, de Fielding; 3) “Os Noivos”, de Manzoni; 4) “Os Irmãos Karamazov”; 5) “Guerra e Paz”, de Tolstói; 6) “Os Maias”, de Eça de Queiroz; 7) “Moby Dick”, de Hermann Melville; 8) “Montanha Mágica”, de Thomas Mann; 9) “À procura do tempo perdido”, de Marcel Proust; 10) “A Educação Sentimental”, de Gustavo Flaubert.

A lista é excelente segundo o critério subjetivo, a que se ateu provavelmente o autor. Do ponto de vista objetivo – mais preso à história literária, pois recapitula de certo modo os livros consagrados pelo tempo e pela melhor opinião crítica – poder-se-ia objetar contra a inclusão pelo menos do Eça e de Flaubert.

Se este último critério for válido, a sua observância conduziria ao caso limite duma lista ideal, fixa, aceita por todos (e tirando a graça do jogo...). Isto, no caso dos seus autores serem absolutamente sinceros. As mais das vezes, o leitor assíduo de “O Escaravelho de Ouro” ou da “Loura Delicocéfala” em vez de incluí-los na sua resposta – como seria digno e instrutivo – substituir-nos por um Dostoievski ou um Joyce folheados por desfastio, quando não conhecidos apenas de lombada. Listas feitas sob a égide do Comendador Ventura.

A lista fixa, mencionada há pouco, incluiria provavelmente pelo menos cinco dos dez romances indicados por Augusto Meyer: “Dom Quixote”, “Tom Jones”, “os Irmãos Karamazov”, “Guerra e Paz” e “À procura do tempo perdido”, Talvez ainda, “Moby Dick”. Os outros quatro deveriam, penso eu, ceder lugar – não obstante a excelência que os distingue.

De posse dos seis (se incluirmos o livro de Melville), e querendo completar o rol, defrontamos um problema inicial: o da homogeneidade. Com efeito, há entre eles três picos soberanos, moradas do raio e da procela, aos quais nenhum outro se equipara na ortografia literária: “Dom Quixote”, “Guerra e Paz”, e “Os Irmãos Karamazov”, por mais boa vontade que tivermos, os outros sete parecerão,

forçosamente, altitudes mais baixas. E, provavelmente, não equivalentes entre si. O romance de Proust, por exemplo, sendo menor que eles, é maior do que qualquer outro – a menos que os outros sejam de Dostoievski, como “O idiota” ou “Os possessos”. Seria, então, o caso de incluir a este na lista, deixando vagos quatro lugares a serem disputados, num páreo tornado mais difícil ainda, por Fielding, Melville, Emily Brontë Balzac, Dickens, Joyce e Kafka.

No terreno do gosto pessoal, erigido em critério, seria de preceito não incluir nenhum livro lido há menos de dois, ou mesmo cinco anos – para que entusiasmos de momento não prejudiquem a validade do juízo. Há cerca de doze ou treze anos, eu teria certamente colocado o “Contraponto”, e dois ou três romances de Lawrence, em qualquer lista. Pouco mais tarde, tê-los-ia substituído pelo “Sparkenbroke” e “A fonte”, de Morgan, que agora não incluiria mais. Hoje, não trepidarei em indicar Henry James e Conrad, entusiasmos recentes cuja duração não posso garantir.

De tudo se conclui que a lista de Augusto Meyer, pela sua composição harmoniosa, satisfaz o critério objetivo, revelando ao mesmo tempo a firmeza do seu gosto, que coincide com a melhor crítica.

Quanto a mim, confesso que o meu rol (contendo os meus livros, aqueles que lemos sempre, e cada vez mais, por pertencerem à nossa experiência mais prezada) conteria um apenas dos três picos: “Guerra e Paz”. Além desse romance, teria em comum com o de Augusto Meyer, somente “A procura do tempo perdido” – o meu romance predileto. Admiro o gosto dos “Karamazov”, mas prefiro “Os possessos” e “O idiota”. Leio sempre “Os maias” menos, porém, que “A ilustre Casa”. “A Educação sentimental é, dentre os de Flaubert, o livro que mais estimo; não o troco, no entanto, por nenhum de Stendhal e alguns de Balzac. O “Tom Jones” é incomparável, mas se eu lhe der lugar, onde meteria Machado de Assis? Nunca li “Os Noivos”, e desconfio que deve ser um livro pau; conheço pouco o “Dom Quixote e ultimamente ganhei enjojo por Thomas Man; não poderia, pois, aceitar mais estes três da lista de Augusto Meyer, embora lhes reconheça o maior valor. Mesmo porque, preciso guardar espaço para certas amizades, - modestas, mas fiéis e inspiradoras, como “O Amanuense Belmiro”, que, timidamente, eu levaria para a ilha deserta em lugar de grandes figurões.

O PRINCIPEZINHO... não queria causar pena ao velho monarca:

- se Vossa Majestade quisesse ser obedecido pontualmente, poderia me dar uma ordem razoável. Poderia ordenar, por exemplo, que eu partisse dentro de um minuto. Está me parecendo que as condições são favoráveis...

Ante o silêncio do rei, o príncipezinho hesitou a princípio; depois, com um suspiro, partiu.

Nomeio-te meu embaixador! – apressou-se a gritar o rei – e tinha um grande ar de autoridade.

Como são esquisitas as pessoas grandes... – ia pensando o príncipezinho durante a viagem.

Quando me lembrava do passeio no Luxemburgo e da viva emoção que despertara em mim aquela audição – um pouco pobre – do terceiro ato das “Walkirias”, quando travei conhecimento com um esplêndido rapaz estudante e

melômano furioso, chamado Schuller, que professava por Wagner um culto exclusivista e exaltado.

Schuller morava numa ruazinha do velho Quartier Latin, num quarto pequeno, estreito e atulhado, cuja principal peça mobiliária era um piano de aluguel, quase o dia inteiro, sentado diante desse mártir dos pianos, Schuller tinha grandes mãos ossudas, desprovidas de finura, mas não de vigor, e era inspirado por uma flama mística; cedo me senti irremediavelmente encadeado à sua caixa de jacarandá. Passávamos horas e horas a decifrar, cena após cena, ato após ato, as pesadas partituras do repertório wagneriano. Uso o plural porque eu tinha a sincera convicção de não estar inativo, de participar, com a minha atenção extremada e frequentemente angustiada, dessas sessões de orgia musical. Acredito, ainda hoje, que quem não conhece Wagner senão pelas boas execuções dos grandes concertos e dos grandes teatros, perdeu sem dúvida alguma das etapas da iniciação wagneriana, talvez a mais importante. Livres de vizinhos, livres das contingências do teatro, livres mesmo do espetáculo e das suas chocantes precisões, vivíamos, no quatinho estreito e atulhado, em uma intimidade mágica com aquela música maravilhosa, e unicamente com a imagens dos nossos sonhos. Nada nos podia ferir, nada perturbava nosso entusiasmo. O texto das partituras era o original, em alemão. Não o compreendíamos perfeitamente, mas, menos, livrávamos das traduções francesas, e da sua empolada cretinice. O jovem Siegfried Tristão com o peito ensanguentado. Parsifal vestido de linho branco, as filhas de Reno, os deuses das nuvens, os negros demônios das profundezas, todos esses seres com os quais, durante partiu da minha vida, vivi, cantei, combati, nunca os compreendi melhor do que naquele quatinho, onde o papel da parede, de listas e florzinha mostrava-nos, ao sabor da nossa imaginação, palácios, jardins, navios, veleiros, florestas – o verdadeiro cenário, o único cenário que convém à legenda wagneriana.

Quando Schuller achou que eu aprendera o suficiente, começou a levar-me ao Châtelet, nas tardes de domingo íamos de galera, e às vezes tínhamos a sorte de encontrar lugares na primeira fila, ao lado um do outro, a partitura sobre os joelhos, um fio de saliva entre os lábios entreabertos, aguardávamos impacientemente, o instante em que o nosso mestre de eleição se manifestaria no templo. E já eu experimentava alegrias certamente não mais intensas nem mais puras do que no quarto alugado do meu primeiro mestre de música, mas que eu sentia serem mais eruditas e mais puramente musicais.

## 12.87 - “O Escritor e a Nossa Época, de Albert Camus”<sup>164</sup>.

7 de agosto de 1949

Vivemos numa época em que os homens, compelidos por ideologias ferozes e medíocres, acostumam-se a ter vergonha de tudo. Vergonha deles próprios, vergonha de ser felizes, de amar, de criar. Uma época na qual Racine coraria por causa de “Berenices”, e Rembrandt se penitenciaria de ter pintado “A Ronda Noturna”. Os escritores e os artistas de hoje tem, portanto, a consciência inquieta e é moda entre nós fazer com que seja desculpada a nossa profissão. Na verdade, somos ajudados nisso com um certo empenho. De todos os lados da nossa sociedade política, um grande grito se eleva em nossa direção, que nos impele a essa desculpa. É preciso que nos desculpem de sermos inúteis, e de servir, pela nossa mesma inutilidade, a causas indignas. E quando respondemos que é bem difícil nos livrarmos de acusações tão contraditórias, não falta quem nos diga que não é possível justificarmos-nos aos olhos de todos, mas que podemos obter o generoso perdão de alguns, tomando o seu partido, que, para quem acredita neles, é o único verdadeiro. Se essa espécie de argumento cria raízes, ainda se diz ao artista: “Vê a miséria do mundo. Que fazes contra isso?” O artista poderia responder a essa “cínica chantagem”: “A miséria do mundo? Em nada contribuo para ela. Qual de vós poderá dizer o mesmo?” Mas não é menos verdadeiro que nenhum de nós, por menos exigente, pode ficar alheio ao apelo que parte de uma humanidade desesperada. É preciso então sentir-se culpado à força. Eis-nos conduzidos ao confessionário laico o pior de todos.

E no entanto isso não é tão simples. A escolha que nos pedem para fazer não se resolve por si mesma; é determinada por outras escolhas, feitas anteriormente. E a primeira atitude que toma um artista é, precisamente, ser um artista. E se ele escolheu ser um artista, foi em consideração ao seu próprio eu e em virtude de um certo conceito que ele tem da arte. Se esses motivos lhe parecerem bastante bons para justificar sua escolha, há probabilidade delas continuarem sendo bastante boas para ajudá-lo a definir sua posição diante da história. Pelo menos é isso o que eu penso e gostaria de me deter mais um pouco, não sobre uma consciência má, da qual não tenho experiência, mas sobre os dois sentimentos que diante e por causa, mesmo da miséria do mundo alimento com relação à nossa profissão, isto é, a gratidão e o orgulho. Já que é preciso justificarmos, eu gostaria de dizer por que há uma justificação em exercer, nos limites das nossas forças e dos nossos talentos, uma profissão que, no meio de um mundo esgotado pelo ódio, permite a cada um de nós dizer tranquilamente que não é inimigo mortal de ninguém. Mas isso precisa ser explicado e eu não posso fazê-lo

---

<sup>164</sup> CAMUS, Albert “O escritor e a nossa época”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). **Folha do Norte**. Belém, 07 ago.1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1.

a não ser falando um pouco do mundo em que vivemos e do que nós, artistas e escritores, estamos dispostos a fazer dele.

\*\*\*

O mundo em torno de nós está mergulhado na desgraça e nos pedem para fazer alguma coisa capaz de modificá-lo. Mas qual é essa desgraça? À primeira vista, sua definição parece simples: mataram demais no mundo nestes últimos anos e alguns prevêem que ainda se matará. Um grande número de mortos acaba por tornar a atmosfera pesada. Naturalmente isso não é novidade. A história oficial foi sempre a história dos grandes assassinos. Não é de hoje que Caim matou Abel. Mas é de hoje que Caim mata Abel em nome da lógica e reclama em seguida a legião de Honra. Darei um exemplo para me fazer compreender melhor.

Durante as grandes greves de novembro de 1947, os jornais anunciaram que o carrasco de Paris cessaria também o seu trabalho. Não foi devidamente ressaltada, a meu ver, esta decisão do nosso compatriota. Suas reivindicações eram claras. Pedia, naturalmente, uma gratificação para cada execução, o que faz parte das normas de qualquer negócio. Mas, sobretudo, reclamava com violência o cargo de chefe de seção. Queria, realmente, receber do Estado, ao qual tinha consciência de bem servir, a única honra tangível que uma nação moderna pode oferecer aos seus bons servidores, quer dizer, uma posição administrativa. Extinguia-se, assim, sob o peso da história, uma das nossas últimas profissões liberais. Nos tempos bárbaros, uma auréola terrível mantinha o carrasco escondido do mundo. Era ele que, por profissão, atentava contra o mistério da vida e da carne. Era, e sabia que era, um objeto de horror. E este horror consagrava ao mesmo tempo o preço da vida humana. Hoje ele é apenas um objeto de vergonha. Nessas condições acho que ele tem razão de não mais desejar ser o parente pobre que é escondido na cozinha porque não tem as unhas limpas. Numa civilização em que o assassinato e a violência já são doutrinas e estão em via de se tornar instituições, os carrascos têm o direito de entrar nos quadros administrativos. Na verdade, nós, franceses, estamos um pouco atrasados. Em vários lugares do mundo os executores já se instalaram nas poltronas ministeriais. Apenas substituíram o machado pelo carimbo.

Quando a morte se torna objeto de estatísticas de administração, é uma prova de que as coisas do mundo não andam bem. Mas se a morte se torna abstrata, é porque a vida também o é. E a vida de cada um não pode ser senão abstrata a partir do momento em que se atrevem a submetê-la a uma ideologia. O mal é que nós estamos no tempo de ideologias, e de ideologias totalitárias, isto é, demasiadamente seguras de si próprias, de sua razão imbecil ou de sua limitada verdade, para não ver a salvação do mundo, senão através do seu próprio domínio. E querer dominar alguém ou alguma coisa, é desejar a esterilidade, o silêncio ou a morte desse alguém. Para constatá-lo, basta olhar em torno de nós. Não há vida sem diálogo. E na maior parte do mundo, o diálogo é substituído atualmente pela polêmica. O século XX é o século da polêmica e do insulto. A polêmica se mantém, entre as nações e os indivíduos e no próprio nível das disciplinas outrora desinteressadas, no lugar tradicionalmente conservado pelo

diálogo refletido. Milhares de vozes, dia e noite, prosseguindo cada uma, de seu lado, um tumultuoso monólogo, derramam sobre os povos uma torrente de palavras mistificadoras, ataques, defesas, exaltações. Mas qual é o mecanismo da polêmica? Consiste em considerar o adversário como inimigo, simplificá-lo por conseqüência, e recusar vê-lo. Não conheço mais a cor dos olhos nem a maneira de sorrir, se chega a sorrir, daquele a quem insulto. Quase cegos em virtude da polêmica, não vivemos mais entre homens, mas num mundo de sombras.

Não há vida sem persuasão. E a história de hoje só conhece a intimidação. Os homens vivem e só podem viver com a idéia de que tem qualquer coisa em comum na qual podem sempre se reencontrar. Mas nós descobrimos isto: há homens a quem não se pode persuadir. Era e é impossível a uma vítima de campo de concentração explicar àqueles que a aviltavam que não deveriam fazer isso. É que estes últimos não representam mais os homens, mas sim uma idéia elevada à temperatura da mais inflexível das vontades. Aquele que quer dominar é surdo. Diante dele, é preciso bater-se ou morrer. Isso porque os homens de hoje vivem mergulhados no terror. No “Livro dos Mortos”, lê-se que o justo egípcio para merecer perdão deveria poder dizer: “Não fiz medo a ninguém”. Nessas condições, nossos grandes contemporâneos serão procurados em vão, no dia do julgamento final, na fila dos bem-aventurados.

Como é surpreendente que essas sombras, quase surdas e cegas, aterrorizadas, alimentadas como “tickets”, e cuja vida inteira se resume em uma ficha de política, possam ser em seguida tratadas como abstrações anônimas. É interessante constatar que os regimes que são conseqüências dessas ideologias, são precisamente aqueles que, por sistema, procedem ao deslocamento das populações, fazendo-as errar pela superfície da Europa como símbolos exangues, que só tem uma vida irrisória na cifra das estatísticas. Depois que essas belas filosofias entraram na história, enormes massas de homens que, antigamente tinham sua maneira particular de apertar a mão, estão definitivamente sepultados sob duas meras iniciais de pessoas deslocadas que um mundo muito lógico inventou para elas.

Sim, tudo isso é lógico. Quando se quer unificar o mundo inteiro em nome de uma teoria, não há outro caminho senão tornar esse mundo tão descarnado, cego e surdo, como a própria teoria. Não há outro caminho senão cortar as próprias raízes que prendem o homem à vida e à natureza. E não é por acaso que não se encontram paisagens na grande literatura européia depois de Dostoievski. Não é por acaso que os livros mais significativos de hoje, em lugar de se interessarem pelas nuances do coração e pelas verdades do amor, se apaixonam apenas pelos juízes, processos e mecânica das acusações, que em lugar de abrir as janelas sobre a beleza do mundo, fecham-nas com cuidado sobre a angústia dos solitários. Não é por acaso que o filósofo, que inspira hoje todo o pensamento europeu é o mesmo que escreveu que só a cidade moderna permite ao espírito adquirir consciência de si próprio e que chegou a dizer que a natureza é abstrata e que só a razão é concreta. É o ponto de vista de Hegel, com efeito, e é o ponto de partida de uma imensa aventura da inteligência, aquele que acabou de matar

todas as coisas. No grande espetáculo da natureza, esses espíritos embriagados só vêem eles próprios. É a última cegueira.

Para que ir mais longe? Aqueles que conhecem as cidades destruídas da Europa, sabem de que estou falando. Elas oferecem a imagem desse mundo descarnado, seco de orgulho, onde, no decorrer de um monótono apocalipse, os fantasmas erram à procura de uma amizade perdida, com a natureza e com os seres. O grande drama do homem do ocidente é que, entre ele e seu futuro histórico, não se interpõem mais nem as forças da natureza, nem as da amizade. Com suas raízes cortadas e seus braços dissecados, ele se confunde com as forças que lhe são prometidas. Mas pelo menos, chegado a esse cúmulo de delírio, nada nos deve impedir de denunciar a burla deste século que faz menção de correr atrás do império da razão, agora que ele só procura as razões de amar que ele perdeu. E nossos escritores bem sabem, que acabam todos reclamando contra esse sucedâneo infeliz e descarnado do amor, que se chama moral. Os homens de hoje podem talvez dominar tudo neles próprios, e é essa sua grandeza. Mas há uma coisa que a maior parte deles não poderá jamais reencontrar, é a força do amor que lhes foi roubada. Eis aí porque eles têm vergonha, na realidade. E é bem justo que os artistas participem dessa vergonha, pois contribuíram para ela. Mas que ao menos saibam dizer que têm vergonha deles mesmos e não de sua profissão.

\*\*\*

Porque tudo o que faz a dignidade da arte se opõe a um tal mundo, repelindo-o. A obra de arte, pelo simples fato de existir, nega as conquistas da ideologia. Um dos sentidos da história de amanhã é a luta, já começada, entre os conquistadores e os artistas. Ambos se propõem, portanto, o mesmo fim. A ação política e a criação são as duas faces de uma mesma revolta contra as desordens do mundo. Nos dois casos, trata-se de dar ao mundo sua unidade. E durante muito tempo a causa do artista e a do inovador político foram confundidas. A ambição de Bonaparte é idêntica à de Goethe. Mas Bonaparte deixou-nos o tambor nos liceus e Goethe as “Elegias Romanas”. Depois que as ideologias da eficácia apoiadas na técnica intervieram, depois que por um sutil movimento o revolucionário tornou-se conquistador, as duas correntes de pensamento divergiram. Porque o que o conquistador de direita ou de esquerda procura não é a unidade, que é antes de tudo a harmonia dos contrários, mas a totalidade que é o esmagamento das diferenças. O artista separa onde o conquistador nivela. O artista que viveu e criou no nível da carne e da paixão sabe que nada é simples e que o outro existe. O conquistador quer que o outro não exista, seu mundo é um mundo de amos e de escravos, esse mesmo em que vivemos. O mundo do artista é o da controvérsia viva e o da compreensão. Não conheço uma única obra que tenha sido construída apenas sobre o ódio muito embora conheçamos o império do ódio. Numa época em que o conquistador, pela própria lógica de sua atitude, se torna executor e policial, o artista é forçado a ser refratário. Diante da sociedade política contemporânea, a única atitude coerente do artista é a recusa sem concessão. Ou então deve renunciar à arte. Ele não pode ser, ainda que o

queira, cúmplice dos que empregam a linguagem ou os métodos das ideologias contemporâneas.

Eis porque é vão e irrisório que nos peçam justificação e compromisso. Por sua função mesmo, o artista é a testemunha da liberdade. E esta é uma justificação pela qual ele chega a pagar caro. Por sua função mesmo, ele está comprometido no mais inextricável emaranhado da história, aquele que sufoca a própria carne do homem. Quem quer que sejamos, estamos comprometidos, com o mundo, tal como é, somos por natureza os inimigos dos ídolos abstratos que nele triunfam hoje, quer sejam nacionais ou partidários. Não em nome da moral e da virtude, como se tenta fazer crer por uma trapaça suplementar. Não somos virtuosos, e vendo-se o ar antropométrico que toma a virtude em nossos reformadores, não há por que lamentá-los. É em nome da paixão do homem pelo que há de singular no homem que recusaremos sempre esses cometimentos, os quais se cobrem do que há de mais miserável na razão.

Mas isso define ao mesmo tempo nossa solidariedade, com todos. É porque nós temos a defender o direito à solidão de cada um que jamais seremos solitários. Teremos pressa, não podemos trabalhar sozinhos. Tolstoi pode escrever, sobre uma guerra que ele não fez, o maior romance de todas as literaturas. Nossas guerras não nos permitiram escrever sobre outra coisa a não ser sobre elas, enquanto que, simultaneamente, matavam Péguy e milhares de jovens poetas. Esta razão por que acho, apesar de nossas diferenças que podem ser grandes, que a reunião desses homens tem um sentido. Além das fronteiras, muitas vezes sem o saber, eles executam juntos as mil faces de uma mesma obra que se projetará diante da criação totalitária. Todos juntos e, com eles, esses milhares de homens que tentam erguer as formas silenciosas de suas criações no tumulto da cidade. E, com eles, os que não estão aqui e que pela força das coisas juntar-se-ão a nós um dia. E esses outros também, que acreditam poder trabalhar para a ideologia totalitária através de sua arte, enquanto no próprio seio de sua obra o poder da arte faz ruir a propaganda, reivindica a unidade da qual eles são os verdadeiros servidores. E os apontam, à nossa fraternidade forçada, ao mesmo tempo que à desconfiança dos que os empregam provisoriamente.

Os verdadeiros artistas não constituem bons vencedores políticos, porque são incapazes de aceitar superficialmente a morte do adversário. Estão do lado da vida, não do lado da morte. São as testemunhas da carne, não as da lei. Por sua vocação, estão condenados à compreensão mesmo daquilo que lhes é contrário. Isso não quer dizer que eles sejam incapazes de julgar o bem e o mal. Mas, no pior criminoso, sua aptidão de viver a vida de outro permite-lhe reconhecer a constante justificação dos homens, que é a dor. Eis o que nos impedirá sempre de emitir um julgamento absoluto e, por consequência, ratificar o castigo absoluto. No mundo da condenação à morte que é o nosso, o artista é o testemunho daquilo que dentro do homem se recusa a morrer. Inimigo de ninguém, apenas dos carrascos! E isso é o que os apontará sempre, eternos Girondinos, às ameaças e aos golpes dos “Montanheses” de punhos de renda. Afinal de contas, essa má posição, por sua própria dificuldade, faz sua grandeza. Dia virá em que todos o reconhecerão e, respeitosos de nossas divergências, os mais capazes dentre nós,

cessarão de se menosprezar, como fazem agora. Reconhecerão que sua vocação mais profunda é a de defender até o fim o direito de seus adversários de ter uma opinião contrária.

Proclamarão que mais vale se enganar, sem assassinar ninguém, deixando que os outros falem, do que ter razão em meio ao silêncio e aos tumultos. Tentarão demonstrar que, se as revoluções podem ser bem sucedidas pela violência, só se podem manter pelo diálogo. Saberão, assim, que esta singular vocação lhes cria a mais perturbadora das fraternidades, a dos combates duvidosos e das grandezas ameaçadas, aquela que, através de todas as idades da inteligência, jamais cessou de lutar para sustentar contra as abstrações da história aquilo que supera toda a história, que é a carne, quer seja sofredora ou feliz. Toda a Europa de hoje plantada na sua arrogância, grita-lhe que esta empresa é ridícula e vã. Mas nós estamos no mundo para provar o contrário.

## 12.96 - A Geração de 1945, Lêdo Ivo<sup>165</sup>

9 de outubro de 1949

Fale primeiro um paulista: “Não há nada de mais incompreensível e velho a uma geração que tudo quanto imediatamente a antecedeu, mas o que estão fazendo esses moços, que mais uma vez não se revoltam contra nós!” Esta observação é de Mário de Andrade, que deveria morrer precisamente em 1945, isto é, no ano que assinala o aparecimento da chamada “nova geração” brasileira. Isto não significa tenha sido a morte da maior figura do modernismo o marco de um novo movimento. Contudo, devemos assinalar que, com a morte de Mário de Andrade, desaparecia talvez o único guia estético legado pelo modernismo; e a desaparecimento desse guerreiro ilustre influía em nossas letras como se a geração dominante tivesse perdido o seu maior apoio moral, o seu porta-voz vigilante, aquele que falava por todos e os interpretava melhor que eles mesmos. Além do mais, a queda do Estado Novo servia de marco político para a aferição de um novo movimento em nossa literatura, do mesmo modo como a revolução de 30, assinala, como data histórica, o surto da geração pós-modernista. Também entre 1944 e 1945 surgiram livros de poemas de nomes até então desconhecidos que iriam, com essa contribuição pessoal, suscitar a curiosidade da crítica dominante. É interessante salientar que, como acontecera com o movimento de 1922, três geografias literárias se juntavam na composição dessa mensagem: Recife, Belo Horizonte e São Paulo. De Pernambuco viera o testemunho dos jovens poetas que em 1941 organizaram o Primeiro Congresso de Poesia do Recife.

De Minas Gerais, onde florescia o fecundo movimento de “Edifício”, vinha o poeta Bueno de Rivera. Em São Paulo, num choque entre a investigação crítica e a descoberta poética, formava-se esse grupo que, representado editorialmente em 1945 pela sutil “Rosa Extinta”, do Sr. Domingo Carvalho da Silva, iria compor-se grupalmente na “Revista Brasileira de Poesia”, a principal responsável pelo Primeiro Congresso de Poesia de São Paulo.

Queremos crer que esses fatos testemunham claramente a existência de um novo estágio de sensibilidade, traduzível em presença de novos valores.

Por outro lado, o florescimento de revistas de novos, no Norte, no Centro e no Sul, a organização de pequenas editoras, o avanço para os suplementos e outros fatores de ordem material não deixavam dúvidas sobre a presença de uma nova geração, a geração de 1945.

É curioso observar que as gerações não se improvisam. Desde 1930 até 1945, dominaram o panorama intelectual as duas gerações que se testemunham nas estreias de “Paulicéia Desvairada” e “Menino de Engenho”.

---

<sup>165</sup> IVO, Ledo. “A geração de 1945”. Conferência pronunciada a convite do Clube de Poesia, no auditório do Museu de Arte de São Paulo, em sessão presidida pelo poeta Cassiano Ricardo. **Folha do Norte**. Belém, 9 out. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2. Grifos do autor do texto.

A tomada de consciência desses jovens foi feita, quando eles, sem um guia para dirigi-los e orientá-los, se descobriram a si mesmo e se revelaram.

É dessa geração que pretendemos falar, se bem reconhecemos a complexidade de um tema bastante próximo de nós para ser examinado em seus devidos contornos; além do mais, até aqui ela forneceu apenas os lineamentos gerais de sua mensagem, e, se são os movimentos que formam e desenvolvem a literatura são as individualidades que formam os movimentos... A geração de 45, a primeira que surge sem um “ismo” para carregar às costas, apresenta por outro lado várias direções, predominando o intelectualismo que desumaniza tantos poetas sedentos de absoluto e de abstrato e praticamente ausente de suas preocupações a fome de participação na realidade social.

Em sua crise de expressão, ela vai desde a pesquisa da liberdade formal do modernismo herdado até o mergulho em certas constantes da poesia peninsular onde cantam as origens líricas da poesia em língua portuguesa. São vários os caminhos e as tendências dessa fornalha de jovens valores em busca da originalidade e de afirmações pessoais, e de um ritmo vital ainda não encontrado.

Cumprir acentuar que, situados diante da geração que os precedeu, esses jovens não sustentam um comportamento harmônico, nem tampouco se distinguem pela fidelidade aos seus próprios desígnios. O modernismo, já ultrapassado, pelos próprios modernistas, exerceu profundo fascínio nos jovens de 1945. Isso porque, apesar de sua ausência de um programa definido, contrabalançada em uma romântica persistência em dados renovadores, os modernistas eram os depositários de uma lição invencível: a reinvenção formal. Eles, que impuseram o verso livre e, tentando redescobrir o Brasil colheram nas fontes **léxicas** do país uma sabedoria vocabular ainda hoje admirável pela sua vitalidade, pelo seu plasma verbal indestrinçável da própria psicologia brasileira, eram os detentores de um segredo perturbador.

Cônsua de seus poderes e de suas fraquezas, a geração de 1945 necessitava de uma técnica, de um horizonte expressivo onde formulasse sua mensagem. Se 1930, com a sua fortaleza de romances sociais ou psicológicos, era uma predominância do fundo sobre a forma, isto é, um domínio do material e do assunto sobre as pesquisas do artesanato, 1922 era uma supremacia da forma sobre o fundo, o que significa de certo modo uma conexão mais fascinante.

É possível que o sortilégio de 1922 tenha suscitado a realização de um Congresso de Poesia em São Paulo, como **repto**, dos jovens de hoje aos jovens de anteontem, acontecimento tanto mais importante esteticamente e de precioso efeito psicológico quanto se sabe que, no conclave promovido pela “Revista Brasileira de Poesia”, estavam presentes, como defensores de si mesmos, alguns dos participantes da Semana da Arte Moderna.

Outro ponto em que a geração de 1945 também se aproxima dos modernistas, depois de rompido o período fermentador das admirações e dos respeitos, é no recente surto de provocações e julgamentos literários, no qual tem um papel preponderante a brigada de choque da revista “Orfeu”, e no exibicionismo de seus programas em face ao público, como é o caso dos “novíssimos”. E os jovens mais exaltados, que talvez não sejam os de maior

espírito criador e sim o de mais franca vocação de combate e querela, atacam os modernistas precisamente na existência de suas lições, na parte em que eles são inatacáveis mesmo superados, uma vez que não se pode desligar uma revolução literária da atmosfera artística e social que a assinalou no tempo.

Verificada a presença de um novo espírito literário, fato insofismável, convém agora, examinar quais os poderes e quais as fraquezas dessa floração de inteligências e sensibilidades, quais os pontos em que eles são novos e em que são velhos, quais as áreas que, eles conquistaram e quais os terrenos que mereceram seu desprezo e desinteresse.

É uma tarefa por assim dizer, de exame íntimo, de desvantajosa lealdade a si mesmo, o exame crítico de uma geração que foi buscar suas forças em seus inimigos, obedecendo a imposição de histórias literárias que faz com que as reações nasçam das próprias contradições da ordem dominante, como os filhos nascem dos pais e a estes se assemelham.

Ricos em valores representativos, fecundos em livros e revistas, eis os novos. Em quase todos os Estados surgem nomes e movimentos. Creio mesmo que jamais houve no Brasil um conjunto de jovens tão **numeroso** e tão apaixonado pela coisa literária. E mais uma vez as províncias dão o que de melhor possuem em suas profundezas: os jovens poetas, com o seu segredo e sua ambição, orgulhosos e **informulados**.

Contudo, um olhar sobre a parte mais **impressionante** do movimento nos leva a observar que quase não há diferenças absolutas, mas semelhanças profundas no modo de sentir e criar. Ora, estamos diante de fatores de agrupamento, de pensamentos grupais, e a verdadeira criação é outra coisa, exige que se tenha a coragem de ir contra os seus próprios companheiros de geração, navegação contra a corrente para não chegar aos portos de todo mundo...

Excetuando algumas contribuições líricas importantes, os novos pouco fizeram. É preciso que se acentue que, após 1945, surgiram várias gerações "semestrais", que se misturaram aos iniciadores do movimento, numa penetração eficaz, porque impossível de ser deslindada. Assim, como não é possível admitir a existência independente dos chamados "novíssimos", uma vez que eles navegam nas mesmas águas de 1945, somos obrigados a apreciar a nossa geração nesse conjunto mesclado pelas mais recentes aparições. E, nesse espetáculo, o que vemos é um verdadeiro comício tumultuário em que os jovens, pela carência de perspectivas históricas, de aprimoramento de sensibilidade, por falta de cultura e doutrinação estética, criticam sem fundamento e verberam sem base literária.

A facilidade de comunicação, nesta fase de comunicação, nesta fase de tantas revistas de novos e de tantos suplementos abertos aos que estreiam, suprime nesses jovens o sentido da solidão, apreciável território onde se apuram os instrumentos da técnica literária, da pesquisa, da meditação e da aprendizagem artística e humana necessárias à realização da mais humilde obra literária. Ora, as revistas passam, como passaram "Estética", "Klaxon", "Anta" e outras fortalezas litero-jornalísticas do modernismo. As revistas passam, são apenas testemunhos efêmeros de todos.

Assim sendo, acredito que nossa revolução não deve ser de caráter destrutivo, com as encenações transitórias, mas construtiva no sentido de criar novamente respeitando as revoltas anteriores, e procurando compreendê-las, ligá-las desde o romantismo até os dias atuais, e formando com elas a nossa tradição literária, ou, dentro de um âmbito mais restrito, poética. Trata-se, pois, de fugir aos círculos viciosos das revoltas que engendram revoltas, dos movimentos que deságuam em outros movimentos, para o esforço mais honesto e mais vivo de criar, continuando, de atingir a liberdade por intermédio da conquista dos meios técnicos e substanciais que definirão nosso esforço.

Devemos ter em mente que nós somos continuadores de uma tradição literária, ainda frágil; não se trata pois de negar o que já foi feito, mas de acrescentar a essa realidade, plenamente justificáveis e dignas de amor, a nossa contribuição pessoal. E isso quer dizer que para continuar, devemos criar, que só continuam verdadeiramente aqueles que criam, e não aqueles que imitam. O ponto fundamental do drama de minha geração é saber que espécie de contribuição ela poderá oferecer à literatura brasileira, a essa literatura que prosseguirá em seu desenvolvimento quando novas gerações surgirem, e, munidas de um melhor aparelhamento crítico, procurarem saber o que realizamos.

É possível que os novos de agora consigam ultrapassar as figuras dominantes, em suas contribuições artísticas, mas lhes falta o essencial: a consciência do que querem, a visão de seus próprios objetivos e, num terreno mais exigente, uma posição filosófica que lhes daria segurança para apreciar a permanência dos valores e compreender melhor o homem e o mundo.

Falta-lhes a consciência do que exige o longo e difícil caminho da criação, da construção de uma mensagem que se exprima através de uma nova sensibilidade. Faltam aos moços as diferenças que afirmam as dessemelhanças que poderiam servir de referência para a aferição de novos valores.

Julgo que estou sendo claro: quero uma revolta, um movimento, mais creio que a melhor maneira de realizar essa revolução é acrescentar à cultura brasileira mais um capítulo, mais um estágio criador, uma nova estética que nascesse da serena aceitação do que existe e continuará existindo, queiramos ou não. Precisamos acabar com o juvenil e suficiente ponto de vista de que nada foi feito, e que a nós cabe a profética e providencial missão de tudo fazer. Tudo tem sido feito, na medida das possibilidades, e nos colocamos no quadro histórico, social e artístico conveniente, e cabe a nós fazer um pouco mais, como o cidadão que constrói uma casa em uma rua nascente, dando a esta mais uma habitação, prolongando-a enfim, o que não significa que as outras casas anteriores não existam. Precisamos, pois, coordenar e compreender.

Há uma verdadeira população de jovens poetas em todo o Brasil, a quase totalidade deles seguindo receitas, uma vez que temos de atentar para o fato de os poetas de 22, cioso de sua própria superação formal e substancial, terem dado o melhor de si mesmos, enquanto outros agonizam diante de público, dando o pior.

O ato que individualizaria a maior parte desses jovens poetas está, entretanto, ausente em suas produções, que as de livros, quer as de revistas, uma

vez que os poetas não se improvisam; eles se fazem dentro de sua experiência particular.

Há, na geração nova, uma vocação tribal para a poesia, quase toda ela exposta em ritmo binário, em elipses e concentrações vocabulares. Creio que a Poesia é muito exigente e não se sente satisfeita com estas sobras juvenis, principalmente quando são restos dos banquetes anteriores.

Quanto ao hermetismo que estandardiza todos esses jovens, não se pode encontrar nele autenticidade, mais a predominância de um puro espírito imitativo, distante daquela obscuridade que é por assim dizer uma conquista no coração da clareza.

A verdade, portanto, é que a poesia dos novos não descobriu ainda o seu ritmo, a sua música, a sua sabedoria vocabular, a adequação entre forma e substância necessária à sua total realização.

De um modo geral, a ova geração não existe com uma piedade de precursores, mas simplesmente como uma legião de transfiguradores, de jeitosos aproveitadores de lições formuladas pelos que os precederam.

Esta, infelizmente, é a verdade, a verdade que devemos aceitar se queremos ser honestos desde o começo. Existe uma nova geração brasileira, principalmente, no domínio poético. Não existe ainda, perfeitamente configurado, e o edifício estético dessa geração, e a sua mensagem, a não ser que esta seja considerada como o complexo de hábitos formais recebidos e os justos instintos de reação que levam os mais jovens a se rebelar contra as tiranias impostas pelos mais velhos, ou certos preconceitos primários, como é o caso do soneto, considerado fora de época sem razões plausíveis e agora retomado. Além do mais, vencida a etapa estritamente revolucionária do modernismo, os seus líderes e sub-líderes foram os primeiros a reagir contra as mais libertárias conquistas do movimento. Há hoje grandes poetas modernistas que, antigos revolucionários em poesia, são autênticos reacionários em proa, que escrevem como se pedissem votos à Academia Brasileira de Letras, exibindo sortilégios léxicos de fazer inveja a Portugal, verdadeiros traidores de seus postulados, que abandonaram precisamente uma das grandes realidades do movimento de 1922, isto é, a incorporação à literatura de um domínio vocabular e sintático dinamicamente brasileiro e original.

Creemos já termos resumido a contento o nosso tema: apresentamos as razões por que, em nossa opinião, deve atribuir-se a 1945 o aparecimento dos novos valores brasileiros. A seguir, focalizamos de que modo esse frêmito estava ligado às mais claras repercussões do modernismo, e dissemos que, apesar da existência de valores representativos, principalmente na poesia essa geração não era ainda independente.

Assim como os jovens de 1945 se libertaram do modernismo, como atitude moral, também estão procurando a liberdade artística, pois sabem os seus melhores que só é livre o artista que se realiza com os materiais de sua liberdade, que paradoxalmente são os materiais de sua escravidão, da verdade íntima pela qual ele se sacrifica e morre.

Teremos, portanto, que examinar alguns dos caminhos da libertação.

Vivemos em um país cuja literatura ainda está nascendo.

E um país jovem é sempre um país sem acentuado patrimônio cultural. Nossas fontes são as mais pobres possíveis, se quisermos limitar-nos apenas ao exame dos elementos que entre nós obtiveram tratamento literário. Isso não quer dizer que os nossos movimentos literários tenham sido inexpressivos ou que não tenham surgido aparições incomuns.

Muito pelo contrário, sombras admiráveis, faiscantes de gênio ou de talento, se projetam ainda sobre nós; um Castro Alves, um Alvares de Azevedo, um Gonçalves Dias, um Manuel Antônio de Almeida e um Machado de Assis, um Euclides da Cunha, são habitantes que honram qualquer país literário. Contudo, não seriam esses mortos mudados em estátuas que iriam satisfazer a fome da geração de 1945, que eu acredito respeitar e amar essas lições particulares que sobreviveram às agitações artísticas de seu tempo, náufragos que conseguiram atingir a ilha da posteridade.

Foi justamente a necessidade de absorver o que de mais denso e experimental possuía o nosso patrimônio que levou os de agora a abeberar-se no modernismo, tomado este não em seu sentido estrito de revolta, mas em seu concerto de realizações de uma geração até os nossos dias.

Utilizados esses arsenais técnicos, como quem luta com as armas roubadas à fortaleza do inimigo, urgia ir buscar outros instrumentos. E estes, se não estavam no país, podiam ser surpreendidos, na corrente comum que une duas literaturas em um mesmo idioma: a língua portuguesa. É preciso que se diga, porém, que nem mesmo isso foi original. Muito antes de nós, os modernistas transportaram para as suas organizações poéticas as magias ondeantes das redondilhas maiores, deram uma plasticidade surpreendente a certas formas obsoletas, utilizaram-se da tradição do metro e da rima como os atletas que, em luta livre, se empenham em usar golpes apenas tolerados e não consagrados pelo ritual.

A geração de 1945, aproveitando-se desse veio, levou-o porém às últimas conseqüências. É comum admirar-se num livro de jovem poeta de primeira categoria a sua mestria formal, o seu precoce domínio dos meios habituais da arquitetura do poema, como se em uma semana ele tivesse captado lições, que muitos da geração anterior levaram uma existência inteira para aprender. E para empregarmos termos de crítica musical, constitui sem dúvida uma singularidade notar como os novos se ajeitam melhor à “quadratura finita”, isto é, à composição menor e mais disciplinada, do que nos universos métricos da “quadratura infinita”, aos versos que se desdobram de si mesmos como as vagas no mar e os discursos nos comícios.

Confesso que, para mim, um dos pontos fracos de minha geração é justamente o seu ponto forte. Sua fraqueza está em sua força, em sua procissão de preciosidades. A demasiada preocupação estética que levou os jovens de 1945 a repelir certas formas mais cordiais de expressão, inclinando-a às cadeias das abstrações, em lugar de atraí-la para uma afirmação de personalidades através de um sentido mais vital, representa, a meu ver, um dos maiores perigos, não para a autenticidade, mas para a eficiência da mensagem dos escritores de 1945.

Somos, na quase totalidade uma geração intelectualista, arrastando nesse conceito o melhor e o pior. E como todos os intelectualistas, os que se nutrem para a matemática salvação de si mesmos, não possuímos em nossa geração aquela qualidade tão caluniada mas tão admirável que se chama simpatia humana.

Somos uma geração bizantina, e esse bizantinismo não é totalmente nosso; foi-nos transmitido pelo modernismo agonizante, quando os seus mais ilustres poetas e a crítica mais representativa inocularam nos jovens, a título de remédio, uma substância que, quando administrada fortemente é um veneno: isto é, a demagogia da forma. A mais modesta experiência literária aponta como a felicidade de uma obra de arte a harmonia entre a forma e o fundo, elementos aliás que só podem ser claramente compreendidos pelo senso comum, como naquele exemplo do copo cheio de vinho, em que este se adapta e dá coloração ao vidro, que por sua vez o modela. A obsessão formal, exigida aos iniciantes como um passaporte para entrada no país das letras, foi sem dúvida o principal corruptor, na crise em que se debate a minha geração em sua busca de uma nova instrumentação. Pessoalmente, eu gostaria que a minha geração fosse menos disciplinada e mais vital, que houvesse nela menos senso de ordem e mais senso de aventura, que as ordens são aventuras petrificadas. Contudo, devemos dizer honestamente que não é isso o que está acontecendo. Vários exemplos de pequenas artes poéticas se apresentam à nossa curiosidade, na geração de 1945. Vemos em um a ambição mallarméana de extrair da poesia o que esta de mais demoniacamente absoluto pode ofertar aos artífices enfeitiçados pela perfeição. Em outro, vemos a transplantação peninsular realizada com uma perícia cirúrgica. E, nesse ritornelo de Bizâncio, o que nos impressiona é a insistência de horizontes particulares, de paisagens suspensas no ar, de hermetismos extravagantes e a evidência de um quase total desconhecimento no Brasil, até mesmo nos aspectos mais superficiais.

Fauna e flora particularíssimas, obsessões mediterrâneas, uma precoce e discutível preocupação metafísica que irá resvalar fatalmente para o exercício da poesia interessada e religiosa, substituindo a sua natureza de “conversa humana”, pela de prece, uma disciplina afeita aos metros curtos, uma atmosfera noturna ligada à solidão ou às misérias do indivíduo, um preciosismo orgulhosamente extraído dos clássicos, um hausto bebido nas traduções espanholas de Rainer Maria Rilke, uma preocupação desmesurada pelo que está desligado da terra e do tempo, da impureza da vida e da claridade do cotidiana, eis alguns dos elementos comuns à minha geração, nesta escala de sortilégios mal empregados.

Esta é a minha geração: uma geração desnacionalizada, sub-européia. Sejam quais forem as suas belezas particulares – e eu admito que sejam muitas, pois, historicamente, os períodos de decadência fabricam obras mais belas – isto é, muito pouco para uma geração que pretende ultrapassar a lição dos modernistas. Uma geração que se ilude com os elogios de “despojamento verbal” oferecidos pela economia dos críticos maduros não está cumprindo a verdade de sua missão, não tem coragem suficiente para desbravar novos caminhos e furtar-se à cumplicidade confortável das receitas. Esta minha afirmação não significa

que eu julgue todos os jovens enquadrados nesta perspectiva. Apenas, quis obedecer a um critério generalizante, em que os caminhos e os descaminhos predominassem sobre o assunto mais particular e fascinante das personalidades, uma vez que falar dos melhores, dos mais representativos e independentes seria deixar de falar em todos, louvar a beleza e a força dos que sintetizam e sustentam o movimento e ocupar-me muito pouco da mate montante.

Quero salientar ainda que as fraquezas e os erros aqui apontados, eu os considero em sua função generalizante, respeitando-os como valores desde que ligados a uma mensagem pessoal já autônoma. Isto é, condeno os que seguem a trilha pequena ou grande, que seus companheiros descobriram, em lugar de imitar o gesto desses apropriadores de terras de ninguém, pesquisando a sua própria trilha, enveredando pelo seu próprio caminho. Assim sendo, sou o primeiro a proclamar o que fizeram e estão fazendo pela minha geração poetas como João Cabral de Melo Neto, Bueno de Rivera, Marcos Konder Reis, Domingo Carvalho da Silva, Antônio Rangel Bandeira, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Wilson de Figueiredo, Jaques do Prado Brandão, Dantas Motta, Jorge Medauar, Geraldo Vidigal, José Tavares de Miranda, José Paulo Moreira da Fonseca, Mauro Motta, José Escobar Faria, Maria da Silva Brito e outros, e como este esforço vem sendo brilhantemente continuado pelas mais recentes mensagens de um Reynaldo Bairão, um Ciro Pimentel, um Edson Regis, um Fernando Ferreira Loanda, um Afonso Felix de Souza, um Darcy Damasceno, um André Carneiro. Mas estamos diante de nomes, de um critério que suprime a análise das fraquezas. Quero crer que essa fácil adesão de 1945 às exigências e sugestões das vozes oficiais de 1922 e 1930 tem sido a principal responsável pelo processo social de minha geração, toda ela de suplementos abertos, gratamente remunerado em rodapés.

E isso nos leva à seguinte indagação melancólica: quem sabe se desligados do critério representativo, não estamos sendo apenas os ecos dos que vieram antes, os continuadores dóceis do que apenas uma existência não pode realizar?

Tem razão portanto o sr. Tristão de Ataíde ao classificar os novos de “neo-modernistas”, uma vez que o exame de nossas atividades não conduz a outro sentido, mostrando pelo contrário aspectos comuns. É verdade que a assertiva do ilustre crítico foi efetuada em território generalizador, mas mesmo assim se pode verificar que não lhe falta razão no momento em que afirma que os novos não querem lutar nem destruir os velhos, e que estamos em busca de um mestre.

Pertencemos a um movimento que não quer realizar a sua própria revolta, a uma geração que visa continuar, dentro de novas perspectivas, históricas e sociais, uma revolução antiga. E não era isso o sonho de seus melhores, daqueles que primeiro acordaram para o espírito criador. A revista “Joaquim”, de Curitiba, trazia em seu pórtico a ousada legenda de Stendhal: “esta geração nada tem que continuar, e tem tudo que construir”. Inverteram-se os papéis; temos continuado quase tudo e pouco temos construído originalmente nosso. Temos seguido os apelos da ordem que é uma antiga revolução embalsamada pelo tempo, pela consagração da crítica e pelo progressivo respeito popular.

Creio ser chegado o momento em que devemos renunciar a uma pretensiosa atitude crítica que se pergunta incessantemente pelo que fizeram os modernistas e quais os aspectos de sua obra ainda aprofundado avaliador o que deve importar para nós: nossa luta deve ser conosco mesmos, devemos combater a nós mesmos, à nossa fome de rápidas consagrações, aos nossos desejos de ser gratificados em rodapés pela docilidade com que estamos realizando esse neo-modernismo.

Acredito que a maior parte dos ouvintes conheça aquela fábula de Jean Paulhan que bem resume o mecanismo literário. Havia na cidade de Tarbes um jardim com uma tabuleta: “É proibido entrar com flores na mão”. Este símbolo define com uma precisão diabólica o drama das novas gerações. O terror imposto à atividade artística pela revolução transformada em ordem exige que os novos entrem de mãos vazias na cidade das letras.

Trata-se, pois, de uma situação paradoxal. A moral literária, a ditadura em que se transformam as rebeliões estéticas, estabelece que as flores de seu próprio jardim bastam à cidade das letras, proibindo-se aos jovens que entrem com as suas próprias rosas. Entretanto, o que define a entrada de um jovem nesse jardim, senão a flor que ele poderia trazer na mão? O que se exige dos novos, senão a novidade, a mensagem original, o que ainda não foi dito nem foi feito!

Chegou o momento em que devemos ser os objetos de nossa própria meditação, em que o nosso instinto crítico, desviando-se dos mais velhos, veitáveis. Não é esse postu deve recair sobre nós mesmos, sobre as nossas fraquezas de chefes ou participantes de uma revolução que não foi feita.

Não me anima nenhum propósito depreciativo ao confessar de que modo vejo minha própria geração. Contudo, nenhum dos jovens verdadeiramente vivos e que não conseguiram ainda entoar a sua própria canção pode olhar com otimismo um movimento que chegou ao cúmulo de absorver até os postulados críticos dos que o precederam, exigindo de seus próprios companheiros literários não a aventura de que fala Apollinaire, mas a ordem, não a originalidade criadora, mas a obediência cega a uma receita que eles julgam ter ultrapassado. Não advogo, por outro lado, uma revolução exterior, de manifestos e combates, mas uma revolução que terá de ser feita dentro de nós mesmos. Não creio que sejam eficazes a não ser para o destino pessoal de alguns nomes as pequenas reações efetuadas. É curioso observar como a linguagem poética de minha geração não é banhada por qualquer esforço de reinvenção, como quase todos os poetas adotam o mesmo “argot” e o mesmo método de composição, ora fixando-se numa atmosfera cotidiana que de há muito deixou de ser uma observação original da realidade, para transformar-se num lugar-comum distante de seu humano e impuro horizonte, ora recorrendo aos expedientes de uma fuga bebida nas fontes da decadência e da passividade. Este é aliás um dos mais fortes característicos da maior parte do grupo chamado “novíssimos”, sensibilidades tão frágeis que parecem eternamente convidadas pela morte, refugiadas nos abrigos noturnos construídos pelos poetas do inefável e da maldição, com a sua fúria poética de conformismo, com a sua ausência de alegria, com a sua falta de generosidade e de entusiasmo.

Falta à minha geração uma atitude saudável diante da vida e do mundo. Não são valores que se abram para a vida, e sim valores que se encaminham para a anulação da morte, da morte intelectual dos refúgios particulares e das evasões herméticas. Assim se explica que os jovens escritores nacionais conheçam tão pouco a respeito do Brasil e de nosso tempo, como se se recusassem a tomar conhecimento de uma realidade apenas fechando os olhos. É uma geração sem definições desligada do sofrimento coletivo, que parece ter abolido a esperança, como se a vida fosse a multiplicação de um só instante de medo.

Bem sei que não somos nós os principais responsáveis pela nossa realidade. O mundo em que vivemos é simplesmente sinistro e opressivo, com as suas guerras, as suas filosofias desagregadoras, as suas crises, esse complexo de dramas que torna os jornais mais romanescos do que os romanos. Contudo, é possível que existe por parte dos que são jovens uma certa incapacidade de encontrar esse fio condutor da realidade, sem o qual seremos uma geração de sonâmbulos. É um mundo sinistro, mas é nele que estamos vivendo, é em sua forja que estamos nos forjando. E talvez exista ainda em nós um preconceito romântico contra o ambiente em que nos movemos, uma vez que as pessoas, conhecendo o passado pelas informações indiretas, limitadas que estão a um certo espaço e a um certo tempo, se julgam os participantes da fase mais dramática de toda a história do mundo, como se cada época fosse portadora de uma crise.

Eis por que acredito que um dos caminhos de salvação e de afirmação dos meus companheiros não está na recusa a este mundo, mas precisamente em participar dele, em sentir-se plantado no tempo formigante, procurando interpretá-lo e transfigurá-lo, iluminando-o com a obra de arte que será a justificação de nossas vidas.

Eis por que acredito que a poesia, sendo um método de conhecimento do homem e do mundo, de interpretação da realidade, é também uma lição de esperança.

Desejo acentuar ainda que pertencemos a uma geração marcada pelo conhecimento do mundo, decorrente não só do fato de o Brasil pela primeira vez ter participado de um conflito bélico universal, mas principalmente da circunstância de vivermos hoje em um mundo que se debate entre dois caminhos políticos irreconciliáveis que talvez sejam o embrião de um futuro mais de acordo com a medida do homem.

Nesse panorama histórico, sinto minha geração voltada para a contemplação de seus demônios personalíssimos e de suas paixões, incapaz de construir sua própria esperança. E é muito pouco ser uma geração de suicidas frustrados e de sonâmbulos.

Se me perguntassem qual o maior pecado da minha geração, eu responderia: o pecado do orgulho, o inumano comportamento dos que se restringem a contemplar sem que se animem a empregar as suas forças, o medo de intervir, de influir e tentar transformar.

Confesso que vejo com um certo receio o comportamento quase total de uma geração que aos vinte anos, se propõe a conquistar o Absoluto, ignorando talvez que uma conquistista, isto é, uma ambição, impõe uma técnica capaz de apreendê-la e justificá-la.

E é preciso acentuar que, para o poeta, a Poesia deve ser uma viagem de ida e volta. Ele vai sozinho e, ao voltar, comunica. Isto porque não é o Absoluto o que importa – é a comunicação, é o Canto, este canto de águas primeiras que é a poesia, devolvida à sua finalidade essencial de ser a realidade da arte dentro da realidade maior da vida. Não quero com isso negar as categorias religiosas, filosóficas, políticas, sociais, econômicas e até mesmo partidárias ou as peregrinas normas estéticas que possam iluminar uma determinada poesia – quero apenas salientar que poesia não é metafísica, nem religião, nem qualquer outra coisa que não seja essa bela palavra, chamada Poesia. E direi ainda mais que a totalidade da Poesia não é também esse esforço desesperado, enfaticamente chamado de Poesia pura. Isto porque poesia pura não existe – quando muito é uma invenção dos críticos. E mesmo se fosse possível alcançá-la, essa ambiciosa Poesia pura já não seria poesia, mas o vazio de uma presença cujos elementos tivessem sido sacrificados pelo orgulho.

Há em quase todos os moços de 1945 algumas constantes negativas já consagradas: o narcisismo, o desespero de ter chegado tarde a um mundo tão caduco, a fidelidade intelectual a um passado que eles não conheceram, uma perversão psicológica que os leva a não acreditar nas revoluções, sejam políticas ou literárias, uma passividade diante dos testemunhos exteriores da vida, uma fome de disciplina, uma atração perturbadora pelo misticismo inconseqüente e acomodaticio e pelas filosofias do nada e da morte, uma vocação aristocrática para apreciar na literatura, apenas a obra dos perfumistas e não o exemplo mais simpático dos jardineiros, que conhecem o capricho da terra e as possibilidades das plantas e das flores.

Uma geração assim, marcada pela repulsa ou descrença no humano, é claro que só poderia ter esta atitude. Uma geração que não acredita em nenhuma possibilidade de mudança, que não crê nas suas energias e no seu devotamento, não poderia ser outra coisa senão este comício de sonâmbulos, estes anjos que publicam livros de versos.

Por isto, julgo ser chegada a hora em que a nova geração brasileira tão dotada para o exercício da poesia, mas tão passivamente escravizado pelo seu frio esplendor, deve tomar consciência de suas forças e de suas fraquezas, reinventar-se se for possível, mudar-se a si mesmo. O que faz uma geração não são apenas seus poetas, seus romancistas, seus ensaístas, mas aquele conjunto humano ligado pelo compromisso da juventude, pelas marcas do tempo.

Aliás, um dos característicos mais fortes da vocação inumana dos moços de 1945 é sua adesão quase total ao gênero poético, revelando por outro lado uma certa repulsa pelo romance, gênero mais social e de maior sentido humano e comunicativo, e que dispensa a instalação de uma linguagem particular dentro de uma linguagem coletiva. Mesmo as exceções confirmam a regra. Clarice Lispector, talvez o caso mais importante do novo romance brasileiro, quer em

“Perto do Coração Selvagem”, “O Lustre” ou “A Cidade Sitiada” insiste em sua tão personalíssima maneira, de partir das palavras, como os poetas, e não dos assuntos, como os romancistas, cingindo-se ao mágico e ao feérico, aderindo francamente ao domínio da poesia tornada um método de explicação das coisas, em lugar de conceder ao gênero de sua vocação a sua histórica e racional independência.

Precisamos dar um sentido a nós mesmos, precisamos realizar uma revolução em nossa sensibilidade. O sentido que me refiro é o retorno à nossa própria casa, à nossa terra, à nossa família, ao nosso tronco comum. Estamos diante do jardim de Tarbes de que fala Paulham, e entramos de mãos vazias. Em nossas mãos, falta alguma coisa, falta uma pedra para construir uma casa, falta uma flor.

Que minha geração, disposta como está a dar um novo rumo à literatura brasileira, examine-se a si mesma, lute contra as facilidades que lhe oferecem, renuncie ao conforto dos continuadores e as delícias pessoais do escapismo, imponha as suas leis na cidade da poesia ou dos homens, junte ao existente a coragem de uma nova estética.

Não sou contra a minha geração, mas me recuso a aceitá-la como está em seu “neo-modernismo”, moderador, em suas coalizões e arranjos, em sua improdutiva atitude de anunciar uma rebelião que não foi feita.

Segundo os críticos, temos feito coisas de boa qualidade. Chegou o momento de fazermos coisas ruins, inaceitáveis, mercadorias que ninguém gostará de adquirir, pois as suas qualidades serão ignoradas. Chegou o tempo em que devemos libertar-nos do terror do medo de tentar a novidade, de criar a nossa própria expressão. Quero com isto dizer que é a criação que impõe suas leis; dela é que nasce a estética a que a crítica confere uma luz normativa.

Abrindo a esta palestra as comportas da evocação, poderei confessar-vos que, quando criança, nenhuma história me entristeceu mais do que a do rei Midas, o soberano ambicioso que, desejando ser o homem mais rico do mundo, conseguiu que os deuses lhe concedessem o poder de transformar em ouro tudo o que sua mão tocasse. E assim todas as coisas foram mudadas em ouro: uma árvore, um corpo feminino, um alimento. E o desgraçado rei Midas, que queria ser o homem mais rico do universo, se viu, pelo seu orgulho, reduzido à contingência de ser o mais pobre, pois a transfiguração não era mais um sinal de sua grandeza mas um testemunho de sua miséria.

Ao meditar no comportamento e nos sonhos da geração a que pertencço, ocorreu-me o exemplo do rei Midas. Alguém poderá argumentar-me, baseado no verso famoso, que a missão do poeta consiste em transformar a lama em ouro. Nem toda a lama, asseguro-vos.

Por isso, eu vos peço uma flor. E esta flor existe, basta-nos procurá-la em nós mesmos ou ao redor de nós para que ela apareça, bela e úmida, resumo da terra e do tempo, grito e figura de uma manhã, testemunho da vida que corre como os rios.

Quero uma flor, que os orgulhosos, os insensíveis e os paralisados não podem encontrar. E advirto os meus companheiros: cuidado com essa flor. Se

vocês se dirigirem ao encontro dela com a ambição do rei Midas, essa flor corre o risco de transformar-se em uma rosa de prata. É neste sentido que agradeço à organização da linguagem a existência de um lugar-comum chamado “a espada de Damocles”. Há realmente uma espada de Damocles sobre as nossas cabeças e ela é evidente como um lugar-comum.

Peço-vos, portanto, o que só se pede aos jovens; peço-vos pois o que só ousamos pedir a nós mesmos: uma aventura do espírito, uma aventura do nosso espírito onde projetamos a totalidade de nossas existências, desligadas de nós e transfiguradas nas obras de arte, nessas segundas vidas menos transitórias. Que cada um de nós se comprometa a realizar a sua própria aventura, buscando-se em si mesmo, descobrindo-se, aprendendo-se. É na solidão que nos conhecemos; é na meditação que nos elucidamos; em nosso próprio nome, em nome dos que nos precederam e dos que virão depois realizemos essa aventura da descoberta, porque aqui estamos para criar. Ou melhor, estamos aqui para dar nome às coisas. Pouco importa que outros, antes de nós, já as tenham nomeado – esqueçamos esta circunstância, e tentemos mais uma vez a milenar tarefa, esquecendo o que existe para fazer de novo, acrescentando o inédito ao antigo, e entoando o que poderá nascer de nós como as vagas nascem do mar: uma nova canção, nossa palavra e nossa música reunidas para mais uma vez conduzir a vida além de si mesma, transplantando-a para a realidade independente da arte, para esse domínio onde tudo é verdadeiro porque tudo é criação.

### 13 *TERRA IMATURA* (REVISTA):

Ai, palavras, ai palavras,  
que estranha potência, a vossa!  
Ai, palavras, ai palavras,  
sois de vento, ides no vento,  
no vento que não retorna,  
e, em tão rápida existência,  
tudo se forma e transforma!

(Cecília Meireles)

#### 13.1 *Espécie de Editorial de Terra Imatura*<sup>166</sup>

maio de 1938

A nossa revista iniciou a sua vida como Revista do estudante. Agora o nosso mensário aparece trazendo como seu, o nome consagrado do livro de Alberto Ladislau. “Revista do Estudante” foi a vontade de lutar: *TERRA IMATURA* é a peleja por um Brasil mais nosso, por uma Amazônia mais ajudada. A mudança se fez porque o espírito da mocidade quis prestar uma homenagem reconhecida à memória daquele que em vida, entre lágrimas e soluços, cantou os mistérios da Terra Imatura, tornando-se o poeta encantado da Planície.

Quem ama com carinho esta terra, conhece a alma de Ladislau transformada em páginas sublimes - a joia preciosa do seu espírito – *TERRA IMATURA*.

*TERRA IMATURA* é a Terra verde de Eneida. O verde esperança. A esperança é a mocidade. A mocidade é o Brasil. Por isso *TERRA IMATURA*, surgindo entre a promessa e a juventude, tem que ser com a ajuda de Deus, a revista do Brasil.

Para isso é preciso que os estudantes da Amazônia, cerrando fileiras ao nosso lado, com ouvidos à inveja e à crítica despeitada das mentalidades de almanaque, seguindo o ensinamento dos mestres e dos bons, mostrem que a sua vontade de vitória deve crescer, subir ir à luz, para tornar-se uma realidade brasileira.

*TERRA IMATURA*, aparecendo, surgindo rutilante como o sol nas manhãs caboclas do inferno verde de Rangel, principia a cantar o hino mavioso que cantaremos sempre a grandeza sentimental da Amazônia – a esmeralda que o Brasil deve guardar com fé, no anel grandioso do seu orgulho.

---

<sup>166</sup> Espécie de editorial da revista. *Terra Imatura*, nº 2. Belém, mai. 1938, s/n. O Diretor da revista é Cléo Bernardo.

Que Alfredo Ladislau lá do céu olhe com amor a nossa iniciativa e peça a Cristo para derramar sobre a TERRA IMATURA, sua e nossa, uma benção de vida para que não morra nunca, nunca mais, pois assim ela será a realização de tantos sonhos belos como a vitória régia – símbolo de beleza para nós que exaltamos a vida, vivendo no “reino das mulheres sem lei” – o paraíso verde das Icamíabas.

### **13.2 Terra Imatura: *Poemas de Poetas Autodenominados Modernos***

#### **CADERNOS TERRA IMATURA 2<sup>167</sup>**

Poetas modernos da Amazônia

Adalcinda, Dulcinéia Paraense, Miriam Moraes, Bruno de Menezes, Carlos Eduardo, Cléo Bernardo, Paulo Plínio Abreu, Ruy Guilherme Barata

#### **Explicação Inútil**

Dentro, sombras  
Fora, sombras, também, se davam  
    como corpos ansiosos por carinho.  
A mulher sem amor tinha os olhos molhados,  
    tinha os braços jogados, sem destino...

Subiram beijos subterrâneos, frios...  
Subiu a mão do instinto, atrevida e ligeira,  
    dançando sobre o perigo...  
Choraram crianças, morrendo, nos ventres vendidos.  
Abriram-se bocas no fundo dos mares...  
Prostituíram-se virgens católicas,  
mulheres casadas tiveram amantes,  
meninas aprenderam segredos de alcova.  
E mudaram-se pedras, e destruíram-se templos,  
estátuas falaram nas praças desertas,

---

<sup>167</sup> Poetas Modernos da Amazônia. **Terra Imatura**. Belém, Ano 3, n. 13. Cadernos Terra Imatura 2 s/p. Antologia de poemas publicada na revista **Terra Imatura** com os seguintes poetas autodenominados de modernos; Adalcinda, Dulcinéia Paraense, Miriam Moraes, Bruno de Menezes, Carlos Eduardo, Cléo Bernardo, Paulo Plínio Abreu, Ruy Guilherme Barata, ao final da antologia existe a seguinte nota: “entre os poetas modernos da Amazônia, devido a pressa, faltam dois grandes nomes: Nunes Pereira e Dalcídio Jurandir.

os mundos vieram e foram, sem Deus,  
e a vida sorriu para os mundos futuros!

Dentro, sombras.  
Fora, sombras continuavam,  
Algumas trêmulas, algumas pesadas, algumas intactas.  
E a mulher sem amor,  
sentido a vida lhe apalpar os nervos  
e lhe acariciar como o homem que havia de vir,  
pôs a cabeça quieta entre as mãos torturadas...  
E esperou

(Adalcinda)

### **Página Inútil**

Tudo é limite na paisagem:  
a luz dos olhos, bruxoleando,  
se apagando, na consunção da chama interior.

Nada é limite, na penumbra:  
sexo que perde o seu destino, cada dia,  
na decomposição da carne que o abutre ronda,  
dentro da noite enorme...

Tudo é contraste, no silêncio:  
pelos telhados, escorrendo, a claridade  
penetra, apenas, para o efeito-luz e sombra do cenário.

Nada é contraste, sobre a vida:  
criminoso abandono ensinado, na infância,  
religiosidade inútil, decorada...

Dentro do mundo,  
fora do mundo,  
DEUS, no mistério que ninguém penetra,

(Dulcinéia Paraense)

### **Dispersão**

Amei muitos homens,  
muitos, infinitos.  
De todas as terras longínquas  
vieram homens

para o meu amor.  
Cada um deles  
levou parcela  
de minha alma.  
E sulcaram minha vida de dúvidas.  
Uns pregavam o perdão  
e eram profetas  
de novas religiões.  
Outros, de mãos iconoclastas,  
semeavam o gérmen  
da perpétua destruição.  
Jesus, Nietzsche,  
todos vós que numa ideia,  
num pensamento,  
numa atitude  
me possuístes,  
todos vós roubasteis  
as emoções virgens  
que eu guardava intactas  
para o homem vivo  
que procurasse minha boca.  
O homem de mãos frementes,  
lábios vibrantes,  
o homem que já encontrou  
minha carne quase morta,  
e nela o sulco  
dos vossos beijos mortos.

(Miriam Morais)

### **FICOU TUDO NA PAISAGEM..**

Meus olhos cansados de paisagens  
são hoje do homem que a terra não quer.  
Boiunas e botos, cavalos marinhos,  
o grande mistério do mundo imaturo  
não valem o homem que a selva assombrou.

As águas barrentas,  
os bichos com medo das cobras possantes,  
as garças cismando à beira dos mangues,  
as flores dos lagos, orquídeas da mata,  
não servem ao homem que a febre acabou.

Ficou na paisagem o nosso passado,  
o tempo perdido com tanto rimário  
louvando Amazonas e muiraquitãs...

Agora que o tempo da inércia vai longe,  
voltemos ao homem escravo da terra,  
que espera o futuro mas não despertou!

(Bruno de Menezes)

### **A (*Sic*) QUE EU SINTO MISTERIOSAMENTE**

Um dia volverás.  
O meu destino ficará brando  
como o vento da tarde.  
O que era escuro e denso nevoeiro  
será límpido e claro.  
Alongarei o meu olhar  
e te sentirás nele.  
Tu a que estavas encantada  
e que eu sentia misteriosamente  
no tempo, ficarás no meu íntimo  
e serás como o meu próprio coração.

(Carlos Eduardo)

### **Ausência**

A minha voz será um grito distante

A minha angústia se confundirá  
com as chuvas e as terras alagadas.

O meu corpo receberá o sol das manhãs  
como a terra úmida.

A minha memória será sem fim  
E não terá silêncio o meu rumor.  
Tudo viverá dentro de mim  
por esse momento ausente que eu procuro...

(Cléo Bernardo)

## **A aventura**

Eu te encontrei  
como quem atravessa um corredor longo e de janelas fechadas,  
como quem vem para a manhã trazendo ainda o sono enfermo das madrugadas.

Eu te encontrei  
como quem saiu da noite e foi descalço até o mar para brincar nas pedras.

Como quem sob a chuva saiu para apanhar as açucenas,  
e dormiu nas grandes folhas úmidas das árvores,  
ou como quem, perdido nos caminhos de súbito encontrou o mar.

(Paulo Plínio Abreu)

## **Invocação**

Senhor! Eu queria descer dos teus olhos cansados  
como as inocentes chuvas de verão.  
Descer suavemente como os silêncios interiores,  
como os cânticos de igreja,  
como o esquecimento das tuas palavras.

Senhor! Eu queria ter o destino das sombras  
que se perderam dentro da noite.  
Queria ser o lado esquerdo do teu gesto,  
o que segrega os ódios inconfessáveis,  
o que implanta os castigos inconscientes.  
Queria ser como as coisas obscuras  
que esqueceram as suas próprias formas,  
que se diluíram nos últimos sentidos.

Queria ser, Senhor! O homem incansável  
de olhos parados e de mãos estendidas  
na solidão sem fé dos santuários.  
Me alongar pelos espaços sem termo,  
pelos caminhos impossíveis,  
compartilhando de todas as ânsias  
e vivendo de todos os destinos.

Senhor! Eu queria morrer na derradeira noite  
com a derradeira estrela  
nos céus pálidos e indecisos.

Morrer, quando as águas descerem,  
Quando os espaços estiverem abetos  
Para os que te imploram amor inutilmente.  
Quando houver luz para os que estão cegos,  
Quando houver pão para os que estão mudos.

(Ruy Guilherme Barata)

Entre os poetas modernos da Amazônia, devido a pressa, faltam dois grandes nomes: Nunes Pereira e Dalcídio Jurandir.



## 14 BELÉM NOVA (REVISTA): MANIFESTOS

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo  
Não florescem no inverno os arvoredos,  
Nem pela primavera  
Têm branco frio os campos.

(Fernando Pessoa)

### 14.1 - 1º Manifesto da Beleza, de Francisco Galvão<sup>168</sup>

30 de setembro de 1923

Francisco Galvão, festejado autor de *Vitória régia*, vibrando num entusiasmo de renovação da beleza estética, escreveu o brilhante manifesto, que estampamos [nesta coluna].

Nós estamos no instante da Beleza  
Botaram por terra os falsos ídolos

Nós não consentimos mais no assalto vandálico dos bárbaros – os que procuravam mentir à Arte, encarcerando-a nos muros estreitos da Forma.

A arte venceu o artifício

Todo aquele que atraiçoar a beleza será castigado pela sua infâmia criminosa.

Porque nós sabemos afastar o joio do trigo, o ouro da prata, o alumínio do cobre, a platina do estanho.

Os “ourives” do verbo passaram.

A Arte não admite cerceamento.

Anseia e quer Liberdade.

Uma ideia não pode estar presa nos catorze versos de um soneto parnasiano.

Não.

Nem na simetria paralela de rimas raras e ricas, como apregoam os bufarinheiros do artifício.

Não e não.

Nós compreendemos a grandeza da nossa missão.

O Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a democracia como forma de governo.

---

<sup>168</sup> GALVÃO, Francisco. **Belém Nova**, Nº. 2, 30 set. 1923, s/n.

Mas a Literatura estava entregue ao contrabando criminoso dos “pivetes” nacionais.

Copiava-se Bourget, imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas.

Todo mundo plagiava.

Todo.

A poesia é a mesma da França!

Vinha-nos de Paris, diretamente.

De Castro Alves e Alberto de Oliveira.

Do condoreirismo inquieto das “espumas flutuantes” ao parnasianismo régio, engomado das “meridionais”

Estamos no instante luminoso da beleza.

Chegou o momento da Liberdade!

Nós estamos fazendo a Arte verdadeira, a Arte-Arte,.

Não copiamos e não plagiamos

Guerra de morte aos pastranos, aos nulos de toda espécie

Nós estamos realizando a Arte Legítima

São Paulo está com as nossas ideias.

“Klaxon” é um grito de revolta na amplidão

Graça Aranha, na Academia, como Augusto Lima, estão vibrando com a Mocidade.

Renovação!

Nós temos ao nosso lado a inteligência luminosa de Ronald de Carvalho, a operosidade brilhante de Almachio Dinis, a encantadora erudição de Renato de Almeida.

Renovação!

Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Afonso Schmidt e outros, vibram ao nosso lado.

Renovação!

Ângelus, di Cavalcanti, Correia Dias, Cunha Barros, Paim, Brecheret, na pintura e na escultura, estão sob a nossa bandeira.

Renovação!

Na música, possuímos Villa-Lobos.

Renovação

Paulo Torres, Carlos Fontes, Oswaldo Orico, Onestaldo Penafort, Jarbas Andrea, Olegário Mariano, Zoláquio Dinis, Carlos Drummond, Sérgio Buarque de Holanda, Teixeira soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão vibrando em nome da Arte Nova!

Renovação!

Guerra sem trégua aos imitadores!

A arte venceu o artifício.

Renovação!

A Beleza, para sempre a Beleza, a embriaguez deliciosa da Beleza.

Nós somos a força e a renovação do Brasil, do Brasil que aspira e quer a vitória da Beleza.

Meus irmãos de arte, ovelhas pacientes que vos apascentais ainda nos rebanhos,  
pelas planuras áridas do parnasianismo, desgarrai-vos em nome da beleza.

Vinde ter ao nosso chamado

Porque nós estamos fazendo a grande obra de criação de uma arte puramente  
nossa, verdadeiramente nacional, dentro dos limites da Beleza.

Renovação!

Renovação!

Renovação!

Numa tarde cheia de sol, em setembro de 1923.



## 14. 2 - 2º À Geração que Surge, de Abguar Bastos<sup>169</sup>

10 de novembro de 1923

Mocidade:

É chegada para o Norte brasileiro a hora extraordinária de seu levantamento.

Ergamo-nos!

Seja o Pará o baluarte da liberdade nortista!

Cangloremos trompas de ouro para o rebate da Ressurreição!

Congloremos!

O Sul, propositadamente, se esquece de nós.

A Literatura equatorial é uma história de mitologia que se anda a contar nos corredores da Academia Brasileira.

O Norte tem poder, tem força, Tem filhos guerreiros e filhos altruístas!

O Norte tem os seus gênios, os seus estetas, os seus cientistas, os seus filósofos!

O Norte é dinâmica! É temperamento! É vibração! É intelectualidade!

Ergamo-nos!

Criemos a Academia Brasileira do Norte!

Façamos os nossos imortais; coroemos os nossos príncipes de Arte; estabeleçamos concorrências; analisemos valores!

Publiquem-se livros! Movimentemos as estantes.

Que Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do norte, Paraíba, Ceará, Maranhão e Amazonas, se unam, se fraternizem para o apoio da nossa renascença!

Que o intercâmbio entre esses Estados seja um fato nacional!

Mocidade!

Tendes uma Academia de Direito, uma Academia onde o talento fez o seu lar!

Que essa academia seja a torre de marfim do nosso princípio de solidificação!

Os mestres serão Palinuros!

Os mestres serão os Sacerdotes!

Os mestres serão os Medicis!

O Norte precisa ser brasileiro!

Unamo-nos.

A união faz a Força!

Força faz a vontade!

A vontade é o predomínio!

Libertemo-nos! Mostremos aos anêmicos de iniciativa, de patriotismo, de atividade, que o Norte pode ter a sua Literatura!

Criemos Academia Brasileira do Norte.

Sagremos e imortalizemos!

Façamos concursos interestaduais.

Movimentemos as livrarias!

---

<sup>169</sup> BASTOS, ABGUAR. **Belém Nova**, Nº. 5, 10 nov. 1923, s/n.

Movimentemos os Cenáculos!

Cada Estado mostrará para a curiosidade de seus filhos, a efígie de seus patronos.

Bahia mostrará Rui Barbosa!

Pernambuco mostrará Joaquim Nabuco!

Ceará mostrará José de Alencar!

Maranhão Gonçalves Dias.

Pará é Amazonas irmãos siameses, mostrarão, maravilhados e grandes, a História coletiva de seus Homens, homens de letras, homens de combate, homens de gênio!

Reunamo-nos. Movimentem-se as sociedades, as escolas, as academias!

Exportemos as obras dos estados do Norte. Exportemos!

Finquemos as bases da nova babilônia. A Academia será a nova Semíramis!

Batalharemos! Sejamos japoneses no patriotismo!

### **Façamos a Literatura do Norte**

As academias do Norte!

As edições do Norte!

O Intercâmbio do Norte!

Mocidade:

Amazonas é nosso! Maranhão é Nosso! Pernambuco é Nosso!

São nossos com os nossos Ideais!

Levantemo-nos.

### 14. 3 - 3º Manifesto aos Intelectuais Paraense (FLAMI-N'-ASSÚ) Abguar Bastos<sup>170</sup>

15 de setembro de 1927

Não é um apelo de audácia nem de reclamo. É um apelo de necessidade de independência.

Como há dois anos atrás, recorro ao meu dundunar de sapopema oriunda – porque eu vos falo da ponta dum **planalto amazônico**<sup>171</sup>, entre selva, uiaras e estrelas.

Sapopema é o clamor do viajero que se perdeu nas matas e apela; não é só isto, pode ser, também, o símbolo da voz da mocidade que teve comigo idêntica maqueira d'ouro para um sonho extraordinário de liberdade literária.

Ride, ó vós que não atinardes com as minhas palavras, ride-vos, a socapa escondidos nos cipós de intriga como curupiras de casaca a assoviar feitiços atas das encruzilhadas. Ride.

Eu terei a serenidade dos morubixabas heroicos e sorrirei, também, de vossa agonia em me não compreender.

OUVI

Primeiramente vós, poetas e prosadores divinos da minha geração, depois de vós, prosadores e poetas, apalejados à sombra das vossas tabas primitivas e que estais a ver, espetados em paus sagrados, os despojos, as glórias, as caveiras – das vossas escaladas às cordilheiras da Ilusão.

Aqueles a minha voz vai confiada. A estes ela se intimida. Não que os receie no choque, mas, de fato, porque eles não procurarão, sem esforços dolorosos, metê-las em suas sacolas de arte.

Assunto-vos agora o meu propósito de uma corrente de pensamento, cara a cara à que se inicia no Sul com esta pele genuína: “Pau-Brasil”.

Ouçó, rascantes, os agudos de serrotão das gargalhadas puristas. E oponho-lhes, seguro, esta verdade: **nem um** dos garimpeiros desse bando, correu à briga, sem ter uma bagagem de vulto onde toda a gente meteu a mão e trouxe pepitas faiscantes. Eles correram, escoteiros, todas as escolas, acordando, maravilhosos, o ritmo do universo, com a mais intuitiva segurança. E venceram. E glorificaram-se E entenderam, por fim, que nem uma delas era verdadeira para o espírito nacional.

Rasgaram, pois, as redes do passadismo e deixaram passar a piracema da mais alta expressão da independência emocional.

Houve balbúrdia, como em chifrin de tosca, à-toa, mirabolante até, num grande revoar de papagaios arrepiados, papagaios teratológicos, porque tinham dentes de ouro no bico e poleiros de jacarandá.

Apesar disso, noto, inflexível, que o repiquete ‘pau-brasil’ ainda não é o próprio volume da nacionalidade.

<sup>170</sup> BASTOS, ABGUAR. **Belém Nova**, Nº. 74, 15 set. 1927, s/n.

<sup>171</sup> Grifos da autora da tese.

Daí a minha ideia com um título incisivo – FLAMI-N’- ASSU. É a grande chama, indo-latina, daquilo em que eu penso poderem apoiar-se as gerações presentes e porvindouras.

FLAMI-N’- ASSU é mais sincera porque exclui, completamente, qualquer vestígio transoceânico; porque textualiza a índole nacional; prevê as suas transformações étnicas; exalta a flora e a fauna exclusivas ou adaptáveis do país, combate os termos que não externem sintomas brasílicos, substituindo o cristal pela **água**, o aço pelo **acapu**, o tapete pela **esteira**, o escarlate pelo **açaí**, a taça pela **cuia**, o dardo pela **flecha**, o leopardo pela **onça**, a neve pelo **algodão**, o veludo pela **pluma de garças e sumaúma**, a “flor de lótus” pelo “**amor dos homens**”. Arranca, dos **rios**, as maravilhas etiológicas; exclui o tédio e dá o **tacape**<sup>172</sup>, na testa do romantismo, virtualiza o Amor, a Beleza, a Força, a Alegria e os herpes das planícies e dos sertões, e as guerras de independência, canta ruidosa os nossos usos e costumes, dando-lhes uma feição de elegância curiosa.

E, assim, FLAMI-N’-ASSU marchará, selvas a dentro, montanhas acima, conservadora patriótica, verde-amarela<sup>173</sup>.

FLAMI-N’- ASSU não é um estorvo aos grandes chafariz da civilização. Não! Ela admite as transformações evolutivas. O seu fim especialíssimo e intransigente é dar um calço de legenda à grandeza natural do Brasil, do seu povo, das suas possibilidades, da sua história.

Entrego aos meus irmãos de Arte o êxito desta iniciativa, lembrando que o Norte precisa eufonizar na amplidão a sua voz poderosa.

---

<sup>172</sup> Grifos da autora da Tese.

<sup>173</sup> **Belém Nova**, nº. 74, 15 set.1927, s/n. O tom nacionalista e conservador de Abguar Bastos está explícito nas expressões “*conservadora patriótica*” e “*verde-amarela*”.

## 15 TEXTOS DIVERSOS DE AUTORES DO PARÁ E DE OUTRAS PARTES DO BRASIL

### 15.1 - FLUSSER, Vilém<sup>174</sup>. “Benedito Nunes, *O mundo de Clarice Lispector*, Edições Governo do Estado do Amazonas 1966, 77 pags”

25 de junho de 1966

A leitura do pequeno ensaio epigrafado causa um choque. A presente resenha pretende comunicar esse choque aos leitores. Trata-se de uma análise de quatro trabalhos de Clarice Lispector: “Perto do Coração Selvagem”, “Laços de Família”, “A Maçã no Escuro” e “A Paixão segundo G.H.”. Os capítulos que estruturam o ensaio dão uma ideia do enfoque. São estas “A Náusea”, Experiência mística de G. H.”, “A existência absurda” e “Linguagem e Silêncio”. A tese que o autor defende é esta:

A análise existencial da náusea empreendida por Heidegger e Sartre peca por falta de radicalidade. Para estes analisadores é a náusea “o modo absurdo de repetir a fascinação do Absurdo que torna o mundo insuportável e repelente”. Para Clarice Lispector (muito mais radical) é a náusea o “início de um roteiro de experiência mística (sumamente heterodoxa por certo), que culmina no êxtase do Absoluto idêntico ao Nada, e termina reticentemente pela desistência da compreensão e da linguagem, o que vem a ser uma forma de consagrar e divinizar o Silêncio”. Temos, em Clarice Lispector, uma voz que penetra pela análise existencial e fenomenológica de determinadas situações nojentas até o reino do indizível.

O autor demonstra a sua tese amplamente, recorrendo a passagens das quatro obras citadas. Creio que convence. Mas o que importa, a meu ver, é ter ele articulado a tese. É a própria tese que choca e emociona. Lança mais uma ponte entre o pensamento existencial e formalístico, ao demonstrar que ambos se encontram e fundem (*sic*), quando suficientemente prolongados. Aparentemente há um abismo que separa Sartre de Wittgenstein, que separa a análise da vivência da análise de sentenças. Mas uma radicalidade suficiente transpõe o abismo. Porque a sentença é a estrutura que se lança, debalde, sobre a vivência para captá-la. Se me limito à análise da vivência, falho, porque sou forçado a recorrer a sentenças inadequadas. Se me limito à análise das sentenças, falho, porque a vivência me escapa. Mas se verifico, nas palavras de Clarice Lispector, que “a linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias.”, se verifico isto, encontro o que há no além da

---

<sup>174</sup> FLUSSER, Vilém. Literatura – Benedito Nunes, *O mundo de Clarice Lispector*, Edições Governo do Estado do Amazonas 1966, 77 pags. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 jun. 1966. Suplemento Literário.

vivência e da sentença. Verifico, nas palavras de Clarice Lispector, que “só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu”.

Benedito Nunes diz, com efeito, que a derrota da vivência pela náusea e do pensamento pela análise é a abertura para o indizível. Que se trata de dois métodos negativos que, ao se encontrarem, tornam-se positivos. Que há atualmente, uma religiosidade duplamente negativa. E que essa dupla negação, tanto do mundo da vivência como do mundo do pensamento, resulta numa visão que se assemelha à união mística do Oriente e Ocidente.

O presente ensaio é uma contribuição para a temática fundamental da nossa cultura. Procura superar o impasse no qual se encontra atualmente o Ocidente, ao procurar combater simultaneamente o intelectualismo e anti-intelectualismo que nos caracterizam. É prova da maturidade e da universalidade do pensamento brasileiro. Tanto Clarice Lispector quanto Benedito Nunes participam significativamente da conversação geral que se desenvolve no Ocidente. Merece o presente ensaio não apenas uma distribuição ampla no Brasil, mas também traduções para outras línguas. Deve ser respondido pelas múltiplas sugestões e provocações que lança. A contracapa de livro informa que “este livro é uma contribuição à cultura regional da Amazônia”. Será ironia?

## 15.2 Prefácio de Brício de Abreu (1941) com artigo de Dalcídio Jurandir (1940), ambos publicados na 1ª edição de *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir<sup>175</sup>

### Prefácio

Sou contra o chamado ‘prefácio’ principalmente quando tem o ar de querer nos impingir, apadrinhar ou apresentar um escritor. É uma das formas ignóbeis do ‘pistolão’. Não conheço nenhum livro que vencesse por causa do prefácio... em compensação conheço prefácios que ‘ficaram’, sem que ninguém se lembre mais da obra que eles, ‘soit-disant’ apresentavam. Se todos aqueles que publicaram livros com prefácios de homens celebres tivessem, só por isso, vencido, o mundo estaria cheio de grandes autores. O valor real, a meu ver, não precisa de apresentações. Pode precisar de quem o ajude a aparecer, mas o prefácio de um livro não ajuda a nada, nem a aparecer, nem a coisa alguma. Um prefácio explicativo, do próprio autor, é o único admissível. Fora isso, o resto é baboseira, perda de tempo e xaropada, porque só os ingênuos leem livros por causa do prefácio. Por isso, quando Arturo Vecchi, esse simpático editor, que vem se esforçando com verdadeiros sacrifícios materiais, em apresentar ao nosso público uma série de autores novos, me falou em prefaciá-lo, recusei. Recusei porque acho que Dalcídio não precisa de quem o apresente – a sua obra fá-lo-á melhor que ninguém, - e depois, se sou contra o prefácio de homens célebres, com muito mais razão o seria com relação a um meu, simples jornalista e autor de teatro, sem nenhuma das qualidades que, estupidamente, se pede ao homem que se presta a isso. Mas Vecchi apresentou-me várias razões que me obrigaram a escrever esta ‘nota explicativa’. “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” obtivera o 1º prêmio em um concurso de romances organizado por “Dom Casmurro”, que dirijo. O concurso havia sido disputadíssimo, faladíssimo, encarecidíssimo, quando da decisão do júri, tendo eu, como seu presidente, resolvido o impasse pelo “voto de minerva”. Doutra parte, entre o período dessa decisão do júri e a publicação do livro, passara já um ano. Isso tudo merecia um esclarecimento uma explicação ao público. Os argumentos convenceram-me e eis aqui o motivo desta simples nota.

\*\*\*

O concurso realizou-se dentro da maior honestidade e ordem. A melhor explicação que posso dar é a ata que se fez do julgamento, publicada em “Dom Casmurro” de 1940 e que é a seguinte:

“Aos vinte e quatro dias do mês de julho de mil novecentos e quarenta, reuniu-se na redação de DOM CASMURRO, à rua Evaristo da Veiga, 16, 1º andar, às 21 horas, a comissão julgadora do Concurso de Romances, instituído por este jornal em combinação com Vecchi-Editor, desta capital. O motivo da reunião prendia-se ao julgamento final dos originais inscritos, que se apresentaram em

---

<sup>175</sup> ABREU, Brício de. Prefácio e artigo de JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi LTDA, 1941.

número de quatro (4), como finalistas às decisões do júri, e que se intitulavam: “Chove nos campos de Cachoeira”, “Ciranda”, “Estrela do Pastor” e “Marinatambalo”.

“Os trabalhos tiveram início precisamente às 21 horas, com a presença dos Srs. Brício de Abreu, presidente do júri; Alvaro Moreyra, por “Dom Casmurro”, Eugênia Alvaro Moreyra, por delegação de Oswald de Andrade; Omer Mont’Alegre, como intelectual e representante de Vecchi-Editor; assistidos por Danilo Bastos, secretário do concurso.

“Tomando a palavra, o Sr. Brício de Abreu expõe que a Sra. Raquel de Queiroz achava-se impossibilitada de comparecer à reunião, por se encontrar enferma, mas que havia comunicado que todos os romances estavam com “notas” consignadas por ela, a sua ausência não prejudicaria a marcha dos trabalhos. Comunicou ainda o Sr. Brício de Abreu que o senhor Wilson de A. Lousada ficara de comparecer à reunião, não o tendo feito até àquela hora, mas que também todos os romances estavam com “notas” por ele dadas. Em seguida pede, afim de esclarecer os debates, proceda o Sr. Secretário à leitura das notas conseguidas pelos quatro finalistas e se faça a adição. Aprovada a proposta e feita a soma, verificou-se o seguinte resultado:

“Marinatambalo, 32 pontos; Chove nos campos de Cachoeira 35; Ciranda 35; Estrela do Pastor 32.

“Diante desse resultado, propôs o Sr. Alvaro Moreyra que, em vista de o Sr. Omer Mont’Alegre ser o membro do júri de maior responsabilidade no caso, não só em virtude da sua condição de intelectual como também de representante do editor que patrocinava o Prêmio e ainda editaria os livros, expusesse ele aos colegas, em detalhes, a justificação dos seus votos.

“Expõe então claramente o Sr. Omer Mont’Alegre as razões dos seus votos, propondo após que só se tivessem em conta para os prêmios os romances “Chove nos campos de Cachoeira” e “Ciranda”, uma vez que eram os de maior número de pontos.

“Em seguida, o Sr. Brício de Abreu propõe que cada um dos presentes faça um estudo detalhado e a análise da leitura, sob todos os pontos de vista dos méritos de cada um dos dois romances. Aprovada a proposta, falou primeiro o senhor Omer Mont’Alegre, em seguida Alvaro Moreyra e depois Eugênia Alvaro Moreyra, ficando unanimemente comprovada a superioridade de “Chove nos campos de Cachoeira”.

“Prosseguindo, expõe o Sr. Brício de Abreu que todas as notas como vinha de verificar, tinham sido iguais para os dois concorrentes, com exceção de Eugênia Alvaro Moreyra que havia dado 7 a “Chove nos campos de Cachoeira”, enquanto a Sra. Raquel de Queiroz havia dado 5, ao passo que para “Ciranda” a primeira havia dado 6 e a última também 6, obtendo, ambos, assim, o mesmo número de votos. Continua com a palavra o Sr. Brício de Abreu que, diante da exposição que cada um dos presentes vinha de fazer dos méritos dos dois romances e de acordo com o regulamento do júri, como Presidente da Comissão, dá o primeiro prêmio ao livro intitulado “Chove nos campos de Cachoeira”, de Jaguarajó, e o segundo prêmio ao romance “Ciranda”, de Matias Pascoal.

“Pedidos os envelopes que acompanharam os originais, foram eles, na presença de todos, abertos pelo sr. Secretário, verificando-se então que o pseudônimo Jagarájô escondia o Sr. Dalcídio Jurandir, e o de Matias Pascoal o Sr. Clovis Ramallete, o primeiro de Belém, no Estado do Pará, e o último desta capital”. – Rio de Janeiro, 24 de Julho de 1940. – (as.) Alvaro Moreyra, Eugênia Alvaro Moreyra, Omer Mont’Alegre, Raquel de Queiroz, Wilson de A. Lousada e Brício de Abreu.

O Secretário do Concurso: Danilo Bastos.

NOTA: - A Sra. Raquel de Queiroz e o Sr. Wilson Lousada assinaram a ata no dia imediato, por estarem conformes.

Como se vê, não pode haver a menor dúvida sobre o seu resultado. Em todos os concursos há uma série de pequenos incidentes inevitáveis e, o ter querido eu ficar como Presidente do Júri, só com voto em caso de empate, foi deliberadamente para exercer uma constante vigilância, afim de evitá-los, como se deu. Ainda na noite do julgamento, comprovado o “empate” de votos, apesar de “poder decidir como bem entendesse” e, apesar ainda, de ter o meu juízo formado entre dois classificados, levei o meu escrúpulo ao ponto de interrogar aos membros do júri um por um – “em caso de empate por qual romances se decidiria ele, contando somente as qualidades literárias, analíticas e psicológicas da obra”... E todos, com exceção da Sra. Raquel de Queiroz, que não se achava presente, mas que já tinha dado seu voto, foram unânimes em classificar “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA”.

Dalcídio Jurandir alcançou uma vitória honesta e merecida, pois é um dos espíritos mais brilhantes do Pará de hoje, Nenhum dos membros do júri o conhecia, nem mesmo de nome. Nem colaborador era de “Dom Casmurro”. Nos orgulhamos de ter-lhe proporcionado a aparição do seu primeiro livro. As razões estão no seu imenso talento e nas explicações que deu aos leitores de “Dom Casmurro” na crônica que nos enviou, publicada em nosso número de 31-8-40, que abaixo transcrevemos – BRÍCIO DE ABREU.

\*\*\*

### **TRAGÉDIA E COMÉDIA DE UM ESCRITOR NOVO DO NORTE...**

Estava um pouco aperriado com a divisão do município de Itaituba em setores censitários... Tinha vindo desse município, o maior do Brasil, com uma vilazinha jogada na solidão do Tapajós, um poeta da velha escola, com rimas ricas, que é o poeta Rodrigues Pinagé e o prefeito Fortunato, patriarcal prefeito com a mesa farta, mandando buscar banda de música de Aveiro para tocar no aniversário de sua esposa e a sua malquerença com o judeu Moisés, gordo homem que tem a única frigiderzinha da vila e um piano em casa.

Itaituba não fica muito distante das cachoeiras e dos índios lá do alto Tapajós. Tem também a febre, criatura muito conhecida na Amazônia. Há também umas sondagens de petróleo que ficaram para outra ocasião. Tomei banho, de madrugada, num poço de água sulfurosa, água morna vinda do fundo da terra, que foi uma maravilha. Cheguei a Santarém na lancha “Eulina” rebocando o seu pontão cheio de passageiros, da gente não ter um lugar para armar rede.

Dois dias assim no Tapajós, descendo. Tapajós é um grande rio, seu povo luta asperamente contra a febre, a miséria, a ignorância, a exploração comercial e vai tirando a sua borracha, o seu caucho, couros e plantando seringa na concessão Ford. Sempre dá um movimento à concessão Ford. Pena é que não deixe que os seus trabalhadores tenham garantia alguma no seu trabalho. O Instituto dos Industriários mandou seu funcionário lá e os súditos do Rei do automóvel não quiseram se explicar. Ali na concessão quem manda é Mr. Ford e isso de Caixa de Aposentadoria e Pensões é para Mr. Ford engolir. Também tem o Dr. Mac Dowel que é um grande advogado, servido por uma incomensurável cultura dentro de biblioteca tipo castelo feudal, majestosa e a pique, com a respectiva ponte levadiça por onde sua senhoria desce para o seu austero e patriótico escritório. Mas isto não quer dizer nada com o prêmio “Dom Casmurro”. Estava trabalhando quando me vieram dois telegramas. Fiquei alarmado. Minha família mora em Belém e podia ser alguma notícia má. Mas era o primeiro prêmio. E o engraçado foi que em Belém deram a notícia da vitória do romance “Marinatambalo”, mandado para o concurso pelo Maciel Filho e o meu querido Abguar Bastos, de São Paulo. Quando mandei o “Chove” já o outro andava no concurso. A carta de Abguar avisando, veio na hora em que se mandava o “Chove” pro Rio. Quando minha mulher mandou o telegrama de Brício de Abreu fiquei pensando em Salvaterra, onde passei a limpo, ano passado, o “Marinatambalo” e escrevi o “Chove”.

Do “Chove” tinha uma papelada velha que se pode convencionar como material, todo desarrumado e roído de traças, vindo das alturas de 1929; Me lembro que fiz essa tentativa com uma literatura desenfreada e uma pretensão a fazer estilo, que era um espetáculo. Andei escrevendo em Gurupá, depois num barracão no rio Baquiá Preto nas ilhas de Gurupá, onde era empregado. Ali ensinava os dois meninos do patrão Pais Barreto, a ler, nos livros de Felisberto de Carvalho. Passou o tempo e larguei o troço sob o peso do castigo de tanta presunção literária. Em Salvaterra pensei então retirar do entulho os personagens mal esboçados, o fio de algumas impressões vagamente fixadas e fiz o romance. Nada ficou da tentativa de 1929. Estava de férias como inspetor escolar, na vila de Salvaterra, para onde me mudei de Belém, por medida de economia. E ganhando 365\$000 por mês, porque 100\$000 que eu podia ganhar mais, eram para pagar a prestação da máquina de escrever que tive a loucura de comprar. Sem ela não podia ir pra frente o plano de escrever o “Marinatambalo” e o “Chove”. E eu e Guiomarina, minha mulher, fazíamos os maiores malabarismos com os trezentos e sessenta e cinco. Não éramos somente nós dois em casa. Eu metido com dois romances e ela vendo se os trezentos e sessenta e cinco rendiam mais. Tinha umas diárias de 150\$000 mas foram cortadas porque vieram as férias escolares. Perdi as diárias magras e arrancadas com unhas e dentes do Sr. Pernambuco Filho, diretor de Educação, apesar de ter sido eu o único inspetor escolar que saiu de Belém sem temer febre, chuva, rompendo atoleiros, andando em montarias, para visitar as escolinhas auxiliares, perdidas no mato e no campo. Roemos uma chepa fazendo os romances. Depois o dinheiro custava a vir. Esperávamos as canoas de Belém. Uma era a “Antuérpia” e outra era a “Vila de Salvaterra”.

Esperávamos angustiados. Tínhamos, é verdade, a camaradagem do Valdemar cavando no boteco pra salvar o capitalzinho, do Veloso da mercearia, do David Paulo, de Soure, da família Blá. Saí com os dois romances mas fiquei devendo os dois meses de casa, a sessenta mil por mês, e cento e quarenta mil no Veloso, que ainda não pude pagar. Por essa época – me lembro de certa noite que dormi no chão porque a rede já não prestava mais e dinheiro não havia para se comprar uma nova. Foi nessa época que tive a honra de ser apresentado a uma senhora Nenê Macagi, que apareceu escritora em Belém, pirangando os moles no Pará, até com a Prefeitura de Soure. Esta senhora não me deu importância alguma, primeiro porque a dita senhora era uma escritora. Muito gente ainda pensa que o Pará é terra de seringueiros coronéis. Aparece uma turminha de malandros metidos a literatos, cantoras, etc., e caem em cheio em cima do governo, sangrando o Tesouro. Os da terra ficam no peixe frito.

Ah! É notável a influência do peixe frito na literatura paraense! Peixe frito é o peixe vendido em postas nos tabuleiros do Ver-o-peso ao lado do mercado em Belém. É a comida para quem não deixa almoço comprado em casa. Ao chegar o meio dia, o pobre se tem a felicidade de haver arranjado dois mil réis leva um embrulhinho envergonhado de peixe para casa. A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe frito. Conheço profundamente esse drama. Sempre fui empregadinho público como me chamou certo imortal (da Academia de Letras do Pará), morando numa barraca na São João, com família e perseguido pelos camisas verdes. Vocês sabem o que era naquele tempo viver perseguido pelos camisas verdes. Acabei gramando xadrez comum, o mesmo xadrez onde os ladrões de galinhas e porristas passam vinte e quatro horas. Nele passei três meses, apenas porque a infâmia dos camisas verdes chegava a tudo naquele tempo. Me ficava bem, aliás, estar em companhia daquela pobre gente em vez de estar na companhia dos autores da infâmia. E outras histórias. E outras misérias. E a vida do chamado intelectual na província é mais trágica do que se pensa. Bancamos bobos de rei, mas de graça. A não ser a honra dum convite para uma qualquer chateação literária e mais nada. O resto é peixe frito.

Agora com a geração mais nova aparecem moços que felizmente, vieram de famílias mais remediadas. Mesmo assim estão fechados na província, isolados, boicotados, negados. Se na geração de Abguar Bastos há nomes como o desse Bruno de Menezes que tem poemas lado a lado com os melhores de Jorge de Lima e Manuel Bandeira, na geração mais nova temos um Ribamar de Moura, um dos grandes pensadores jovens do Brasil, Leví Hall de Moura, cronista admirável, Stelio Maroja, F. Paulo Mendes, Machado Coelho, Cecil Meira, Daniel Coelho de Souza. Novíssimos como Carlos Eduardo, o poeta de “Este rumor que vai crescendo, e Mário Couto, um contista dos maiores entre os jovens contistas brasileiros. Nome como De Campos Ribeiro que acaba de publicar um belo livro de poemas. Oséas Antunes que tem três romances inéditos e muito bons, Jaques Flores, poeta de Cuia Pitinga, as poetisas Miriam Morais, Adalcinda e Dulcinéia Paraense, os desenhistas Angelus, vindo do movimento Graça Aranha, o admirável Gari e o singularíssimo Mariz Filho. Agora mesmo o autor do filme “Aruanã”, Líbero Luzardo descobriu em Marabá um desenhista fabuloso mesmo.

Chama-se Morbach. Seus desenhos têm muita coisa de “terreur” bruto, de essencialmente amazônico. Aquele grande amigo que é Nunes Pereira, insatisfeito e vigoroso Nunes Pereira com a sua dispersão e os seus pés infatigáveis, rompendo todos os caminhos da Amazônia, metido com os índios, peixes, selvas e febres. Nunes achou Morbach aquilo que ele entendia como verdadeira interpretação da paisagem e da humanidade na Amazônia.

Quero fazer aqui uma referência especial a “Terra Imatura”, a nossa pobre e querida revista fundada pelo meu amigo Cleo Bernardo, um novíssimo, uma alegria e um entusiasmo sem limites e uma das mais puras amizades que encontrei na minha vida. Com ele lutam Sílvio Braga, Rui Barata, além dos que já falei.

Antes de acabar estas notas escritas apressadamente para pegar a mala aérea, quero contar um pouco da história do “Chove”.

Pensava acabar o romance um pouco antes do encerramento do concurso. Mas não acabei. Voltei de Salvaterra sabendo do adiamento. Mendes e Stelio leram o livro e acharam que eu devia mandar uma cópia mais limpa. Como, se faltavam vinte dias para o prazo? Então Guiomarina, minha mulher, doente como se achava, se dispôs a datilografar o romance. Eu, desanimado, não dava conta e depois ocupado na luta do peixe frito e mesmo porque aceitara um lugar no Recenseamento oferecido pelo Adelino Vasconcelos, delegado regional do Pará. Guiomarina, doente, em quinze dias passou a limpo o romance. Foi uma obstinação. Ela queria que eu mandasse a pulso o romance para o concurso. Por isso que todo o sucesso devo a ela.

Mas faltava o dinheiro para mandar o livro pelo avião. Só havia três dias de prazo. E com Mário Couto fomos cavar entre os amigos o dinheiro. Paulo Mendes e Stelio me deram dez mil. Jorge Malcher, cinco. E eu tinha vinte. Fui à Panair expedir o livro como encomenda por ser mais barato. Mas me disseram que não se fazia mais encomenda. Olhamo-nos eu e Mário, desalentados. Meu desejo era corresponder ao esforço da Guiomarina. Não queria voltar para casa com o livro debaixo do braço e vê-la triste, sabendo que todo o trabalho havia sido inútil. Ao menos o consolo de enviá-lo ao concurso, queríamos. Saímos da Panair e voltamos. Cavamos mais dez e fomos ao correio. Entrei na bicha e esperei a minha vez. Tinha o dinheiro na mão e aflito porque não sabia de certeza quanto era a taxa. Se fosse mais? Esperei meia hora na bicha para chegar ao guichê e ouvi do funcionário que a taxa era tanto e o dinheiro não dava. E me olhou com uma tal superioridade funcional que saí, humilhado. E eu era a desolação em figura. Faltavam vinte mil réis e onde encontrar esses vinte mil réis? Pensei no personagem do “Chove” e saí com o Mário, atrás de vinte mil réis. Vimos na Confeitaria Central o pintor Barandier da Cunha e Osvaldo Viana, meu amigo e uma das figuras expressivas nos meios de Belém. Eles nos deram os vinte. Corremos, faltava meia hora para fechar a mala. Entrei na bicha, suando e pensando em Guiomarina, em casa, esperando o resultado do trabalho. E mandamos o volume no porte simples, sem recibo, sem nada, para um rumo incerto, podendo nunca mais chegar ao DOM CASMURRO!

Tudo isso humilha e esgota a gente. Conto tudo isso para mostrar como é que se escreve no Brasil.

Nada direi da minha vidinha literária. Nasci em Ponta de Pedras, me criei em Cachoeira. Tenho trinta e um anos, com caderneta militar de segunda categoria, etc. Cultura: estudos primários com o professor Chiquinho e Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belém. Estive dois anos no ginásio. Nele desaprendi o que levava do grupo. Quase todos os professores me desanimavam, dinheiro não havia, tive sarampo, curado pela minha segunda mãe Dona Lulú, acabei perdendo os exames do segundo ano e virei vagabundo de subúrbio em Belém, morando na barraquinha de Dona Lulú que me dava comida, luz para escrever versinhos, e um sapato de quando em quando. Fui ao Rio na terceira braba do “Duque de Caxias” e acabei lavando pratos no Hotel São Silvestre, na rua Conselheiro Zacarias, passando o esfregão no corredor da pensão onde morava de favor, dormindo em cima numa colcha rota no chão e comprando para a patroa a carne no açougueiro e levando cesto feito criado quando o amante da dona ia na feira fazer compras. Tinha dezenove anos. Tinha mais dois cartões. Um para o então senador Lauro Sodré. E o outro para o doutor Gustavo Barroso. O do Dr. Lauro não dei porque não sabia a casa dele. Com o do Dr. Gustavo Barroso fui ao “Fon-Fon”. E isso depois de vou-não-vou, temendo a importância do Dr. Barroso e do “Fon-Fon”. Encontrei um senhorzão bem nutrido e vestido, que ao receber a minha carta me perguntou com a voz sonora e confortável “sabe revisão?”

Me botou num caixote à espera que o revisor da revista pedisse demissão e eu ocupasse o lugar. Um dia o desânimo aumentou. Nada do revisor sair e a dona da pensão me aponta outros empregos, muito impaciente com a minha situação. E me despedi do majestoso Dr. Barroso, cujo displicente olhar caiu sobre mim com uma tranquila superioridade e com tão solene desdém que descii a escada do “Fon-Fon” como um escorraçado.

Voltei na mesma terceira classe do “Duque”. Fracasso completo. Vagabundo sempre. Papai em Cachoeira sem nada poder fazer e Dona Lulú na barraquinha me dando o que podia arranjar na sua máquina de costura. Foi então que escrevi ao Sr. Paulo Maranhão, proprietário da “Folha do Norte” uma carta floreada como uma página do meigo Dr. Aluizio de Castro, pedindo um cargo de suplente de revisão. Ele me respondeu de testa que “emprego era o que não havia e que fosse bater noutra porta”.

A nota vai comprida demais. Escrevo apressado para não perder a mala aérea. DOM CASMURRO me lançou e nada posso dizer porque o que ele fez foi agitar a terrível questão dos pobres escritores mergulhados na província. Foi a obra magnífica de DOM CASMURRO. Nada mais posso dizer acerca do “Chove nos campos de Cachoeira”, porque somente poderia dizer coisas ruins. É um livro tão meu que não sei falar bem dele, não sei explicar finalmente. Tem toda a desordem, os defeitos, as lutas dum livro sincero. Eis a coisa ruim que posso ainda dizer... Mas quero acabar que tive uma grande homenagem por causa do prêmio. Fui com meu amigo Cronge da Silveira, em Santarém, tomar tarubá na casa de dona Ana, no bairro da Aldeia. A casa de palha, o chão batido e as moças

simples e alegres cumprimentaram o “escritor premiado”... O tarubá é uma bebida fermentada de mandioca muito usada em Santarém. E naquela noite da Aldeia, num banco no terreiro, tomamos o tarubá, bebida da terra e do povo. Não me esquecerei nunca da Aldeia.

DALCÍDIO JURANDIR.

### 15.3 Prefácio de Dalcídio Jurandir para o Livro *Quarteirão* (1943) de Oséas Antunes

À Laia de Prólogo<sup>176</sup>

Am<sup>o</sup>. Oséas

... Estou firme. Soube que anda um bocado sem ânimo com os seus romances. Sabe que é isso mesmo. Sempre se dá isso e repare que é até uma grande virtude essa de se desconfiar do que se faz. No fundo essa terrível e mesmo depressiva desconfiança é uma forma de profunda confiança na gente mesma. Dizer que V. não fez qualquer coisa de bom, de real – real no sentido de arte e não no sentido vulgar do chamado realismo – de vigoroso, é besteira. V. fez uma série de romances que representa uma data na literatura amazônica. Na verdade (*sic*) que seus romances têm defeitos grandes como são grandes as suas qualidades. Eles podem ter altos e baixos. E noto mesmo um defeito essencial neles: certa preocupação de acabar logo, do autor querer se aliviar do trabalho. *Quarteirão* por exemplo espera qualquer coisa que o complete, não sei. Será talvez, assim mesmo e a sua força bem pode estar nisso...

Verifiquei que V. está fixando costumes e almas, que ficarão conosco sempre. Deixe de tolices e vá fazendo. O que se exige é mais carinho com os seus livros, não os abandone no meio. V. já fez na sua geração e na nossa uma obra que é um orgulho para nós. Não sirva de exemplo, de medo ou de desconfianças. Pelo contrário a sua obra é uma lição de coragem e entusiasmo para os jovens.

Dalcídio Jurandir

---

<sup>176</sup> JURANDIR, Dalcídio. À Laia de Prólogo. In. *Quarteirão*. ANTUNES, Oséas. Belém: Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas da *Revista da Veterinária* (Registrada no DIP), 1943.

#### 15.4 Termo de Doação dos Diálogos de Platão (CARLOS ALBERTO NUNES)

##### Termo de Doação<sup>177</sup>

Através deste instrumento, faço doação definitiva dos originais datilografados da tradução para o português da obra *Diálogos de Platão*, distribuídos em dez volumes, à Universidade Federal do Pará, para que ela venha a editar a referida obra em pleno gozo de sua propriedade literária, e como bem lhe parecer.

Fica, pois, a Universidade Federal do Pará como a proprietária exclusiva da obra *Diálogos de Platão* na tradução do escritor Carlos Alberto Nunes, até que venha a cair no domínio público, ou seja, decorrido o prazo legal de 60 anos, a contar da data do falecimento do autor.

O presente instrumento substitui o anterior, pelo qual o autor estabelecera com a Universidade Federal do Pará um contrato para a publicação da referida obra pelo prazo de 10 anos.

São Paulo, 3 de outubro de 1983.

Dr. Carlos Alberto da Costa Nunes

---

<sup>177</sup> NUNES, Carlos Alberto. Termo de doação, assinado e reconhecido pelo Tabelião de Notas Manuel Olegário da Costa, do Registro de Título e Documento, 4º ofício, de São Paulo, Estado de São Paulo. Documento publicado no calendário da Universidade Federal do Pará (UFPA) de 2012.



## 16 CATALOGAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DE ARTIGOS DE CRÍTICA LITERÁRIA PUBLICADOS NO SUPLEMENTO DE 1946-1951<sup>178</sup>

1946<sup>179</sup>

### 1º

1. MEIRA, Cecil. "O destino das academias". *Folha do Norte*. Belém, 5 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 1, p. 1.
2. \_\_\_\_\_. "Gênese do mundo através de Kalevala e Salambô". *Folha do Norte*, Belém, 16 de junho de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 5, p. 3-4.
3. \_\_\_\_\_. "Leon Blum e o matrimônio". *Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 11, p. 1-2.
4. \_\_\_\_\_. "Ressurreição e vida". *Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 13, 6 de outubro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
5. \_\_\_\_\_. "Rota obscura". *Folha do Norte*. Belém, 19 dez. 1948, *Arte Suplemento Literatura*, N]. 107, p. 4.

### 2º

1. GRIECCO, Agripino. "Retalhos". *Folha do Norte*. Belém, 5 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 1, p. 3.
2. GRIECCO, Agripino. "Analogias". *Folha do Norte*. Belém, 16 de junho de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 5, p. 2.

### 3º

1. AMADO, Genolino. "A Crise na Poesia Moderna". *Folha do Norte*. Belém, 5 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 1, p. 3-4.

### 4º

1. MARANHÃO, HAROLDO. "O último Modernista". *Folha do Norte*. Belém, 5 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 1, p. 4.
2. MARANHÃO, Haroldo. "O Haikai no Brasil". *Folha do Norte*. Belém, 2 de junho de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 4, p. 3.
3. MARANHÃO, Haroldo. "Alguns Bissextos". (Para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-6.
4. \_\_\_\_\_. "Poesia em pânico". *Folha do Norte*. Belém, 1º de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 65, p. 1.
- junho de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 4, p. 3.
5. \_\_\_\_\_. "Volta ao precioso". *Folha do Norte*. Belém, 27 de junho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 85, p.1-2.

### 5º

1. MENDES. Francisco Paulo. "Da caridade e da liberdade no mundo cristão de após-guerra". *Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 2, 19 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

<sup>178</sup> A catalogação dos autores e seus artigos estão por ordem cronológica de dia, mês, ano e número de página, considerando o primeiro dia em que o crítico publica seu texto no jornal.

<sup>179</sup> Autores que iniciam suas publicações em 1946

2. \_\_\_\_\_. Escritores portugueses: José Régio. *Folha do Norte*. Belém, 16 de junho de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 5, p. 3.
3. \_\_\_\_\_. "Escritores portugueses contemporâneos: Fernando Pessoa". *Folha do Norte*. Belém, 30 de junho de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 6, p. 3.
4. \_\_\_\_\_. "Escritores portugueses Contemporâneos: Florbela Espanca ((1894-1930))". *Folha do Norte*. Belém, 14 de julho de 1946, "Suplemento Arte Letras", Nº. 7, p. 3.
5. \_\_\_\_\_. "Escritores portugueses Contemporâneos: Alberto de Serpa". *Folha do Norte*. Belém, 28 de julho de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 8, p. 3.
6. \_\_\_\_\_. Escritores portugueses Contemporâneos: Antônio Feijó (1862-1917). *Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 11, p. 3.
7. \_\_\_\_\_. "Ressurreição e vida". *Folha do Norte*. Belém, Nº. 23, 30 de março de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.
8. \_\_\_\_\_. "Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea". (Especial para a Folha do Norte). Rio. *Folha do Norte*. Belém, Nº 28, 1º de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-6.
9. \_\_\_\_\_. "Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea" (Especial para a Folha do Norte). *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 31, 22 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
10. \_\_\_\_\_. *O Poeta e a rosa*. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 76, 25 de abril de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
11. \_\_\_\_\_. "Leconte de Lisle e a poesia Francesa do Século XIX". *Folha do Norte*. Belém, 1º de janeiro de 1949. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 108, p. 1-4-2.

#### 6º

1. MENEZES, Bruno de. "Catulo cearense: a modinha e a poesia da brasilidade". *Folha do Norte*. Belém, 19 de maio de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 2, p. 4.

#### 7º

1. VIEIRA, Gastão. "Catulo". *Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 2, 19 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
2. VIEIRA, Gastão. "Euclides". *Folha do Norte*. Belém, Nº. 9, 11 de agosto de 1946, *Suplemento Arte Letras* Num. P. 3.
3. VIEIRA, Gastão. "Cruz e Sousa". *Folha do Norte*. Belém, 25 de agosto de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 10, p. 2.

#### 8º

1. LINS, Álvaro. "Sobre Os Corumbas de Amando Fontes". (Via aérea - A. U). (Jornal de Crítica. Especial para a Folha do Norte no Estado do Pará). *Folha do Norte*. Belém, 26 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 3, p. 4-3.
2. \_\_\_\_\_. "Notas de um diário de crítica". *Folha do Norte*. Belém, 2 de junho de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 4, p. 1.
3. \_\_\_\_\_. "Uma poesia e um nome". (Via aérea - A. U - Jornal de Crítica. Especial para a Folha do Norte no Estado do Pará). *Folha do Norte*, Belém, 16 de junho de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 5, p. 1-2.

4. \_\_\_\_\_. "A crítica de Mário de Andrade". (Jornal de crítica. Especial para Jornal *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 30 de junho de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 6, p. 1-3.
5. \_\_\_\_\_. "Infância de um romancista". *Folha do Norte*. Belém 14 de julho de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 7, p. 1-3.
6. \_\_\_\_\_. "José Bonifácio". Jornal de crítica. (Especial para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 28 de julho de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 8, p. 1.
7. \_\_\_\_\_. "Tragédia ou farsa". Jornal de crítica. (Especial para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 11 de agosto de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 9, p. 1-2.
9. \_\_\_\_\_. "Um clássico por excelência". Jornal de crítica. (Especial para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 25 de agosto de 1946, "Arte Suplemento Literatura", Nº 10, p. 1-2.
9. \_\_\_\_\_. "Notas de um diário de crítica". (Jornal de crítica. Especial para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 11, p. 1.
10. \_\_\_\_\_. "Fisionomia de um poeta". (Jornal de crítica. Especial para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 22 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 12, p. 1-2.
11. \_\_\_\_\_. Jacob Wassermann. (Jornal de crítica. Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 13, 6 de outubro de 1946, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-3.
12. \_\_\_\_\_. "Problemas da tragédia". (Jornal de crítica. Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 14, 20 de outubro de 1946, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-2.
13. \_\_\_\_\_. "Problemas da tragédia". Jornal de crítica. (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 15, 10 de novembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
14. \_\_\_\_\_. "Literatura e marxismo". (Jornal de crítica. Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 16, 1º de dezembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
15. \_\_\_\_\_. "Notas de um diário crítico". (Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 18, 5 de janeiro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
16. \_\_\_\_\_. "Biografia". (Jornal de Crítica. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 19, 26 de janeiro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.
17. \_\_\_\_\_. "Romances, novelas e contos". (Jornal de Crítica). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 21, 23 de fevereiro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
18. \_\_\_\_\_. "Romances, novelas e contos". (Jornal de Crítica). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 22, 22 de março de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
19. \_\_\_\_\_. "Um companheiro e um adversário". (Jornal de Crítica). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 23, 30 de março de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

20. \_\_\_\_\_. “A arte de furto e seu autor”. *Jornal de Crítica*. (Exclusividade para a *Folha do Norte*, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 24, 6 de abril de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-2.
21. \_\_\_\_\_. “O católico Joaquim Nabuco”. (*Jornal de Crítica*. Exclusividade da *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 25, 13 de abril de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-2.
22. \_\_\_\_\_. “O católico Joaquim Nabuco” – Parte II (*Jornal de Crítica*. Exclusividade da *Folha do Norte*, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 26, 18 de maio de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-2.
23. \_\_\_\_\_. “Augusto dos Anjos, poeta moderno” – (Parte I). (*Jornal de Crítica*. Exclusividade da *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 27, 25 de maio de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1.
24. \_\_\_\_\_. “Augusto dos Anjos, poeta moderno” – (Parte II). (Exclusividade da *Folha do Norte*). Rio. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 28, 1º de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-6.
25. \_\_\_\_\_. “A política no romance”. Parte I. In. *Folha do Norte*. Belém, 8 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 29, p. 1-7.
26. \_\_\_\_\_. “A política no romance”. Parte II. (*Jornal de Crítica*. Exclusividade da *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 30, 15 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
27. \_\_\_\_\_. “Visão geral de um ficcionista”. (Exclusividade da *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 31, 6 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
28. \_\_\_\_\_. “Um intérprete de Machado de Assis”. (*Jornal de Crítica*. Exclusividade da *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 31\*, 22 de junho\*, de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1. (verificar data)
29. \_\_\_\_\_. “Crise ou decadência”. (*Jornal de Crítica*. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 32, 12 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
30. \_\_\_\_\_. “Visão geral de um ficcionista”. (Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 32\*, 29 de junho\* de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
31. \_\_\_\_\_. “Literatura e política”. *Jornal de Crítica*. (Especial para a *Folha do Norte*, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 43, 14 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1- 3.
32. \_\_\_\_\_. “O primeiro reinado”. *Jornal de Crítica*. (Exclusividade para a *Folha do Norte*, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 44, 21 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1- 2.

---

\* Número repetido.

\* Data errada. Dia e mês inferior a sequência da data anterior (Números: 77, 78, 79 e 80).

\* Número repetido.

\* Data errada. Dia e mês inferior a sequência da data anterior (Números: 80).

33. \_\_\_\_\_. “O primeiro reinado”. *Jornal de Crítica*. (Exclusividade para a Folha do Norte, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 45, 5 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4- 2.
34. \_\_\_\_\_. “Poetas do modernismo”. (Parte I). *Jornal de Crítica*. (Especial para a Folha do Norte, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 47, 19 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-4.
35. \_\_\_\_\_. “Poetas do modernismo”. (Parte II). *Jornal de Crítica*. (Especial para a Folha do Norte, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 48, 26 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
36. \_\_\_\_\_. “Valorização da Província”. *Jornal de Crítica*. (Especial para a Folha do Norte, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 51, 16 de novembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
37. \_\_\_\_\_. “Notas sobre o Visconde de Ouro Preto”. *Jornal de Crítica*. (Especial para a Folha do Norte). In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 52, 23 de novembro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1.
38. \_\_\_\_\_. “Estréias na Ficção”. (Especial para a Folha do Norte). In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 54, 30 de novembro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-2.
39. \_\_\_\_\_. “Eurídice”. *Jornal de Crítica*. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 63, 18 de janeiro de 1948, “*Suplemento Arte Literatura*”, p. 1-2.
40. \_\_\_\_\_. “Os novos” (Especial para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 78, 9 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
41. \_\_\_\_\_. “Os novos” (Parte II). (Copyright E. S. I., com exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 16 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 79, p.1-3.
42. \_\_\_\_\_. “Uma biografia de Euclides da Cunha”. *Jornal de Crítica*. (Especial para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 23 de maio de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº 80, p.1-3.
43. \_\_\_\_\_. “Auto-leitor” (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 30 de maio de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº 81, p.4.

#### 9º

1. SANTA, ROSA, Virgínio. “Atualidade de Eça de Queiroz”. In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 3, p. 1-3.

#### 10º

1. MAROJA, Rainero. “Imagens das horas”. In. *Folha do Norte*, Belém, 16 de junho de 1946, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº 5, p. 1-2.
2. \_\_\_\_\_. “Santa Helena Magno”. (Especial para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 15 de agosto de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 92, p.1.

#### 11º

1. FILHO, Cândido Motta. “As provocações de James Joyce”. In. *Folha do Norte*, Belém, 16 de junho de 1946, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº 5, p. 4.

#### 12º

1. Milliet, Sérgio. “Emílio Menezes, o último boêmio”. In. *Folha do Norte*. Belém, 30 de junho de 1946, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº 6, p. 3.

2. \_\_\_\_\_. “Reflexões à margem de Teseu”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
3. \_\_\_\_\_. “Pretextos” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte) In. *Folha do Norte*. Belém, 8 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 29, p. 8.
4. \_\_\_\_\_. “Reação poética”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 31, 22 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
5. \_\_\_\_\_. “Poesia, ato gratuito”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). São Paulo. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 40, 24 de agosto de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
6. \_\_\_\_\_. “Um depoimento”. (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 42, 7 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4
7. \_\_\_\_\_. “Purismo e bom senso”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 44\*, 28 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
8. \_\_\_\_\_. “A túnica e os dados”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). São Paulo. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 43, 14 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
9. \_\_\_\_\_. O diário íntimo de Amiel. In. *Folha do Norte*. Belém, 21 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 44 , p. 2.
10. \_\_\_\_\_. “Marafa”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 48, 26 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
11. \_\_\_\_\_. “Eurídice”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 49, 2 de novembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
12. \_\_\_\_\_. “Vocabulário Noturno”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 59, 28 de dezembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
13. \_\_\_\_\_. “Dois poetas”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). São Paulo. In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de janeiro 1948, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 64, p. 4-3.
14. \_\_\_\_\_. “O problema da expressão”. São Paulo. *Folha do Norte*. Belém, 8 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 66 , p. 2.
15. \_\_\_\_\_. “Dois romances”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). *Folha do Norte*. Belém, Nº. 70, 14 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 69, p. 2.
16. \_\_\_\_\_. “Os renegados”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). *Folha do Norte*. Belém, Nº. 70, 14 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 69, p. 2.
17. \_\_\_\_\_. “Apresentação”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 76, 25 de abril de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

- 18 \_\_\_\_\_. “Maiores e menores”. (Especial para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 16 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 79 , p. 3.
19. \_\_\_\_\_. “Memórias de Goethe” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de julho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 87, p.1.
20. \_\_\_\_\_. “Duas cartas comoventes”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 84, 29 de junho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
21. \_\_\_\_\_. “Galo branco”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de agosto de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 87, p.1, 3-4.
22. \_\_\_\_\_. “O santuário”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 92, 15 de agosto de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
23. \_\_\_\_\_. “Os donos da poesia”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 29 de agosto de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 94, p.1-2, 4.
24. \_\_\_\_\_. “A última peça de Sartre”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 95, p.1, 4-2.
25. \_\_\_\_\_. “Raquel de Queiroz”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 97, p.1-2.
26. \_\_\_\_\_. “Responsabilidade das elites”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 99, p.1,4-2.
27. \_\_\_\_\_. “Morreu Suarès”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 31 de outubro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 103, p.3.
28. \_\_\_\_\_. “Poesia de Bandeira”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 28 de novembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 106, p.3.
29. \_\_\_\_\_. “Os Gagás de 22”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de dezembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 107, p. 4.
30. \_\_\_\_\_. “Ainda os poetas” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 23 de janeiro de 1949. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 110, p.3-2.
31. \_\_\_\_\_. “Ser de sua época” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Belém, 27 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 113, p. 2.
32. \_\_\_\_\_. “Uma reedição de Ascenso Ferreira”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 20 de março de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 116, p. 3.

33. \_\_\_\_\_. “Do estilo”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 27 de março de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 117, p. 2.
34. \_\_\_\_\_. “Os renegados” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de setembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 136, p. 2.
35. \_\_\_\_\_. “Arte e loucura” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 20 de novembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 138\*, p. 1-2.
36. \_\_\_\_\_. “Do meu diário”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 27 de novembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 139, p. 4.
37. \_\_\_\_\_. “Poetas”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de dezembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 141, p. 4-2.
38. \_\_\_\_\_. “Baudelaire e a paisagem”. In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 161, p. 1.
39. \_\_\_\_\_. “Um poema de André Spire”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano VI, Nº. 165, 14 janeiro de 1951, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

### 13º

1. MOURA, Ribamar. “Poesia de verdade”. In. *Folha do Norte*. Belém, 30 de junho de 1946, “Arte Suplemento Literatura”, Nº 6, p. 1-3.

### 14º

1. PEREIRA, Lúcia Miguel. “Literatura e mocidade”. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 28 de julho de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 8, p. 1.
2. \_\_\_\_\_. “A Bíblia dos pedantes”. (Exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 31, 6 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.
3. \_\_\_\_\_. “Sonho”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 33, 20 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
4. \_\_\_\_\_. “Romance e novela” (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 39, 17 de agosto de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
5. \_\_\_\_\_. “O brasileiro Machado de Assis”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 56, 14 de dezembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
6. \_\_\_\_\_. “O ultimo livro de André Gide”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 64, 25 de janeiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
7. \_\_\_\_\_. “O estranho Sartre”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 68, 15 de fevereiro\* de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

---

\* Número repetido.

8. \_\_\_\_\_. “O lugar da França”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 71, 21 de março de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
9. \_\_\_\_\_. “Uma testemunha”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 86, 4 de julho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
10. \_\_\_\_\_. “Do drama à comédia”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 89, 25 de julho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-4-3..
11. \_\_\_\_\_. “Gente Nova, livros velhos”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 92, 15 de agosto de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
12. \_\_\_\_\_. “Corte e província”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 94, 29 de agosto de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
13. \_\_\_\_\_. “escrever e viver”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.109, 9 de janeiro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2-3.
14. \_\_\_\_\_. “Pensamento e Ação”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº. 142, 18 de dezembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
15. \_\_\_\_\_. “O último livro de André Gide”. (Especial para a *Folha do Norte*) In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de janeiro 1948, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 64, p. 3.
16. \_\_\_\_\_. “Bovarismo no romance”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de julho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 87, p.1-2.
17. \_\_\_\_\_. “Simão Lopes Neto”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 3 de outubro de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 99, p.1-2.
18. \_\_\_\_\_. “A propósito de Proust”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 24 de outubro de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 102, p.4-3.
19. \_\_\_\_\_. “Proust no Brasil”. In. *Folha do Norte*. Belém, 7 de novembro de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 104, p.4-2.
20. \_\_\_\_\_. “Mocidade e Província”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*) In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 13 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 111, p. 1.
21. \_\_\_\_\_. “Notas sobre o romance”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 27 de março de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 117, p. 3.
22. \_\_\_\_\_. “Um poeta e seu crítico”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*).. In. *Folha do Norte*. Belém, 12 de junho de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 126, p. 3.

23. \_\_\_\_\_. “Um poeta e seu crítico”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 24 de julho de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 128, p. 2-3.
24. \_\_\_\_\_. “Um caso literário”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 7 de agosto de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 130, p. 3.
25. \_\_\_\_\_. “Um mestre jovem”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 28 de agosto de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 133, p. 1.
26. \_\_\_\_\_. “Notas sobre o romance”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de setembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 134, p. 3.
27. \_\_\_\_\_. “Um grande livro”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de novembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 138, p. 3.
28. \_\_\_\_\_. “O inominado”. *Folha do Norte*. Belém, 4 de dezembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 140, p. 2.
29. \_\_\_\_\_. “Dickens e o Natal”. In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de fevereiro de 1950 “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 146, p. 1-3.
30. \_\_\_\_\_. “Romancistas ingleses”. In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de março de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 149, p. 1-3.

#### 15º

1. PROENÇA, Cyro. “Catulo, alma sonora da raça”. In. *Folha do Norte*. Belém, 28 de julho de 1946, “Suplemento Literatura”, Nº 8, p. 3.

#### 16º

1. PROENÇA, Edgar. “Carnaval da miséria e do vício”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 9, 11 de agosto de 1946, *Suplemento Arte Letras Num.* P. 3.

#### 17º

1. CASSANTA, Mário. “Machado e os pronomes”. In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de agosto de 1946, “Arte Suplemento Literatura”, Nº 10, p. 1-2.
2. \_\_\_\_\_. “O lapso de Xavier Novais”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 13, 6 de outubro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

#### 18º

1. LIMA, Abdias. “Notas literárias”. In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de agosto de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 10, p. 1-2.
2. \_\_\_\_\_. “Notas literárias”. In. *Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 11, p. 4.
3. \_\_\_\_\_. “Notas literárias”. In. *Folha do Norte*. Belém, 22 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 12, p. 2.

#### 19º

1. BANDEIRA, Manuel. “Antologias de definições de poesia”. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 11, p. 1-2.
2. \_\_\_\_\_. “Um autógrafo de Castro Alves”. (Especial para a Folha do Norte) *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 16, 1º de dezembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

3. \_\_\_\_\_. “Um bardo na vida nordestina”. In. *Jornal Folha do Norte* (Copyright do S. F. I) . Belém, ano II, Nº. 18, 5 de janeiro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, P. 1.
4. \_\_\_\_\_. “José Veríssimo”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.133, 28 de agosto de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2-3.
5. \_\_\_\_\_. “Variações sobre o passado”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.138, 6 de novembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

#### 20º

1. DESCAVES, Pierre. “Auto-retrato de Roger Martin Du Gard”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 12, 22 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
2. \_\_\_\_\_. “André Gide e as virtudes francesas”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 14, 20 de outubro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3-4.
3. \_\_\_\_\_. “Poeticoterapia”. Paris. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 24, 6 de abril de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

#### 21º

1. FILHO, Paulo Eleutério. “Merejkowski ressuscitou os Deuses”. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 12, 22 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

#### 22º

1. FREYRE, Gilberto. “Havelok Ellis, e a Espanha”. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 12, 22 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
2. \_\_\_\_\_. “Eu detesto teus oradores Bahia” ( Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). Belém, ano II, Nº. 33, 20 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.
3. \_\_\_\_\_. “Post-Marxismo” (Especial para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 33, 20 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
4. \_\_\_\_\_. “Breno Acioli”. (Especial para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 41, 31 de agosto de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.
5. \_\_\_\_\_. “O maior livro brasileiro sobre a Amazônia”. (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 20 de outubro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 14, p. 2.

#### 23º

1. CASCUDO, Câmara. “Classificação do conto popular”. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 12, 22 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 12, p. 1-3.
2. \_\_\_\_\_. “Uso e abuso do folk-lore”. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 16, 16 de março de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-3.
3. \_\_\_\_\_. “O historiador da fome”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 27, 25 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

#### 24º

1. BASTIDE, Roger. “Poemas dos tempos de guerra de Jules Supervielle”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 13, 6 de outubro de 1946, *Suplemento Arte Letras*, p. 3.

2. \_\_\_\_\_. Crítica literária e crítica religiosa. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 15, 10 de novembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
3. \_\_\_\_\_. “Crítica 1946”. (Copyright do Serviço Francês de Informação). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 16, 1º de dezembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-4.
4. \_\_\_\_\_. “No berço da literatura”. In. *Jornal Folha do Norte* (Copyright do S. F. I) . Belém, ano II, Nº. 18, 5 de janeiro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, P. 4.
5. \_\_\_\_\_. “A poesia dos dias que correm”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 24, 6 de abril de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-2.
6. \_\_\_\_\_. “Que é literatura”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 54, 30 de novembro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 4.
7. \_\_\_\_\_. “Ensaio sobre o diário íntimo”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de agosto de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 91, p.4.
8. \_\_\_\_\_. “Romances daqui e dalhures”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 5 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 95, p.1, 3-2.
9. \_\_\_\_\_. “Variações de Bandeira”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 28 de novembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 106\*, p.1-2.
10. \_\_\_\_\_. “Duas coleções de contos”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a Folha do Norte) In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 13 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 111, p. 1.
11. \_\_\_\_\_. “Poesia feminina e poesia masculina”. In. *Folha do Norte*. Belém, 10 abril de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 119, p. 7.
12. \_\_\_\_\_. “A divisão poética do tempo”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 12 de junho de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 126, p. 4.

#### 25º

- 1 BERNARDO, Cléo. “Chove nos campos de cachoeira”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 13, 6 de outubro de 1946, *Suplemento Arte Letras*, p. 2.
- 2 \_\_\_\_\_. “Romain Rolland”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 23, 30 de março de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 4-2.

#### 26º

1. FISCHER. Almeida “Manuel Bandeira e a morte do modernismo”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano I, Nº. 14, 20 de outubro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3-4.
2. \_\_\_\_\_. “Quais as diretrizes futuras do romance”. (Para Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

---

\* Edição especial em homenagem a Manuel Bandeira.

1947<sup>180</sup>

27º

25. CALVET, Monsenhor J. “Influência do sentimento religioso sobre a literatura”. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº 19, 26 de janeiro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

28º

27. FRIEIRO, Eduardo. “A impopularidade da poesia nova”. (Especial para a *Folha do Norte*) *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 16, 16 de março de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p.4-3.

29º

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. “Invencionismo”. (Exclusividade da *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 24, 6 de abril de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

2. \_\_\_\_\_. “Amargura de Kaestner”. (Exclusividade da *Folha do Norte*, neste Estado) In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-6.

3. \_\_\_\_\_. “As relações perigosas”. (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 43, 14 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

4. \_\_\_\_\_. “O poeta João Alphonsus”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 57, 21 de dezembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.

5. \_\_\_\_\_. “Os poemas de Joaquim Cardoso”. (Especial para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 79, 16 de maio de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

6. \_\_\_\_\_. “O poeta se diverte”. (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 88, 18 de julho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

7. \_\_\_\_\_. “Pessimismo e Lucidez”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 95, 5 de setembro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

9. \_\_\_\_\_. “Orfeu e os Novos”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de março de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 114, p. 3.

9. \_\_\_\_\_. “Poesia e pesadelo”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 20 de março de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 116, p. 1.

10. \_\_\_\_\_. “Palmas severas: introdução às poesias de Emílio Moura”. In. *Folha do Norte*. Belém, 14 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 131, p.2-3.

11. \_\_\_\_\_. “Trabalhador e poesia”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº. 136, 25 de setembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

---

<sup>180</sup> Autores que iniciam suas publicações no citado jornal em 1947.

1. MARTINS, WILSON. “Retorno às fontes da poesia”. (Copyright E. S. I. com. Exclusividade da Folha do Norte, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 25, 13 de abril de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 3-4.
2. \_\_\_\_\_. “Problemas de uma história da literatura”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade da Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 7.
3. \_\_\_\_\_. “A esquerda católica e a responsabilidade da Inteligência”. In. *Jornal Folha do Norte* (Copyright do S. F. I), Belém, ano II, Nº. 28, 1º de junho de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 8-2.
4. \_\_\_\_\_. “Da interpretação na crítica de literatura”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 31, 6 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.
5. \_\_\_\_\_. “Um poeta e o outro”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Curitiba. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 31, 22 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 8-6.
6. \_\_\_\_\_. “Dostoievski s os problemas da adolescência” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Curitiba. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 33, 20 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
7. \_\_\_\_\_. “Um intérprete de Machado de Assis”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Curitiba. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº.36, 27 de julho de 1947, “*Arte Suplemento Literatura*”, p. 1 e 3.
8. \_\_\_\_\_. “Neomisticismo na literatura brasileira”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº.37, 3 agosto de 1947, “*Arte Suplemento Literatura*”, p. 1.
9. \_\_\_\_\_. “Crise no romance brasileiro”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 38, 10 agosto de 1947, “*Arte Suplemento Literatura*”, p. 1.
10. \_\_\_\_\_. “Destino de um pré-modernista”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Curitiba. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 42, 7 de setembro de 1947, “*Arte Suplemento Literatura*”, p. 2.
11. \_\_\_\_\_. “As novas gerações e as revoluções literárias”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 45, 5 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
12. \_\_\_\_\_. “Paris desfila diante de Proust”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Paris. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 63, 18 de janeiro de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 69, p. 1-3.
13. \_\_\_\_\_. “Crise no romance francês”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Paris. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 70, 14 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 69, p. 1-2.
14. \_\_\_\_\_. “Ainda a crise de romance”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Paris. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 70, 14 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 69, p. 1-3.

15. \_\_\_\_\_. “Jean-Paul Sartre e a crítica literária”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). *Folha do Norte*. Belém, Nº. 72, 28 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
16. \_\_\_\_\_. “Da escatologia literária”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte* Belém, Nº. 76, 25 de abril de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
17. \_\_\_\_\_. “Um método de crítica literária” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 78, 9 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
18. \_\_\_\_\_. “Jean-Paul Sartre e a crítica literária”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de junho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 82, p.1-2.
19. \_\_\_\_\_. “Da escatologia literária”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 15 de agosto de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 92, p.3.
20. \_\_\_\_\_. “Graciliano Ramos, o Cristo e o grande inquisidor”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 97, p.4.
21. \_\_\_\_\_. “Graciliano Ramos, o Cristo e o grande inquisidor”. (Parte II). (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 98, p.4.
22. \_\_\_\_\_. “Graciliano Ramos, o Cristo e o grande inquisidor”. (Parte II). (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 3 de outubro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 99, p.4.
23. \_\_\_\_\_. “A significação literária do Journal de André Gide” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 23 de janeiro de 1949. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 110, p.1.
24. \_\_\_\_\_. “Romance”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 13 de março de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 115, p. 4.
25. \_\_\_\_\_. “Tendências do romance brasileiro”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 3 de abril de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 118, p. 1.
26. \_\_\_\_\_. “Ainda a crise do romance”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de setembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 136, p. 1-3.
27. \_\_\_\_\_. “Édipo e a esfinge” *Folha do Norte*. Belém, 4 de dezembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 140, p. 2.

### 31º

1. LABIN, Suzanne. “A arte literária de Jean-Paul Sartre”. (Copyright Interprensa Esse Press com. Exclusividade da Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 25, 13 de abril de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-3.
2. \_\_\_\_\_. “A arte literária de Jean-Paul Sartre”. (Copyright da Inter-Americana com. Exclusividade para a Folha do Norte). Buenos Aires. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 8.

3. \_\_\_\_\_. “A arte literária de Jean-Paul Sartre” (Parte III). Copyright Interprensa Esse Press com. Exclusividade da Folha do Norte). Buenos Aires. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 27, 25 de maio de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 2.

### 32º

1. CANNABRAVA, Euryalo. “Rilke e a poesia lírica”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 25, 13 de abril de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 3-4.

### 33º

1. ANJOS, Cyro dos. “Folhas soltas”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para Folha do Norte, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 6.

2. \_\_\_\_\_. “Novos e velhos”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte, neste estado). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 27, 25 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

3. \_\_\_\_\_. “O escritor e seus problemas”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 30, 15 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

4. \_\_\_\_\_. “Do caderno de Boanerges” (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 31\*, 22 de junho\*\* de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

5. \_\_\_\_\_. “O romance moderno”. In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de junho de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 127, p. 1.

6. \_\_\_\_\_. “Literatura de albuns”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 43, 14 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

### 34º

1. CARPEAUX, Otto Maria. “Mocidade e morte”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 27, 25 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 8-6.

2. \_\_\_\_\_. “Croce, crítico de poesia”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Rio. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 28, 1º de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

3. \_\_\_\_\_. “O palhaço no ocidente”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 30, 15 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

4. \_\_\_\_\_. “Relendo Maupassant”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 38, 10 agosto de 1947, “*Arte Suplemento Literatura*”, p. 3.

5. \_\_\_\_\_. “S. R.”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 44, 28 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

\*Erro de mês. O primeiro Suplemento com o nº 31 é de 15 julho de 1947

6. \_\_\_\_\_. “S. R.”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 48, 26 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2

7. \_\_\_\_\_. “Kaputt”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 54, 30 de novembro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-3.
8. \_\_\_\_\_. “O fenômeno Charles Morgan”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 61, 4 de janeiro de 1948, *Suplemento Arte Letras*, p. 4-2.
9. \_\_\_\_\_. “As moscas”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 62, 11 de janeiro de 1948, *Suplemento Arte Letras*, p. 4-2.
10. \_\_\_\_\_. “Problemas Dramáticos”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 67, 22 de fevereiro de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
11. \_\_\_\_\_. “Conselhos para romancistas”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 29 de fevereiro de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 68, p. 4-3. (Número repetido).
12. \_\_\_\_\_. “Gascoyne e a arte”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, Nº. 69, 7 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 69, p. 1-2.
13. \_\_\_\_\_. “O último romance de Thomas Mann”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 71, 21 de março de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, p. 1-3.
14. \_\_\_\_\_. “Os inimigos de Goethe”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 72, 28 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p.1-3.
15. \_\_\_\_\_. “Wilde reconsiderada”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 73, 4 de abril de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
16. \_\_\_\_\_. “Presença de Zola”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 74, 11 de abril de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
17. \_\_\_\_\_. “O mal do mundo”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 75, 18 de abril de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
18. \_\_\_\_\_. “A poesia dos vencidos”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 77, 1º de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
19. \_\_\_\_\_. “Uma fonte da filosofia em Machado de Assis”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 16 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 79, p.1-2.
20. \_\_\_\_\_. “Os inimigos de Goethe”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de junho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 82, p.1-3.
21. \_\_\_\_\_. “A poesia de Dante”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 13 de junho de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 83, p.1-2.

- 22.\_\_\_\_\_. “Arthur Rimbaud: novas iluminações”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Rio de Janeiro. In. *Folha do Norte*. Belém, 29 de junho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 84, p.1-2.
- 23.\_\_\_\_\_. “Itinerário do romance mexicano”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Rio de Janeiro. In. *Folha do Norte*. Belém, 27 de junho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 85, p.4.
- 24.\_\_\_\_\_. “In Memoriam Karl Mannheim”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 4 de julho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 86, p.1-2.
- 25.\_\_\_\_\_. “Posição de Eliot”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 18 de julho de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 88, p.1-2.
- 26.\_\_\_\_\_. “Razão de ser da poesia”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de agosto de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 90, p.1-3.
- 27.\_\_\_\_\_. “A política de Stendhal”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de agosto de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 91, p.1-2.
- 28.\_\_\_\_\_. “Uma literatura desconhecida”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 29 de agosto de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 94, p.1-2.
- 29.\_\_\_\_\_. “Intenção e arte de Graham Greene” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 95, p.1-2.
- 30.\_\_\_\_\_. “Medéia”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 99, p.1-2.
- 31.\_\_\_\_\_. “Rilke, os ingleses e os outrosA”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 31 de outubro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 103, p.1-2.
- 32.\_\_\_\_\_. “Van Gogh, holandês e visionário”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 9 de janeiro de 1949. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 109, p.1.
- 33.\_\_\_\_\_. “Significação e História da Literatura Norte-Americana”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 13 de março de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 115, p. 1.
- 34.\_\_\_\_\_. “Notícias de Charles Plisnie. In. *Folha do Norte*. Belém, 24 abril de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 120, p. 2.
- 35.\_\_\_\_\_. “Sobre a pré-história do existencialismo”. In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de maio de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 121, p.4.
- 36.\_\_\_\_\_. “Importância e crise da crítica Americana”. In. *Folha do Norte*. Belém, 8 de maio de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 122, p.1-2.
- 37.\_\_\_\_\_. “Obras primas desconhecidas do conto brasileiro”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 12 de junho de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 126, p. 1.

- 38.\_\_\_\_\_. “Morte e ressurreição da literatura”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de junho de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 127, p. 2-3.
- 39.\_\_\_\_\_. “Maughan versus Maquiavel”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 24 de julho de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 128\*, p. 2-3.
- 40.\_\_\_\_\_. “O drama de Jean Barois”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 14 de agosto de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 131, p.4.
- 41.\_\_\_\_\_. “O último romance de Thomas Mann”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de setembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 136, p. 1-3.
- 42.\_\_\_\_\_. “Poesia do Piano”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 27 de novembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 139, p. 2.
- 43.\_\_\_\_\_. “José Veríssimo, crítico da nacionalidade”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de dezembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 141, p. 1.
- 44.\_\_\_\_\_. “Os noivos da fita e os noivos do romance”. In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de fevereiro de 1950 “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 147, p. 4-3.
- 45.\_\_\_\_\_. “Crítica literária”. In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de fevereiro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 148, p. 1-2.
- 46.\_\_\_\_\_. “Crítica literária”. In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de fevereiro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 148, p. 1-2.
- 47.\_\_\_\_\_. “Três vezes Ulisses”. In. *Folha do Norte*. Belém, 12 de março de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 150, p. 1-2.

### 35º

1. HOLANDA, Aurélio Buarque de. “Depoimentos sobre Graciliano Ramos” (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 27, 25 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3-4.
- 2.\_\_\_\_\_. “Os cavaleiros correndo”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Rio. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 28, 1º de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-6.
- 3.\_\_\_\_\_. “Novas revelações sobre José Lins do Rego”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 33, 20 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
- 4.\_\_\_\_\_. “Depoimentos sobre José Lins do Rego” (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). Belém, ano II, Nº. 36, 27 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
- 5.\_\_\_\_\_. “A poesia e o pássaro” (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 39, 17 de agosto de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

---

\* Número repetido..

6. \_\_\_\_\_. “A poesia e o pássaro” (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 42, 7 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

7. \_\_\_\_\_. De poesia. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 46, 12 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

8. \_\_\_\_\_. “À margem de um poema de Fernando Pessoa”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de novembro de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 138, p. 1.

9. \_\_\_\_\_. “Em torno de um poema de Manuel Bandeira”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de março de 1950, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 149, p. 1-2.

10. \_\_\_\_\_. “Prosa de ficção”. In. *Folha do Norte*. Belém, 12 de março de 1950, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 150, p. 4.

### 36º

1. BASTIDE, Paul Arrousse. “Sobre a Influência Francesa” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). Paris. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 28, 1º de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-7.

2. \_\_\_\_\_. “Jean-Paul Sartre e a literatura interessada”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). Paris. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 29, 8 de junho de 1947, *Suplemento Arte Letras* Num. p. 8.

3. \_\_\_\_\_. “Para que escrevemos?”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). Paris. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 33, 20 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

### 37º

1. FOOG, Rushwort. “As famosíssimas edições inglesas Penguin”. In. *Jornal Folha do Norte*, Belém, ano II, Nº. 29, 8 de junho de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 8.

### 38º

1. FILHO, Alphonsus de Guimaraens. “Machado tal como foi””. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). Belo Horizonte. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 30, 15 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

2. \_\_\_\_\_. “Da sugestão na poesia”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de julho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 87, p.1-2.

3. \_\_\_\_\_. “Itinerário de uma poesia”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de agosto de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº.90, 1-2.

4. \_\_\_\_\_. “Rimas de Becquer”. In. *Folha do Norte*. Belém, 10 de outubro de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 100, p.2-3.

5. \_\_\_\_\_. “Exemplos de uma poesia”. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 28 de novembro de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 106, p. 2.

### 39º

1. AUGUSTO, Peri. “Raquel de Queiroz e uma crônica sobre Belém”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 31, 22 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
2. \_\_\_\_\_. “Chama infinita”. In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de maio de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 121, p.4.

### 40º

1. FIGUEIRA, Gaston. “Edwin Arlington Robison e Tomaz Wolfe”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 31, 22 de junho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 6.

### 41º

1. CHAGAS, Wilson. “Reflexões sobre o romantismo”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). Porto Alegre. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 33, 20 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
2. \_\_\_\_\_. “Notas de um caderno crítico”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). Porto Alegre. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 44\*, 28 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3. (Número repetido).
3. \_\_\_\_\_. “Notas de um caderno crítico”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 54, 30 de novembro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 2.
4. \_\_\_\_\_. “Itinerário de uma crítica”. (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 88, 18 de julho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-4.
5. \_\_\_\_\_. “Poesia e cálcio”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*) In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 20 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 112, p. 3.

### 42º

1. TOMLINSON, Phillips. “Apontamentos sobre uma grande romancista: Virgínia Woolf”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 36, 27 de julho de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

### 43º

1. CONDÉ, João. “Os escritores e a música”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 38, 10 de agosto de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
2. CONDÉ, João. “Os escritores e a música”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 41, 31 de agosto de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

### 44º

1. IVO, Lêdo. “A poesia e a vida”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 41, 31 de agosto de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p.1-2.

---

\* Número repetido.

2. \_\_\_\_\_. “O poeta da cidade”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 85, 27 de junho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
3. \_\_\_\_\_. “A face de um poeta”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano VI, Nº. 165, 14 janeiro de 1951, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

#### 45º

1. PALIN, Pablo. “Alberto Camus”. (Direitos reservados do S. F. I., distribuído com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 43, 14 de setembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

#### 46º

1. SCHMIDT, Augusto Frederico. “Baudelaire segundo Sartre”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 45, 5 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3-2.
2. \_\_\_\_\_. “Visita a Léon Paul Farque”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 63, 18 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
3. \_\_\_\_\_. “Euclides.”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 68\*, 29 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
4. \_\_\_\_\_. “A paixão segundo Péguy” (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 78, 9 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.
5. \_\_\_\_\_. “As tranças”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 150, 12 de março de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

#### 47º

1. MARTINS, Luis. “A Cobra Norato Suíça”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 48, 26 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
2. \_\_\_\_\_. “O congresso de poesia”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 72, 28 de março de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
3. \_\_\_\_\_. “O homem diante do espelho”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 74, de abril de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
4. \_\_\_\_\_. “O congresso de poesia”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 82, 6 de junho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
5. \_\_\_\_\_. “O anti-Gide”. In. *Folha do Norte*. Belém, 28 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 133, p. 1-3.
6. \_\_\_\_\_. “Camus e a situação do escritor brasileiro”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.134, 11 de setembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-3.

#### 48º

1. BROCA, Brito. “A sedução de um tema”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 49, 2 de novembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

#### 49º

1. MARTINS, Nelson. “Primeiras considerações sobre o contista Dalton Trevisan”. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 50, 9 de novembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

#### 50º

1. QUEIROZ, Raquel. “O caminho do Best-seller.”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano II, Nº. 55 7 de dezembro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

2. \_\_\_\_\_. “Literatura Nacional e Outras”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 74, 11 de abril de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

3. \_\_\_\_\_. “O novo livro de Gilberto Freyre” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 23 de janeiro de 1949. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 110, p.3-2.

4. \_\_\_\_\_. “Não há estrelas no céu”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*) In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 20 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 112, p. 2.

#### 51º

1. SIMÕES, João Gaspar. “O valor da descoberta em literatura”. Lisboa. In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, Nº. 57, 21 de dezembro de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-2.

2. \_\_\_\_\_. “O dilema do artista”. Lisboa (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 77, 1º de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

3. \_\_\_\_\_. “Julien Benda e o existencialismo”. Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). Lisboa. In. *Folha do Norte* Belém, Nº 78, 9 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

4. \_\_\_\_\_. “Mallarmé e a poesia portuguesa” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 23 de maio de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº 80, p.3.

5. \_\_\_\_\_. “Destino de um grande Poeta: Fernando Pessoa”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*) In. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 20 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 112, p. 4-2.

6. \_\_\_\_\_. “Estilo e Literatura”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*) In. *Folha do Norte*. Belém, 15 de maio de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 123, p. 1-3.

7. \_\_\_\_\_. “Arte e loucura” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 20 de novembro de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 138, p. 3.

8. \_\_\_\_\_. “A genealogia do conto moderno” In. *Folha do Norte*. Belém, 29 de janeiro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 145, p. 2.

9. \_\_\_\_\_. “Reflexão sobre Júlio Diniz”. In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 160, p. 1-2.

10. \_\_\_\_\_. “Graham Greene: grande romancista contemporâneo”. In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 161, p. 4.

**1948**<sup>181</sup>

**52º**

1. CAVALHEIRO, Edgar. “Notas sobre Mário de Andrade”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 63, 18 de janeiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

2. \_\_\_\_\_. “Balanço de 1947”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 67, 22 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

**53º**

1. CASTRO, Moacir Werneck de. “No mundo de Marajó”. In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 65, p. 1.

**54º**

1. VERCELLI, Sandro di. “O centenário de Mendelssohn. O David de Goethe”. In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 65, p. 3.

**55º**

1. RÓNAI, Paulo. “Traduzir o intraduzível”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 65, 1º de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2-3.

2. \_\_\_\_\_. “Tradução literal e efeitos de estilo”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 68, 29 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

3. \_\_\_\_\_. “No mundo de Graciliano Ramos”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 18 de julho de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 88, p.1-3.

4. \_\_\_\_\_. “Miséria do best seller”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 17 de outubro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 101, p.4-3.

5. \_\_\_\_\_. “Mar absoluto”. In. *Folha do Norte*. Belém, 10 de abril de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 119, p. 7.

**56**

1. BENDA, Julian. “André Gide, Prêmio Nobel de Literatura”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 66, 8 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

2. \_\_\_\_\_. “Cria o escritor a sua época”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.138\*, 20 de novembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

---

<sup>181</sup> *Idem, Ibidem*

### 57º

1. AUDIBERT, Raquel. “Estética moderna na literatura”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 68, 29 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

### 58º

1. SOUSA, Octavio Tarquínio. “Ensaio e Ensaístas”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 70, 14 de março de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

2. \_\_\_\_\_. “Sobre crônicas da Província do Brasil”. In. *Folha do Norte*. Belém, 28 de novembro de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 106, p. 3-6-7.

### 59º

1. MEIRELES, Cecília. “Alfonsina Storni”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 72, 28 de março de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

2. \_\_\_\_\_. “Alfonsina Storni”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 82, 6 de junho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

### 60º

1. IGLESIAS, Francisco. “Introdução a André Malraux”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 72, 28 de março de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p.4.

2. \_\_\_\_\_. “No mundo de Malroux”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 73, 4 de abril de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

3. \_\_\_\_\_. “Introdução a André Malroux”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de junho de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 82, p.4.

4. \_\_\_\_\_. “Situação de Julien Benda”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de setembro de 1948. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 98, p.1-2.

5. \_\_\_\_\_. “Introdução a André Malraux” (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de janeiro de 1949. “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 108, p. 4.

6. \_\_\_\_\_. “O poeta Emílio Moura”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 27 de novembro de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, Nº. 139, p. 4.

### 61º

1. MONTENEGRO, Braga. “Duma interpretação de Emily Bronte”. (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 73, 4 de abril de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

### 62º

1. ROPS, Daniel. “Crítica ao Existencialismo”. (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 73, 4 de abril de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

### 63º

1. GERSEN, Bernardo. “A fase pagã de André Gide”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 75, 18 de abril de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
2. \_\_\_\_\_. GERSEN, Bernardo. “Uma interpretação de Carlos Drummond de Andrade”. In. *Folha do Norte*. Belém, 23 de maio de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº 80, p.4-2.
3. \_\_\_\_\_. “Uma interpretação de Carlos Drummond de Andrade” (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 30 de maio de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº 81, p.4-2.
4. \_\_\_\_\_. “As duas personalidades do escritor moderno”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 3 de abril de 1949, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 118, p. 1.
5. \_\_\_\_\_. “Proust e os existencialistas. Paris. In. *Folha do Norte*. Belém, ano V\*, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 143, p. 1-2.
6. \_\_\_\_\_. “Centenário de Balzac na França”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 162, 17 de dezembro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

### 64º

1. SANCHES, Luis Amador. “Coriolano”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). Rio de Janeiro. In. *Folha do Norte*. Belém, 27 de junho de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 85, p.4.

### 65º

1. CAILLOIS, Roger. “O escritor tem vergonha de escrever”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*, neste Estado). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 87, 11 de julho de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

### 66º

1. BEZERRA, João Clímaco. “À margem da tragédia”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de julho de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 89, p.1-2.

### 67º

1. MENDES, MURILO. “Um livro revolucionário”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 25 de julho de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 89, p. 4.

### 68º

1. BARRROSO, Antônio Girão. “O velho Manú Bandeira”. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 94, 29 de agosto de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

### 69º

1. (Nome do autor ilegível) “Os índios brasileiros na poesia de Goethe”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de setembro de 1948. “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 95, p.4.

---

\* Data ilegível. Supõe-se que o ano seja de 1950, por causa do ano que é V.

### 70º

1. REBELO, Marques. "Goethe". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 12 de setembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 96, p.1-3.
2. \_\_\_\_\_. "Marques Rebelo e a crítica". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 10 de julho de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 128\*, p. 6.

### 71º

1. CANDIDO, Antonio. "Problemas de escolha". (Parte II). (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de setembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 98, p.1-3.

### 72º

1. FILHO, Aires da Mota Machado. "Bernanos e a paixão da verdade". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de setembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 98, p.1.

### 73º

1. BARBOSA, Francisco de Assis. "Policarpo Quaresma, o nosso D. Quixote". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 31 de outubro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 103, p.3.

### 74º

1. D'ÁVILA, Carlos. "Camus e Proust invadem Nova York". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 31 de outubro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 103, p.4-3.

### 75º

1. HOLANDA, Sérgio Buarque. "Três romances". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 7 de novembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 104, p.4-3.
2. \_\_\_\_\_. "Universalismo e provincianismo na crítica". Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 7 de novembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 105, p.4-2.
3. \_\_\_\_\_. "Província". (Especial para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de janeiro de 1949. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 108, p. 3.
4. \_\_\_\_\_. "Soledade". (Especial para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Belém, 27 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 113, p. 1-3.
5. \_\_\_\_\_. "Orfeu e os Novos". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 6 de março de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 114, p. 1-2.
6. \_\_\_\_\_. "Retórica e poesia". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de março de 1950, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 149, p. 3-2.

---

\* Edição especial em homenagem a Marques Rebelo.

#### 76º

1. TAVARES, Odorico. "Variações de Bandeira". In. *Folha do Norte*. Belém, 28 de novembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 106<sup>182</sup>, p. 1-7.

#### 77º

1. MONTEIRO, Adolfo Casais. "Do surrealismo ao existencialismo". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de dezembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 107, p. 1.

2. \_\_\_\_\_. "O surrealismo contra a literatura". In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de junho de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 125, p. 1-2.

3. \_\_\_\_\_. "Morte e ressurreição da literatura". In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de junho de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 127, p. 1.

#### 1949<sup>183</sup>

#### 78º

1. LOPES, José Estênio. "Ser de sua época" (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Belém, 27 de fevereiro 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 113, p. 2.

#### 79º

1. NORBERTO, Natalício. "Os personagens de Kafka". (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 13 de março de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 115, p. 4.

2. \_\_\_\_\_. "Técnica e estilo". In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.116, 20 de março de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

#### 80º

1. OLIVEIRA, J. Coutinho. "Lendas amazônicas: tentativa de classificação". In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.117, 27 de março de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

#### 81º

1. LEITE, Ascelino. "Cecília e a poesia". In. *Folha do Norte*. Belém, 10 de abril de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 119\*, p. 2.

#### 82º

1. PICCHIA, Menoti Del "Vaga música". In. *Folha do Norte*. Belém, 10 de abril de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 119, p. 2.

#### 83º

1. PIMENTEL, Osmar. "Cecília ou a poesia". In. *Folha do Norte*. Belém, 10 de abril de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 119, p. 2.

#### 84º

1. LEÃO, Cunha. "Um caso de poesia absoluta". In. *Folha do Norte*. Belém, 10 de abril de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 119, p. 3.

#### 85º

---

<sup>183</sup> *Idem, Ibdem.*

\* Edição especial em homenagem à Cecília Meireles.

1. LIMA, Jorge de. “Maritain e o existencialismo”. In. *Folha do Norte*. Belém, 22 de maio de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, N<sup>o</sup>. 124, p. 1.

**86<sup>o</sup>**

1. ARMANDO, Paulo. “Almanaque”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, N<sup>o</sup>.124, 22 de maio de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

**87<sup>o</sup>**

1. CAMUS, Albert. “O escritor e a nossa época”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 7 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 130, p. 1.

**88<sup>o</sup>**

1. MEDEIROS, Abaeté. “O deserto e os números”. (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 7 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 130, p. 4.

**89<sup>o</sup>**

1. NOVAIS, Teixeira. “Postais de Paris: Picasso em desgraça”. In. *Folha do Norte*. Belém, 14 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 131, p.1.

**90<sup>o</sup>**

1. ATHAIDE, Tristão. “Joaquim Nabuco”. In. *Folha do Norte*. Belém, 21 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 132\*, p.1.

2. \_\_\_\_\_. “Um poeta”. In. *Folha do Norte*. Belém, 17 de dezembro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, N<sup>o</sup>. 162, p. 1-2.

**91<sup>o</sup>**

1. AMADO, Gilberto. “Joaquim Nabuco”. In. *Folha do Norte*. Belém, 21 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 132, p.1-2.

**92<sup>o</sup>**

1. VIANA, Oliveira. “Nabuco”. In. *Folha do Norte*. Belém, 21 de agosto de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 132, p.1-3.

**93<sup>o</sup>**

1. PONGETTI, Henrique. “Camus e Ogum”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, N<sup>o</sup>.133, 28 de agosto de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

**94<sup>o</sup>**

1. JEAN, Yvonne. “Um admirável romance de amor”. In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de setembro de 1949, “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 134, p. 1-3.

**95<sup>o</sup>**

1. DRUMMOND, Pizarro. “Marters e a poesia”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, N<sup>o</sup>.134, 11 de setembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-3.

2. \_\_\_\_\_. “Sobre Spender”. In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de fevereiro de 1950 “*Arte Suplemento Literatura*”, N<sup>o</sup>. 146\*, p. 1-3.

**96<sup>o</sup>**

1 LEDO IVO. “A geração de 1945”. Conferência pronunciada a convite do Clube de Poesia, no auditório do Museu de Arte de São Paulo, em sessão presidida pelo

---

\* Edição especial em homenagem a Joaquim Nabuco.

\* Número 146, repetido.

poeta Cassiano Ricardo. In. jornal *Folha do Norte*. Belém, 9 out. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 137, p. 1-2.

2. IVO, Ledo. "A face de um poeta". In. *Folha do Norte*. Belém, ano VI, Nº. 165, 14 janeiro de 1951, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

**97º**

1. LINHARES, Temístocles. "A magia da frase". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 4 de dezembro de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 140, p. 1.

**98º**

1. MARTINS, Nísio Batista. "Filosofia e poesia". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 11 de dezembro de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 141, p. 4-3.

**99º**

1. ANDERSON, Paul. "A ficção contra os fatos". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 143, p. 3.

**1950<sup>184</sup>**

**100**

RÉGIO, José. "O eclipse da Inspiração". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 143, [data ilegível], *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.

**101º**

1. SARTRE, Jean-Paul. "Escrever para a nossa época". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 145, 29 de janeiro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

**102**

1. MARTINS, Cristiano. "A concepção do estado no segundo Fausto" In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de fevereiro de 1950 "Arte Suplemento Literatura", Nº. 146, p. 1-2.

**103º**

1. GOMES, Eugênio. "O mistério de Keats". In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de fevereiro de 1950 "Arte Suplemento Literatura", Nº. 146, p. 1-3.

**104º**

1. WALD, Arnold. "Jacques Maritain". In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de fevereiro de 1950 "Arte Suplemento Literatura", Nº. 147, p. 1-2.

**105º**

1. PADILHA, Tarcísio. "Tri-centenário da morte de Descartes: o valor epistemológico do cogito cartesiano". In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de fevereiro de 1950 "Arte Suplemento Literatura", Nº. 147, p. 1-3.

**106º**

1. MONIZ, Edmundo. "Em torno de Marcel Proust". In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de fevereiro de 1950, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 148, p. 1-2.

2. \_\_\_\_\_. "Tolstoi e o espírito da época" In. *Folha do Norte*. Belém, 5 de março de 1950, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 149, p. 1-3.

---

<sup>184</sup> *Idem, Ibidem.*

**107**

1. SIMON, Michel. “Balzac não tirou na pinta”. In. *Folha do Norte*. Belém, 12 de março de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 150, p. 1.

**108º**

1. FALCÃO, Luiz Anníbal. “Cinqüentenário do nosso século”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 150, 12 de março de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.

**109º**

1. GIORGI, Bruno. “Considerações sobre a arte”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 150, 12 de março de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.

**110º**

1. MELO, A. L. Nobre. “Impopularidade da arte moderna”. In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 160, p. 3.

**111º**

1. MOURAIS. André. “A personagem e a pessoa”. In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 160, p. 3.

**112º**

1. MAULNIER, Thierry. “Será este século de Nietzsche”. In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 160, p. 4.

**113º**

1. AMROUCHE, Jean. “O Hamlet de Gide”. In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 161, p. 4.

**114º**

1. MADAULE, Jacques. “Um moralista Albert Camus”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 161, 26 de novembro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

**115º**

1. DELACOUR. André. “Albert Camus e nossa época”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 162, 17 de dezembro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.



## 17 CATALOGAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DE ENTREVISTAS DE AUTORES PUBLICADAS NO SUPLEMENTO DE 1946-1950 SELECIONADAS PARA A TESE<sup>185</sup>

### 1946

1 IVO. Ledo. “Modéstia à parte eu sou da Vila”. **Entrevistado Marques REBELO**. In. *Folha do Norte*, Belém, ano I, nº. 1, 5 de maio de 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

2 **MALFATTI, Anita**. Não sou, nem nunca fui paranóica ou mistificadora. (São Paulo, via-aérea). In. *Folha do Norte*, Belém, ano I, nº. 3, 26 de maio de 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

3 **BANDEIRA, Manuel**. Não existe língua brasileira. (Rio de Janeiro, Via-aérea). In. *Folha do Norte*, Belém, ano I, nº. 4, 2 de junho de 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

4 **CAVALCANTI, Waldemar**. Depoimento de Waldemar Cavalcanti. (Rio de Janeiro via-aérea a U.). In. *Folha do Norte*, Belém, ano I, nº. 5, 16 de junho de 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

5 ALMEIDA, Fischer. O Conto na literatura. **Entrevistado Marques REBELO**. In. *Folha do Norte*, Belém, ano I, nº. 7, 14 de julho de 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2-3.

6 **Guimarães Rosa, Graciliano Ramos**, et al. Retrospecto do ano literário. (Rio, via aérea). In. *Folha do Norte*, ano I, nº. 17, 22 de dezembro de 1946, Arte Suplemento Literatura, p. 2-3.

### 1947

7 **VERÍSSIMO, Érico**. A Literatura brasileira há muito que rumou para a esquerda. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 22, 16 de março de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

8 BROCA, Brito. O Maior Crítico da literatura Argentina Contemporânea. (Rio, Via aérea – A. U.), **Entrevistado Robert Giust**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 24, 6 de abril de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.

9 ALMEIDA, Fischer. Quais as Diretrizes Futuras do Romance?. **Entrevistado José CONDÉ**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 27, 25 de maio de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 1.

10 ALMEIDA, Fischer. Quais as Diretrizes Futuras do Romance?. **Entrevistado Ledo Ivo**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 28, 1º de junho de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

---

<sup>185</sup> A catalogação e quantificação dos autores e suas entrevistas estão por ordem cronológica de dia, mês, ano e número de página. É possível que nem todas as entrevistas tenham sido catalogadas, pois alguns exemplares do referido jornal consultado, na Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR), de Belém do Pará, estão bastante deteriorados, faltando alguns exemplares e constando outros ilegíveis.

- 11 ALMEIDA, Fischer. Quais as Diretrizes Futuras do Romance?. (Exclusividade da Folha do Norte). **Entrevistado José Vieira**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº.29 , 8 de junho de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.
- 12 ALMEIDA, Fischer. Quais as Diretrizes Futuras do Romance?. (Exclusividade da Folha do Norte). **Entrevistado ADONIAS Filho**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 31, 6 de julho de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.
- 13 ALMEIDA, Fischer. Quais as Diretrizes Futuras do Romance?. (Exclusividade da Folha do Norte). **Entrevistado Guilherme FIQUEIREDO**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 31 , 22 de junho de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 7.
- 14 BARATA, Ruy. A Geração Remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Guilherme barata. **Entrevistado Ruy Barata** concedida a Antônio Girão Barroso. In. *Folha do Norte*, ano II, nº.33, 20 de julho de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2-3.
- 15 ALMEIDA, Fischer. Quais as Diretrizes Futuras do Romance?. (Exclusividade da Folha do Norte). **Entrevistado Marques REBELO**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 38, 10 de agosto de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 2.
- 16 **MARTINS, Fran**. A crise que se verifica no romance brasileiro não significa decadência. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 43, 14 de setembro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 17 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados Cléo Bernardo e Remígio Ferreira**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 45, 5 de outubro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 18 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados. Cécil Meira e Georgenor Franco**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 46, 12 de outubro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4-2.
- 19 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados Levy Hall de Moura e Sultana Levy**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 48, 26 de outubro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 20 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados Bruno de Menezes e Romeu Mariz**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 49, 2 de novembro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 21 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados Stélio Maroja e Edgar Proença**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 51, 16 de novembro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 22 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados Otávio Mendonça e Raimundo de Sousa Moura**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 52, 23 de novembro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 23 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados Max Martins e Geraldo Palmeira**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº. 55, 7 de dezembro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 24 AUGUSTO, Peri. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistados Paulo Plínio Abreu e Ruy Coutinho**. In. *Folha do Norte*, ano II, nº.56, 14 de dezembro de 1947, Arte Suplemento Literatura, p. 4.

**1948**

- 25 AUGUSTO, Peri Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistado Benedito Nunes**<sup>186</sup>. In. *Jornal Folha do Norte*, ano III, nº. 60, 1º. de janeiro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 7.
- 26 SABINO, Fernando. Conversa com Salvador Dali. (Copyright E. S. L. com exclusividade para a Folha do Norte) **Entrevistado Salvador Dali**. In. *Jornal Folha do Norte*, ano III, nº.64, 25 de janeiro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 3.
- 27 SABINO, Fernando. Conversa com Salvador Dali. (Copyright E. S. L. com exclusividade para a Folha do Norte) **Entrevistado Salvador Dali**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 65, 1º de fevereiro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 3.
- 28 Octávio de Faria fala sobre o seu novo romance. **Entrevistado Octávio de Faria**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 66, 8 de fevereiro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 3.
- 29 SABINO, Fernando. Conversa com Salvador Dali. (Copyright E. S. L. com exclusividade para a Folha do Norte). **Entrevistado Salvador Dali**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 68, 15 de fevereiro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 3.
- 30 D'AMICO, Sílvio. Fala Tristan Bernard. (Copyright IPÊ. com exclusividade para a Folha do Norte). **Entrevistado Tristan Bernard**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 68, 15 de fevereiro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 31 PEDROSA, Mário. Um momento com André Gide. **Entrevistado André Gide (Parte I)**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 69, 7 de março de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 3.
- 32 MARTINS, Wilson. A pintura moderna numa encruzilhada. (Copyright E. S. L. com exclusividade para a Folha do Norte). **Entrevistado André Lhote**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 69, 7 de março de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 33 PEDROSA, Mário. Um momento com André Gide. **Entrevistado André Gide (Conclusão)**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 70, 14 de março de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 34 Falam os poetas. **Entrevistados Carlos Drummond de Andrade e Ledo Ivo**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 71, 21 de março de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 4.
- 35 PEDROSA, Mário. Ouvindo Albert Camus. **Entrevistado Albert Camus**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 73, 4 de abril de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 4-3.
- 36 PEDROSA, Mário. Meu encontro com Malraux. (Copyright E. S. L., com exclusividade para a Folha do Norte). **Entrevistado Malraux**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 75, 18 de abril de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 4-2.
- 37 MARANHÃO. Haroldo. Folha do Norte ouve a palavra de Manuel Bandeira. **Entrevistado Manuel Bandeira**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 106, 28 de novembro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 1.
- 38 SENNA, Homero. Vida, opiniões e tendências de Manuel Bandeira. **Entrevistado Manuel Bandeira**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 106, 28 de novembro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 6.

---

<sup>186</sup> PERI, Augusto. Posição e destino da literatura paraense. **Entrevistado Benedito Nunes**. Sobre a Geração moderna da literatura paraense.

**39** BRITO, Broca. Os novos da Espanha. **Entrevistado José Maria Sanches Silva**. In. *Folha do Norte*, ano III, nº. 107, 19 de dezembro de 1948, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

**1949**

**40** SABINO, Fernando. Histórias de Brodowski, Buenos Aires e Paris. (Copyright E. S. L., com exclusividade para a Folha do Norte). **Entrevistado Cândido Portinari**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 112, 20 de fevereiro de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1-2.

**41** Entrevistado **Charles Morgan** conta como nascem seus personagens. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 114, 6 de março de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 3.

**42** Entrevistada **Cecília Meireles**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 119, 10 de abril de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1 (Edição especial em homenagem a Cecília Meireles).

**43** FISCHER, Almeida. O conto na literatura. **Entrevistado Marques Rebelo**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 128, 10 de julho de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 3-2. (Edição especial em homenagem a Marques Rebelo).

**44** LEDO, Ivo. Modéstia à parte eu sou da vila. **Entrevistado Marques Rebelo**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 128, 10 de julho de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1-2.

**45** O espírito de Marques Rebelo. **Entrevistado Marques Rebelo**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 128, 10 de julho de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 7.

**46** Marques Rebelo fala aos leitores da Folha do Norte. **Entrevistado Marques Rebelo**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 128, 10 de julho de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 8.

**47** GERSEN, Bernardo. Entrevista com Jules Romains. Paris. **Entrevistado Jules Romains**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 130, 7 de agosto de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 2-3

**48** JEAN, Yvonne. Com Albert Camus. **Entrevistado Albert Camus**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 130, 7 de agosto de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 4-2.

**49** IVO, Lêdo. Manuel Bandeira diante da morte. **Entrevistado Manuel Bandeira**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 131, 14 de agosto de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 2.

**50** JEAN, Yvonne. Que cada avanço do teu espírito seja um passo e não um rasto. **Entrevistado Guillevic**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 135, 18 de setembro de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1-2.

**51** JEAN, Yvonne. O brilhante Maurice Toesca. **Entrevistado Maurice Toesca**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 136, 25 de setembro de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1.

**52** Um congresso de técnicos em linguagem homenageando um antigramático. **Entrevistado Cécil Meira**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 139, 27 de novembro de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1.

**53** WIZNITZER, LUIZ. Com Charles Morgan em Paris. **Entrevistado Charles Morgan**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 141, 11 de dezembro de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1-3.

54 WIZNITZER, LUIZ. A palavra de Heidegger. **Entrevistado Heidegger**. In. *Folha do Norte*, ano IV, nº. 142, 18 de dezembro de 1949, Arte Suplemento Literatura, p. 1-3. **(Pegar urgente esse texto)**.

**1950**

55 WIZNITZER, Louis. Entrevistando Collete. **Entrevistado Collete**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 143, data ilegível, Arte Suplemento Literatura, p. 1-2.

56 “Encontrei nas artes plásticas um novo motivo para servir à cultura do Brasil” . **Entrevista com Marques Rebelo**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 143, data ilegível, Arte Suplemento Literatura, p. 4.

57 FEDER, Ernesto. A aversão Paul Claudel. Rio. **Entrevistado Paul Claudel**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 146, 5 de fevereiro de 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 4.

58 WIZNITZER, LUIZ. Uma entrevista com Graham Greene. Paris. **Entrevistado Graham Greene**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 146, 5 de fevereiro de 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 2

59 **Já leu o Discurso sobre o método**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 147, 19 de fevereiro de 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 1.

60. ENEIDA. Ferreira de Castro é Nosso. Paris. (Especial para a Folha do Norte) **Entrevistado Ferreira de Castro**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 161, 26 de novembro de 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 1-2.

61 Uma conversa em Recife com Círo dos Anjos. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 161, 26 de novembro de 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 2-3.

62 WIZNITZER, LUIZ. Papine escrevendo um novo Fausto. Florença. **Entrevistado Papine**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 161, 17 de dezembro de 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 1-3.

63 WIZNITZER, Louis. Os grandes problemas da Filosofia. Paris. **Entrevistado Henri Lavell**. In. *Folha do Norte*, ano V, nº. 161, 17 de dezembro de 1950, Arte Suplemento Literatura, p. 3.



## 18 ARTIGOS SELECIONADOS PARA A TESE

### 1946

- 1 MEIRA, Cecil. O destino das academias. *Folha do Norte*. Belém, 05 maio, 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 1, p. 1.
- 2 AMADO, Genolino. A Crise na Poesia Moderna. *Folha do Norte*. Belém, 05 maio 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 1, p. 3-4.
- 3 MARANHÃO, HAROLDO. O último Modernista. *Folha do Norte*. Belém, 05 maio de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 1, p. 4.
- 4 LINS, Álvaro. A crítica de Mário de Andrade. *Folha do Norte*. Belém, 30 jun. 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
- 5 PEREIRA, Lúcia Miguel. "Literatura e mocidade". *Folha do Norte*. Belém, 28 de julho de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 8, p. 1.
- 6 BANDEIRA, Manuel. "Antologias de definições de poesia". *Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946, *Arte Suplemento Literatura*, Nº 11, p. 1-2.
- 7 BERNARDO, Cléo. "Chove nos campos de cachoeira". *Folha do Norte*. Belém, Nº. 13, 6 de outubro de 1946, *Suplemento Arte Letras*, p. 2.
- 8 FREYRE, Gilberto. O maior livro brasileiro sobre a Amazônia. *Folha do Norte*. Belém, 20 out. 1946, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
- 9 BASTIDE, Roger. Crítica 1946. In. *Folha do Norte*. Belém, 01 dez. 1946, *Suplemento Arte Letras Num.* P. 3.
- 10 BASTIDE, Roger. Crítica literária e crítica religiosa. In. *Folha do Norte*. Belém, 10 nov. 1946, *Suplemento Arte Letras Num.* P. 1-3.

### 1947

- 1 BASTIDE, Roger. A poesia dos dias que correm. In. *Folha do Norte*. Belém, 06 abr. 1947, *Suplemento Arte Letras Num.* P. 1-2.
- 2 MARTINS, Wilson. "Um método de crítica literária" (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 78, 9 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
- 3 \_\_\_\_\_. "Problemas de uma história da literatura". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade da Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 7.
- 4 \_\_\_\_\_. "As novas gerações e as revoluções literárias". (Copyright E. S. I., com. Exclusividade para a Folha do Norte). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 45, 5 de outubro de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
- 5 CARPEAUX, Oto Maria. Mocidade e morte. *Folha do Norte*. Belém, 25 maio 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 8-9.
- 6 BASTIDE, Paul Arbousse. Jean Paul Sartre e a literatura interessada. In. *Folha do Norte*. Belém, 08 jun. 1947, *Suplemento Arte Letras*, P. 8.
- 7 Milliet, Sérgio. Reação poética. *Folha do Norte*. Belém, 22 jun. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
8. BASTIDE, Paul Arbousse. Para que escrevemos?. *Folha do Norte*. Belém, 20 jul. 1947, *Suplemento Arte Letras Num.* P. 2.

- 9 BASTIDE, Roger. Que é literatura. In. *Folha do Norte*. Belém, 30 nov. 1947, *Suplemento Arte Letras* Num. P. 4.
- 10 LINS, Álvaro. Literatura e Marxismo. In. *Folha do Norte*. Belém 01 dez. 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

#### 1948

- 1 MARANHÃO, Haroldo. "Poesia em pânico". In. *Folha do Norte*. Belém, 1º de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, Nº. 65, p. 1.
- 2 Milliet, Sérgio. "Os Gagás de 22". (Copyright E. S. I., com Exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 19 de dezembro de 1948. "Arte Suplemento Literatura", Nº. 107, p. 4.
- 3 CARPEAUX, Oto Maria. Conselhos para romancistas. *Jornal Folha do Norte*. Belém, 29 fev. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-3.
- 4 MENDES, Francisco Paulo. *O Poeta e a rosa*. In. *Folha do Norte*. Belém, 25 abr.1948, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-3.
- 5 CARPEAUX, Oto Maria. A poesia dos vencidos. *Folha do Norte*. Belém, 01 maio, 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
- 6 Milliet, Sérgio. Maiores e menores. *Folha do Norte*. Belém, 16 maio, 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
- 7 .MARTINS, Wilson. "Os novos" (Especial para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 78, 9 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
- \_\_\_\_\_. "Os novos" (Parte II). (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 16 de maio de 1948. *Arte Suplemento Literatura*, Nº 79, p.1-3.
- 8 LABIN, Suzanne. "A arte literária de Jean-Paul Sartre". (Copyright Interprensa Esse Press com. Exclusividade da *Folha do Norte*).In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 25, 13 de abril de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 1-3.
- \_\_\_\_\_. "A arte literária de Jean-Paul Sartre". (Copyright da Inter-Americana com. Exclusividade para a *Folha do Norte*). Buenos Aires. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº 26, 18 de maio de 1947, *Arte Suplemento Literatura*, p. 8.
- \_\_\_\_\_. "A arte literária de Jean-Paul Sartre" (Parte III). Copyright Interprensa Esse Press com. Exclusividade da *Folha do Norte*). Buenos Aires. In. *Folha do Norte*. Belém, Nº. 27, 25 de maio de 1947, *Suplemento Arte Letras*, p. 2.
- 9 CANDIDO, Antonio. Problemas de Escolha. (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*) In. *Folha do Norte*. Belém, 26 set.
- 10 CAVALHEIRO, Edgar. "Notas sobre Mário de Andrade". (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 63, 18 de janeiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
- 11 PEREIRA, Lúcia Miguel. "Corte e província". (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*. In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 94, 29 de agosto de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

## 1949.

- 1 HOLANDA, Aurélio Buarque de. "Província". ((Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, 01 jan. 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
- 2 PEREIRA, Lúcia Miguel. "O estranho Sartre.". (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano III, Nº. 68, 15 de fevereiro de 1948, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
- 3 OLIVEIRA, J. Coutinho. "Lendas amazônicas: tentativa de classificação". In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.117, 27 de março de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
- 4 BASTIDE, Roger. "Poesia feminina e poesia masculina". In. *Folha do Norte*. Belém, 10 abril de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 119, p. 7.
- 5 PONGETTI, Henrique. "Camus e Ogum". In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.133, 28 de agosto de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.
- 6 BANDEIRA, Manuel. "José Veríssimo". In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.133, 28 de agosto de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 2-3.
- 7 MARTINS, Luis. "Camus e a situação do escritor brasileiro". In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.134, 11 de setembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-3.
- 8 ANDRADE, Carlos Drummond de. "Trabalhador e poesia". In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.136, 25 de setembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
- 9 BENDA, Julien.. "Cria o escritor a sua época". (Copyright E. S. I., com exclusividade para a *Folha do Norte*). In. *Folha do Norte*. Belém, ano IV, Nº.138, 20 de novembro de 1949, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.
- 10 CARPEAUX, Otto Maria. "Importância e crise da crítica Americana". In. *Folha do Norte*. Belém, 8 de maio de 1949, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 122, p.1-2.

## 1950

1. SARTRE, Jean-Paul. "Escrever para a nossa época". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 145, 29 de janeiro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-3.
2. GIORGI, Bruno. "Considerações sobre a arte". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 150, 12 de março de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.
3. MADAULE, Jacques. "Um moralista Albert Camus". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 161, 26 de novembro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.
4. GERSSEN, Bernardo. "Centenário de Balzac na França". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 162, 17 de dezembro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.
5. DELACOUR, André. "Albert Camus e nossa época". In. *Folha do Norte*. Belém, ano V, Nº. 162, 17 de dezembro de 1950, *Arte Suplemento Literatura*, p. 4-2.
- 6 CARPEAUX, Otto Maria. "Crítica literária". In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de fevereiro de 1950, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 148, p. 1-2.
7. \_\_\_\_\_. "Crítica literária". In. *Folha do Norte*. Belém, 26 de fevereiro de 1950, "Arte Suplemento Literatura", Nº. 148, p. 1-2.

8. Milliet, Sérgio “Baudelaire e a paisagem”. In. Folha do Norte. Belém, 26 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 161, p. 1.
- 9 PEREIRA, Lúcia Miguel. “Romancistas ingleses”. In. Folha do Norte. Belém, 5 de março de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 149, p. 1-3.
- 10 SIMÕES, João Gaspar. “Graham Greene: grande romancista contemporâneo”. In. Folha do Norte. Belém, 26 de novembro de 1950, “Arte Suplemento Literatura”, Nº. 161, p. 4.

### **1951**

- 1 MILLIET, Sérgio. “Um poema de André Spire”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano VI, Nº. 165, 14 janeiro de 1951, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.
- 2 IVO, Ledo. “A face de um poeta”. In. *Folha do Norte*. Belém, ano VI, Nº. 165, 14 janeiro de 1951, *Arte Suplemento Literatura*, p. 1-2.

## 19 BIBLIOGRAFIA DE PERIÓDICOS

### TEXTOS DE BENEDITO NUNES EM PERIÓDICOS

#### JORNAIS

##### 1 - FOLHA DO NORTE

###### 1946:

1 NUNES, Benedito. João Silvério. (Capítulos de um romance). *Folha do Norte*, Belém, 05 maio, 1946. *Arte Suplemento Literatura*, P. 3.

2 \_\_\_\_\_. Poema do Solitário. *Folha do Norte*, Belém, 26 maio, 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

3 \_\_\_\_\_. Trecho da Conselheiro Furtado. *Folha do Norte*. Belém, 30 jun. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2;

4 NUNES, Benedito. Confissões do Solitário (1-7). *Folha do Norte*, Belém, 25 ago. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p.4.

5 \_\_\_\_\_. Confissões do Solitário (8-11). *Folha do Norte*. Belém, 07 set. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

###### 1947:

6 \_\_\_\_\_. Balada do Inverno. *Folha do Norte*. Belém, 05 jan. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

7 \_\_\_\_\_. Confissões do Solitário (16-23). *Folha do Norte*. Belém, 26 jan. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

8 \_\_\_\_\_. Poema das 4 Ruas. *Folha do Norte*. Belém, 9 fev. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

9 \_\_\_\_\_. Elegia, Fragmento, Hino do Caminhante. *Folha do Norte*. Belém, 23 fev. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

10 \_\_\_\_\_. Ligação e Fragmento nº 2. *Folha do Norte*. Belém, 16 mar. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

11 \_\_\_\_\_. Cantigas, Fragmento nº 3, Elegia para mim mesmo. *Folha do Norte*. Belém, 13 abr. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

12 \_\_\_\_\_. Confissões do Solitário (25-43). *Folha do Norte*. Belém, 18 maio, 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

13 \_\_\_\_\_. Mar, Triste 1, Triste 2. *Folha do Norte*. Belém, 25 maio, 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 6.

14 \_\_\_\_\_. Ação e Poesia I: Especial para a FOLHA DO NORTE. *Folha do Norte*. Belém, 01 jun. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 3.

15 \_\_\_\_\_. Ação e Poesia II. *Folha do Norte*. Belém, 08 jun. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

16 \_\_\_\_\_. Confissões do Solitário (44-60). *Folha do Norte*. Belém, 06 jul. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p.3.

17 \_\_\_\_\_. Confissões do Solitário (61-68). *Folha do Norte*. Belém, 06 jul. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p.3.

18 \_\_\_\_\_. Confissões do Solitário (69-78). *Folha do Norte*. Belém, 03 ago. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

19 \_\_\_\_\_. Poema. *Folha do Norte*. Belém, 24 agosto 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

20 \_\_\_\_\_. Estrela do Mar (poema). *Folha do Norte*. Belém, 31 ago. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

21 \_\_\_\_\_. Confissão (poema). *Folha do Norte*. Belém, 21 dez. 1947. *Arte Suplemento Literatura*, p. 2.

#### **1948:**

22 \_\_\_\_\_. Fuga (poema). *Folha do Norte*. Belém, 01 jan. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

23 \_\_\_\_\_. Salmo. (Especial para o Jornal *Folha do Norte*). *Folha do Norte*. Belém, 13 jun. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

24 \_\_\_\_\_. Poema. *Folha do Norte*. Belém, 18 jul. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p. 1.

#### **1949:**

25 \_\_\_\_\_. Retrato. *Folha do Norte*. Belém, 20 fev. 1949. *Suplemento Arte*

#### **1950**

26 \_\_\_\_\_. Cotidiano e a Morte em Ivan Ilitch. *Folha do Norte*. Belém, 22 jan. 1950, *Suplemento Arte Literatura*, p. 3 e 2.

27 \_\_\_\_\_. Dez Poetas Paraenses. Seleção e notas de Ruy Guilherme Barata. *Folha do Norte*. Belém, 24 dez. 1950, *Arte Suplemento Letras*, p. 1.

28 João Afonso. Pseudônimo de Benedito Nunes. Dez Poetas Paraenses. *Folha do Norte*. Belém, 31 dez. 1950, *Arte Suplemento Letras*, p. 4-2.

#### **1951:**

29 NUNES, Benedito e AFONSO, João. Considerações Sobre *A Peste*. *Folha do Norte*. Belém, 14 jan. 1951, *Suplemento Arte Letras* Num. p. 4 e 2.

## **2 SUPLEMENTO DOMINICAL DO JORNAL DO BRASIL DO RIO DE JANEIRO (1956-1959<sup>187</sup>) E (1961)**

#### **1956**

1. NUNES, Benedito. Fernando Pessoa – poeta metafísico. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1956. *Suplemento Dominical*, p.

2. \_\_\_\_\_. O homem e sua hora.. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1956. *Suplemento Dominical*, p. 10.

3. \_\_\_\_\_. O homem e sua hora.. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1956. *Suplemento Dominical*, p. 6.

4. \_\_\_\_\_. Saint-Exupéry e Nietzsche. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1956. *Suplemento Dominical*, p.

#### **1957**

---

<sup>187</sup> Em 1960 não houve publicação de Benedito Nunes no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*.

5. \_\_\_\_\_. O valor da epopéia. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1957. Suplemento Dominical, p. 1.
6. \_\_\_\_\_. Do trágico nos *Lusíadas*. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1957. Suplemento Dominical, p. 3.
7. \_\_\_\_\_. Duas reflexões sobre poesia. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de 1957. Suplemento Dominical, p.
8. \_\_\_\_\_. Primeira notícia sobre Grande Sertão: Veredas. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1957. Suplemento Dominical, p.
9. \_\_\_\_\_. Arte e Moral I. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 de março de 1957. Suplemento Dominical, p.
10. \_\_\_\_\_. Arte e Moral II. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17 de março de 1957. Suplemento Dominical, p. 2.
11. \_\_\_\_\_. Arte e Moral III. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 24 de março de 1957. Suplemento Dominical, p.
12. \_\_\_\_\_. Notas sobre o Cancioneiro de Garcia de Resende. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de abril de 1957. Suplemento Dominical, p.
13. \_\_\_\_\_. O moderno Edgar Allan Poe I. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 de junho de 1957. Suplemento Dominical, p.
14. \_\_\_\_\_. O moderno Edgar Allan Poe II. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1957. Suplemento Dominical, p.
15. \_\_\_\_\_. O pensamento de Sócrates I. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1957. Suplemento Dominical, p.
16. \_\_\_\_\_. O pensamento de Sócrates II. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 8 de julho de 1957. Suplemento Dominical, p.
17. \_\_\_\_\_. O pensamento de Sócrates III. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1957. Suplemento Dominical, p.
18. \_\_\_\_\_. O pensamento de Sócrates IV. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1957. Suplemento Dominical, p.
19. \_\_\_\_\_. O pensamento de Sócrates V. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 28 de julho de 1957. Suplemento Dominical, p.
20. \_\_\_\_\_. As flores do mal I. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1957. Suplemento Dominical, p.
21. \_\_\_\_\_. As flores do mal II. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1957. Suplemento Dominical, p.
22. \_\_\_\_\_. Do fenômeno ao poético. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1957. Suplemento Dominical, p.
23. \_\_\_\_\_. Panteísmo e romantismo I. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1957. Suplemento Dominical, p.
24. \_\_\_\_\_. Panteísmo e romantismo II. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1957. Suplemento Dominical, p.
25. \_\_\_\_\_. Panteísmo e romantismo III. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1957. Suplemento Dominical, p.
26. \_\_\_\_\_. Filosofia e metafísica I. In. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1957. Suplemento Dominical, p.

27. \_\_\_\_\_. Filosofia e metafísica II. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1957. Suplemento Dominical, p.
28. \_\_\_\_\_. Filosofia e metafísica III. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1957. Suplemento Dominical, p
29. \_\_\_\_\_. O moderno Edgar Allan Poe. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1957. Suplemento Dominical, p.
30. \_\_\_\_\_. Filosofia e metafísica (conclusão). In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1957. Suplemento Dominical, p.
31. \_\_\_\_\_. Platão e o conhecimento. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1957. Suplemento Dominical, p.
32. \_\_\_\_\_. A crise da linguagem filosófica. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1957. Suplemento Dominical, p.
33. \_\_\_\_\_. Husserl e a Fenomenologia. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1957. Suplemento Dominical, p.
34. \_\_\_\_\_. Roteiro das meditações metafísicas de Descartes. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1957. Suplemento Dominical, p.
35. \_\_\_\_\_. Roteiro das meditações metafísicas de Descartes. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1957. Suplemento Dominical, p.

#### **1958**

36. \_\_\_\_\_. A crítica do juízo estético. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1958. Suplemento Dominical, p.
37. \_\_\_\_\_. Platão e a poesia. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1958. Suplemento Dominical, p.
38. \_\_\_\_\_. Jogo, forma e natureza. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 6 de abril de 1958. Suplemento Dominical, p.
39. \_\_\_\_\_. Apontamentos de estética. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 6 de abril de 1958. Suplemento Dominical, p.
40. \_\_\_\_\_. A teoria do gênio em Kant e Schopenhauer. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 de abril de 1958. Suplemento Dominical, p.
41. \_\_\_\_\_. Tempo e consciência histórica. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1958. Suplemento Dominical, p.
42. \_\_\_\_\_. Tempo e consciência histórica (Conclusão). In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1958. Suplemento Dominical, p.
43. \_\_\_\_\_. Psicanálise e arte I. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1958. Suplemento Dominical, p.
44. \_\_\_\_\_. Poesia e metafísica. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1958. Suplemento Dominical, p.
45. \_\_\_\_\_. Psicanálise e arte II. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1958. Suplemento Dominical, p.
46. \_\_\_\_\_. Psicanálise e arte III. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1958. Suplemento Dominical, p.
47. \_\_\_\_\_. Imagem e ideia. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1958. Suplemento Dominical, p.
48. \_\_\_\_\_. Imagem e idéia II In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1958. Suplemento Dominical, p.

49. \_\_\_\_\_.A origem da tragédia e da arte. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, dezembro de 1958. Suplemento Dominical, p.
50. \_\_\_\_\_.A ontologia de Hartman. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, dezembro de 1958. Suplemento Dominical, p.
51. \_\_\_\_\_.Axiologia e moral; estudo sobre a ética de Hartman. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, dezembro de 1958. Suplemento Dominical, p. 1959
52. \_\_\_\_\_.O drama da “Inteligência”. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1959. Suplemento Dominical, p.
53. \_\_\_\_\_.A previsão na história. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1959. Suplemento Dominical, p.
54. \_\_\_\_\_.A Compreensão na história. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1959. Suplemento Dominical, p.
55. \_\_\_\_\_.A poética de Heidegger. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1959. Suplemento Dominical, p.
56. \_\_\_\_\_.Apontamentos de estética I. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 14 de março de 1959. Suplemento Dominical, p.
57. \_\_\_\_\_.Apontamentos de estética II. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 28 de março de 1959. Suplemento Dominical, p.
58. \_\_\_\_\_.Notas sobre o Modernismo Brasileiro (ensaio). In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1959. Suplemento Dominical, p. 1961
59. \_\_\_\_\_.A crítica da razão dialética. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1961. Suplemento Dominical, p. 3.
60. \_\_\_\_\_.A crítica da razão dialética I. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 3 de junho de 1961. Suplemento Dominical, p. 1-2.
61. \_\_\_\_\_.A crítica da razão dialética II. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 10 de junho de 1961. Suplemento Dominical, p. 3.
62. \_\_\_\_\_.A crítica da razão dialética III. In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 de junho de 1961. Suplemento Dominical, p. 6.
63. \_\_\_\_\_.A crítica da razão dialética (final). In. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1961. Suplemento Dominical, p. 3.

### **3 - SUPLEMENTO MAGAZINE DO JORNAL A PROVÍNCIA DO PARÁ (1956-1957)**

1. NUNES, Benedito. *O homem e sua hora*. (Especial para a *A Província do Pará*) In. *A Província do Pará*. Belém, 12 de agosto de 1956, Suplemento Magazine. Rodapé de Crítica, p. 9-10.
2. \_\_\_\_\_.Análise de um poema (II). In. *A Província do Pará*. Belém, 19 de agosto de 1956, Suplemento Magazine. Letras e Artes, Rodapé de Crítica, p.11.
3. \_\_\_\_\_.A criação das imagens. (Especial para a *A Província do Pará*) In. *A Província do Pará*. Belém, 26 de agosto de 1956, Suplemento Magazine, Letras e Artes, Rodapé de Crítica p. 9-10.

4. \_\_\_\_ Os elementos do verbo. (Para a *A Província do Pará*) In. *A Província do Pará*. Belém, 1º de setembro de 1956, Suplemento Magazine, Letras e Artes, Rodapé de Crítica p. 9.
5. \_\_\_\_ À margem de Blake. (Para a *A Província do Pará*) In. *A Província do Pará*. Belém, 9 de setembro de 1956, Suplemento Magazine, Letras e Artes, Rodapé de Crítica p. 9.
6. \_\_\_\_ A poética de Goethe. (Para a *A Província do Pará*) In. *A Província do Pará*. Belém, 16 de setembro de 1956, Suplemento Magazine, Letras e Artes, Rodapé de Crítica, p. 11-12.
7. \_\_\_\_ Introdução a four quartets I. In. *A Província do Pará*. Belém, 23 de setembro de 1956, Suplemento Magazine, Letras e Artes, Rodapé de Crítica, p. 11.
8. \_\_\_\_ Introdução a four quartets II. In. *A Província do Pará*. Belém, 30 de setembro de 1956, Suplemento Magazine, Letras e Artes, Rodapé de Crítica, p. 11-12.
9. \_\_\_\_ A Introdução a four quartets III. In. *A Província do Pará*. Belém, 7 de outubro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
10. \_\_\_\_ A estética do cinema I. In. *A Província do Pará*. Belém, 14 de outubro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
11. \_\_\_\_ A estética do cinema II. In. *A Província do Pará*. Belém, 21 de outubro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
12. \_\_\_\_ A arte de traduzir. In. *A Província do Pará*. Belém, 28 de outubro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
13. \_\_\_\_ *Duas reflexões sobre poesia*. In. *A Província do Pará*. Belém, 3 de novembro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
14. \_\_\_\_ *Notas de estudo I*. In. *A Província do Pará*. Belém, 18 de novembro de 1956, Suplemento Magazine, p. 11-12.
15. \_\_\_\_ *Notas de estudo II*. In. *A Província do Pará*. Belém, 25 de novembro de 1956, Suplemento Magazine, p. 9-10.
16. \_\_\_\_ *Notas de estudo III*. In. *A Província do Pará*. Belém, 2 de dezembro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
17. \_\_\_\_ *A função da crítica*. In. *A Província do Pará*. Belém, 8 de dezembro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
18. \_\_\_\_ Em torno de um poeta. In. *A Província do Pará*. Belém, 16 de dezembro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
19. \_\_\_\_ O valor da epopéia. In. *A Província do Pará*. Belém, 26 de dezembro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
20. \_\_\_\_ Do trágico nos Lusíadas. In. *A Província do Pará*. Belém, 30 de dezembro de 1956, Suplemento Magazine, p. (TEXTO NÃO ENCONTRADO).
21. \_\_\_\_ *O Cancioneiro de Garcia de Resende 1<sup>188</sup>*. In. *A Província do Pará*. Belém, 13 de janeiro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.

---

<sup>188</sup> Em 1957, foi retirado o nome “Magazine” do segundo caderno e deixado apenas “Letras e Artes”. A coluna de Benedito Nunes que se chamava “Rodapé de Crítica” passou a ser chamada de “Folhetim de Crítica”.

22. \_\_\_\_ *O Cancioneiro de Garcia de Resende II*. In. A Província do Pará. Belém, 20 de janeiro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-12.
23. NUNES, Benedito. *Valores estéticos do cinema 1*. In. . A Província do Pará. Belém, 27 de janeiro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-3.
24. \_\_\_\_ *Valores estéticos do cinema 2*. In. A Província do Pará. Belém, 3 de fevereiro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
25. \_\_\_\_ *Valores estéticos do cinema 3*. In. A Província do Pará. Belém, 10 de fevereiro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 2.
26. \_\_\_\_ *Valores estéticos do cinema 4*. In. A Província do Pará. Belém, 17 de fevereiro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1.
27. \_\_\_\_ Fernando pessoa: poeta metafísico (Introdução de um ensaio). In. A Província do Pará. Belém, 24 de fevereiro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 2.
28. \_\_\_\_ *Humanismo em Saint-Exupéry*. In. A Província do Pará. Belém, 3 de março de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 2.
29. \_\_\_\_\_. Inventário e planejamento. In. A Província do Pará. Belém, 10 de março de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p.1- 2.
30. \_\_\_\_\_. Arte e moral 1. In. A Província do Pará. Belém, 17 de março de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p.1- 2.
31. \_\_\_\_\_. Arte e moral 2. In. A Província do Pará. Belém, 24 de março de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 2.
32. \_\_\_\_\_. Caieiro, o guardador de rebanho. In. A Província do Pará. Belém, 31 de março de 1957, Suplemento Magazine, p.1.
33. \_\_\_\_\_. Do fenômeno poético 1. In. A Província do Pará. Belém, 14 de abril de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
34. \_\_\_\_\_. Do fenômeno poético 2. In. A Província do Pará. Belém, 28 de abril de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica p. 1-2.
35. \_\_\_\_\_. *O moderno Edgar Allan Poe 1*. In. A Província do Pará. Belém, 5 de maio de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1.
36. \_\_\_\_\_. *O moderno Edgar Allan Poe 2*. In. A Província do Pará. Belém, 12 de maio de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p.1- 2.
37. \_\_\_\_\_. *O moderno Edgar Allan Poe 3*. In. A Província do Pará. Belém, 19 de maio de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
38. \_\_\_\_\_. *O moderno Edgar Allan Poe 4*. In. A Província do Pará. Belém, 26 de maio de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
39. \_\_\_\_\_. *O moderno Edgar Allan Poe 5*. In. A Província do Pará. Belém, 2 de junho de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
40. \_\_\_\_\_. *O pensamento de Sócrates*. In. A Província do Pará. Belém, 9 de junho de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
41. \_\_\_\_\_. *As flores do mal 1*. In. A Província do Pará. Belém, 29 de junho de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
42. \_\_\_\_\_. *As flores do mal 2*. In. A Província do Pará. Belém, 7 de julho de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.

43. \_\_\_\_\_. *Panteísmo e romantismo 1*. In. A Província do Pará. Belém, 4 de julho de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1.
44. \_\_\_\_\_. *Panteísmo e romantismo 2*. In. A Província do Pará. Belém, 21 de julho de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2
45. \_\_\_\_\_. *Panteísmo e romantismo 3*. In. A Província do Pará. Belém, 28 de julho de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
46. \_\_\_\_\_. *Sócrates e a vida Helênica*. In. A Província do Pará. Belém, 18 de agosto de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-3.
47. \_\_\_\_\_. *A Ontologia de Hartmann 1*. In. A Província do Pará. Belém, 25 de agosto de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1
48. \_\_\_\_\_. *A Ontologia de Hartmann 2*. In. A Província do Pará. Belém, 1º de setembro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
49. \_\_\_\_\_. *A filosofia e a metafísica 1*. In. A Província do Pará. Belém, 15 de setembro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
50. \_\_\_\_\_. *A filosofia e a metafísica 2*. In. A Província do Pará. Belém, 22 de setembro de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1-2.
51. Manifesto por um Teatro Escola no Pará In. A Província do Pará. Belém, 10 de março de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p.1
52. POE, Edgar Allan. Carta a Benedito Nunes. In. A Província do Pará. Belém, 26 de maio de 1957, Letras e Artes, Folhetim de Crítica, p. 1.

#### **4 - O ESTADO SÃO PAULO (1960-1971)**

1. NUNES, Benedito. Historicismo e existencialismo. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1960.
2. \_\_\_\_\_. Literatura Considerada como Filosofia. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 21 de janeiro de 1960.
3. \_\_\_\_\_. Lucien Goldman. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 20 de fevereiro de 1960.
4. \_\_\_\_\_. Las ciencias humanas y la filosofia. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1960.
5. \_\_\_\_\_. Ascese-Salvadores Dei. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 5 de março de 1960.
6. \_\_\_\_\_. O misticismo de Henry Miller. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 21 de março de 1960.
7. \_\_\_\_\_. Les Seqüestres d'Altona I. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 2 de abril de 1960.
8. \_\_\_\_\_. Les Seqüestres d'Altona II. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 9 de abril de 1960.
9. \_\_\_\_\_. Crônica de Belém, um capítulo da arqueologia amazônica. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 30 de abril de 1960.
10. \_\_\_\_\_. Jean Paul Sartre: Critique de la rison dialectique. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 25 de junho de 1960.
11. \_\_\_\_\_. Les rhinoceros. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 30 de junho de 1960.

- 12.\_\_\_\_\_. Reflexão sobre o teatro de Sartre. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 3 de setembro de 1960.
- 13.\_\_\_\_\_. George Luckács: La significacion de realisme critique. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 10 de setembro de 1960.
- 14.\_\_\_\_\_. Crônica de Belém: um novo retrato. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 24 de dezembro de 1960.
15. NUNES, Benedito. Deux textes de Husserl sur La méthode ET Le science de la phenomenologia. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 28 de janeiro de 1961.
- 16.\_\_\_\_\_. Uma concepção geográfica do mundo. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 18 de fevereiro de 1961
- 17.\_\_\_\_\_. Leçons de philosophia se Simone Weill. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 25 de fevereiro de 1961
18. NUNES, Benedito. Crônica de Belém, Belém do Grão Pará. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 23 de março de 1961
- 19.\_\_\_\_\_. Crônica de Belém, Belém do Grão Pará. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 25 de março de 1961.
- 20.\_\_\_\_\_. Eduardo Nicol: historicismo e existencialismo. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1961
21. NUNES, Benedito. Biderman e os incendiários. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 19 de maio de 1962
- 22.\_\_\_\_\_. Biderman e os incendiários. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 26 de maio de 1962
- 23.\_\_\_\_\_. A destruição da estética. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 8 de dezembro de 1962
- 24.\_\_\_\_\_. Paul Nizan: Les Chiens de Garde. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1962
- 25.\_\_\_\_\_. La Philosophia em question – Pierre Fougeyrelles. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1962.
- 26.\_\_\_\_\_. O misticismo de Kazantzakis. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1962.
- 27.\_\_\_\_\_. A vida nos bastidores (sobre Kafka). In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1962.
- 28.\_\_\_\_\_. O Modernismo na História das vanguardas. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1962.
- 29.\_\_\_\_\_. Martin Heidegger: Approches de Holderlin . In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1962.
30. NUNES, Benedito. O menino . In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 2 de fevereiro de 1963, p. 4.
- 31.\_\_\_\_\_. Filosofia. La consciencia moral de Homero a Demócrito y Epicuro. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 3 de agosto 1963.
- 32.\_\_\_\_\_. A metafísica engraçada. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 7 de setembro 1963.
- 33.\_\_\_\_\_. Guimarães Rosa e a tradução. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 14 de setembro 1963, p. 3.

34. \_\_\_\_\_. A esperança na educação. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1963.
35. NUNES, Benedito. Sob as ordens de mamãe. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 16 de maio de 1964, p. 1.
36. NUNES, Benedito. A crise da filosofia messiânica. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 24 de outubro de 1964, p. 6.
37. NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 27 de março de 1965, p. 2.
38. NUNES, Benedito. A náusea em Clarice Lispector. . In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 24 de julho de 1965, p. 3.
39. NUNES, Benedito. A paixão segundo G. H. . In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 4 de setembro de 1965, p. 1.
40. \_\_\_\_\_. O jogo da linguagem I. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 20 de novembro de 1965, p. 6.
41. \_\_\_\_\_. O jogo da linguagem II. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 27 de novembro de 1965, p. 4.
42. NUNES, Benedito. A vida nos bastidores. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 12 de março de 1966, p. 5.
43. \_\_\_\_\_. Introdução ao fim. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 9 de julho de 1966, p. 2.
44. \_\_\_\_\_. A prosa de Fernando Pessoa In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1º de outubro de 1966, p. 6.
45. \_\_\_\_\_. O ocultismo na poesia de Fernando Pessoa In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 22 de outubro de 1966, p. 1.
46. \_\_\_\_\_. Paradoxo e verdade. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 12 de novembro de 1966, p. 1.
47. \_\_\_\_\_. A máquina do poema. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 3 de dezembro de 1966, p. 3.
48. \_\_\_\_\_. A viagem. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 24 de dezembro de 1966, p. 6.
49. \_\_\_\_\_. Páginas íntimas de Fernando Pessoa. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1966.
50. NUNES, Benedito. Páginas íntimas de Fernando Pessoa. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 11 de janeiro de 1967.
51. \_\_\_\_\_. Psicologia da criação. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 25 de fevereiro de 1967, p. 1.
52. \_\_\_\_\_. Um poeta solitário. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1º de abril de 1967, p.3.
53. \_\_\_\_\_. A marcha das utopias. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 8 de abril de 1967
54. \_\_\_\_\_. A propósito de um triptico. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 8 de julho de 1967
55. \_\_\_\_\_. A escola do Recife. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 15 de julho de 1967.

56. \_\_\_\_\_. A esperança na educação. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 2 de setembro de 1967, p. 4.
57. \_\_\_\_\_. De consolatione philosophiae. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 7 de outubro de 1967
58. \_\_\_\_\_. Tutaméia. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1967
59. \_\_\_\_\_. A paixão de um romancista. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1967.
60. \_\_\_\_\_. A viagem do Grivo. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1967
61. NUNES, Benedito. À margem do estruturalismo. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 6 de janeiro de 1968, p.1.
61. \_\_\_\_\_. A metáfora lancinante. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 13 de janeiro de 1968, p. 1.
62. \_\_\_\_\_. A superação da filosofia I. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 24 de fevereiro de 1968.
63. \_\_\_\_\_. A superação da filosofia II. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 2 de março de 1968, p. 1.
64. \_\_\_\_\_. Vertentes. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 23 de março de 1968, p. 1.
65. \_\_\_\_\_. Das utopias. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 18 de maio de 1968, p. 3.
66. \_\_\_\_\_. Espacialismo e poesia concreta. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 16 de junho de 1968
67. \_\_\_\_\_. Textos filosóficos de Fernando Pessoa. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 10 de agosto de 1968, p. 1.
68. \_\_\_\_\_. Arqueologia da arqueologia I. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 5 de outubro de 1968.
69. \_\_\_\_\_. Arqueologia da arqueologia II. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 19 de outubro de 1968.
70. \_\_\_\_\_. Arqueologia da arqueologia III. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 26 de outubro de 1968.
71. \_\_\_\_\_. Arqueologia da arqueologia (conclusão). In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 2 de novembro de 1968.
72. NUNES, Benedito. A Rosa o que é de rosa. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 22 de março de 1969, p. 1.
73. \_\_\_\_\_. Anarquismo intelectual. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 26 de abril de 1969, p. 3.
74. \_\_\_\_\_. Gênese e estrutura. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 20 ou 30 de setembro de 1969, p. 1.
75. \_\_\_\_\_. Heidegger e a política. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 4 de outubro de 1969.
76. \_\_\_\_\_. Heidegger e a política II. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 11 de outubro de 1969.

77. \_\_\_\_\_. Vertentes I. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 8 de novembro de 1969, p. 1.
78. \_\_\_\_\_. Vertentes II (Conclusão). In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 15 de novembro de 1969, p. 6.
79. NUNES, Benedito. À margem de uma lembrança. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 27 de dezembro de 1970, p. 3.
80. NUNES, Benedito. Carlos Drummond de Andrade: a morte absoluta. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 3 de janeiro de 1971.
81. \_\_\_\_\_. Carlos Drummond de Andrade: a morte absoluta - 2. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 10 de janeiro de 1971.
82. \_\_\_\_\_. Apollinaire, Cendras e Oswald I. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 7 de fevereiro de 1971, p. 1.
83. \_\_\_\_\_. Apollinaire, Cendras e Oswald II. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 14 de fevereiro de 1971, p. 1.
84. \_\_\_\_\_. Atualidade da estética de Hegel. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 21 de fevereiro de 1971, p. 3.
85. \_\_\_\_\_. O misticismo em Heidegger. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 12 de setembro de 1971, p. 1.
86. \_\_\_\_\_. Homem de muita fé. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 10 de outubro de 1971, p. 1.
87. \_\_\_\_\_. Ponta de lança. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 21 de novembro de 1971, p. 1.
88. \_\_\_\_\_. O Modernismo na história das vanguardas . In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 2 de dezembro de 1971.
89. \_\_\_\_\_. A crise da filosofia messiânica. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1971, p. 6.
90. \_\_\_\_\_. O retorno à antropofagia. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 26 de dezembro de 1971.
91. \_\_\_\_\_. Mário Faustino revisitado. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 7 de novembro de 1972.
92. NUNES, Benedito. Drummond: poeta anglo-francês. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 2 de setembro de 1973, p. 1.
94. NUNES, Benedito. Cultura e ficção – a interiorização do carnaval na literatura moderna. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 22 de setembro de 1974, p. 6.
95. \_\_\_\_\_. Comentário de “As projeções do ideológico”, de Luiz Costa Lima. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 17 de novembro de 1974, p. 3.
96. \_\_\_\_\_. Por que ler Hegel hoje. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 4 de novembro de 1981, p. 12-14.
97. \_\_\_\_\_. Platão no Brasil. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 7 de fevereiro de 1982, p. 7..
98. \_\_\_\_\_. Por que ler Hegel hoje. In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 1982.

99. \_\_\_\_\_. Cancioneiro do Quilombo dos Palmares (resenha para o livro de Domício Proença Filho). In. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 16 de setembro de 1984.

## **5 - O ESTADO DE MINAS GERAIS (1963-1974)**

### **1963**

1. NUNES, Benedito. Fernando Pessoa e a metafísica. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 6 de outubro de 1963, "Suplemento Literário", p. 4.

2 \_\_\_\_\_. Guimarães Rosa e a tradução. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 27 de outubro de 1963, "Suplemento Literário", p. 4.

3 \_\_\_\_\_. Fernando Pessoa e a metafísica engraçada. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 3 de novembro de 1963, "Suplemento Literário", p. 4

### **1964**

4 \_\_\_\_\_. Sartre e a Crítica da razão dialética. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 16 de janeiro de 1964, "Suplemento Literário", p. 4.

5 \_\_\_\_\_. Platão e a poesia. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 8 de março de 1964, "Suplemento Literário", p. 4.

### **1967**

6 \_\_\_\_\_. A esperança na Educação. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2 de setembro de 1967, "Suplemento Literário", p. 4.

### **1968**

7 \_\_\_\_\_. A marcha das utopias. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 13 de abril de 1968, "Suplemento Literário", p. 1.

8 \_\_\_\_\_. Poética de Murilo. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 29 de julho 1963, "Suplemento Literário", p. 4.

9 \_\_\_\_\_. Guimarães Rosa em Novembro. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 26 de novembro de 1968, "Suplemento Literário", p. 1-2.

### **1969.**

10 \_\_\_\_\_. O Modernismo e as vanguardas I (acerca do canibalismo literário). In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 26 de abril de 1969, "Suplemento Literário", p. 4..

11 \_\_\_\_\_. O Modernismo e as vanguardas II (acerca do canibalismo literário). In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 3 de maio de 1969, "Suplemento Literário", p. 7.

12 \_\_\_\_\_. O Modernismo e as vanguardas III (acerca do canibalismo literário). In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 10 de maio de 1969, "Suplemento Literário", p. 6-7.

13 \_\_\_\_\_. O Modernismo e as vanguardas IV (acerca do canibalismo literário). In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 17 de maio de 1969, "Suplemento Literário", p. 6-7.

### **1972**

14 \_\_\_\_\_. Apresentação de Murilo Mendes. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 29 de julho de 1972, "Suplemento Literário", p. 2.

### **1973**

15\_\_\_\_. Introdução à crise da cultura I. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 11 de agosto de 1973, "Suplemento Literário", p. 2..

16\_\_\_\_. Introdução à crise da cultura II. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 18 de agosto de 1973, "Suplemento Literário", p. 4-5.

17\_\_\_\_. Introdução à crise da cultura III. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 25 de agosto de 1973, "Suplemento Literário", p. 4.

#### **1974**

18\_\_\_\_. A viagem do Grivo. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 6 de abril de 1974, "Suplemento Literário", p. 4-5..

19\_\_\_\_. Vertentes. In. O Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 3 de agosto de 1974, "Suplemento Literário", p. 1-3.

## **REVISTAS**

### ***ENCONTRO***

NUNES, Benedito. *Mar, Partida do filho único*, Auto-retrato. In. Encontro, Belém, ano I, Nº. 1, 2º. Trimestre de 1948, p. 24.

## **2. NORTE**

NUNES, Benedito. Considerações sobre A Peste. In. *Norte* (Revista Bi-mestral), Nº. 1, Ano 1, Belém-Pará, fev. 1952, p. 3-9.

\_\_\_\_\_. O anjo e a linha. In. *Norte* (Revista Bi-mestral), Nº. 1, Ano 1, Belém-Pará, fev. 1952, p. 53-60.

\_\_\_\_\_. Hécuba. In. *Norte* (Revista Bi-mestral), Nº. 1, Ano 1, Belém-Pará, fev. 1952, p. 64-65.

\_\_\_\_\_. **Atualidade de S. Tomás. In. Norte, Belém, Ano I, Nº. 2, Mar.-Abr. 1952, P. 3-23.**

\_\_\_\_\_. As ideias do Exisstencialismo. In. Norte Revista Bi-mestral, Nº. 3, Ano 1, Belém-Pará, maio-jun, jul.ago. 1952, p. 34-53.

## **TEXTOS SOBRE BENEDITO NUNES**

### **PERIÓDICOS**

#### **1 - FOLHA DO NORTE (1946-1951)**

1 NOTA BIOGRÁFICA: Os Que Colaboram na *Folha do Norte*. *Folha do Norte*, Belém, 11 ago. 1946. *Arte Suplemento Literatura*, p. 4.

2. Irá ao Rio Benedito. *Folha do Norte*. Belém, 11 jan. 1948. *Arte Suplemento Literatura*, p.3.

3 \_\_\_\_\_. Dez Poetas Paraenses. Seleção e notas de Ruy Guilherme Barata. *Folha do Norte*. Belém, 24 dez. 1950, *Arte Suplemento Letras*, p. 1.

4 Alencar, Acrísio. Pseudônimo de Haroldo Maranhão Dez Poetas Paraenses. *Folha do Norte*. Belém, 14 jan. 1951, *Suplemento Arte Letras* Num. p. 1-2.

5 Jayme, Floriano. Ainda sobre dez poetas paraenses. *Folha do Norte*. Belém, 14 jan. 1951, *Suplemento Arte Letras* Num. p. 4.

Belém Nova, 1923, Belém. Academia Paraense de Letras (APL).

Belém Nova, 1924. Belém Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

Belém Nova, 1926. Belém Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

Belém Nova, 1927, Belém. Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

Terra Imatura, 1938, Belém. Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

Terra Imatura, 1939, Belém. Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

Terra Imatura, 1940, Belém. Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

Klaxon 1922, São Paulo. Biblioteca do Instituto da Linguagem (IEL) UNICAMP.

Orfeu, 1947, Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional.

## ARQUIVOS

Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR).

Biblioteca Central da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Biblioteca do IEL, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Arquivo Adgard Leuenroth - AEL - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil

,